



***ANTERO DE QUENTAL Y LA  
GENERACIÓN DEL 70 EN EL DIÁLOGO  
PENINSULAR***

***“Tesi doctoral”***

***Autor: Maria de Lourdes dos Anjos Marques Pereira***

***Director: Perfecto Cuadrado Fernández***

**Departament de Filologia Espanyola, Moderna i Clàssica**

***Autor: Maria de Lourdes dos Anjos Marques Pereira***

***Director: Perfecto Cuadrado Fernández***

***ANTERO DE QUENTAL E A GERAÇÃO  
DE 70 NO DIÁLOGO PENINSULAR***

***“Tesi doctoral”***

***Autor: Maria de Lourdes dos Anjos Marques Pereira***

***Director: Perfecto Cuadrado Fernández***

**Departament de Filologia Espanyola, Moderna i Clàssica**

*Ia e vinha  
e a cada coisa perguntava  
que nome tinha*

Sophia de Mello Breyner Andresen



## ÍNDICE

TEMA	PÁG.
Índice	5
Nota introdutória	7
I.- Antero de Quental e a Geração de 70	
I. 1- Antero de Quental	
I.1.1 – Um breve resumo da vida e obra	16
I.1.2 – Antero através da crítica literária	19
I.1.3 – Antero e o seu tempo histórico: uma breve contextualização	25
I.2- Para uma interpretação de geração	35
I.3- A génese da Geração de 70	45
I.4- Ao encontro de uma nova geografia cultural	58
I.5- Antero de Quental: um exemplo de modernidade	67
I.6- O protagonismo anteriano	72
II.- Pensar Portugal	
II.1- A caminho da Europa para a construção de um perfil identitário	85
II.2- As Conferências do Casino	91
II.3- Antero de Quental e a construção de um pensamento moderno	115
II.4- A reflexão filosófica anteriana	123
III- Os ventos liberais e o pensamento moderno	
III.1 – Antero e a introdução do socialismo em Portugal	158
III.2- O Iberismo	171
IV- O diálogo peninsular	
IV.1 – Os diálogos que a História tece	
IV.1.1- Manuel Laranjeira	198

IV.1.2- Baldomero Escobar	216
IV. 2 A relação peninsular a partir da imprensa escrita	231
V- A recepção de Antero em Espanha.	257
VI- Um diálogo geracional	270
Conclusões	306
Bibliografia	
Antero de Quental: Bibliografia Activa	326
Antero de Quental: Bibliografia Passiva	328
Bibliografia Geral - Livros e artigos	333
Publicações periódicas	344
Anexos - Documentos	347

## NOTA INTRODUTÓRIA

Ao nos aproximarmos da obra de Antero de Quental sentimo-nos seduzidos por uma expressividade, e não somente poética, que nos desperta um certo fascínio. Foi precisamente essa admiração que se tornou responsável por um trajecto que temos vindo a trilhar desde os últimos anos do então curso de línguas e Literaturas e Modernas, na Universidade de Lisboa, e que derivaria num enriquecedor processo de conhecimento e de cumplicidades, e até de afectividades. Foi com Antero, num inesquecível trabalho entre colegas e professora, que apresentámos a nossa primeira comunicação<sup>1</sup> e vimos o nosso primeiro trabalho publicado<sup>2</sup>, dando o primeiro, mas decisivo, passo de um longo caminho que nos trouxe até aqui. Esse percurso tem-nos levado a conhecer a obra de Antero em várias perspectivas, mas tem-nos também permitido prosseguir por outros sendeiros que nos conduziram a temas como a identidade, a insularidade, as relações peninsulares ou a europeização, uma vez que em Antero fomos encontrando um verdadeiro guia, capaz de nos indicar sempre um caminho novo e entusiasmante. Sempre que nos propomos abordar a obra do autor açoriano, encontramos a porta aberta para um novo diálogo na edificação do panorama cultural português, mas também de todo um vasto leque de aspectos que nos ajudam a configurar um perfil humanista de excepção e que, como tal, tanto nos permite desfrutar de uma apurada sensibilidade poética, como de uma

---

<sup>1</sup> Referimo-nos à comunicação apresentada por mim, em conjunto com as colegas Alice Veiga e Filipa Soares, a convite da prof<sup>a</sup> Dra. Fátima de Freitas Morna nas *Jornadas Anterianas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*, realizadas entre os dias 10 e 13 de Dezembro de 1990.

<sup>2</sup> *Antero e Unamuno o início de um reencontro*, Estudos Anterianos 3, Revista do Centro de Estudos Anterianos, Vila do Conde, Abril de 1999.

profunda consciência existencialista, manifesta ao longo dos seus textos e reflexões de cariz filosófico, mas sobretudo de uma profunda consciência ética e civilizacional que, embora nos evoque os seus inúmeros textos de teor interventivo ou até mesmo político, não conseguimos destrinçar de toda a sua restante obra. Como seria possível ler, por exemplo, as *Odes Modernas* ou os *Sonetos* sem os interpretar à luz de todo um percurso ético e moral em que Antero transformou a sua vida?

Impelidos por essa atracção, ao longo deste nosso trabalho estabelecemos como propósito inicial ler e escutar sobretudo a voz de Antero, pelo que partimos para a análise do seu legado, sustentado não apenas por uma importante obra escrita, mas também por uma imagem cultural que, infelizmente, se reduz frequentemente à de membro da Geração que ficará conhecida como Coimbrã ou, posteriormente, *Geração de 70*. Sem negar que o facto de pertencer a esses grupos terá, sem dúvida, contribuído para forjar um perfil e ampliar a projecção da figura de Antero, e sem deixar de invocar o testemunho dos companheiros que com ele lidaram, acreditamos piamente no seu valor enquanto figura autónoma, pelo que resolvemos centrar-nos em averiguar o papel que o autor açoriano desempenha numa sociedade novecentista que acaba de estabelecer, às vezes timidamente, os seus primeiros contactos com a civilização moderna que progredia por essa Europa fora. Partindo deste ponto, tentaremos indagar acerca da responsabilidade de Antero de Quental na construção de um itinerário de uma nova geografia cultural e na qual Portugal poderá encontrar o seu lugar no mundo de modernidade. Na configuração deste novo itinerário sabemos que as relações peninsulares acabarão por desempenhar um papel fundamental e, lado a lado, Portugal e Espanha encontrarão a força e a determinação para levar a cabo esse trabalho de reconstrução de uma identidade mais dinâmica e cosmopolita, mas exigindo sempre o reforço e a sedimentação de uma identidade individual.

Iniciada essa tarefa, e a consequente pesquisa bibliográfica, deparámo-nos, surpreendentemente, com a descoberta de uma personalidade única mas que, apesar de tudo, não tem tido o devido reconhecimento por parte de uma cultura a quem tanto deu. Do ponto de vista diacrónico, é frequente reclamarmos para a literatura um certo efeito de perspectiva como afirmação de uma realidade que a proximidade temporal nem sempre permite captar, mas no caso de Antero esse efeito tem sido complexo, já que nem sempre as linhas traçadas adquirem a desejada consistência. Face ao discreto plano que Antero de Quental ocupa nas galerias dos nossos clássicos, ao lado de nomes como Almeida Garrett, Eça de Queiroz ou Fernando Pessoa, sentimo-nos deslumbrados com a importância civilizacional de um homem reconhecido como o mentor da *Geração de Eça de Queiroz*, e até como mestre da modernidade que se instalaria em breve em Portugal, pelo que nos pareceu necessário empreender a tarefa de entender o verdadeiro alcance desse magistério.

Com vista a levar a cabo um trabalho de reconstrução dessas linhas, pensámos que seria necessário desenvolver o nosso trabalho em função de três pontos básicos, que não têm por quê ser consequentes, à excepção, talvez, do primeiro, mas que acabam por estabelecer uma dinâmica em que a conexão entre esses vários momentos surge quase espontaneamente. Essa primeira etapa exige uma cuidada leitura dos textos que o autor açoriano nos deixou, para poder depois estruturá-los em função das suas preocupações, angústias e também desejos, mesmo que utópicos. Apesar de tudo, cremos que devemos encarar esses elementos como sendo a expressividade de um homem que viveu, sentiu e pensou intensa e íntegramente. Enquanto locução de uma sinceridade ética, intelectual e emocional peculiares, a obra de Antero reflecte esse espírito de discussão que definiu a sua geração, reclamando um diálogo constante não só entre os inúmeros textos que

nos deixou publicados em livros e em publicações periódicas, mas também com a sua vasta correspondência. Afastando-nos de uma perspectiva puramente positivista, graças a esses documentos ser-nos-á possível reconstruir um perfil simultaneamente individual e geracional, mas também epocal e social, sendo a partir dessa correspondência que poderemos reconstruir o ambiente de tertúlia e de discussão em que assentava o seu processo de formação, a par da erudição que os livros lhes davam. Dessa necessidade de discussão surge o nosso segundo grande ponto e que consiste em verificar se a mensagem desta geração, e muito especialmente a de Antero, foi escutada.

Assim sendo, neste segundo ponto, em busca dos momentos que provocaram e alimentaram esse diálogo, pensamos que será pertinente indagar sobre o trabalho testemunhal e divulgativo de certas personagens, que poderemos designar como satélites, por girarem em torno a uma figura principal, e não terem sido ainda devidamente interrogadas relativamente à sua contribuição para esse diálogo, mas cuja importância será fundamental no traçado da identidade literária e cultural de Antero. Ainda que careçam de um brilho próprio que lhes permita gozar de um protagonismo relevante nos anais da nossa história literária peninsular, Manuel Laranjeira, em Portugal, e Baldomero Escobar, em Espanha, revelam-se-nos como pontos fundamentais dessa linha que procurávamos definir. Uma vez mais, a partir da correspondência de Laranjeira com Miguel de Unamuno e de Baldomero de Escobar com Luís de Magalhães pretendemos desvendar questões que nos parecem fundamentais para a reconstrução do protagonismo do nosso autor, não só num âmbito geracional, ou nacional, mas sobretudo enquanto uma personagem que, empenhado em conduzir Portugal pelo caminho da modernidade, foi capaz de instalar definitivamente o diálogo peninsular. Simultaneamente, esta afirmação requer uma análise dos documentos

que legitimem essa realidade, pelo que decidimos ir em busca das notícias que a imprensa periódica em Espanha possa ter registado. Conscientes da necessidade de ampliar esta pesquisa num futuro, procurámos verificar em que medida Antero e a sua geração tinham contribuído para que Portugal se tornasse numa presença assídua na imprensa em Espanha, num momento em que Antero se queixava de que em Portugal pouco ou nada se sabia do que se passava em Madrid. Sem desprezar o protagonismo ocasionado pelos acontecimentos históricos que Portugal vivia, relativamente ao conflito luso-britânico, e que Espanha seguia com muito interesse e expectativa, e que acaba por avivar a discussão em torno à conveniência, ou não, de uma união ibérica, a presença cultural de Antero e de muitos dos seus companheiros de geração em Espanha era uma realidade bastante considerável. Dos documentos que conseguimos localizar, alguns requerem ser tidos em consideração porque, ainda que possam parecer rudimentares ou repetitivos, é também graças a essa presença que o diálogo peninsular entre duas gerações, e apesar do desfasamento cronológico de mais de duas décadas, se tornará possível. Para esse trabalho de reconstrução procurámos abordar fontes distintas às que tínhamos encontrado na bibliografia abordada, embora tenhamos partido delas e as tenhamos recuperado como elementos fundamentais dessa linha que pretendemos traçar.

Cabe contudo referir que quando falamos de diálogo entre a geração de 70, portuguesa, e a geração de 98, espanhola, teremos que prever a existência de uma mesma sintonia, advinda destas convivências, e não propriamente de um encontro directo entre a obra dos vários autores, já que, no caso de Antero, apenas Miguel de Unamuno se manifestou como voz activa desse diálogo que a sua obra desencadeava, mesmo depois da partida de Antero, no entanto, essa falta de intervenção directa e sonante, não anula a existência de um diálogo cultural que se prolongará até ao presente.

Antero empenhou-se em analisar e interpretar o problema nacional, desde dentro, mas desde uma perspectiva universal e cosmopolita, predisposto para o diálogo e seguindo essas novas directrizes que só a abertura aos novos contextos culturais e civilizacionais nos poderiam facilitar, e terá que trilhar um percurso que uma Portugal à realidade europeia e internacional, em geral. Como resposta, surgirá o eco de vozes provenientes de Alemanha, Itália ou Espanha, sendo este último um ponto decisivo, porque nos levou ao encontro dessa outra cultura que configura um todo peninsular que Portugal necessitava de recuperar dentro de uma identidade genuína fracturada, em grande parte, pelas constantes monobras de reconquista por parte de Castela. Por uma questão de afinidade civilizacional, a relação estabelece-se especialmente com a geração de 98, mas sem nela se esgotar. A resposta recebida desde o outro lado da fronteira foi amplamente satisfatória, sobretudo se verificarmos que o que encontrámos foram precisamente dois grupos geracionais dispostos a dialogar e a tirar todo o partido possível de uma experiência política, social e cultural bastante similar. Como portugueses, sendo autênticos, conseguíamo-nos afirmar como uma identidade cultural empenhada em estabelecer um diálogo de âmbito europeu, universal, e já não local ou nacional.

O terceiro ponto da nossa reflexão prende-se com uma interpretação da evolução do trabalho crítico sobre Antero de Quental em Portugal com o intuito de apreciar qual tem sido o interesse provocado por Antero. A partir do nosso trabalho de documentação, verificamos que o interesse pela obra e pela personalidade de Antero em Portugal nunca desapareceu, mas que tem conhecido distintos momentos e focos de interesse que oscilam, fundamentalmente, entre a reedição bastante assídua das suas obras e os estudos centrados na evolução do pensamento e da ética do nosso autor, esta realidade, aliada ao facto



de a crítica ter sido sensível aos dois grandes centenários, o do seu nascimento em, em 1942, e o da sua morte, em 1991, podem ajudar-nos a intuir que o interesse suscitado por Antero junto daqueles que sobre ele se têm detido gira em torno de uma identidade íntegra em detrimento da imagem do poeta, e muito menos da de um poeta datado e sujeito a conceitos estéticos pré-definidos. Ora, é precisamente aqui que cremos ter encontrado uma das principais razões pelas quais Antero se mantém nesse discreto plano da nossa vasta galeria literária. Em nosso entender, essa realidade é resultado de uma insistência em ler Antero como poeta *exemplar* de uma estética ultra-romântica, que carece muitas vezes de atractivo junto dos mais jovens que deverão tornar-se futuros leitores e formadores culturais de uma sociedade moderna e cosmopolita. Nesse sentido, o nosso trabalho impõe uma nova leitura e interpretação da mensagem de Antero que, sem necessidade de ignorar a poesia, exige que recuperemos textos de uma estrepitosa actualidade que acabarão por gerar a necessária empatia entre o leitor contemporâneo e a obra legada. O nosso objectivo passa então por reclamar uma modernidade que não se pode esgotar na análise de textos enquanto monumentos, ou fotografias, de um determinado momento histórico ou literário, mas antes como documentos vivos e candentes que exigem uma constante reinterpretação à luz dos nossos tempos, só nesse sentido poderemos entender a poesia de Antero de Quental, como um verdadeiro testamento existencial. E esta análise constitui apenas um ponto de partida, posto que essa actualidade poderá ser reconhecida por todos quantos se aproximem da sua obra, e independentemente do tema que queiram encetar; filosofia, crítica política, crise económica, educação, europeísmo, ou até mesmo religião. Partindo desta linha, não nos será difícil integrar Antero num discurso que, visto muitas vezes como premonitório, não é senão o reflexo de um espírito inquieto e ávido por encontrar novos sentidos para a história à custa de um pensamento dinâmico e dialogante, inspirado pela ciência e pelo progresso que os novos tempos acarreiam.

Chegados a este ponto, gostaríamos de adiantar que encontraremos em Antero de Quental o mentor de uma geração capaz de repensar e de decifrar o destino de Portugal de um modo ímpar e cuja leitura mantém uma coerência original e íntegra, mesmo sob o reflexo de todas as luzes e sombras que os mais de cem anos volvidos imprimem às suas palavras e ideias. Assim sendo, o mais importante, em nosso entender, não é só o esforço empreendido por Antero e a sua geração para conseguirem decifrar o enigma nacional mas, sobretudo, e partindo sempre desse espírito de reflexão e sob a presença tutelar de Antero, provocar uma massa crítica que parecia adormecida. Em Portugal não havia uma tradição de reacção cultural instaurada na opinião pública, e só esse parece ser o caminho que nos podia levar ao progresso: o caminho da discussão e da análise das distintas propostas que nos permitissem chegar a uma conclusão. Antero convencer-se-á que ao Bem, como força libertadora do Ser, apenas se poderá chegar mediante uma consciência esclarecida e para esse esclarecimento é necessário recuperar o diálogo com o outro interlocutor peninsular, com vista a empreender esse caminho de progresso e de modernidade que tem os olhos postos numa Europa que, mais de um século depois, contribui para a vigência do discurso desta geração, e muito particularmente do anteriano. Efectivamente, estes jovens rebeldes souberam provocar a cultura junto da sociedade em que se inseriam, motivo pelo qual ainda hoje, alimentando esse ciclo vital, continuam a ser provocados por aqueles que interpelem o legado de um autor como Antero de Quental.

A partir destas directrizes, ao longo deste trabalho de investigação o nosso intuito é desenvolver uma exposição que dê conta do processo evolutivo do nosso raciocínio, tentando dar conta da dialéctica que o tema nos vai suscitando, mas que temos a consciência de não esgotar,

porque essa é a verdadeira essência do diálogo humanista que decidimos integrar.

Relativamente às questões metodológicas, gostaríamos de referir que este texto está redigido de acordo com a antiga ortografia, excepto no caso das citações, onde se respeita a grafia original.

Quanto à organização do texto, o nosso trabalho está organizado por capítulos e subcapítulos, conforme o indicado no índice inicial. No final do nosso trabalho incluímos um anexo com todos os documentos referenciados ao longo do nosso trabalho, com as devidas referências, com vista a facilitar a sua localização.

Levar a cabo este trabalho tornou-se num percurso de descobertas, de conhecimento, mas também de dúvidas e confusões. Em todos esses momentos senti o apoio e o estímulo de todos quantos me apoiaram e me animaram. Sem os responsabilizar por nenhum dos meus erros ou faltas, quero expressar a minha gratidão para com a minha família, em especial para com os meus pais, os meus amigos, os meus mestres e os meus colegas, a quem agradeço na pessoa dos dois últimos directores de departamento, a Dra Maria Antónia Fornés e o Dr. José Servera. Por fim, quero agradecer especialmente ao meu director de tese e colega Dr. Perfeto Cuadrado, bem como à Dr<sup>a</sup> María Payeras, todas as lições e conselhos que me deram, mas sobretudo a paciência infinita que tiveram para comigo. Muito obrigada a todos.

## **I.- ANTERO DE QUENTAL E A GERAÇÃO DE 70**

### **I.1- ANTERO DE QUENTAL**

#### **I.1.1- Um breve resumo da vida e obra**

Antero Tarquínio de Quental nasceu a 18 de Abril de 1842, em Ponta Delgada, a capital da ilha de São de Miguel, no arquipélago dos Açores. Apenas com cinco anos começa a aprender francês com Feliciano de Castilho. Aos oito anos passará a ter classes também de inglês, o que o ajudará a desenvolver, desde cedo, o seu dom para os idiomas. Apenas com dez anos, em 1852, vai para Lisboa, onde frequentará o colégio que dirigia o mestre Castilho e é quando tem a oportunidade de ouvir recitar pela primeira vez a ode *A Deus*, de Alexandre Herculano, cuja emoção perdurará para sempre na sua memória. Como o colégio é encerrado, no ano seguinte regressa a Ponta Delgada, para partir novamente para Lisboa, em 1855, onde passará a frequentar o Colégio Escola Académica. No ano seguinte, com 14 anos, conhecerá pela primeira vez o ambiente estudantil de Coimbra, onde frequentará o Colégio de S. Bento, até entrar para a Universidade, em 1858, para Direito.

Tendo em conta as condicionantes da época, e o tempo que demoravam as deslocações, Antero conheceu desde pequeno esse desarraigo que a ausência da família e da terra provocam, e que a consciência insular agudiza. Esta circunstância acabaria por moldar a sua sensibilidade, e os primeiros versos que se lhe conhecem surgem precisamente na carta que envia ao seu irmão quando vai estudar para Coimbra. Revelando um dom para a escrita, mas também um espírito crítico acentuado, começará a escrever e a publicar apenas com 15

anos, idade em que escreve *A Pátria (Fragmento de um Livro)*, embora este só seja publicado no jornal *O Fósforo*, de Coimbra em 1861.

Os anos da sua formação académica decorrerão entre uma frenética actividade, que o levará a escrever e a publicar textos de carácter interventivo em vários jornais, alguns deles co-dirigidos por ele, mas também a escrever poesia e, em 1861, estando já no 4º ano de Direito, vê publicada a primeira edição dos seus *Sonetos*, a famosa edição Sténio, por ser este o seu editor.

A década de 60 será marcada por uma forte contestação política, de que os estudantes tomarão parte, como prelúdio de toda a crise que se instalará com a década de 80. Antero, torna-se cada vez mais activo na publicação de opúsculos e folhetos, sobre os mais distintos temas, tanto de cariz político, como social, literário, ou religioso. Em sintonia com este espírito, em Agosto de 1865 publica a 1ª ed. de *Odes Modernas*, que receberão como resposta de Castilho a carta deste ao editor António Maria Pereira, desencadeando então a célebre *Questão Coimbrã*, que se prolongará com uma série de cartas trocadas entre a ala pró Castilho (conservadora) e a pró Antero (revolucionária). Imbuído desse espírito, em 1866 pondera alistar-se no exército de Garibaldi, mas acabará antes por bater-se em duelo com Ramalho Ortigão, pondo ponto final à polémica gerada em torno da *Questão Coimbrã*. Esse é um ano de muita incerteza e por isso, depois de ir até Ponta Delgada, chega a pôr a hipótese de embarcar até Goa ou Macau, seguindo o espírito de Camões, no entanto regressa a Lisboa e inicia a sua actividade de operário como aprendiz de Tipógrafo na Imprensa Nacional Casa da Moeda. Ainda nesse mesmo ano, parte para França, onde estará mais de meio ano. Durante essa visita, aproveita para visitar o tão admirado Michelet, em Agosto de 67, a quem oferece as suas *Odes Modernas*, mas refugiando-se por trás da tímida identidade

de um Bachiler amigo. Em Agosto desse ano regressará a Ponta Delgada, onde ficará quase um ano.

O ano de 1868 será emblemático: envolvido em movimentos iberistas, publicará em finais do ano *Portugal Perante a Revolução de Espanha*, que tão bom acolhimento terá no país vizinho, e bastante dará que falar em Portugal. Levado por essa agitação, pensa mesmo em ir viver para Madrid, mas não o fará. O ano seguinte ficará marcado pela sua viagem aos Estados Unidos, assim como pela publicação das *Poesias do Sr. Carlos Fradique Mendes, Um Verdadeiro Poeta*

A década de 70 será uma das mais intensas da vida de Antero. No final do ano de 70 visita Oliveira Martins, que se encontrava em Espanha, a trabalhar nas minas de Santa Eufémia, e vai publicar frequentemente nos jornais e revistas da época, começando a publicar também sobre filosofia. O ano de 71 ficará marcado pelas *Conferências do Casino*<sup>3</sup> e o seu encerramento, mas também pelos primeiros movimentos de Antero na difusão do socialismo, iniciando assim a sua actividade como militante activo e divulgador dos ideais socialistas, mas também como abandeirado dos operários. Em 74 agrava-se o seu estado de saúde e permanece mais de meio ano nos Açores, dando início a um árduo processo em busca de uma terapia eficaz, desde Lisboa a França, novamente. Em 78 muda-se de Lisboa para o Porto, indo depois residir para Vila do Conde.

Ao longo da década de 80 mantém a sua frenética actividade editorial, e o seu envolvimento político, mas são muitas as desilusões que padecerá. Em 81, é publicada uma nova edição dos *Sonetos*, a conhecida edição Renascença e em 86 sairá a edição de *Sonetos Completos*, publicados por, e com prefácio de, Oliveira Martins. Neste

---

<sup>3</sup> Talvez a mais curiosa cobertura dessas Conferências seja a que nos deixou Bordalo Pinheiro [Vide Documento nº2]

momento Antero começa a ter um reconhecimento internacional e Wilhelm Storck encarregar-se-á da edição em Alemão, pelo que pede a Antero a famosa carta autobiográfica, que este lhe envia desde Ponta Delgada, em 1887. Antes de acabar a década, em 89, Antero inicia a publicação de *Tendências Gerais da Filosofia na Segunda Metade do Século XX*, na *Revista de Portugal*, dirigida por Eça de Queiroz.

Depois de um longo e conturbado período de ataque diplomático a Portugal por parte de Inglaterra, a década de 90 inicia-se com o *Ultimatum* Inglês, o qual virá provocar o último esforço vital de Antero ao aceitar a presidência da Liga Patriótica do Norte. Ainda nesse mesmo ano, é publicada a 2ª edição dos *Sonetos Completos*, edição aumentada e que inclui as diversas traduções: em alemão, francês, italiano e espanhol.

O ano de 91, vai estar marcado pelas mudanças e viagens, e em Agosto, sem conseguir acomodar-se à ilha, pensa mesmo regressar a Lisboa. Mas a 11 de Setembro desiste e opta pela partida mais trágica, pondo fim à sua vida, sentado num banco, junto ao muro do convento da Esperança, e usando o revólver que comprara apenas umas horas antes.

### **I.1.2- ANTERO ATRAVÉS DA CRÍTICA LITERÁRIA**

No que se refere ao panorama dos estudos críticos sobre Antero de Quental, desde o início que devemos ter em consideração, tal como sucede em muitos outros autores, os prólogos e introduções que acompanham a edição, ou reedição das obras. Neste sentido, o período imediatamente posterior à sua morte vai ficar marcado pela edição de *Raios de Extinta Luz*, graças ao trabalho de Teófilo Braga quem reuniu poemas escritos entre 1859 e 1863, alguns já publicados por

Antero em vários jornais, e escreveu o prólogo. Nessa edição decide incluir a carta autobiográfica que Antero enviara ao seu tradutor de *Sonetos* para alemão, Wilhelm Storck, por constituir esta uma verdadeira auto-biografia do autor. Esta iniciativa irá de encontro à publicação do *In Memoriam* em 1896, mas que começou a ser projectado logo após a morte de Antero como acto de uma sentida homenagem por parte dos responsáveis da *Revista Portugal*. Num princípio a ideia era criar um número especial dedicado a Antero, mas como a revista acabará por terminar em 1892, ficará o fruto de um incansável empenho de Luís de Magalhães, dificultado pela comoção sentida pela maior parte dos que cederam o seu tributo em homenagem ao escritor, mas sobretudo ao companheiro, ao colega e ao interlocutor geracional que fora Antero de Quental, cujo exemplo mais simbólico acabaria por ser o de Eça de Queiroz com esse texto que intitulou *Um génio que era um Santo*. De acordo com o plano inicial da homenagem da *Revista Portugal* a Antero, esta estaria dividida em três partes:

1º A OBRAS POETICAS cyclicamente dispostas, mostrando a grandiosa evolução do seu génio nos domínios da poesia.

2º OS ESCRIPTOS EM PROSA; devidamente categorizados segundo a variedade objectiva dos assumptos: Polemica e Critica Litteraria, Historia e Politica, Filosofia, etc.

3º Finalmente a Correspondencia.

Assim o Poeta, o Pensador e o Homem ficariam immortalmente evocados, para o mundo e para a posteridade, n'um mesmo monumento (...) <sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> AAVV, Antero de Quental, *In Memoriam*, ed. Fac-Similada, Ed. Presença – Casa dos Açores, Lisboa, 1993, P. 7



O uso do condicional parecia deixar entrever a impossibilidade de levar a cabo tão sentida homenagem, contudo, tal como sucedera já com Teófilo Braga, vemos como há, desde o início, um cuidado em associar a publicação da obra do autor, em poesia ou em prosa, com a sua correspondência. Esta geração era consciente de que a riqueza da sua obra estava intimamente ligada à evolução de um pensamento e que muito devia ao diálogo e à discussão que essa correspondência reflecte. Na realidade, poderíamos dizer que essa vai ser a pauta que guiará a bibliografia crítica de Antero durante muito tempo.

Até ao final do século XIX, a bibliografia anterior revela um cuidado com a reedição de *Sonetos*, complementada em 1894 com a publicação da edição poliglota do poema *Zara*, mas também com os textos de teor Filosófico.

Revisitando o catálogo de livros publicados sobre o nosso autor, logo no início do século XX, em 1909, surgirá o primeiro trabalho de António Sérgio, *Notas sobre os Sonetos e as Tendências geraes da Philosophia de Antero de Quental*, num anúncio daquela que virá a ser a linha fundamental da crítica anterior ao longo de primeira metade do século XX. António Sérgio lê os sonetos mas em diálogo com o filósofo e o homem de pensamento, tal como o farão Leonardo Coimbra em *O Pensamento Filosófico de Antero de Quental*, em 1921, e Joaquim de Carvalho com *Evolução Espiritual de Antero de Quental*, em 1929. Curiosamente, o interesse pela obra poética vem desde o outro lado do oceano com o trabalho de Fernando Sabóia de Medeiros, em 1938, intitulado *Antero de Quental: Técnica e inspiração de seus sonetos*, um dos primeiros trabalhos no Brasil sobre Antero a que se seguiriam outros, como a antologia organizada pelo também poeta Manuel Bandeira, em 1943.

A assinalada data do centenário de nascimento do autor açoriano (1942/43) atrairá a atenção para a obra do autor através da reedição de muitas das suas obras e desperta novamente a atenção da crítica, pelo que em apenas alguns anos, em 1948, iremos conhecer uma das obras basilares da bibliografia anterior, através do trabalho de Bruno Carreiro intitulado *Antero de Quental, Subsídios para a sua biografia*. Embora toque o domínio da biografia, este trabalho vem fixar os dados e a documentação relativos à obra e à vida do autor, permitindo-nos assim acompanhar a evolução do homem e da obra, com todas as suas contextualizações. Uma vez mais, tal como já o vinha sendo posto em evidência desde o seu desaparecimento, a crítica parece manifestar a necessidade de compreender a obra de Antero como reflexo de um homem de ideias que viveu intensamente.

A partir do final da década de 50 os estudos críticos sobre Antero conhecerão um importante desenvolvimento pela mão de estudiosos como Calvet de Magalhães, João Gaspar Simões, ou Victor de Sá. Mas é também neste período que encontramos os primeiros trabalhos cujo foco se centra já sobre a poesia, em concreto sobre os *Sonetos*, como é o caso dos de Hernâni Cidade ou do presencista José Régio, mas sobretudo de António Sérgio quem, em 1963, no estudo que acompanha a sua edição de *Sonetos*, fixa a sua tese sobre a dualidade que existe entre o Antero *apolíneo*, ligado à razão e à revolução, e o *nocturno*, conectado com o pessimismo e a inércia. Esta edição, a par da crítica que virá a suscitar, conhecerá um profundo êxito editorial, alcançando a 2ª edição no mesmo ano do seu lançamento, e acabando por marcar os estudos em torno a Antero até à década de 80.

Com a década de 80, num prenúncio do que viria a suceder a propósito das comemorações do centenário da morte de Antero de Quental em 1991, Fernando Catroga detém-se novamente sobre o pensamento de Antero, mas aborda já o tema político, complementando algum estudo que tinha já surgido na primeira metade do século a propósito do Socialismo. A complementar esta linha há que assinalar o trabalho de José Alves, *Les Mortelles Contradictions* (82), em cujo trabalho, procurando essa linha de modernidade que Antero traçara, se aborda a riqueza do seu pensamento à luz de um diálogo com outros paradigmas da literatura moderna europeia como Baudelaire ou Poe, projectando assim as ideias de Antero numa contextualização mais cosmopolita e que necessitava de ser reclamada.

Em meados da década de 80 assistimos ainda a novas reedições da obra de Antero, ressaltando agora o interesse pelas *Primaveras Românticas* e pelas *Odes Modernas*, que até então pareciam ofuscadas pelo brilho de *Sonetos*, estas reedições contam ainda com importantes prólogos do também poeta Nuno Júdice, que se manifesta como um excelente leitor da poesia anterior, mas sem dissociar, uma vez mais, a inspiração poética do sentido ético, e até épico, do homem de ideias progressistas que nos deixou esses versos.

O centenário da morte de Antero, comemorado em 1991, vai ser assinalado com eventos culturais por todo o país e também em Paris, através do Centre Culturel Portugais- Fund. Calouste Gulbenkian. Esses encontros deram origem a interessantes discussões, sendo algumas delas reunidas em publicações de importante valor como se pode constatar através das publicações *Antero de Quental e o Destino de Uma Geração*, (1994) e *Antero de Quental et L'Europe Actes du Colloque, Paris, 13-14 Juin 1991* (1993).

Em torno a esta comemoração, tal como já sucedera com o centenário do nascimento, em 1942, surge o projecto das novas edições das obras de Antero, sendo de destacar o apoio dado pela Universidade dos Açores à edição das Obras Completas de Antero, incluindo uma actualizada compilação da sua correspondência. A importância desta edição, que vem dar forma ao projecto de Eça de Queiroz e dos responsáveis da *Revista Portugal*, prende-se fundamentalmente com o valor das introduções e notas que acompanham cada um dos volumes, organizados por destacados críticos como Nuno Júdice, Joel Serrão, António Machado Pires e Ana Maria Almeida Martins, e que fazem destas obras uma referência básica para quem pretenda abordar o pensamento do escritor insular. Complementado este trabalho, em 93 os estudiosos anteriores vêm reeditado a edição fac-similada, do *In Memoriam* de Antero de Quental, com introdução de Ana Maria Almeida Martins, havia muito esgotado e de restrito acesso na Biblioteca nacional de Lisboa pelo seu estado de conservação.

Neste momento, as reflexões críticas sobre a obra de Antero de Quental põem de manifesto que o interesse por Antero continua vigente, como o provam as várias edições da sua poesia, de entre as que destacamos *Poesia Completa 1842-1891*, com prefácio de Fernando Pinto do Amaral (2001) e a edição de *Sonetos* que conta com um excelente prefácio de Nuno Júdice (2002). Além destas, os últimos tempos temos vindo a assistir à reedição de textos como *As causas da Decadência dos Povos Peninsulares*, com prefácio de Eduardo Lourenço, ou de *Contracapás*, com prefácio de Ana Maria Almeida Martins, quem, a partir de um criterioso trabalho de investigação, fixa a autoria dos textos que Antero teria publicado como anónimos na *Revista Ocidental*, o que prova que Antero continua a ser lido.

Pelo caminho ficam muitas referências a artigos e alguns livros, mas parece-nos que ao longo da já abundante bibliografia anterior, em que os prólogos e introduções ocupam um lugar relevante, existe uma certa sintonia, e até conformidade, quanto às perspectivas analisadas. É precisamente a partir dessa constatação que, usufruindo de um momento em que o acesso à obra completa se vai tornando cada vez mais fácil, reclamamos uma nova leitura dos textos de Antero e, na linha apontada por estudiosos como Eduardo Lourenço, procurar esse Antero que se tornou no mentor de uma geração pelo seu empenho em repensar Portugal, dentro de um contexto mais amplo e progressista, mas também pela sua capacidade de vislumbrar um panorama mais aberto e cosmopolita, e que não pode ser visto como visionário, mas antes como a manifestação de um conhecimento esclarecido de alguém que soube acompanhar e repensar a realidade presente e passada. Cremos que a modernidade de Antero deve ser interpretada a partir de uma perspectiva de diálogo e de abertura que continuamos ainda a querer cumprir. As ideias expostas por Antero continuam a suscitar o debate e a discussão e podem ajudar-nos a entender, hoje, em pleno século XXI, a nossa situação nesta Europa a que chegámos, mas sem uma perfeita consciência de quem somos nem de donde vimos. Nesse sentido, a proposta de Antero de repensar a nossa identidade, mas sem nos fecharmos, optando antes por uma abertura aos caminhos que o progresso nos pode trazer, continua vigente e, obviamente, dentro dessa identidade cabe repensar a nossa condição de Peninsulares como peça chave para entender a nossa posição na Europa, e no mundo.

### **1.1.3- ANTERO DE QUENTAL E O SEU TEMPO HISTÓRICO: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO**

O século XIX em Portugal poderá ter ficado marcado pelo progresso social a nível de infraestruturas, do desenvolvimento industrial e do transporte público, cujo protagonismo vai para a chegada do caminho-de-ferro que na segunda metade do século unia já Portugal a Espanha, mas também a do telégrafo, o desenvolvimento dos correios ou a chegada da iluminação a gás às ruas de Lisboa, e que serviria de inspiração ao mestre Cesário Verde para esses versos de *O Sentimento de um Ocidental*:

(...)  
Nas nossas ruas, ao anoitecer,  
Há tal soturnidade, há tal melancolia,  
Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia  
Despertam-me um desejo absurdo de sofrer.

O céu parece baixo e de neblina,  
O gás extravasado enjoa-me, perturba;  
E os edifícios, com as chaminés, e a turba  
Toldam-se duma cor monótona e londrina.  
(...)<sup>5</sup>

A par de este progresso, o século XIX foi um momento de profundas revoluções, assente numa luta constante entre liberais e conservadores, o que provocava uma constante alternância nos partidos que detinham o poder governativo. Neste clima de revoluções e rebeliões, incluindo duas guerras civis<sup>6</sup> e muitas sublevações populares, são fundados o Partido Socialista, em 1875, e o Partido Republicano, em 1876, preparando o caminho para uma república que acabaria por chegar a 5 de Outubro de 1910 devido à falta de energia vital por parte da monarquia, e não tanto por valor próprio pois, tal como no-lo

---

<sup>5</sup> In Cesário Verde, *O sentimento dum Ocidental*, O Livro de Cesário verde, Ulisseia, Lisboa, 1986, p.97.

<sup>6</sup> A Guerra Civil de 1832-34, travada entre Constitucionalistas e Absolutistas, e a célebre *Patuleia*, travada durante oito meses, entre Outubro de 1846 e Setembro de 1847 e enfrentando os cartistas e os Setembristas.

apresenta Antero, a República em Portugal não inspirava a suficiente confiança para se tornar numa alternativa credível à monarquia. Nesse sentido, as últimas décadas da monarquia em Portugal ficaram marcadas por graves crises políticas e económicas e, apesar dos esforços em se criarem alternativas governamentais de cariz mais socialista e liberal, a situação estava longe de se apaziguar. O regicídio que pôs fim à vida do Rei D. Carlos e à do príncipe herdeiro D. Luís, a 1 de fevereiro de 1908, acaba por se tornar no ponto decisivo para a caída da monarquia, envolta numa aura de conspiração que incluía o próprio chefe do ministério, João Franco.

Um dos temas mais candentes de toda esta série de problemas que marcaria o devir do século XIX teria como motivo as nossas relações com Inglaterra, com quem fôramos assinando toda uma série de tratados e alianças desde o séc. XVII, inicialmente subjugadas à necessidade de ter o seu apoio com vista à restauração da nossa independência, relativamente a Castela, mas que acabariam por derivar numa série de interesses económicos e, a troco das nossas importações em que o vinho do Porto e os nossos lanifícios eram os protagonistas, Inglaterra acabaria por nos obrigar a ceder a muitas das suas exigências, em nome da nossa balança económica.

A Portugal, enquanto território essencialmente marítimo, uma vez definida a sua configuração territorial no século XIV, com a conquista do Algarve, a terra parece ser-lhe exígua, pelo que embarca rumo à aventura das descobertas marítimas, construindo um perfil identitário assente nas conquistas ultramarinas por todo o mundo. Após a era dos Descobrimentos, encerradas as conquistas marítimas e com a perda da rentabilidade económica das colónias orientais, cujas especiarias, sedas e outras relíquias nos tinham permitido alimentar o império durante bastante tempo, e a independência do Brasil, em

1815, todas as atenções se centram em África, território cujas riquezas havia que proteger como o nosso último tesouro.

No entanto, o continente africano fora desde sempre um território complexo pelas várias potências europeias que nela tinham colónias, e de cujo perigo Portugal sempre fora consciente, mas temendo sobretudo a Inglaterra por pretender esta criar um corredor ferroviário que unisse o Cairo com a Cidade do Cabo, estebelecendo assim a ponte entre o oriente, a Europa e a África através de um grandioso corredor ferroviário. Uma autêntica auto-estrada de escoamento de produtos que permitiria a Inglaterra competir com o moderno canal de Suez, fruto de uma aliança franco-egípcia<sup>7</sup>. Este receio levou a que a partir da década de 70 se comesassem a desenhar uma série de estratégias com vista à afirmação do domínio português sobre esses territórios, destacando-se a fundação da Sociedade de Geografia de Lisboa<sup>8</sup>, em 1875. Uma das primeiras ações desta entidade foi a criação da Comissão de África, cujo objectivo era sensibilizar a opinião pública para a questão ultramarina (e que viria a ser fundamental), mas também o de preparar viagens de exploração científica ao interior dos territórios africanos (entre Angola e Moçambique) por Serpa Pinto, Brito Capelo ou Roberto Ivens. Para além de outras iniciativas que pretendiam justificar a exploração e colonização desses territórios por parte dos portugueses, nessa viagem foi feito um exaustivo reconhecimento do território que levou ao desenho do célebre *Mapa cor-de-rosa*<sup>9</sup>, o qual deve o seu nome ao facto de Portugal ter criado um mapa com os territórios reclamados cobertos por uma mancha dessa cor. Contudo, embora o seu protagonismo surja neste momento, ao projecto desse mapa já se

---

<sup>7</sup> À inauguração deste grande acontecimento, em 1867, assistiu o próprio Eça de Queiroz, que na altura se encontrava de viagem pelo Egipto.

<sup>8</sup> Entre os sócios desta associação encontramos figuras como Teófilo Braga, Luciano Cordeiro ou Pinheiro Chagas.

<sup>9</sup> Vide Documento nº1



encontram alusões em *O Soldado Prático*, de Diogo do Couto, no século XVI.

Face à insegurança em que vivia, Portugal procura estabelecer alianças com a França e a Alemanha com vista à salvaguarda dos seus interesses, mas em 1884 Inglaterra surge-se contra todos esses pactos com uma decisão unilateral de tomar a navegabilidade do rio Congo. Perante esse conflito que se vai europeizando cada vez mais, Espanha mantém-se, num princípio, ao lado de Portugal, mas não esconde uma certa imagem expectante face ao poderio britânico. Não devemos ignorar que Espanha tinha, por um lado a situação conflictuosa com Gibraltar e, por outro, o receio de que viesse a suceder o mesmo que a Portugal com as suas colónias americanas. Na imprensa da época encontramos interessantes referências a esse respeito, nomeadamente quanto ao facto de os portugueses não poderem esperar que Espanha abdique de fazer as suas próprias alianças com a Europa para se colocar exclusiva e incondicionalmente ao lado de Portugal. Sobretudo quando, como no-lo recordam constantemente, esta ter sido uma situação devida ao facto de Portugal não se ter conseguido librar da submissão a que o tinha vetado Inglaterra, a troco do seu apoio na luta contra Castela, pelo que uma união iberista apenas poderia ter trazido benefícios.

Face à situação tensa que se vivia na Europa, e preferindo esgotar a via diplomática, é convocada a Conferência de Berlim, em 1884-85, a qual, apesar da esperança que a diplomacia portuguesa tinha depositado nessa convenção, acabaria por representar um verdadeiro fracasso para Portugal, com a Inglaterra a romper as negociações e a ocupar os territórios mais importantes e Portugal a ter que ceder a praticamente todas as suas reclamações.

A 11 de Janeiro de 1890, Inglaterra impõe um *Ultimatum* a Portugal reclamando a retirada das forças militares presentes nos territórios reclamados. Com vista a evitar uma ruptura total com a diplomacia britânica, o governo português decide aceder às suas pretensões, atendo a indignação popular que estava já cansada de assistir à passividade oficial face ao abuso britânico. A imagem do governo sairá bastante abalada de toda esta situação, e com ele a monarquia, graças à ingerência, por um lado, e à repressão, por outro, exercida sobre o clamor popular e em que os estudantes adquirem um forte protagonismo, momento de que o Partido Republicano saberá tirar partido.

O movimento cultural do país actuou com enorme veemência face ao ultraje que consistia esta atitude prepotente por parte de Inglaterra, a quem Guerra Junqueiro interpelará da seguinte forma: *Ó cínica Inglaterra, ó bêbeda impudente, /Que tens levado, tu, ao negro e à escravidão?* Estes são somente dois versos do poema que intitula *À Inglaterra*, num dos livros mais duros e ferozes contra esta situação, intitulado *Finis Patriae* e que desatou uma enorme polémica porque, para além expressar o seu incentivo à mocidade para que lute e não se renda, num dos poemas descreve uma monarquia moribunda, representada por um rei já no seu leito de morte, num prenúncio daquilo que viria a suceder em 1908.

O Caçador Simão

A Fialho d'Almeida

Jaz el-rei entrevado e moribundo  
Na fortaleza lóbrega e silente...

Corta a mudez sinistra o mar profundo...  
Chora a rainha desgrenhadamente...

Papagaio real, diz-me, quem passa?  
- É o príncipe Simão que vai à caça.

Os sinos dobram pelo rei finado...  
Morte tremenda, pavoroso horror!...  
Sai das almas atónitas um brado,  
Um brado imenso d'amargura e dor...

Papagaio real, diz-me, quem passa?  
- É o príncipe Simão que vai à caça.

Cospe o estrangeiro afrontas assassinas  
Sobre o rosto da Pátria a agonizar...  
Rugem nos corações fúrias leoninas,  
Erguem-se as mãos crispadas para o ar!...

Papagaio real, diz-me, quem passa?  
- É o príncipe Simão que vai à caça.

A Pátria é morta! a Liberdade é morta!  
Noite negra sem astros, sem faróis!  
Ri o estrangeiro odioso à nossa porta,  
Guarda a Infâmia os sepulcros dos Heróis!

Papagaio real, diz-me, quem passa?  
- É o príncipe Simão que vai à caça.

Tiros ao longe numa luta acesa!  
Rola indomitamente a multidão...  
Tocam clarins de guerra a Marselhesa...  
Desaba um trono em súbita explosão!...

Papagaio real, diz-me, quem passa?  
- É alguém, é alguém que foi à caça.  
Do caçador Simão!...

Viana do Castelo, 8 de Abril de 1890. <sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Guerra Junqueiro, *Finis Patriae*, Livraria Chardron, Lisboa, 1911, p.41-42.

Perante esta situação Europa reconhece que não pode tomar partido por Portugal e essa situação só termina, uma vez mais, com a assinatura de um tratado imposto por Inglaterra, o qual foi assinado pelo governo mas não ratificado pelo parlamento, que entretanto caíra, e, por fim, a 23 de Maio de 1891 é assinado um novo tratado, desta vez aprovado pelo parlamento, e a partir do qual Portugal saía ainda menos beneficiado, tendo que entregar a Inglaterra uma grande parte de Moçambique. No entanto, esta assinatura dava a Portugal uma tranquilidade quanto ao perigo de novas invasões britânicas. Oliveira Martins expressar-se-á assim, como denúncia da falta de patriotismo e da hipocrisia por parte daqueles que governavam o país, mas também da oposição:

Oh, pobre Portugal, mandado por todos, ludíbrio das gentes,  
triste nação já saqueada do que possuías no Oriente para  
ganhares a dinastia brigantina e, agora ameaçada de perderes a  
África para conservares os teus reis liberais e forasteiros!

Eles que não tinham nas veias sangue português, não coravam  
de vender a nação; mas tampouco fervia o sangue dos cartistas  
que, ávidos, contavam com o regresso dos tempos perdidos.<sup>11</sup>

O *Ultimatum* ficaria ainda ligado a dois grandes esforços feitos por Antero. No campo cultural e literário (caso fosse possível vê-lo simplesmente como tal e isolar esta iniciativa de uma atitude ética e política) organiza a Revista *Anathema*, mas não duvidará em se envolver na Liga Patriótica do Norte, da qual aceita ser presidente. Este movimento surge logo após o *Ultimatum* de 11 de Janeiro e, como no-lo descreve, surpreende-o, mas confia nas suas intenções e, tendo em conta o estado em que Portugal se encontra, entende ser um dever moral, como cidadão, dar o seu apoio, assim como angariar

---

<sup>11</sup> Oliveira Martins, *Portugal Contemporâneo*, Vol. II, Guimarães Ed., Lisboa, 1986, p.65.

novos apoios. Graças à integridade e honestidade de Antero de Quental, e em função da decisão trágica que assumirá dentro de pouco tempo, este seu último gesto transformar-se-á num excelente epílogo da atitude ética que define este homem que se empenhou em encontrar um caminho de progresso para Portugal. Em carta a Magalhães Lima diz-lhe o poeta insular:

O que se vai passar em Portugal é seríssimo. Faça cada um o seu sacrifício no altar da Pátria. Eu sacrifico a minha saúde, que naufragará de todo no meio disto, e muito provavelmente o meu nome, que antes de 6 meses estará manchado. Não importa. Quero sacrificar a vida, e morrerei contente se tiver vivido 6 meses ao menos da verdadeira vida de homem que é a da acção por uma grande causa.<sup>12</sup>

Antero sabe diagnosticar a gravidade da situação mas, dotado de uma extrema lucidez, sabe também qual é o caminho que há que percorrer para nos reformarmos, posto que o problema está em nós mesmos, enraizado desde há vários séculos, pelo que não era necessário procurar motivos *expiatórios*, por oposição a esse processo regenerador que Pascoaes defenderá. Este é o cerne desse artigo tremendo que tem por título, precisamente, *Expição*, onde entoia um *mea-culpa* colectivo que continua a merecer a nossa atenção:

Declamar contra a Inglaterra é fácil, emendarmos os gravíssimos defeitos da nossa vida nacional será mais difícil, mas só essa desforra será honrosa, só ela salvadora. Portugal ou se reformará política, intelectual e moralmente ou deixará de existir. Mas a reforma, para ser fecunda, deve partir de dentro e do mais fundo do nosso ser colectivo: deve ser antes de tudo, uma reforma dos sentimentos e dos costumes.

---

<sup>12</sup> Antero de Quental, *Obras Completas, Cartas, II 1881-1891*. Org., intr. e notas de Ana Maria Almeida Martins, Ed. Comunicação- Univ. dos Açores, Lisboa-Ponta Delgada 1989, p.986.

Enganam-se os que julgam garantir o futuro e assegurar a nacionalidade com meios exteriores e materiais, com armamentos e alardes de força militar. Uma era nova começou para esta nação, que acorda, como dum sonho, do seu optimismo egoísta e banal, e severas provações lhe parecem reservadas.

Mas a verdadeira força é outra. (...) o futuro depende todo da direcção que o movimento tomar no seu ponto de partida. Iniciado pela paixão, urge que o dirija e encaminhe a inteligência serena. E seja a sua orientação o levantamento da vida moral da nossa querida pátria.<sup>13</sup>

Talvez não seja mais que a expressão desse dom sibilino que os poetas têm, mas Antero parece ser consciente de que o seu ciclo se fecha e por isso estabelece um diálogo com essa obra com que soltara o seu primeiro grito na literatura portuguesa, *Odes Modenas*. Através deste texto, vem-nos recordar que as revoluções do futuro não são travadas com armas e canhões, mas antes com a ideia e, após o ímpeto e veemência iniciais inerentes a qualquer estímulo revolucionário, urge *dirigir e encaminhar a inteligência serena*, ou seja, esse pensamento esclarecido e consciente que tanto proclamara.

---

<sup>13</sup> Antero de Quental, "Expição", *Prosas Sócio-Políticas*, apr. por Joel Serrão, I.N.C.M., Lisboa, 1992, p.447.

## I. 2- PARA UMA INTERPRETAÇÃO DE GERAÇÃO

Nem sempre o ser humano é consciente do real alcance que podem assumir as suas decisões e vivências sucedidas num determinado momento. Se empreendermos um breve exercício de reflexão sobre os progressos que marcam o perfil evolutivo da humanidade, em breve nos daremos conta que muitos deles estão delineados pelo acaso e pela fortuna, mas também pelo ímpeto e pela coragem com que se adoptam muitas decisões as quais, posteriormente, poderão vir a ser responsáveis pelo traçado de um rumo, mais ou menos decisivo para a humanidade.

Quando transferimos essa reflexão de um âmbito pessoal para o colectivo, somos imediatamente assaltados pelo conceito de *geração* que contempla, normalmente, o conjunto de indivíduos que coincidem numa determinada facha etária. Caberia aqui frisar que, segundo a nossa percepção, entendemos normalmente por *pessoal* todas aquelas descobertas ou inventos de âmbito técnico-científico, enquanto assumiríamos já como *colectivo* tudo o que se relacione com o campo das ideias ou da reflexão social e cultural, mesmo que estas revelem a consequência de um acto *pessoal*. Como exemplo, hoje em dia não será difícil identificar o processo de invenção do automóvel com o projecto de Karl Benz, e até da sua equipa, mas quando abordamos qualquer temática inerente à repercussão da importância do automóvel na nossa sociedade, esta assumirá sempre um aspecto colectivo.

Seguindo essa associação de ideias, somos levados a pensar no conceito de *geração* e na forma como a conduta e o pensamento de um grupo de indivíduos podem devir num acontecimento marcante para a história. Conscientemente ou não, a verdade é que, como se de

um gene se tratasse, a geração que a cada um de nós nos cabe viver se tornará inevitavelmente num factor condicionante do nosso complexo processo evolutivo, enquanto seres históricos e sociais, já que o homem sempre se definirá sob uma perspectiva conjuntural que, a nosso ver, e numa perspectiva em parte rousseauniana e em parte behaviourista, radica preferencialmente nesse contexto geracional.<sup>14</sup>

Enquanto participes deste espírito, acabaremos por concluir que, apesar de tudo, o que confere um dinamismo a cada geração é o facto de, em algum momento, essas várias gerações que convivem e definem uma época acabarem por sentir que estão constituídas por seres absolutamente privilegiados relativamente às precedentes (e até mesmo posteriores). Afastando qualquer sentido de superioridade, não seremos nós, hoje, em pleno século XXI, uma excepção, posto que não nos será difícil entender o nosso estatuto de privilegiados por termos tido a oportunidade de assistir à viragem não só de um século, como inclusive de um milénio; privilegiados por nos ter sido dada a oportunidade de assistir e participar activamente num vertiginoso processo de (re)evoluções (sociais, políticas, económicas, religiosas), único em toda a humanidade; privilegiados por, de um modo geral, termos ao nosso alcance técnicas e meios extraordinários de progresso; privilegiados por, sobretudo, termos sido capazes de assumir o papel de agentes dessa evolução, bem como de nos integrarmos numa complexa teia que nos obriga a uma constante capacidade de metamorfismo exigida por aquilo a que vulgarmente

---

<sup>14</sup> Será de toda a legitimidade argumentar que convivem hoje vários grupos geracionais, por oposição a uma geração, mas cremos que seria produtivo consensuar a existência de um espírito geracional predominante que se responsabilizará pelo legado de uma mensagem de futuro, apesar de tudo, uníssona, daí que designemos, neste caso concreto, como geração o grupo dos indivíduos que participam de uma mesma época, independentemente da sua faixa etária.



chamamos *Progresso*<sup>15</sup>. Mas, do nosso ponto de vista, um dos pontos mais sedutores de uma geração reside no momento em que, assumindo essa condição de privilegiada, ela é capaz de estabelecer uma perspectiva relativamente ao anteriormente ocorrido para, a partir daí, poder definir o seu rumo de modernidade, sempre consciente e voluntário, e nunca fechado, mas aberto a uma dialéctica que não será mais que o fruto de uma atitude de constante vigília face ao que o suceder dos acontecimentos possa acarrear. É nesse sentido que hoje em dia, instalados já em pleno século XXI, nos sentimos também privilegiados por podermos beneficiar de uma perspetivação histórica nunca antes alcançada, sob os desafios constantes das vertiginosas mudanças que os novos tempos nos trazem. Graças aos avanços e progressos das várias ciências podemos hoje não só conhecer as sociedades mais remotas como também perceber que, em relação a outras gerações que nos precederam, somos capazes de analisar de um modo mais completo, e complexo, a existência de uma relação evolutiva da humanidade que, em nenhum momento, devemos considerar como fortuita. Cientes dessa realidade, torna-se-nos imprescindível encetar um longo caminho que nos ajude a conhecer o passado para, assim, sermos capazes de entender o mecanismo que dinamiza a realidade presente. Usufruindo da herança deixada por gerações anteriores, como, por exemplo, a dos românticos oitocentistas, a nossa geração poderá entender a história como algo vivo, dinâmico e simultaneamente interactivo, e longe vão já os tempos em que o passado era abordado como se de uma realidade estática se tratasse. Graças a esta nova perspetivação da realidade regozijamo-nos por poder usufruir de excelentes estudos que, mais

---

<sup>15</sup> Hoje em dia, em função das teias que se foram tecendo em torno desta aldeia global em que se converteu o universo, todos nos sentimos partícipes de uma mesma realidade e graças essas mesmas teias é-nos permitido actuar em qualquer momento e em qualquer lugar, seja assinando uma das petições que nos chegam constantemente via *on-line*, seja expressando a nossa opinião em qualquer *blog* ou secção de comentários de qualquer jornal diário ou de qualquer rede social.

que acumular conhecimentos, nos possibilitam uma melhor interpretação da realidade presente. Se o antigo conhecimento histórico se orientava exageradamente para uma interpretação da história como monumento, o moderno aprendeu a valorizar aspectos mais circunstâncias, interpretando a história como se de um documento se tratasse. Da nossa incumbência será, agora, olhar para o espelho do passado e moldar, adequar, e até mesmo aperfeiçoar, a realidade presente. Após esse exercício constataremos que, embora nos possamos sentir privilegiados, não nos devemos sentir em nenhum momento como seres singulares ou excepcionais, uma vez que a partir da nossa imagem se desencadeará o *exemplum* a seguir e que terá forçosamente que ser regido pelo moderno, e não pelo caduco. Tal como defendia Eliot<sup>16</sup>, para sermos grandes teremos que recuperar a nossa tradição, e esta não poderá ser nunca uma tradição meramente *herdada* mas antes arduamente buscada e o nosso labor consistirá em buscar, assumir e transformar essa tradição para, então, sermos capazes de inovar.

Somos agora assaltados pela dúvida acerca de como abordar o conceito de moderno<sup>17</sup>. A nossa reflexão, que parte logicamente de um preceito teórico, mas que se alimenta de algumas vivências concretas, faz-nos ver que, ao longo dos tempos, e dentro de uma perspectiva mais sincrónica, todas as épocas contêm a sua modernidade e a sua antiguidade, ou o seu progressismo e o seu classicismo, dependendo do grau de focagem que apliquemos a essa realidade. Ao contemplar essas épocas passadas, a ninguém se lhe escapará alguns dos elementos de modernidade inerentes a quase todas as culturas pré-clássicas. Somente a partir de uma perspectiva diacrónica se poderá

---

<sup>16</sup> A este propósito, consulte-se Eliot, *Que es un clasico* in *Sobre Poesia y Poetas*, Icaria Editorial, Barcelona, 1992, pp-55-74

<sup>17</sup> Não será nunca nosso intuito confundir *moderno* ou *modernidade* com *Modernismo*, apesar da similitude terminológica, reservando o termo *Modernismo* para o período cultural de princípios do século XX.

verificar, por contraste, como a essa modernidade se irá sobrepondo inevitavelmente uma outra modernidade. Ao moderno medieval se irá impondo um moderno renascentista, em que a subjectividade começará a criar alicerces que invadirão os solos dessa época *antiga* e que, conjuntamente, depois de um longo trabalho, serão revestidos por uma subjectividade e realidade românticas que actualmente, e após várias actualizações do conceito de moderno, podemos ainda contemplar. Adiantaríamos então que o moderno não deve ser visto como um factor isolado condenado à efemeridade, ou passível de ser ultrapassado, mas antes como uma peça autêntica, genuína e sólida de um longo processo que nos permitirá, passo a passo, edificar esse edifício que constitui a modernidade. Um templo arduamente edificado e que perdurará no tempo coberto por várias gerações, como se de heras se tratassem.

No que concerne à definição de *moderno* face a *antigo*, esta não resultará tão directa como se desejaria mas a nossa percepção leva-nos a afirmar que, apesar de tudo, a percepção que possamos obter terá que ver com o facto de o *moderno* implicar sempre um momento de ruptura, e nunca uma mera sucessão de momentos de um processo exclusivamente acumulativo; a edificação da modernidade não deverá ser nunca o resultado de uma aglomeração de materiais ou idades, posto que exige sempre uma exaustiva selecção que irá garantir a sua solidez e perdurabilidade. Contudo, sejamos conscientes de que esta hipótese nos poderá conduzir ao estabelecimento de algumas ambiguidades já que, se partirmos de uma viciada relação entre *moderno* e *novo*, chegaremos imediatamente a um falso antagonismo entre *novo* e *antigo*. Urge esclarecer que jamais deveremos partir de um pressuposto de que tudo quanto se instale por último numa linha temporal seja moderno, posto que nem sempre o novo deverá ser interpretado como moderno. O conceito de moderno, segundo a nossa perspectiva, deve implicar imperativamente uma vigência actualizada,

evolutiva, dinâmica e nunca estática, o que fará com que muitas novidades se tornem rapidamente ultrapassadas e obsoletas por conceitos inclusive anteriores, precisamente por estarem desprovidas de toda e qualquer modernidade.

Conscientes de que as interpretações relativamente a qualquer determinação sincrónica da concepção de modernidade são sempre motivo de interessantes e profícuas discussões, e sem querer assumir nenhuma postura redutora, assumiremos apenas que todas as épocas têm o seu quê de moderno já que, caso contrário, não poderíamos falar nunca de evolução cultural ou civilizacional, mas apenas de algum tipo de mudança estrutural. Simultaneamente, denotamos que existem épocas dominadas por um marcado espírito de modernidade, enquanto outras se nos apresentam como mais conservadoras e, perante essa convicção, desejaríamos empreender um caminho que nos conduzisse às estruturas da modernidade herdadas pelos nossos tempos, partindo destas duas questões: onde será que poderemos encontrar essas estruturas de modernidade e que vigor mantêm actualmente?

Num momento tão fulcral como o que atravessamos, em que nos sentimos impelidos a questionarmo-nos constantemente sobre esse nosso papel no mundo, estamos em crer que a nossa geração agradecerá que encontrássemos esse tão desejado referente, que seria tido como apoio cultural, e histórico. Mas cabe colocar, primeiro, a dúvida de se ele existe, bem interrogar-nos sobre a sua pertinência?

Partindo daquela referida posição de privilegiados, e de um novo conceito de história que a partir dos positivistas será também

moderno<sup>18</sup>, encontramos no final do século XIX uma geração comumente designada como *Geração de 70* que se identifica perfeitamente com os nossos propósitos. Muita da projecção presente desse grupo novecentista se tem mantido graças ao desempenho de uma figura tutelar como a de Antero de Quental. Contudo, apesar desse magistério que a sua figura nos legou, e apoderando-nos das palavras de Carlos Felipe Moisés, caberá ter em conta o seguinte:

Antero é um desses escritores cujo nome ninguém ignora, cuja uniforme idolatria faz que, a seu respeito, se repitam os sempiternos elogios e as sempre consagradas *verdades*. Entretanto, porque promovidos à esfera do mito, tais poetas perdem o beneplácito da leitura isenta e objectiva; como se público e crítica estabelecessem um acordo tácito: é escusado ler e analisar-lhes a obra com imparcialidade, pois os mitos ao Olimpo pertencem; a nós cabe tão-somente perpetuar a *verdade* que deles emana.<sup>19</sup>

Creemos que é necessário romper esse pacto, e não apenas em relação ao poeta açoriano, já que o que aqui se reclama é precisamente a leitura de uma obra como sendo a voz de um ser humano, histórico, que viveu e interpretou a realidade, e não como a de um Deus que habita o Olimpo da Cultura. O trabalho de recolha dessa herança não deverá incidir exclusivamente na biografia destes (embora não abdiemos do relativo valor que esta possa assumir, sobretudo num autor como aquele que nos ocupa), mas também no testemunho e na obra colectiva que nos legaram artistas e pensadores, enquanto actores culturais do mundo em que viveram e que, entre todos, edificaram. A partir do momento em que se desmistifique esta situação, e se

---

<sup>18</sup> Sem pretendermos enveredar por uma atitude positivista, parece-nos de toda a justiça valorizar o trabalho feito por estes para a reinterpretação da história a partir de então pelo que, a partir da sua intervenção, a história pode ser encarada desde essa perspectiva dinâmica que a modernidade requer.

<sup>19</sup> Carlos Felipe Moisés, “Antero de Quental: O poeta e o mito”, *Colóquio Letras*, n.º 41, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Janeiro de 1978, p.36

humanize o seu esforço, a tarefa destes *ídolos* será mais respeitada, porque mais valorizada, mas também melhor interpretada por todos, porque saberemos distinguir o importante do episódico e a realidade da alegoria confabuladora de mitos.

Uma geração como a coimbrã vive sobretudo dos vários factores que contribuíram para a sua coesão, e que vão desde os meramente pessoais, como seja o facto de serem jovens estudantes de velha universidade conimbricense, até aos colectivos, por se terem todos eles comprometido, enquanto cidadãos, com o progresso cultural, político e civilizacional de um país. Nesse sentido, para que possamos empreender um longo caminho auto-gnoseológico, sistematizar as suas razões e assimilar o nosso valor histórico e civilizacional, cabe aliar sempre a perspectiva individualista com a de grupo geracional, posto que foi esta a base sólida que permitiu manter a coesão do grupo, apesar dos vários elementos de heterogeneidade que possam ser postos em evidência, e sejam estes de ordem política, moral ou civilizacional.

Gostaríamos, contudo, de deixar bem explícito que não será nunca nosso intuito encontrar nesse passado uma imagem estática porque, pelo contrário, e agora mais que nunca, devemos reatar essa imagem dialéctica. A propósito, atendamos às palavras do próprio Antero de Quental para sistematizar esta nossa ideia:

A Idade Média tinha dito: *inspiração, graça, revelação*. A isto respondeu ousadamente o século XVIII: *consciência*,

*responsabilidade, vontade* (...). A humanidade tornou-se responsável pela sua obra.<sup>20</sup>

As eras evoluem por sucessão e não por acumulação, pelo que esta ideia de Antero resulta bastante exemplar para entender como o decurso cronológico exige uma evolução dinâmica que o tempo alberga e impõe e que fará surgir uma nova atitude de valores perante a realidade, acabando por implicar não só o despontar de um maior protagonismo humanista, como também uma forma distinta de encarar a história, como diálogo civilizacional, tal como o define o próprio autor:

Sem isto a embriogenia do espírito tinha sido impossível, porque sem sucessão não há movimento, e só gradualmente se cresce. A humanidade teria parado desde o seu primeiro dia. Não teria havido história.<sup>21</sup>

Afigura-se-nos que poderemos então crescer, evoluir historicamente, à medida que adquirimos a consciência de que não nos podemos continuar a alimentar de sombras estáticas que se projectaram nos areais do passado; por fim, *é a hora* de cumprir o mandado que a todos nos incumbe. Para cumprir essa missão valerá a pena estabelecer uma aliança com a geração novecentista e compreender o espírito geracional que tanto se empenhou para que Portugal desbravasse o seu próprio caminho de futuro, já que num outro momento fulcral para a nossa história eles souberam lutar por incutir nas massas culturais do país a necessidade de manter essa tão desejada dialéctica com o passado. Este grupo ensinou-nos, entre muitas outras coisas, que a imagem da realidade passada podia ser captada pela nova fotografia (ou daguerreótipo), mas não por um espelho, uma vez que a cada homem livre lhe compete a responsabilidade de recriar a sua

---

<sup>20</sup> Antero de Quental, “Espontaneidade”, *Obras Completas, Filosofia*, org. int. e notas de Joel Serrão, Univ. dos Açores, Ed. Comunicação, p.46

<sup>21</sup> Idem, p.47

própria imagem presente e projectá-la no futuro. No entanto, na linha do que temos vindo a apontar, cabe enfatizar que tudo isto não é senão o resultado de um cuidadoso estudo da lição dada pelas gerações passadas e que estes homens não pretendem transformar num motivo de erudição, mas sim numa lição de pragmatismo que não hesitam em aplicar mediante um consciente e crítico juízo de valor, tal como teremos a oportunidade de observar em outro momento do nosso trabalho.



### I.3 - A GÉNESE DA GERAÇÃO DE 70

De acordo com o que temos vindo a expor, cremos que a consolidação do traçado de modernidade na cultura portuguesa, em sentido *latum*, se poderá estabelecer precisamente com aqueles que se uniram em torno de uma geração como a de 70. Mas ao fazermos afirmações como estas somos, surgem questões bastante pertinentes como, por exemplo: *Quem foram os homens da geração de 70? Quais os seus objectivos? O que fizeram estes homens para serem, hoje, tão importantes sempre que nos dispomos a repensar a Cultura em Portugal? Valerá a pena repensar Portugal presente em função do Portugal passado?*

A realidade é que aquilo que, *a priori*, nos parece até evidente, como a resposta a estas simples questões, poderá revelar-se como uma tarefa relativamente complicada, sempre que pretendemos estabelecer um raciocínio coerente e linear. De qualquer forma, não será nunca nosso objectivo transformá-las em meras interrogativas retóricas, daí que, tentando seguir a linha traçada pelos homens de 70, nos empenhemos a partir deste momento em procurar a formulação de alguma resposta. Cabe-nos no entanto apelar, desde já, à necessidade de estabelecer uma perspectiva onde os pontos de vista se multipliquem de modo a que se possam intrometer novas interpretações, sempre enriquecedoras.

Relativamente a quem foram os homens que nos conduziram até aqui, muitos têm sido os critérios discutidos aquando da necessidade de delimitar os elementos que constituem este grupo geracional. As opiniões multiplicam-se, e a escolha não se torna fácil sempre que devemos optar em favor de alguma delas, posto que várias delas nos parecem coerentes. Várias têm sido as discussões em torno à definição

de *geração* e, conseqüentemente, aos elementos que confinam este grupo, em particular. Um dos parâmetros pode ser precisamente o da idade e, quanto a esta questão, João Medina acabará por apontar que, apesar das várias combinações que se possam traçar, e em função dos vários momentos que marcaram a evolução do grupo, a idade média dos seus membros rondaria a faixa etária dos 30 anos aquando da realização das Conferências do Casino, em 1870, pelo que esta baliza cronológica lhe confere uma certa congruência enquanto grupo geracional. No entanto, há que ter em conta a advertência que o estudioso nos faz:

Uma conclusão destas, obtida por operações puramente aritméticas, vale apenas o que valem os números, que precisam evidentemente de ser tratados para deles se extraírem ilações<sup>22</sup>.

Mais recentemente, Beatriz Berrini, preocupou-se também com esta questão e, estabelecendo uma linha interpretativa que a leva a estabelecer um paralelo com a denominada Geração de 98, em Espanha, acabará por afirmar:

Na verdade, segundo o pensamento actual, a etiqueta distintiva desta ou daquela Geração tem importância relativa, e se ainda é usada por muitos é por facilitar pedagogicamente o reconhecimento de um determinado grupo<sup>23</sup>.

Neste caso, a estudiosa vai mais além da questão colocada até agora e, para além das questões que implicam a configuração de uma geração, destaca as implicações pragmáticas que revestem a *etiquetagem* de um grupo relativamente às questões que nos levam a determinar a definição de um grupo, ou geração. Na verdade, foi pensando nessas questões, sobretudo metodológicas, que nos inclinámos pela já

---

<sup>22</sup> Referimo-nos à sua interpretação plasmada em *Eça de Queiroz e a Geração de 70*, Moraes Editores, Lisboa, 1980.

<sup>23</sup> Beatriz Berrini, *Brasil e Portugal: A Geração de 70*, Campo das Letras ed., S.L., 2003, p.20.

clássica teoria de Álvaro Manuel Machado, considerando como elementos da Geração de 70 *Os que a geraram no plano das ideias e não os que a ela eventualmente aderiram prolongando-a historicamente*<sup>24</sup>.

Ora, tal como muito bem remarcou Machado Pires, esta definição aparta do núcleo inicial figuras como Teófilo Braga, Gomes Leal, Guerra Junqueiro e outros. No entanto, é também o mesmo estudioso que nos ajuda a tomar uma decisão quando afirma precisamente o seguinte:

Um inventário *completo* da geração de 70 será difícil e até discutível. Porquê incluir mais este ou menos aquele nome? Não será tarefa da história da cultura transcender o simples mapa histórico – cronológico que pode servir de ponto de partida e discutir numa perspectiva de valor (sempre relativa a este ou aquele ponto de vista científico) o papel de certos indivíduos que deram rumo a uma geração<sup>25</sup>.

Neste sentido, embora a definição estabelecida possa por vezes parecer-nos redutora, estamos em crer que esta interpretação acaba por conferir, sem dúvida, uma coerência geracional ao grupo quanto à sua faixa etária. No entanto, o que nos importa é realçar essa coerência a nível das ideias porque foram elas que conferiram uma unidade ímpar ao grupo, e foram também elas que lhe garantiram a sua vitalidade e autenticidade. Apesar de tudo, definir os elementos que formam esta geração não será uma tarefa simples, pelo que cabe estabelecer uma série de reflexões, e por isso pensámos que ampliar esta geração para além do seu núcleo fundador nos poderia conduzir a uma galeria de personagens bastante vasta e heterogénea, sem que tal implique que não se lhes deva reconhecer o seu papel. Assim sendo, parece-nos

---

<sup>24</sup> Álvaro Manuel Machado, *A Geração de 70 – Uma revolução Cultural e Literária*, Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, Biblioteca breve, M.E.I.C. 1977, p.18.

<sup>25</sup> Idem, p. 47.

ainda da maior justiça não menosprezar nunca outras configurações para esta geração.

Assim sendo, optámos por trabalhar apenas sobre um núcleo central de que farão parte os já referidos nomes de Eça de Queiroz, Oliveira Martins e Antero de Quental, constatando-se inevitavelmente a heterogeneidade do grupo, não apenas dos três elementos nucleares, como também de todos aqueles que os rodeiam e que lhes conferem essa força vital: romancistas, historiadores, poetas, pensadores, e outros. Uma heterogeneidade que, por paradoxal que possa parecer, é a que irá conferir ao grupo grande parte de coerência geracional e, conseqüentemente, uma notável homogeneidade, sendo fulcral ter este facto em mente sempre que pretendamos analisar o empenho destes homens em conduzir Portugal por esse ansiado caminho novo. Graças à perspectiva conjunta que se estabelecerá a partir da intuição individual de cada um dos elementos deste multifacetado grupo de intelectuais, atingiremos uma síntese global da realidade de então.

A esse núcleo inicial se iriam então associando outros nomes que viriam posteriormente a consolidar a chamada *Geração de 70*, como sejam Teófilo Braga, o qual fizera parte do grupo de Coimbra desde o início, Batalha Reis, Ramalho Ortigão e Guerra Junqueiro

A denominação de *Geração de 70* poderá relacionar-se então com o facto de, chegados à década de 70, estes jovens compartirem todos eles uma maturidade intelectual que lhes permitiria levar a cabo um trabalho colectivo. Porém, e fruto de essa mesma maturidade e determinação surge, em 1871, a organização das célebres *Conferências do Casino*. Talvez por este ter sido o projecto que marcaria o rumo de muitos dos acontecimentos culturais e políticos da segunda metade do século, a década de 70 viria a impor definitivamente a denominação de *Geração de 70*. Complementando esta interpretação, poderemos apontar ainda que a coesão do grupo

geracional que nascera com aqueles jovens saídos do ambiente coimbrão era agora bastante mais acentuada e assumida, afastando definitivamente qualquer interpretação que pudesse confundir o projecto de uma geração com a mera irreverência de um grupo de estudantes, ou que o mesmo estivesse sujeito a factores puramente circunstanciais. Pelo contrário, toda a polémica gerada em torno à realização destas conferências e do seu encerramento por ordens governamentais (como se explicará depois mais detalhadamente) constituíram uma verdadeira prova de maturidade para este grupo, apesar das discussões e discrepâncias inerentes a esse processo de maturação.

Cabe no entanto destacar que, tal como nos referia por aquela altura o próprio Antero de Quental, *os 10 ou 12 primeiros nomes da literatura de hoje saíram todos (salvo 2 ou 3) da escola Coimbrã ou da influência dela*<sup>26</sup>, pelo que concluiremos que se formaram todos eles numa tradição, em muitos aspectos, clássica e, sobretudo, romântica, tutelada por nomes como o por já então célebre Feliciano de Castilho quem, graças aos seus saraus e reuniões literárias que realizava nos Açores da infância anterioriana, incutira nos jovens que o ouviam tanto o gosto pelas letras portuguesas como pelas francesas. Castilho, para além destas actividades literárias, empenhou-se numa verdadeira batalha, nem sempre ausente de alguma polémica, em prol da alfabetização popular com a fundação da *Sociedade dos Amigos das Letras e Artes* e na qual se envolveu igualmente Filipe de Quental, tio de Antero de Quental. Neste ambiente decorrerá já a infância do autor da Geração de 70 e o primeiro livro que Antero possuiu foi, curiosamente, *A Felicidade pela agricultura*.<sup>27</sup> Difícil seria que o

---

<sup>26</sup> Antero de Quental, *Cartas, II 1881-1891*. Org., intr. e notas de Ana Maria Almeida Martins, Ed. Comunicação- Univ. dos Açores, Lisboa-Ponta Delgada 1989, p.835

<sup>27</sup> Segundo as informações de Bruno Carreiro nos seus *Subsídios Anterianos*, o livro de Castilho terá sido oferecido a Antero por sua mãe aos sete anos de idade. Este livro que alguma influência pode ter tido no despertar desses

futuro grupo geracional, germinado num ambiente como este, assente não apenas numa consciência literária mas também, e principalmente numa consciencialização social, não se tornasse fervorosamente activo e empenhado em intervir em pró de um futuro de progresso para Portugal. A propósito gostaríamos de apontar que, de facto, o rumo desta geração tem muito que ver com esse processo formativo comum e, já em finais da década de 50, Antero denuncia em *Leituras Populares* que:

Remissa e vagarosa, porém, vai a instrução por esta boa terra de Portugal; e ai de nós se não se atende a este grave mal com prontos remédios; ai de nós, porque um povo que possui a liberdade sem instrução, que só o pode nela iniciar e nos sagrados direitos em que se resolve, a custo poderá conservá-la, e o que é mais, conservá-la sem abusar.<sup>28</sup>

A situação exposta exige uma solução assente numa reestruturação das instituições e dos recursos a partir duma *boa organização de escolas, dum bom regulamento literário, e um ministério*<sup>29</sup>, apelando a uma boa rede de bibliotecas rurais que chegue aos pontos mais recônditos e, obviamente, esquecidos do nosso país, devendo ter-se em consideração que *os habitantes dos campos são os verdadeiros enjeitados da civilização moderna*<sup>30</sup>. Inspirado, certamente, por um certo pendor romântico tendente à valorização do autóctone e do original, e deixando-se arrastar por essa admiração que sente pelo seu velho Mestre, Antero acrescentará ainda:

---

primeiros ventos de uma consciência progressista em Antero, foi publicado, curiosamente, em 1848, no ano seguinte ao aparecimento do Manifesto de Marx e Engels, ainda que Castilho tenha permanecido certamente alheio a qualquer coincidência que daí possa surgir.

<sup>28</sup> Antero de Quental, “Leituras Populares”, *Prosas de Época de Coimbra*, 2ª ed. Clássicos Sá da Costa, Lisboa, 1982, p.11

<sup>29</sup> Idem, p.12

<sup>30</sup> Id.,p.14

E contudo é à sua ilustração que de mais vontade nos devemos aplicar. A agricultura é a melhor e mais verdadeira mãe dos povos, e, como diz Castilho, só um povo que lhe quer (...), só esse é rico<sup>31</sup>

Enfatizando esta apologia a Castilho, o autor insular indicará a sua obra *Felicidade pela Agricultura* como um dos dois livros básicos que deveriam figurar nessas bibliotecas<sup>32</sup>. Torna-se difícil prever que, anos mais tarde, Castilho não seja capaz de acompanhar esse espírito crítico e revolucionário do discípulo que ele próprio ajudara a formar. Uma estranheza que se incrementa quando sabemos que o próprio Castilho, aquando da recitação do poema *A História* no Teatro Académico, dissera entusiasmante a Filipe de Quental que *Seu sobrinho é um poeta de Génio*<sup>33</sup>. Era realmente difícil perceber como, depois de elogiar o poema inicial, o velho mestre acabasse por condenar o livro de que viria a fazer parte, *Odes Modernas*, e a desencadear toda a polémica a ele inerente.

Graças a essa herança, todos os elementos da sua geração sairão reforçados, alimentados por uma sólida formação cultural, mas sem ignorar que ela parte do Romantismo, momento em que a cultura sente a imperiosa necessidade de se libertar das amarras clássicas. Este ímpeto com que o Romantismo irrompe poderá interpretar-se a partir de autores como Octavio Paz, quem definiu esta escola como sendo o primeiro *ismo*, com toda a carga simbólica que o sufixo evoca, ou Jorge de Sena que, nessa definição quase metalinguística, verá na estética oitocentista o *cadáver insepulto* que jamais deixará de

---

<sup>31</sup> Id, p.14

<sup>32</sup> A outra obra era *Estudos Sobre a Reforma em Portugal*, de J. F. Henriques Nogueira, um livro que Antero lê e relê e que, segundo ele, mantém aberto *para novas meditações*. Este livro viria a ser também fundamental na estruturação do pensamento, sobretudo político, de Antero.

<sup>33</sup> in Ana Maria Almeida Martins, *Antero de Quental Fotobiografia*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1989, p. 20.

atormentar os espíritos das novas gerações que farão da arte o estandarte de uma nova vida porque:

O Romantismo, com as suas contradições e mistificações, e até por elas, trouxe uma mudança radical (e se ela subsiste, eis o que acontece não porque o Romantismo esteja vivo, mas por ter sido radical a mudança que ele trouxe).<sup>34</sup>

A verdade é que, recusando um eclético rótulo de românticos, não nos parece difícil acreditar que esta geração se alimente desse espírito liberal que, no alvor do século XIX, irrompe por toda a Europa. Desse espírito permanecerão algumas constantes como a ânsia de liberdade, de justiça, mas também as eternas contradições de espíritos nada conformistas, habitantes de uma sociedade que tarda em se modernizar e em progredir, de acordo com os seus parâmetros. Fruto de um vivo confronto entre estas constâncias, surgirá primeiramente o conflito, e daí o inconformismo que, adoptando uma constante imagem de rebeldia e de obstinação, marcará para sempre o carácter desta geração. Num artigo de Moniz Barreto, que podemos encontrar no primeiro número da *Revista de Portugal* o autor caracterizava então a Geração de 70 como *o actual movimento literário*, como sendo intérpretes de *uma maior liberdade na inspiração e uma maior consciência científica na reflexão*<sup>35</sup> (o destacado é nosso). Parece-nos pertinente atentar na dicotomia em que assenta esta definição já que, embora se trate de um texto praticamente coevo, o autor é já capaz de pôr em evidência o facto de a razão crítica destes espíritos modernos se complementar com uma liberdade de inspiração, enquanto herança, precisamente, dessa subjectividade romântica.

---

<sup>34</sup> Jorge de Sena, “O Romantismo”, *Estudos de Literatura Portuguesa, Edições 70*, Lisboa, 1982, p.84.

<sup>35</sup> Moniz Barreto, “A literatura portuguesa contemporânea”, *Eça de Queiroz (Dir.), Revista de Portugal*, Vol. I, Ed. Lugan & Genelioux, Porto, 1889, p.17



Perante o contexto sócio-político-cultural que então delineava o perfil estático de Portugal dentro de uma Europa em mudança, marcada pelos progressos industriais e económicos, os homens de 70 vão ganhando voz face a uma sociedade dominada pela inércia, sem objectivos definidos e que, há muito, via os seus verdadeiros valores ameaçados. Não hesitam e, em trabalho de equipa, empreendem o caminho de revitalização de um corpo que acusa um estado de séria debilitação. Oliveira Martins adianta-nos o diagnóstico e avança mesmo que *Portugal é o enfermo da Europa*, Antero, por sua vez, que parece conhecer a terapia, diz-nos que para que *para Portugal exista há que reforçar-se política, intelectual e moralmente*<sup>36</sup>, enquanto Eça, imbuído de um espírito ainda mais naturalista, conclui que *um país que pensa existe* e, directamente, adiantará mesmo que o estado de Portugal é de decadência. O processo de terapia reveste-se de um cariz especial num momento em que, graças ao tão anelado progresso tecnológico, chega a Portugal o caminho-de-ferro, e com ele muitas das grandes novidades bibliográficas que viriam contribuir fortemente para o desenvolvimento do país, da sua cultura, da sua educação e da sua política. Perante esta nova realidade, é com este grupo de intelectuais que irrompe a necessidade de se fomentar uma sólida formação cultural a partir da formação de uma consciência civilizacional mais ampla e aberta ao diálogo com outras culturas, reagindo contra uma educação fechada assente no conformismo e no tradicionalismo caduco, uma sociedade que, alguns anos depois, o agudo espírito crítico de Manuel Laranjeira retratará como *incultos*. Apesar de tudo, cabe destacar que já em 1860 Antero aponta que o problema da cultura e da educação em Portugal não se pode ficar a dever à inexistência de livros ou à falta de interesse por parte de uma camada social não culta, mais popular, mas antes na falta de vontade daqueles que detinham o poder:

---

<sup>36</sup> Antero de Quental, "Expição", *Prosas Sócio-Políticas*, apr. por Joel Serrão, I.N.C.M., Lisboa, 1992, p.447.

A causa não está na escassez de livros populares, que alguns temos nós de elevado mérito; nem menos na indiferença do povo português, que sabido tem ele mostrar o como zela seus direitos, uma vez compenetrados por eles.

A resposta já de há muito a deu um grande homem e um grande português, quando se lastimava de que - possuído nós ainda todos os elementos duma grande ventura, só nos faltasse um – *a vontade dos que podem*<sup>37</sup>.

Será contra esta situação que esta geração trabalhará: em pró da mudança e do verdadeiro progresso, contribuindo, cada um ao seu estilo, mas sempre sob um mesmo denominador comum. A arte deve deixar de servir exclusivamente de adorno para passar a revelar e a evidenciar o que era a realidade porque *A Arte é – a Verdade feita Vida!*<sup>38</sup>.

Consciente da nova missão do artista da palavra e das ideias, cada um dos membros desta geração assumirá o seu protagonismo consoante a *Arte* que o inspire, como poderemos observar pelos elementos que suportam os vértices desta geração: Eça, Oliveira Martins e Antero de Quental. Eça, consolidou-se como o romancista, escritor realista por excelência, e como distinção bastaria apontar alguns dos seus romances que tanto êxito obtiveram no seio da sociedade portuguesa, ou de outras culturas como a francesa ou espanhola. Dessa extensa lista de títulos ressaltaríamos *O Primo Basílio*, *Os Maias*, *A Tragédia da Rua das Flores*, *A Ilustre Casa de Ramires*, *A Cidade e as Serras*, *O Crime do Padre Amaro*, sem se poder ignorar o emblemático e inovador *Mistério da Estrada de Sintra*. Destes romances sairá uma galeria de personagens tão paradigmáticas que será impossível estudar a história e a sociedade portuguesa moderna sem as ter em

---

<sup>37</sup> Antero de Quental, “Leituras Populares”, *Prosas de Época de Coimbra*, 2ª ed. Clássicos Sá da Costa, Lisboa, 1982, p.12

<sup>38</sup> Antero de Quental, “Arte e Verdade”, *Obras Completas, Filosofia*, org. int. e notas de Joel Serrão, Univ. dos Açores, - Ed. Comunicação, Lisboa, 1991, p. 41

consideração e, de certa forma, poderíamos mesmo afirmar que foram elas quem desenharam o cenário oitocentista português, mas sobretudo o lisboeta. Não devemos ignorar este fenómeno porque essas personagens constituíram um item estrategicamente delineado nesse complexo processo de formação social do século XIX e, conseqüentemente, do XX, e não apenas a nível de uma mera representação figurativa. Dentro dessa mesma linha, Oliveira Martins consagrou-se como historiador, sendo injusto referirmo-nos à cultura de transição de século sem ter em conta o seu importante contributo. Um grande entusiasta de todas as causas em que apostava foi, em grande parte, o responsável pela formação de grande parte dos nomes da cultura das primeiras gerações republicanas, sendo vasta a lista das obras que, ainda hoje, constituem um importante elemento didáctico para o estudo da história e da civilização portuguesas, muitas vezes único. Das várias dezenas de obras que formam o conjunto da sua obra apontaremos títulos como: *História da Civilização Ibérica*, *História de Portugal*, *Portugal Contemporâneo*, *Camões e os LUSÍADAS*, *Portugal em África*, *Teoria do Socialismo*, *Portugal e o Socialismo*, *Política e História*, *Literatura e Filosofia*. Se a algumas delas recorreremos frequentemente, a verdade é que outras se encontram esquecidas nas estantes dos nossos avós, ignorando-se hoje a importância global deste historiador, tão pertinente para o conhecimento desta época e do pensamento e conduta dos homens deste grupo. Recorrendo a uma das citações que ilustra a contracapa da sua *História da Civilização Ibérica* (Guimarães Editores) poderíamos fazer nossas as mesmas palavras de Unamuno, reclamando a sua vigência à luz dos tempos em que vivemos:

Su fantasía llegó a profundidades a que la fatigosa ciencia de otros no ha llegado. Su *Historia da Civilização Ibérica* debería ser un breviario de todo español y de todo portugués culto y no

debía haber tampoco americano... que no conociera ese libro admirable.<sup>39</sup>

O mestre salmantino é capaz de reconhecer esse ímpeto universalista que destaca da obra do historiador português, num perfeito estilo de modernidade cultural, e enquanto herdeiro que foi de outro dos mestres desta geração como o foi Alexandre Herculano. Em pleno romantismo, Herculano acabou por deixar nos seus herdeiros culturais a marca de uma tradição trabalhada, e não transcrita. Alexandre Herculano viria revolucionar o conceito de historicismo em Portugal e, sem que tenha sido positivista, terá estabelecido as bases para que os positivistas pudessem depois sistematizar os dados recolhidos e desenvolver correctamente o seu trabalho e, impulsionador do poder local e autonómico, viria a ser um ponto contrastivo na concepção federalista e socialista dos jovens de 70. No fundo, o mestre de Vale de Lobos foi capaz de infundir nos historiadores modernos o seu interesse e devoção pelo conhecimento, levando-os a repensarem a história lendo e reinterpretando os velhos documentos, pelo que o seu magistério será de suma importância para este grupo de jovens que, longe de aceitarem a cultura como um processo de transmissão de conhecimentos, o que pretendem é interpretar o passado para melhor compreenderem o presente e, posteriormente, actuarem em pró da construção de um futuro mais esclarecido e esclarecedor: herdar a lição de Herculano, não significa repetir o seu pensamento, mas apenas inspirar-se nele para criar ideias novas e progressistas

Quanto a Antero, ficará conhecido, sobretudo, como o autor de *Sonetos* que, numa atitude perfeitamente cavaleiresca, um dia se enfrentou com um inimigo literário, o velho mestre Castilho, na famosa Questão Coimbrã, como se de uma superação edípiana se

---

<sup>39</sup> Apud Angel Marcos de Dios, *Escritos de Unamuno Sobre Portugal*, Fundação. Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português., Paris, 1985, p.123

tratasse. Mas hoje seria impossível entender a modernidade da poesia portuguesa sem nos determos nesse livro de poemas que esteve na origem dessa contenda, *Odes Modernas*, e que constitui um autêntico grito na escuridão cultural coimbrã e, por extensão, nacional. Paralelamente, de Antero, para além da sua sensibilidade lírica, ficou-nos o seu legado como agente empenhado na construção de um novo rumo para Portugal e que poderemos conhecer através dos seus escritos de teor filosófico e de intervenção, que podem chegar a ser vistos como panfletários, tanto em prosa como em verso, mas também pelo magistério que instaurou, de uma forma algo sigilosa, tanto em Portugal como no estrangeiro, e muito particularmente em Espanha.

#### 1.4 – AO ENCONTRO DE UMA NOVA GEOGRAFIA CULTURAL

Consciencializados por um desejo de síntese, esta geração desperta para a necessidade do estabelecimento de um diálogo que procura agora um interlocutor que ultrapasse as fronteiras da cultura francesa, e que tinha já sido iniciado pelos primeiros românticos. Assumida já a importância magistral de Herculano, e reconhecendo que com ele o então jovem Antero de Quental aprendera a entender a história com verdadeiro espírito crítico, não podemos ignorar o fascínio que provava ao ouvir recitar a *Harpa do Crente*, sendo através da sua poesia, mas também dos seus romances históricos, que beberá essa linha nórdica recuperada por Herculano.

A par do autor de *Eurico o Presbítero*, que marcara um ponto importante nessa linha de modernidade romântica, não devemos descuidar o papel de Almeida Garrett. Estes dois autores são apenas dois dos exemplos mais canónicos de como, graças ao facto de terem estado fora de Portugal, quer pela sua condição de exilados, quer pelos cargos que exerceram, foi possível trazer até Portugal, ainda que com muito esforço, esse ambiente que se respirava pela Europa, abrindo assim a porta à entrada de ideias e estilos que, em vez de reproduzidos ou copiados, eram agora assimilados e adaptados à nossa própria identidade cultural, recuperando outras influências e outros substratos históricos que faziam parte da nossa herança civilizacional, mesmo que seja necessário viajar a épocas prévias à reconquista.

Antero muito deverá a um Garrett empenhado pela arte e que recolhe a voz popular para a recuperar e com ele aprendeu também a intervir perante a situação político-social de Portugal. Aludimos já a *Viagens na Minha Terra*, mas para obtermos o preâmbulo de uma inquietação

que atingirá o autor açoriano devemos referir ainda *Portugal na Balança da Europa*, que nasce como fruto dessa consciência de cidadania ao levar a cabo uma profunda análise sobre o papel de Portugal na Europa, e no mundo, posto que não esquece a importância da revolução americana, e ainda *Da Educação*, de matriz bastante rousseauiana (ou não fosse Garrett um dos máximos responsáveis pela introdução em Portugal da filosofia do pensador francês). Empreendamos ainda a tarefa de recuar até aos inícios do romantismo e constataremos, com meio século de distância relativamente a Garrett e a Herculano, a presença de Alcipe, conhecida como Marquesa de Alorna, que desenvolveu um papel pedagógico tão importante para o Romantismo ao ser a portadora dessa nova vertente nórdica que trouxera para Portugal os germens do *Sturm und drang*, na linha de uma Mme de Stael. Com ela não só se abriram como também se sedimentaram os caminhos que os nossos exilados em breve iriam trilhar, e que logo se converterão em caminhos de toda a modernidade literária, pena foi que durante anos tivessem sido completamente ignorados. O próprio Eça de Queiroz não poderá deixar de confessar que: *como eu, e toda a minha geração (excepto espíritos superiores, como Antero de Quental ou Oliveira Martins) nos tínhamos tornado fatalmente franceses* <sup>40</sup>. Perante esta perspectiva redutora, Antero irá empreender com determinação o trabalho de recuperar e assimilar essa vertente nórdica.

À semelhança do autor de Vale de Lobos, também Antero aprenderá Inglês, ainda em criança, em Ponta Delgada e mais tarde desenvolverá os seus conhecimentos de outros idiomas como o francês, o espanhol, o italiano e, já mais tarde, o alemão, este último aprendera-o durante a sua estadia em Nova York quando, conforme as palavras de António Arroyo, *já por falta de dinheiro, já por falta de forças, deixou de visitar Nova York, onde pouco viu. Resignado, ficava a bordo, todo*

---

<sup>40</sup> Eça de Queiroz, “O Francesismo” in *Últimas Páginas (Manuscritos inéditos)*, Lello & Irmão, Porto, s.d., p 398.

*entregue ao alemão*<sup>41</sup>. Esta abertura em relação a outras línguas será um passaporte para outras culturas e para outras fontes formativas porque graças a elas poderá ler no original a maioria dos autores que marcariam o rumo da moderna cultura europeia, para além de lhe ter permitido traduzir autores que, até então, permaneciam inéditos em língua portuguesa, como foi o caso de Edgar Allan Poe<sup>42</sup>. Por outro lado, o autor insular foi um grande aventureiro e, sem ter podido traçar os trajectos de Eça Queiroz, nem ter tido a possibilidade de usufruir de viagens diplomáticas, conheceu França, América, e até ponderou viver em Espanha, em Madrid, o que não chegou a concretizar. Tendo em conta as circunstâncias da época, uma viagem não podia ser algo circunstancial, pelo que as viagens de Antero se transformavam sempre em experiências vitais. Neste sentido, aquando da sua estadia nos Estados Unidos, de Julho a Novembro de 1869, interessar-se-á muito particularmente sobre a situação do operariado, para além de aprofundar algumas das suas perspectivas sobre o federalismo, temas que lhe interessavam especialmente naquele momento.

Neste processo cultural, para além do enriquecimento civilizacional, Antero desenvolve uma consciência muito particular relativamente ao papel de Portugal nesse caminho de modernidade, o qual exige o abandono de uma posição periférica para recuperar uma unidade natural junto a Espanha. Mas esta condição a que chamamos periférica não será mais que o esgotamento dessa condição a que já aqui

---

<sup>41</sup> António Arroyo, *A Viagem de Antero de Quental Á America do Norte*, ed. Fac-similada, Estante editora, S.L. 1992, p.43.

<sup>42</sup> Antero foi o primeiro tradutor de Poe para português com o conto *A Entrevista*, tradução do conto inglês de "The Assignment" dos *Tales of Mystery, Imagination and Humor* e que foi publicado pelo jornal *Século XIX*, de Parnafiel nas edições de 10, 14, 21 e 23 de Dezembro de 1864. Mas como o documenta Ana Maria Almeida Martins esta tradução não foi feita a partir do inglês, mas sim do francês, e não porque Antero não dominasse suficientemente a língua inglesa, mas antes por dispor de um exemplar em francês, mais concretamente, da edição de William L. Hughes. (Vide: Poe, Edgar Allan Poe, *A Entrevista*. Trad. De Antero de Quental, introd. e notas de Ana Maria Almeida Martins. Difel, Lisboa, 1993)



aludimos e que foi precisamente a nossa condição de reino dos Mares. Durante essa era, e sempre a par de Espanha, o mar tornou-se na nossa via privilegiada de expansão, de desenvolvimento e de auto-afirmação perante o mundo. Obviando as penas e o sofrimento foi-se construindo uma relação que se tornaria absolutamente vital e que nos alimentaria o corpo e a alma, pelo que o mar tem sido ao longo dos tempos a verdadeira seiva da nossa cultura e da nossa identidade. Já na literatura galaico-portuguesa o mar é mais que um cenário, e transforma-se no confidente dos dramas íntimos das moças enamoradas, sendo com as descobertas que Portugal e o mar assumem uma relação de simbiose perfeita porque, se é verdade que esse mar nos traz sofrimentos, esforços e partidas, também é verdade que é ele que nos consente a fama e a glória, tal como o captou magistralmente a sensibilidade Pessoa : *Deus ao mar o perigo e o abismo deu / Mas nele é que espelhou o céu.*<sup>43</sup>

Se por um lado essa cultura foi traçada em simultâneo com Espanha, e principalmente com o Reino de Castela, devido a factores históricos, políticos e económicos, por outro lado Portugal foi desenvolvendo um perfil essencialmente litoral e muito pouco continental; definindo-se como um país que nasceu no interior, mas que dele se foi escapando em direcção ao mar, em busca de um horizonte que só o oceano lhe podia proporcionar.

A história de Portugal tem alimentado a construção de um perfil esfíngico, o do olhar inscrito no rosto da velha dama europeia, enquanto foi descuidando o corpo a que pertence esse rosto<sup>44</sup>. A nação

---

<sup>43</sup> Fernando Pessoa “Mar Português”, *Mensagem*, Ática ed., Lisboa, 1987, p.70

<sup>44</sup> Obviamente que aproveitámos o ensejo para nos imiscuirmos no diálogo já estabelecido entre os versos de Pessoa (O Dos Castelos” in *Mensagem*, p.21) e a gravura de Almada Negreiros [vide anexo Doc.2]:

foi-se consolidando entre um estado de permanente vigia perante os dois perigos que a ameaçavam: o inimigo infiele a ameaça do poder de Castela e o Atlântico tornou-se no seu verdadeiro espaço vital porque só ele permitiria fortalecer a nossa identidade e continuar a crescer, à custa da conquista desses territórios ultramarinos que tínhamos conquistado pelo mundo fora, depois de muito mar navegar. Espanha, graças a uma circunstância geográfica distinta, e sem abdicar da sua plataforma ultramarina, permanecerá bastante mais atenta ao que se passa Europa fora. No entanto, pelo facto de essa atenção se orientar de Sul para Norte, as duas nações peninsulares adoptarão orientações opostas, adensando-se assim a condição periférica de Portugal.

Graças a esta conjuntura Portugal acabou por desenvolver muito mais o seu, litoral com uma densidade populacional muito mais acentuada, em detrimento do interior, o que viria a provocar grandes contrastes entre a faixa exterior e a interior, e estes viriam a ser responsáveis pela projecção de uma imagem periférica de Portugal, visto como uma plataforma em que o movimento natural se verifica em direcção ao mar, e de costas para a terra. A procura de um equilíbrio entre esses dois contextos a que pertencemos (atlântico e europeu) tem estado a cargo dos hoemns de cultura que ao longo dos últimos séculos têm procurado no diálogo com a Europa a forma de escapar a esse isolamento a que Portugal se tem visto confinado, mas sem renunciarem a um perfil identitário próprio e genuíno, porque esta é a

---

A Europa jaz, posta nos cotovelos:  
De oriente a Ocidente jaz, fitando,  
(...)  
Fita com olhar 'sfíngico e fatal,  
O Ocidente, futuro do passado  
.O rosto com que fita é Portugal.

eterna fonte de inspiração e incentivo humnista que motiva estes homens.

Partindo do primado de que a literatura portuguesa soube crescer e enriquecer-se a partir da diversidade, evitamos perspectivas que nos levem a contemplar a existência de uma literatura propriamente insular ou continental. Contudo, essa postura não é incompatível com a possibilidade, e a conveniência, de considerar a importância desse filão insular que tanto tem contribuído para a configuração de uma imagem identitária de Portugal.

Guiados pela obra de alguns autores insulares como Antero de Quental, Natália Correia Vitorino Nemésio, Herberto Helder, ou João de Melo constatamos que esse perfil insular não se opõe a uma configuração de Portugal como um todo uniforme, mas reforça a configuração dessa mesma coesão, alimentada por uma riqueza que só a pluralidade e a diversidade são capazes de conseguir. Através dessa breve mostra, podemos afirmar que é que a sensibilidade insular pode servir para a promoção de um reencontro de vozes em que emergem cumplicidades de aquém e além-mar, assim como para a configuração de uma realidade nova e bastante promissora, caso se saiba encontrar um ponto de equilíbrio e de entendimento com um tempo e um espaço universais, em vez de se enveredar por uma atitude que se poderia traduzir no tão pletórico *orgulhosamente sós*<sup>45</sup>.

---

<sup>45</sup> Expressão proferida por Oliveira Salazar a 18 de Fevereiro de 1965, a propósito do seu empenho em manter a luta em África, contra todos os pareceres internacionais, e que acabaria por definir a situação em que Portugal se encontrava no mundo.

Será a partir desta perspectiva que acabaremos por estabelecer uma analogia entre a insularidade e o periférico para ir de encontro à possibilidade de encarar Portugal, no seu todo, como uma ilha mais de um vasto arquipélago que se expandiu por quatro continentes, tal como o aponta Eduardo Lourenço:

Na extrema Europa, e a braços com o inimigo muçulmano, por mais estranho que pareça, o Portugal medieval foi “mais europeu” e sobretudo “menos ilha” do que o será e se sentirá depois. Ilha simbólica, entenda-se, mas é isso que importa.<sup>46</sup>

Antero de Quental entendia como poucos esse simbolismo insular e por isso mesmo escrevia desde Coimbra à sua mãe: *Nós os ilhéus somos como os Corsos; nada há que nos esqueça – o bom e o mau*,<sup>47</sup>. Posteriormente desenvolverá este sentimento no seguinte soneto:

Terra do exílio! Aqui também as flores  
Têm perfume e matiz; também vicejam  
Rosas no prado, e pelo prado adejam  
Zéfiros brandos suspirando amores:

Também cá tem a terra seus primores;  
Pelos vales as fontes rumorejam;  
Tem as moitas seus sopros, que bafejam,  
E o céu tem sua luz e seus ardores.

Em toda a natureza há amor e cantos,  
Em toda a natureza Deus se encerra...  
E contudo esta é a causa de meus prantos!

Eu sou bem como a flor que não descerra

---

<sup>46</sup> Eduardo Lourenço, *Portugal como Destino Seguido de Mitologia da Saudade*, 2ª ed., Gradiva, Lisboa, 1999, p.15.

<sup>47</sup> Antero de Quental, *Cartas, I [1852]-1881*. Org., intr. e notas de Ana Maria Almeida Martins, Ed. Comunicação- Univ. dos Açores, Lisboa-Ponta Delgada 1989, p.18.

Em clima alheio. Que importam teus encantos?  
Não és, terra do exílio, a minha terra.

Ao longo da sua vida, seja enquanto insular real, enquanto açoriano, seja como insular figurativo, dessa ilha que é Portugal, será graças à memória, a guardiã daquilo que se conhece e reconhece como próprio, que o poeta poderá encontrar uma identidade única. Será pela sua condição de viandante que alcançará o conhecimento e que adquirirá a certeza de que a sua ilha sempre estará à sua espera para que se possa recompor das tribulações da viagem. Contudo, o viajante sabe que transporta consigo uma sensação de falta e de *exílio*, a que chamamos Saudade e, tal como o expressam os versos do poeta insular, é necessário compreender que a Saudade provocada pelas partidas e pelas ausências, numa linha pessoana, jamais poderá ser encarada desde uma perspectiva passiva ou contemplativa. Se é verdade que o viajante se alimenta dessa força que o prende às origens, também é verdade que só regressa porque cumpriu o seu destino porque, como viajante, precisa de conhecer, criar, deixar constância da sua passagem e adquirir novas experiências que o acompanharão no regresso. Mas este caminho exige esforço, vontade e determinação, aliada a um constante espírito de curiosidade

A geração em que se insere Antero de Quental irá constatar que o destino de Portugal exige repensar a rota da viagem e, como se de uma viagem iniciática se tratasse, os homens de pensamento e de acção, ao mesmo tempo que se alimentam dessa *Saudade dinâmica* que lhes permitirá forjar uma identidade própria, irão adquirindo uma maior consciencialização sobre o nosso lugar no mundo. Como mentor da geração de 70, e como se encarnasse ele próprio o destino pátrio, Antero sentirá a necessidade de sair da sua ilha para se formar numa cidade em que as ideias brotavam e fluíam ao sabor dos ímpetos

estudantis, e aí aprenderá a reconhecer a necessidade, mas também a importância, do regresso e do reencontro. Também Portugal, reconhecendo a sua especificidade, a sua insularidade, terá que sentir essa necessidade de se reencontrar com a velha Europa através de uma profunda revolução cultural, a qual nos irá permitir interpretar, e não só traduzir, os novos tempos, sendo a primeira etapa a reconstrução de uma imagem peninsular. Pela primeira vez, temos uma imagem de Portugal obtida desde fora, e não desde dentro, como até então se vinha fazendo. Quando Antero assume o desafio de trabalhar para colocar Portugal no caminho da modernidade, é perfeitamente consciente da necessidade de contrariar essa postura de costas voltadas para a Europa, o que conseguirá a partir do encontro com essa cultura europeia em que formava o seu pensamento, mas também pela adopção de atitudes que vão de encontro a esse espírito inquieto, o que o leva a cruzar continentes e a viver na sua própria pele a experiência de ser um operário, ou de contactar directamente com outras sociedades, de que apenas tinha notícias pelos livros ou pelos relatos, muitas vezes em terceira pessoa.

## **I.5 – ANTERO DE QUENTAL: UM EXEMPLO DE MODERNIDADE**

Beneficiando de uma perspetivação histórica, consideramos que no âmbito da cultura portuguesa, a Geração de 70 é muito mais que esse grupo de amigos que partilharam de um certo espírito epocal, ainda que, como vimos, este não possa ser ignorado em nenhum momento, mas pela sua acuidade crítica e construtiva deveríamos repensar esta geração como um grupo de indivíduos em cujas vivências identificamos muitos dos problemas actuais; os ângulos de visão em que agora nos situamos poderão divergir, mas a imagem de fundo identifica-se com a realidade destes nossos tempos presentes. Poderíamos, inclusive, afirmar que esta geração, de tão voluntariosa e interventiva, acabará por adquirir um perfil visionário que irá de encontro a uma necessária tomada de consciência por parte da nação, a qual implica o despertar dessa modorra em que o país se encontrava, acabando por insinuar já o caminho que viriam depois a redefinir vultos como Teixeira de Pascoais ou Fernando Pessoa.

Ainda que as medidas decisivas que se tenham que tomar sejam dolorosas, Antero porá em evidência essa necessidade de revalorização das nossas capacidades para que nos possamos afirmar perante a Europa, sendo a instrução e a cultura, em geral, a nossa mais-valia, numa verdadeira interpretação do Império Cultural que defenderá mais tarde Fernando Pessoa.

De acordo com as opiniões dos homens que se agregaram em torno de Antero de Quental, até então, Portugal consumira as suas energias vitais em tentar afirmar-se como igual aos outros, descuidando o mais importante, e que era precisamente a descoberta da essência e da especificidade inerentes a uma identidade genuína porque só depois de

nos conhecermos nos poderemos afirmar perante os demais, caso contrário apenas conseguiremos ser cópias ridículas e ridicularizadas pelos outros. E ninguém melhor que Eça de Queirós para nos desenhar o retrato de Portugal, através da sua pena irónica mas incisiva:

Achou-se de repente nu; e como não tinha já o carácter, a força, o génio, para de si mesmo tirar uma nova civilização, feita ao seu feitio, e ao seu corpo, embrulhou-se à pressa numa civilização já feita, comprada num armazém, que lhe fica mal, e lhe não serve nas mangas.<sup>48</sup>

Gostaríamos de fazer aqui um parêntesis, porque é evidente que esta crítica que Eça de Queiroz aqui faz é justamente o resultado da lição bem aprendida dos primeiros românticos e, em particular, do grande mestre da modernidade literária portuguesa, Almeida Garrett. Quando lemos estas palavras queirosianas vêm-nos imediatamente à memória essas sérias advertências lançadas por Garrett ao seu “caro leitor” relativamente à *nova* literatura que lhes era dada pela mão de muitos escritores, mas não *moderna*, posto que não era senão o fruto de uma adaptação grosseira dos moldes europeus, sem que houvesse a mínima preocupação com uma identidade distinta e única e, consequentemente, genuína.

Sim, leitor benévolo, e por esta ocasião te vou explicar como nós hoje em dia fazemos a nossa literatura. Já me não importa guardar segredo, depois desta desgraça não me importa já nada. Saberás pois, ó leitor, como nós outros fazemos o que te fazemos ler.

Trata-se de um romance, de um drama — cuidas que vamos estudar a história, a natureza, os monumentos, as pinturas, os sepulcros, os edifícios, as memórias da época? Não seja pateta, senhor leitor, nem cuide que nós o somos. Desenhar caracteres e situações do vivo da natureza, colori-los das cores verdadeiras da história... isso é trabalho difícil, longo, delicado, exige um

---

<sup>48</sup> Eça de Queiroz, “*O Francesismo*”, *Últimas Páginas (Manuscritos inéditos)*, Lello & Irmão, Porto, s.d., p.401



estudo, um talento, e sobretudo tacto! Não senhor: a coisa faz-se muito mais facilmente.<sup>49</sup>

A crítica actualizada agora pela geração de 70 assenta no facto de durante anos Portugal ter desfilado pela passarela cultural com esse traje completamente desfasado, do mesmo modo que alguns dos primeiros românticos insistiram em adoptar como seus esses “caracteres e situações” importados. Essa procura de um *fato à medida*, cujos alfaiates serão os homens de 70, não poderá supor em nenhum momento uma atitude de elitismo ou vaidade exibicionista já que, pelo contrário, dever-se-á aproveitar essa reflexão para aprender a conhecer o corpo que temos. Só depois de empreendermos um processo de auto-conhecimento, poderemos então confeccionar o fato que melhor nos assenta, sem que nos deixemos levar por figurinos impostos. Este trabalho de indagação levar-nos-á a pensar em como devemos evoluir para que um dia também nós possamos ver reconhecido o nosso valor porque o importante é lutar pela autenticidade da cultura portuguesa, e não por uma cultura que se possa construir em Portugal à semelhança da que se faz em França, Inglaterra, Itália, etc. Este foi, sem dúvida, um dos problemas mais importantes que desafiaram estes espíritos atormentados durante a segunda metade do século XIX, desafio esse que foi herdado pelas várias gerações e grupos que lhes sucederam sendo ainda o que, inevitavelmente, lhes confere a sua constante actualidade cultural.

Embora muitas vezes, a nível da história e da crítica literária se fale de influências, ou de marcas, cremos que este trabalho vai de encontro a esse conceito de dinamismo que a modernidade exige e que o Séc. XIX soube empreender para que o progresso se pudesse instalar.

---

<sup>49</sup> Almeida Garrett, *Viagens Na Minha Terra*, Porto Editora, Porto, p. 22.

Como testemunho de uma constante reactualização do pensamento desta geração surge precisamente Eduardo Lourenço, quem apontará que o carácter inovador e progressista desta geração todavia persiste, não tanto pelos temas que aportaram ao nosso desenvolvimento cultural, fruto de um árduo e consciente trabalho e dedicação à cultura de um povo e de um país, mas antes pela forma como conseguiram focar a objectiva que apontaram para a realidade que pretendiam captar e transmitir. Será precisamente esta habilidade o que confere a estes homens um estatuto de exemplaridade por terem sido capazes não só de inovar, mas também de contrariar e sortear os pareceres e métodos que teimavam em persistir ao longo de todo o século XIX, e que perdurarão mesmo pelo século XX e XXI, tanto a nível das ideias como da estética. Citando o mestre do século XX:

Antero assume a pose do profeta da revolução, melhor, do seu apóstolo, perfeitamente consciente do quixotismo radical do passado nacional que representa.<sup>50</sup>

Esta exemplaridade virá ainda ao encontro de um conceito de modernidade que implica não só uma função estética mas, sobretudo, ética, como o explica Perfecto Cuadrado fernández:

Correspondió al poeta, durante el siglo XIX, descubrir y explorar el sentido de la Modernidad e intentar traducirlo estética y éticamente. Surge ahí el concepto de “poesía moderna” y la nueva figura del “poeta moderno” que se siente incumbido de un “destino” o una “una misión” de carácter imperativo que lo convierten en un nuevo mesías, profeta y redentor.<sup>51</sup>

---

<sup>50</sup> Eduardo Lourenço, *Portugal Como Destino seguido de Mitologia da Saudade*, 2ª ed., Gradiva, Lisboa, 1999, p.40

<sup>51</sup> Perfecto Cuadrado Fernández, *Modernidad y Vanguardia en la Poesía Portuguesa Contemporánea – Perspectiva Histórica del Surrealismo Portugués*, Vol. I. Tomo I, Tesis presentada para la obtención del Grado de Doctor, UIB, Palma de Mallorca, 1985, p.50

Antero soube compreender, como poucos, essa missão e será a partir dessa dupla consciência que reclamaremos um protagonismo anteriano: não apenas como poeta, ou filósofo, mas antes como um homem completamente empenhado com o seu tempo e dotado de um profundo humanismo.

## I.6 - O PROTAGONISMO ANTERIANO

Transplantado da sua terra insular para o continente, Antero chega a Lisboa com apenas dez anos, já sensibilizado por uma cultura e predisposto para uma conduta social, será a partir do momento que ingressa no ambiente coimbrão que a sua formação se enriquece, não tanto no plano académico, mas antes pela vida em parceria com os seus colegas, nesse verdadeiro sentido de *geração*. Apesar do seu carácter, e beneficiando-se de uma série de leituras caóticas e de uma imaginação ardente, Antero reconhecerá que:

O facto importante da minha vida durante aqueles anos, e provavelmente o mais decisivo dela, foi a espécie de revolução intelectual e moral que em mim se deu, ao sair, pobre criança arrancada do viver quase patriarcal de uma província remota e imersa no seu plácido sono histórico, para o meio da irrespeitosa agitação intelectual de um centro, onde mais ou menos vinham repercutir-se as encontradas correntes do espírito moderno.<sup>52</sup>

De acordo com o que já esboçámos anteriormente, graças a esta imaginação, aliada a um engenho extremo, e sem se deixar embalar por um exacerbado lirismo bucólico que ainda pairava por alguma lírica epocal, da sua pena sairão alguns dos poemas mais elevados da lírica portuguesa, sobretudo em forma de soneto. A par de belos poemas, encontramos ainda as melhores páginas de intervenção, bem como de testemunho ideológico e cultural. O autor insular começa a publicar desde muito jovem e em distintos órgãos<sup>53</sup>, envolvendo-se

---

<sup>52</sup> Antero de Quental, *Obras Completas, Cartas, II 1881-1891*. Org., intr. e notas de Ana Maria Almeida Martins, Ed. Comunicação- Univ. dos Açores, Lisboa-Ponta Delgada 1989, p.839.

<sup>53</sup> Embora Antero diga na carta a Wilhelm Storck que o seu primeiro folheto publicado é de 1864 (*Defesa da Carta Encíclica de S.S. Pio IX contra a chamada opinião liberal*), as primeiras notícias que temos de publicações suas datam de 1859, tendo-se estreado em *Prelúdios Literários* com duas poesias cujos títulos nos dão uma ideia da evolução que o autor viria a

desde cedo em polémicas e conflitos tidos como estudantis, mas que não eram senão a expressão de uma personalidade sincera e desejosa de se revelar e de se comprometer com o destino da sua sociedade. Desenvolvendo esse seu espírito contestatário e inconformista, Antero apercebe-se de que *a arte pela arte* já não tem qualquer sentido porque, bem pelo contrário, a arte deverá agora integrar-se numa realidade concreta e um poeta deve *ser* e *sentir*, assumindo sempre tudo o que isso implique para, a partir dela alcançar a perfeição, mas também o bem. Em 1860<sup>54</sup> Antero, em *A Propósito de um Poeta*, rebelando-se contra uma poesia classicista, dominada por um conceito de *mimesis* já totalmente desfasado, afirma:

Poetas, sombras de outros poetas, há muitos: poetas de frases, de imagens estudadas, de regras de arte longamente meditadas, mas frios e vãos como as suas palavras ocas e retumbantes, há-os sem conto: poetas de fantasia arrebatada, quando em frente dum assunto, sem vida em tudo o mais, acendendo a imaginação ao começar da obra, como que pondo-a de parte terminada esta, há-os ainda: mas poeta porque se fez, cantando porque é uma necessidade (*escrever, porque é preciso*, dizia Chatterton) crendo na poesia como sacerdócio, não como ofício, esquecendo modelos para só escutar o que o coração lhe dita; poeta da verdade, da natureza, esse mais raro é. Corre é certo, o risco de não atrair as turbas, que a princípio não entendem; de o censurarem os críticos do dia; mas tem por si o futuro, a prosperidade, que lhe há-de fazer justiça, que o há-de amar, se pela sua boca tiver falado a voz da natureza.<sup>55</sup>

Este parágrafo, apesar de extenso, resume bem a atitude de Antero perante a arte, sintetizando o contexto da poesia de então através de uma expressiva gradação. Os tempos mudaram, a realidade é outra,

---

realizar: *Quero-te Muito*, publicado em Abril, e *A Rosa e a Borboleta*, em Junho. Nesse ano, e na mesma publicação periódica, estreia-se também na prosa, em Outubro com um texto intitulado *A Educação das Mulheres*.

<sup>54</sup> Embora esteja assinado em 1860, este texto, onde o autor põe de manifesto a sua admiração pelo trabalho poético de João de Deus, foi publicado em 1861 em *Fósforo*.

<sup>55</sup> Antero de Quental, “Leituras Populares”, *Prosas de Época de Coimbra*, 2ª ed. Clássicos Sá da Costa, Lisboa, 1982, p.90

mas a arte continua a ser devorada por aqueles que não a sabem entender, logo, muitos acabarão por ver afectada a sua função de poeta. Sim, porque o ser poeta não deve ser reduzido a um lirismo exacerbado, apoiado por construções ocas e vazias, aprendidas em velhos manuais de retórica; agora ser poeta é cumprir uma missão, um *sacerdócio* e, como tal, deduzimos que esta é tarefa de apenas alguns eleitos, os chamados a essa dura tarefa de *cantar* a verdade, e não de todos. Antero sabe também que o caminho não está isento de riscos, e o primeiro deles prende-se precisamente com essa missão que lhe cabe levar a cabo por ser poeta numa sociedade tão pouco habituada a esta nova forma de representação da *natureza*, a esta outra forma de *mimesis*, porque sabe que nem sempre será compreendido por aqueles a quem deseja interpelar. Apesar de todo este panorama, nenhum dos que se sintam eleitos deverá desistir, porque um dia virá quem o entenda e lhe confira a sua glória. E, parece-nos isto fundamental, Antero não pretendia em caso algum impor pontos de vista ou ideias já que, antes pelo contrário, pretendia apenas que estas fossem ouvidas e discutidas, esclarecidas, porque só assim poderiam vir a ser assimiladas e definitivamente aceites para poderem integrar uma consciência que, unida à razão, permita alcançar um ideal de liberdade

Seguindo esta mesma linha de orientação, Antero definir-se-á, efectivamente, pela sua valentia e compromisso perante as causas que sempre defendeu. Ao saírem publicadas as suas *Odes Modernas* Antero enviava um exemplar a António de Azevedo Castelo Branco acompanhadas pelas seguintes palavras: *Estão aí muitos dos nossos antigos sonhos. Tanta coisa desfeita! É triste: mas entre tantas ilusões não há uma única que não fosse honrosa. Isto deve consolar.*<sup>56</sup>. Esta afirmação dá-nos uma ideia muito precisa a propósito dos valores éticos pelos quais se pretendia reger. Apesar das desilusões sempre

---

<sup>56</sup> Antero de Quental, *Obras Completas, Cartas, II 1881-1891*. Org., intr. e notas de Ana Maria Almeida Martins, Ed. Comunicação- Univ. dos Açores, Lisboa-Ponta Delgada 1989, p.46

ficará o consolo de se ter tomado uma decisão firme sobre o caminho a seguir, traçado a partir dos valores mais básicos que ele e a sua geração defendiam como sendo o caminho certo da Arte, tendo sempre como preocupação esse intuito progressista e liberal que pretendiam transmitir à sociedade em que viviam.

Contudo, a mensagem não foi bem recebida por todos. Em 1865, quando escreve o posfácio para *O Poema da Mocidade* de Pinheiro Chagas, o velho mestre António Feliciano de Castilho aproveita para repreender o comportamento literário da nova geração de estudantes conimbricenses. Castilho, em forma de carta, queixa-se do exibicionismo e da ousadia desses jovens que os leva a afastarem-se dos preceitos da poesia, acusando-os então da falta de *Bom Senso e Bom Gosto*. Essa repreensão, embora aludisse também a Teófilo Braga e a Vieira de Castro (que Castilho até apreciava) ia essencialmente dirigida a Antero de Quental e às suas recém-publicadas *Odes Modernas*, pelo que o jovem lhe responde com uma veemente *Carta ao Excelentíssimo Senhor António Feliciano de Castilho*, publicada em folheto, e onde o acusa de desencadear uma guerra imoral e mesquinha em que, sob o estandarte de um romantismo caduco, ataca *a independência do pensamento, a liberdade dos espíritos*<sup>57</sup> com a agravante de que isso é não só *ofender o que há de mais novo nos indivíduos, mas é ainda levantar mão roubadoura contra o património sagrado da humanidade - o futuro*<sup>58</sup>. Para Antero, na nova literatura o novo poeta deve assumir o seu apostolado de forma consciente e livre e evitar o elogio mútuo em que o velho academismo tinha caído.

(...)

Vós, Poetas, vós sois também sibilas,  
Que adivinhais e andais com voz fremente

---

<sup>57</sup> Antero de Quental, “Leituras Populares”, *Prosas de Época de Coimbra*, 2ª ed. Clássicos Sá da Costa, Lisboa, 1982, pp 284-5

<sup>58</sup> Idem, p. 285

Sempre a gritar – avante! Avante! À gente,  
Por cidades, por montes e por vilas

Vós sois os pregadores do Ideal,  
Que lançais a palavra aos quatro ventos  
(...)<sup>59</sup>

Ora, à resposta de Antero segue-se a de Teófilo Braga com o folheto *Teocracias Literárias*, em que acusa o velho professor de se valer da sua cegueira para fortalecer o seu protagonismo, e uma segunda de Antero, intitulada *A Dignidade das Letras e As Letras Oficiais*. Neste segundo folheto Antero reforça a sua mensagem anterior e apela à necessidade de se criar essa nova literatura mais de acordo com os tempos, no entanto acabará também ele por alimentar uma discussão que se centrará em torno dos ataques irreverentes por parte dos jovens estudantes para com Castilho ao invocar a cegueira do velho professor. Esta situação provoca a reacção de Ramalho Ortigão que em *Literatura Hoje* critica a atitude nada ética dos jovens, acabando por se desencadear o célebre duelo com Antero. Na verdade, o que estava em causa eram as formas irreverentes usadas que acabariam por ofuscar a verdadeira razão que assistiria ao nascimento da polémica.

Cremos contudo que apesar de toda a intenção posta no folheto que viria a estar na origem da polémica com o velho professor Castilho, o jovem poeta nunca pensou que este o levasse a empunhar a espada contra a velha tradição, em nome da modernidade que irromperia desta nova geração de Coimbra, mas também a entrar no campo da lenda, pois Antero acabaria por ficar para sempre ligado à *Questão Coimbrã* como o vencedor da contenda, tendo sido merecedor de elogios mas também de comentários menos nobres, numa metáfora das várias batalhas que iria ter que enfrentar ao longo da sua vida. Com este folheto Antero deu a voz por uma geração que repudiava o

---

<sup>59</sup> Antero de Quental, *Poesia Completa 1842-1891*, Org. e Pref. De Fernando Pinto do Amaral, Dom Quixote, Lisboa, 2001, p.371



academismo e o positivismo de toda uma geração de homens, representada por Castilho. Aqueles que tinham sido os seus mentores não sabiam compreender a evolução deste grupo de jovens irreverentes, cujo objectivo era o de abalar as ordens sociais preestabelecidas pelo que este episódio iria contribuir para enfatizar os propósitos de alguém que tinha decidido empenhar-se por uma missão real, concreta, e não apenas lírica ou emblemática, como ele próprio reconhecerá em 1887 a Wilhelm Storck:

Havia na mocidade uma grande fermentação intelectual, confusa, desordenada, mas fecunda: Castilho que a não compreendia, julgou poder suprimi-la com processos de velho pedagogo.<sup>60</sup>

O protagonismo Anteriano no cenário geracional coimbrão viria a ser corroborado pelos testemunhos dos vários elementos que conformam a chamada Geração de 70, para além de ter merecido posteriormente por parte daqueles que sobre ele se detêm o reconhecimento do seu valor, e não apenas no panorama literário (lírico) mas, fundamentalmente, no cultural e filosófico. Prova desse protagonismo será também o facto de Antero, em plena época de euforia socialista, se ter empenhado na elaboração desse Programa para os *Trabalhos da Geração Nova (1871-1875)*<sup>61</sup> e cuja eminente publicação chegou a ser anunciada por *A República*, a 12 de Maio de 1875, mas que o próprio Antero de Quental se encarregou de destruir, pelo que dele apenas nos

---

<sup>60</sup> Antero de Quental, *Cartas, II 1881-1891*. Org., intr. e notas de Ana Maria Almeida Martins, Ed. Comunicação- Univ. dos Açores, Lisboa-Ponta Delgada 1989, p.835.

<sup>61</sup> A propósito deste tema, para além das pertinentes referências feitas por Joaquim de Carvalho, ou pelo próprio António Sérgio, sem dúvida que temos que referir o trabalho desenvolvido por Joel Serrão. Esse livro intitulado *Antero e a Ruína do seu Programa (1871-1875)* é hoje uma referência iniludível, e que se complementa com o prefácio feito pelo próprio autor ao volume das *Obras Completas de Antero de Quental*, intitulado *Filosofia* (Universidade dos Açores /Editorial Comunicação, Lisboa, 1990)

resta algum esboço, feito a partir dos comentários feitos pelo autor a propósito do mesmo ao longo da sua correspondência.

Contudo, e tal como já o adiantámos, o papel do autor açoriano tem-se vindo a tornar cada vez mais periférico no que ao panorama oficial das letras portuguesas se refere, sobretudo a nível do ensino e da formação das novas gerações de estudantes. Num país como Portugal, em que os programas escolares<sup>62</sup> têm um peso importante na modelização dos cânones literários, Antero de Quental foi merecendo sempre um discreto papel nos cursos escolares, chegando mesmo a ser obviado em favor de outros protagonistas<sup>63</sup>.

No entanto, como já o reconhecemos, o seu legado continua a suscitar o interesse por parte dos estudiosos e críticos da cultura portuguesa reforçando assim a importância do seu estudo para a compreensão global desta época fulcral da história cultural portuguesa.

Ora, ao aludirmos aqui ao protagonismo de Antero em relação aos restantes membros da sua geração, não queremos entrar em contradição com o que apontávamos anteriormente quando referíamos que, de alguma forma, esta geração se definia por a cada um dos seus membros lhe ter sido permitido desenvolver-se num âmbito específico, o que nos permitia obter uma imagem global e poliédrica dessa época. Como exemplo, apontávamos que Eça de Queiroz se tinha destacado na prosa, Oliveira Martins na história e Antero na

---

<sup>62</sup> Muitas seriam as críticas a fazer à escolha dos textos, e não tanto dos autores, abordados ao longo do ensino secundário, mas apenas cremos apontar que nos parece mais interessante que um jovem, em plena adolescência, descubra o que, em pleno séc. XIX, Antero dizia a propósito do papel da educação da mulher, ou da crise política que Portugal *então* atravassava, do que ler um soneto de cariz pessimista.

<sup>63</sup> Tal como se pode constatar através de uma consulta dos planos curriculares Antero de Quental só consta dos planos curriculares de Literatura Portuguesa de 10 e 11º anos, e somente como poeta.

in  
<http://dge.mec.pt/ensinosecundario/index.php?s=directorio&pid=2&letra=P>

poesia ou na filosofia. Nesse sentido, e a propósito deste protagonismo que acabaria por ser atribuído a Antero, pensamos que urge reler as sempre pertinentes palavras de Eduardo Lourenço, quem afirma o seguinte:

Antero de Quental inseriu-se na genealogia filosófica mais alta – embora de sinais os mais opostos, mas o seu drama, que ultrapassa o da mera inquietação metafísica, apaixonadamente assumida, é que ele não teve *mestre*.<sup>64</sup>

Na verdade, o *protagonismo* a que aludimos centra-se num plano intelectual, e muito apesar da vontade do poeta, uma vez que ele nunca foi dado a grandes vaidades nem ostentações, bem pelo contrário, pois são vários os relatos que nos traçam o perfil de um jovem tímido e modesto, que preferia passar desapercibido. A partir de uma leitura atenta da sua obra e, fundamentalmente, das suas cartas, verificamos que se é verdade que a rebeldia estudantil de Antero se vai desvanecendo à medida que se afasta da sua juventude e se enfrenta a outras realidades que a vida lhe apresenta<sup>65</sup>, não é menos certo que essa veemência e impetuosidade se mantêm no plano intelectual e, sobretudo, na acuidade dos seus textos escritos. Talvez o episódio que melhor ilustre esta representação de Antero seja precisamente o da sua visita a Michelet, em Paris a 2 de Agosto de 1866<sup>66</sup>, fazendo-se passar por um seu representante para lhe entregar

---

<sup>64</sup> Eduardo Lourenço, *Antero ou a Noite Intacta*, Gradiva, Lisboa, 2007, p.71.

<sup>65</sup> Para a modulação desse carácter cada vez menos histriónico de Antero muito terá contribuído a sua doença, sobre a qual muito se escreveu e até especulou, pelo que não vamos entrar em mais apreciações que aquelas que nos parecem pertinentes para interpretar determinadas situações na sua obra. Não ignoraremos que Antero terá sido seriamente afectado por essa patologia, possivelmente de foro neurológico, tendo padecido tanto a nível físico como psicológico, e que terá sido determinante para o desfecho que o Autor terá escolhido para a sua vida.

<sup>66</sup> Cabe destacar que o trabalho de localização e organização de todas estas referências cronológicas se tornou bastante mais fácil a partir do excelente e criterioso trabalho de Ana Maria Almeida Martins e, Antero de Quental

as suas *Odes Modernas*. Antero de Quental, vencido pelo acanhamento, acabará por se subjugar a uma máscara que escuta os elogios por parte daquele que era um dos seus ídolos.

Ao mesmo tempo, sempre que nos referimos ao autor açoriano, surgem-nos imediatamente ecos de que caso exista uma filosofia portuguesa esta muito deve ao pensamento desenvolvido por Antero de Quental. Em nosso entender, é precisamente aqui onde o mestre Eduardo Lourenço detecta uma das razões para o verdadeiro drama de Antero, como resultado de um profundo isolamento intelectual gerado pelo facto de este não ter tido "mestre". Ora, num primeiro momento, entendemos como essa falta de um modelo, de um guia poderá ser um factor de angústia, na medida em que as dúvidas e as incertezas que surgem em qualquer processo de indagação, em vez de se tornarem num elemento de progressão e de abertura ontológica, fruto do confronto e da discussão, se poderão transformar antes num processo de involução, fechado e até mesmo destrutivo. Essa é uma perspectiva que pode transparecer quando nos deparamos com alguns capítulos da bibliografia anterioriana.

Mas convém aproveitar as palavras de Eduardo Lourenço para referir ainda que, para além do mais, talvez não seja tão fácil encontrar um ponto de equilíbrio entre elementos tão díspares como possam ser o dramatismo anteriano e a ironia queirosiana e, possivelmente, aquilo a que normalmente chamamos complementaridade possa ser ainda um elemento dissonante na evolução ontológica de Antero, e não forçosamente na gnoseológica. Mas apesar destas nossas ilações, atendamos ainda a mais estas palavras do mestre:

Quer dizer, enraizamento e diálogo vital ou um pensamento vivo, nosso ou alheio, através do qual o seu se pudesse inventar

---

Fotobiografia (I.N.C.M., Lisboa, 1986) e que continua a ser um trabalho de referência obrigatória.

como pensamento original. Não ter «escola», no sentido corrente, não é um óbice, mas não ter Sócrates, Kant Hegel ou Schopenhauer, contra os quais experimentar o próprio pensamento, como Platão, Fichte, Kierkegaard ou Nietzsche o fizeram é um «handicap» sem solução.<sup>67</sup>

Parece-nos pertinente esta observação de que a falta de uma tradição filosófica no pensamento português autêntico e genuíno tenha impedido o estabelecimento de um paradigma que permitisse avaliar o de Antero de Quental como "original", mas parece-nos ainda mais pertinente essa atitude de isolamento a que esteve votado devido à inexistência de uma plêiade que instaurasse uma discussão *inter pares*, e que pudesse proporcionar uma sã e profícua evolução do discurso filosófico do autor insular, mas também da sua afirmação em função de uma tradição literária e cultural portuguesa. Esta razão, poderá contribuir para a consolidação desse protagonismo geracional que se atribui à figura do poeta, mas também para uma menor discussão das suas ideias e linhas de pensamento, uma realidade aparentemente paradoxal que cabe interpretar precisamente à luz de uma tradição que era receptiva à literatura, fosse esta em prosa ou em verso, mas que já não o era tanto quanto a textos de carácter epistemológico. Neste sentido, Antero não só não encontrou interlocutores no seu grupo geracional, mas sobretudo entre aqueles a quem os seus escritos se dirigiam.

As dúvidas acerca da eficiência dos métodos empregues por esta geração assaltam-nos, e podemos chegar a pensar se, por colocar outro exemplo de notável popularidade, a ironia de Eça de Queiroz terá também ela conseguido atingir o seu alvo. A resposta, poderemos encontrá-la a partir de textos como *As farpas*, publicados em fascículos juntamente com Ramalho Ortigão<sup>68</sup>. Num desses textos Eça

---

<sup>67</sup> Eduardo Lourenço, *Antero ou a Noite Intacta*, Gradiva, Lisboa, 2007, p.71.

<sup>68</sup> Não podemos deixar de chamar a atenção para o facto de ser num dos apontamentos referidos em *As Farpas* encontramos já o embrião de *O Primo*

dirigia-se ao leitor dizendo-lhe: *Leitor de Bom Senso (...) aproxima-te um pouco de nós e vê!*". Ora, se aqui residia a essência do realismo reivindicado por Eça, também era verdade que essa realidade nem sempre se tornava suficientemente evidente para o leitor, e daí a necessidade de o escritor se revelar sempre sensato e obrigando o leitor a desenvolver todas as estratégias para que, como se de uma atitude totalmente voluntariosa se tratasse, este acabasse por se aproximar da realidade representada. No entanto, o leitor nem sempre percebia que a sociedade espelhada nessas galerias que Eça desenhava era precisamente a mesma que ele, leitor, enquanto agente dessa mesma representação, poderia vislumbrar desde a sua própria janela, mas irá aprendendo, talvez abrindo caminho aos futuros leitores do poema *Tabacaria* de Álvaro de Campos

Embora partindo de distintas perspectivas, tanto Eça como Antero, e por analogia todos os membros desta geração, acabarão por entender que neste processo de modernização de Portugal, em função de um paradigma europeu, a literatura e a Arte terão um papel fundamental (recuperemos a crítica feita por Almeida Garrett), e por isso dizia Eça que Lisboa *é talvez, em todo o vasto universo, a cidade onde a opinião exerce menos influência*<sup>69</sup> e para que a formação ocorra esta deve provocar o espírito crítico nesse *Leitor de Bom Senso* porque a arte, a literatura, deve ser agora combativa e cumprir o papel formador de que a sociedade portuguesa tanto necessita e é nesse sentido que Antero nos advertia aquando da polémica com o mestre Castilho a propósito desse mesmo *Bom Senso*:

---

*Basílio*, pelo que *este projectos* vai ao encontro do autêntico romance realista acentuando, uma vez mais, o hibridismo entre ficção/ crónica e reportagem, e dando-nos conta de como *O Primo Basílio* é um romance de veras assente na realidade quotidiana.

<sup>69</sup> Eça de Queiroz, *Uma Campanha Alegre de "As Farpas"*, Ed. Livros do Brasil, Lisboa, s.d., p.210

Lembre-mos que a literatura, porque se dirige ao coração, à inteligência, à imaginação e até aos sentidos, toma o homem por todos os lados; toca por isso em todos os interesses, todas as ideias, todos os sentimentos, influenciando no indivíduo como na sociedade e na família como na praça pública; dispõe os espíritos; determina certas correntes de opinião; combate ou abre caminho a certas tendências; e não é muito dizer que é ela quem prepara para o berço onde se há-de receber esse misterioso filho do tempo - O Futuro<sup>70</sup>

Muitas vezes se aponta que a camada populacional que poderia ser alvo destas intervenções directas era bastante reduzida, tendo em conta as taxas de analfabetismo da época<sup>71</sup>, pelo que o público leitor era bastante escasso, quando comparado com o dos padrões contemporâneos. No entanto, nesse grupo, apesar de reduzido, estava quem lia os jornais, os almanaques, os romances e os ensaios, em português e em francês, ou inglês. Era esse pequeno grupo de indivíduos quem alimentava a opinião pública e que, por isso mesmo, se transformaria num elemento fulcral no devir do progresso cultural do Portugal moderno, incluindo a própria expansão da literacia. Esta geração de intelectuais foi plenamente consciente desta realidade, sem que se os possa acusar de um discurso elitista, ou de que tenham

---

<sup>70</sup> Antero de Quental, “Leituras Populares”, *Prosas de Época de Coimbra*, 2ª ed. Clássicos Sá da Costa, Lisboa, 1982, p. 308.

<sup>71</sup> E esta situação, apesar dos esforços empreendidos aquando da implantação da República (1910), irá permanecendo, com suaves alterações, até ao fim da ditadura salazarista. Como ilustração podemos referir os dados apontados por um dos autores de referência neste campo, Harvey Graff, e que dão conta da evolução da alfabetização em todo o mundo, desde 1850 até 1950, havendo que considerar que o levantamento destes dados foi realizado *a partir de censos, taxas de alfabetização de recrutas e condenados e assentos matrimoniais*. Para o efeito, observamos que Portugal ocupa as fasquias mais baixas a nível mundial, e sempre inferiores às de Espanha. Assim sendo, as nossas taxas de alfabetização eram em 1850 de 15%, e em 1900 de 25% e em 1950 de 55%. Apud António Candeias (Dir. E Cord.), *Alfabetização e Escola em Portugal nos Séculos XIX e XX*, Fund. Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2004, p. 34

vivido alheados da realidade concreta do país, bem pelo contrário.

Antero é bem consciente dessa realidade e mostra-se preocupado com o papel de uma camada burguesa “ilustrada” que vive para a ostentação, mas ele sabe que também é dela que tem de partir a educação para o povo. O seu espírito crítico leva-o a escrever, em 1868, o seguinte retrato da sociedade portuguesa:

Assim é que eles educam e iniciam. A instrução é esta: porque a burguesia portuguesa pode, por ostentação, levantar uma estátua a Luís de Camões; mas o povo português, esse, não sabe soletrar o título do poema que o poeta consagrou às suas glórias.<sup>72</sup>

Uma das preocupações de Antero passa ainda pela necessidade de desenvolver um pensamento crítico que, uma vez decifradas as suas argumentações e entendida a sintaxe que articula o seu discurso, permitisse interpretar as ideias e o pensamento que estas podem suscitar. Esta consciência irá adensar também o dramatismo anterior, acabando por legitimar o protagonismo de Antero de Quental, não só a nível de camaradagem, mas também como estandarte de uma geração que encarnou uma missão: a missão de fazer com que a sociedade portuguesa se aproximasse da realidade e se habituasse a interrogá-la, abandonando definitivamente uma atitude passiva e até negligente.

---

<sup>72</sup> Antero de Quental, *Portugal Perante a Revolução de Espanha: Considerações sobre o Futuro da Política Portuguesa no Ponto de Vista da Democracia Ibérica*, Typ. Portugueza, Lisboa, 1868, P. 25



## **II- PENSAR PORTUGAL**

### **II.1-A CAMINHO DA EUROPA PARA A CONSTRUÇÃO DE UM PERFIL IDENTITÁRIO MODERNO**

Desde a muralha do presente, contemplando o nosso passado histórico, entendemos mais nitidamente como o século XIX representa para Portugal um ponto de fronteira; um ponto simultaneamente de chegada e de partida. Com a conquista do Algarve, em meados do século XIII (1242) o território português adquire a sua configuração definitiva e esse território, que foi crescendo de Norte para Sul ao ritmo das reconquistas, assume um perfil que se manterá inalterável por séculos e séculos. Uma vez consciente dessa nova realidade, o povo lusitano não tardará em entrar numa incessante aventura que lhe permita alargar um território que se lhe afigurava então como limitado e finito, embarcando rumo à aventura das descobertas marítimas. Durante séculos, enquanto navegávamos por esses mares fora, mantinhamo-nos de costas viradas para o velho continente, e da Europa apenas conhecíamos os portos onde comercializávamos os produtos que trazíamos dos novos mundos, e graças aos quais nos podíamos permitir empreender novas aventuras ultramarinas, assim como dar forma aos maiores sonhos de grandeza de reis e senhores.

Após este ciclo das descobertas, e encerradas as conquistas marítimas, chega a hora de dar a independência ao Brasil e de nos voltarmos para o nosso último tesouro, que era África. Mas quase a expirar o século, em 1891, Inglaterra abala uma vez mais a nossa consciência nacionalista ao nos impor esse *Ultimatum* em que reclamava uma distribuição distinta dos territórios centro-africanos, e mais concretamente dos territórios africanos que limitavam as margens do

rio Zaire. Nesse momento crítico, Portugal vê-se então obrigado a recuar no seu poderio colonial e a repensar a sua posição na Europa, assim como na percepção que tinha de nós essa mesma Europa. Depois de termos vivido durante séculos num mundo em que o movimento de rotação se operava no sentido oposto, ao ritmo dos mares, sentíamos-nos agora obrigados a regressar ao velho continente. De regresso, a realidade que encontrámos não conferia com aquela que vislumbrávamos desde os nossos postos de vigia. Apercebemo-nos então que o movimento intelectual criado pelos nossos estrangeirados e iluminados tinha-se já desvanecido face ao esplendor da velha Europa, e que, no fundo, toda a nossa cultura se sustentava sob a imagem e sombra dessas *velhas novidades* que nos chegavam de além Pirenéus. Nos últimos tempos, habituáramo-nos a desenvolver uma cultura à nossa dimensão; à dimensão de um país que crescera levantando muros contra um velho continente, e até contra o país vizinho, A desconfiança relativamente ao sonho restauracionista de Castela, mais tarde Espanha, transformara-se já num sentimento com que tínhamos aprendido a conviver, sob momentos de euforia e disforia, mas sempre conscientes da sua presença. Depois de tantas e tão árduas batalhas, de sangue e de ilusões, para alcançar a conquista desses territórios, jamais poderíamos aceitar a adjudicação de um território que para nascer tinha exigido ao seu fundador, D. Afonso Henriques, a anulação de sua mãe, mandando-a encarcerar, como se a origem dessa nacionalidade tivesse sido moldada por um complexo freudiano. Essas disputas acabarão por imprimir um cunho importante dos dois lados da fronteira, mas sobretudo do lado lusitano. Se é verdade que a cultura espanhola, ainda que mais cerca dessa velha dama que é a Europa, também tenha que percorrer sinuosas veredas para entrar no caminho do progresso, no caso de Portugal o caminho será bastante mais árduo. Para além de todos esses estigmas que a história foi sedimentando, tivemos sempre uma situação geográfica predisposta à já referida configuração de isolamento, e de uma

pretendida autonomia, e que numa atitude simbiótica tanto alimentava como se alimentava ela própria de um pendor místico lusitano.

Os acontecimentos desencadeados pela história de Portugal no século XIX, a que atribuiremos como balizas temporais a independência do Brasil e a crise do *Ultimatum* Inglês, vêm provocar uma tomada de consciência que será, em grande parte, responsável pela coesão e vitalidade de uma geração como a de 70. O Processo formativo destes homens de pensamento é alimentado pelos mesmos ecos que anunciavam uma nova era de modernidade, com profundas alterações no domínio da economia, da educação, da indústria, da estrutura social mas, sobretudo, política. Se a geração romântica se formara em pleno campo de batalhas entre liberais e conservadores, esta geração acabará por acompanhar, com bastantes responsabilidades históricas, os últimos suspiros da monarquia portuguesa, chegando alguns deles a assistir ao nascimento da primeira República de uma forma activa, como foi o caso de Teófilo Braga.

Mas se aludíamos anteriormente ao século XIX como uma época de fronteiras, esta geração de 70 sê-lo-á ainda, para além de tudo o já apontado, por essa carga simbólica de ser a geração de fim de século, de fim de uma nova era.

Neste espaço de transições, e de profundas transformações, esta geração assumiu a necessidade imperiosa de mudar o rumo que a situação nacional vinha a seguir, como poucas vezes sucedera até então. Mas aqui o problema surge precisamente a nível metodológico: se o *quando* estava claro, o *como* resultava bastante mais complexo. Tal como apontávamos anteriormente, cada um dos membros desta geração encarna o problema nacional de uma forma única e distinta, e marcando distintas formas de intervenção, contudo, não será fácil manter-se alheio a um ambiente de pessimismo que teimava em pairar

sob o ambiente, apesar dos distintos momentos de euforia. Sem dúvida alguma que quem mais padeceu esse drama terá sido Antero de Quental, em grande parte devido ao seu carácter e às suas próprias circunstâncias vivenciais.

Este trabalho de busca foi realizado a partir de várias perspectivas. Eça de Queiroz encontrou na ironia a forma de caricaturar a realidade que pretendia dar a conhecer, para que esta fosse posteriormente alvo dos desejos de mudança por parte de quem se apercebesse do ridículo retratado. Essa Ironia terá certamente funcionado como uma máscara que lhe permitiu evadir-se da realidade dura e crua em que vivia, mas sem nunca a ignorar. No caso de Antero de Quental, ao longo da sua vida, em vez da caricatura, optou antes pela fotografia que o daguerreótipo proporcionava e, longe de se evadir da realidade retratada, assumiu-a como sua, interrogando-a e analisando-a, o que lhe conferiu essa determinação vital para actuar, mas que o instalou simultaneamente num pessimismo e numa angústia existencial que deviria puro existencialismo, acabando por viver como seu o problema nacional, tal como poderemos ver a partir das suas intervenções.

Talvez um dos esforços mais notórios que Antero tenha feito para se evadir dessa realidade, mas prosseguindo o seu caminho de busca, seja precisamente o que assiste à criação de Fradique Mendes, em finais da década de 60<sup>73</sup>. Essa personagem, precursora de uma estética simbolista e decadente, criada juntamente com Eça de Queiroz e Jaime Batalha Reis. Abrindo uma vez mais o caminho para a modernidade que Fernando Pessoa irá explorar de forma genial, acaba por pôr em evidência a necessidade desta geração em procurar um ponto identitário para nela projectarem a realidade em que viviam com vista

---

<sup>73</sup> É em 1969 que são publicados em *O Primeiro de Janeiro* alguns poemas desse *Originalissimo poeta Carlos Fradique Mendes*

a encontrarem novas possibilidades de resposta Neste caso, a personagem, que esconde a sua identidade por trás da imagem de um dandy, e apesar do perfil satânico, acabará por encontrar no irónico Eça um refúgio mais promissor que na já de por si dramática sensibilidade anteriorana, indo de encontro à observação de Nuno Júdice:

O desdobramento aqui apontado entre o Poeta e o Outro tanto poderá inscrever-se numa latente dramaticidade do poema – embora nada de mais anti-teatral do que a convicta sinceridade de expressão poética de Antero – como, mais provavelmente conterà latente a indicação heteronímica, que podemos fundamentar não só pela experiência que a invenção de Fradique Mendes terá constituído para Antero, como pela necessidade de um duplo em quem projectar o universo de certezas que falta(ra)m ao Homem real.<sup>74</sup>

Desde a nossa perspectiva Antero nunca soube encontrar na ironia, ou no fingimento, um caminho de busca, apesar, isso sim, das suas tentativas, pelo que o seu drama se tornou genuinamente existencial, representado desde o cenário da sua própria sensibilidade humanista e isto apesar do apontado por Oliveira Martins na sua introdução aos Sonetos de Antero e a que ele chamará *humorismo transcendente*<sup>75</sup> Efectivamente, e graças às palavras do companheiro de Antero, podemos antever um desejo por parte do poeta de alcançar um certo processo de abstracção, mas a sua sensibilidade e o seu desejo de ideal nunca lhe permitiram instalar-se nesse domínio, nem mesmo através do Budismo

---

<sup>74</sup> Nuno Júdice, “Poética de Antero”, AAVV *Antero de Quental e o Destino de uma Geração*, org. e coord. de Isabel Pires de Lima, Edições Asa, Rio Tinto, 1994, p.146

<sup>75</sup> Antero de Quental, *Poesia Completa 1842-1891*, Org. e Pref. De Fernando Pinto do Amaral, Dom Quixote, Lisboa, 2001, p.210.

Todo este caminho trilhado permitiu pôr em evidência um trabalho inovador, mas também abrir novas perspectivas de indagação identitária a que a Europa acabará por prestar uma especial atenção. Sem menosprezar o legado camoniano, Antero de Quental será uma peça importante na construção de um mapa cultural luso numa Europa em transição entre dois séculos. Antero foi capaz de despertar o interesse de autores como Tolstoy, Michelet, Tommazo Canizazaro, ou Wilhelm Storck mas, sobretudo, pelos espanhóis, destacando-se entre eles Unamuno, como veremos posteriormente.

## II.2 AS CONFERÊNCIAS DO CASINO

Antero de Quental consciente da missão a que a sua geração se consagrou, audaz e valente, empenhar-se-á seriamente para que esta possa dar os resultados desejados. Logicamente, graças, em grande parte, ao seu carácter e debilidades físicas, terá também os seus momentos de dúvida, mas quase sempre será capaz de encontrar forças para actuar nos momentos mais decisivos. Assim, em 1971, já em Lisboa, uma das mais importantes intervenções públicas de Antero de Quental prende-se com a sua participação na organização das célebres *Conferencias do Casino*, as quais viriam a provocar um profundo abalo nas instituições da sociedade tradicional.

Estas célebres conferências constituíram um evento preparado pelos jovens irrequietos que confinavam o designado *Grupo do Cenáculo*, um grupo de jovens dessa *Geração de 70* que escolhera o local da Travessa do Guarda-Mor, em Lisboa, para continuar a alimentar o espírito conimbricense e perturbar os espíritos serenados da sociedade portuguesa. Na organização desta reunião participaram nomes como Adolfo Coelho, Antero de Quental, Augusto Soromenho, Augusto Fuschini, Eça de Queiroz, Germano Meireles, Guilherme de Azevedo, Batalha Reis, Oliveira Martins, Martins de Arriaga, Salomão Saragga e Teófilo Braga. Neste vasto grupo não encontramos a presença física de Oliveira Martins por se encontrar em Espanha, em Córdova, encarregue de dirigir os trabalhos nas minas de Chumbo de Santa Eufémia, trabalho que o ocupou entre agosto de 1870 de abril de 1874, embora tenha seguido com atenção todo o desenvolvimento dos acontecimentos. De acordo com o testemunho daqueles que com ele trabalharam para levar a cabo essas conferências no mesmo espaço que até ao dia anterior albergara concorridos espectáculos de *can-can*, Antero de Quental terá sido um dos principais mentores deste

encontro. Mantendo esse espírito de rebeldia estudantil que os tinha reunido a quase todos eles, e recusando-se a assistir impavidamente ao imobilismo intelectual que atingira a sociedade portuguesa de então, decidem transformar Lisboa num cenário onde se pretende discutir a situação de Portugal, mas desde uma perspectiva aberta ao diálogo internacional.

Na já célebre carta a W. Storck, Antero afirma-lhe que a sua geração *foi a primeira em Portugal que saiu **decididamente e conscientemente** da velha estrada da tradição*<sup>76</sup>. Nesta afirmação, que encerra toda uma declaração de princípios, destacamos os advérbios de modo por implicarem um inevitável acto de ruptura com uma tradição velha, por caduca e estéril, e por não ter sido suficientemente trabalhada com vista à sua adequação aos novos tempos. Recordemos que, o que agora se rejeita não é uma tradição dinâmica, que se abra ao diálogo com o antigo para inovar no presente, mas sim uma tradição passiva, simplesmente herdada, porque esta acabará por se transformar em mero passadismo.

A 18 de Maio de 1871, o Grupo do Cenáculo fazia pública a, a partir de um anúncio no jornal *A Revolução de Setembro* a realização das *Conferências Democráticas*, bem como o seu *Programa*, onde ficavam bem explícitos os seus objectivos:

Abrir uma tribuna onde tenham voz as ideias e os trabalhos que caracterizam este movimento do século, preocupando-nos sobretudo com a transformação social, moral e política dos povos; ligar Portugal com o movimento moderno, fazendo-o assim nutrir-se dos elementos vitais de que vive a sociedade civilizada, procurar adquirir a consciência dos factos que nos rodeiam na Europa; agitar na opinião pública as grandes

---

<sup>76</sup> Antero de Quental, *Cartas, I [1852]-1881*. Org., intr. e notas de Ana Maria Almeida Martins, Ed. Comunicação- Univ. dos Açores, Lisboa-Ponta Delgada 1989, p.183



questões da Filosofia e da Ciência modernas; estudar as condições da transformação política, económica e religiosa da sociedade portuguesa.<sup>77</sup>

Se o destaque vai para essa discussão actualizada sobre o destino de Portugal que se pretende levar a cabo perante uma tribuna europeia, não podemos deixar de frisar o cuidado que há em convocar a implicação de todos *nos destinos do seu país* mesmo que fossem eles *de ideias contrárias*. Essa implicação, ironicamente, acabaria por se manifestar também sob a forma de censura porque antes que se realizasse a sexta das dez sessões previstas, e logo após a conferência de Antero, a polícia decidiria encerrar as Conferências, por *uma série de prelecções em que se expõem e procuram sustentar doutrinas e proposições que atacam a religião e as instituições do Estado*<sup>78</sup>

Hoje, usufruindo dessa reflexão que o tempo fomenta, pensamos que esse encerramento terá sido um factor de promoção histórica das conferências. A contundência e a inflexibilidade das autoridades ampliou a discussão gerada em torno ao acontecimento o que fomentava o espírito crítico da sociedade, corroborando assim a urgência e a pertinência da discussão dos temas propostos, no âmbito da sociedade portuguesa e em função de uma nova era de progresso, e enquanto combate a uma cultura de conformismo e de estagnação. Ora, desde a nossa perspectiva a provocação, que poderia ser vista como uma expressão de ironia, terá um papel protagonista ao conseguir agitar os sólidos pilares de uma sociedade e Antero, confiando profundamente neste projecto, assume plenamente o papel de agitador cultural que lhe está reservado e chamar, assim, a atenção da opinião pública.

---

<sup>77</sup> Antero de Quental, *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares Nos Três Últimos Séculos*, Tinta-da-china, Lisboa, 2008, p. 100

<sup>78</sup> Idem, p.103

De entre as conferências que nos chegaram, as que mais se destacam deste episódio são, sem dúvida, a de Antero de Quental, *As Causas da Decadência dos Povos Peninsulares* e a de Eça de Queiroz, intitulada *A Literatura Nova ou o Realismo como Nova Expressão de Arte*, a segunda e a quarta, coferências, respectivamente, e que nos interessam particularmente por conseguirem arquitectar um interessante paradigma relativamente aos propósitos enunciados pelos organizadores de *As Conferências do Casino*. Enquanto Antero apela à revolução de uma consciência histórica e cultural, mas sobretudo social, Eça, sob a direção de Proudhon, reclama uma revolução no plano das artes, onde o Realismo dirige o rumo dessa nova expressão artística, de acordo com os novos tempos porque <sup>79</sup> *O Realismo deve ser perfeitamente do seu tempo, tomar a sua matéria na vida contemporânea*<sup>80</sup>. Antero de Quental, em *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Três Últimos Séculos*, punha ainda a tónica na necessidade de lempreender um processo de indagação histórica porque *se não reconhecermos e confessarmos francamente os nossos erros passados, como poderemos aspirar a uma emenda sincera e definitiva?*<sup>81</sup>

Redigidas para serem lidas perante um auditório que acudiria ao Casino Lisbonense, estas conferências despertam ainda a nossa atenção pela contundência com que Antero reclama a necessidade de superar as ideias e dogmas já desfasados, com uma declaração de ruptura face a essa atitude de isolamento a que Portugal parecia que se

---

<sup>79</sup> Como o texto não chegou até nós na íntegra, citamos as possíveis palavras de Eça de Queiroz a partir da reconstrução realizada por Salgado Júnior.

<sup>80</sup> António Salgado Júnior: *História das Conferências do Casino*, Tip. da Cooperativa Militar, Lisboa, 1930, p. 57

<sup>81</sup> Antero de Quental, *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares Nos Três Últimos Séculos*, Tinta-da-china, Lisboa, 2008, p. 35

<sup>81</sup> Idem, p.12

tinha votado, ou resignado. O progresso que começava a chegar da velha Europa, e os esforços realizados para empreender essa caminhada em direcção a uma Europa moderna amplificam-se, mas esse progresso vagaroso tarda porque a sociedade portuguesa ignorava quase tudo o que se passava lá fora e as únicas novidades por que se esperava eram, praticamente, as das modas que chegavam às montras da loja *Paris em Lisboa*, no Chiado.

O diálogo com os outros é a palavra chave da nova era e, principalmente com aqueles cujas afinidades históricas são mais íntimas e, na nossa condição de peninsular, esse diálogo tem que surgir com Espanha. Mas para que tal suceda há que gerar os incentivos necessários a todos aqueles que possam alimentar este debate a partir da ideia, e será essa a missão que Antero irá assumir, de forma responsável e focalizando o seu discurso nesse *auditório de Peninsulares*, sem nunca se esquecer da nossa condição de europeu. A sensibilidade que evidencia nessa imagem de um todo identitário pode assumir duas leituras; despertar, estimular a consciência de que o isolamento a que Portugal se tinha confinado não podia agora dar lugar a uma outra imagem também ela limitada e incompleta como seria a de peninsular, pelo que, apesar de portugueses, somos peninsulares e além de peninsulares somos europeus. Ao mesmo tempo, a península também tinha que se questionar e interpretar a si mesma tendo como objectivo a linha de evolução que guiava o caminho de uma nova cultura europeia; por outro lado, intuimos que a partir de uma interpretação mais aberta, e simultaneamente mais relativa, será possível atingir uma consciência gnoseológica autêntica, Nós só poderemos conhecer-nos a nós mesmos desde fora e desde a percepção que temos relativamente a uma pluralidade exterior, distinta e vária, mas que nos ajudará a compreender quem somos e como nos vêem, mas sempre a partir da diversidade. O fim desse processo de conhecimento não é a reprodução de um modelo ou de uma conduta o

mas antes a interpretação, a sistematização e a reformulação que nos ajudarão a criar um perfil mais autêntico. Esse cuidado em interpretar o nosso destino, e dentro de um âmbito europeu encontra a sua analogia da geometria que nos ensinou que para conhecermos bem o que temos perto, teremos que ir em busca de um ponto de fuga. A verdade é que em questões de identidade, uma relativa distância é sempre uma vantagem

Das conferências apresentadas, a de Antero é das que vai mais ao encontro do estabelecido no programa, por conseguir retratar e desenhar essa imagem global e unitária e, também por ser um texto correctamente organizado, com a intencionalidade captar a atenção do leitor. Contudo, uma das coisas que mais nos surpreende é a capacidade deste texto para preservar a pertinência e a actualidade. É por isso que consideramos este texto como simbólico, dentro da obra do próprio Antero quem, acusando uma modernidade latente, vai ser capaz de traçar uma unidade própria e autêntica, ao ser capaz de sistematizar o pensamento filosófico com o histórico, e ao ritmo dialético que a poesia proporciona. Por essa razão, as *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares* reclamam uma leitura cruzada e complementar com a restante obra de Antero, e mais estreita com os textos de âmbito filosófico, acabará por complementar a sua exposição em relação aos ideais filosóficos que as *Causas* implicam, directa ou indirectamente, mas sobretudo com esse livro de poemas que marcaria o ponto de ruptura de Antero com uma tradição poética condenada pela adulação, em contraponto com as questões do *bom senso* e *bom gosto*. Referimo-nos, logicamente a *Odes Modernas*, publicadas em 1865.

Ora, mais tarde, em 1890, em *As Tendências Gerais da Filosofia do Século XIX*, o autor insular afirmará precisamente que *Duvidar não é*

*só uma maneira de propor os grandes problemas: é já um começo de resolução deles* <sup>82</sup> como se nela resumisse o princípio que estruturara o discurso de *As Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*, apelando à necessidade de se proceder ao exame da realidade, interrogando-a, porque só assim se poderá encontrar o problema para, posteriormente, proceder à sua resolução. Talvez o Dr Claude Bernard concordasse com o método defendido pelo autor insular, embora aqui, mais que uma dedução experimentalista, se imponha a necessidade de um pensamento dinâmico porque, como no-lo explica Antero de Quental, a filosofia é precisamente *a equação do pensamento e da realidade, numa dada fase do desenvolvimento daquele e num dado período de conhecimento desta: o equilíbrio momentâneo entre a reflexão e a experiência*”<sup>83</sup>.

Será graças a esta interpretação que, a partir de uma leitura da história peninsular, podemos contrastar a realidade do passado com a do presente, para que possamos depois efectuar os nossos juízos críticos, Assim, em meados do séc. XVI *A Europa tinha os olhos em nós, e na Europa a nossa influência nacional era das que mais pesavam. Contava-se para tudo com Portugal e Espanha*<sup>84</sup> Após a inversão da ordem histórica, mas nunca do destino, só pode dizer *que o movimento regenerador da Renascença, tão bem preparado, abortou entre nós* <sup>85</sup>.

A partir de uma exposição clara, em que os ensinamentos que recebera de oratória, aliados a um discurso do âmbito legalista, Antero

---

<sup>82</sup> Antero de Quental, “Tendências Gerais da Filosofia na Segunda Metade do Séc. XIX”, *Obras Completas, Filosofia*, org. int. e notas de Joel Serrão, Univ. dos Açores, - Ed. Comunicação, Lisboa, 1991, p.115.

<sup>83</sup> Idem, p.117

<sup>84</sup> Antero de Quental, *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares Nos Três Últimos Séculos*, Tinta-da-china, Lisboa, 2008, p. 43

<sup>84</sup> Idem, p.20

<sup>85</sup> Idem, p.20.

partirá de uma concepção dualista para expor os seus argumentos e pondo o passado e o presente em confronto. Terá sumo cuidado na exemplaridade dos elementos apresentados e explicá-los-á seguindo uma linha discursiva que assenta na reiteração, seguida de um asíntese. Estas estratégias correspondem à sua preocupação com um auditório que o vai ouvir, e a quem ele quer fazer chegar a sua mensagem da forma mais lúcida e esclarecedora possível. Com o objectivo de interrogar e reflectir sobre as causas da situação presente, parte de uma leitura contrastiva entre a realidade vivida na península durante o período que decorre, sensivelmente, entre a Idade Média e a época da Renascença, e colocando como baliza intermédia o século XVI. No fundo, fazendo uso de um conhecimento consciente e esclarecido da história, poderemos não só escolher o caminho a seguir, como trabalhar para a construção de um novo traçado.

*Para além dessa base filosófica principalmnete hegeliana, assistida por Proudhon, As Causas da Decadência* vêm reconhecer o magistério de Alexandre Herculano, e até mesmo do ainda contemporâneo Oliveira Martins com quem Antero tanto aprendia, e acabam por pôr em evidencia que o esforço e o empenho que aplicam agora é fruto da aprendizagem dessa lição magistral de Herculano, por ex. É a partir de um esforço de recolha que o seu trabalho se vai enriquecendo e actualizando e complementando, graças a uma sólida formação cultural, com o objectivo de instalar uma tradição crítica que se resistia muito em Portugal. Neste sentido, a exposição das ideias é fundamental porque o que se pretende é irradiar esa ideia de que basta ouvir; a partir de um discurso dialético, o texto pretende provocar a implicação do leitor no texto, e ajudá-lo na formação de um espírito livre. Assim chegaremos a entender que os problemas que afectam a sociedade portuguesa obedecem a três motivos; o Concílio de Trento, de ordem moral e religiosa, o triunfo do absolutismo, de ordem política, e o rumo seguido pelas descobertas, de ordem económica. A

partir destas três causas será possível traçar uma perspectiva geral, mas muito esclarecedora, dos acontecimentos que acabariam por implicar o devir histórico das duas nações peninsulares e que causarão profundas alterações no devir do pensamento, da vida cívica e da economia peninsulares.

Levado por um espírito crítico, que é fruto, em grande parte, dessa formação cultural, alimentada pelas leituras que formavam esse pensamento dinâmico, o autor, ou nós mesmos, sente-se impelido a interrogar e a *duvidar* dos factos herdados, o que o levará depois a denunciar essa realidade presente, como resultado dessas evoluções históricas, definidas como *Funestas*, porque *enquanto as outras nações subiam, nós baixávamos. Subiam elas pelas virtudes modernas; nós descíamos pelos vícios antigos* <sup>86</sup> Em nome da modernidade, Antero empenhar-se-á na sua missão e denunciará não só o atraso provocado por essas causas, mas também os vícios que tinham incutido na sociedade; a hipocrisia, a falta de valores e a corrupção trazidas por uma nova estrutura social. Mas para que essa ação surta o seu efeito, é necessário romper com muitos dogmas seculares, muitos deles *prevertidos* pelo poder de Roma, que funciona como um impedimento à formação de um pensamento livre, que só pode surgir a partir de uma consciência autónoma e genuína. Michelet, na sua *Bíblia da Humanidade*, defendia *O Deus da Humanidade é o mesmo homem: e o seu Ideal, a religião da Vida* <sup>87</sup> e Antero, que lera criticamente o autor, recuperará dele essa fé na humanidade, como motor da nova revolução porque *a Revolução não é mais do que*

---

<sup>86</sup> Antero de Quental, *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares Nos Três Últimos Séculos*, Tinta-da-china, Lisboa, 2008, p. 56

<sup>87</sup> Antero de Quental, “A Bíblia da Humanidade de Michelet”, *Obras Completas, Filosofia*, org. int. e notas de Joel Serrão, Univ. dos Açores, - Ed. Comunicação, Lisboa, 1991, p.20.

o *Cristianismo do mundo moderno*<sup>88</sup>, uma ideia que reconheceremos também nestas palavras do próprio Michelet, pois nela Antero tinha lido o seguinte:

A Justiça, a Razão e a Liberdade. Eis a trindade da fé universal!  
Não a renegou ainda um século, uma geração, por mais  
deserdados que fossem da palavra da vida. É a nossa lei eterna:  
a nossa revelação de cada dia; a nossa religião<sup>89</sup>

Fruto dessa força revolucionária em que assenta o discurso de *Causas Da Decadência*, e em que os ideais proudhonianos de justiça e de igualdade se tornam explícitos, vamos encontrar uma linguagem e um discurso organizados em função do desenvolvimento de um pensamento moderno, em que se inserem as ideias socialistas bem patentes através da preocupação expressa com as condições sociais, laborais e económicas que regeriam o novo século, e que Antero parecia estar convencido de que viria a ser o do povo e o do proletariado.

Nas suas confissões a W. Storck, encontramos, pela mão de Antero, a definição do verdadeiro espírito das *Conferências Democráticas do Casino*, mas referindo-se a *Odes Modernas*, como prova da sintonia e cumplicidade que existe entre os dois livros: *Não sei bem como caracterizar este livro mas o que ele representa perfeitamente é a singular aliança (...) do naturalismo hegeliano e do humanismo*

---

<sup>88</sup> Antero de Quental, *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares Nos Três Últimos Séculos*, Tinta-da-china, Lisboa, 2008, p. 95

<sup>89</sup> Antero de Quental, “A Bíblia da Humanidade de Michelet”, *Obras Completas, Filosofia*, org. int. e notas de Joel Serrão, Univ. dos Açores, - Ed. Comunicação, Lisboa, 1991, p.25.



*radical francês*<sup>90</sup>. Aqui põe-se em evidência o processo de elaboração dessa síntese que nos permite vislumbrar e, depois, reconhecer, um pensamento moderno, esclarecido, lúcido, como resultado de uma leitura consciente e desperta dos fenómenos e tendo como pauta uma conduta profundamente humanista. O mestre Eduardo Lourenço elucida-nos a este propósito dizendo que *Este «pensamento» de Antero não é exterior à sua poesia, mas é a sua poesia, e é pouco, embora justo, repetir a seu respeito que é um poeta que pensa o que sente e sente o que pensa.*<sup>91</sup>

Pois, na realidade, esse *livro* que o poeta não consegue definir, é o que nos permitirá compreender esse processo de interação entre sentir e pensar, mas também entre filosofia (ou pensamento) e poesia porque a nova concepção da poesia já não contempla a *Arte pela Arte* posto que tela em que assumir a missão revolucionária e combativa que lhe corresponde mas que nem sempre lhe foi permitido realizar, Antero de Quental no texto que surgia como prefácio à primeira edição de *Odes Modernas*. A propósito deste prefácio, o poeta decidiu retirá-lo na segunda edição, o que deve ter sido fruto de mais algum desses momentos em que Antero, reformulando constantemente o seu pensamento, se arrepende, pois trata-se de um texto fundamental para entender a génese de uma ética e de uma estética que irão ser determinantes no panorama cultural português da segunda metade do século XIX e que devemos ter sempre em mente.

Este livro é uma tentativa, em muitos pontos imperfeita, seguramente, mas sempre sincera, para dar à poesia contemporânea a cor moral, a feição espiritual da sociedade moderna, fazendo-a assim corresponder à alta missão que foi

---

<sup>90</sup> Antero de Quental, *Obras Completas, Cartas, II 1881-1891*. Org., intr. e notas de Ana Maria Almeida Martins, Ed. Comunicação- Univ. dos Açores, Lisboa-Ponta Delgada 1989, p.837

<sup>91</sup> Eduardo Lourenço, *Antero ou a Noite Intacta*, Gradiva, Lisboa, 2007, p.72

sempre a da Poesia em todos os tempos (...) a Poesia moderna é a voz da Revolução – porque a Revolução é o nome que o sacerdote da história, o tempo, deixou cair sobre a fonte fatídica do nosso século<sup>92</sup>

A voz do poeta foi escutada pela sociedade, e é possível que nessa voz se reconheçam ecos dessa herança de um primeiro romantismo, mas que não torna, de modo algum, o texto menos impetuoso. O que captamos é um manifesto acto de rebeldia nessa linha de modernidade pela qual ainda hoje continuamos a puxar. Uma das primeiras intenções dessa nova concepção é a negação de um devir histórico que se oporia ao desenvolvimento do livre pensamento e, consequentemente, de uma tomada de consciência sobre a realidade, porque essa é a verdadeira missão da humanidade: negar essa inevitabilidade do destino e assumir o devir de o transformar, mas com exclusão *dos Reis e dos Governos tirânicos, dos Deuses e das religiões inúteis e ilusórias*.

Em *Odes Modernas*, particularmente na primeira parte, assistimos à mesma denúncia que encontramos em *Causas da Decadência* e vemos como o novo Catecismo, ou a nova *Bíblia*, pregará pela justiça e pelo amor junto do homem, mas este agora, *o homem, bago d'água pequenino, /também tem voz na onda do destino*<sup>93</sup> também tem fé, crê num acto renovado: *.. sonha um culto, um Deus – a liberdade!*<sup>94</sup>

Podemos ver em *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares* representam não só o estilo e o pensamento anterior, mas também um compromisso ético que impele o poeta a crer no que defendia,

---

<sup>92</sup> Antero de Quental, *Odes Modernas*, Ulmeiro, Lisboa, 1996, p.208

<sup>93</sup> Antero de Quental, *Poesia Completa 1842-1891*, Org. e Pref. de Fernando Pinto do Amaral, Dom Quixote, Lisboa, 2001, p.343.

<sup>94</sup> Idem, p.353

ainda que posteriormente se viesse a arrepender, mas assim se desenvolvia o seu conceito de progresso, a partir de uma constante reflexão e reformulação da realidade. E neste sentido incita o seu *auditório de peninsulares* a prosseguir com coragem e compromisso, com fé e fervor e, muito importante, assumindo plenamente as consequências dessa determinação. Esta é a sua manifestação de fé na humanidade porque, tornando os homens livres, o mundo passará a ser mais justo. Graças a este espírito humanista, vai-nos ser permitido interpretar um pensamento particular (como pode ser a leitura de *Causas da Decadência* em função de um tempo e de um espaço) mas dentro de uma esfera mais universal, e mais actual.

Será a partir dessa universalidade que o discurso empregue em *As Causas da Decadência dos Povos Peninsulares* continua a suscitar o interesse nos nossos dias, graças, precisamente, a essa actualidade em que o texto assenta, porque Antero é capaz de interrogar e interpretar a História, mas sem que tenha que renegar da tradição porque, como ele nos diz, em nome desta universalidade e modernidade, memoremos mas não *imitemos*. No fundo, é este o discurso que vem substituir uma concepção mimética para instalar a da analogia; a representação exige agora a interpretação e a inspiração, que leva à produção de ideias, mas não à cópia. Logicamente que esta atitude exige uma atenção constante sobre o presente mas não prescinde do passado enquanto herança que devemos alimentar. Fruto dessa atenção redobrada sairá um confronto, o qual será responsável pela ação do presente que deixaremos como memória.

Ao expor o seu conceito de um estado de progresso moderno Antero defende que *a riqueza e a vida das nações têm de resultar de uma*

*actividade produtora e já não da guerra esterilizadora*<sup>95</sup> uma vez que esta é efêmera por se erguer sobre *capital morto*<sup>96</sup> para acrescentar depois que *só o trabalho é fecundo*<sup>97</sup>. A necessidade de chamar a atenção para estes aspectos parte do facto de, no século XIX, a situação ser precisamente esta: Indústria perdida, comércio arruinado, população diminuída e agricultura decadente.

Consciente do acima referido, Onésimo Teotónio de Almeida aponta ainda o facto de Antero de Quental ter sido dos poucos autores da península Ibérica a deter-se sobre a gravidade que representa para o progresso da Península a ausência de um verdadeiro espírito científico e, sem pretender reclamar que Antero tenha sido o único autor ibérico a chamar a atenção para estes problemas, sim que defende o seu protagonismo: *Je me justifierai, en affirmant avec conviction qu'Antero de Quental a été l'auteur de l'une des interprétations les plus osées du cas ibérique*<sup>98</sup>

Esta opinião leva-nos a entender a modernidade de um texto como *Causas da Decadência*, em que se põe em evidência essa atenção que o passado nos pede, também como provocação para o diálogo, que pode ser geracional e social, ou histórico e cultural. É nesse sentido que quando lemos em Antero *as armadas, que mais tarde dominaram os mares, saíram das matas semeadas por D. Dinis*<sup>99</sup> integramos

---

<sup>95</sup> Antero de Quental, *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares Nos Três Últimos Séculos*, Tinta-da-china, Lisboa, 2008, p. 81.

<sup>96</sup> Idem, p.81.

<sup>97</sup> Id., p.86.

<sup>98</sup> Onésimo Teotónio de Almeida, “Antero et les Causes du déclin des Peuples Ibériques”, AAVV., *Antero de Quental et L'Europe Actes du Colloque, Paris, 13-14 Juin 1991*, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, Paris, 1993, p. 131

<sup>99</sup> Antero de Quental, *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares Nos Três Últimos Séculos*, Tinta-da-china, Lisboa, 2008, p. 82.

imediatamente Fernando Pessoa no nosso diálogo cultural em contínuo devir. É assim que entendemos o contexto de *Mensagem*, cujo objectivo seria também o de provocar a mesma ideia de reflexão e de exame sobre a questão da nossa identidade.

Na noite escreve um seu Cantar de Amigo  
O plantador de naus a haver  
E ouve um silêncio murmuro consigo:  
É o rumor dos pinhais que, como um trigo  
De Império, ondulam sem se poder ver

Arroio, esse cantar, jovem e puro,  
Busca o Oceano por achar;  
E a fala dos pinhais, marulho obscuro,  
É o som presente desse mar futuro,  
É a voz da terra ansiando pelo mar. <sup>100</sup>

Segundo o poeta insular, As consequências que as conquistas<sup>101</sup> trouxeram para os povos peninsulares, e contrariamente a outras, foram pouco civilizadoras porque o que guiou os nossos navegadores não foi propriamente uma preocupação civilizacional, mas antes mercantil, e as consequências foram sentidas tanto nas terras conquistadas como aqui. Relativamente às Conquistas, Antero aponta o problema da escravidão e da mão-de-obra barata, na medida em que vêm arruinar o princípio de que *só o trabalho livre é fecundo. Só os resultados do trabalho livre são duradouros* <sup>102</sup>. Não é difícil estabelecer um paralelismo entre esta denúncia e os tempos que vivemos actualmente, em pleno século XXI e imersos numa profunda

---

<sup>100</sup> Fernando Pessoa “Mar Português”, *Mensagem*, Ática ed., Lisboa, 1987, p.104

<sup>101</sup> Sem dúvida que esta postura crítica de Antero nos permite evocar Gil Vicente em *A Farsa de Inês Pereira*, entre outras, e a atitude de um Velho do Restelo, embora com uma focagem actualizada pelos ideais socialistas que marcavam este final de século novecentista.

<sup>102</sup> Antero de Quental, *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares Nos Três Últimos Séculos*, Tinta-da-china, Lisboa, 2008, p. 86

crise social, assim como sobre as circunstâncias que condicionam a viabilidade desse trabalho livre e dignificante. Poderemos entender agora melhor a universalidade e humanidade deste texto porque a todos nos resulta fácil essa correspondência entre a lição do passado e a realidade do presente. Se desvalorizamos a lição do passado, desvalorizamos os valores humanos que suportam essa relação, e com eles toda uma série de outros valores como as tradições, a música, etc

Imbuído deste espírito crítico, Antero denuncia ainda a exploração laboral, a ganância que rege as trocas comerciais, ou o comportamento dos governantes que, em vez de darem o exemplo, são os primeiros a desprezar essa lição humanista que o passado transporta, e como exemplos aponta o autor esses dois grandes monumentos ao poder e à ostentação que são o convento de Mafra e o Escorial. Mas talvez o exemplo mais significativo desse desprezo seja precisamente o de D. João de Castro:

(...) depois duma campanha em África, retirando-se à sua quinta de Sintra, onde se dava àquela *estranha e nova agricultura* de cortar as árvores de fruto, e plantar em lugar delas árvores silvestres, essa tradição deu-nos um perfeito símbolo do espírito guerreiro no seu desprezo pela indústria. Portugal, o Portugal das conquistas, é esse guerreiro altivo, nobre e fantástico, que voluntariamente arruína as suas propriedades, para maior glória do seu absurdo idealismo.<sup>103</sup>

Não se pode ilustrar melhor o desprezo deste rei, com responsabilidades sociais muito importantes, face a uma identidade genuína e autêntica, e à qual se renuncia em pró da ostentação fútil e descontextualizada que, durante tantos, anos se alimentara graças ao triunfo do espírito monárquico, de carácter aristocrático. A essa

---

<sup>103</sup> Idem, p.87.

aristocracia o autor atribui a ruína de uma classe média porque, governando apenas em função dos seus interesses, a Nobreza terá impedido o desenvolvimento da agricultura, da economia, da ciência e do comércio. Ora, este desprezo só pode ter duas razões de ser: ou por ignorância, ou por prepotência e, em ambos os casos, é fruto dessa falta de diálogo entre o presente e a memória do passado. Neste sentido, não basta ler o passado, ler os clássicos, mas importa sobretudo aprender, reflectir e confrontar ideias para que a aprendizagem efectiva se produza e se anule essa cocepção fatalista da História. Um bom exemplo será precisamente a Geração de 70 porque, sempre que a interpelamos, continuamos a obter respostas que nos permitem participar na actualização e reformulação de uma identidade cultural. Esta foi a missão a que se dedicou Antero e, no fundo, acabou vencido por se recusar a assumir que, no polo oposto ao que dizia Nietzsche no início do seu *Anticristo*, as suas reflexões não eram *para os leitores do futuro* mas sim para os do presente porque Antero de Quental desejava crer verdadeiramente no poder da humanidade para iniciar a regeneração desde e para o presente.

O texto desta conferência reveste-se assim de um carácter especial por marcar essa preocupação de Antero em relação ao destino de Portugal, sobretudo, e gostaríamos precisamente de enfatizar essa inquietação, em encontrar um caminho para Portugal dentro da realidade peninsular, com toda a sua riqueza, diversidade e complexidade. Mas esse convencimento sobre a necessidade de uma união peninsular, à parte de qualquer sentimento iberista que possa evidenciar, patenteia ainda o desejo de encontrar na Europa moderna um lugar para os dois países peninsulares. Afastando possíveis sentimentos exacerbadamente nacionalistas, o poeta insular mostra-se convicto acerca da necessidade de trabalhar pelo progresso a partir do diálogo entre culturas afins com vista a reforçar a sua presença entre os restantes. No entanto, é importante frisar que essa união exige um

profundo trabalho de auto-análise de modo a que sejamos conscientes da nossa realidade e da nossa identidade. Caminhar juntos não implica uma homogeneização identitária, mas antes a redescoberta e a valorização de identidades paralelas: a própria e a do outro.

Entretanto, é sabido que a voz sincera e honesta de Antero encontra cada vez mais o seu lugar na cultura oitocentista e em Junho de 1872 decide editar em livro *Considerações Sobre a Filosofia da Historia Literária Portuguesa*, que tinham sido muito bem recebidas pelo público aquando da sua publicação em folhetim, em Maio, pelo jornal *Primeiro de Janeiro* do Porto. Na carta autobiográfica que envia a Wilhelm Storck, Antero pode até chegar a surpreender pelo auto elogio que tece quando afirma: *Creio que é, ainda assim, o que fiz de melhor, ou pelo menos, de mais razoável em prosa.*<sup>104</sup> Trata-se de uma série de apontamentos onde, centrando-se essencialmente no trabalho de Teófilo Braga e de Oliveira Martins, e partindo de um juízo crítico muito bem fundamentado, o autor pretende demonstrar a ligação existente entre a história literária e a filosofia da história, para defender que *A philosophia das litteraturas é uma criação do nosso seculo.*<sup>105</sup>

Conforme lemos na nota introduzida por Antero, ele decide incluir nessa publicação *algumas observações, suggeridas pelo escripto do snr. M. Pinheiro Chagas*<sup>106</sup>, «*Desenvolvimento da Litteratura*

---

<sup>104</sup> Antero de Quental, *Obras Completas, Cartas, II 1881-1891*. Org., intr. e notas de Ana Maria Almeida Martins, Ed. Comunicação- Univ. dos Açores, Lisboa-Ponta Delgada 1989, p. 836

<sup>105</sup> Antero de Quental, *Considerações Sobre a Philosophia da Historia Litteraria Portuguesa: (a proposito d'alguns livros recentes)*, Liv. Chardron, Porto, 1904, p.7

<sup>106</sup> Manuel Joaquim Pinheiro Chagas (Lisboa 1842-1985) importante escritor, destacou-se também como jornalista e Político, tendo sido Ministro da Marinha e do Ultramar (de Outubro de 1883 a Fevereiro de 1886)



*Portuguesa*», que só pude vêr depois de publicados os folhetins<sup>107</sup>. Tratava-se de um trabalho académico que o autor defendeu para o concurso da 3ª cadeira do Curso Superior de Letras do qual não podemos deixar de evidenciar uma das conclusões apresentadas por Antero, mais concretamente a 6ª, e que diz o seguinte:

Que a decadencia da nossa litteratura foi devida a tres causas deprimentes: o despotismo monarchico e centralizador, que imperou em todas as raças neo-latinas, o despotismo religioso que actuou com a mesma energia na Italia e principalmente na Hespanha, e a perda da nossa nacionalidade, que foi uma causa especial, devida a fataes circunstancias historicas.<sup>108</sup>

É natural que o termo *decadência* faça parte de um vocabulário sociológico, próprio de uma sociedade que ambos autores conheciam, interrogavam e sofriam, contudo não podemos deixar de escutar o eco dessas três causas cuja voz de Antero de Quental tinha gritado bem alto, há cerca de um ano atrás, no casino Lisbonense, provando, uma vez mais, que essa conferência tinha não só conseguido abalar os pilares de um sistema político, como também integrar-se imediatamente num discurso cultural, e até académico.

Mas, na verdade, esta invocação do discurso proferido aquando das *Conferências do Casino* a partir do texto de Pinheiro Chagas é apenas o início de um diálogo geracional que envolverá ainda outras figuras como Eça de Queiroz, cujo tema da *decadência* surge como *leitmotiv* de muitas das suas cenas realistas. Mas onde se estabelece o diálogo mais directo com o discurso de Antero é precisamente nos capítulos

---

precisamente no período conturbado que antecedeu a crise com Inglaterra pela repartição dos territórios de África. Foi ainda um dos Fundadores da Sociedade de Geografia de Lisboa (1875)

<sup>107</sup> Idem, p.5.

<sup>108</sup> Id. P.41

finais de *História da Civilização Ibérica* de Oliveira Martins. Quando comparamos o índice da primeira edição desta obra (1879) com o da segunda (1880), verificamos que os capítulos VI do Livro IV não coincidem, posto que na segunda é acrescentado um capítulo novo, intitulado *Camões*. Comparando ambas as edições com a terceira (1885), e sucessivas posto que não houve mais alterações a este respeito, notamos uma alteração do título daquele que passou a ser o capítulo VII do mesmo Livro IV. Onde nas duas primeiras edições estava *Reacção das forças naturais contra o heroísmo: Causa da Decadência das Nações Peninsulares*, na terceira edição passa a estar *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares* e, passados cerca de oito anos, Oliveira Martins retoma a mesma problemática que Antero levantara. É obvio que a alteração dos títulos vem reforçar o cuidado e a intencionalidade de identificar plenamente os títulos dos dois discursos, o que não deixa também de ser pertinente, para além de uma manifesta necessidade de fazer coincidir essa mudança terminológica com uma evolução de pensamento, já que o que está em análise não é tanto a questão das *Nações* (estado) mas sim *dos Povos* (civilização), como se confirmará no corpo do texto quando surja a designação de *Civilização Peninsular*, acabando esta gradação por se repercutir naturalmente na leitura final do texto. Na verdade, as causas apontadas validam a análise de Antero, e apoiada depois por Pinheiro Chagas, reconhecendo Oliveira Martins a necessidade de se indagar de onde provém *a ruína do edificio da civilização peninsular*<sup>109</sup> no entanto, na sua análise não é tão dura em relação ao poder de Roma como o fora Antero de Quental e encara a história desde uma perspectiva mais orgânica e vitalista, distante da anteriana, esta de cariz mais Hegeliano e reforçada por Michelet. No seu discurso, cuja dissertação contrasta com o tom expositivo e dialéctico de Antero, o historiador começará por estabelecer várias conjecturas sobre a história da Península Ibérica para chegar também à tese de que a

---

<sup>109</sup> Oliveira Martins, *História da Civilização Ibérica*, Guimarães Editores, Lisboa, 1994, P.271

descoberta do Novo Mundo fora a responsável pelo rumo histórico que a Europa seguira e que acabaria por determinar a centralização do poder cultural em França, em detrimento de uma maior unidade europeia, e oferecendo-nos a seguinte conclusão:

Os erros económicos da administração encontram motivo, já nas erradas ideias dominantes e por todos então aceites, já na grandeza dos problemas propostos de chofre a quem não tinha educação suficiente para os resolver. Ninguém então os possuía na Europa, e foram exactamente as consequências dos nossos erros que abriram os olhos aos estranhos, nossos sucessores no domínio ultramarino: aos holandeses, aos ingleses.<sup>110</sup>

Existe pois aqui uma interpretação organicista da história que nos leva a encarar o presente com um tom decadentista, como consequência de um certo cansaço ou esgotamento, compreensível, diríamos nós, depois de tanto arrojo e valentia empregues, mas que está muito longe do tom de denúncia empregue por Antero embora os dois autores convirjam na ideia de que não somos piores que os outros, nem os outros são melhores que nós. Em ambas as análises se dão suficientes provas da nossa mais-valia, apesar de no passado ela ter sido mal canalizada, independentemente das conjecturas apontadas. Neste sentido ambos os autores irão apontar a necessidade de ser levado a cabo um trabalho de regeneração que terá que passar necessariamente pela cultura e pela educação.

Esta sintonia que sustenta o diálogo dos dois setentistas é mais que um mero eco epocal, ou uma simples discussão de amigos, mas antes uma profunda consciência da necessidade de reclamar o lugar dos povos peninsulares numa Europa que também lhe pertence. É precisamente neste sentido que o historiador inicia o Livro V, reclamando a

---

<sup>110</sup> Idem, p.271.

presença do mestre Antero de Quental, e não só para legitimar ou ilustrar o seu próprio discurso, mas sobretudo para ampliar a discussão iniciada:

Cederemos a palavra a um nosso escritor ilustre que num discurso, cuja ideia se nos afigura incompleta e insustentável à luz da história, desenhou, porém, com os mais vivos e eloquentes traços o quadro dessa decadência que se arrasta pelos séculos XVII e XVIII.<sup>111</sup>

Ora, aqueles que frequentamos a correspondência entre os dois autores, sabemos que este é apenas mais uma dessas discussões em que o espírito crítico de ambos se unia para criar ideias e encontrar uma solução para o problema que já não era só nacional mas que, por isso mesmo, o acentuava. Em Portugal, depois de muito tempo, começava-se a ignorar essa cicatriz que as relações peninsulares teimavam em manter visível para se empreender um novo projecto de modernidade e por isso se verifica uma manifesta convergência no uso de termos e definições, simplesmente porque assistimos ao desenvolvimento de uma linguagem comum e assídua num discurso sempre polifónico, ora dirigido por Antero de Quental ora por Oliveira Martins, ora por outros:

Deve ser, antes de tudo, uma reforma dos sentimentos e dos costumes.<sup>112</sup>

O que nos cumpre fazer, se queremos entrar no concurso das nações que rapidamente caminham para a definição do sistema das ideias modernas, é reconstruir o nosso corpo social, mais

---

<sup>111</sup> Id., P.286

<sup>112</sup> Antero de Quental, “Expição”, *Prosas Sócio-Políticas*, apr. por Joel Serrão, I.N.C.M., Lisboa, 1992, p.447.

que nenhum outro abalado e doente por uma enfermidade de três séculos<sup>113</sup>.

Mas volvidos os tempos, ontem como hoje, verificamos que as causas passaram, mas a decadência mantém-se, e com ela o espírito de apatia e de inércia que atinge o povo, por isso Antero adverte-nos de que *para entrarmos outra vez na comunhão da Europa culta*<sup>114</sup> é necessário um *esforço viril, um esforço supremo: quebrar resolutamente com o passado*<sup>115</sup> que se imponha contra essa indiferença. O que veio depois justificaria, novamente, a invocação de Fernando Pessoa para proclamar *Ó Portugal hoje és Nevoeiro*<sup>116</sup> assim como de tantas outras vozes que poderiam ampliar esta tertúlia.

Com o advento do séc. XIX, toda a Europa vive uma ebulição cultural, enquanto Portugal se limitava a ser um mero espectador; como podíamos então apanhar agora o comboio do progresso se, durante séculos, nunca nos interessáramos em reunir a bagagem necessária? Esta é uma das interrogações mais importantes que terá norteado o trabalho desta geração e, depois de séculos de unanimismo religioso, cultural, político, ético, desde as invasões napoleónicas até ao definitivo estabelecimento da monarquia constitucional (1834), por fim podemos afirmar que *Portugal discute-se*.<sup>117</sup>

---

<sup>113</sup> Oliveira Martins, *História da Civilização Ibérica*, Guimarães Editores, Lisboa, 1994, p. 314

<sup>114</sup> Antero de Quental, *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares Nos Três Últimos Séculos*, Tinta-da-china, Lisboa, 2008, p. 93

<sup>115</sup> Idem, p.93.

<sup>116</sup> Fernando Pessoa, *Mensagem*, Ática ed., Lisboa, 1987, p. 104

<sup>117</sup> Eduardo Lourenço, *Portugal como Destino Seguido de Mitologia da Saudade*, 2ª ed., Gradiva, Lisboa, 1999, p.26

### II.3- ANTERO DE QUENTAL E A CONSTRUÇÃO DE UM PENSAMENTO MODERNO

Entre todos os motivos que confinam a imagem identitária da geração de 70 impera, sem dúvida, o de ela ter sido capaz de inaugurar definitivamente o caminho que levaria à modernidade que começava a revelar-se: um percurso que se abria com os instintos liberais do romantismo e que, conduzindo-nos até ao simbolismo, anúncio do modernismo português, afectaria definitivamente as bases de uma cultura clássica. Desde um primeiro momento, profundamente empenhados nessa revolução, que não podia ser apenas poética ou literária mas fundamentalmente humanista, e esperando ansiosamente pelas mudanças que os novos tempos pressagiavam, os protagonistas deste grupo geracional estabelecem um estreito e efectivo contacto com a filosofia alemã, bem como com os novos ventos político-sociológicos que chegavam um pouco de todo o mundo graças às maravilhas do progresso. Em finais dos anos 70 o comboio já cruzava toda a Península Ibérica, unindo-a assim ao resto da Europa. Uma imagem do que essa melhoria do transporte representava para esta geração, no plano cultural, encontramos-la neste comentário que Antero faz a Alberto Sampaio:

Não me mandes mais *Academy*. A leitura daquele jornal, ou de outros semelhantes, faz-me mal; entro a querer mandar vir e ler tudo quanto ali se anuncia de interessante, isto é, dúzias de livros por mês, vejo que é impossível e caio em negro desespero. Por isso evito a leitura de catálogos bibliográficos, etc.<sup>118</sup>

---

<sup>118</sup> Antero de Quental *Obras Completas, Cartas, II 1881-1891*. Org., intr. e notas de Ana Maria Almeida Martins, Ed. Comunicação- Univ. dos Açores, Lisboa-Ponta Delgada 1989,. P.963

Ao chegar a Coimbra, o jovem estudante Antero começa a traçar um perfil cada vez mais literário, à medida que se esvanecia o seu interesse pelos estudos de Direito que, contudo, o ajudavam a desenvolver uma ideia de justiça e de defesa dos ideais humanistas. Começa a publicar em jornais e revistas desde muito novo e rprojecta já a sua fama como leterato, chegando a afirmar que reconhecer que *acabei por ser citado como modelo da prosa moderna*<sup>119</sup>.

Ao mesmo tempo, verificamos que o autor chega a afirmar categoricamente ao seu amigo Oliveira Martins que *sou filósofo*!<sup>120</sup> fazendo uma excelente aplicação da exclamativa, chamando a atenção para essa definição sobre qualquer outra. Pouco tempo antes de desistir da vida ainda se definirá perante Trindade Coelho como o autor se define várias vezes a si mesmo como *um velho e tristonho filósofo*<sup>121</sup>, Eça de Queirós referir-se-á a ele também como o *Santo filósofo*<sup>122</sup>, ampliando o retrato geracional mais canónico de Antero, que o romancista deixará gravado para a eternidade literária portuguesa através desse texto que deixou no *In Memoriam* de Antero de Quental: *Um Génio que era um Santo*.

Contudo, todos sabemos que a imagem Anteriana que predomina no nosso panorama cultural é sobretudo a de poeta. Na nossa memória cultural de hoje em dia, essa *prosa moderna* assume um modesto protagonismo, e isso apesar de ser nela que reside o verdadeiro fio condutor que nos permitirá tecer qualquer linha de leitura da sua poesia. Nessa prosa, quando lida a par da sua poesia, assistimos à evolução completa, e complexa, de um homem que sentia aquilo que escrevia, pelo que nela se reflecte uma agitação de ideias e uma

---

<sup>119</sup> Idem, p.836.

<sup>120</sup> Id., p.804

<sup>121</sup> Id., P. 1068

<sup>122</sup> Eça de Queiroz, *Correspondência*, Livros do Brasil, Lisboa, s.d., p.101

dinamização dos seus ideais, com as suas dúvidas e convicções, conferindo-lhes a essas linhas um valor extraordinário.

Seguindo uma leitura dos textos legados pelo escritor, deparamo-nos sempre com a dúvida de como devemos definir a figura de Antero: poeta, filósofo, ideólogo, político? Face a essa versatilidade, que não se prende somente com uma questão de variedade de estilos ou de géneros, mas antes com o ser capaz de transmitir como poucos uma percepção que se tem da realidade circundante, e que por vezes tendemos a interpretar de uma forma bastante plástica, damo-nos conta de como as ideias e o pensamento se constroem à base de experiências sensitivas, gnoseológicas e até ontológicas. Se quisermos adiantar alguma hipótese de resposta para esta questão teremos que ter em conta que nenhuma das hipóteses anulará alguma outra, mas antes pelo contrário, já que a partir das respostas avançadas /especulações se procurará estabelecer antes um diálogo complementar. Fernando Pinto do Amaral aponta, a propósito:

Foi nas alturas desse céu *incorruptível* – e por isso demasiado frio ou distante, quase inumano - que alguns leitores ou críticos d Antero quiseram situar a sua poesia, chamando-lhe filósofo com tanto maior veemência ou generosidade quanto menos facilmente admitiam o seu talento de poeta. Escusado será dizer que tais comentadores provinham da esfera literária, já que muitos filósofos, pelo contrário, sempre tenderam a considerá-lo basicamente um poeta e a desconfiar dos méritos do seu pensamento ou da solidez da sua argumentação.<sup>123</sup>

Aqui o crítico, e também poeta, expõe de forma brilhante esta questão a partir de uma perspectiva dual justificando a razão pela qual é difícil considerar que aqueles que conhecem o valor da sua poesia o vejam como um verdadeiro filósofo. No entanto, e sabedores de que a cultura portuguesa nunca foi terreno propício para filosofia, parece-nos

---

<sup>123</sup> Antero de Quental, *Poesia Completa 1842-1891*, Org. e Pref. De Fernando Pinto do Amaral, Dom Quixote, Lisboa, 2001, p.36



pertinente indagar um pouco mais sobre a questão de se Antero era ou não um filósofo tendo em conta que nos pode ajudar a ler a sua obra com outra perspectiva.

Ao longo destas décadas, a crítica tem mantido esta dualidade, mas sem esconder essa resistência a ver Antero de Quental como um puro filósofo. Santana Dionísio, será bastante tácito relativamente a esta questão, afirmando:

A falar com rigor, Antero de Quental não deixou obra ou escrito algum de reflexão metafísica a que possamos dar a designação de testamento filosófico. Era sim, êsse o seu maior desejo e o maior plano íntimo dos últimos anos da sua vida (...) <sup>124</sup>

Ora, nós aclararíamos que não foi apenas um desejo dos últimos anos, mas sim de toda uma vida e por isso mesmo em 1886, Antero de Quental, num perfeito exercício de lucidez intelectual afirmará:

Se eu soubesse expor aos outros, com a mesma força probante com que elas se apresentam à minha inteligência, as soluções a que tenho chegado sobre estes problemas, creio que seria o primeiro filósofo da época. Mas é muito certo que nunca o conseguirei. <sup>125</sup>

Aqui, em nosso parecer, é onde reside o ponto nevrálgico desta questão, porque, tal como o reconhece o próprio autor, não se trata de uma questão de se ter ou não ideias, mas antes uma questão de se ser capaz de as expor de um modo coerente e apropriado a um público que teria que as captar. Adoptando um discurso perfeitamente didáctico, mas sobretudo lúcido e honesto, eis aqui uma das razões pelas quais Antero de Quental nunca se terá tornado num verdadeiro

---

<sup>124</sup> Antero de Quental, *Testamento Filosófico de Antero de Quental: Antologia*. Pref. de Sant'Anna Dionísio, Seara Nova, Lisboa, 1945, p. 17

<sup>125</sup> Antero de Quental, *Obras Completas, Cartas, II 1881-1891*. Org., intr. e notas de Ana Maria Almeida Martins, Ed. Comunicação- Univ. dos Açores, Lisboa-Ponta Delgada 1989, p.805

filósofo, no sentido mais restrito do termo. As ideias não lhe faltaram, já que o autor sempre se destacou entre os demais elementos da sua geração pela sua agudeza intelectual e por uma forte capacidade crítica e especulativa, contudo, ele próprio é consciente dessa dificuldade em “expor” as suas teorias. Retomamos agora essa perspectiva já apontada por Eduardo Lourenço de que Antero se tinha visto prejudicado na sua condição de filósofo precisamente pela falta de uma escola, fundamental para a evolução gnoseológica do autor, para reiterarmos o nosso apoio a essa sua observação. Não obstante, e na nossa perspectiva, estamos em crer que a ausência desse processo formativo se irá repercutir em duas linhas complementares. Numa primeira vertente, a ter existido essa evolução, e desde uma perspectiva metodológica, é obvio que o discurso de Antero poderia ter sido evidentemente bastante mais efectivo, na medida em que a dissertação filosófica exige um didactismo e uma organização sistemática que o pensamento impetuoso nem sempre é capaz de respeitar. Convém no entanto não esquecer que, além de tudo, para que um discurso seja captado na sua plenitude é necessário um público receptivo e capaz de processar a mensagem recebida, sendo aqui evidente o esforço empreendido pelo autor para formar o seu pensamento, e até para moldar o seu estilo. Os seus conhecimentos de retórica e os dons de oratória que a carreira de advocacia lhe proporcionaram tê-lo-iam ajudado a sistematizar as suas ideias, mas também a cuidar essa *captatio benevolentia*. Quanto à segunda vertente, sem dúvida que a inexistência de uma escola ou de uma tradição filosófica em Portugal impedia que o pensamento exposto fosse devidamente recebido. Face à falta de rotina com relação a este tipo de discurso por parte da maior parte do público, são de prever dois tipos de conduta: a indiferença e a estranheza. Antero<sup>126</sup> era

---

<sup>126</sup> Extrapolando a apreciação, podemos afirmar que esta consciência era comum a toda a geração, que sabia que tinha que lutar arduamente para que a população portuguesa se familiarizasse com a cultura e a consequente actividade crítica que esta exigia.

consciente desta situação e por isso, ao mesmo tempo que investe no seu processo formativo, lendo e dialogando com os grandes mestres do pensamento moderno, também insistirá em expor e explicar o seu pensamento ao ponto de, como o refere Eduardo Lourenço, podermos afirmar que *Antero de Quental est le premier écrivain portugais qui s'est donné une généalogie spirituelle*. É neste sentido que a prosa ou os textos filosóficos se tornam imprescindíveis para entender a sua poesia. À luz dos nossos dias, sentimo-nos ainda mais privilegiados por poder usufruir das confissões que encontramos na sua correspondência e que se tornaram já materiais imprescindíveis para a leitura da obra do autor açoriano, bem como de todo esse legado genealógico que nos permite seguir um trabalho identitário legítimo. Reconhecendo esta herança Sant'Anna Dionísio complementarà a sua perspectiva já enunciada apontando a necessidade de se reconhecer que *Houve, enfim, em Antero, um insolúvel compromisso, como filósofo*.<sup>127</sup>

Efectivamente, Antero assumiu um compromisso simultaneamente gnoseológico e ontológico ímpar que acaba por assumir uma maior dimensão ao lermos as palavras do próprio autor nessa carta biográfica que escreve a Carolina Michaëlis de Vasconcelos, em 1885, quando lhe diz:

(...) nunca pretendi ser poeta, nem me preparei para isso com estudo e aplicação: mas, não sei como, tenho sempre encontrado a poesia ao meu lado, e espontaneamente, quase involuntariamente, têm revestido a forma poética o meu pensar e o meu sentir (coisas que em mim andam sempre muito irmãs) no curso duma evolução moral, não sei se singular, se típica.<sup>128</sup>

---

<sup>127</sup> Antero de Quental, *Testamento Filosófico de Antero de Quental: Antologia*. Pref. de Sant'Anna Dionísio, Seara Nova, Lisboa, 1945, p. 27

<sup>128</sup> Antero de Quental, *Obras Completas, Cartas, II 1881-1891*. Org., intr. e notas de Ana Maria Almeida Martins, Ed. Comunicação- Univ. dos Açores, Lisboa-Ponta Delgada 1989, p.747.

Antero não escolheu nunca o caminho mais cómodo e, apesar de ter tido na poesia uma protectora assídua, quis dar à sua sensibilidade uma missão maior, ética e moral que só o pensamento e a cultura podiam guiar, e a quem o poeta foi sempre leal.

Ponderando sobre tudo isto, o mais congruente será considerar o autor como aquilo que sempre se foi revelando ao longo da sua multifacetada actividade, um poeta-pensador. Mas um pensador que nunca se deixou arrastar por teorias desfasadas ou inúteis, mas antes pelo contrário, sob uma evidente influência dos seus mestres, e ainda que em alguns momentos se tenha deixado levar por alguma euforia, defenderá ideias tão modernas como a de que a liberdade individual é fundamental para a igualdade social, ou que só será possível alcançar uma sociedade igualitária no momento em que todos formos livres, tornando-se este no princípio que sempre norteou a sua actividade; uma profunda crença na espiritualidade individual, e proclamando assim a modernidade do seu pensamento.

Assumindo o seu perfil de pensador, Antero soube preparar-se e evoluir, e cuidar dessa mensagem que nos deixaria através da sua obra, mantendo sempre uma linha de discussão de ideais em que o velho e o novo mundo se enfrentavam veemente: a tradição, e os valores preestabelecidos; e o espírito, a ideia insubmissa, fecunda e renovadora. Mas, muito importante, nunca descuidou esse legado que o velho e tradicional lhe transmitiram porque Antero pretende interpretá-lo, interrogá-lo e suscitar o confronto dessas duas realidades para que surja uma outra. A questão complicar-se-á quando essa dialéctica não se realize e apenas fique a discussão sem consenso. O que marcará o discurso de Antero será precisamente a modernidade que alberga essa ânsia de diálogo e de acordo, ainda que para isso tenha que adequar o seu pensamento em função das realidades que se imponham. Esse jogo de ocultação de um carácter, de uma personalidade ou de uma ideia, que num princípio nos pode provocar

alguma desorientação, é também o que alimenta e confere um dinamismo genuíno à sua obra, como muito bem o aponta José Tomás Calvet de Magalhães:

Torna-se necessário um árduo trabalho de interpretação quantas vezes estéril e inglório! Para se descobrir, para além das expressões e imagens poéticas, libertas da lógica e da realidade, impregnada de fantasia e mistério, a real fisionomia intelectual do artista <sup>129</sup>

Neste ponto, é nossa convicção que esse jogo não busca senão o estabelecimento da dialéctica, do debate, com o seu leitor, nem que este apenas se possa estabelecer através da escrita, porque o que Antero pretendia era conduzir o leitor à descoberta de uma ideia própria, de uma sensibilidade. Uma técnica que, como é sabido, fora já acertadamente explorada por autores como Almeida Garrett, com o intuito de cativar a atenção do seu leitor, mas sobretudo para conceder ao discurso um dinamismo que permitisse ceder espaço à reflexão, e até mesmo à indignação, por parte do leitor. Essa reacção irá depois ser ampliada por toda a modernidade, tendo evoluído até aos nossos dias. A propósito Valter Hugo Mãe, enquanto um dos máximos expoentes da literatura moderna portuguesa, expõe com toda a legitimidade esta questão, conseguindo sintetizar no seu discurso a perspectiva do escritor com a do leitor, porque, não devemos esquecer-nos, o escritor é também ele leitor.:

Mais do que moralizar a tragédia, interessa-me é expor porque depois compete, no fundo, ao leitor a tomada de uma decisão, eu acredito piamente nos livros que me deixam espaço para que eu depois complete a mensagem com essa decisão <sup>130</sup>.

---

<sup>129</sup> José Tomás Calvet de Magalhães, (pref. e selecção) *Antero de Quental*, Col. Idearum, Edições SNI, Lisboa, 1948.p.7

<sup>130</sup> Opinião proferida aquando das II Jornadas de Cultura Portuguesa, Universitat de les Illes Balears, Palma de Maiorca, 14/3/2011

Assim sendo, toda a especulação teórica e crítica que tem estabelecido uma poética de modernidade acaba por legitimar uma conexão em aqueduto entre o século XIX e a contemporaneidade e é essas pontes que devemos rever, vigiar e adaptar, sempre em função de uma contextualização real e actualizada, mas de que nos continuamos a alimentar.

## II.4 – A REFLEXÃO FILOSÓFICA ANTERIANA

Só em 1868 D. Pedro V criará o Curso superior de Letras e nele instaurará a cátedra de Filosofia o que representará, sem dúvida, um grande incremento no estudo do pensamento, sobretudo de base germânica, mas também para as bases fundamentais de formação cartesiana. Também neste sentido, Antero foi um homem de ideias progressistas, posto que desde o início encontrou na reflexão filosófica uma forma de interpretar, discutir e sistematizar o seu pensamento. Num momento em que o positivismo e o cientismo conquistavam um lugar cativo no pensamento moderno, o autor insular veio relançar a importância dos estudos filosóficos reclamando a importância da especulação metafísica para o progresso epistemológico. Antero de Quental vai estar subjugado à influência de um segundo romantismo, bastante mais activo filosoficamente que o primeiro, com um pendor mais lírico, pelo que é plenamente consciente de que só é possível empreender a viagem da modernidade cultural passando pelo caminho que leva ao desenvolvimento do pensamento e também nisso, ou sobretudo nisso, Portugal necessita de ir ao encontro do que se fazia pela Europa fora, onde a especulação reflexiva é já uma evidência. Em parte graças ao excelente trabalho dos primeiros românticos, que souberam continuar e amplificar a herança recebida de alguns dos nossos clássicos, na cultura portuguesa progrediam já a linha germânica e a francesa, esta última com um importante protagonismo, mas que importavam parte dessa nova atitude racional. Face aos novos ventos que chegavam ao cantinho lusitano, a história do pensamento irá conhecer um grande desenvolvimento e Antero sentirá uma forte necessidade de a acompanhar. O seu contributo para a evolução de um pensamento nacional ultrapassará qualquer linha de investigação de âmbito meramente formativo, para se tornar numa questão deveras existencial.

Neste século a consciência de cidadania começa a despertar e depois de o Romantismo ter conseguido atribuir ao indivíduo um estatuto universal, a cultura moderna tende a ser voz de uma opinião livre e individual. Uma das consequências mais visíveis desta realidade manifesta-se no progressivo desaparecimento da obra anónima, porque todos temos direito a uma identidade, nem que seja a que nos outorgue um pseudónimo ou até um heterónimo, mas uma obra humana, enquanto força subjectiva (simultaneamente expressiva e edificante) já não pode continuar a ser anónima.

A consciência dessa subjectividade acabará por desencadear o verdadeiro drama de Antero porque se é verdade que esse caminho de procura e de sistematização obedecia a uma necessidade de crescimento pessoal, a nível intelectual e até psicológico, não podemos ignorar que o homem de pensamento era consciente de que a sua voz não era apenas sua, mas que se devia subjugar aos imperativos de toda uma nação e, neste sentido, a sua luta e o seu trabalho, acabarão por assumir um carisma nacional, ou até universal, e não apenas pessoal ou vital. Desta realidade advirá o confronto porque o que o autor assume não é só um método de indagação com os seus respectivos logros, mas também as frustrações e as angústias que subjazem a todo o processo que desencadeou a necessidade de busca de uma luz que o ilumine, pelo que o pensamento de Antero acabará por desencadear um processo de metamorfose que nos levará a identificar o destino de Antero com o de uma cultura, num determinado tempo e num determinado espaço. Portugal e a sua condição existencial passam de ser captados desde uma perspectiva externa e multifacetada, para passar a representar uma condição intrínseca à consciência de um indivíduo e, neste sentido, poucos conseguiram problematizar e decifrar, ou sequer compreender, o destino nacional como Antero o fez.



Fazendo gala de uma extrema lucidez, que acabará muitas vezes por assumir um cariz visionário, Antero é consciente de que a sua missão enquanto agente cultural não se esgota na produção de versos, mas que a sua poesia deverá ser a caixa que transporte as suas ideias. Uma vez aberta essa caixa, não bastará oferecer um conteúdo, posto que é também necessário proporcionar uma estrutura que permita a ordenação e a edificação de uma estrutura autónoma e coesa. Neste sentido, o trabalho do poeta passa não só por esse sólido processo de indagação e de recolha formativa e académica, mas sobretudo pela problematização e sistematização dos resultados encontrados.

Este processo de criação de Antero de Quental é bastante transparente, quer graças às confissões que nos deixou registadas ao longo da vasta correspondência, como sobretudo nos vários artigos e opúsculos que publicou. O autor açoriano vê o seu primeiro poema “Quero-te muito” publicado a 10 de Abril de 1859, apenas com 17 anos de idade em *Prelúdios Literários*<sup>131</sup>, a que se lhe segue, em Junho, um outro intitulado “A Rosa e a Borboleta”, composições que acusam um profundo lirismo ainda marcadamente juvenil. Mas se nos fixamos na edição de 13 de Maio de 1859 dessa mesma publicação periódica, encontramos um texto assinado por Antero Tarquínio do Quental, intitulado *Educação das Mulheres*, e que deixa claras muitas das directrizes que regerão o percurso desse jovem estudante, ainda caloiro. Numa época em que a mulher carecia ainda de interesse enquanto ser cultural e intelectual, vislumbramos a ênfase que o autor dá ao papel da educação da mulher, enquanto educadora e formadora principal das novas gerações, ideia que ele apoia a partir de uma cuidada referência à filosofia de Aimé Martin<sup>132</sup>, *um grande*

---

<sup>131</sup> Esta publicação, dirigida por Alberto da Veiga Simões, foi publicada entre Dezembro de 1858 e Janeiro de 1861 e era editada pela Imprensa da Universidade, de Coimbra.

<sup>132</sup> Aimé Martin, escritor francês que nasceu em Lyon em 1782 e que viria a falecer em Paris em 1847 e cuja obra mais divulgada é *Les Lettres à Sophie*. Segundo Fidelino de Figueiredo, este livro terá transformado o autor galo

*homem*<sup>133</sup>, e que voltará a citar posteriormente em *Leituras Populares*.

A propósito refere Antero:

A filosofia, depois de correr largo tempo desvairada pelos campos da abstracção e do frio raciocínio, parou, de cansada por tantos erros; e olhando para o coração da mulher pasmou de não ter dado mais cedo com a solução do problema; pasmou de ver como um pouco de sentimento dava melhores frutos do que todos os raciocínios frios e calculados. (...)

Eis porque hoje vemos o fenómeno da concordância entre todas as ciências e todas as literaturas sobre a necessidade da educação intelectual e, maximamente, moral da mulher.<sup>134</sup>

Para além de reclamar o protagonismo feminino no papel da construção de uma nova realidade social, porque é sobre ela que recai sempre o papel de educadora, tanto em casa como na escola, o autor insiste ainda na necessidade de a filosofia moderna abandonar qualquer posição empírica e se aliar com *todas as ciências e todas as literaturas*. Como referimos, este poderia ser o prelúdio do que encontraremos na obra de Antero, uma aliança entre as várias ciências e as várias literaturas, em pró de um intuito humanista que o pensamento crítico da modernidade exigia.

Sem podermos estabelecer barreiras demasiado estanques, já que as várias *ciências e literaturas* irão confluir entre si, damo-nos conta que os textos de carácter mais acentuadamente filosófico surgem delimitados por dois períodos<sup>135</sup>: um que vai de 1860 a 1866 e um

---

numa das influências mais marcantes na evolução inicial do jovem estudante Coimbrão.

<sup>133</sup> Antero de Quental, “Educação das Mulheres”, *Prosas de Época de Coimbra*, 2ª ed. Clássicos Sá da Costa, Lisboa, 1982, p.6

<sup>134</sup> Idem, p.6

<sup>135</sup> O estudioso Joel Serrão considera a existência de 3 períodos, sendo eles o que vai de 1860 a 1866, o de 1871 a 1875 e o de 1886 a 1890, tendo em conta que o segundo período compreenderia toda a reflexão levada a cabo para a Elaboração do *Programa Para os trabalhos da Geração Nova* e de uma possível *Teoria da Religião* que Antero terá destruído (Vide Introdução

outro de 1885 a 1890. No primeiro assistimos a uma época de bastante reflexão, a que se seguirá um importante interregno porque só em 1885, quase duas décadas depois, Antero voltará a publicar um texto de cariz filosófico, intitulado *Ensaio sobre as bases filosóficas da Moral ou Filosofia da Liberdade*, mas que será seguido, em 1886 por *A filosofia da natureza dos naturalistas* e por último, em 1890, publicará *Tendências gerais da filosofia na segunda metade do século XIX*.

Encarando essas duas etapas, podemos fazer corresponder o primeiro período com uma fase formativa em que Antero, sem mestre nem guia, irá não só lendo e consolidando as suas ideias, como tentando encontrar resposta para as inúmeras questões que lhe vão surgindo, transformando a sua existência num caminho de peregrinação em busca da verdade. Ao mesmo tempo, consciente dessa advertência sobre a necessidade de aliar todas as ciências e todas as literaturas, este período corresponde também a um ciclo de forte intervenção por parte de Antero, tanto a nível sócio político, dentro do meio estudantil em que se inseria, como a nível poético. Precisamente a nível poético, para além de alguns dos sonetos, e dos poemas que viriam depois a ser publicados postumamente em *Raios de Extinta Luz*<sup>136</sup>, em 1863 o autor conclui *Odes Modernas*<sup>137</sup>, cuja publicação viria posteriormente a desencadear a célebre *Questão Bom Senso e Bom Gosto*.

Legitimados pelas palavras do próprio Antero no prefácio a *Primaveras Românticas*, há uma certa tendência a desvalorizar a

---

a Antero de Quental, *Filosofia*, Universidade dos Açores, Ed. Comunicação, 1990)

<sup>136</sup> Como vimos, os poemas que fazem parte deste livro terão sido escritos entre 1859 e 1863, mas só viriam a ser publicados em livro postumamente, em 1892, com prefácio de Teófilo Braga, quem se encarregou de organizar e reunir os poemas, alguns ainda inéditos.

<sup>137</sup> Mas como o refere na carta autobiográfica, o autor considerava a segunda edição, a de 1874, como a definitiva, uma vez introduzidas as respectivas modificações.

importância destas obras mais juvenis no contexto da obra anterior, com excepção para as *Odes Modernas*, em parte por representarem um símbolo de ruptura com toda a tradição, mas sobretudo pela polémica que foram capaz de gerar e alimentar. Contudo, como leitores de Antero, cremos que é necessário valorizar, não só o esforço, como também o resultado de esses dois livrinhos. Ainda que representem um *sopro romântico* no seu trajecto, confirmam como, ao longo da sua evolução, o autor é capaz de manter uma sensibilidade e um espírito livre e que fez questão de proteger nesse prefácio ao colocá-lo entre parêntesis: (*salvo a moralidade íntima da intenção, a sinceridade no sentimento*)<sup>138</sup>. Mas para além dessa integridade humana que marcava já a sua linha ética e poética, nesta poesia encontramos ainda as provas de um longo e trabalhado caminho de formação que o acabarão por guiar até à modernidade. Antero provou com as formas, com os versos, as estrofes e o ritmo, mas também com o conteúdo, não sendo de estranhar que em alguns dos seus sonetos ecoe algum dos versos dessas composições mais juvenis para além de que, como os sonetos são escritos entre 1860 e 1864, alguns deles terem já sido publicados em *Primaveras Românticas*, assim como nas suas restantes colectâneas poéticas.

Com o anúncio da década de 70, aparentemente superado já esse período inicial de formação iremos encontrar um Antero bastante mais interventivo socialmente, atento aos constantes movimentos revolucionários que sacudiam a Europa e a que Portugal necessitava estar atento. Esta nova fase de maturidade levá-lo-á a abraçar projectos mais ambiciosos, como o refere nesta carta a João Lobo de Moura, datada de Julho /Agosto de 1873<sup>139</sup>:

---

<sup>138</sup> Antero de Quental, *Primaveras Românticas*, pref. de Nuno Júdice, Ed. Ulmeiro, Lisboa, 1994, P.17

<sup>139</sup> Seguimos a datação proposta por Ana Maria Almeida Martins, por ser a edição mais actualizada e completa da correspondência de Antero de Quental.

Ando dum humor *exterior* (quero dizer, oposto ao estado de homem *interior*, de que fala a Imitação) devido isto a estar novamente trabalhando no meu livro, e essa actividade intelectual nem me deixa olhar para dentro, nem me dá tempo para contemplar a natureza – de sorte que estou todo ideia, e a ideia, como sabe é rectilínea e pouco sentimental. O dito livro, meu caro, é uma coisa que eu não sei bem o que é: ora me parece uma revelação, ora um pastiche tolo do que lá por fora se faz. Vocês depois decidirão. Mas o que é com certeza é uma coisa inaudita em língua portuguesa, um caso novo na literatura lusitana. Dá-me Ânimo para o levar a cabo um pensamento que: ainda quando sejam erróneas a maior parte das minhas asserções, mal deduzidos os meus sistemas, etc. há nele uma coisa verdadeira; o espírito novo que o anima, a alma moderna por todo ele difundida.<sup>140</sup>

Esta confissão, para além de nos elucidar sobre a tarefa a que havia decidido entregar-se, revela ainda a missão que Antero assumira ao querer dar à cultura portuguesa um trato à altura do que se fazia lá fora, mas que em Portugal não existia ainda. Simultaneamente, não podemos deixar de verificar como esse trabalho de reflexão gnoseológica e epistemológica o irá arrastado para uma meditação a nível ontológico, da qual ele é consciente, mas que parece ter dificuldades em ordenar.

Guiado pelas linhas da razão, o seu pensamento desenrolar-se-á num autêntico labirinto e ao sair, levado por essa desorientação, o autor acabará por cair numa espécie de suicídio intelectual e destruirá, por volta de 1875, aquele que tinha sido o seu grande projecto. Dessa época, para além dos seus textos de intervenção histórico-políticos, ficou-nos essencialmente a sua poesia, mas não toda, posto que alguma dela teve também o fogo como destino. A sua obra definitiva, e mais meditada, é sem dúvida *Sonetos*, cuja primeira edição é

---

<sup>140</sup> Antero de Quental, *Obras Completas, Cartas, II 1881-1891*. Org., intr. e notas de Ana Maria Almeida Martins, Ed. Comunicação- Univ. dos Açores, Lisboa-Ponta Delgada 1989, p.212

publicada em 1886 e com prefácio do seu amigo J.P. Oliveira Martins. Precisamente graças a esta amizade, foi possível recuperar alguns dos poemas destruídos mas que Antero havia enviado ao amigo nas suas cartas, e este decide incluir nesse seu prefácio Estamos perante um dos legados mais importantes de Antero e que poderíamos designar como sendo o seu verdadeiro testamento ideológico, mas também do mundo e dos tempos que lhe coube viver e tentar decifrar. Um ser (pré)ocupado em viver a realidade; que procurava a verdade inteira, absoluta, sem contar com o relativo. Escritos entre 1860 e 1824<sup>141</sup>, esta obra reflecte toda a sua evolução, com os seus dramas, as suas angústias, mas também com alguma réstia de esperança, vivida ao longo de vinte e quatro anos e os dois últimos sonetos que escreveu são precisamente estes dois sonetos *Com a Morte* e *O Que Diz a Morte*, embora correspondam aos do encerramento desse seu testamento ideológico e poético.

### **Com os Mortos**

Os que amei, onde estão? Idos, dispersos,  
arrastados no giro dos tufões,  
Levados, como em sonho, entre visões,  
Na fuga, no ruir dos universos...

E eu mesmo, com os pés também imersos  
Na corrente e à mercê dos turbilhões,  
Só vejo espuma lívida, em cachões,  
E entre ela, aqui e ali, vultos submersos...

Mas se paro um momento, se consigo  
Fechar os olhos, sinto-os a meu lado

---

<sup>141</sup> Não queremos reclamar aqui uma reordenação cronológica dos *Sonetos*, à semelhança da tarefa realizada por António Sérgio, posto que, independentemente da sua ordenação cronológica, devemos ter em conta a ordem que o seu autor lhe quis dar, ou consentiu que o fizera o seu amigo Oliveira Martins, na edição mais completa e última publicada em vida do autor, como estabelecimento de uma unidade identitária que não devemos desprezar. No entanto, parece-nos que, assim como as suas cartas, existem poemas que, quando analisados cronologicamente, deixam transparecer essa coordenação existente entre a vida do pensador e a arte do poeta.

De novo, esses que amei vivem comigo,

Vejo-os, ouço-os e ouvem-me também,  
Juntos no antigo amor, no amor sagrado,  
Na comunhão ideal do eterno Bem.<sup>142</sup>

### O Que Diz a Morte

Deixai-os vir a mim, os que lidaram;  
Deixai-os vir a mim, os que padecem;  
E os que cheios de mágoa e tédio encaram  
As próprias obras vãs, de que escarnecem...

Em mim, os Sofrimentos que não saram,  
Paixão, Dúvida e Mal, se desvanecem.  
As torrentes da Dor, que nunca param,  
Como num mar, em mim desaparecem. -

Assim a Morte diz. Verbo velado,  
Silencioso intérprete sagrado  
Das coisas invisíveis, muda e fria,

É, na sua mudez, mais retumbante  
Que o clamoroso mar; mais rutilante,  
Na sua noite, do que a luz do dia.<sup>143</sup>

Estes dois poemas, imbuídos de um tom já perfeitamente decadentista, podem ajudar-nos a entender o drama íntimo que Antero vivia. Em *Com os Mortos*, quando lido em diálogo com o fragmento da carta que enviou a Lobo de Moura, vislumbramos esse desencontro entre o *humor exterior* e o *homem interior* que se sente só, porque abandonado pela partida dos amigos, quando afinal *esses que amei vivem comigo*. O sujeito poético deste soneto permite-nos interpretar perfeitamente o pessimismo em que Antero mergulhara e que não lhe permitia parar e sentir uma presença que o animasse a perseguir a roda da vida. Ora no primeiro terceto, a partir da presença da adversativa

---

<sup>142</sup> Antero de Quental, *Poesia Completa 1842-1891*, Org. e Pref. De Fernando Pinto do Amaral, Dom Quixote, Lisboa, 2001, p.310

<sup>143</sup> Idem, p.312

MAS advertimos uma mudança de atitude, uma nova consciencialização, que provocará um estado de harmonia e de bem-estar, em contraste com a angústia da primeira parte.

Ora, quando antes referíamos que *Sonetos* constituem o verdadeiro testamento existencial de Antero, queríamos marcar precisamente essa dialéctica existente na obra de Antero entre poesia e filosofia, ou pensamento, e que encontra a sua expressão mais autêntica nessa máxima que ele deixou de que *A arte é a verdade feita vida!*<sup>144</sup>

Antero explicava a W. Storck que os seus *Sonetos* se poderiam dividir em quatro secções, e identifica a última, em que se inserem estes sonetos, com o *testemunho do desespero e do pessimismo vácuo*<sup>145</sup> Este vai ser um problema sério porque, na realidade, sabemos que este período coincidirá com vários momentos críticos na vida de Antero, entre o que se encontra o agravamento do seu estado de saúde e que acabará por influir no seu estado de ânimo. Simultaneamente, a evolução do seu pensamento arrastá-lo-á para um ensimesmamento que acabará por provocar que o corpo assimile toda essa batalha dolorosa que o seu espírito trava.

Antero é consciente de que está a travar uma luta profunda entre a ideia e a realidade, entre o pensamento e a vida, entre o corpo e a mente, mas não consegue encontrar as respostas que tanto procurara, acabando por se ver aniquilado por toda essa situação. A maturidade que adquirira estava imbuída de um pessimismo que muito terá que ver com um estado enfermigo que lhe arruinará definitivamente a vontade de lutar que lhe era dada pela razão, ao ponto de essas ideias e

---

<sup>144</sup> Antero de Quental, “Arte e Verdade”, *Obras Completas, Filosofia*, org. int. e notas de Joel Serrão, Univ. dos Açores, - Ed. Comunicação, Lisboa, 1991, p.41

<sup>145</sup> Antero de Quental *Obras Completas, Cartas, II 1881-1891*. Org., intr. e notas de Ana Maria Almeida Martins, Ed. Comunicação- Univ. dos Açores, Lisboa-Ponta Delgada 1989, p.837



filosofias que o tinham alimentado e ajudado a crescer, que lhe tinham moldado a sua identidade, acabarem agora por ser também a causa da sua própria derrota; uma derrota que advém do facto de não ser capaz de equacionar correctamente todos os elementos de que dispõe. Posteriormente, Antero sem perder de vista a sua orientação hegeliana, diagnosticará esta crise como sendo uma crise de naturalismo, reconhecendo a necessidade imperiosa de fugir a uma concepção puramente empírica e científica de toda essa base filosófica em que se fora desenvolvendo, precisamente por ao longo da sua vida intelectual ter alimentado um aceso debate entre tese e antítese, mas sem nunca ter conseguido vislumbrar a síntese que lhe permitiria avançar e progredir, uma síntese em que ele não pretendia instalar-se definitivamente, como imagem absoluta, mas de que ele necessitava como plataforma dinâmica que o poria no caminho da perfeição. Nessa relação simbiótica entre razão (ciência) e ideia (espírito) estará a força que impele ao movimento, à mudança à evolução e ao progresso. Antero recusa instalar-se em paradigmas filosóficos sistemáticos ou definitivos, como os ditados por correntes como o positivismo ou o determinismo, para abraçar uma evolução dinâmica e progressiva porque *Tu pensamento, não és fogo, és luz!*<sup>146</sup>

Esta posição de Antero será decisiva, não só dentro de um contexto nacional, como também europeu, já que será essa força inovadora que cativará aqueles que consigam captar a sua linguagem poética e moral e o exemplo mais flagrante será o de Unamuno, sendo essa coragem e atrevimento metafísico numa época de fé positivista e cientificista que a cultura portuguesa deve continuar a celebrar

Consciente de que a solução reside numa mudança metodológica, ampliando a formação do seu pensamento procurará novos mestres, sobretudo no pensamento alemão, e desenvolverá também uma linha

---

<sup>146</sup> Antero de Quental, *Poesia Completa 1842-1891*, Org. e Pref. De Fernando Pinto do Amaral, Dom Quixote, Lisboa, 2001, p.268

mística, a qual passará pelo Budismo e pela busca do Nirvana, para que o ajudem a entender a realidade e a interpretar o naturalismo como um sistema exterior, como “o teatro da História”, e já não como um agente que manipule o destino, porque nele e através dele o ser humano encontrará esse espaço de harmonia que tanto procura, aspirando precisamente ao bem universal e à liberdade:

Vejo-os, ouço-os e ouvem-me também,  
Juntos no antigo amor, no amor sagrado,  
Na comunhão ideal do eterno Bem.<sup>147</sup>

Esta é a mensagem que encontramos no desenlace do último terceto do soneto *Com os Mortos*, e o teatro de todo este drama que, contrariamente ao que cria Antero, não termina com esta grave crise de 74 mas que será uma constante ao longo das discussões dialécticas de todos os seus textos de carácter filosófico, ou de pensamento.

No segundo soneto, *O Que diz a Morte*, é evidente a presença da morte, tal redentora disposta a acolher aqueles que a ela se dirijam, estabelecendo-se aqui um jogo analógico evidente com o discurso do evangelho, só que os inocentes não são agora as criancinhas, mas antes os que sofreram e padeceram a angústia e o tédio: *le mal du siècle*. .

Antero irá alternando os seus períodos de publicação de poesia com os de textos de carácter filosófico, ou de pensamento, e dessa preocupação sairá ainda uma íntima relação entre os textos em prosa (de pensamento) e a sua poesia, reclamando essa já referida leitura paralela. Percorrendo a poesia do jovem Antero de *Raios de Extinta Luz*, em que vislumbramos já esse ideário filosófico anterior, encontramos precisamente o seguinte poema:

---

<sup>147</sup> Idem, p.310

### Sarcasmos

Está deserta a estrada do infinito,  
É apenas o céu do nada espelho,  
A eternidade é fósil: Deus é velho,  
E o homem olha o céu, de fito em fito!

A cruz de Cristo está feita um palito,  
Embrulham-se caminhos no Evangelho;  
Cada qual dá a Deus o seu conselho:  
Nem já é Verbo o verbo... é só um Dito!

Nada disto me dá a mim cuidado;  
Mas morrer Satanás também de frio...  
Mas não haver já mal que se combata...

Não poder já ao demo um condenado  
Render a alma imortal... por desfazio...  
É isto o que me dói, o que me mata!...<sup>148</sup>

Neste soneto, de 1863, em que o sujeito poético nos guia face a um caminho infinito num deserto, já anunciado no último terceto do soneto *Nihil*, quando nos era revelado que *A ideia fechou a porta à esp'rança,/ Quando lhe foi pedir gasalho e pão... / deixou-a cara a cara com o Nada!!...*<sup>149</sup> A carga expressiva da pontuação final evidencia perfeitamente o drama vivido por quem já só encontra um *Deus velho*, como prenúncio desse Nietzsche que, anos mais tarde, proclamará a morte desse *velho*. No entanto, o jovem poeta anuncia-nos igualmente a morte de Satanás, *de frio*, uma vez extinto o fogo infernal, e isto *dói* e *mata*, porque suscita o vazio existencial e a melancolia daninha, prenúncio do niilismo latente em Antero. Fátima Freitas Morna irá de encontro a esse drama que Antero encarnara, afirmando:

Um futuro de coerência harmónica, ambicionava Antero para si  
e para o seu tempo, um futuro solar construído sobre tanta

---

<sup>148</sup> Idem, p.572.

<sup>149</sup> Id., p.570

morte: a morte de Deus, a morte de Satã, a morte da música...  
Seria mesmo inevitável, tudo isso em nome da razão?<sup>150</sup>

Ora, face a este vazio em que o absoluto já não tem um Deus que o habite, mas que a razão também não consegue preencher, esta mesma interrogação deve ter ocorrido várias vezes ao atormentado espírito de Antero. Dessa indagação surge a necessidade de uma nova esperança que, no meio deste pessimismo, abra uma esperança à humanidade e que encontraremos nesse longo poema de cariz epopeico *Fiat Lux*<sup>151</sup>, onde assistimos à invocação dessa força genesíaca que, como num desejo de interpretação histórica, permita a ordenação do caos inicial

(...)  
E o coro imenso  
Abriu-se e deu lugar à Terra escura,  
De cuja face cinco grandes feridas  
Gotejavam a luz – a Natureza,  
Que tem de Deus a força; - a Ideia, filha  
Da imensidade dele; - a Alma, eterna  
Como seu ser; - o Amor, que é olhar dele;  
E a Imortalidade luminosa,  
Que é o berço onde nele repousámos.

\*

E, agora, ó Terra! Que és, entre mil rodas,  
Uma roda do carro – vai rolando  
E desprende, ao rodar por sobre o tempo,  
Tuas cinco faíscas prodigiosas,  
Pela estrada do ser – a eternidade.<sup>152</sup>

(...)

---

<sup>150</sup> Fátima Freitas Morna, “Antero música romântica”, AAVV *Antero de Quental e o Destino de uma Geração*, org. e coord. de Isabel Pires de Lima, Edições Asa, Rio Tinto, 1994, p.211

<sup>151</sup> Este poema, juntamente com *Beatrice*, foi publicado num libreto em 1863, mas, poucos dias após a sua impressão, Antero destruiu todos os exemplares.

<sup>152</sup> Antero de Quental, *Poesia Completa 1842-1891*, Org. e Pref. De Fernando Pinto do Amaral, Dom Quixote, Lisboa, 2001, p. 584

Fruto de uma inspiração hegeliana, mas apoiada por uma excelente formação kantiana, em que a força desempenha um papel preponderante, o mundo de Antero evolui em função de uma nova ordem, tal como já o tinha apontado em nota à primeira edição de *Odes Modernas*:

No ruído espantoso do desabar dos Impérios e das Religiões há ainda uma harmonia grave e profunda para quem a escutar com a alma penetrada do terror santo deste mistério que é o destino das Sociedades! Está dada a razão deste livro.<sup>153</sup>

Apesar de tudo, encontramos ainda sensibilidade suficiente para vislumbrar uma réstia de fé numa *harmonia grave e profunda* que se deve fundamentalmente ao facto de o Homem estar ilibado de culpa, porque ele não é mais que um ser atormentado pelo jugo dos velhos e caducos valores:

O mal só deles vem – não vem do Homem.  
Vem dos tristes enganos, e não vem  
Da alma, que eles invadem e consomem,  
Espedaçando-a pelo mundo além!  
Mas que os desfaça o raio, mas que os tomem  
As auroras, um dia, e logo o Bem,  
Que encobria essa sombra movediça,  
Surgirá, como um astro de Justiça!<sup>154</sup>

Resta-nos a esperança nesse mundo de *Justiça* e de *Bem*, encarnado pela única *Verdade*, a *Ideia*, iluminada pela razão. Mas um dos problemas mais importantes prende-se com a necessidade *Boa-Nova* chegue a todos, pelo que terá que haver alguém que a possa proclamar e, como já sabemos, esse papel incumbe ao novo profeta, o poeta, que já não vive somente da emoção mas também da razão e que sabe conjugar a filosofia com as ciências de modo a auscultar e *pre-ver* essa *Boa Nova* dos novos tempos:

---

<sup>153</sup> Antero de Quental, *Odes Modernas*, Ed. Ulmeiro, Lisboa, 1996, p.211-2

<sup>154</sup> Antero de Quental, *Poesia Completa 1842-1891*, Org. e Pref. De Fernando Pinto do Amaral, Dom Quixote, Lisboa, 2001, p. 357

Como bom poeta, Antero difundia também na sociedade novecentista a nova mensagem, pelo que se poderá começar a dizer que a verdadeira revolução a operar será puramente a das Ideias, como advogava Antero na nota às *Odes*, e que, efectivamente, a *Poesia moderna é a voz da Revolução*.

Dos escritos filosóficos que Antero nos deixou, *Tendências Gerais da Filosofia na segunda Metade do século XIX*, assume um especial protagonismo que lhe é conferido, em parte, por ter sido publicado, ao longo de três números da importante *Revista de Portugal*, já em 1890. Este trabalho de Antero veio pôr em evidência esse trabalho de leitura e de reflexão crítica de que Antero nunca desistira, precisamente por acreditar que só através do trabalho e da luta pelo conhecimento poderia alcançar a plenitude e a perfeição. Mas ao mesmo tempo, é aqui exposto um criterioso estudo sobre a história das ideias e do pensamento moderno, com um evidente carácter didáctico que mais não pretende que contribuir para a formação daqueles que se sentem atraídos por estas questões, tarefa por ele desenvolvida em várias ocasiões. Neste sentido, este texto, publicado quase no final do seu ciclo vital, deve ser lido sem se perder de vista todas as reflexões filosóficas que o autor foi sistematizando e publicando ao longo da sua vida literária.

Este autêntico ensaio filosófico, vai-nos permitir traçar a linha do pensamento moderno e encontrar nela a linha dialéctica que Antero defendia como base do seu próprio pensamento, do pensamento moderno, marcada por um profundo anti-dogmatismo. Desta forma, poderemos chegar a entender este texto como metalinguístico<sup>155</sup> em que nos é exposta uma análise evolutiva e rejeitando a mera crítica

---

<sup>155</sup> Esta metalinguagem é frequente em Antero, sobretudo nos seus escritos filosóficos, como expressão de um didactismo sempre presente nos seus objectivos imediatos.

destrutiva. Ao optar por esse método indutivo, somos também nós, enquanto leitores, levados a repensar o nosso raciocínio e a indagar nele elementos positivos e edificantes para que, posteriormente, possamos harmonizar e provocar a interacção desses vários segmentos porque, tal como se pode ler no início do seu artigo, Antero reconhece que o pensamento, enquanto expressão humanista, não pode estar regido pelos princípios da simplicidade:

A filosofia é eterna como o pensamento humano: mas, porque é eterna como ele, é que é continuamente instável e flutuante, susceptível de progresso e sujeita ao retrocesso, desenvolvendo-se, como todas as coisas vivas, segundo uma linha sinuosa e complicada.<sup>156</sup>

Evocando esse efeito metalinguístico do seu discurso, Antero vai expondo essa sinuosidade a partir das mesmas vicissitudes que marca a trajectória do pensamento e as fontes que a ele assistem. Embora seja Hegel e Kant quem dominem neste discurso, não se pode obviar a presença de Sócrates, Descartes. porque

O pensar antigo via a realidade fraccionada num certo número de divisões e categorias, géneros ou espécies, substâncias incomunicáveis e irredutíveis entre si (...) o pensar moderno quebra essas prisões lógicas, faz circular através dos tipos pretendidos irredutíveis uma vida comum.<sup>157</sup>

Antero, sairá em defesa da metafísica, bastante prejudicada pelo positivismo, e reconhecerá que a filosofia tem na ciência a sua verdadeira aliada porque só a dialética que ela imprime pode levar-nos a alcançar a tão desejada síntese: *Iludem-se, por certo, se procuram na filosofia a verdade total e definitiva*<sup>158</sup>

---

<sup>156</sup> Antero de Quental, “Tendências Gerais da Filosofia na Segunda Metade do Séc. XIX”, *Obras Completas, Filosofia*, org. int. e notas de Joel Serrão, Univ. dos Açores, - Ed. Comunicação, Lisboa, 1991, p.115

<sup>157</sup> Idem, p.122

<sup>158</sup> Idem, p.117

Com o advento da modernidade, o conhecimento só pode ser alcançado a partir dessa íntima relação entre metafísica e ciência, e nunca a partir de posições absolutas ou radicais e, a propósito, já em 1965, em *O Sentimento da Imortalidade*, Antero, evidenciando as suas dúvidas metódicas (ou que assim pretendia que o fossem) oferecia-nos a seguinte imagem a propósito da importância do trabalho na construção do pensamento metafísico:

O pensamento metafísico é assim: um mosaico de diamantes. Diamantes brilhantíssimos, mas cortantes e destruidores. Reflectem a luz toda do sol, e mais pura ainda se pode ser, mas não dão um raio de calor. Como o diamante, corta o silogismo direito e fundo, mas é por isso que fere também. Na geometria da dialéctica são tudo rectas: seguras, mas inflexíveis e monótonas<sup>159</sup>

Este discurso metafórico dá bem conta das vicissitudes por que passou o espírito do poeta, um autêntico mosaico de diamantes que brilhavam mais que o sol, mas com bastantes arestas que foram as responsáveis pelo seu sofrimento e destruição porque a dialéctica está construída, exclusivamente, de *rectas*, obrigando o pensamento a criar e a limar constantemente linhas que lhe permitam traçar uma evolução. Nessa criação do conhecimento, tal como é fundamental a conexão entre metafísica e ciência, também o será a da razão com os sentimentos, porque, anteriores às ideias, são eles que acabarão por definir essa perspectiva que o pensamento acabará por traçar, em busca da plenitude do ser. Neste sentido, remetendo para esse processo de consciencialização por que Antero tinha passado para sair da crise em que se encontrava, *Em Tendências gerais da Filosofia na segunda metade do século XIX* o autor é sabedor de que só a partir da liberdade individual o espírito poderá encontrar o caminho da plenitude, construído a partir da confiança no humanismo e no espírito crítico

---

<sup>159</sup> Antero de Quental, “O sentimento da Imortalidade”, *Obras Completas, Filosofia*, org. int. e notas de Joel Serrão, Univ. dos Açores, - Ed. Comunicação, Lisboa, 1991, P.27



livre, com o bem como único horizonte. Agora, exige-se lucidez e poder conciliador, de síntese, para não se cair em extremos, pelo que defende que “*Nada alimenta tanto o mórbido pessimismo dos nossos dias como este gélido fatalismo soprado pela ciência sobre o coração do homem.*”<sup>160</sup> O pensamento moderno caracteriza-se pela intersecção das várias facetas que constituem a realidade e o Homem moderno, consciente do seu tempo, deverá implicar-se na construção de uma nova realidade partindo de uma nova perspectiva, e que o cientificismo fora incapaz de cumprir com perfeição.

A Modernidade reclama agora esse mosaico de ideias, esse caminho sinuoso procura a unidade na diversidade e rejeita dogmatismos ou verdades absolutas:

O que seria da civilização moderna, se todas as inteligências entrassem no mesmo molde e como que se cristalizassem numa forma definitiva? Desceria ela para logo ao nível das civilizações inferiores e simplistas. Não desejemos pois uma síntese que seja um símbolo canónico, mas contentemo-nos com aquela harmonia geral dos espíritos, que resulta um *tom* fundamental, por onde tudo se afina, mas variada e livremente

<sup>161</sup>

Como consequência de uma consciência humanista mais apurada, essa síntese do pensamento moderno tem de ser encontrada a partir de uma consciência individual, porque só ela nos poderá tornar livres e ajudar a entender e a respeitar a liberdade do próximo. E claro que a esse pensamento livre há que juntar a *Vontade* para que possamos progredir e libertar-nos de condicionalismos pré-determinados porque, como nos ensinou Schopenhauer, *o destino baralha as cartas e nós jogamos*. O futuro confia na *força* humana e o Homem, enquanto agente da sua própria história terá que a reinterpretar.

---

<sup>160</sup> Idem, p.169

<sup>161</sup> Antero de Quental, “Tendências Gerais da Filosofia na Segunda Metade do Séc. XIX”, *Obras Completas, Filosofia*, org. int. e notas de Joel Serrão, Univ. dos Açores, - Ed. Comunicação, Lisboa, 1991, p.169

Antero parece assim ter conseguido entender que a evolução do pensamento moderno, *na segunda metade do século XIX*, no advento do século XX, se tinha desenvolvido precisamente a partir de uma constante lógica, rejeitando determinismos radicais e perspectivas que vissem na natureza um mero agente da evolução humanista. Agora, a filosofia moderna reclamava um espaço para a discussão entre os vários factores que configuram o universo, e onde a própria ciência assume o seu protagonismo enquanto explicação, mas não como interpretação, já que essa é da incumbência das ideias, do pensamento, assumindo que *A ciência é irmã da filosofia, mas não sua serva*<sup>162</sup>. Como já o evidenciámos anteriormente, elucidado, fundamentalmente por Hegel e por Michelet, o autor insular acredita piamente na força humanista e na liberdade de pensamento como construtoras de uma nova história, onde as várias sensibilidades confluam guiadas pela razão e pelo conhecimento do homem moderno, dotado de uma verdadeira consciência, e sem necessidade de obedecerem a códigos dogmáticos. Neste sentido, sem dúvida que a famosa *Bíblia da Humanidade*, da autoria de Michelet, que o autor insular tão bem havia lido, lhe terá ajudado a moldar o seu pensamento, neste sentido.

Com esta geração, a partir das directrizes traçadas, o pensamento, a literatura, e as humanidades em geral, encontrarão um caminho próprio que, sendo de ruptura, acabará por reatar a linha dessa tradição dinâmica que colocará a cultura portuguesa no mundo, e cuja face mais visível será precisamente a heteronímia pessoana, mas não a única.

Antero foi um verdadeiro visionário, mas, apesar desta nova fé, que parece imbuída de um profundo vitalismo, todos sabemos que o seu

---

<sup>162</sup> Antero de Quental, “Tendências Gerais da Filosofia na Segunda Metade do Séc. XIX”, *Obras Completas, Filosofia*, org. int. e notas de Joel Serrão, Univ. dos Açores, - Ed. Comunicação, Lisboa, 1991, P.132

destino não conseguiria encontrar essa nova aurora. Apesar de haver descoberto o traçado do caminho da modernidade, a sua motivação languesce profundamente quando o Homem reconhece que já não possui as forças suficientes que ajudem a sua ideia a seguir esse caminho. Tal como ele muito bem sabia, a sociedade não estava ainda preparada para essa descoberta e um pensamento livre, quando não é esclarecido, deixará de ser harmonioso para dar origem a um caos destrutivo, foi ambicioso e por isso conseguiu chegar sempre mais longe do que as suas energias lhe permitiam. Esta conclusão é redigida por ele próprio nestas proféticas palavras que envia ao seu amigo Oliveira Martins naquela que terá sido, quase certamente, a sua última carta, escrita uns dias antes de desistir de tudo:

Procurava o definitivo e afinal ainda agravei o instável e provisório que tanto me assustava. Paciência. Fui talvez imprudente, contei demais com as minhas forças, seduziu-me a ideia de, depois de tantos anos de excentricidade, acabar como toda a gente. Mas vejo que a excentricidade tinha de ser definitiva, submeto-me a ela, ainda agravada agora por mil cuidados. Peço à minha razão que comunique aos meus nervos o estoicismo que ela tem mas de que eles não parecem susceptíveis<sup>163</sup>.

Nestas linhas Antero revela-nos o seu verdadeiro drama: essa angustia filosófica que ele foi capaz de sentir de uma maneira exacerbada e que o acabaria por arrastar para essa fase de singularidade em que empenhava todas as suas energias; na luta pelos ideais que defendia, na época das ilusões de *Primaveras Românticas*, mas também das *Odes Modernas*, das *Conferências do Casino*. Uma vez mais, reconhecemos nessa confissão a vítima de uma disputa antagónica que, por um lado, pede luta e, por outro, *estoicismo*. Apesar de tudo, não partilharemos totalmente da opinião de que foi um *imprudente*, embora reconheçamos que abusou das suas energias, pois essa era

---

<sup>163</sup> in Antero de Quental *Obras Completas, Cartas, II 1881-1891*. Org., intr. e notas de Ana Maria Almeida Martins, Ed. Comunicação- Univ. dos Açores, Lisboa-Ponta Delgada 1989, p.1070

uma das exigências da missão a que se entregara, até porque a sua honestidade intelectual nunca lhe permitiria assumir um compromisso que não fosse total. Pela nossa parte, adoptando possivelmente uma posição interesseira, devemos frisar que o trabalho empreendido por Antero era imprescindível e do qual as gerações futuras temos que nos sentir devedoras, um trabalho marcado pela ousadia mas não pela imprudência, pelo menos se por esse termo entendermos uma falta de consciência ou de perspectiva quanto às consequências desse acto. Antero era perfeitamente consciente das consequências e implicações dos seus actos, no entanto, todas as acções estão sujeitas a determinadas circunstâncias e, essas sim, são as que podem falhar. Gostaríamos de aportar, a propósito, o sempre pertinente testemunho de Eça de Queiroz que nos dá conta de como, há um século atrás, o autor dos *Sonetos*, era já uma peça fundamental do xadrez cultural do nosso país, e pena é(ra) que nem sempre se tenha sabido desenvolver as estratégias que ele planificara para esse jogo.

Cada soneto é o resumo poético de uma agonia filosófica. E é por isso que a Alemanha se lançou sobre esse livro de Sonetos (que Portugal não leu) e os traduziu, os comentou, os fixou religiosamente na sua literatura, como uma coisa rara e sem precedentes, uma pérola fenomenal de criação desconhecida, única no grande tesouro da Poesia universal<sup>164</sup>

Efectivamente, Antero acabará por ser um guia neste caminho de encontro entre a cultura portuguesa e a europeia, o problema é que, uma vez mais, parecia residir numa certa exigência de Portugal em que a legitimação da nossa autenticidade fosse outorgada por essa Europa e não por nós próprios, que nos mantínhamos como perfeitos desconhecedores da nossa riqueza e do nosso valor. Eça alude aqui ao interesse que os seus sonetos despertarão junto de Wilhelm Storck, quem se encarregará de o traduzir e editar na Alemanha mas, tal como

---

<sup>164</sup> Eça de Queiroz, *O Francesismo in Últimas Páginas (Manuscritos inéditos)*, Lello & Irmão, Porto, s.d., p.412.

sucedirá com Unamuno e com muitas outras autoridades culturais espalhadas por toda a Europa, o que desperta o interesse por Antero não será o engenho e a arte que o poeta imprime aos seus sonetos, ou o lirismo da sua poesia, mas antes a intensidade do seu pensamento e a autenticidade que as suas ideias transmitem, através dos seus versos. No caso de Wilhelm Storck, um reputado lusitanista, sabemos através da sua interlocutora, Carolina Michaëlis de Vasconcelos<sup>165</sup>, que a tradução dos sonetos *notabilíssimos, comoventes, fascinantes*<sup>166</sup> surgiu por um ímpeto de liberação, como ele próprio o refere: *Logo á primeira leitura senti que a unica maneira de me desprender da forte impressão recebida era traduzil-os*<sup>167</sup>. Graças a essa tradução, como o aponta Ana Maria Almeida Martins, Tolstoi *leu* , e *leu atentamente as palavras do nosso poeta*<sup>168</sup>, a quem qualifica de *Ótimo*.

Foi com vista à publicação dos sonetos em alemão que W. Storck pediu a Antero de Quental que lhe enviasse uma pequena informação biográfica, a que ele acedeu com essa carta que é hoje uma verdadeira auto-biografia, e cuja perfeita ilustração seria esse retrato pintado por Columbano Bordalo Pinheiro, em 1889<sup>169</sup>, e que acabaria por se tornar

---

<sup>165</sup> Carolina Michaelis de Vascncelos terá sido a intermediária entre Antero e o lusitanista alemão, embora haja que referir também o papel de Joaquim de Araújo, como o aponta “Wilhelm Storck e a Morte de Antero de Quental”, *Runa — Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos*, Coimbra, 15/ 16 , 1991.pp. 183-205.

<sup>166</sup> Apud Carolina Michaelis de Vasconcelos, “Antero e a Alemanha”, AAVV, Anthero de Quental, In Memoriam, ed. Fac-Similada, Ed. Presença — Casa dos Açores, Lisboa, 1993, P. 414.

<sup>167</sup> Idem, p.414.

<sup>168</sup> Ana Maria Almeida Martins, *A Intemporalidade de Antero de Quental*, Discurso proferido pela autora em Ponta Delgada, a 21 de Outubro de 2010, na Cerimónia da atribuição do grau de Doutora Honoris Causa pela Universidade dos Açores, p.11 in [www.repositorio.uac.pt](http://www.repositorio.uac.pt)

<sup>169</sup> Irmão de um dos mais insígnies caricaturistas desta época, Rafael Bordalo Pinheiro (Lisboa — 1846-1905), Columbano Bordalo Pinheiro (Lisboa — 1857-1929) foi um importante pintor naturalista, a ele se lhe devem os mais importantes retratos desta época. Este quadro foi pintado aproximadamente

num verdadeiro ícone, pintado com os traços do esgotamento e da desolação que atingira esta geração de fim de século.

Aliás, a fixação dessa imagem iconográfica que a segunda metade do século XIX preservou até hoje devemos-la precisamente aos dois irmãos Bordalo Pinheiro.

Ao irmão, Rafael Bordalo Pinheiro, conhecido sobretudo como ceramista e caricaturista, lhe devemos o retrato sarcástico e irónico da sociedade de fim de século, e colocando-se sempre do lado do povo, fazendo do *Zé Povinho* <sup>170</sup>, o protagonista das suas caricaturas, a tal ponto que se tornou num símbolo único, constantemente actualizado, e com toda a propriedade, pelo imaginário cultural português. Tal como na escrita, também na gravura e na pintura vamos encontrar esse contraste que existe na representação mimética da realidade captada. Enquanto o trabalho de Rafael Bordalo Pinheiro estabelece uma iconografia que poderia ilustrar perfeitamente o trabalho de Eça de Queiroz, sobretudo o das *Farpas*, assente na ironia e no sarcasmo, Columbano pinta, como só alguns elegidos o podem fazer, esse decadentismo que respira, a partir de Antero.

Efectivamente, esta geração que se aproxima do final de um século irá assimilar em si todas as evoluções que viera acompanhando desde há pelo menos três décadas. O Romantismo viera despertar a subjectividade do Eu, e com ela uma acentuada consciencialização sobre o mundo em que se vive e os seus múltiplos contextos. Face a esta realidade, o indivíduo acabará por desenvolver cada vez mais uma das condições básicas da existência humana: a insatisfação. O ritmo vertiginoso imposto pelas novas realidades sociais, políticas, económicas e, enfim, civilizacionais, acabaria por deixar um cunho

---

dois anos antes da morte de Antero, e encontra-se exposto no Museu do Chiado, em Lisboa.[Vide documento N°4]

<sup>170</sup> Vide documento nº3

indelével de insatisfação e desconcerto uma vez confrontadas as ambições projectadas com os resultados obtidos. Se por um lado essa insatisfação é positiva e necessária para que o progresso se estabeleça, por outro, quando as circunstâncias assim o proporcionem, poderá levar a um profundo mal-estar que, longe de gerar energias de reacção, instalará o indivíduo no descrédito e o convencerá a desistir da luta e a instalar-se num profundo vazio existencial. Este estado de espírito, que viria a ser definido pelos franceses como *le mal du siècle*, acabaria por marcar o rumo de todo o século XIX e por definir o princípio do século XX, assumindo diversas especificações mas acusando sempre a mesma sintomatologia.

No fundo, este é o problema que acabará por atingir o autor insular e que se repercutirá inevitavelmente no destino de uma geração que terá que ver como, depois de décadas de árduo trabalho, não conseguiam encontrar os tão almejados frutos. Muitas foram as leituras já feitas do suicídio de Antero, mas sem dúvida que a mais directa e essencial seja a de alguém que, cansado da vida, decide descansar nesse banco, amparado pelos muros do convento da Esperança em quem se amparou até ao momento final, mas que acabou por ser vencida. Aliás, esta bem pode ser uma das leituras sugeridas pelo soneto *Solemnia Verba*:

### **Solemnia Verba**

Disse ao meu coração: Olha por quantos  
Caminhos vãos andámos! Considera  
Agora, desta altura, fria e austera,  
Os ermos que regaram nossos prantos...

Pó e cinzas, onde houve flor e encantos!  
E a noite, onde foi luz a Primavera!  
Olha a teus pés o mundo e desespera,  
Semeador de sombras e quebrantos!

Porém o coração, feito valente

Na escola da tortura repetida,  
E no uso do pensar tornado crente,

Respondeu: Desta altura vejo o Amor!  
Viver não foi em vão, se isto é vida,  
Nem foi demais o desengano e a dor<sup>171</sup>.

A contradição surge sobretudo porque sabemos que esse descanso se transformaria em eterno, no entanto, recordemo-nos que aquando da organização dos Sonetos, em 1874, Antero alentava ainda essa ligeira esperança de vir a conseguir expulsar essa angústia e ultrapassar a crise que ele mesmo definira como *naturalista*. O dramatismo deste soneto adensa-se quando percebemos que este diálogo não passa de um falso monólogo interior. A localização do sujeito “*desta altura fria e austera*”, ao sugerir um efeito de distanciamento, de retrospectiva, oferece-nos um juízo existencial completo mas desolador, sobretudo por todos os esforços e sacrifícios empreendidos. No entanto, será pela voz do coração, das emoções, que o *Eu* poético reconhecerá a verdadeira recompensa da vida, o reconforto, e *se é isto a vida, nem foi de mais o desengano e a dor*.<sup>172</sup>

Mas, como temos vindo a afirmar, este descontentamento pessoal não é senão o reflexo de um contexto histórico que então se vivia em Portugal e que exigia uma imediata intervenção, mas que, como resposta, apenas obtinha a passividade generalizada e, que fazer a esse propósito e sobre quem actuar? Numa carta a Jaime de Magalhães Lima, de Maio de 1888, Antero expunha o seguinte:

Porventura será necessário que a desagregação social vá ainda muito mais longe, chegue até àquele ponto em que a existência da mesma sociedade pareça ameaçada, para se dar então a reacção. Quem vir no individualismo moderno simplesmente o

---

<sup>171</sup> Antero de Quental, *Poesia Completa 1842-1891*, Org. e Pref. de Fernando Pinto do Amaral, Dom Quixote, Lisboa, 2001, p.311

<sup>172</sup> Quando a lição tiver chegado também a Fernando Pessoa, este dirá depois: *Valeu a Pena? Tudo vale a pena se a alma não é pequena*.



resultado de certas instituições, de legislação política e civil, parece-me que vê as coisas muito superficialmente. A mim afigura-se-me um grandioso fenómeno de psicologia colectiva – uma fase no sentir íntimo da nossa raça e que afecta a própria feição do seu ideal – lento por isso na sua evolução, independente da legislação, independente das escolas de filosofia política ou de ciência social, um facto do «inconsciente», como diria Hartmann, invencível a qualquer outra força que não seja a da dialéctica imanente na sua mesma evolução.<sup>173</sup>

Perante a situação extrema em que a sociedade se encontra, a indignação torna-se patente mas, para que não se corra o risco de ser imparcial, é necessário encarar a questão desde uma perspectiva de conjunto, de absoluto, ou desse inconsciente hartmanniano que remete para a tão desejada dialéctica entre a vontade, ou o desejo, e a razão, ou o pensamento (ou até mesmo o subconsciente colectivo). Este ponto de análise é o mesmo que se leva a cabo neste momento por toda a Europa, atacada por profundas convulsões, alimentada por conflitos sociopolíticos que viriam alterar-lhe profundamente a sua configuração e instalar um clima que vai desde a revolução socialista ao anarquismo. No fundo, o velho mundo Ocidental parecia desmoronar-se, e a consciência dessa situação acabará por trazer esse sentimento de decadentismo, alimentado pelo pessimismo e pela sensação de impotência dominantes. Em certa medida, à formação desta geração assistiram os dois acontecimentos mais marcantes da segunda metade do século e que foram precisamente a Revolução de Espanha, de 1868, e os acontecimentos trazidos pela Comuna de Paris, em torno a 1871. Ao impacto causado pela decepção que o desenrolar destes dois acontecimentos provocou viria depois suceder-se a grave crise provocada pelo conflito com Inglaterra do *Ultimatum*, em 1891, que ampliaria essa sensação de declínio a todos os níveis, e em todas as direcções, arrastando esse espírito geracional para um tom

---

<sup>173</sup> Antero de Quental, *Obras Completas, Cartas, II 1881-1891*. Org., intr. e notas de Ana Maria Almeida Martins, Ed. Comunicação- Univ. dos Açores, Lisboa-Ponta Delgada 1989, P. 879

decadentista que os obrigaria a realizar um constante exercício de auto-análise e, como anti-positivistas, acabarão por confiar na simbologia e na subtileza da arte como caminho de salvação e que os conduzirá ao simbolismo, com António Nobre ou Eugénio de Castro como seus herdeiros mais notáveis.

A este conceito de *decadência*, ou de declínio, virá juntar-se o de *degeneração* ou de *degenerescência*<sup>174</sup> que, ainda que possam ser confundidos, têm de ser vistos desde ângulos distintos. O conceito de *decadência*, aplicado a um contexto sócio cultural ou civilizacional, alude a um processo de degradação ou de declínio que acabará por afectar a evolução positiva das sociedades ou culturas.

Relativamente ao conceito de *degeneração* ou *degenerescência*, mantém uma ligação, diríamos que inata, com o mundo do cientificismo. Com o auge vivido pelo progresso dos novos estudos do ramo da psicologia e até da psiquiatria, estes acabarão por influenciar o mundo da arte que, entendida como um todo orgânico, nos permitirá entrever a relação deste conceito com um processo de doença ou de desequilíbrio vital de um ser. Partindo de uma perspectiva distinta à de *decadência*, o conceito de *degeneração* passa por uma interpretação da realidade social, e da arte, como um corpo que, ao adoecer, verá as suas faculdades vitais adulteradas.

No ano a seguir à morte de Antero, em 1892 Max Nordau, autor húngaro, publicará a obra que viria a estar por trás deste conceito de degenerescência: *La Degenerescence*. Este livro foi publicado inicialmente em alemão, embora a versão mais divulgada por toda a Europa fosse naturalmente a francesa, e acabará por ser uma das obras que mais reacção provocou neste fim de século. Neste ensaio, imbuído de um forte pendor positivista, o autor crê que todo o desvio tem

---

<sup>174</sup> O termo *degenerescência* deve ter surgido em Portugal por influência do título da obra de Max Nordau;

sempre uma causa psíquica, degenerativa, e como aliado de Claude Bernard tentará aplicar o seu incisivo bisturi, levando a cabo uma profunda e veemente denúncia contra os costumes e comportamentos sociais da época, alertando para a importância da literatura na construção de uma sociedade mais equilibrada, sem poupar em nenhum momento o tom agressivo e contundente com que expõe as suas denúncias

la primera condición del libro que quiere ponerse de moda ha de ser ante todo, la obscuridad (...) la gente se embriaga con las sucesiones nebulosas de palabras de las poesías simbólicas; Ibsen destrona á Goethe; se coloca á Maeterlink en la misma fila que á shakespeare; críticos alemanes y aun franceses declaran á Federico Nietzsche el primer escritor aleman de la presente época.<sup>175</sup>

Antero não teve já notícia deste livro, mas conhecia o autor porque lera *les Mensonges conventionelles de Notre Civilization*, tal como o refere em carta a Oliveira de Martins, em Agosto de 1888:

Recebi o livrinho que tenho lido com prazer. O homem é lúcido, mas não tanto que chegue a ver que a tal concepção científica da vida, prescindindo do verdadeiro problema, que é metafísico, nada resolve. E é justamente pela sombra de metafísica que as tais «mentiras convencionais» (que não são tal convencionais) ainda contêm em si, que elas resistem à crítica dos científicos e se mantêm *tant bien que mal*. A sua lucidez não o impede pois de ser superficial.<sup>176</sup>

Antero terá lido provavelmente o original, em francês<sup>177</sup>, mas poderia também ter lido a tradução portuguesa porque em 1887 havia já uma

---

<sup>175</sup> Max Nordau, *Degeneración*, trad. de Nicolas Salmeron y Garcia, Vol. I., Madrid, 1902, P.24

<sup>176</sup> Antero de Quental, *Obras Completas, Cartas, II 1881-1891*. Org., intr. e notas de Ana Maria Almeida Martins, Ed. Comunicação- Univ. dos Açores, Lisboa-Ponta Delgada 1989, p.890

<sup>177</sup> Com bastante critério, Ana Maria Almeida Martins indica como nota de rodapé a esta carta o título em francês.

edição em língua portuguesa<sup>178</sup>. Quanto à sua leitura, a apreciação que nos deixa é bastante pertinente já que, apesar da benevolência manifesta, e reconhecendo a lucidez do autor, acha-o *superficial* por não ser capaz de analisar a verdadeira questão. É evidente que essa apreciação deriva do facto de estes dois autores se colocarem em perspectivas opostas perante a vida, sobretudo perante o pensamento e a arte.

Na realidade, embora a sintomatologia seja a mesma, o diagnóstico e a terapia levada a cabo pela geração de 70, e em especial por Antero, não se identificam com os apresentados por Nordau. Apenas os une uma mesma preocupação face a uma realidade que tem como cenário essa época de fim de século que veio exigir do pensamento moderno uma mudança de rumo e de postura face aos novos tempos. Por outro lado, arrastados por essa superficialidade que Antero denunciava, poderíamos sentir-nos tentados a ver no pessimismo anterioriano um sentimento de *degeneração*, contudo esta atitude pode chegar a ser crítica na medida em que, desde o nosso ponto de vista, e devido a esse guião demasiado positivista que o autor húngaro segue, poderíamos chegar a pensar que essa é uma doença que afecta a toda a humanidade, sem qualquer hipótese de sanção:

Señalemos brevemente algunas singularidades que con frecuencia se hacen constar en el degenerado; está torturado por la duda; pregunta por la razón de todos los fenómenos (...) y se siente desgraciado cuando sus investigaciones y sus meditaciones no llegan, como es natural, á ningun resultado.<sup>179</sup>

Quanto à importância das escolas literárias na construção humanista da sociedade de fim de século, também aqui Nordau, acusando uma evolução formativa distinta, se afasta bastante de Antero pois não

---

<sup>178</sup> Referimo-nos a Max Nordau, *As Mentiras Convencionais da nossa civilização*, trad. de M. C. da Rocha, Livr. Aillaud e Bertrand, Lisboa, 1887.

<sup>179</sup> Max Nordau, *Degeneración*, trad. de Nicolas Salmeron y Garcia, Vol. I., Madrid, 1902, p.36

parece acreditar minimamente num pensamento livre e esclarecido sobretudo porque exige da literatura um comportamento demasiado modalizante e protector.

Hemos puesto de relieve que las tendencias y modas literarias y artísticas “fin de siglo”, así como la facilidad de que el público las adopte, son el efecto de enfermedades, y hemos podido establecer que estas enfermedades son la degeneración y la histeria.<sup>180</sup>

Será precisamente por essa razão que se verá obrigado a definir os preceitos estéticos da arte, de modo a que esta cumpra a sua função:

La obra de arte debe ser moral, porque debe producir un efecto estético; no puede producirlo, al menos en último análisis, si no despierta sentimientos más bien agradables; no procura éstos más que si encierra belleza; ahora bien, la belleza en su más íntima esencia, es sinónimo de moralidad.<sup>181</sup>

Embora Antero de Quental não tenha lido a obra de referência de Nordau, estamos em crer que continuaria a achar que *A sua lucidez não o impede pois de ser superficial* uma vez que na sua concepção sob a arte moderna não cabia essa busca do conformismo, mas sim a provocação de ideias e de sentimentos que acabarão por mover o receptor a questionar-se, analisar e reagir perante a realidade. Mesmo incómodos, esses pensamentos e emoções provocados pela arte são os que avivarão o desejo e a vontade de criar uma nova realidade em que o amor, a verdade e a justiça possam dominar a sociedade. A beleza da arte não pode ser apenas estética, mas também ética, embora aqui cumpra entender que a ética também é bela esteticamente, mas não por produzir *sentimientos agradáveis*.

---

<sup>180</sup> Idem, P.55

<sup>181</sup> Max Nordau, *Degeneración*, trad. de Nicolas Salmeron y Garcia, Vol. II., Madrid, 1902, P.145

Ora, esta fé no progresso humanista professado pelos homens da geração de 70, contemplando inclusive o seu excesso de optimismo, fez com que a herança desta geração revelasse a sua produtividade, tanto desde dentro de um contexto nacional como, sobretudo, ibérico. Era difícil ignorar esse momento fulcral em que se decide *discutir* Portugal e muitos foram os pensadores e homens de cultura que reconheceram o valor desse património novecentista, sem poder deixar de ressaltar um desses nomes: Fernando Pessoa.

Quando hoje se fala em modernidade, imediatamente nos assalta o magistério da genialidade de Fernando Pessoa quem, a par de Luís de Camões, reencarna o espírito da Cultura Portuguesa, pelo que lhe reconhecemos a autoridade suficiente para estabelecer certos arquétipos como seja o da própria modernidade, sobre a qual nos diz o seguinte:

Da transformação literária representada, representada por um rompimento definido com as tradições literárias portuguesas, pode-se considerar ponto de partida Antero de Quental e a Escola de Coimbra.<sup>182</sup>

Tratando-se de Pessoa, essa declaração apenas nos servirá para reafirmar a modernidade de uma mensagem em que, depois de um intenso trabalho, se reconhece o magistério desta geração, com Antero de Quental como figura principal, outorgando-lhe um lugar na construção de uma identidade cultural autêntica e genuína, tal como Antero o haveria desejado. Fernando Pessoa, desde o seu magistério, reconhece esse valor e por isso o integra nessa evolução que remete para um trajecto inaugural por, através da ruptura, ter sido capaz de reclamar essa nova era de modernidade, mas que é, simultaneamente, tradicional posto que está a alimentar uma herança que, apesar das

---

<sup>182</sup> *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias*, pref. Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, 2ª ed., Ed. Ática, Lisboa, 1973, P.333.

necessárias rupturas que irão surgindo, é a que permite estabelecer esse fio condutor de uma imagem identitária que Fernando Pessoa também acabará por integrar e anunciar, tornando-se no mensageiro dessa cultura que todos devem conhecer e fazer chegar ao futuro. Mas agora, para assumir esta legado profético de novo vate não basta aprender a lição do passado, sendo necessária uma sensibilidade própria, coisa que o autor heteronímico conhece perfeitamente, pois foi em Antero que encontrou uma imagem dessa mesma sensibilidade poética, capaz de conferir uma autonomia única à palavra que nos transporta até ao mundo da nova subjectividade lírica, capaz de desconstruir os moldes rígidos da poética clássica, através do ritmo de uma poesia que acolhe na sua pontuação a cadência arrebatadora e impetuosa dos seus versos, e que veremos posteriormente ser aplicado com a melhor maestria por Álvaro de Campos

Aludimos já ao caminho aberto para a heteronímia através de uma figura como Fradique Mendes, no entanto o magistério de Antero assentará fundamentalmente nesta capacidade de provocação de uma nova consciência perante a Arte e a vida. cremos que o autor dos *Sonetos*, dotado de excelente e sólida formação cultural, cativou a atenção de Pessoa por ser capaz de lhe transmitir o drama de um *Eu* que necessita de libertar a expressão poética para revelar o dilacerante conflito que o assola, o conflito íntimo que atinge o seu pensamento e o seu sentimento e que a razão conseguia dominar.

Sensibilizado para esse drama, e leitor da sua poesia, o mestre modernista encenará no seu próprio cenário esse drama íntimo resultante, segundo ele, do facto de a sua poesia estar submetida ao poder excessivo da razão. Contudo, sabemos que só será possível captar a angústia dramática quando for possível levar a cabo um trabalho de interpretação e de sistematização dessa realidade; só depois de a mensagem ser captada poderá ser assumida. Apesar de

todo o cuidado e maestria, com sensibilidades dominadas por tamanha carga dramática o trabalho não é fácil:

Como traduzir bem um Soneto de Antero, sem desaparecer, pelo menos, aquela música suave, triste, e penetrante, íntima de lirismo, que é parte psicologicamente componente da grandeza lírica de Antero?<sup>183</sup>

Efectivamente, como poderá um Soneto viver sem essa música *suave e triste*? A pessoa parece-lhe impossível porque se deixa guiar por uma sensibilidade assente no poder analógico da palavra, evocadora de uma harmonia de ares simbolistas e que encontra na música uma linguagem complementar, e que seria perfeita se viesse através das cordas de um violino. O problema poderá resumir-se efectivamente o a uma questão de tradução, caso esse diálogo não possa ser sustentado e por isso podemos dizer que Antero encontrou em Pessoa um tradutor ideal que, depois de sintetizar como ninguém essa nova sensibilidade, encontrará uma orientação para, também ele, conduzir o destino cultural de Portugal.

Revisitando a descrição que Perfecto Cuadrado Fernández faz de Pessoa, bem que podíamos encontrar os traços para esse retrato do Antero que perdurou para a modernidade:

(...) intelectual contemporáneo del desarrollo y difusión del psicoanálisis, y poeta «moderno» obsesionado por la justificación de su «trabajo» y del resultado del mismo en una sociedad en la que el Arte debe ganarse a cada instante un sentido sistemáticamente cuestionado, constantemente se interroga y minuciosamente se interpreta pretendiendo explicarse.<sup>184</sup>

---

<sup>183</sup> Idem, p.321-2

<sup>184</sup> In Fernando Pessoa, *Máscaras y Paradojas*, ed. de Perfecto E. Cuadrado, Edhasa, Barcelona, 1996, P. 13



Mais apaixonado que Antero, Pessoa será capaz de esquivar, em parte, o drama racional que impelia Antero à decadência niilista, devido sobretudo a uma crença panteísta mais desenvolvida que o liberava de uma luta agónica com um Deus único. O poeta açoriano lutou tiranicamente com o Deus que conhecera, mas nunca foi capaz de o abandonar e substituir totalmente.

Se é verdade que ambos se empenham numa mesma tarefa de assumir como própria a descoberta de uma identidade nacional, Antero nunca conseguirá alcançar aquele grau de fingimento liber(t)ador, e graças ao qual Pessoa consegue superar esse sentimento de melancolia e angústia, e que acabará por vencer o espírito de Antero.

Da própria *Mensagem* de Pessoa imana sobretudo uma preocupação pela orientação e regeneração de uma sociedade que, agora, não se intimida em defender a afirmação de uma cultura e de uma identidade próprias. Urge trabalhar em pró dessa afirmação pois *Cumpriu-se o Mar*, mas *Falta Cumprir-se Portugal*, e só o final desse poema poderá dar-nos a chave desta mensagem; *É a Hora!*...

No fundo, com Pessoa instalamo-nos definitivamente no caminho de uma reflexão assídua sobre Portugal que as gerações vindouras fomos herdando e alimentado, dentro dessa linha simultaneamente inaugural e tradicional.

### **III – OS VENTOS LIBERAIS E O PENSAMENTO MODERNO**

#### **III.1 - ANTERO E A INTRODUÇÃO DO SOCIALISMO EM PORTUGAL**

Cenário de várias mutações político-sociais, o século XIX em Portugal ficou marcado pelas lutas liberais que irradiavam de uma necessidade de mudança trazida, em parte, pelos ventos que sopravam dessa Europa fora, tornando-se impossível, a partir de então, manter intactas as estruturas deixadas por um mundo antigo e conservador. Pelos anos 40, após a Revolução de Setembro (1836), ascende ao poder Costa Cabral e, embora o Liberalismo se instaure politicamente em Portugal em 1820 (tendo sido aprovada a 1ª constituição em 1822), a verdade é que estas explosões liberais se irão sucedendo até à instauração da República, em 1910, sendo neste ambiente que se formarão os jovens que na década de 70 farão também a sua revolução liberal com as Conferências do Casino, ou não fosse Antero filho de um dos jovens heróis da expedição liberal do Mindelo de 1832. Com este liberalismo surge então uma nova consciencialização social que acabará por resultar num envolvimento político, tendo em conta que a política está intimamente ligada com a organização de uma estrutura social. Será com este clima instalado que chegarão os primeiros ecos socialistas e, como renovação dos princípios fundadores dessa revolução francesa de 1789 que continuava a reclamar a sua vigência, começam a fervilhar outros ideais que cativarão o interesse destes estudantes, empenhados em fazer da filosofia e da literatura as verdadeiras armas de uma revolução mais profunda. Uma das primeiras manifestações desse espírito revolucionário associativo produz-se no ano lectivo de

61/62 com a famosa *Sociedade do Raio*<sup>185</sup> a que adere Antero e cujo objectivo era o de destituir o Reitor de Coimbra, D. Basílio Alberto de Sousa Pinto. A par das revoltas académicas surgem os primeiros artigos políticos de Antero, assim como o seu envolvimento na causa iberista e federalista e até republicana, embora esta se revista de um carácter muito particular, como veremos. Durante a década de 60, Antero, enquanto homem de luta, conciliará a sua produção literária com um pronunciado activismo social, e dos versos de *Odes Modernas* ecoa a mesma consciência social que o leva a querer alistar-se no exército de Garibaldi, demandando mais justiça e igualdade, ou a embarcar entusiasticamente em actividades iberistas que o impelem até a colocar a possibilidade de ir viver para Madrid.

A propósito, aquando da publicação da segunda edição de *Odes Modernas*, aquela que Antero considerou como sendo a definitiva, sai na *Revista Ocidental* uma pequena recensão crítica a esse livro onde se pode ler que *O Sr. Antero é um «revolucionário idealista»: dizendo isto não pretendemos elogiá-lo nem censurá-lo, mas tão-somente definir as tendências do seu espírito.*<sup>186</sup> Este parecer é publicado como anónimo mas segundo Ana Maria Almeida Martins é da autoria do próprio Antero. Para além da credibilidade da argumentação

---

<sup>185</sup> Como é sabido, Antero está intimamente ligado à *mitologia* do raio, já que corria a lenda, que parece não ser mais que isso, de que, numa noite de festa estudantil Antero desafiara Deus a provar a sua existência precisamente com um raio, atitude digna de um autêntico Fradique Mendes. Neste caso, o nome escolhido para esta Associação parece-nos dar conta do verdadeiro espírito que dominava já este grupo de jovens que não pretendiam senão romper a pacatez do ambiente estudantil com um enorme estrondo. Segundo a informação recolhida por Bruno Carreiro em *Antero de Quental, Subsídios para a sua Bibliografia* (vide pp, 164-169) esta sociedade manteve-se secreta, tendo chegado a ultrapassar as duas centenas de sócios, e terá surgido precisamente a partir de um dos poemas de Antero de *Raios de Extinta Luz*, e que depois viria a ser inserido na colectânea que receberia o mesmo nome e que foi publicada já postumamente, em 1892, graças ao esforço de Teófilo Braga.

<sup>186</sup> Antero de Quental *ContraCapas*, Atrib., Org., e pref. de Ana Maria Almeida Martins, Ed. Tinta-da-china, Lisboa, 2008, P.56

apresentada pela investigadora anterior, a terminologia empregue pelo autor deste parecer apresenta laivos que reforçam essa identificação, nomeadamente por essa definição de *revolucionário idealista*. No entanto, convém registar que idealista *não* por quimérico ou utópico, mas sim por acreditar, conscientemente, nesses ideais e fazer deles o seu caminho, com determinação e esperança, para o futuro promissor da humanidade. É precisamente essa a mensagem que encontraremos nos versos que se seguem em que o espírito revolucionário brota de uma marcada expressividade, alimentada pelo ritmo que o uso da pontuação lhe incute, como marca de essa reforma que a poesia moderna exigia, enquanto voz de uma nova realidade, mas também de um vocabulário temático de acordo com um tom epocal de acentuado cariz social e progressista.

Sim! é preciso caminhar avante!  
Andar! passar por cima dos soluços!  
Como quem numa mina vai de bruços,  
Olhar apenas uma luz distante!

É preciso passar sobre ruínas,  
Como quem vai pisando um chão de flores!  
Ouvir maldições, ais e clamores,  
Como quem ouve músicas divinas!

Beber, em taça túrbida, o veneno,  
Sem contrair o lábio palpitante!  
Atravessar os círculos de Dante,  
E trazer desse *inferno* o olhar sereno!

Ter um manto de casta luz das crenças,  
Para cobrir as trevas de miséria!  
Ter a vara, o condão da fada aérea,  
Que em ouro torne estas areias densas!

E, quando, sem temor e sem saudade,  
Poderdes, d'entre o pó dessa ruína,  
Erguer o olhar à cúpula divina,  
Heis-de então ver a *nova-claridade*!

Heis-de então ver, ao descerrar do escuro,

Bem como o cumprimento de um agouro,  
Abrir-se, como grandes portas de ouro,  
As imensas auroras do Futuro!<sup>187</sup>

O poeta sente deveras essa vocação que o leva empreender o caminho da busca, para a sua posterior revelação, do caminho do futuro, no entanto nega-se rotundamente a viver apenas sob o domínio das musas da poesia e, nestes momentos tão cruciais para o futuro de Portugal, Antero implica-se com a realidade concreta do operariado em Portugal, que começava a manifestar-se ainda de uma maneira incipiente, e em 1866 começa a trabalhar como tipógrafo na Imprensa Nacional. Posteriormente, vai viver uma temporada para Paris onde conhecerá em directo a realidade social cujos ecos chegavam a Portugal através da imprensa e, em 1869, embarca rumo aos Estados Unidos, onde também aproveitará para conhecer um pouco mais de perto as condições do operariado num dos países mais industrializados do mundo. Oliveira Martins, por seu lado, trabalhou como mineiro em St<sup>a</sup> Eulália, Córdova, entre 1870 e 1874, de onde regressou para dirigir os trabalhos da construção do caminho-de-ferro entre o Porto e a Póvoa de Varzim, tarefa que o ocupou até 1876. Como vemos, esses ventos socialistas não se resumiam às letras, já que estes homens pregam também com o exemplo e são constantemente assaltados por um espírito de curiosidade que os levará a conhecer a realidade tal como ela é, sem se contentarem com uma mera representação. Na realidade, enquanto parte do espírito liberal dos românticos se desenvolvera precisamente longe de Portugal, na qualidade de exilados, agora, sem se verem condenados a esse tipo de desterro forçado, também eles sentem a necessidade conhecer a realidade que nem os livros nem os jornais estrangeiros lhes permitem conhecer.

---

<sup>187</sup> Antero de Quental, *Poesia Completa 1842-1891*, Org. e Pref. de Fernando Pinto do Amaral, Dom Quixote, Lisboa, 2001, p.397

Graças às facilidades de deslocação que o progresso permitia, esta geração vai poder conhecer de cerca muitas outras culturas<sup>188</sup>.

Em Portugal, profundamente consciencializado e implicado com as novas realidades, Antero pronuncia-se cada vez mais e colabora em distintas publicações, ao ponto de em 1872, em carta a Oliveira Martins, não hesitar em se autodefinir como *publicista-socialista*<sup>189</sup>, consciente da missão que vinha cumprindo. Será precisamente em debate com o seu cúmplice e amigo historiador que nos daremos conta da evolução liberal anterior porque, como ele muito bem o refere, na correspondência trocada entre ambos discorrem ideias e opiniões que não devem ser entendidas como meras discussões porque, no fundo, eram eles quem melhor dominavam a linguagem necessária para entender todo esse discurso e no campo do socialismo o historiador foi responsável, para o bem e para o mal, por grande parte da evolução ideológica de Antero.

No âmbito da luta pelo socialismo, de todas as publicações de Antero destacam-se sobretudo as que saíam em *Diário de Notícias*, *Diário Popular*, *Jornal do Comércio*, *Voz do Operário*, *A República – Jornal da Democracia Portuguesa*, publicação que funda juntamente com Germano Meireles em 1870, e onde também colaborava Oliveira Martins, ou *O Pensamento Social*, que fundou em Fevereiro de 1872, juntamente com José Fontana. Será nestas publicações que, enquanto eco dos ideais socialistas em Portugal, encontramos alguns dos apontamentos escritos pelo próprio Antero (sabemo-lo hoje, porque

---

<sup>188</sup> Sem dúvida que o expoente máximo é Eça de Queiroz quem, graças ao facto de ser diplomático e ter exercido como cônsul, viajou desde Havana até ao Egipto.

<sup>189</sup> Antero de Quental *Obras Completas, Cartas, I [1852]-1881*. Org., intr. e notas de Ana Maria Almeida Martins, Ed. Comunicação- Univ. dos Açores, Lisboa-Ponta Delgada 1989. p. 177

muitos deles eram publicados anonimamente<sup>190</sup>) e onde, de uma maneira clara e elucidativa, tentará explicar quais são os princípios e ideais que regem o socialismo, mas também expor o porquê da necessidade do socialismo. Uma vez mais, esses laivos românticos permitiam-lhe acreditar na missão que lhe competia desempenhar na sua missão de *revolucionário idealista*:

Ora, em que consiste esse ponto de vista socialista, tão original que pode constituir por si um movimento novo nas sociedades? Consiste na reivindicação do *direito pleno de ser homem* para todos os homens: um direito efectivo, que se exprima por instituições e factos, não por estereis declarações legais: o direito de *ser homem, completamente e para todos*; e instituições sociais que a todos dêem iguais condições para realizar esse direito. (...)

É isto o que se encerra nesta palavra *socialismo* (...) Como homens de acção a nossa divisa é esta: crítica e reforma das instituições; paz e tolerância aos homens.<sup>191</sup>

Neste discurso em que impera o tom didáctico, como testemunha de uma identidade anterior, que já nos é familiar de outros textos, verificamos como a par dessa necessidade de reclamar os direitos de uma verdadeira condição humana, o Socialismo exige, obriga a uma intervenção crítica para que possa então ter lugar uma reforma efectiva das instituições. Agora, há que acreditar que todos têm direito a ter as mesmas condições e para que isso seja possível será necessária a intervenção dessas instituições, do estado, mas também de uma cidadania esclarecida e consciente, sendo primordial contemplar a necessidade de uma educação pública e gratuita mas sobretudo a instrução dessa nova classe social porque, tal como já o tinha

---

<sup>190</sup> No volume das *Prosas Sócio-políticas*, publicadas por Joel Serrão, é feita esta identificação. Grande parte dessa identificação foi possível graças a aos *vestígios* que Antero foi deixando na sua correspondência, para além do excelente trabalho de José Bruno Carreiro em *Antero de Quental Subsídios Para a Sua Biografia*. Contudo, não deixámos de contrastar essas indicações com as que são feitas por Ana Maria Almeida Martins na sua edição das Cartas de Antero de Quental.

<sup>191</sup> Antero de Quental, "O Pensamento Social", *Prosas Sócio-Políticas*, apr. por Joel Serrão, I.N.C.M., Lisboa, 1992, Pp 356-357

anunciado em 1860: *deve o operário pela instrução suprir a falta de calor vital, que até aqui o não deixou medrar e desenvolver-se.*<sup>192</sup>

E se a Antero lhe devemos um magistério filosófico, não podemos descurar a sua importância na instauração do Socialismo em Portugal; sendo hoje impossível falar deste movimento sem que o associemos a Antero, e também a Oliveira Martins, historiador, político empenhado e autor dos primeiros livros publicados em Portugal sobre o Socialismo<sup>193</sup>, ou José Fontana, como um dos fundadores do Partido Socialista português e que actuava nos bastidores das *Conferências do Casino* enquanto se correspondia com Engels ou com Karl Marx. Estes homens tornaram-se inevitavelmente nos porta-vozes de um Socialismo assente em escassos laivos marxistas mas com um carácter profundamente dialéctico e moralizador, mais próximo de Proudhon, o que, aliás lhe custou sempre duras críticas já que foram acusados de terem lido Marx e Engels à luz do mestre francês incutindo ao socialismo português um veio anarquista que anulava a organização e o incentivo da luta corporativista, citando Alfredo Margarido:

No que se refere à organização dos trabalhadores, o descaso pelos sindicatos, confirma também, se ainda fosse necessário, a ausência, ou então a extrema fragilidade, da lição marxista.<sup>194</sup>

Parece-nos no entanto que a debilidade da *lição marxista* não se deve atribuir tanto à formação desta geração, mas antes à realidade concreta do operariado em Portugal. Afigura-se-nos inviável a existência em

---

<sup>192</sup> Antero de Quental, "A Ilustração e o Operário", *Prosas Sócio-Políticas*, apr. por Joel Serrão, I.N.C.M., Lisboa, 1992, p. 150

<sup>193</sup> Esses livros constituem hoje um elemento fundamental para a elaboração de uma verdadeira linhagem do socialismo em Portugal, referimo-nos concretamente a *Theoria do socialismo. Evolução e economia das sociedades na Europa*, Tip. Sousa e Silva, Lisboa, 1872 e *Portugal e o Socialismo. Exame Constitucional da Sociedade Portuguesa e a sua Reorganização pelo Socialismo*, Tip. Sousa Neves, Lisboa, 1873.

<sup>194</sup> Alfredo Margarido, *A Introdução do Marxismo em Portugal 1850\*1930*, Guimarães Editores, Lisboa, 1975, p.55



Portugal de uma organização sindical ou corporativista como em França, Alemanha, ou Inglaterra, porque o atraso cultural não se repercutia apenas na literatura, e só então o país iniciava a sua revolução industrial. Num momento em que escasseava o número de fábricas, era ainda reduzida e rudimentar a indústria no nosso país limitando-se esta ao núcleo dos têxteis, incluindo os lanifícios, e ao do vidro da Marinha Grande, a par de uma agricultura que se cingia a um sistema familiar, como ainda hoje sucede em grande parte do país, é previsível que a sociedade portuguesa não pudesse ter recebido essa lição marxista pura, precisamente por não estar devidamente sensibilizada para ela, nem sequer para a necessidade de que ela chegasse. Mas estas são as questões cuja resposta o destino guarda sigilosamente, tal como sucedeu em outros momentos, e que nos obrigam a repensar a nossa história, já não desde uma perspectiva diacrónica, mas antes desde uma imersão sincrónica que, embora artificial, por já não poder ser directa ou imediata, nos submete a uma análise dos factos desde um ângulo muito mais reduzido, e simultaneamente redutor.

Hoje, fazendo uso de um certo espírito crítico, devemos ser conscientes que esse caminho novo não podia prescindir de um operariado unido e organizado, e apesar das pequenas brechas que o sistema foi abrindo, não se podia esperar que fosse o pequeno camponês, ou mini latifundiário, quem alimentasse esse espírito sindical. Aliás, esta situação manter-se-á vigente durante mais de um século porque, após o inicial e decisivo impulso dado por estes jovens rebeldes, e tendo em conta as vicissitudes da nossa história, Portugal terá ainda que esperar mais de meio século para que se opere uma efectiva mobilização do operariado português e se desencadeie a engrenagem sindical e é precisamente por tudo isto que cabe reiterar as palavras do poeta açoriano:

É evidente que Portugal, depois de um sono de quarenta anos de constitucionalismo sofisticado e enervador, entra de novo no caminho do movimento do século, e entra nele francamente pela porta do socialismo.<sup>195</sup>

Como documento dessa realidade social portuguesa que retratamos bastaria percorrer as páginas dos romances realistas de Eça de Queiroz, ou das contundentes *Farpas*. Será na poesia de Cesário Verde onde vislumbramos já uma maior consciência social a partir da denúncia da servidão do povo face ao luxo burguês, mas teremos que esperar até ao Neo-Realismo para assistir a uma revolução mais efectiva por parte dos trabalhadores, mas também do campesinato.

Semelhante panorama permite-nos defender que, esquivando talvez essa utopia com que se costuma definir este socialismo, em Portugal acabámos por ter o socialismo possível, já que assim o determinava a nossa estrutura política e social, apesar das intervenções liberais. No entanto, foi *possível* lutar a partir de lições como a de Proudhon, e com estes pioneiros socialistas aprendemos a valorizar a individualidade do Homem enquanto ser conscientemente social e a reafirmar os valores morais, como a justiça e a igualdade; e graças a eles foi *possível* apelar à movimentação colectiva do operariado inspirados em Marx e em Engels e foi *possível* compreender o espírito da 1ª Internacional Socialista, graças aos textos que eram publicados na imprensa e que davam conta dos conteúdos programáticos da mesma.

Beneficiando dessa privilegiada perspetivação histórica, sabemos que a partir dessa movimentação deveria ter vindo posteriormente a tomada do poder político, a qual permitiria a imposição das mudanças sociais necessárias, mas numa sociedade que já despertara tarde para

---

<sup>195</sup> Antero de Quental, "Teoria do Socialismo", *Prosas Sócio-Políticas*, apr. por Joel Serrão, I.N.C.M., Lisboa, 1992, p.386

um estado de lucidez perante os novos valores que tinham chegado já com a revolução romântica, até que ponto seria possível levar as teorias marxistas até às suas últimas consequências? Afigura-se-nos mais producente a aposta pelo caminho inverso, da revolução social à revolução política, uma vez que, em nosso entender, a sociedade portuguesa necessitava de um esclarecimento prévio à mobilização e da reforma social teria que vir depois a consciência e com esta a necessidade de uma mudança política:.

O século XIX é o século das grandes reivindicações. Porque neste século científico e positivo o povo proletário, depois de iludido durante centenas de anos por falsas promessas de melhoramento, que nunca se realizavam, da parte dos reis, dos sacerdotes e dos poderosos, convenceu-se finalmente que não era dessas classes interessadas na sua memória que deveria esperar o Livramento, mas só de si, do seu esforço, da sua virtude e união!<sup>196</sup>

Dentro de um processo evolutivo, algumas dessas manifestações liberais virão a exigir certas rectificações, de acordo com o desenrolar dos acontecimentos, e o pensamento de Antero acusará essa necessidade, correndo o perigo de ser entendido como uma reacção oportunista, mas que acaba por se revelar como um exercício de extrema lucidez por parte de um homem que soube acompanhar o complexo devir dos acontecimentos em busca dessa *aurora do Futuro*, mas sem se deixar cegar pela sua luz deslumbrante. Assaltados pelas melhores intenções, é ainda possível que se tenha enveredado pelo caminho mais longo, mas os nossos homens do séc. XIX não recusaram nunca a necessidade mobilizadora e política e por isso mesmo em 1877 Antero adere ao *Partido dos Operários Socialistas de Portugal*. No entanto, o objectivo deste homem de acção não é entrar na vida política a qualquer preço, mas sim dedicar-se à causa socialista de um modo mais directo e interventivo, pelo que nesse

---

<sup>196</sup> Antero de Quental, "O Povo", *Prosas Sócio-Políticas*, apr. por Joel Serrão, I.N.C.M., Lisboa, 1992, p. 435

mesmo ano se opõe determinante a que o seu nome seja usado nas listas por Alcântara de *uns centros republicanos, soi disant socialistas*<sup>197</sup>. Logicamente que o incomodava o termo republicano por se tratarem desses que ele apodava de *republicanos platónicos*<sup>198</sup>. Essa postura só pode ser entendida desde a honestidade e dignidade com que sempre se guiou porque, mesmo que se viesse a equivocar, Antero só agia de acordo com as suas convicções e valores, sendo por isso mesmo que em 1878 aceitará candidatar-se pelo Partido Socialista pelo *círculo de 98*. Embora saiba que não terá possibilidades de sair eleito, essa candidatura sim que se coaduna com os seus ideais, permitindo-lhe trabalhar para ajudar o socialismo a crescer numa terra ainda agreste. Esse trabalho exigia também o desenho de estratégias que se coadunassem com a realidade circundante e que não ameaçassem a progressão de um projecto tão importante como o da implantação do socialismo em Portugal. Como ele mesmo assumia, estas decisões eram passíveis de crítica, mas actuava sempre de acordo com uma consciência esclarecida, e não segundo os interesses que pudessem surgir. A propósito da sua adesão ao partido da União Democrática, em 1873 escreve a Oliveira Martins, pede-lhe a sua colaboração e adesão e expõe-lhe o seguinte:

É escusado dizer-lhe que este grupo será inteiramente estranho à Internacional, às associações e em geral à classe operária. Será burguês e autónomo. Compreendo que só assim terá futuro. O que é necessário é criar um elemento revolucionário sério, fora do exclusivo movimento proletário, estreito, sem capacidade de converter ninguém, além de si, e assustador para a amassa burguesa. É igualmente necessário que esse grupo, estando fora do proletariado, esteja com ele e seja como que o seu representante oficioso na política, exactamente para impedir que as Associações operárias descambem em associações políticas<sup>199</sup>.

---

<sup>197</sup> *Obras Completas, Cartas, I [1852]-1881*. Org., intr. e notas de Ana Maria Almeida Martins, Ed. Comunicação- Univ. dos Açores, Lisboa-Ponta Delgada 1989, p. 446

<sup>198</sup> *Idem*, p. 182

<sup>199</sup> *Id.*, P.183

Ora, esta confissão, convenhamos, só poderia ser feita a partir da cumplicidade e da confiança que apenas uma amizade como a que unia Antero de Quental a Oliveira Martins permitia. Esta confissão, caso fosse feita a quem não o conhecesse, corria o risco de ser entendida como uma postura traiçoeira, mas o que Antero revela é uma extrema lucidez quanto ao estado social que vigorava em Portugal. Confiar a revolução socialista exclusivamente a um operariado incipiente, e ainda sem uma sólida estrutura organizativa, poderia significar precisamente o final de qualquer processo revolucionário, e Antero, afastando-se de ideais utópicos, o que procura é instaurar esse processo revolucionário desde fora do proletariado, mas sempre em função dele, e para isso terá que partir daqueles que têm realmente a soberania e a capacidade de poder alterar a organização social, em nome de uma revolução efectiva, de futuro, e construtiva

Esta postura, que se centra numa sensibilidade perante a realidade nacional, sem se deixar arrastar por idealismos vãos ou por decisões derrotistas, vem de encontro a uma coerência ética e filosófica a que alude Leonardo Coimbra porque a *filosofia social de Antero mais de acordo estaria com a intimidade do seu pensamento filosófico*<sup>200</sup>, indo ainda de encontro a essa missão social que reclamava para a poesia e para os poetas e, no fundo, por todos aqueles que tenham uma missão social e ética a cumprir.

Nessa missão que decide assumir, quando tudo estava por fazer, eram muitos os riscos que se deparavam pela frente, mas nunca se recusou a enfrentá-los, nem que isso lhe tenha custado a saúde e a temperança. Ele estava plenamente convencido de que o Século XIX instauraria o

---

<sup>200</sup> Leonardo Coimbra, *O Pensamento Filosófico de Antero de Quental*, J. Pereira da Silva, Porto, 1921, p.173. Tal como se pode comprovar pelo exemplar da biblioteca da Casa Fernando Pessoa, em Lisboa, este foi um livro que ele leu e anotou com interesse.

poder do povo, porque é o povo quem trabalha e é precisamente pelo trabalho que se gera riqueza, se dignifica o homem e se lhe outorga uma consciencialização humanista autêntica, assente na igualdade e na fraternidade, mas nunca na exploração ou na subordinação, e será então, pela liberdade e pelo trabalho, esclarecidos pelo pensamento e pela ciência, que o progresso se instaurará, sendo neste preciso sentido que entendemos a definição que, em 1877, Antero nos dá de Socialismo:

Para mim o socialismo é ciência e filosofia social: inclui pois, com a economia, direito, história e moral, mas tudo isto fundido e filosofado duma maneira *sui generis*, maneira positiva, prática de organização, de governo, se quiser: alta política e não ciência pura. Este temperamento, que é o do verdadeiro político e do verdadeiro historiador, chamo-lhe eu socialista.<sup>201</sup>

Partindo desta definição que Antero faz da sua concepção de socialismo, entendemos melhor por que razão essa doutrina se tornou num dos vínculos mais efectivos entre estas duas gerações.

---

<sup>201</sup> Antero de Quental *Obras Completas, cartas, I [1852]-1881*. Org., intr. e notas de Ana Maria Almeida Martins, Ed. Comunicação - Univ. dos Açores, Lisboa -Ponta Delgada 1989, p. 369.

## III.2- O IBERISMO

Confinado a um processo de configuração traçado a partir de conquistas e reconquistas, a península ibérica foi crescendo em torno a uma unidade geográfica outorgada pelos caprichos da mãe natureza. Essa unidade esteve sempre sujeita a uma diversidade cultural, linguística, religiosa e histórica que acabaria por moldar um conjunto de identidades próprias que, ao longo dos séculos, se foram justapondo ou fragmentando. Contudo, determinado por essa unidade inicial, irrompe um conjunto de forças que procuram a conjugação dessas partes numa unidade global. É nesse contexto que podemos entender o Iberismo, como um esforço de conjugação entre (as) várias regiões, territórios ou nações da península ibérica, com vista à formação de uma unidade identitária superior. O problema que se coloca, e que os dicionários não conseguem esclarecer, é como realizar essa articulação.

Contribuindo para este exercício interpretativo sobre o conceito de iberismo, Angel Marcos de Dios afirma que: *Es posible que con el episodio de Aljubarrota estemos ante el primer eslabón histórico importante que há contribuído, entre otros factores, al nacimiento del concepto de iberismo en su dimensión más estricta*<sup>202</sup>. Efectivamente, após a reconquista do território nacional e alcançada a configuração do território português que ainda hoje mantemos, era o primeiro momento em que se nos revelava, nitidamente, a hipótese de levantar o cenário de uma união ibérica. Também Oliveira Martins tinha já visto nessa batalha uma nítida rejeição desse cenário de unificação

---

<sup>202</sup> Miguel de Unamuno, *Escritos de Unamuno Sobre Portugal*, Est. Rec. y Notas de Angel Marcos de Dios, Fund. Calouste Gulbenkian – Centro Cult. Português, Paris, 1985, p.19

ibérica, acabando por assumir o cariz da verdadeira independência de Portugal relativamente a Castela, no entanto o historiador advoga<sup>203</sup>, que o embrião de um futuro iberismo se encontra nos tempos de Napoleão, quando a nossa Península, influenciada por uma imagem de prosperidade dada pela república francesa, mas também por uma instabilidade interna e, conseqüentemente, externa via nessa aliança uma imagem de equilíbrio e de firmeza. As razões para tal desejo são distintas, em função de cada um dos países ibéricos, mas não se deve ignorar que tanto Portugal como Espanha pouco poderiam esperar do resto da Europa, daí que seja fácil alimentar essa imagem de união e, simultaneamente, de mútua protecção, face ao isolamento a que se tinham visto votados.

Se colocarmos a mera hipótese de que o cenário actual fosse o inverso, de que os factores tivessem concorrido para uma inversão dos factos históricos e a vitória dessa batalha de Aljubarrota tivesse sido de Castela, surgem várias questões a propósito do que poderia ter ocorrido em torno a este iberismo inicial e uma delas prende-se com a dúvida de se, em pleno século XIV, essa união ibérica teria implicado a conjugação de todos os reinos, ou somente a anexação do reino de Portugal ao de Castela, obviando os de Navarra, Aragão e Granada. Por outro lado, será que essa hipotética união ibérica teria implicado uma submissão política? Ora, a verdade é que poderiam surgir várias respostas possíveis mas, sem que esse cenário tenha ocorrido, apenas poderíamos apontar alguma conjectura, mais ou menos plausível.

Procurando uma definição mais concreta, Garcia Morejon, sem se desviar radicalmente da linha apontada por Oliveira Martins, defende que *El iberismo es un producto del liberalismo portugués del siglo XIX*.<sup>204</sup> e os argumentos por ele apresentados relacionam os instintos

---

<sup>203</sup> In Oliveira Martins, *Dispersos*, Tomo II, Bib. Nacional, Lisboa, 1924

<sup>204</sup> Julio García Morejón, *Unamuno y Portugal*, 2ª ed., Ed. Gredos, Madrid, 1971, P.337



liberais com um ideal republicano, e aliado a ideias maçônicas, como ponto de partida de um movimento que procura desenvolver o apoio e a cumplicidade de Espanha para conseguirem concretizar os seus propósitos revolucionários, vinculando assim o iberismo a um propósito fundamentalmente político mas, parece-nos, esta interpretação corre o perigo de desvalorizar uma evolução do século desde uma perspectiva mais civilizacional, e não exclusivamente política.

Desde o romantismo que o século XIX se tem definido por uma constante busca identitária intrínseca ao encontro com uma realidade cultural e civilizacional, e a que tínhamos permanecido bastante *distraídos* desde o século XVI. Essa relação começou por marcar uma incipiente abertura com a velha Europa para, progressivamente, se ir centrando numa relação peninsular que permanecia fragmentada, apesar da proximidade geográfica. A partir do momento em que se assume a Península Ibérica como um todo surge também a concepção de um conjunto cujas partes se encontram fragmentadas, independentemente de estarem justapostas ou dispersas. Neste sentido, é nossa convicção que o iberismo não pode ser encarado apenas como um movimento político ou diplomático, mas antes como um movimento cultural e civilizacional e por isso, a partir do século XIX, passa a ser uma presença constante no imaginário ibérico e, implicará a coordenação entre essas duas vertentes, a política e a cultural, ou acabará inclusive por se reforçar no plano cultural, ou espiritual como a definirá Unamuno, mas nunca conseguirá afirmar-se desde uma perspectiva única e exclusivamente política.

Relativamente ao conceito de iberismo, enquanto comunhão de um espaço (seja ele político ou cultural) entre os povos da península ibérica, e que está longe de ser um conceito definido, este tem vindo a suscitar acesas discussões quanto à forma como se viria a impor. Além das várias manifestações que irão surgindo, *Lato sensu*, cabe

distinguir entre um iberismo federalista, em que a reunião de estados não implica uma perda de soberania, ao garantir-se a autonomia dos vários estados da união, e um iberismo centralizador cuja soberania da união ibérica estaria a cargo de um dos estados, soberano sobre os restantes.

Se é verdade que a geração de 70 costuma aparecer vinculada à afirmação do iberismo em Portugal, talvez seja porque os seus integrantes foram acompanhando a evolução do iberismo desde várias sensibilidades políticas e civilizacionais, mas unidos por esse desejo de projecção de Portugal num mundo de progresso e de modernidade. As duas figuras que mais se implicaram neste âmbito foram Antero de Quental e Oliveira Martins, curiosamente os mesmos que se destacaram na implantação do socialismo em Portugal indo de encontro a uma preocupação que se vinha pronunciando cada vez mais alto no panorama peninsular e que, como já o adiantávamos, encontrava um forte apoio nos movimentos que foram surgindo em torno à implantação dos ideais socialistas, o que não implica que todos os socialistas sejam iberistas, nem que todos os iberistas sejam socialistas.

.

Na primeira década da segunda metade do séc. XIX os jovens estudantes de 70 estão a terminar a sua formação liceal, mas educando já a sua sensibilidade humanista. Por essa altura, em 1857 Antero de Quental publicava no jornal *O Fósforo* um apontamento intitulado *A Pátria*, e em 59 começava a dar forma aos poemas que viria a recolher em *Raios de Extinta Luz*, essa colectânea imbuída de um forte lirismo, alimentado por uma ilusão de juventude, a que pertence o poema *Ibéria*, de 1864, onde, sob a alegoria do noivado, o poeta imagina a celebração de uma aliança fadada, sob um céu de fraternidade onde brilhe a liberdade:

Espanha - irmã! que boda alegre a nossa!  
Que ribeira de lágrimas tão grossa  
Teu branco véu de noiva há-de estancar!  
Como há-de parecer pequena poça  
Para os banhos, então, o grande mar!  
E entornar-nos volúpia nos desejos  
O misto de ódio antigo e novos beijos

Mas tu 'stás presa!... e nós.. 'stamos dementes!  
Separa-nos o abismo! Os teus algozes  
(...)  
Entre nós nos cavaram oceanos...  
Sejam-lhe ponte os corpos dos tiranos.

Como nos amaremos, doce amiga!  
Como então amaremos! que noivado  
O nosso não será!... Não tem a espiga  
No campo cor melhor, nem mais doirado  
Esplendor, do que tu, bela inimiga.  
Hás-de ver a ventura... quando o estrado  
Do leito nupcial for Liberdade,<sup>205</sup>  
E for dossel o céu - Fraternidade.

Como vemos, a esse sonho de união fraterna opõe-se a realidade dissonante do presente onde, frente a uma amada encarcerada, encontramos um amado demente, sem a sensatez suficiente para lutar para que essa união se cumpra e faça cessar o rio de lágrimas que os alimenta. No entanto, sempre resta a esperança e o poeta sabe que, lutando, esse noivado de liberdade e de fraternidade, guardado pelo futuro, se tornará presente.

Baixo esta alegoria de um noivado difícil, cuja matéria seria digna de uma tragédia de Shakespeare, esconde-se o retrato de uma relação ibérica que era alvo de acesas discussões, mas cuja união estava longe de ser possível de veras.

---

<sup>205</sup> Antero de Quental, *Poesia Completa 1842-1891*, Org. e Pref. De Fernando Pinto do Amaral, Dom Quixote, Lisboa, 2001, p. 607-608

Efectivamente, na década de 50 irrompera no debate iberista a voz sonante do escritor catalão ( 1809-1868) Sinibaldo de Más com a sua Obra *La Iberia*.<sup>206</sup> Antero era então muito jovem, mas o debate instalou-se e o poeta açoriano virá a alimentá-lo anos mais tarde, sem dialogar directamente com este texto, mas com os ecos que dele todavia pairavam.

Esta obra foi publicada sem que constara o nome explícito do autor incluindo apenas a indicação de *traduzida e precedida de um prólogo por um jornalista portuguez*<sup>207</sup>. Sobre esta questão, na advertência que aparece a partir da terceira edição espanhola, e da segunda portuguesa, podemos ler o seguinte:

A Iberia publicou-se anonyma, porque saiu ao mundo para pregar a fraternidade, e defender uma causa de interesses

---

<sup>206</sup> Esta obra viria a conhecer cinco edições em Espanha, entre 1851 e 1868, e três em português, entre 1851 e 1855. As edições foram alterando os respectivos subtítulos em função da intencionalidade programática e da actualização do conteúdo dessa memória, apelando já para esse exercício de discussão que irá ser posto em prática. A primeira edição, *A Iberia. Memoria escripta em lingua hespanhola por um Philo-Portuguez, e traduzida em lingua portugueza por um Philo-Iberico*, é de 1852, a segunda : *A Iberia, Memoria Em Que Se Provam As Vantagens Políticas Económicas E Sociais Da União Das Duas Monarquias Peninsulares Em Uma Só Nação* é de 1853 e a terceira, *A Ibéria: memória sobre a conveniência da união pacífica e legal de Portugal e Hispanha* é de 1855. Para este trabalho, apesar de termos confrontado as várias edições em castelhano e em português, optámos por citar a segunda edição portuguesa, de 1854. Em português porque a tradução é excelente e bastante literal, a segunda, que corresponderia aproximadamente, à terceira em castelhano, pelos documentos que aporta às discussões suscitadas por este livro. Além destes aspectos mais para-textuais, o subtítulo adoptado para esta segunda edição constitui toda uma declaração de princípios, que viria eliminar qualquer dúvida relativamente à orientação deste projecto iberista.

<sup>207</sup> Conforme se pode ler no frontispício desta memória, que se adjunta como documentos nº4 e 4.1, Latino Coelho (Lisboa, 1825-1891) era um político que se destacou por um perfil liberal e um escritor e jornalista que, entre outros, colaborou em *Revolução de Setembro* e *Panorama*. O convite para escrever o prólogo de *A Ibéria* prendia-se sobretudo pela sua simpatia pelos ideais iberistas.

materiaes, e não a causa de qualquer partido político. Desejou-se evitar que uma questão de argumentação se convertesse em questão pessoal<sup>208</sup>

No entanto, este anonimato será logo quebrado porque, relativamente ao prólogo, a identidade será revelada no interior do texto, desde a primeira edição, tendo ficado Latino Coelho vinculado a este prólogo ao longo de toda a sua restante actividade. Quanto à autoria da memória, a partir da terceira edição, portuguesa e espanhola, encontramos um *bosquejo biográfico* sobre o seu autor D. Sinibaldo de Más

O facto de esta obra ter entrado em Portugal pela mão de Latino Coelho veio gerar uma expectativa que ampliaria o efeito de recepção da mesma porque, sem que nos deixemos influenciar pelo tom ou pelo conteúdo de parte da argumentação apresentada, ela virá alimentar um debate iberista já instalado na preocupação dos nossos intelectuais, sobretudo, mas também políticos, dos dois lados da península, e cujo eco ela irá transmitindo a partir da inclusão dos apêndices com as respostas às polémicas levantadas na imprensa da época., nomeadamente em *A Imprensa*, e *A Nação*, assim como dos artigos que alimentaram uma interessante discussão *Em Resposta Às Cartas Do Sr. Casal Ribeiro Acerca Da Memória A Ibéria*.<sup>209</sup>

Fazendo uso de um discurso menos impetuoso que o do autor desta *Memoria*, mas com um raciocínio que vai ao encontro da argumentação apresentada por Sinibaldo de Mas a favor de uma união Ibérica, e assente numa união monárquica, Latino Coelho abre o seu discurso defendendo o seguinte:

---

<sup>208</sup> Sinibaldo de Más, *A Iberia, Memoria Em Que Se Provam As Vantagens Políticas Económicas E Sociais Da União Das Duas Monarquias Peninsulares Em Uma Só Nação*, Typ. Universal, Lisboa, 1853, P.5

<sup>209</sup> Idem, P.153

A civilização tende visivelmente a realizar o grande pensamento do christianismo, fundindo n'uma só família os ramos dispersos e rivaes que saíram de uma stirpe commum, e reduzindo todas as nações, ainda hoje anthipathicas e ciosas, a uma grande communhão, a uma grande nacionalidade, a um único povo - a humanidade christã.<sup>210</sup>

No fundo, será também a força humanista que uns anos mais tarde convencerá os socialistas, e em concreto a Antero de Quental, a abraçar os ideais iberistas, só que eles fá-lo-ão depois, já não sob a inspiração de um evangelho cristão, mas antes da revolução do mundo moderno, conforme a mensagem que encontramos em *Odes Modernas*.

Com um discurso bastante peculiar, em que abundam os exemplos mais contundentes de modo a convencer o seu leitor, Sinibaldo defenderá fervorosamente a união ibérica, partindo do convencimento da existência de um desígnio divino que terá criado uma unidade geográfica que não compete ao homem separar. Aliás, segundo a sua concepção a situação em que se encontra Portugal é precisamente o resultado da sua *obstinação* a essa vontade superior, autêntica praga bíblica:

Triste é a sorte actual de Portugal; triste o seu porvir, se se obstinar a resistir aos decretos da natureza; se quizer contrariar os desígnios do creador, que não pôz nenhuma barreira para o separar de Hespanha<sup>211</sup>.

Por culpa dessa força natural, porque divina, as nações pequenas estão condenadas ao fracasso, razão pela qual essa aliança entre os povos ibéricos apenas poderia trazer a liberdade, o progresso e a estabilidade e, encarando já uma perspectiva mais terrena e economicista, pela união fraterna dos povos se poderiam diminuir os custos das despesas e os gastos tributários, até então multiplicados, e

---

<sup>210</sup> Id., p.32

<sup>211</sup> Id., p.85

logo incrementar a expansão económica, o que afastaria o perigo de conflitos e de guerras. E tão seguro estava da sua argumentação que jamais poderia imaginar que, a menos de cem anos depois, Espanha estaria imersa numa guerra fratricida. Mas, como exemplo do estilo convincente do seu discurso, aportamos o seguinte argumento:

Porque é bem sabido que as três quartas partes dos delictos tem por origem a pobreza, e que isto explica o haver tão poucos delinquentes entre as mulheres, as quaes acham para satisfazer as suas necessidades ou vícios o recurso da prostituição em vez de apelar como os homens para o roubo. Quantas misérias pois, quantos vexames, quantos desgostos, quanto sangue, quantas lágrimas poupariam os habitantes da Europa só com formarem voluntariamente entre todos uma única nação obedecendo a um só governo! <sup>212</sup>

Afastando os aspectos mais anedóticos, esta vai ser a linha iberista que o autor apresentará, argumentada a partir de uma revisão histórica dos fundamentos iberistas. Contudo, em contraste com a segurança que transmite relativamente ao apoio que essa união tem em Espanha, o autor reconhece que em Portugal existe ainda um forte sentimento de desconfiança quanto a essa possível aliança, alimentada pelo profundo desconhecimento que reina entre os povos peninsulares, cultivado ao longo dos tempos, e que vai de encontro a essa preocupação que guiará posteriormente os nossos intelectuais assumindo-se que a relação peninsular se via descentrada pelo quase exclusivo protagonismo francês, fosse por razões intelectuais, fosse até por razões mercantis. Ora, apesar de todas as vantagens que uma nação una e grande nos poderia trazer, o autor catalão é perfeitamente consciente da necessidade de essa união surgir de um acto voluntário, indo, uma vez mais, ainda que por caminhos transversais, ao encontro da máxima anterior da necessidade de instalar a discussão para que possa então prosperar o pensamento esclarecido e livre, e nunca imposto ou redutor. E dizemos transversais porque, embora os

---

<sup>212</sup> Id., p. 69

objectivos se possam encontrar, enquanto Antero busca a formação de um pensamento consciente que só o pensamento pode esclarecer, Sinibaldo pretende apenas convencer e sem que lhe interesse demasiado a polémica ou o diálogo.

Relativamente à questão da concepção iberista proposta pelo escritor Catalão, este defenderá uma fusão centralizadora, em detrimento duma via federalista, por considerar ser este o *resuscitar* [sic] *na Hespanha* [d]o antigo espírito de provincialismo<sup>213</sup> Como argumento lança a pergunta: que serviria então a Portugal essa união, se não fosse para beneficiar de uma protecção centralizadora e, implicitamente, protectora? Não sendo, contudo adepto *de uma centralização exagerada*, deixa bem explícita a linha pela qual se rege:

o princípio da centralização é o princípio da ordem, e que a ordem é o primeiro elemento da prosperidade das nações. Uma descentralização mui pronunciada pode conduzir facilmente à desmembração<sup>214</sup>.

Ora, embora o cite, Sinibaldo não parece ser consciente da luta que vêm travando a favor do poder autárquico e descentralizador homens esclarecidos como Alexandre Herculano, e a quem Antero sempre terá presente e com quem dialogará, como o fará posteriormente em *as Causas da Decadência*, pelo que é lógico que a resistência à sua proposta de iberismo surja por parte de muita da opinião pública portuguesa. Como já adiantámos, esta resistência não estranha ao autor da memória porque, para além da referida carga histórica, as ideias ibéricas são muito modernas. Ora, talvez contrariamente ao que ele parece opinar, terá sido precisamente pela modernidade revolucionária que algumas publicações e intelectuais liberais se mostraram disponíveis para receber as suas propostas e mantiveram uma certa expectativa em relação às mesmas, mas sempre conscientes

---

<sup>213</sup> Id., p.55

<sup>214</sup> Id., P.56



de que não estava aí a forma definitiva de como a união ibérica deveria ser levada a cabo porque, como o autor muito bem o reconhece, o federalismo era a corrente mais defendida em Portugal. Uma das reacções mais directas que *A Ibéria* recebe é a de Casal Ribeiro<sup>215</sup> quem, num primeiro artigo publicado<sup>216</sup> deixará claro o que aqui se expõe:

A união Peninsular só é possível, só pode ser espontânea e pacífica, lógica e racional debaixo da forma de Republica Federativa (...) a única que garante a independência na união; e a união sem independência significa absurdo revoltante, tirania política, compressão nacional<sup>217</sup>.

É evidente que estas acusações lhe parecem a D. Sinibaldo de Más antinaturais e exageradas (e pena foi que a história não lhe viesse a dar razão) e inclusive uma manifestação de desprezo perante a *benévola e gratuita tutoria que lhe oferece sua irmã – a Hespanha*<sup>218</sup>, no entanto a ofensa sentida pelo escritor catalão não se prende somente com o facto de Casal Ribeiro se opor a uma união centralizadora, mas sobretudo com o facto de, sob os ventos republicanos que já se faziam anunciar, considerar que a Republica é o tipo de governação que mais convém ao povo e não uma monarquia absoluta.

Na realidade, o debate aqui esboçado entre duas facções opostas simboliza o debate que a questão do iberismo viria a representar no contexto oitocentista português, mas também espanhol. Tal como se

---

<sup>215</sup> Casal Ribeiro (Lisboa 1825-1896) foi jornalista e político português que, depois de defender os ideais revolucionários republicanos, alinhou a partir da década de 50 ao partido Regenerador, pelo qual foi deputado e até ministro

<sup>216</sup> As reacções de Casal Ribeiro são publicadas em três artigos publicados em *Revue Lusitanienne*, (1852) as quais provocam a reacção de Sinibaldo de Más. Essa discussão pode ser acompanhada mediante a documentação apresentada nesta memória pelo próprio autor

<sup>217</sup> Sinibaldo de Más, *A Iberia, Memoria Em Que Se Provam As Vantagens Políticas Económicas E Sociais Da União Das Duas Monarquias Peninsulares Em Uma Só Nação*, Typ. Universal, Lisboa, 1853, p. 127

<sup>218</sup> Idem, P.128

defendia já em Portugal, também o autor catalão está plenamente convencido de que o caminho de modernidade passa pelo reencontro com Espanha, insistindo nos benefícios progressistas que esta união provocaria, e que passaria sobretudo pelo desenvolvimento dessa linha de caminho de ferro entre Madrid e Lisboa, e tinha sido imbuído dessa fé no progresso que Luciano Cordeiro aceitara embarcar no projecto de prologar e traduzir este trabalho para português: *Convencidos da necessidade de difundir entre nós as ideias da fusão, ou pelo menos da aliança ibérica (...) o único porvir feliz que resta aos habitantes de Portugal* <sup>219</sup>. Ao destacarmos a ressalva do prologuista pretendemos chamar a atenção para o árduo que deveria ser o esforço de Sinibaldo de Más em Portugal porque apesar do interesse que havia em entender, e até defender, o Iberismo, havia que entender que ser iberista não significava somente aceitar essa união com Espanha. Nesta ressalva expressa por Latino Coelho cremos que podemos entender a sua verdadeira intenção: enquanto iberista, mas sem se aproximar das ideias absolutistas do autor catalão, a sua missão era é a de provocar o confronto entre as várias opiniões existentes e romper uma falsa imagem de hegemonia que pudesse existir perante a questão do iberismo

Em *Almanaque Político Y Literario de La Iberia para 1862* <sup>220</sup>, publicação em cujo elenco de redactores encontramos Luís Mariano de Larra, deparamo-nos com dois artigos a propósito da união ibérica. No primeiro, assinado por Joaquín Muñoz Bueno<sup>221</sup> e intitulado *Union Ibérica*, é defendida a necessidade da união ibérica a partir da

---

<sup>219</sup> Id., p. XIV. (destacado nosso)

<sup>220</sup> *Almanaque Político Y Literario de La Iberia para 1862*, 3º Ano, nº 23, Imprenta y Redaccion de La Iberia, Madrid, 1862, pp 116-121 [Vide Documento nº5]

<sup>221</sup> A partir de um registo estadístico sabemos que foi deputado das cortes gerais entre 1841 e 1842 in *Estadística del Personal y Vicisitudes de las Cortes y de los Ministerios de España*, Imprenta Nacional, Madrid, 1858, p. 644.

discussão, mas nunca da conquista, de acordo com os ditames dos tempos modernos. À semelhança do defendido por Luciano Cordeiro, também aqui se expressa a absoluta confiança no papel do progresso trazido pela modernidade, em concreto pelo vapor e pela electricidade, para o desenvolvimento desta relação ibérica e, partindo de uma concepção evolucionista, defender-se-á que:

las naciones, como los individuos, tienen sus dias contados; como estos, se desprenden en ocasiones dadas de sus anteriores combinaciones, y despues entran en la formación de nuevos compuestos.<sup>222</sup>

Ora, sem que seja demasiado explícito, a partir desta afirmação parece-nos entrever que por trás deste desejo iberista se revela uma postura centralizadora, a qual pressupõe uma adaptação e um desprendimento de identidades, o que nos remete para a postura defendida por Sinibaldo de Más.

O segundo artigo que encontramos nesta publicação é assinado por Arturo de Marcoartú<sup>223</sup>, tem por título *Un Programa Ibérico* e vem, uma vez mais, dar conta de como o debate estava definitivamente instalado ao oferecer-nos um discurso alimentado pelos ideias que alimentavam já a Europa e que levavam a entender que *La política moderna, política universal, es la fraternidad, la igualdad, la emancipación del hombre por la humanidad*<sup>224</sup> Tal como o indiciava o título, encontramos neste texto uma atitude programática mais explícita e que reclama a necessidade de a civilização cumprir esse

---

<sup>222</sup> *Almanaque Político Y Literario de La Iberia para 1862*, 3º Ano, nº 23, Imprenta y Redaccion de La Iberia, Madrid, 1862, p.120 [vide documentos nº 6.1, 6.2 e 6.3]

<sup>223</sup> Um reputado político e diplomático espanhol, especializado em relações internacionais.

<sup>224</sup> *Almanaque Político Y Literario de La Iberia para 1862*, 3º Ano, nº 23, Imprenta y Redaccion de La Iberia, Madrid, 1862, pp.179 – 181. [vide documentos nº 7, 7.1 e 7.2, 7.3, 7.3 e 7.5]

trabalho iniciado por uma natureza predisposta à união Ibérica, mas tendo em conta que

El programa ibérico se resume: UNION NO ANEXION; UNIFICACION POR LA LIBERTAD; FRATERNIDAD É IGUALDAD ENTRE ESPAÑOLES Y PORTUGUESES (...) he aquí, no la utopia ibérica, sino la formula concreta practicable desde hoy, para realizar la unificación política de España y Portugal<sup>225</sup>

Sem qualquer dúvida quanto ao tipo de união defendida, estamos em crer que vai ser este o eco que, sob a influência dos mesmos ventos liberais, chegará ao autor dos *Sonetos* que, sob o impulso de um espírito jovem e independente, acompanha com atenção os acontecimentos que se sucedem pela Europa fora.

Emocionados ainda pelos acontecimentos que agitavam o início da segunda metade do século francês, em 1868 os jovens estudantes de Coimbra são apanhados pela revolução espanhola que traz a república até Espanha, e com ela a implantação de uma nova constituição de carácter liberal. Levado por essa euforia Antero escreve *Portugal Perante a Revolução de Espanha* e em carta ao seu amigo Alberto Sampaio anuncia-lhe a publicação deste texto cujo conteúdo vai *no sentido das ideias daquela gente, que são também as minhas, iberismo com o federalismo de toda a península*<sup>226</sup>

Se a juventude e o ímpeto liberal e revolucionário do autor nos faziam prever um texto impulsivo e pouco ponderado, logo nos damos conta que estamos perante um texto muito bem argumentado, a partir de conhecimentos muito bem assimilados e reflectidos, os quais acabarão por estruturar um texto em que a oratória e a dialéctica se coadunarão, uma vez mais, para criar um discurso coerente que põe em realce não

---

<sup>225</sup> Idem, p.181

<sup>226</sup> Antero de Quental *Obras Completas, Cartas, I [1852]-1881*. Org., intr. e notas de Ana Maria Almeida Martins, Ed. Comunicação- Univ. dos Açores, Lisboa-Ponta Delgada 1989. P.107

só as opiniões mas também todo o processo formativo em que Antero se encontrava imerso.

Em vez de enveredar por um discurso de mera exaltação e aplauso à revolução de Espanha, o autor opta por fazer toda uma declaração de princípios em que nos obrigará não só a entender a revolução, como a meditar sobre o que fazer com essa revolução, e não num plano visionário dado que o objectivo não é saber *o que vai, mas sim o que deve a Espanha fazer de sua nova liberdade...*<sup>227</sup>. Seguindo a rota traçada pelos caminhos da modernidade, e consolidando aquele que era já o seu estilo, o autor executará o seu texto num ritmo aparentemente coloquial e vivo, que interpela constantemente o leitor, no entanto, para além de cativar a sua atenção, o objectivo principal deste tom discursivo é também o de implicar o leitor numa tomada de opinião consciente porque *As revoluções, sem por isso desdenharem a comoção e o aplauso, não pedem ao mundo senão uma coisa: serem compreendidas.*<sup>228</sup> É precisamente nesse exercício de compreensão que o autor nos tentará implicar.

Evidente será o facto de ao longo da sua argumentação explicitar até quatro vezes o nome do mestre Proudhon, acompanhado de uma vasta plêiade de autores que configuram uma formação que vai desde a antiguidade clássica à modernidade, ou da história à filosofia e, legitimado por essa formação, faz-nos ver como o papel do revolucionário passa por transformar as sociedades em revolucionárias e Espanha pode agora aproveitar para ser o exemplo da Europa e, aprendendo com a história, cumprir essa evolução social anunciada desde a constituição das cortes de Cádis, e que não é outra senão a

---

<sup>227</sup> Antero de Quental, “Portugal Perante a Revolução de Espanha: Considerações Sobre o Futuro da Política Portuguesa no Ponto de Vista da Democracia Ibérica”, *Prosas Sócio-Políticas*, apr. por Joel Serrão, I.N.C.M., Lisboa, 1992, p.212

<sup>228</sup> Idem, p.211.

revolução democrática que deverá trazer agora a todos os espanhóis a liberdade, através de um governo democrático e, além disso, *quem diz democracia diz naturalmente república. Se a democracia é uma ideia, a república é a sua palavra.*<sup>229</sup>

E aqui, quando esperávamos por uma acérrima defesa da república, surge novamente o juízo crítico de Antero com a seguinte interrogação: *Mas como se organiza a republica?*<sup>230</sup> A questão surge porque o autor considera que o conceito de república está envenenado, a partir do momento em que no *Contrato Social Rousseau* a definiu como sendo *una e indivisível*, caindo assim num conceito logicamente antitético. A crítica trespassa o filósofo francês para apontar, num anúncio daquilo que virá depois explicitar em relação ao contexto ibérico em *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*, a falta de um espírito crítico e revolucionário por parte da sociedade que tivesse podido evitar essa situação:

Ninguém viu que a unidade matava a liberdade, a delegação a iniciativa, a organização republicana a república democrática. Ninguém viu que era esta contradição, e só ella, que explicava o phenómeno extraordinário da decadência rápida das instituições republicanas, criadas para serem eternas pelo entusiasmo das multidões, e abandonadas em poucos annos pelas mesmas multidões, scepticas e desmoralizadas.<sup>231</sup>

Uma situação constitui a prova de que as sociedades se preocupam mais com *quem nos governe* que com o *facto de sermos governados* embora seja justamente desta atitude passiva que advirá a tirania e a ruína das sociedades democráticas, por isso, para Antero, frente ao perigo do poder hegemónico, a única proposta possível passa por conciliar igualdade e liberdade, ou seja: *criar na sociedade esses diversos grupos, por onde se reparta a autoridade e se equilibre a*

---

<sup>229</sup> Id., p.221.

<sup>230</sup> Id., p.221.

<sup>231</sup> Id., p.223.

*força expansiva do centro*<sup>232</sup>. Ora, apelando uma vez mais ao desenvolvimento do nosso espírito crítico, e não apenas dedutivo, surge imediatamente outra interrogativa fundamental: *Para isso o que é preciso?*<sup>233</sup> Não nos estranha que a resposta nos conduza a todo um processo formativo de influência prudhoniana e a resposta não pode ser outra senão o Federalismo. Perante a revolução que acaba de suceder em Espanha, Antero defende que a sociedade espanhola deve tornar-se num foco de progresso perante o mundo através do federalismo como *caminho da justiça, da paz, da força, da liberdade, do progresso, um único caminho: a Federação*<sup>234</sup>

Guiados pelo autor, surge então a terceira questão, a qual retoma o título do artigo e nos implica não só enquanto cidadãos do mundo, mas sobretudo como peninsulares e portugueses, sobretudo, e que acaba por ser o ponto fulcral deste texto ao pôr em evidência os verdadeiros motivos pelos quais devemos interessar-nos por essa revolução: não por ser espanhola, mas antes por implicar uma realidade peninsular, ibérica; não por ser um acontecimento político, mas sim de ideias:

Mas Portugal, membro amputado desnecessariamente (...) que tem que ver Portugal com a revolução que acaba de trazer á superfície da sociedade espanhola, como em tumultuosa fermentação, os maiores problemas da politica moderna, e com as resoluções que a filosofia e a necessidade, os princípios e os acontecimentos, impõem aos chefes em cujas mãos vão cair as rédeas agitadas dessa revolução?

É sobre tudo para este ponto que eu invoco a atenção de todos os homens que, vendo na história leis fixas e não acontecimentos fortuitos, sabem compreender que a politica é

---

<sup>232</sup> Id., p.225.

<sup>233</sup> Id., p.225.

<sup>234</sup> Id., p. 228

uma questão de ideias e não de paixões, de necessidade e não de sentimento.<sup>235</sup>

Depois dessa descrição expressiva e totalmente tendenciosa, por se alguma dúvida houvesse ainda quanto ao seu iberismo, e sem obviar a questão geográfica e histórica, contrariamente ao que tínhamos visto até agora, Antero de Quental acabará por defender a sua postura iberista partindo de uma identificação dos povos peninsulares no plano das ideias. Ora, embora estivéssemos ainda a meio do século, era evidente que os focos revolucionários e liberais em Portugal permitem já estabelecer uma comunhão de ideias pelo que *o ideal da Espanha em revolução confunde-se com o ideal de Portugal que precisa de ser revolucionado*<sup>236</sup>

O Iberismo de Antero define-se então, neste momento, a partir de uma imagem dual já que, embora os problemas sejam os mesmos, é Espanha quem tem a solução e nós devemos acompanhá-la no seu evoluir político mas sobretudo civilizacional, mas tal só será possível a partir do estabelecimento de uma democracia federativa, caso contrário continuaremos sempre por caminhos desencontrados do progresso. Ao falar em progresso e democracia o autor estava então convencido de que este significaria o fim da classe burguesa, responsável pelo atrofimento do sistema económico português, pela decadência moral e pela decadência da nossa educação porque a realidade era esta: *a burguesia portuguesa pode, por ostentação, levantar uma estátua a Luís de Camões; mas o povo português, esse, não sabe soletrar o título do poema que o poeta consagrou às suas glórias...*<sup>237</sup>

---

<sup>235</sup> Id., p. 228.

<sup>236</sup> Id., p.228.

<sup>237</sup> Id., p.232.



Este discurso surgia de uma profunda reflexão e de uma consequente consciencialização do seu papel na construção de uma sociedade mais moderna, porque mais justa e esclarecida. Por isso mesmo, por saber que o trabalho é vasto, mas urgente, lutará energicamente por chegar às consciências daqueles que possam pôr em prática essa revolução. Não pelo seu alarmismo, mas antes pela sua extrema lucidez, Antero traçará um retrato da sociedade que, certamente, muitos terão definido como catastrófico mas que, graças à sua extrema astúcia e honestidade intelectual, é hoje um nítido, e assustador, exemplo da modernidade do seu discurso, como podemos ver através do seguinte exemplo:

A ruína das nações centralizadas começa por aqui. Não há relação entre o que sai do trabalho e o que exige o consumo. Para acudir às necessidades do dia é necessário hipotecar o futuro. Mas o futuro há uma hora em que chega a ser presente, e nessa hora aparece por tal forma enfraquecido e sobrecarregado, que já para viver precisa pedir a um outro futuro mais longínquo o dobro e o triplo do que lhe tinham pedido a ele. Eis a progressão terrível da dívida publica! *Progressivamente*, não proporcionalmente, crescem as exigências do estado: e *progressivamente*, não proporcionalmente, diminuem os recursos do país, onerado, comprometido numa razão matematicamente assustadora. É neste momento que o fisco, até ali simples organismo como os outros, se desmascara e deixa ver o monstro cruel, tirânico e disforme que é realmente. Nesse momento de brutal franqueza, toda a política se resume numa única palavra: *dinheiro!* todo o programa de governo se resume numa única frase: *é necessário que o povo pague!* <sup>238</sup>

Perante a situação presente, e o futuro que se aproxima, é necessária uma actuação contundente e uma correcta interpretação dos factores que confluem para essa solução e, nesse sentido, a ciência, a filosofia política, já não contempla a *reforma*, mas antes a *revolução*. Este é o grito de ordem que saíra já da sua poesia desde 1865 e que agora volta a ressoar, em nome do progresso e exigindo a implicação de todos.

---

<sup>238</sup> Id., pp.234-235.

Após uma fundamentada exposição, Antero abordará o ponto mais delicado que é o que se prende com a nacionalidade que, segundo ele não passa de um obstáculo ao processo de implantação desta democracia pelo que não tem nenhum problema em abdicar dela, contudo, consciente do seu tom (intencionalmente) provocativo, dirigir-se-á *aos patriotas* para explicitar a distinção que ele faz entre pátria e nacionalidade. Enquanto considera a Pátria como um *facto da consciência humana* a nacionalidade é somente uma manifestação *passageira e artificial*. Pelo arrojado que é esta postura, procuramos aquilo que em 1857 dissera nesse artigo juvenil intitulado, precisamente *A Patria* onde encontramos a afirmação de que *Na pátria tudo nos ama, tudo nos ri (...) Fora da pátria, pelo contrário, nada nos interessa*<sup>239</sup>. Cremos que é dentro dessa coerência que o autor insular não tem nenhum inconveniente em renegar da nacionalidade em nome de uma democracia ibérica já que não crê noutra política que não seja a do iberismo, mas sempre por amor à sua pátria que seguirá e acompanhará até ao último suspiro de vida. Sem dúvida que o seu sentimento insular o terá influenciado na configuração desta postura que lhe permite abdicar dum conceito que ele mesmo considerou como artificial. No fundo a pátria para Antero seria sempre a sua ilha natal, sem que lhe importasse que a sua nacionalidade fosse a açoriana ou a portuguesa ou a ibérica.

A partir do excelente esquema argumentativo, fica muito claro que, segundo o poeta açoriano, a única solução desejável para Portugal é aproveitar o ensejo de Espanha e evoluir para uma democracia ibérica, assente num ideal federalista e inevitavelmente ligada a uma república, sendo no entanto este o ponto mais complexo.

Em 1887, na carta biográfica que envia a Wilhelm Storck, o nosso autor dirá a propósito de *Portugal Perante a Revolução de Espanha*:

---

<sup>239</sup> Antero de Quental, “A Patria”, *Prosas de Época de Coimbra*, 2ª ed. Clássicos Sá da Costa, Lisboa, 1982, P.84

Advogava aí a União Ibérica por meio da República Federal, então representada em Espanha por Castelar, Pi y Margall e a maioria das Cortes Constituintes. Era uma grande ilusão, da qual porém só desisti (como de muitas outras desse tempo) à força e golpes brutais e repetidos de experiência. Tanto custa a corrigir um certo falso idealismo nas coisas da sociedade!<sup>240</sup>

A propósito deste desabafo, que podemos interpretar como um abandono do ideal iberista, surgem-nos algumas dúvidas sobretudo quando o confrontamos com o que escreveu, em 1880, ao seu amigo Alberto Sampaio, e a quem refere o seguinte:

De notícias interessantes, dir-te-ei que o republicanismo avulta de dia para dia. Mas que republicanos! É um partido de logistas, capitaneado por bacharéis píffios ou tontos. É quanto basta para se lhes tirar o horóscopo. Duma tal república só há-de sair a anarquia e a fome. Mas, como de tudo isso pode muito bem sair a união ibérica, única solução desejável para a esfalfada nacionalidade portuguesa, vejo com gosto esse movimento de dissolução. A abjecção monárquica é completa<sup>241</sup>.

A partir desta confissão inferimos três pontos que nos parecem pertinentes: no primeiro verificamos como em 1880 Antero ainda via na união ibérica a única solução para o problema português; no segundo somos testemunhas do descrédito absoluto que lhe inspiram os republicanos, e no terceiro contemplamos o desprezo que sente pela monarquia. Ora bem, neste momento, Antero parece não acreditar já na República, não pelo ideal que representa, mas antes por pensar que em Portugal os republicanos não eram capazes de levar adiante um projecto revolucionário eficiente, por essa mesma razão não aceita que o seu nome fique vinculado a um partido republicano como candidato a deputado. Relativamente à monarquia, ele acabará por se resignar,

---

<sup>240</sup> Antero de Quental *Obras Completas, Cartas, II 1881-1891*. Org., intr. e notas de Ana Maria Almeida Martins, Ed. Comunicação- Univ. dos Açores, Lisboa-Ponta Delgada 1989', P.836

<sup>241</sup> Idem, P.497

mas reconhece igualmente o descrédito por que passa a instituição. Aliás, recordemos que quando Antero apoiou a revolução republicana espanhola fê-lo sob uma condição bastante clara:

A nossa simpatia, pois, é condicional.

Se a monarquia não for mais do que a continuação da monarquia son outro nome, a monarquia meno o monarca; se representar as mesmas tradições administrativas e financeiras; as mesmas influências militares e bancárias; se fizer causa comum com a agiotagem capitalista contra o povo trabalhador; se não for mais do que uma oligarquia burguesa e uma nova consagração dos privilégios pelos privilegiados – em tal caso diremos que nos é cordialmente antipática essa pretendida república de antropófagos convertidos.<sup>242</sup>

Ora, parece ser que as constantes alternâncias de governos em Portugal não lhe davam muitos motivos para acreditar que a República pudesse representar uma solução para Portugal.

Quanto aos idieias iberistas, quase todos os homens ligados à geração de 70 apoiaram, uns mais que outros, os ideais liberais que viriam alterar definitivamente uma configuração política e social de Portugal, mas também da própria península Ibérica. Nesse contexto, foram surgindo alguns panfletos ou crónicas de imprensa em que, para além de um manifesto apoio à(s) revolução(ões) que atingiam o país vizinho, não se hesitava em apoiar uma união federativa. Alimentado esse desejo de relacionamento ibérico que estava latente na sociedade portuguesa, ainda que este pudesse assumir diversas manifestações, como vimos: ou absolutista, ligado a uma autoridade militar, repressora e, logo, castradora, ou advogando por uma partilha de ideias que conduziria à revolução dos ideais, e fossem eles políticos, sociais ou culturais. Como sabemos, será este conceito que, bastante

---

<sup>242</sup> Antero de Quental, “A República e o Socialismo”, *Prosas Sócio-Políticas*, apr. por Joel Serrão, I.N.C.M., Lisboa, 1992, pp. 391-2.

mais acorde com os tempos modernos e alimentado pelos ideais do socialismo, será melhor entendido no âmbito luso.

Ao lado de Antero, o companheiro mais assíduo foi Oliveira Martins, um permanente e atento observador do contexto histórico-cultural-político do país e quem no seu artigo *Iberismo* após a exposição e análise das várias hipóteses plausíveis, defende claramente a *União de pensamento e acção, independência de governo: eis, a nosso ver, a fórmula actual, sensata e prática do Iberismo*<sup>243</sup>

Em 71, aquando das Conferências do Casino, embora Oliveira Martins se encontrasse em Espanha, esta ideia é a que subjaz através de Antero, enquanto discurso geracional, ao dirigir o seu discurso *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares* a uma assembleia de peninsulares. A situação dos dois países peninsulares, levará Antero a elaborar o seu diagnóstico e a concluir de novo que o presente é calamitoso. Neste contexto, como já tinha sido apontado antes, com os dois países da península padecem da mesma sintomatologia, devem submeter-se ambos a uma terapia conjunta e, antes de mais, pôr fim à situação de ensimesmamento que ambos os países tinham adoptado. Nessa conferência, em que se torna evidente o profundo conhecimento do contexto sócio-político e histórico-cultural da Península Ibérica, para além duma maturidade e capacidade de reflexão, transparece uma intenção de compromisso de revolução, assumido por Antero e pela sua Geração. Essa revolução que, tal como já o referimos, assenta na aceitação, discussão e comunhão de ideias, e nunca no despotismo. O ideal de Antero parte, essencialmente da distribuição, o caminho que conduz ao federalismo, assimilado desses outros tempos cujos princípios organizativos devemos recuperar:

Na Idade Média a Península, livre de estranhas influências,  
brilha na plenitude do seu génio, das suas qualidades naturais. O

---

<sup>243</sup> Oliveira Martins, *Dispersos*, Vol. II, Bib. Nacional, Lisboa, 1924, P. 216.

instinto político de descentralização e federalismo patenteia-se na multiplicidade de reinos e condados soberanos, em que se divide a Península, como um protesto e uma vitória dos interesses e energias locais, contra a unidade uniforme, esmagadora e artificial.<sup>244</sup>

Poderemos afirmar que o iberismo de Antero encontrou nesta conferência um dos seus pontos mais expressivos e populares, mas que já tinha sido anunciado em *Portugal Perante a Revolução de Espanha*, como vimos. Numa Europa em ebulição permanente, os acontecimentos vão-se precipitando e enquanto se ordenava o encerramento das conferências, quisera o destino que se extinguira a Comuna de Paris e esta geração vai assistindo ao lento desmoronar dos seus ideais, o que dificulta cada vez mais a sua missão. Entretanto, as instituições, tanto monárquicas como republicanas, tornam-se também numa barreira à instauração do progresso democrático, assente na liberdade e na fraternidade, o que exige dos membros desta geração um constante exercício de reformulação e adaptação dos seus ideais.

Apesar do tom de desânimo que encontramos na correspondência anterior, a verdade é que vai resistindo, até quase ao final, e por isso decide aceitar a presidência da Liga Patriótica do Norte.

Devido ao seu débil estado de saúde busca o aconchego da sua pátria insular, onde se encontra em 1891 quando sucedem os acontecimentos provocados pelo Ultimatum inglês, desde donde confidenciará ao seu amigo Alberto Sampaio:

Por aqui a ideia de que a Inglaterra, como indemnização, pode lançar mão destas ilhas, sorri a muita gente. Confesso-te que, apesar de tudo, preferiria que ficassemos unidos a Portugal,

---

<sup>244</sup> Antero de Quental, *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares Nos Três Últimos Séculos*, Tinta-da-china, Lisboa, 2008, pp 38-39.

para depois entrarmos, como Estado federal, na União Peninsular.<sup>245</sup>

Não podemos permanecer indiferentes perante o facto de, poucos meses antes de desistir da vida, continuar a acreditar nessa *União Peninsular*, o que lhe confere uma coerência de que alguns duvidavam. Partindo das suas palavras, inferimos que, ao lado do seu amigo Oliveira Martins, o autor insular nunca terá abandonado definitivamente o ideal ibérico, no entanto, há que entender que esse ideal acabaria por sofrer algumas modificações. Neste sentido, Antero acabaria por acreditar antes numa espécie de *iberismo intelectual* em detrimento do político e institucional, à semelhança do que acontecerá com Unamuno, permitindo-nos conceber o Iberismo como um dos factores mais decisivos neste processo de identificação entre dois grupos geracionais distintos e aparentemente distantes, acabando por unir o destino da geração de 70, portuguesa, e da geração de 98, espanhola. Ambas as gerações se formaram num mesmo cenário, o qual lhes permitiu modelizar determinadas concepções perante a realidade e, longe de procurarem um carácter uniforme, optaram por provocar a discussão e o seu consequente esclarecimento. Por outro lado, como que numa reacção simbiótica, esse processo de identificação e de afirmação, inerente ao desenvolvimento desses dois grupos geracionais, irá provocar todo um conjunto de manifestações que contribuirão para a evolução do conceito de iberismo, até aos nossos dias.

Mas há algo sobre o que convém reflectir um pouco: em como entender este entusiasmo pelo iberismo numa cultura que sempre vira no espanhol um inimigo, já que, segundo a *vox populi*, *de Espanha nem bom vento nem bom casamento*.

---

<sup>245</sup> Antero de Quental, *Obras Completas, Cartas*, II vol. Org. int. e notas de Ana Maria Almeida Martins, Ponta Delgada, Lisboa, Universidade dos Açores, ed. Comunicação, 1989. p.1058.

A realidade que nos cabe viver hoje, impele-nos a reconhecer que o conceito de Iberismo não poderá ser reduzido a uma mera definição lexical ou a um conceito datado, mas deve antes ser encarado como um conceito dinâmico e evolutivo. Seria legítimo argumentar que a realidade dos dois países ibéricos hoje, já em pleno século XXI, é bastante distinta da que conheceram as gerações de 70, portuguesa, e a de 98, espanhola, no entanto continuamos a conviver com falácias que alimentam um falso imaginário e deturpam o conceito de iberismo. Relativamente a Portugal, ouvimos com frequência como os portugueses apregoam que Espanha goza de uma situação política, económica, política e social mais estável que a de Portugal, enquanto em Espanha se continuam a encontrar alguns tópicos que julgávamos já ultrapassados. Por outro lado, não nos podemos esquecer que, enquanto os ânimos de regionalização se abrandam em Portugal, Espanha vive a força dos nacionalismos políticos e culturais. Estas situações acabam por apoiar aqueles que falam numa relação ibérica assente na estranheza<sup>246</sup> e no rumo oposto que temos seguido.

Apesar de tudo, parece-nos evidente que a partir do trabalho empreendido por estas duas gerações de fim de século, o iberismo passou a ser visto como um traço mais de uma identidade peninsular. Com Antero aprendemos que não precisamos de renunciar à nossa pátria para recuperar uma identidade mais ampla, e igualmente autêntica e genuína, como é a ibérica.

---

<sup>246</sup> Neste sentido, vem-nos à memória, de entre outros vários exemplos possíveis, um dos últimos romances em que o iberismo surge notoriamente como pano de fundo: *O Mar de Madrid*, de João de Melo. Trata-se de um romance cuja história assenta num romance entre dois amantes, ela catalã e ele português e, como se de um jogo metalinguístico se tratasse, no capítulo 12 encontramos a definição deste romance, *A HISTÓRIA ABREVIADA DE UMA ESTRANHEZA*, mas que coincide com a expressão de uma realidade peninsular aqui *abreviada* numa *história* de amores impossíveis.



Ao longo deste último século têm surgido, desde os dois lados da fronteira, e até dos dois em simultâneo, vários exemplos de como essa união ibérica sobrevive e perdura. Como herança do esforço dessas gerações de fim de século, o sentimento iberista passou a ser cada vez mais crítico com um envolvimento político, evoluindo antes para uma necessidade de se estabelecerem relações peninsulares que terão que passar sobretudo por um âmbito cultural. Talvez esta evolução se prenda com o facto de a história nos ter ensinado que o desejo dessa aliança ibérica só é resgatada pela política em momentos críticos da nossa história, contrariamente ao cultural que, até mesmo nesses momentos críticos, costuma reclamar uma vitalidade e autenticidade que permitem reforçar uma imagem identitária única.

## **IV. O DIÁLOGO PENINSULAR.**

### **IV.1- OS DIÁLOGOS QUE A HISTÓRIA TECE.**

#### **IV.1.1- MANUEL LARANJEIRA**

Tal como temos vindo a constatar, há que reconhecer todo o projecto levado a cabo por esse grupo de homens que se uniram em torno dessa geração a que se deu o nome de 70, encabeçado por Antero, Eça, ou Oliveira Martins, e que souberam repensar e interrogar o papel de Portugal, enfocando o problema nacional a partir das várias perspectivas possíveis. Poucas vezes se lutara com tanta determinação pela necessidade de instaurar um processo de regeneração válido e efectivo ao provocar a ruptura definitiva com um mundo antigo, caduco e estático e que em nada se coadunava com uma nova postura ético-social-histórico-filosófica. Por vezes essa rebeldia, ou atrevimento intelectual, é mal interpretado, ou acaba por ser ofuscado por outros vultos e personagens como Manuel laranjeira ficará remetida ao silêncio, apesar de terem sabido dar a voz como poucos pela nossa identidade e cultura

É evidente que à nossa memória cultural vêm sempre a evocação de figuras como Eça de Queiroz, ou até mesmo Antero de Quental, enquanto personagens activas num processo de dinamização revolucionária, mas com as ideias como armas, a verdade é que não devemos ter em conta a existência de outros elementos que podem conviver com esta geração e que também colaboraram nessa missão nova de agitar as consciências sociais, assim como de influenciar outras gerações e sensibilidades. Não devemos esquecer que o legado

que nos ficou da Geração de 70 tem sido mantido, e até alimentado, a partir do esforço e cumplicidade daqueles que viriam depois. No caso de Antero, apesar de nem sempre estar em primeiro plano, assumiu, como vimos, um destacado protagonismo no panorama cultural português e cumprindo parte daqueles que eram os seus propósitos tornou-se numa peça fundamental na divulgação da cultura portuguesa fora de Portugal, e em especial no âmbito peninsular, mas não só<sup>247</sup>. Muito do legado anterior ter-se-ia perdido caso não tivesse sido protegido e alimentado por figuras como Teixeira de Pascoaes ou Guerra Junqueiro e, fora do mediatismo dos grandes vultos, encontramos a presença de Manuel Laranjeira. Arredado já dos parâmetros cronológicos da geração de 70, e sem que tenha pertencido a qualquer escola ou movimento que não fosse o da busca de um sentido identitário a partir das letras, a cultura portuguesa foi obviando a sua presença, a qual acaba por se intuir apenas de uma forma, chamemos-lhe assim, colateral.

Por essa razão, parece-nos bem ilustrativa a forma como García Morejón, no seu estudo *Unamuno y Portugal*, dá início ao capítulo dedicado a Laranjeira: *No conozco la repercusión que habrá tenido en Portugal la lectura y las obras de Manuel Laranjeira, editadas com esmero por el crítico y poeta Alberto Serpa*.<sup>248</sup> Mais que um sinal de honestidade investigadora, estas palavras dão bem conta de como, em

---

<sup>247</sup> A aura de Antero chegaria a Espanha, mas também a Itália ou Alemanha. Como elemento ilustrativo desse interesse por Antero as traduções da sua poesia a distintos idiomas. O reconhecimento dessa importância foi feito desde muito cedo e, para além dos já referidos leitores de excepção que teve Antero, cabe também evocar a edição poliglota de *Zara* (1894), o poema-epitáfio em memória da irmã de Joaquim de Araújo que foi traduzido em 48 idiomas. Em 1892, aquando da publicação póstuma de *Raios de Extinta Luz*, esse poema, *Zara*, apareceu também já em edição bilingue (português e alemão), com a tradução de W. Storck.

<sup>248</sup> Julio García Morejón, *Unamuno y Portugal*, 2ª ed., Ed. Gredos, Madrid, 1971, P.441

1971, o nome de Laranjeira se mantinha num discretíssimo lugar do panorama cultural português, mesmo para quem fizera uma investigação tão importante como a de García Morejón. Podemos contudo podemos afirmar que o panorama actual, cem anos decorridos após o seu suicídio, não é muito diferente, e apesar de dispormos da publicação das suas obras completas e da sua valiosíssima correspondência.

Manuel de Laranjeira nasce em Vila da Feira em 1877 e graças à herança que o seu irmão recebe do seu sogro, consegue fazer o curso de medicina. Ainda que não se possa aplicar a si muitas terapias, o espírito científico poderá dar-lhe algumas pistas no momento de elaborar um diagnóstico sobre o problema que afecta a sociedade portuguesa, enquanto um todo orgânico.

Apesar de ter ido para ciências, e apoiando a velha máxima de que todos os médicos são homens de livros, desenvolverá um completo processo de formação em qu a leitura dará depois lugar à reflexão e à discussão de ideias que registava em trabalhos que publicava na imprensa da época, nas suas obras de teatro<sup>249</sup> e no livro de poemas *Comigo* subintitulado *Versos de um solitário*, que podemos ler como sendo a expressão mais autêntica de um pensador atormentado pela busca da verdade, já sem nenhum consolo, incluindo o divino, pois m Nietzsche tinha já afastado essa hipótese, pelo que lhe resta apenas pensar que *Só se vive de ilusão:/ a verdade é venenosa, / envenena o coração*.<sup>250</sup> Martocq, com a legitimidade que lhe outorga o ser o autor do maior trabalho de investigação sobre Manuel de Laranjeira, define

---

<sup>249</sup> Estes são alguns dos títulos que podemos encontrar na compilação das suas obras, em dois volumes, realizada J. C. Seabra Pereira (Ed. Asa, Lisboa, 1993): *Amanhã*; *As Feras*; *Naquele Engano de Alma e Almas Românticas*

<sup>250</sup> Manuel Laranjeira, "Comigo", *Obras de Manuel Laranjeira*, Vol. I, Org., Pref. e Notas introdutórias de J. C. Seabra Pereira, Ed. Asa, Lisboa, 1993, p. 159.

este livro como *le tombeau d'un homme tenaillé par le sentiment de l'absurdité d'une existence sans foi et sans amour, dans un monde vide de Dieu*.<sup>251</sup> E o retrato mais genuíno e denso desse homem, médico de profissão, atormentado pela sua doença e pela consciência dela<sup>252</sup> vamos encontrá-lo no seu Diário, mas também na sua correspondência porque ele é consciente de que *não basta conceber e criar; é preciso também exprimir*<sup>253</sup> pelo que, marcando já uma linha pré existencialista será aí que encontraremos a verdadeira expressão de um homem de ideias, mas também de sentimentos numa constante e acesa discussão entre *os conflitos da razão e do sentimento*<sup>254</sup> transferida para um discurso sincero, alimentado por *tempestades íntimas* que interpela e provoca o leitor, chegando mesmo a assumir traços dramáticos.

De entre os seus vários interlocutores, representativos de toda uma geração e de uma cultura, contava-se Miguel de Unamuno, a quem conhece no verão de 1908, em Espinho e, conforme o que nos conta no prólogo às suas cartas, a impressão inicial que o médico causou ao professor salmantino não foi propriamente a mais agradável:

De início, antes de me relacionar com ele, quando só o conhecia de vista e pelo que dele me diziam, pareceu-me pouco simpático e cheguei a ter dele uma impressão muito afastada da realidade.<sup>255</sup>

---

<sup>251</sup> Bernard Martocq, *Manuel Laranjeira et son temps (1877-1912)*, Centre Culturel Portugais, Paris, 1985, p. 491

<sup>252</sup> Laranjeira alude várias vezes à sua doença de nervos, mas é possível que tenha também sido afectado pela 'Sífilis e pela Tuberculose Mas, independentemente da doença, o facto de ser médico adensava o seu padecimento e a sua angústia, porque era consciente do seu estado.

<sup>253</sup> Manuel Laranjeira, *Obras de Manuel Laranjeira*, Vol. I, Org., Pref. e notas introdutórias de J. C. Seabra Pereira, Ed. Asa, Lisboa, 1993, p. 443

<sup>254</sup> Idem, p.389.

<sup>255</sup> Manuel Laranjeira, *Cartas de Manuel Laranjeira*, Relógio d'Água, Lisboa, 1990, *Idem*, p. 9

No entanto, na carta que escreve a Pascoaes, uma vez regressado dessas férias, não esconde o seu entusiasmo ao contar-lhe que *En Espinho conocí a un hombre interesante, muy simpático y muy culto: el Dr. Laranjeira. Salí prendado de él y me enseñó muchas cosas*<sup>256</sup>.

Efectivamente o diálogo estabelece-se e nenhum deles perderá a palavra até poucos dias antes da morte de Laranjeira em que, num tom aparentemente sibilino mas sobretudo confessional lhe diz “*Fico por aqui. Adeus, meu querido amigo, até... não sei quando*”<sup>257</sup>., um tom sibilino que, por sua vez, era partilhado também pelo autor salmantino quem chegará a confessar que previra o final de Laranjeira, o que é perfeitamente entendível

Ao longo da vária e rica correspondência Manuel Laranjeira vai trocando impressões e opiniões com figuras tão destacadas do panorama cultural português como João de Barros, Teixeira de Pascoaes, Amadeo de Souza Cardoso ou António Carneiro, António Patrício ou Afonso Lopes Vieira, mas também literatos do outro lado da fronteira, como o escritor e dramaturgo Martinez Sierra, o músico Pedro Blanco e com o professor e escritor salmantino Miguel de Unamuno, sendo essa correspondência que nos permite ser testemunhas da admiração que unia o médico de Espinho e o professor de Salamanca, sempre alimentada pelas suas ricas reflexões e opiniões expostas com toda a sinceridade e lucidez. Sem serem propriamente almas gémeas, Unamuno e Laranjeira conseguirão entender-se e prosseguir um diálogo peninsular já encetado pela

---

<sup>256</sup> Lurdes Cameirão, *Epistolário Espanhol de Teixeira de Pascoaes*, Assírio & Alvim, Lisboa, 2008, p.525

É curioso que, sem ser a única vez que isso suceda, Unamuno, voltará a reiterar esta informação numa carta posterior, provavelmente estranhando que Teixeira de Pascoaes não fizera nenhuma alusão a essa informação que tão ufanamente lhe comunicava.

<sup>257</sup> Manuel Laranjeira, *Obras de Manuel Laranjeira*, Vol. I, Org., Pref. e notas introdutórias de J. C. Seabra Pereira, Ed. Asa, Lisboa, 1993, p. 485.

Geração de 70 num processo simultaneamente de indagação e de afirmação de identidade, e num momento em que os dois povos peninsulares comungam de um mesmo espírito decadentista, advindo de uma série de circunstâncias históricas que tinham o seu ponto nevralgico nas crises políticas de 91, para Portugal, e 98, para Espanha. Conscientes dessa sintonia empreendem um diálogo único no panorama cultural ibérico, como o aponta João Medina:

Aquelas páginas trocadas entre os dois escritores ibéricos bastariam para erguer o monologante e suicidário Laranjeira a grande vulto da cultura da península, do tão inabitual diálogo luso-espanhol, muito maior, naquele rápido e curto diálogo de águias ou profetas, do que todo o restante epistolário trocado por Don Miguel com Pascoaes ou outros compatriotas nossos.<sup>258</sup>

Antes de partir para a leitura da sua produção literária, bisbilhotemos essas cartas que enviou a uns poucos amigos posto que, citando as suas palavras: *Eu sou um homem que só conversa com plena expansibilidade com meia dúzia de amigos como você ou comigo mesmo.*<sup>259</sup> Através do exercício epistolar começamos a conhecer um homem solitário com poucos amigos, tímido, mas que sente uma necessidade imperiosa de provocar, de discutir, nem que seja consigo mesmo, e com quem Unamuno aprenderá muito sobre a cultura portuguesa

Foi Laranjeira quem me ensinou a ver a alma trágica de Portugal, não direi de todo o Portugal, mas do mais profundo, do maior. E foi ele quem me ensinou a ver não poucos recantos dos tenebrosos abismos da alma humana (...) Foi um grande, um muito grande pensador, mas foi um talvez um *sentidor* ainda maior<sup>260</sup>

---

<sup>258</sup> Eugénio Montoito, *Manuel Laranjeira e o Sentimento Decadentista na Passagem do Século XIX*, Europress, Póvoa de Sto Adrião, 2001, p.16

<sup>259</sup> Manuel Laranjeira, *Obras de Manuel Laranjeira*, Vol. I, Org., Pref. e notas introdutórias de J. C. Seabra Pereira, Ed. Asa, Lisboa, 1993, p. 409.

<sup>260</sup> Manuel Laranjeira, *Cartas de Manuel Laranjeira*, Relógio d'Água, Lisboa, 1990, p. 10.

O retrato de Laranjeira será traçado pelo próprio Unamuno, quem nos diz que *falava admiravelmente bem o espanhol e conhecia de modo espantoso a (nossa) literatura espanhola contemporânea*<sup>261</sup> o que, efectivamente, iremos comprovando, mas Laranjeira, para além de ler Santa Teresa e de sentir um evidente fascínio por *Dom Quixote*, era pela pintura que nutria uma enorme devoção, talvez por encontrar nela a condensação dessa expressividade que ele tentava transmitir através da palavra. Aquando da sua visita a Madrid, em 1903, visitará o Museu do Prado e ficará deslumbrado com a mão hábil de Velásquez, mas é Goya quem o fascina: *O meu artista é Goya. Goya! (...) Goya desnuda-se, e surge entre nós tal qual é – o génio espanhol sombrio (...) Velásquez é o pontífice da forma. Goya é o pontífice da ideia*<sup>262</sup>.

É este mesmo entusiasmo que notamos quando expressa o seu reconhecimento pelo retrato que lhe pintara António Carneiro<sup>263</sup> porque nele reconhecia (...) *o lado trágico de mim mesmo*, [que] *ainda até hoje só o vi exprimir com uma genial pujança pelo pintor António Carneiro*<sup>264</sup>

Essa franqueza expressiva facilitará o diálogo de duas personalidades insatisfeitas que irão satisfazendo a sua avidez mediante a troca de reflexões e de análises éticas e estéticas, mas também de livros. Ora, nada melhor que este espírito, para satisfazer a curiosidade do professor salmantino e alimentar a curiosidade do médico pela cultura vizinha. Sabemos que a Espinho chegaram os trabalhos de Unamuno, incluindo o *Romancero*, mas também a obra de Ganivet. Por seu lado,

---

<sup>261</sup> Idem, p.9.

<sup>262</sup> Manuel Laranjeira, *Obras de Manuel Laranjeira*, Vol. I, Org., Pref. e notas introdutórias de J. C. Seabra Pereira, Ed. Asa, Lisboa, 1993, p. 342.

<sup>263</sup> António Carneiro, (1872-1930) importante pintor de Amarante, terra de Pascoaes, e que foi apodado “o retratista de almas” e cuja arte chegou a ser premiada na Exposição Universal de Paris.

<sup>264</sup> Manuel Laranjeira, *Obras de Manuel Laranjeira*, Vol. I, Org., Pref. e notas introdutórias de J. C. Seabra Pereira, Ed. Asa, Lisboa, 1993, p.397



Laranjeira fez chegar a Salamanca uma mostra representativa da literatura Portuguesa em que incluiu *As Crônicas* de Fernão Lopes, a *História Trágico-Marítima*, as *Obras* de Frei Bartolomeu de Quental e as *Odes Modernas* de Antero de Quental *Os Gatos* de Fialho de Almeida, e referências várias a Alexandre Herculano, Oliveira Martins e Camilo Castelo Branco, um dos pilares dessa verdadeira modernidade que Laranjeira soube assimilar, herança romântica evocada por essa *crise de tempestades íntimas*, ou por esses *castelos em ruínas*, que polulam pelas suas cartas e por toda a sua produção literária e que serviram de fundo a estas tertúlias ibéricas.

Desta plêiade o que maior fascínio exercia sobre Laranjeira, era sem dúvida o poeta açoriano, ao ponto de insistir durante quase um ano junto do seu amigo Manuel Luís de Almeida para que lhe consiga as *Prosas* de Antero<sup>265</sup>. O poeta açoriano e a sua geração tinham já elaborado o seu diagnóstico com a mesma intuição que guia agora Laranjeira e este, seguindo o seu próprio guia, aclamará Antero como o Messias, com quem espera evangelizar o próprio Junqueiro<sup>266</sup>, *porque é preciso opor a Junqueiro, mais do que a verdade do nosso pensamento, a autoridade de um nome messiânico como o de Antero*<sup>267</sup>. Contrariamente ao sucedido com Junqueiro<sup>268</sup>, não lhe será

---

<sup>265</sup> E preparou também um estudo sobre o Padre Bartolomeu do Quental conforme se pode ler em nota ao seu artigo *Nirvana*.

<sup>266</sup> Este comentário, feito em carta ao seu amigo Luís de Almeida prende-se com o poema *Oração à luz* e no retrocesso que Laranjeira via aí relativamente à consciência humana.

<sup>267</sup> Manuel Laranjeira, *Obras de Manuel Laranjeira*, Vol.II, Org., Pref. e notas introdutórias de J. C. Seabra Pereira, Ed. Asa, Lisboa, 1993, P.113.

<sup>268</sup> Em Agosto de 1904, estando Laranjeira em Espanha, fica escandalizado com uma entrevista dada por Guerra Junqueiro ao jornal *HEraldo*, de Madrid, expressando ao seu amigo Luís de Almeida o seguinte desabafo: *imagina você que eu vou encontrar na boca de Junqueiro à mistura com um misticismo idiota e um ritual mais idota ainda? A filosofia de Antero um lastimoso estado, as ideias de Antero mastigadas, ababalhadas e, o que é imperdoável, criminoso, é ver esse Junqueiro conscientemente, como um*

difícil expandir a sua fé junto de Unamuno que, empenhado em escrever esse livro sobre Portugal, recorre aos seus amigos lusos:

Estoy recojiendo materiales para escribir un trabajo que se llamará: *Portugal*. Sus libros de usted me son útiles al efecto. Me interesa sobre todo el tedio portugués, el pesimismo patriótico todo lo que hay debajo de aquel terrible verso de Nobre – *Amigos / Que desgraça nascer em Portugal!* – He leído también la terrible *Correspondência* de Fradique Mendes del diabólico y admirable Eça de Queiroz y algunos artículos de João Chagas. Quental, el maravilloso Quental, habló alguna vez de la patria?<sup>269</sup>

Depois de várias linhas e vários títulos prováveis, esse livro irá depois chamar-se *Por Tierras de Portugal e Espanha*, onde podemos encontrar um álbum das imagens captadas por Unamuno sobre o Portugal que ele conheceu e que o ajudaram a conhecer. Mas será o médico de Espinho quem melhor reencarnará esse tédio português ou o pessimismo patriótico, como consequência de uma ruptura na estruturação orgânica da nação, em que os interesses individuais se sobrepõem ao colectivo. A realidade é deveras crítica e o diagnóstico do nosso médico não poderá ser outro que aquele que nos apresenta nesses artigos que intitulou como *Pessimismo Nacional*, publicados em *O Norte* e que vieram à luz pouco antes do regicídio<sup>270</sup> e que tão bem sintetizara na sua correspondência com Amadeo de Souza Cardoso: *Eu sou um filho deste século, deste século de tristeza, de ansiedades impossíveis de satisfazer – de tédio em suma*<sup>271</sup> ou, por

---

*ladrão esperto, a ocultar o nome do esquecido Messias. Um horror!* In p.374.

<sup>269</sup> Lurdes Cameirão, *Epistolário Espanhol de Teixeira de Pascoaes*, Assírio & Alvim, Lisboa, 2008, p.522

<sup>270</sup> O assassinato do Rei D. Carlos e do 'Príncipe herdeiro D. Luís Filipe, teve lugar no dia 1 de Fevereiro de 1908, em plena praça do Comércio, em Lisboa.

<sup>271</sup> Manuel Laranjeira, *Obras de Manuel Laranjeira*, Vol. I, Org., Pref. e notas introdutórias de J. C. Seabra Pereira, Ed. Asa, Lisboa, 1993, P.391

outras palavras; *o meu mal é o mal do Século, é a doença dos tempos*<sup>272</sup>.

Quanto ao apelo feito por Unamuno na carta a Pascoaes sobre Antero, nunca encontrámos a sua resposta, mas sim a de Laranjeira, pelo que podemos deduzir que Unamuno conhecerá Antero e grande parte da cultura portuguesa através da lucidez intelectual do médico, mas submetida ao pessimismo do pensador, quem assim se expressava: *este desânimo, este nojo, este desespero, esta desolação infinita, indizível, esta angústia sem nome pela vida, pelos homens e pelas coisas até*<sup>273</sup>. Neste sentido, se é verdade que a literatura portuguesa que Unamuno conhecerá vai estar circunscrita ao círculo de conhecimentos que foi estabelecendo a partir das suas visitas a Portugal, também é verdade que Laranjeira terá a sua responsabilidade nesse processo de formação lusa por lhe ter cultivado o gosto por uma literatura que alimentasse essa busca antagónica que movia o escritor salmantino.

Para compreender melhor o quanto este decadentista se aproxima do modernismo que está prestes a rebentar, teríamos que atentar nessa necessidade que Laranjeira expressa abertamente de se fazer ouvir em voz alta, de gritar as suas inquietações, o que o conduz a uma estrutura sintáctica dinâmica, por vezes frenética, em que abundam as interpelações, as interrogativas retóricas e uma necessidade constante de dramatizar o seu discurso, interpelando esse interlocutor que ele procura, ainda que muitas vezes seja apenas ele próprio, e que encontramos no seu *Diário Íntimo* com uma escrita irrequieta, exaltada, que opta pela transcrição do diálogo em detrimento de um discurso indirecto bastante mais monótono, procurando sobretudo interpelar, e tornar vivo o discurso, tal como se o *sentidor* se prestasse à representação do seu drama. Ora, se é verdade que sentimos já o

---

<sup>272</sup> Idem, P.411

<sup>273</sup> Id.,346

anúncio do modernismo e das vanguardas neste tom frenético, reconhecemos também esse ritmo veemente que apontámos em *Odes Modernas*, de Antero de Quental, em diálogo com essa subjectividade trasbordante, embora Antero tivesse dado prioridade a um discurso assente na dialéctica do pensamento, em detrimento de um diálogo mais verbalizado, como o faz Laranjeira

A Augusta também tem as suas horas de desfalecimento e tédio.  
Hoje – seria impressão minha apenas? – falou-me como se fala a  
um estranho, a alguém que nos não compreende.  
Isto amargou-me. Não pude conter-me e disse-lhe: - Augusta,  
não mates este amor. Deixa-o morrer...<sup>274</sup>

Este mesmo solilóquio vai ser alimentado em *Comigo*, subintitulado *Versos de um solitário* arraigado num simbolismo que segue esse tom confessional das suas cartas, anunciado já no título, marcando a necessidade de encontrar esse interlocutor outro a quem expressar o que lhe vai na alma, cuja existência se manifesta em títulos como *Aos Amigos*, *A Uma Romântica*, como numa *Carta A Ninguém*, ou *Diálogos Com Um Fantasma* enquanto força expressiva do já referido tom dramático do diálogo e da interpelação. Esse exercício de invocação ao diálogo é perfeitamente captado por Unamuno quem, a propósito dele, dirá:

El único libro que Laranjeira deja, conmigo, no es un libro de  
ciência – siendo él, como era, hombre de mucha y buena  
ciência-, es un libro de sabiduría, pero de sabiduría fatídica. Es  
una colección de diecinueve poesías, y de ellas nueve sonetos.  
Los sonetos, sobre todo, recuerdan los trágicos sonets de Antero  
de Quental, outro suicida<sup>275</sup>.

---

<sup>274</sup> Id., p.272.

<sup>275</sup> Miguel de Unamuno, *Escritos de Unamuno Sobre Portugal*, Est. Rec. y  
Notas de Angel Marcos de Dios, Fund. Calouste Gulbenkian – Centro Cult.  
Português, Paris, 1985, p.194.

É notório que Laranjeira foi um excelente tradutor desse espírito anterior que o autor de *Agonia del Cristianismo* buscava, graças a essa genuína expressão lírica, e profundamente subjectiva, de um pensador atormentado e sem o consolo de um Deus que, depois de Nietzsche, já estava morto. A esperança fenece e com ela a realidade de que *Só se vive de ilusão:/ a verdade é venenosa, / envenena o coração.*<sup>276</sup> É inevitável não escutar já aqui o eco da voz do poeta de Orpheu que em breve cantará *O Poeta é um fingidor./ Finge tão completamente/ Que chega a fingir que é dor / A dor que deveras sente.*<sup>277</sup>.

No entanto o sujeito perspicaz que encontramos nesse *Diário Íntimo* sente a vida como um *tédio* e as poucos raios de esperança que recebe logo são abafados pela dor; continua a manifestar esse desejo de resistir e lutar por aquilo em que acredita mas sem desejos de glória porque a sua é uma atitude de pura sinceridade – *não aspiro a homem célebre – escrevo para satisfazer uma necessidade pessoal que é dizer aos outros o que penso da vida e dos homens.*<sup>278</sup>

É evidente que, apesar de vislumbrar o traçado que Pessoa apontará, o poeta de Espinho não tem a força necessária para percorrer esse caminho do fingimento e metamorfosear a dura existência que sente como uma carga porque, por culpa dessa excessiva sinceridade nunca será capaz de tentar ser outro, fingir, e não basta basta projectar esse caminho, é necessário vivê-la e experienciá-la o que Laranjeira não será capaz ainda de fazer

---

<sup>276</sup> Manuel Laranjeira, “Comigo”, *Obras de Manuel Laranjeira*, Vol. I, Org., Pref. e Notas introdutórias de J. C. Seabra Pereira, Ed. Asa, Lisboa, 1993, p. 159.

<sup>277</sup> Fernando Pessoa, “Autopsicografia” in *Poesias de Fernando Pessoa*, 12ª ed., Ática, Lisboa, 1987, p. 237.

<sup>278</sup> Manuel Laranjeira, *Obras de Manuel Laranjeira*, Vol. I, Org., Pref. e notas introdutórias de J. C. Seabra Pereira, Ed. Asa, Lisboa, 1993, p. 377

Impedido de fugir a essa carga que a vida e tornou para ele, vamos já entrevemos claramente, a par desse espírito moderno, um pessimismo decadentista, atormentado por uma inquietação e pelo descontentamento, que terá como alimento as leituras de Obermann, Ibsen, Goethe, Nietzsche, de Kierkegaard ou Shakespeare, a que há que juntar Antero de Quental, as quais lhe alimentam essa sentimento de impotência perante a realidade que pede ser modificada. E tal como já sucedera com Antero, esse processo de formação acabará por lhe incutir um profundo dsânimo só que agora já não há ideal ou utopia que o incentive. Pelo contrário a sua elevada consciência permite-lhe ver o, como poucos, que os processos reformadores postos e prática não tinham sido capazes de operar sobre essa realidade e é afligido por uma extrema lucidez que elaborará o seu próprio diagnóstico:

E sinto a verdade daquelas palavras que às vezes digo como  
uma síntese do meu estado de espírito:

Sofro da horrível desgraça do homem que olha para a vida e  
sente que já não pode ser enganado...<sup>279</sup>

Que pena não poder viver na ilusão! Mas essa cnsiência decadentista adensar-se-á e Laranjeira acabará por assumir como seu o estado da nação. Em *Pessimismo Nacional* esboçará essa análise, mas sem aceitar que Portugal esteja decadente. Herdeiro do pensamento anterior, verá nessa realidade o resultado dos erros do passado, mas ainda crê que, com força e energia essa situação poderá ser ultrapassada. O problema, como vemos, continua a ser o mesmo: o diagnóstico está feito, a solução existe, mas falta alguém com força e determinação que a ponha em prática. Grande parte da culpa desse estado, insiste, é devida à falta de iniciativa, ou aquilo a que poderemos chamar *saudade passiva*, um conceito que entenderemos muito bem a partir de Pessoa, mas que nós defendemos como sendo essa atitude contemplativa que se limita a ter saudades daquilo que

---

<sup>279</sup> Idem, Vol. II, p. 272.

teve no passado, mas nada faz, no presente, para a voltar a ter quando o futuro seja presente. *Somos incultos, mas esse não é o mal irremediável: o mais irremediável é a inépcia, é ninguém ter a compreensão (ou o pressentimento sequer) do que seja – a cultura.*<sup>280</sup>

A realidade reclama esse processo de regeneração que passa por uma profunda revolução cultural em que a arte assume agora um papel dinamizante, abandonando um conceito aristotélico e adoptando um novo conceito regido pelo ritmo que os novos tempos impõem. A *canalização* dessas energias implica um trabalho prévio de análise autognoseológica que Laranjeira assume como mais uma herança novecentista, e que viria a modificar o rumo do novo século.

Influenciados pela ciência, mas guiados pelo pensamento moderno, estes homens irão ao encontro do progresso para que as causas do decadentismo presente sejam encontradas e devidamente corrigidas. Ora, uma vez mais, amplia-se esse debate gerado por Antero de *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares* e, como factor estrutural, Manuel Laranjeira apontará ainda a influência jesuítica em Portugal, que contrariamente ao exigido pelo pensamento moderno, torneou-se responsável por uma cultura pouco esclarecida, por oposição a um pensamento consciente e livre, e, simultaneamente elitista, impedindo assim que a educação e a cultura chegassem àqueles que a necessitavam, mas que a ela não podiam aceder. Esta situação tornou-se ainda propícia ao desenvolvimento da acima referida inércia, ou saudade passiva, que os jesuitas fomentavam, instaurando o povo português num messianismo que deixaria tudo em mãos do *que seja o que Deus quiser !*

Laranjeira, emprega então a força vital que lhe resta, alimentada por um espírito crítico bem estruturado, para continuar a denunciar a

---

<sup>280</sup> AAVV, *Epistolario Portugués de Unamuno*, Introd., lectura y notas de A. M. Dios, F. C. Gulbenkian, C. C. Português, Paris, 1978, p.196

imposição de um estado burguês, abusivo desapiedado, a quem lhe interessava que as classes populares continuassem sem educação nem direitos, e como já vimos esse é o verdadeiro problema nacional. Como leitor de Antero, e interlocutor de Unamuno, sabe que o processo de reforma de Portugal passa pela educação e só quando todos tenham a possibilidade de formar um pensamento livre, de adquirir uma consciência esclarecida e de

reforma da nação tem que Educar é adaptar. E alguém já tentou infrutuosamente educar o povo português? Já alguém demonstrou que o espírito português é refractário à aquisição duma consciência cívica? Já alguém demonstrou que o cérebro português é incapaz de educar-se, De adaptar-se à complexidade da vida moderna?<sup>281</sup>

Efectivamente, como podemos avançar se não se proporcionam os meios para que esse progresso se instale e, como um eco das palavras de Eça ou de Antero, escutamos novamente que será difícil que um país progrida se não se decide apostar desinteressadamente na cultura, numa questão básica e essencial como a alfabetização já que, baixo a magistral influência comum a estas gerações do pedagogo João de Deus, é sabido que um povo que não pode ler nem escrever não poderá conhecer, pensar nem reagir. Mas esse caminho não é fácil, Antero já nos tinha advertido disso mesmo e enquanto membro de uma pequena minoria esclarecida sabia que era responsável por essa tarefa, pelo que se empenhou em causas tão difíceis e ingratas como aquelas que lhe arrebataram as suas energias. Laranjeira retoma também esse debate e reitera que esta tarefa, ainda que seja da responsabilidade de toda uma minoria *culta e ilustrada*, é apenas desenvolvida por uma minoria ainda menor, a dos verdadeiros homens de cultura do nosso país, não pelos que presumem dela. Como um exíguo exercício de esperança nessa regeneração em que, apesar de tudo, quer crer, Laranjeira defende que ainda há uma

---

<sup>281</sup> Id., p.244



esperança de regeneração, mas apenas com o esforço e trabalho árduo de todos mas sem que, num dos seus arrebatados comentários realistas nos advirta: *Não nos iludamos. Ou nos salvamos nós, ou ninguém nos salva.*<sup>282</sup>

O professor salmantino intui esse extremo estado de lucidez desde o princípio e o debate ibérico adquire uma nova dimensão. Para além dos livros, trocavam ideias e pontos de vista sempre enriquecedores para ambos, um porque alguém era capaz de lhe explicar o complexo panorama do espírito português, e o outro porque encontrava, por fim, uma alma que se interessava por esse ser doente moribundo e que, contrariamente ao que queria crer, era difícil de curar. A este respeito diz-nos o médico de Espinho:

Penso em Unamuno e no seu drama íntimo. O grito de fé deste homem faz-me lembrar uma lâmpada que, antes de extinguir-se, despede clarões mais intensos, mais vivos. Como a chama agonizante de uma lâmpada, a fé de Unamuno oscila, esvoaça... Querer crer e não pode crer, desejar ter fé e não poder sufocar a dúvida... – eis a tragédia.<sup>283</sup>

Entendemos perfeitamente esta relação de dependência que se estabeleceu e como resultado desta empatia que ambos partilhavam, Laranjeira pensa *em*, mas também *com* Unamuno daí que, noutro momento, diga que:

Unamuno faz-me falta. Unamuno é uma alma perturbada, um espírito dramático como ele diz “una conciencia turbia” – e, estes conflitos interiores são para mim um espectáculo emocional, raro...<sup>284</sup>

---

<sup>282</sup> Id., p.248.

<sup>283</sup> Manuel Laranjeira, *Obras de Manuel Laranjeira*, Vol. I, Org., Pref. e notas introdutórias de J. C. Seabra Pereira, Ed. Asa, Lisboa, 1993, p. 272.

<sup>284</sup> Id. P. 272.

Como se estivéssemos perante um narrador onisciente, Laranjeira é capaz de captar como ninguém esse autêntico drama em gente vivido por Unamuno; mas este luta por renovar uma energia vital que se apagava já ao escritor de Espinho arrastando-o arrastaria para o niilismo total. Por parte de Unamuno, embora um pouco mais racional, ainda que não menos passional, conheceremos algumas confissões que mais não fazem que nos confirmar a existência da dialéctica perfeita entre estes dois excelentes pensadores. No prefácio às cartas de Manuel Laranjeira escreveu o poeta espanhol:

Poucos homens conheci que tenham juntado a uma inteligência tão clara e penetrante um sentimento tão profundo. Nele, como em Antero, a cabeça e o coração travaram renhida batalha.<sup>285</sup>

Era precisamente esse fascínio pelo drama que viveu, e que lhe permitia reviver o de Antero, juntamente com essa confiança depositada em Laranjeira, que levava Unamuno a tecer várias linhas dissertativas que alimentam a correspondência de ambos. Infelizmente, alimentando uma vivência decadente e pessimista, apercebemo-nos de como se esvanece essa crença, essa esperança em que o homem será capaz de salvar essa geração, e, gradualmente, laranjeira resolverá encarnar o pessimismo nacional, como que expiando em si a alma de uma nação. No fundo, se Laranjeira ainda acreditou nessa possível salvação, talvez fosse porque acreditava que faltava cumprir a missão que Antero interrompera, mas a indagação realizada não era suficientemente esperançada, tal como o deixam entrever as palavras que escreve ao seu amigo ibérico: *Em Portugal, a única crença ainda digna de respeito é a crença na morte libertadora. / É horrível, mas é assim.*<sup>286</sup>

---

<sup>285</sup> Manuel Laranjeira, *Cartas de Manuel Laranjeira*, Relógio d'Água, Lisboa, 1990, p.10

<sup>286</sup> Manuel Laranjeira, *Obras de Manuel Laranjeira*, Vol. I, Org., Pref. e notas introdutórias de J. C. Seabra Pereira, Ed. Asa, Lisboa, 1993, p. 466.

Sem dúvida que o mestre salmantino irá entender perfeitamente esta linguagem, uma vez que a tristeza que transparece desta triste conclusão parece ser o eco desse verso de António Nobre, citado por Unamuno: *Que desgraça nascer em Portugal!* Pois sim, e por isso Manuel Laranjeira encontra no suicídio, a 12 de Fevereiro de 1912, a única solução viável, cumprindo o pressentimento do seu amigo salmantino.

Apesar de não ter tido forças para prosseguir o seu trabalho, estamos em crer que seria de uma grande injustiça não reconhecer a importância do médico de Espinho para a consolidação do legado anterior em Espanha pela voz de Unamuno. Unamuno, não conhecera Antero, mas não podia ter encontrado melhor interlocutor, perfeitamente elucidado e constantemente disponível. No âmbito dessa linha de modernidade Manuel Laranjeira esforçou-se também por colocar Portugal no caminho da modernidade, digno de constar ao lado dos homens da geração de 70, disposto a contribuir com o seu pensamento e a sua sensibilidade, modernos, para o tratamento de uma cultura que enferma.

#### **IV.1.2- Baldomero Escobar**

Contemplar de cerca uma relação como a que estabeleceram Manuel Laranjeira e Miguel de Unamuno permite-nos verificar como a história abriga em segundo plano, longe do brilho dos focos que só realçam as primeiras filas, figuras importantes para a configuração de uma época ou de um grupo geracional e que, por isso mesmo, devemos ajudar a desvendar e a proteger para que, através delas, possamos compreender as complexas relações humanas que a história cultural vai tecendo. A partir dessas teias vamos descobrindo também que as figuras ditas principais usufruem de um suporte, nem sempre evidente, mas que não só as ajuda a manter o seu interesse, como a ampliar a sua projecção num raio cada vez mais vasto.

No contexto peninsular, as relações culturais que se estabelecem a partir da segunda metade do século XIX vão ser determinantes para um caminho de modernidade que ainda hoje continuamos a trilhar. Por contraste com um primeiro romantismo que se refugiou num contexto mais popular e tradicional, procurando uma identidade genuína naquilo que era próprio, de uma *terra* própria, ainda que com as devidas excepções, o designado segundo romantismo, ou geração de fim de século, vai responder com uma atitude de crescimento e de descoberta identitária a partir do confronto com a realidade circundante, do diálogo com o outro, começando por aquele que está aí do outro lado da península ibérica, e seguindo em direcção a uma Europa mais vasta, na linha do projecto que, cerca de um século depois, Robert Schuman viria concretizar através da União Europeia, embora com as devidas especificidades. Neste percurso, é evidente o protagonismo que assume a geração de 70, sobretudo pela aceitação que tiveram em Espanha figuras como Eça de Queiroz, Antero de Quental, Oliveira Martins ou Guerra Junqueiro. Se é verdade que

Junqueiro terá sido por então o poeta mais conhecido e divulgado nas letras espanholas, Antero foi sem dúvida o drama que mais cativou aqueles que da sua poesia se aproximavam, e que a ele se rendiam definitivamente ao conhecerem o seu perfil iberista e neste sentido, como *publicista* ou agitador, vai encontrar na figura de Oliveira Martins, conhecido e apreciado em Espanha, um excelente parceiro geracional.

Curros Enriquez foi uma dessas figuras que se rendeu fascinado à poesia de Antero e que acabaria por representar um importante papel na divulgação de Antero em Espanha. Contudo, contrariamente ao que possa parecer, a relação entre poeta e tradutor não foi tão linear como possa parecer. Na sua correspondência só se refere a ele três vezes, relativamente ao tema das traduções dos *Sonetos* e, uma vez mais, iremos encontrar uma série de ramificações que não só vão apoiar e reforçar essa relação cultural e literária, como inclusive ampliá-la.

Ana Maria Almeida Martins<sup>287</sup> aponta que o primeiro autor a descobrir *Aires da Miña Terra* foi António Feijó, em 1884. O fascínio por esta obra levou-o a estabelecer uma relação epistolar com o autor galego, ficando admirado por ver neste *um profundo conhecedor da literatura portuguesa que considerava a mais rica e característica da Europa*<sup>288</sup>. Fruto deste entusiasmo, começa um processo de divulgação pelo que *os Aires da Miña Terra passaram pelas principais mãos da literatura portuguesa, Oliveira Martins, Junqueiro, Eça de Queirós, Ramalho, Luís de Magalhães e... Antero de Quental, até voltarem de novo às suas*.<sup>289</sup>

---

<sup>287</sup> Ana Maria Almeida Martins, *Curros Henriquez tradutor de Antero de Quental*, separata de Confluência, nº3, Penafiel, 1987.

<sup>288</sup> Idem, p. 29.

<sup>289</sup> Id., p.30

A admiração que sente António Feijó pelo poeta passará a ser partilhada por Luís de Magalhães, quem se irá também corresponder com o escritor galego com o propósito de lhe expressar os elogios que esta tecia à sua poesia feita, segundo ele, á sombra de Antero, Feijó e Junqueiro, ou seja, que Curros reconhecia neste autor o verdadeiro espírito da plêiade da geração de 70<sup>290</sup>.

Consultando o espólio de Luís de Magalhães<sup>291</sup> na Biblioteca Nacional de Lisboa encontramos um conjunto de cartas trocadas entre o autor português e Baldomero Escobar com dados que nos parecem interessantes.<sup>292</sup> Amigo de Curros Enriquez, graças a quem estabelece esta relação com Luís de Magalhães, revela-se frequentemente como intermediário de informação entre o poeta galego e o português. Numa das cartas, a ponto de seguir para o correio, é o próprio Curro quem acrescenta algumas linhas.

Figura aparentemente pouco relevante no panorama cultural, só encontrávamos alguma referência ao seu nome precisamente como tradutor de Antero e autor de um volume de poesias intitulado *Adelfas e Siempre Vivas*<sup>293</sup>, sendo a referência biográfica mais actualizada a que encontramos no *Dicionário de Escritores Malagueños*<sup>294</sup>, onde figura como originário dessa província. Na imprensa da época,

---

<sup>290</sup> Id., p. 30

<sup>291</sup> Luís de Magalhães (1859-1935) foi também estudante de Direito em Coimbra, tal como Antero de Quental, de quem era amigo e companheiro de tertúlias. Destacou-se como jornalista, e escritor, sendo autor de, entre outros, *o Brasileiro Soares* (romance), *Odes e Canções* (poesia) e *D. Sebastião* (poema). Tal como muitos dos seus companheiros, monarca convicto, dedicou-se também à política, tal como o seu pai, tendo sido deputado e Ministro dos Negócios Estrangeiros do governo de João Franco

<sup>292</sup> A primeira carta datada é de 12/8/ 89 e a última de 31/8/92, três anos de um interessante diálogo que apenas intuir uma parte.

<sup>293</sup> *Adelfas e Siempre Vivas*, Imprenta de Infantería de Marina, Madrid, 1894 (tem 142 páginas e inclui três poemas em galego, no final.)

<sup>294</sup> Realizado pelo Grupo de Investigación da Universidade de Málaga, HUM, sob a coordenação de Crsitóbal Cuevas e editado por Castalia, 2002.

encontramos alguma referência sua, e de que encontramos eco na sua correspondência com Luís de Magalhães, incluindo um poema assinado por si, em memória do pai de Luís de Magalhães, *Ante la Estatua de Juan Esteban de Magallanes*<sup>295</sup>. Em 1883 somos confrontados com a referência a um *Señor Escobar*<sup>296</sup> presente num banquete oferecido por jornalistas espanhóis aos jornalistas portugueses<sup>297</sup>. Embora pensássemos ser ele, será o próprio quem nos elucide quando traçar o seu perfil a Luís de Magalhães, em 1891:

Dice en el prefacio de los editores, algo respecto de mis buenos créditos en España como periodista y poeta. (...) debo decirle que no he sido jamas periodista de profesion, ni soy poeta conocido, salvo en el estrecho circuito de mi pueblo (Jerez) <sup>298</sup>

Este prefácio refere-se à edição dos 28 sonetos traduzidos de Antero, de que acabava de receber um exemplar, recolhidos por Joaquim de Araújo e, talvez influenciado pelo perfil do próprio Curros Enríquez, o tradutor é apresentado como *poeta e publicista*. Além disso, esta informação esclarece-nos com relação à sua origem, malaguenho de Jerez, e diz-nos ainda que não é poeta conhecido. Ora, a partir da fluida correspondência enviada para Luís de Magalhães iremos reconstruindo a sua identidade e saberemos ainda que é músico. A corroborar esse perfil em 1871<sup>299</sup>, em *Uma Visita a Madrid*, o

---

<sup>295</sup> Na primeira carte que vimos, de 12 de Agosto de 1890, a propósito do falecimento do pai de Luís de Magalhães, Baldomero Escobar indica que foi publicado em sua homenagem um soneto de Curros em *El País*, e que *las modestas estrofas mías en el semanario popular “Las Dominicales”, no entanto*, não conseguimos localizar o exemplar com o poema.

<sup>296</sup> In *La Vanguardia*, Ano III, Nº 252, Barcelona, 2/6/1883, p. 3534.[vide documento nº8]

<sup>297</sup> Este evento teve uma grande repercussão na imprensa da época, como acto de reforço das relações peninsulares, à semelhança de outros.

<sup>298</sup> In carta de 25 de Abril de 1891.

<sup>299</sup> J. M. Pereira Martins, *Uma visita a Madrid*, Typografia Universal, Lisboa, 1871, P. 59.

jornalista português J. M. Pereira Rodrigues faz precisamente uma alusão ao professor da Escola Nacional de Música D. Baldomero Escobar. Como músico, iremos ainda encontrar um artigo seu intitulado «Revista Musical», na *Revista Federal*<sup>300</sup>, publicado em duas semanas sucessivas e onde aborda a importância da música para a formação da sensibilidade do indivíduo, enfatizando o seu papel na instrução das jovens.

Estas epístolas, em que encontraremos uma em que o autor se chega a atrever a escrever em verso, ao longo de 69 tercetos e uma quadra, compreendem o período que vai desde 12 de Agosto de 1890 até 30 de Abril de 1892 e constituirão um documento que nos permite aproximarmo-nos da repercussão real que tanto a literatura portuguesa como figuras como Antero tinham nesse momento na capital espanhola. Os testemunhos revestem-se de uma importância particular pelo facto de o seu protagonista permanecer alheio a um afecto ou relação pessoal que possa comprometer uma análise retrospectiva.

Antero e Baldomero Escobar não se terão conhecido pessoalmente, tal como sucedera com Manuel de Unamuno, mas Luís de Magalhães, terá feito de excelente interlocutor, não obstante a sua péssima caligrafia, como vemos pelo seguinte excerto:

Nota cómica

Después de mirar y remirar con mis cuatro ojos, y Curros con sus otros cuatro el parrafillo de su carta última en que me quiere V. repetir lo que dijo Quental referente a nosotros, hemos

---

<sup>300</sup> In Manuel Fernandez Herrero (dir.), *Revista Federal Enciclopedia Semanal de Ciencias, Artes, Agricultura, Industria, Comercio, Literatura, noticias, Teatro Y Modas*, Madrid, Año primero, Tomo I, 1870 pp, 13-15 e 28-30 [vide documentos nº 9, 9.1, 9.2, 9.3, 9.4, 9.5 e 9.6]



quedado a oscuras, nos hemos mirado, fruncido el ceno y por último, nos hemos reído con la mayor ingenuidad, volviendo al bolsillo la carta, sin entender lo que quiere decir el párrafo en cuestión<sup>301</sup>.

Esta nota de humor permite-nos ser testemunhas de como realmente essa relação se estabelece e Baldomero chegará a escrever directamente a Antero, embora em Fevereiro de 91 envie a Luís de Magalhães uma carta *por si tiene la condescendência de enviarla al Sr. De Quental cuyo domicilio no se donde esta actualmente*<sup>302</sup>, o que prova que estava a par das sucessivas mudanças de domicílio por que passou Antero nos últimos meses da sua vida, de Vila Conde até Ponta Delgada.

Desta amizade, ressalta o carinho que o tradutor tem pela cultura portuguesa, que conseguiu contagiar a toda a sua família, sendo estes leitores assíduos de Herculano, de Camilo e de Guerra Junqueiro, embora seja por Antero de Quental que sentem autêntica veneração. Essa admiração é também partilhada com Curros com quem, mesmo apesar dos seus problemas de saúde, próprios e familiares, nos diz que *casi todos los dias lo veo y no pasa ninguno sin que hablemos algo acerca de V. y de los Señores Quental y Junqueiro*<sup>303</sup>.

Este interesse torná-lo á num perfeito divulgador cultural que lê aos seus amigos e familiares essa literatura que ele vai conhecendo como ele diz, *pronunciando el portugués lo menos mal que lo he podido, a fin de no despojar a la obra de la energia*.<sup>304</sup> Será essa energia que irá

---

<sup>301</sup> Espólio de Luís de Magalhães, E2, Biblioteca Nacional de Lisboa, 2/2/1890

<sup>302</sup> Idem, 21/2/91

<sup>303</sup> Id., 13 /2/ 90.

<sup>304</sup> Id., 14/8/ 90.

proporcionar que a cultura portuguesa consolide progressivamente um lugar, literário mas também linguístico, uma vez que Baldomero Escobar se mostra sensível à língua portuguesa, o que o leva a empregar o termo *Saudade* no seu discurso e até mesmo a escrever pequenas frases num português praticamente perfeito. No entanto, será essa mesma sensibilidade que o levará a expressar o seu receio relativamente às suas traduções, pelo facto de que *la obra poética suele perder algo al ser trasladada a otro idioma*<sup>305</sup>, mas também pelo fascínio que lhe desperta a tradução de *a la Muerte*<sup>306</sup> de Antero de Quental, feita pelo seu amigo galego. Ora, estas traduções são as do ciclo de seis sonetos Elogio da Morte, cuja tradução L. de Magalhães pedira a Curros Enríquez, mas tendo este perdido uma filha de 8 meses por um surto de difteria, Baldomero fá-las chegar ao poeta Português, com a seguinte explicação:

Envidia me causa la lectura de esos sonetos a la muert que ler emito, considerando cunto domínio del idioma próprio no es necesario para cenirse en la traduccion como el Sr. Curros lo há hecho, Y parecer que las obras han vacido en castellano.

Me atrevo a unir esos otros dos, en razon de autorizarlo nuestro poeta, pues no ser así, la timidez de mi sincera desconfianza no me hubiera permitido presentarlas ante el juicio de V. y la respetable figura literária del maestro. <sup>307</sup>.

Como podemos ver, essa timidez não é mais que a resposta à modéstia de Antero que, em Fevereiro, pede a Luís de Magalhães que averigúe se Curro tem alguma tradução sua. Não nos parece que as haja, caso contrário já Baldomero se teria encarregue de lhas enviar, Contudo, ter-lhe-á dado tempo, até Novembro, de as fazer.

---

<sup>305</sup> Id., 13/2/90

<sup>306</sup> Id., 22/11/89

<sup>307</sup> Id., 12/11/89. Supomos que sejam os *Sonetos Ignotus, Quia aeternus*, ainda que noutro momento refira a *Os Vencidos*.

Ora, apesar do fascínio que sentia pela arte de tradução do poeta galego, e da sua timidez, ficamos a saber que Baldomero envia juntamente com as traduções do seu amigo, outros dois, pendentes da aprovação de Antero, a qual deve ter chegado, e Baldomero figurará também como tradutor de Antero na edição dos Sonetos de 1890, publicados por Oliveira Martins.

Referindo-se ao autor dos *Sonetos* como *Maestro*, interrogar-se-á sobre se *Hay algo mas unido y adecuado al tiempo presente, sin perder su fizionomia de raza que vuestro Quental?*<sup>308</sup> Ora, talvez aqui esteja uma das razões que justificam o fascínio que sentia pelo poeta açoriano. Devido ao período em que as cartas são escritas, vamos encontrar nelas várias referências ao contexto político que se vive em Portugal, provocado pela crise do Ultimatum de Inglaterra a Portugal, imposto em Janeiro de 1890, e de Antero aprecia sobretudo essa *raza*, essa força vitalista que o leva a denunciar a realidade e a procurar forças para lutar pela mudança, fazendo gala de uma garra genuína e pura. Nas longas considerações que tece é evidente a sua sensibilidade face aos graves problemas que Portugal atravessa, expressando-se a Luís de Magalhães desta forma:

Crea V. que mi afecto por su persona y familia (...) tendrá una grande una grande, una grandísima satisfacción el día que pueda decir «tengo en Portugal un hermano que es poeta, novelista, historiador, músico, artista en una palabra, que quiso y pudo ahuyentar del altar domestico las alimañas roedoras del derrumbamiento político actual»<sup>309</sup>

Mas essas alimañas não estão só em Portugal porque, infelizmente, *Por esta infortunada Iberia corren Aires deletéreos tanto en la*

---

<sup>308</sup> Id., 2/2/91.

<sup>309</sup> Id., 27/5/90.

*política como en las costumbres* <sup>310</sup>. Efectivamente, a península vive uma realidade comum em que os problemas se identificam de forma similar de um lado e do outro da fronteira e, tal como sucedia com Antero, também Baldomero denuncia e reclama uma situação social em que as humanidades carecem de valor devido à inércia dos políticos; por isso, falha a educação, falha a agricultura, falha a economia, falha o exército, falha a imprensa tendenciosa e começa a falhar tudo. É neste ponto que, dando mostras de um espírito crítico actualizado, opinará sobre o tema da *decadência*:

Mucho se habla hoy de la decadencia general, y V. mismo se duele también de la que cree ver señalarse en su patria. (...) no hallándome convencido de que realmente exista. (...)

Como se puede afirmar que nos perdemos entre las brumas de la decadencia cuando las artes siguiendo cada cual el perfeccionamiento de su técnica y separándose de toda imposición exterior ilegítima, entran en el propio al paso de la justicia del derecho humano?<sup>311</sup>

O diálogo com Antero, e com toda a sua geração, parece estar estabelecido, não faltando esse vocabulário que ecoa como enlace de duas vozes que se conjugam para alimentar uma profícua discussão: a arte como caminho de esclarecimento e de consolidação da justiça e das liberdades humanistas. Mas para além da voz de Antero, que seguia atentamente, o poeta espanhol escutava também a de Oliveira Martins<sup>312</sup>, quem pensa ir ver aquando da sua visita ao Ateneo de Madrid, bastante divulgada pela imprensa espanhola, no entanto adoecerá e não poderá ir conhecê-lo pessoalmente, restando-lhe o consolo de ler o texto que irá sair publicado e deleitar-se com a

---

<sup>310</sup> Id. s.d.

<sup>311</sup> Id., 25/4/91.

<sup>312</sup> O texto pode ser lido a partir desta edição: Oliveira Martins, *Portugal nos Mares*, antologia, Circulo de Leitores, s.l, 1982

*Historia de la Civilización Ibérica* que, segundo a sua opinião, faz com que o autor seja *digno de ser considerado como uno de los mejores talentos de Europa*<sup>313</sup>. Aliás, refira-se que D. Baldomero Escobar parecia não ter muita sorte com os encontros pessoais com os portugueses posto que, em 1891, também Curros Enríquez se deslocara até sua casa para lhe apresentar pessoalmente o escritor António Feijó que estava então de visita a Madrid e, à semelhança do que já antes sucedera com uma embaixada de estudantes portugueses que viera para o cumprimentar, e por culpa de uma vingativa porteira (digna de figurar num romance queirosiano), foi-lhes dito que não estaria em casa, o que o deixara a ele e à sua família profundamente desgostado, e compreensivelmente.

Mas mesmo sem esse contacto pessoal, Baldomero Escobar vai ser um perfeito interprete dessa relação por que Antero e a geração de 70 tanto tinham lutado para que se instalasse e, graças a figuras como estas, o diálogo perdurará, até porque, e Baldomero Escobar enunciara-o claramente, os destinos ibéricos percorrem destinos paralelos, pelo que estão condenados a entenderem-se.

Supongo que el grado de temperatura en que tendrá la sangre, pues yo, solo por ser ibérico, la tengo ensandecida. Por los periódicos he sabido que el noble pueblo portugués se ha indignado con iguales formas que el español lo hizo cuando el conato de despojo de las islas Carolinias, intentado por Alemania.<sup>314</sup>

---

<sup>313</sup> Id., 25/4/91.

<sup>314</sup> Id. carta s.d. Esta carta não tem data, mas, pelo tema e pelo tom veemente empregue, parece-nos obvio que deve ser de Janeiro de 1890. Além disso, existe um vazio epistolar entre 9 de Janeiro e 13 de Fevereiro que se reduziria com esta missiva.

Nesta mesma carta, Esta mesma carta inclui um longo poema dedicado aos portugueses, a propósito da situação política externa, mas sobretudo interna, incentivando o povo português a reagir:

El estado de ánimo que me dicta esta carta, me impulsa a decir versos, y los he de estampar, para V. solo, ya que carezco de autoridad para dirigírselos al pueblo portugués.....

Te estremeces y atónito te paras  
Ante el despojo audaz que no temías  
De tu derecho y tus haciendas y tus haciendas curas?

Siempre fueron así las monarquías,  
Y el pueblo que las tuvo, masa inerte  
Saturada de espolio y granjerías

Cuando podrás severo recogerte  
Ante el altar de tu brillante historia  
Y ver que eres tú solo el grande y fuerte?

Medita un punto: enciende la memoria  
La llama que condujo al heroísmo  
A los varones de tu antigua gloria:

Y asomándote al borde del abismo  
Elige: o proclamarte Soberano  
O ceder al menguado fatalismo!

Quieres a libertad? Tiende la mano  
Con la firmeza del derecho augusto  
Y el monte abrumador quedara llano!

Teme llegar al porvenir adusto  
Vestido con los pálidos girones  
De ese pasado anémico y vetusto!

Ve a observar en suspenso cien naciones  
Y aguardar de tu heroica energía  
Verte arrojar miserias y baldones.

El Nuevo Mundo la gloriosa vía  
De la moderna libertad te enseña  
Y el viejo... tu vigor bendeciría.

La libertad, del universo es dueña,  
Lo impone así la inteligencia humana:  
Habrá de ver al mundo que desdeña  
Su redención la tierra lusitana?

Ya he dicho lo que me ha ocurrido y me quedo más tranquilo.

Si me fuera fácil pregonar, en Portugal y en España cuanto  
pienso y siento.<sup>315</sup>

Mais que uma atitude solidária, o que vemos aqui é uma cumplicidade que passa sem dúvida por essa condição identitária de Ibérico. No entanto, não nos pode passar desapercibido o prenúncio de esse problema nacional que, estalando de uma forma mais bombástica em 98, já se anunciara previamente em 1875 com este conflito hispano-germânico a propósito das ilhas do pacífico. Parece ser que o entendimento entre as duas nações peninsulares está já perfeitamente definido a partir da década de 70. Portugal e Espanha compartilham as mesmas debilidades, num mesmo tempo, e até em espaços históricos bastante idênticos, pelo que devem procurar esse encontro canalizador de energias que reforcem o seu valor dentro de uma Europa, numa postura de igualdade e nunca de inferioridade, ou de superioridade.

Tendo em conta o papel de Antero no desenvolvimento desta geração, não nos estranham as palavras que Baldomero Escobar envia a Luis de Magalhães após a morte de Antero de Quental para expressando a sua consternação:

(...) no tengo palabras: el sentimiento que trastorna las ideas y solo puedo afirmarle que el golpe ha sido tan fuerte como inesperado: que después de sufrido no me restan abiertos para meditar las causas de nuestro infortunio: este dolor dejará

---

<sup>315</sup> Id. (carta s.d.)

huellas imborrables. A V. por el profundo afecto que le profesaba: a mí por la desconsoladora pena que en unión de todos sus amigos verdaderos siento. Y por la fatídica luz que ha de herir mis ojos cada vez que lea una estrofa de *Los Vencidos*.

Baldomero Escobar une-se a Luís de Magalhães neste sentimento de perda e a dor é evidente, mas é uma dor que permanecerá porque, para além do homem, do amigo, desaparece a sensibilidade e o homem de ideias que ele tentou traduzir com o maior afã e entrega. Consciente que deve continuar a difundir a sua mensagem, continuará a alimentar esse diálogo e alguns meses depois da sua morte, enviará a Luís de Magalhães um soneto a Antero de Quental acompanhado de um breve comentário, que reproducimos juntamente com o soneto:

Un soneto que me ocurrió al día siguiente de la funesta noticia y que no he querido publicar porque la interpretación que pudiera dársele tal vez no se ajustara con la verdad completa de carácter que Vd. me describió después.

#### ANTERO DE QUENTAL

Alma indomable de la antigua Roma  
Viviendo en días de vergüenza y luto  
Siente la austera indignación de Bruto  
Que al pueblo venga en el traidor que asoma

Un cáliz rebozando de hiel toma  
Mientras en torno a Baco disoluto  
El espectro legal hoza en el fruto

De la encina que cruje se desploma.

Fustiga al pueblo que en sopor insano  
Llegar no ve los buitres en bandada  
Sobre el inerme aprisco lusitano;

Ve sangrienta, vencida, mancillada  
La libertad, e, a ejemplo del romano



Se funde en su dolor y entra en la nada<sup>316</sup>

Apesar da consternação provocada pela sua morte, é evidente que Antero de Quental continua presente não apenas na memória de estes dois agentes culturais, mas sobretudo como elemento desse diálogo que prossegue. Como vemos, Luís de Magalhães terá permitido que Baldomero Escobar conhecesse cada vez melhor o homem que estava por trás dos versos que o tradutor espanhol tanto admirava. Esse processo de conhecimento será mesmo responsável por que Baldomero não queira publicar o soneto que escrevera em memória daquele a quem ele chamara Mestre. Ora, ultrapassando as questões de estilo poético, é possível que o poeta espanhol tenha suavizado a sua ideia relativamente a essa alma indomável que espera com ares de vingança o traidor. A alma anteriana não seria propriamente indomável, e também não podia ser vingativa, nem mesmo contra o inimigo, pois a sua luta era sempre aberta e frontal, nem que ele próprio se arriscasse a nela perder as suas forças. Logicamente que, depois das correspondentes palavras de Luís de Magalhães, também os dois tercetos acabassem por ser alvo de reconsideração, sobretudo porque a sua liberdade não terá sido propriamente vencida. Talvez Luís de Magalhães andasse já a pensar sobre aquilo que iria depois escrever para o *In Memoriam* a Antero de Quental, onde afirma que *a renúncia a todas as preocupações da vida social – deixavam-lhe ao espírito plena liberdade para se absorver, por completo, na pura especulação filosófica*<sup>317</sup>

---

<sup>316</sup> Id., carta s.d.

Este soneto foi publicado pela primeira vez in AAVV, *Antero e Unamuno o início de um reencontro*, Estudos Anterianos 3, Revista do Centro de Estudos Anterianos, Vila do Conde, Abril de 1999, p.32

<sup>317</sup> In Antero de Quental AAVV, “A Vida de Antero”, *Antero de Quental, In Memoriam*, ed. Fac-Similada, Ed. Presença – Casa dos Açores, Lisboa, 1993, P. 126

Luís de Magalhães, como interlocutor privilegiado, parece valorizar todas estas intervenções dialécticas e por isso mesmo lhe pedirá a Baldomero mais poemas, pelo que poderemos depreender das palavras do poeta espanhol: *¿Outros versos para o Quental? ¡O meu amigo não tenha piedade de mim! Enfim, eu fico à ordem sua com a melhor vontade.*<sup>318</sup>

Desses “outros versos” não temos registo, talvez se destinassem a alguma homenagem, mas cremos que devemos reiterar o nosso reconhecimento a figuras como a de Baldomero Escobar que, sem outro motivo que não fosse o da admiração profunda pela sensibilidade e pelas ideias transmitidas pelas palavras e imagens de um poeta como Antero, contribuíram de um modo activo para alimentar este diálogo peninsular, enquanto uma etapa fundamental nesse caminho de modernidade que os homens de cultura e de pensamento reclamavam. Logicamente que devemos ainda prestar especial atenção ao facto de homens como Curros Enríquez ou Baldomero Escobar terem desenvolvido um trabalho fundamental para a divulgação da nossa cultura na imprensa das mais distintas publicações espanholas

---

<sup>318</sup> Idem, 30/4/1892.

## **IV.2 - A RELAÇÃO PENINSULAR A PARTIR DA IMPRENSA ESCRITA**

De acordo com a orientação que temos querido dar a este trabalho desde o princípio, cremos que para entender o contexto das relações ibéricas em finais do século XIX, assim como o seu desenvolvimento até ao presente, necessitamos de verificar e avaliar um conjunto de teias que, embora nem sempre constem dos anais das histórias da literatura ou dos dicionários enciclopédicos, são as que sustentam essa informação, digamos, mais canónica. É verdade que esse propósito nos leva por caminhos mais incertos, por não sabermos aquilo que vamos, ou não, encontrar, mas também pelo facto de irmos encontrando todo um conjunto de redes que partem precisamente dos elementos mais quotidianos, como sejam as relações pessoais ou as relações epistolares que possam derivar de amizades mais ou menos circunstanciais, como as que vimos anteriormente no caso de Manuel Laranjeira com Miguel de Unamuno ou de Baldomero Escobar com Luís de Magalhães. Ora, numa sociedade em que a literacia não estava ainda o suficientemente generalizada, e em que o livro era ainda apanágio de um certo elitismo cultural, a imprensa escrita constitui, sem dúvida alguma, um elemento fundamental a ter em conta na reconstrução dessas teias. Capazes de chegar a mais público que um livro, fosse pela sua distribuição, fosse também pela sua diversificação de conteúdos, os jornais e revistas constituíam já um importante meio de informação e de divulgação cultural. Por outro lado, a par dessa diversificação de conteúdos, há que ter em conta, não só o carácter mais objectivo e directo da imprensa, tornando-o mais atractivo a mais tipos de público. Mais de um século volvido sobre os acontecimentos que aqui nos interessam particularmente, é lógico que o registo escrito adquire cada vez mais um valor testemunhal e uma importante credibilidade, fruto desse carácter mais objectivo imposto à imprensa,

e apesar das várias linhas a que uma publicação possa estar submetida sejam elas de razões, políticas ou ideológicas, temporais, espaciais, ou muitas outras. Simultaneamente, parece-nos pertinente referir que parte do êxito da literatura realista se deve precisamente à imprensa, não só enquanto matéria romanesca a ser tratada<sup>319</sup>, mas também pelo facto de esses registos da imprensa reforçarem, no fundo, a empatia do leitor para com uma literatura que pretendia precisamente denunciar a realidade para que, uma vez analisada e interpretada, se pudesse intervir sobre ela, e é neste sentido que podemos dizer que a imprensa acabará por legitimar e aprovar o projecto do Realismo, na segunda metade do séc. XIX.

Ocupando um espaço que hoje se encontra bastante distribuído, em função da diversidade tecnológica que o século XX trouxe, a publicação periódica, para além da linha que siga, oferece ainda uma diversidade temática bastante interessante, ampliada por uma distribuição gráfica em secções, bastante mais atractivas que um livro ou manual, incitando a ser lida, contada e comentada entre família e amigos, e ocupando assim esse espaço de quotidianidade, tão apreciada quando se pretende levar a cabo uma análise da cultura mais a nível sociológico, ou até mesmo antropológico ou, quando se visa tentar simplesmente obter uma aproximação mais real e directa da presença cultural num âmbito social concreta, como é, neste caso, o contexto espanhol.

---

<sup>319</sup> A propósito, podemos seguir as magníficas pistas que nos foi dando o próprio Eça de Queiroz.

Graças ao trabalho de vários investigadores<sup>320</sup> tem sido possível reconstruir um mapa das relações ibéricas a partir da imprensa escrita, especialmente desde o fim de século, e muitos e interessantes têm sido os resultados. No entanto, essa recuperação tem incidido fundamentalmente sobre as revistas literárias<sup>321</sup>, o que está perfeitamente justificado pelo facto de terem sido elas quem concretizaram grande parte desse sonho setentista de estabelecer uma relação ibérica efectiva, em que a cultura se tornasse na porta-voz de um diálogo que pretendiam que fosse mais que geracional.

Entender as relações ibéricas exige um passeio pelas várias revistas que apostaram pelo incitar esse diálogo entre os dois países ibéricos desde o princípio, e em função de vários objectivos, sejam eles meramente culturais ou ideológicos, como possam ser os políticos. Como ponto de partida desse mosaico, podemos mencionar a *Revista Ocidental*<sup>322</sup> (1890), como esse projecto sobre o qual se propaga a fama de que *é ibérica*, indignando Antero de Quental, um dos seus directores juntamente com Batalha Reis, porque o que dela se pretendia era precisamente estabelecer as bases para a constituição de um espaço cultural onde essa unidade ibérica pudesse ter lugar, mas sem se pretender conectar com qualquer ideologia política, pelo que nela colaboraram nomes como Pi i Margal e R. M. de Labra.

---

<sup>320</sup> Neste sentido, cabe referir a importância que têm hoje na cultura portuguesa o trabalho de autores como Clara Rocha, Daniel Pires, Pilar Vázquez Cuesta, Elena Losada Soler, Perfecto Cuadrado Fernández ou César António Molina, entre muitos outros, os quais têm vindo a fazer das revistas literárias um suporte para o conhecimento da realidade cultural dos dois últimos séculos

<sup>321</sup> Neste sentido cabe destacar o trabalho de Pilar Vázquez Cuesta (*Espanha Ante el Ultimatum*) que sai do contexto da revista para entrar também no do jornal, embora por vezes essa linha esteja bastante esbatida.

<sup>322</sup> Como é sabido, um dos grandes marcos desta Revista, que abre o seu primeiro número com o artigo de O. Martins, *Os Povos Peninsulares e a Civilização Moderna*, foi a publicação da 1ª edição de *O Crime do padre Amaro*, de Eça de Queiroz, em folhetins. [vide documento nº 10]

Significativa foi também a revista *Anathema*<sup>323</sup> (Coimbra, 1890) que, num único número, foi capaz de soltar o grito de indignação de toda uma geração contra a ofensa que significava o Ultimatum Inglês, incluindo no seu elenco nomes como Antero de Quental, Oliveira Martins, João de Deus, Feliciano de Castilho, Gomes Leal, Magalhães Lima ou Guerra Junqueiro mas, ao encontro dessa linha europeísta, para além de colaboradores italianos e franceses, figuram também espanhóis como Campoamor o Pi i Margall. Pilar Vazquez Cuesta afirma mesmo que *a colaboração espanhola foi, sem dúvida, não só a mais numerosa como também a mais importante de todas as estrangeiras e não desmereceu, de maneira nenhuma, da portuguesa*.<sup>324</sup>

Com o advento da modernidade, o diálogo ibérico ocorrerá nas páginas de uma revista como *A Águia*<sup>325</sup> (Porto, 1910 a 1932), onde vamos encontrar colaborações de Casais Monteiro ou de Teixeira de Pascoaes, Manuel Laranjeira, António Sérgio, Fernando Pessoa, Leonardo Coimbra e também de Miguel de Unamuno. A estas seguem-se projectos como *Revista Nova*<sup>326</sup> (Lisboa, 1901-1902), onde colaboram, entre outros, Ruben Darío, Miguel de Unamuno e Manuel Laranjeira. Relativamente às revistas do primeiro modernismo, destaca-se a *Revista Contemporânea*<sup>327</sup> (Lisboa, 1922-1926) a qual, citando Perfecto Cuadrado *acoge participación de escritores españoles, y no solo eso, sino que llega a plantearse la cuestión de un posible «neo-iberismo» del que muy pronto tuvo que dar cumplidas*

---

<sup>323</sup> [vide documento nº 11]

<sup>324</sup> Pilar Vazquez Cuesta, *A Espanha ante o 'Ultimatum'*, Livros Horizonte, Lisboa, 1975, p.59.

<sup>325</sup> [vide documento nº 12]

<sup>326</sup> [vide documento nº 13]

<sup>327</sup> [vide documento nº 14]

*explicaciones*<sup>328</sup> e a esse projecto de caracter mais iberista, juntamente a *Contemporânea*, viria juntar-se a revista *Bandarra* (Porto, 1953-1964).

Entrando no espaço da contemporaneidade, o século XX soube não só manter esse espaço de diálogo ibérico, como até ampliá-lo e, de ambos os lados da fronteira, têm sido várias as revistas que têm sabido fomentar as relações culturais ibéricas. Nesse sentido, gostaríamos de referir a ponte que se estabelece entre a *Revista Sudoeste*, fundada em 1935 por Almada negreiros, e a actual *Sudoeste*, dirigida por Antonio Saez Delgado e que constitui um espaço de diálogo entre as diferentes culturas da península ibérica. Esta revista, editada em Badajoz, é também produto do espírito deixado por um dos projectos pioneiros no âmbito da pluralidade linguística ibérica como foi a revista *Espazo/Espacio Escrito* (Badajoz, 1987-2008) dirigida por Angel Campos e onde se podem encontrar textos de Cesariny, Saramago, Ramos Rosa ao lado de Goytisolo ou Gamoneda. Do espírito desta Revista sai ainda *Hablar / Falar de Poesia*, um projecto criado por Angel Campos e Hermínio Monteiro, entre outros, e cujo primeiro número saiu em 1997 e o 5<sup>a</sup>, e último, sairia em 2002. Podemos dizer que, graças a estas revistas se criou um núcleo peninsular que permitiria, não só divulgar, como também aprofundar o conhecimento daquelas personagens culturais desde um lado ou do outro da fronteira. E, felizmente, esse espírito continua vivo e, como mais um exemplo, apontamos ainda a revista *Capicua*, onde as letras catalãs convivem com as letras portuguesas, e onde a tradução convive com a versão original.

---

<sup>328</sup> Perfecto Cuadrado Fernández, “Portugal y España: dos sociedades, dos transacciones, dos literaturas, *República de las Letras*, nº 21, Madrid, Abril de 1998. , p.185

No âmbito do nosso trabalho, pensamos que o campo dos jornais diários, assim como de publicações de âmbito mais generalista, podiam ajudar-nos a configurar uma perspectiva complementar à das revistas literárias, embora bastante embrionária, pois somos conscientes de que o campo é bastante vasto e disperso. Cremos que a resposta à proposta de diálogo e de modernidade deixada pela geração de 70 estará precisamente nesses pequenos pedaços de realidade quotidiana que possamos encontrar entre notícias de âmbito político ou económico. No fundo, o objectivo desta geração era precisamente conseguir que Portugal e a sua cultura se tornassem mais familiares desde o outro lado da fronteira. Para tentar indagar sobre essa marca cultural deixada pela geração de 70, quisemos outorgar um marcado protagonismo a Antero de Quental, e, na verdade, queremos que o nosso trabalho pode ajudar-nos a configurar a imagem de Antero desde uma perspectiva não só nacional, como também ibérica, corroborando e celebrando esse papel que a sua própria geração lhe concedeu, mas do qual nem sempre temos sabido cuidar. Não obstante, somos conscientes de que este é só o início de um longo caminho, mas onde vislumbramos já algumas portas que se entreabrem.

Para levar a cabo este trabalho partimos inicialmente da consulta de jornais entre Janeiro de 1881 e Dezembro de 1891, a escolha dessa década prende-se com o facto de, dentro da necessidade de criar uma baliza simbólica como pode ser a década, fazer coincidir essa pesquisa com a morte de Antero de Quental, em Setembro de 1891. Guiados por essa baliza, tentámos verificar a presença de Antero, assim como de notícias de Portugal que girassem em torno da sua figura, fossem elas de âmbito geracional, político, ou outro. Ao longo desse período, com o intuito de averiguar se havia algum eco na imprensa do outro lado da península, escolhemos como ponto de partida o jornal *La Vanguardia*. Essa eleição prendeu-se com o facto de este ser um jornal



diário, e não ter sido tão abordado como outros relativamente a esta questão. Por outro lado, ao ser de Barcelona, embora com correspondência em Madrid, podia oferecer-nos uma imagem mais descentralizada, o que nos pareceu igualmente pertinente. A partir deste levantamento, e em função dos elementos que iam surgindo, fomos ampliando a nossa rede de publicações mas também a nossa baliza cronológica, até alguns anos após a morte de Antero. Essa dilatação temporal prendia-se com o facto de continuarem a surgir referências exclusivas ao nosso autor insular, e já não ampliadas a um contexto histórico-cultural, como o fizéramos até então.

Neste sentido, podemos referir que as nossas referências nos levaram a publicações de várias tendências políticas ou religiosas, assim como de várias localidades, desde Barcelona, a Madrid.<sup>329</sup> No entanto, para sermos mais rigorosos, convém referir que uma das primeiras referências a Antero de Quental encontramos-na em 1874, a propósito de um artigo sobre Teófilo Braga, publicado por *El Imparcial*, e onde é referida a polémica travada no jornal *A Revolução de Setembro* a propósito do ataque de Antero de Quental, juntamente com Pinheiro Chagas, ao folheto *Os Críticos da História da Literatura Portuguesa* na sequência da dissertação apresentada por Teóphilo ao concurso do Curso Superior de Letras, e em que os jovens *irreverentes* criticavam sobretudo a tese de moçarabismo do candidato:

En el acreditado diário lisbonense *A Revolução de Setembro* atacó a Braga com dureza un escritor anónimo por haber tratado injustamente á Antero de Quental, quando parece que este se había limitado a discutir com Teophilo algunos proncipios; pero com tanta elevación como templanza.

---

<sup>329</sup> O elenco das publicações que consultámos vão sendo indicadas ao longo do nosso texto, mas podem também ser consultadas na bibliografia final.

A pesar de todo, el susodicho escritor anónimo viene en confesar que «Teophilo es erudito y que todos sus escritos tienen importância»<sup>330</sup>

Alertados pela investigação feita por Ana Maria Almeida Martins a propósito das colaborações *anónimas* de Antero para a *Revista Ocidental*, somos levados a pensar que este leitor anónimo está em perfeita sintonia com o desabafo que, a propósito, fazia Antero ao seu amigo Oliveira Martins:

Se pequei neste escrito, foi certamente por nímia indulgência para com ele. Mas o homem, sem ser mau propriamente, está pervertido pela adoração de si mesmo; tem (no seu tanto) a *loucura cesariana*, e já vai caminhando para a de Sardanaplo.<sup>331</sup>

Ao longo da década de 80, para além de outras notícias de âmbito cultural, as referências a Portugal vão estar centradas em dois grandes núcleos: por um lado nas questões relativas à união Ibérica, bem como ao Federalismo e, por outro nas reacções em torno às relações luso britânicas, que começam a adquirir um carácter sério e a provocar acérrimas críticas ao governo português e à forma como (não) gere essa questão<sup>332</sup>. Curioso será também ver como em *La Vanguardia* de 1881, na Secção *Correspondencias Particulares de «La Vanguardia»* se faz eco da sensação instalada em Portugal de que a discussão instalada a propósito da união ibérica seja uma manobra de distração:

---

<sup>330</sup> In *El Imparcial*, Madrid, nº 28/11/1874, p.1-C [vide documento nº 15 ]

<sup>331</sup> Antero de Quental, *Cartas, I [1852]-1881*. Org., intr. e notas de Ana Maria Almeida Martins, Ed. Comunicação- Univ. dos Açores, Lisboa-Ponta Delgada 1989, p.164.

<sup>332</sup> Uma vez mais, Bordalo Pinheiro dá-nos conta dessa realidade através das suas caricaturas. [vide documento nº 16 ]

[En Portugal] ha vuelto a hablarse estos dias de union ibérica cuyo asunto ponen á discusion los gobernates para que se distraigan los inocentes, de acontecimientos más graves. Con eso ganan tiempo y atraen alguna predisposición cuando menos, hacia ciertas publicaciones, mas ó menos partidárias de la unidad é que me contraigo y de la cual los españoles apenas si se ocupan hoy.<sup>333</sup>

Logicamente que a percepção pode variar em função de inúmeros factores, mas parece-nos que a preocupação com a grave crise política e económica que se está a desenvolver no país parece primar sobre o tema da união ibérica. No entanto, não nos parece correcto que este seja um tema ignorado, tanto em Espanha como em Portugal, embora em Portugal, como vimos, existam reticências muito complexas. Aliás, o facto de essas publicações, mais ou menos partidárias, existirem, servem já de testemunho da existência de uma polémica, a qual se irá posteriormente alastrar a outros âmbitos, como é o caso do confronto entre monárquicos e republicanos.

Prova de que esse debate está instalado no seio da sociedade lusa provam-no apontamentos como este, a propósito da iminente visita dos Reis de Espanha a Portugal, em Janeiro de 1882:

Segun version de personas bien informadas, el Rey de España va a tener un recibimiento entusiasta en Lisboa, donde los partidários de la Unión Ibérica preparanle una manifestación numerosisima y de una marcada significación hacia S.M. sin que por esto sea de hostilidad para el Rey D. Luis

Es muy posible que se logren calmar los ánimos, y hasta que se pueda evitar la manifestación que hay dispuesta, y aunque no tenga esto la gravedad que alguien supone para los tiempos futuros, seria fácil que sin nosotros quererlo Inglaterra pudiera tomar á ofensa lo que en realidad no seria más que una

---

<sup>333</sup> La Vanguardia, Barcelona, 11/8/81 p. 4194

manifestación de las ideas de cierta parte del pueblo, pero com  
las cuales no está conforme el Gobierno de la Gran Bretaña.<sup>334</sup>

Pertencente também à secção *Correspondencias Particulares de «La Vanguardia»*, este excerto chama-nos a atenção pelo facto de fazer alusão a uma série de questões a partir dessa manifestação de apoio à visita dos reis de Espanha a Lisboa. Primeiro refere que, embora seja convocado pelos defensores da União Ibérica, este acto não tem por quê ser visto como um gesto hostil em relação ao monarca português. Mas, para além deste toque conciliador, é bastante curioso ver como já se alude ao facto de a Grã-Bretanha se poder *ofender* com estas manifestações de apoio bilateral entre Espanha e Portugal.

Em Maio de 83, retribuindo a visita real, os Reis de Portugal visitam Espanha<sup>335</sup> e em *La Vanguardia*, na secção *Correo Nacional*, encontramos o seguinte resumo da declaração do rei de Portugal:

Dijo que el viaje de los reyes de Portugal á esta corte no tiene outro fin que el de sancionar la estrecha y cordial alianza entre dos pueblos que viven la vida de la propia independencia y que conservarán siempre el sello de su propia nacionalidad.<sup>336</sup>

Depreende-se pois que as relações entre as duas nações são fluidas e que, apesar dos debates iberistas, o futuro independente das duas nações parece ser uma certeza. Mas a propósito desta visita, no dia 29

---

<sup>334</sup> Idem, 10 /01/ 82. p. 207.

<sup>335</sup> Em Outubro de 1888, regressarão, desta vez a Barcelona, ocasião em que visitaram a biblioteca onde o rei se surpreendeu com o paraninfo e a organização da biblioteca. In *La Vanguardia*, 11/10/88 p.2 B-C

<sup>336</sup> *La Vanguardia*, Ano III, Nº 245, Barcelona, 26 /5/ 83, p.3363.

de Maio de 1883 encontraremos a secção *España y Portugal*<sup>337</sup>, onde se faz referência ao eco que esta visita teve em *Diario de los Debates*, uma publicação mexicana que, sem negar os projectos iberistas, os define como quiméricos. Refere ainda que esta aproximação que se está a produzir entre as duas nações é muito *conveniente para el equilibrio europeo*, com especiais benefícios para os dois países europeus, e com Inglaterra sempre como o terceiro elemento em discórdia. Porque enquanto *los portugueses no quieren ser un anexo del imperio britanico*, também Espanha *podrá imprimir á su diplomacia una direccion independiente*, sem ter que se subjugar aos interesses britânicos, ou austro-alemães. A Visita Real, devido certamente á tenção diplomática vivida por então, atrairá ainda o interesse da imprensa europeia e um jornal como *Le Temps* elabora uma análise interessante sobre o estado das duas nações ibéricas, desde uma perspectiva europeia para, depois de uma revisitação histórica, se centrar nos problemas que impedem as duas nações ibéricas de progredirem, indo de encontro ao discurso da geração de 70. Face ao estigma britânico, que aos portugueses afecta os territórios africanos e aos espanhóis Gibraltar, alude à confiança que alguns depositam numa convergência política entre as duas nações, um projecto que considera fantasioso mas que começou já o seu caminho a partir do partido de Castelar, com quem Antero de Quental, travara conversações:

C'est ainsi que M. Emilio Castelar voit déjà un avenir prochain l'Espagne et le Portugal former une confédération ibérique, au sein de laquelle les deux royaumes garderont leur indépendance et leur autonomie. En attendant les réalisations de cet idéal, dont M. Castelar, avec raison, ne se dissimule pas le caractère utopiste actuel, l'organe de l'ancien chef du gouvernement provisoire demande une entente entre les gouvernements de Madrid et Lisbonne,(...) enfin, pour prévenir les rivalités nationales, il propose de conférer à tour de rôle la présidence de

---

<sup>337</sup> Id. 29/5/1883, p. 3431 [vide documento anexo nº 17]

la confédération ibérique au roi d'Espagne et au roi de Portugal.<sup>338</sup>

É com vista ao reforço destas relações ibéricas, que encontramos várias referências relativas às visitas a Espanha por parte de estudantes e jornalistas, as quais eram normalmente acompanhadas por vários actos de carácter cultural em que se incluía a visita às redacções de vários jornais, mas também de banquetes em que não faltavam os discursos em pró de uma união ibérica ou de um futuro federativo para as duas nações. Num desses banquetes, em Junho de 1883, a acompanhar os jornalistas portugueses estavam, entre outros Campoamor e Pinheiro Chagas, numa clara adesão a esse entendimento a que as duas nações deviam estar sempre sujeitas, independentemente dos ideais políticos que proclamassem esse entendimento. Uma vez mais, escutamos o eco das várias vozes que ao longo das últimas décadas clamavam em Portugal por esse caminho de modernidade e de afirmação genuína e assim o proclamava um dos oradores da cerimónia:

Antes ni nos conocíamos ni tratábamos; hoy, merced á aquellos poderosos elementos, nos comunicamos, nos vemos, fratenizamos y estamos aquí reunidosgozando en esta brillante fiesta que simboliza nuestros sentimientos, nuestras aspiraciones, nuestro amor al progreso y a la civilización.<sup>339</sup>

Tal como já foi referido, Portugal depositava a sua confiança em Espanha relativamente às decisões unilaterais de Inglaterra que vinham destronar o nosso poder ultramarino, mas não era possível evitar que surgissem alguns receios:

---

<sup>338</sup> *Le Temps*, Paris, 24 /05/ 1883. P.1, A,B [vide documentos nº18 e 18.1]

<sup>339</sup> *La Vanguardia*, Ano III, nº 252, 2/ 6 / 83, p. 3534. [vide documento nº19]

El periódico *O Progresso* de Lisboa ha vuelto á decir que España ha entrado en una alianza com Alemania, cuyos resultados serán la conquista de Portugal, la recuperación de Gibraltar y no sabemos qué invasiones en Africa por parte de nuestra pátria.

Hemos desmentido ya esta espécie, y nos parece inútil insistir en negar lo que es un absurdo, que se aprecie solo con anunciarlo.

Tenemos la seguridad de que no lo creen en Portugal, los mismos que se hacen eco de estos rumores.

Alli es costumbre inmemorial que los periódicos de oposición acusen á todos los que mandan de iberismo, y á esto obedece la nueva campaña que acaba de emprender una parte de la prensa.

Ni más ni menos.<sup>340</sup>

É compreensível o tom de desagrado do jornal espanhol, até porque não é a única alusão que encontramos a estes desencontros entre jornais, no entanto, esta é uma questão suscitada a propósito da conferência de Berlim (1884-85), convocada numa tentativa de apaziguar os ânimos europeus relativamente às possessões ultramarinas, e a dúvida relativamente à postura que poderia adoptar Espanha, sobretudo face a um consenso centro – Europeu não é isolada.

Contudo, à medida que avança a década de 80, coincidindo de alguma forma com essa fase em que Antero começa a perder grande parte do seu fervor iberista, encontramos cada vez mais vozes reticentes quanto a essa união ibérica em termos políticos, mas em pró de uma união ibérica assente na cordialidade e, sobretudo, numa necessidade de

---

<sup>340</sup> *La Iberia*, Ano XXX, nº 8375, 5/10/83, p.2 B-C [vide documento nº20]

lutar contra um isolamento a que a Europa nos poderia remeter. A propósito, em 1887, *La Vanguardia* cita *O Comercio Portuguez* onde, a propósito do conflito britânico, aponta como causa dessa nossa dependência uma política dissidente entre Portugal e Espanha e da qual Inglaterra se aproveitou, alentando uma atitude de desconfiança por parte de Portugal, gerada pela dominação castelhana, tal como tinha já sido apontado por vários iberistas.

Não obstante, o futuro parece poder vir a superar tudo isso:

(....) empiezan a desaparecer en Portugal los recelos de nueva conquista por parte de España, renaciendo en nuestros vecinos aquella confianza y aquella calma que permite ver las cosas por su prisma verdadero.<sup>341</sup>

Para esse futuro, reclamam-se tratados comerciais, incluindo as questões agrícolas e as das pescas, em concreto quanto aos portos pesqueiros, e também culturais, cabendo recordar que já em 1881, a imprensa noticiava a aprovação do tratado de propriedade literária y artística entre Espanha e Portugal<sup>342</sup>

Com o final da década de 80, são cada vez mais acentuadas as reportagens e apontamentos relativos ao conflito luso-britânico, sobretudo depois do fracasso que tinha significado para Portugal, e para a sua política externa perante a Europa, a conferência de Berlim. Completamente humilhado e castigado perante o poder britânico, renascem os ecos da crítica revolucionária ao labor do governo

---

<sup>341</sup> *La Vanguardia*, Ano VIII, nº 117, 12/03/87 p.1596. [vide documento nº21]

<sup>342</sup> *La Vanguardia*, Ano I, nº 47, 11/03/81, p.692. [vide documento nº22]



português, e surgem também longos artigos em que o tema é abordado profundamente e num extenso e promenorizado artigo, intitulado «El Tratado anglo-luso y su influjo en la colonización», publicado em *La Vanguardia* de 5 de Setembro de 89, e assinado por Federico Rahola, pode-se ler que *La humanidad y la civilización ganarían con el triunfo de Portugal en esta pendencia del fuerte contra el débil*.<sup>343</sup>

A 24 de Setembro de 1889, no *El Diario Español*, na secção «Crónica Extranjera» encontramos un longo artigo sobre *el estado de agitadora sozobra que reina en la nación portuguesa. / Esse pueblo, pequeño y débil, fuerte solo por voluntad, á la cual no responden sus médios de resistência (...)*.<sup>344</sup> Apesar de nos ver como os débeis, o redactor deixará bem claro que no tratamos de investigar ahora si los unos o los otros tienen razon es este asunto. Seguirá a sua lógica discursiva, expondo o conflito, entre as que aponta que a situação de debilidade de Portugal se deve a um excessivo protectorado por parte dos ingleses, situação que provocou agora a reacção dos Portugueses, mas reiterará que *Nosotros no decimos si obran bien ó mal los portugueses: hacemos constar sus sentimientos, y nada más*. Uma curiosa estratégia que, contudo, não impede que se possa ler o seguinte:

Solo es de sentir que los portugueses hayan llegado al extremo en que se hallan por su obstinado recelo de España. La política de Lisboa ha sido siempre una política llena de desconfianzas para nosotros, precisamente cuando nosotros éramos los únicos qué estábamos llamados por nuestro propio destino á ser los aliados permanentes del reino de Portugal. / Es un error del que no quieren convencerse las naciones latinas.<sup>345</sup>

---

<sup>343</sup> *La Vanguardia*, Ano X, nº 1578, 5/9/89, p.4 [vide documento nº 23]

<sup>344</sup> *El Diario Español*, 24-09-89, p.1-C [vide documento anexo nº 24]

<sup>345</sup> Idem.

Apesar da declaração de princípios, o jornalista parece ter bem claro que uma aliança entre os países latinos não teria permitido situações como estas. Mas, curiosamente, a referência à união latina, tal como também o recolhe Pilar vazquez Cuesta no seu estudo *A Espanha ante o «ultimatum»*, vai surgir posteriormente no discurso do Latino Coelho, publicado por *O Século*, mas que *Las Dominicales*, a 8 de Fevereiro de 90, se farão eco. Aqui, o republicano português apresenta o projecto de una *confederación de las Repúblicas peninsulares, como prólogo y preparación para la grande y gloriosa Federación de las naciones latinas*.<sup>346</sup>

Efectivamente, a partir da imposição do Ultimatum inglês, a 11 de Janeiro de 1890, a imprensa espanhola redobra a sua atenção para com Portugal, dedicando grande parte das suas páginas a este tema, dando conta do desenvolvimento da situação, acompanhando as manifestações populares, a posição dos partidos parlamentares, e a consequente renovação ministerial que ocorreu logo após o Ultimatum, no seguimento de uma profunda crise política que levava a uma alternância de governos. Ao mesmo tempo, encontramos ecos da imprensa europeia que nos permitem ver as distintas posturas assumidas: enquanto a imprensa francesa ou a belga condenava a atitude britânica, o que o jornal inglês *Times*, condena, tal como o recolhe *La Iberia*.<sup>347</sup> Neste número noticia-se detalhadamente sobre as problemáticas negociações com Inglaterra, e ainda se dá conta da reacção popular, com destaque para o grupo de estudantes que, logo após a notícia do Ultimatum, saiu do Martinho da Arcada e se lançou em manifestações pelas ruas de Lisboa até à Sociedade de Geografia,

---

<sup>346</sup> *Las Dominicales del Libre Pensamiento*, Ano VIII, nº 381, Madrid, 8/2/1890 p.1 B-C [vide documento nº 25 ]

<sup>347</sup> *La Iberia*, Ano XXXVII, nº 11855, 16/1/90, p.1 [vide documento anexo nº 26]

com alguns altercados, mas também com hinos patrióticos em que Garrett e Camões eram recordados.

Perante esta situação, as vozes de apoio a uma aliança ibérica recuperam o seu fôlego porque *tenemos los mismos intereses que defender* estabelecendo um diálogo directo com os interlocutores portugueses, como podemos ver em «Conflicto anglo-Portugués España y Portugal» em *La Vanguardia* de 18 de Janeiro de 1891, onde se evoca novamente Latino Coelho, *cujas hermosas palabras (...) retratan el estado de la opinión pública en Portugal*<sup>348</sup>.

O Interesse despertado por este episódio histórico vai continuar durante cerca de um mês, período em que, para além das mostras de apoio, Portugal, a sua história e as suas personagens histórico-culturais adquirem uma lugar cativo na imprensa espanhola<sup>349</sup>, o que fomenta um melhor conhecimento entre os dois países.

Os ecos da gratidão por parte dos portugueses fazem-se então ouvir mediante um desejo de encontro com Espanha, contudo, fica bem claro que essa atitude não pode ser confundida com uma atitude iberista porque em Portugal *la prensa en general se muestra contraria*

---

<sup>348</sup> *La Vanguardia*, Ano X, nº 1309, 18 /01 /90 pp.1C-2A . [vide documento nº 27 e 27.1]

<sup>349</sup> Uma outra forma de reportagem é a da ilustração, como a que encontramos em *La Ilustración Ibérica*, que nos dá conta do ambiente enraivecido que se podia respirar. Esta imagem bipartida dá-nos conta, por um lado, da luta do povo operário em plena praça do Rossio e, por outro, da massa crítica e de progresso, constituída pelos estudantes, que vendam os olhos a Camões para que não veja tamanha desgraça em que caíra a sua Patria, e cujos feitos gloriosos ele cantara em *Os Lusíadas*. [vide documento anexo nº 28] in *La Ilustración Ibérica*, Ano VIII, nº 371, 8/2/1890, p.85.

*a la unión ibérica; que tan dispuesta como se halla la opinión publica, en todo Portugal, a una alianza, es opuesta a una fusión, y com justo motivo*<sup>350</sup> Sobretudo, haveria que ter cuidado com o facto haver uma tendência reacionária para confundir o reconhecimento dos republicanos para com Espanha com uma atitude iberista, o que não correspondia exactamente à verdade, como se o iberismo fosse visto como um estigma dos republicanos.

Fruto desse melhor relacionamento, vão-se sucedendo as viagens a Espanha de figuras da nossa cultura, assim como de grupos de estudantes que, como podemos ler por ocasião de uma dessas visitas, *vienen á estrechar lazos de union com sus compañeros de España. La formula concreta de esta unión, que la comisión portuguesa propondrá, es la Federación Ibérica Escolar*<sup>351</sup>.

A propósito cabe referir que a nível estudantil houve uma perfeita sintonia, e desde o princípio que os estudantes se manifestaram por toda a Espanha em apoio à causa portuguesa. Num anterior trabalho da nossa co-autoria<sup>352</sup>, apresentávamos já o testemunho dos estudantes granadinos que tinham enviado a Latino Coelho um telegrama de apoio aos colegas portugueses, para além de darem cobertura às notícias que chegavam de Portugal.

---

<sup>350</sup> *La Vanguardia*, Ano X, nº 1309, 18 /01 /90 p.3 [vide documento anexo nº 24.1 ]

<sup>351</sup> *La Vanguardia*, Ano X, nº 1309, 18 /01 /90 p.5 [vide documento nº29 ] Recordemos que este grupo de estudantes teria tentado conhecer Baldomero Escobar mas devido a um mal entendido, provocado pela porteira, não os pode receber

<sup>352</sup> AAVV, *Antero e Unamuno o início de um reencontro*, Estudos Anterianos 3, Revista do Centro de Estudos Anterianos, Vila do Conde, Abril de 1999, p.28

Latino Coelho - Lisboa

Los estudiantes de Granada suplican a V. comunique a sus hermanos de esa Universidad su acuerdo unánime de adherirse a la protesta contra atropello de fuerza de Inglaterra, haciéndoles saber también que por correo envían documento de adhesión,

La comisión, Castillo – Afan – Masacró – González<sup>353</sup>

Outra das figuras que visitará Espanha será Magalhães Lima, com grande destaque na imprensa, e que virá estreitar relações sobretudo com os Republicanos, a propósito da inauguração do casino do Centro Republicano, em Barcelona<sup>354</sup>. Republicano convicto, antibritânico e socialista, este membro da Geração de 70 sabia que, num momento em que os republicanos portugueses procuravam ganhar terreno, o apoio e a inspiração dos republicanos espanhóis lhes serviria de grande ajuda, mas reiterando no seu discurso a mensagem de que a união assenta numa relação federativa *pero no habléis de unión Ibérica, añadió, porque esta representa para los portugueses la centralización y el despotismo*<sup>355</sup>. Contudo, este discurso parece ter chegado deturpado a Portugal, obrigando *O Século* a declarar, tal como o cita *La Vanguardia*, que *nadie habló de de unión Ibérica, y sí solo de federación. censura al mismo tiempo que se atribuyan a los republicanos portugueses ideas iberistas*.<sup>356</sup>

Mais de três décadas depois, parece perdurar a análise de Sinibaldo de Más quem apontava a renitência dos portugueses a adoptarem os ideais iberistas absolutos porque, efectivamente, sem desprezarem outras formas de alianças, os portugueses não parecem dispostos a abdicar da sua autonomia e, sobretudo, da sua nacionalidade.

---

<sup>353</sup> *El Estudiante*, Año II (segunda época), nº 23, Granada, 19 /01/ 1890.

<sup>354</sup> Posteriormente, irá a Valladolid, em Novembro

<sup>355</sup> Idem, 1/10/90, p.3

<sup>356</sup> Id., 4/10/90 p.5

Em Fevereiro de 1890, tal como já tínhamos visto a partir da correspondência de Baldomero Escobar a Luís de Magalhães, e Curros Enriques publica em Album de *El País*<sup>357</sup> um artigo sobre Antero de Quental, com retrato incluído em que, para além de sistematizar a sua produção bibliográfica, traça o perfil intelectual do autor que *ha escrito mucho y ha pensado más* e que, herdeiro de Herculano, *como todos los representantes de la juventud ilustrada del país vecino, es un brioso defensor de alianza hispano-portuguesa*<sup>358</sup>. O apontamento termina com a referência de que o poeta é o presidente da *Liga Patriótica do Norte*.

A propósito, cabe referir que foram várias as publicações que fizeram referência à nomeação de Antero de Quental como Presidente da Liga Patriótica do Norte, sendo em *El País* onde encontramos um maior desenvolvimento sobre este acontecimento, incluindo a publicação de um artigo do próprio Antero de Quental, enquanto presidente da Liga patriótica do Norte <sup>359</sup> Na realidade, Antero já tinha advertido que aceitava este sacrifício pela pátria precisamente pela consciência que tinha de ser este um momento decisivo, não porque albergasse uma grande ilusão relativamente a mais esta acção. Em carta a José da Cunha Sampaio, num tom muito idêntico ao da citada carta de *El País*, escrevia Antero:

---

<sup>357</sup> *El País*, Ano IV, nº 1110, Madrid, 2/2/1890, p. 1B-C. Na verdade trata-se de um conjunto de 13 retratos, nem todos assinados por Curros, mas tal o comprovou Pilar Vazquez Cuesta, são todos da autoria de Curros, embora nem todos estejam assinados por ele. Pela correspondência de Baldomero podemos corroborar não só a autoria do retrato de Luís de Magalhães, assinado apenas com um C [vide documento nº 30]

<sup>358</sup> Idem.

<sup>359</sup> *El País*, Ano IV, nº 952, Madrid, 4/2/1890, p. 1C [vide documento nº 31]

Nestas alturas, entendo que é dever de cidadão e de homem moral o não ficar espectador egoísta, de forma que resolvi entrar também no movimento (ou na dança) nos limites das minhas forças, e por isso aceitei o fazer parte da Liga Patriótica do Norte e empenhar-me-ei aí por que triunfe na direcção deste obscuro movimento que começa, uma orientação racional. Mas conseguir-se-á alguma coisa? O país parece-me caminhar às cegas para uma destas aventuras em que os instintos e as paixões podem mais que a razão<sup>360</sup>.

Uma vez mais, o diálogo peninsular está aqui bem patente, e o cidadão espanhol vai ficar a conhecer a integridade de um homem que não escolhe o caminho fácil e que está disposto a sacrificar-se no altar da Pátria, mesmo que a razão lhe dissesse que se deveria cuidar mais ou que a esperança num futuro mais promissor fosse ínfima. Antes pelo contrário, Antero continuava a crer na força humana como construtora da história, recusando essa degenerescência naturalista a que a história moderna parecia estar condenada.

Alimentando este interesse pela situação política e económica em Portugal, podemos encontrar apontamentos extensos onde se analisam e desenvolvem os problemas desde uma perspectiva bastante ilustrada e fazendo gala de um bom conhecimento da cultura portuguesa, pelo que não é difícil encontrar referências aos autores que configuravam o panorama coevo, como Teófilo, Guerra Junqueiro, Antero, ou Oliveira Martins, cuja presença em Madrid, em Abril de 1891, foi um êxito.

Apesar de todos os esforços, parecia que os maus augúrios de Antero se iriam cumprir, primeiro com o fim da Liga Patriótica do Norte e,

---

<sup>360</sup> Antero de Quental, *Cartas, II 1881-1891*. Org., intr. e notas de Ana Maria Almeida Martins, Ed. Comunicação- Univ. dos Açores, Lisboa-Ponta Delgada 1989, p.978

posteriormente, com o esgotamento das suas forças, cuja última réstia o levou ao suicídio nesse dia 11 de Setembro de 1890.

Pouco mais de uma semana após o trágico desenlace, quase toda a imprensa dará a notícia da morte de Antero. Lamenta-se a partida do Presidente da Liga Patriótica do Norte, lamenta-se do amigo de Espanha, e do pensador. Num longo apontamento de *La Republica*, de 24 de Setembro, depois de ter dado a notícia sobre a morte do poeta no dia anterior<sup>361</sup>, podemos ler:

(...) Antero de Quental no era solo un escritor muy distinguido y un poeta de gran inspiración, sino también un publicista fecundísimo que lega a la posteridad numerosas obras que han recibido ya los unánimes elogios de la crítica.<sup>362</sup>

Ora o que ficará de Antero será precisamente esse reconhecimento de um legado que o futuro poderá compreender e que em Espanha encontra desde já um empenho em levar esse trabalho adiante.

De entre todos as referências que encontrámos, cabe destacar a do jornal *Las Dominicales*, do dia 26 de Setembro, onde, a duas colunas, temos um texto sobre a referida notícia com um retrato genuíno e completo sobre o autor, do qual trespassa uma profunda admiração pela figura do poeta, mas também pelo homem de valores e de pensamento.

---

<sup>361</sup> *La Republica*, Ano VIII, nº 2382, Madrid, 23/09/91, pp.2D [vide documento nº 32]

<sup>362</sup> *La Republica*, Ano VIII, nº 2383, Madrid, 24/09/91, pp.2D-3A. [vide documento nº 33 e 33.1]



Antero de Quental, el poeta genial y revolucionário, el pensador profundo, el escritor incomparable, caracter angelical en un temperamento de fuego, rendido al valor insoportable de la enfermedad que no tenía remedio la ciência.<sup>363</sup>

Este apontamento termina com a citação do retrato que *nuestro distinguido amigo* Curros Enríquez escrevera para o *El País*, havia escassos meses. Ora, esta cumplicidade entre os autores dos dois textos, bem como o tom do texto, levam-nos a pensar que o mesmo pode ter sido escrito precisamente por Baldomero Escobar, quem ficara profundamente afectado pela morte do seu Mestre. Esta suspeita é reforçada pelo facto de através da sua correspondência termos tido já conhecimento que publicara várias vezes nesta publicação.

A 30 de Setembro de 1892, *El Album Ibero-Americano* publica ainda um apontamento, assinado por Concepción Gimeno de Flaquer, a directora desta publicação, sobre a morte de Antero, muito na linha de Unamuno, ao filiar o suicídio numa sintomatologia lusa, e citando, em português (embora com algum erro) o soneto *Na mão de Deus, na sua mão direita*, curiosamente o mesmo que o poeta salmantino irá traduzir à letra. Contudo, não podemos deixar de apontar a singularidade do comentário final, que não encontramos, de maneira explícita em nenhuma das publicações verificadas, incluindo as religiosas<sup>364</sup>, mas que não deixa de ser um importante testemunho sociológico a propósito de um pensamento popular que, certamente, muitos leitores compartilhavam: *Dicen algunos que el suicidio es rasgo de valor; yo creo que es prueba de cobardia y sobre todo, falta de fe*

---

<sup>363</sup> *Las Dominicales del Libre Pensamiento*, Ano VIII, nº 381, Madrid, 8/2/1890, P.3B-C [vide documento nº 34]

<sup>364</sup> Como, por exemplo, *La Unión Católica*, Madrid, Ano IV, nº 1289, 23/9/91, p.2C. [vide documento nº 35]

*religiosa. ¡Lástima que ciertas filosofías perturben inteligências brillantes!*<sup>365</sup>

Tal como já o evidenciava *La Republica*, após a morte de Antero, a cultura portuguesa continuará a marcar a sua presença na imprensa ibérica, e Antero também terá a sua presença em jornais como *El Liberal*, tinha estado relacionado, como o recorda a publicação após a sua morte. Antero prometera escrever um artigo para este jornal, mas a sua saída degradava-lhe os ânimos e as forças e por isso escrevera uma carta a justificar a sua falta de compromisso e o jornalista, Reis Damaso, aproveita para a publicar como testemunho de que *era un verdadero amigo de España, que tenía noticia de sus hombres más eminentes y de sus periódicos más importantes*.<sup>366</sup> Efectivamente, para glória eterna do militante e do poeta, não podia haver homenagem mais significativa que o reconhecimento do empenho e a luta de uma vida e de uma geração: os resultados aí estavam e Espanha soubera escutar a voz de Antero. A reiterar esta nossa apreciação poderíamos apontar o apontamento que encontraremos nesta mesma publicação, em abril de 93, sobre literatura portuguesa, e onde Antero e a sua geração coimbrã são referidas, com especial atenção à publicação póstuma dos *Raios de Extinta Luz*, por Teófilo Braga:

Hablaré de un modo somero de la obras poéticas más recientes, y que el público lee con fruición.

La primera que hojeo se titula *Reflexos de Estructa Luz*. Aparecieron en el momento en que més llorada era la muerte de su autor, el insigne Anthero de Qental. Son versos de la fase romántica y sentimental del poeta. Teophilo Braga, compañero de Anthero en Coimbra, no quiso que estos primores de la

---

<sup>365</sup> *El Album Ibero Americano*, Año IX (segunda época), Tomo III, N°12, 30/09/91, p. 134-C [vide documento n° 36]

<sup>366</sup> *El Liberal*, Ano XIII, n°4483, Madrid, 28/9/91 [vide documento n° 37]

forma<sup>255</sup> del sentimiento siguiesen olvidados y dispersos por los periódicos literários del país.<sup>367</sup>

Apesar da estranheza que nos causa a tradução do título de *Raios de Extinta Luz* por *Reflexos de Estructa Luz*, o autor do artigo, Reis Damaso, demonstra uma vez mais que conhece o autor e a obra, pois se encarregará de fazer uma perfeita síntese dela.

Como é sabido, o tema da morte de Antero tornou-se depois num motivo de reflexão crítica, em parte devido a Unamuno, e em 93 já o suplemento que viria a reunir muitos dos membros dessa geração de 98, *Los lunes del Imparcial*, publicava *Cuatro Palabras sobre el Suicidio*<sup>368</sup>, onde Antero de Quental é logicamente abordado e, entre outras questões, chama-nos ainda a atenção a alusão feita ao perigo de certas leituras na modelização do perfil psicológico do indivíduo. Estamos em crer que a memória de Antero paira sobre este artigo, assinado por Francisco Balart, quem traduzira já algum soneto do poeta suicida.

Para concluir, após este levantamento que aqui expusémos, cremos que os objectivos por que se bateram os homens da geração de 70, e muito especialmente Antero de Quental, foram alcançados de uma maneira bastante satisfatória. Ao longo desta década, década e meia, o diálogo entre Espanha existiu, os protagonistas desta geração passaram a ser reconhecidos em Espanha pelo seu trabalho e empenho, o debate foi travado e os dois países ibéricos foram-se dando conta desse destino comum que os unia em pró de um caminho de modernidade e de autenticidade identitária, independentemente de opiniões políticas ou ideológicas e, tal como o reclamava a nova

---

<sup>367</sup> *El Liberal*, Madrid, 3//4/1893, p.3B-C [vide documento nº 38]

<sup>368</sup> In *El Imparcial*, Madrid, 27/3/1893, p.3A-B [vide documento nº 39]

concepção da arte anunciada já nas *Odes Modernas*, a poesia, a cultura, a arte, transportam agora a revolução do Futuro, e essa revolução escolheria como espaço predilecto o das publicações periódicas, mais populares e mais familiares a um leitor não necessariamente esclarecido, mas que assim o poderia passar a ser.

## V – A RECEPÇÃO DE ANTERO EM ESPANHA

Sabemos hoje que a presença de Antero em Espanha se inicia ainda antes de 1860, incentivando-se na década de 80, com a publicação de artigos e breves apontamentos bibliográficos em revistas ou jornais, bem como de algumas traduções de artigos seus, o que não nos pode surpreender dadas as relações que Antero mantinha com vários órgãos espanhóis. Mas haverá ainda que salientar a atenção que mereceu por parte de escritores e jornalistas. Após a sua morte Antero continuará a suscitar uma certa curiosidade no panorama espanhol, e bastaria referir as notícias referentes à desapareição do nosso pensador, ou das notícias referentes a homenagens, à publicação do seu *In Memoriam*. Paralelamente, sabemos que foram bastantes os autores e tradutores que se implicaram nesse processo de divulgação da obra de Antero em Espanha, desde os seus tradutores, como Miguel de Unamuno ou Curros Enríquez, que contribuirão bastante para a divulgação do poeta em Espanha<sup>369</sup>, até àqueles que se encarregaram de inserir o seu nome em Antologias, como a de Enrique Díez Canedo<sup>370</sup>, onde aparece traduzido o soneto *Amaritud*. Este trabalho prolonga-se até aos nossos dias com o excelente trabalho de Eduardo Zúñiga, Antonio Llardent<sup>371</sup> ou de Angel Marcos de Dios ou da tradução do

---

<sup>369</sup> A este propósito, José Llardent fez um levantamento exaustivo dos tradutores de Antero em Espanha e em Portugal. Vide: Antero de Quental, *Sonetos* (edición bilingüe) Versión de José Llardent, Calambur, Madrid, 2003.

<sup>370</sup> Referimo-nos a *Pequeña Antología de Poetas Portugueses*, Ed. Excelsior, Paris, pp.13-14. Esta antologia foi recentemente editada, em ed. Fac similada, acompanhada por um estudo intitulado *Enrique Díez-Canedo y la Literatura Portuguesa*, por Antonio Sáez Delgado, e publicada pela Editora Regional de Extremadura, Mérida, 2010.

<sup>371</sup> Não poderíamos deixar de fazer uma breve referência ao excelente trabalho destes autores, *Antero de Quental Poesias y Prosas Selectas* (Ediciones Alfaguara, Madrid, 1986). Trata-se de uma antologia cuidadosamente organizada em que, para além duma edição bilingue dos Sonetos, poderemos encontrar algumas das mais emblemáticas prosas de

maiorquino Josep María Llompart, recentemente reeditado, e que traduz oito dos sonetos.<sup>372</sup>

Com o intuito de compreender melhor as relações que Antero e a sua Geração estabeleceram em torno a Espanha, cabe interpretar essa conexão em torno a dois núcleos geracionais, que nem sempre coincidem no tempo, mas que acabarão por gravitar em torno a um mesmo eixo, e que é o fim de século, com todas as cumplicidades a ele inerentes, e sejam elas éticas ou estéticas. Na realidade, retomando um contacto peninsular que permanecera praticamente inexistente desde o Renascimento até ao Romantismo, vai ser esta geração a que se encarregará de recuperar de uma forma mais assídua e eficaz essa cumplicidade entre as culturas das duas nações. Depois de um período em que as duas literaturas compartiam afinidades e até identidades literárias, lembremo-nos que Gil Vicente era visto como um autor espanhol, a literatura veio responder a esse desprezo mútuo que os dois lados da península foram alimentando. Somente a literatura romântica conseguirá romper essa barreira e Camilo e Catilho serão autores que, não só Unamuno, mas também o leitor espanhol, em geral, vai procurar. A verdade é que, deixando-nos levar pelo contexto unamuniano, interrogamo-nos se essa leitura de Camilo não virá precisamente por aquilo que o professor salmantino dizia a Laranjeira:

*o desespero da alma portuguesa reflecte-se na obra de Camilo, tal como é, como num espelho plano; e reflecte-se na obra de Antero de Antero de Quental, como num espelho convexo, concentradamente.*<sup>373</sup>

---

Antero, sem esquecer as Cartas. Imprescindível será ainda a introdução por Oscar Lopes. Os Sonetos, traduzidos Josep Llardent serão também publicados em Visor,

<sup>372</sup> Torna-se, para nós, imprescindível fazer referência aos seus trabalhos *Epistolário Ibérico de Miguel de Unamuno* ou a *Escritos de Unamuno Sobre Portugal*

<sup>373</sup> Manuel Laranjeira, *Obras de Manuel Laranjeira*, Vol. I, Org., Pref. e Notas introdutórias de J. C. Seabra Pereira, Ed. Asa, Lisboa, 1993, p. 471

Na verdade, Camilo e Antero podem representar essa afinidade que virá a marcar definitivamente as relações ibéricas entre as duas literaturas, enquanto expressividade de uma sensibilidade e de uma estética que, embora similar, e partilhada, irá apresentar uma evolução ao longo do século, permitindo precisamente um diálogo de modernidade que as literaturas europeias não conheciam desde o Renascimento. O desespero que o romantismo de Camilo Castelo Branco expõe, concentrar-se-á depois num dramatismo agónico, vivido desde uma angústia que, embora experienciada desde o próprio sujeito, sistematiza toda uma angústia externa; social, histórica e política, e cujo eco poderia ter chegado ao próprio Munch de *O Grito* (1893).

Embora reconhecendo a necessidade de criar balizas cronológicas, a verdade é que não somos muito adeptos de uma terminologia que se acaba por adaptar a modelos rígidos, e até pejorativos, como segundo ou *terceiro Romantismo*, ou *ultra* e *pós Romantismo*, ou até *pré Romantismo*, como definitório de momentos estéticos ou literários sem uma determinação própria ou definida e que lutam simplesmente por um reconhecimento à sombra de um núcleo central. No entanto, é nossa convicção que esses preconceitos surgem também por uma excessiva, quando não exclusiva, atenção dada ao chamado período central<sup>374</sup>.

O que esta geração vem demonstrar é precisamente a capacidade de adaptação e de evolução face a uma tradição que não desejam esquecer, ou ignorar, mas antes compreender para poder progredir em direcção à modernidade, mais que alimentar-se desse momento central, os homens de 70 irão assimilá-lo para o reinterpretarem sendo

---

<sup>374</sup> E sem dúvida que, também neste caso, os cânones académicos estabelecidos pelos programas escolares desde há décadas têm uma grande responsabilidade.

precisamente essa a mensagem que chegará a uma literatura espanhola que partilhava dessa mesma realidade. Outro dos tópicos em que assentam frequentemente as relações entre estas duas gerações prende-se com o já referido descuido para com o romantismo germânico, bastante mais precoce e genesíaco, em detrimento de uma linha francesa que lhes traz um Baudelaire, ou um Victor Hugo, e serão estas duas gerações que irão ao encontro dessa tradição bastante descuidada, sobretudo porque sobre o primado da sensibilidade, interessava agora o do pensamento e o da ideia, domínio em que a escola germânica adquire um protagonismo indiscutível. Em Espanha sabemos que Unamuno lia Marx ou Kirkeggard em Alemão, enquanto Antero fazia as suas leituras maioritariamente em francês ou em português, e só mais tarde aprendeu a ler em alemão, para além de ter podido ver os seus sonetos traduzidos por W. Storck, o tradutor do próprio Luís de Camões. Era assim, guiados por essa curiosidade, que chegavam às novas teorias, basicamente filosóficas, que marcavam esta nova era, tal como no-lo resume Donald Shaw:

Leían, no por pura curiosidad intelectual, sino con la esperanza de que en alguna parte, igual que Sanz del Río con Krause, tropezarían con un pensador que los colocaria en el camino de las certidumbres.<sup>375</sup>

Tanto dum lado como do outro da fronteira, estas duas gerações vão desenvolver um árduo trabalho de formação, assente na leitura, mas preocupados com outras linhas, não só mais actuais, como mais diversificadas. Sem abandonar as fontes deixadas pelos autores da primeira geração romântica, entrará pelo caminho da filosofia, que permanecera até então subjugado ao poder da subjectividade do Eu, mas que a veia germânica virá agora libertar.

Apesar deste fundo comum, é necessário contemplar que quando os membros da geração de 98 estavam praticamente a nascer, já os de 70

---

<sup>375</sup> Donald Shaw, *La Generacion del 98*, Cátedra, Madrid, 1985.p.29.



tinham iniciado esse caminho de reformulação. Nesse sentido, não podemos estranhar que já em 1869, Don Antonio Romero Ortiz, cite em *La Literatura Portuguesa en el Siglo XIX* um excerto de *Portugal Perante a Revolução de Espanha*, publicadas apenas um ano, em 1868, por um autor *demócrata y republicano*<sup>376</sup>

Estes primeiros laços vão-se tornar mais íntimos a partir do Realismo, por uma sintonia a propósito de uma preocupação social que o romantismo não tinha ainda desenvolvido e que encontrará na imprensa um excelente suporte, seja teórico, como matéria de análise, seja ainda como suporte, seja a partir do folhetim, seja mesmo da colaboração assídua de muitos destes autores em jornais diários. No fundo, fazendo uso de uma série de recursos que possam aproximar a imagem captada da realidade do leitor, o escritor fará com que se crie uma empatia e uma credibilidade (que é mais que verosímil) que despertará uma consciencialização do indivíduo para os problemas que definiam o meio em que se inseria. Nesse sentido, a literatura deixa de ser uma questão simplesmente subjectiva, ao nível da consciência individual, para se tornar numa questão social, colectiva, acompanhando a evolução dos tempos e das novas sensibilidades, porque o Eu agora só pode ser entendido em função da real que o configura, e não ao contrário, porque o meu estado de espírito não se reflecte na realidade que me rodeia, mas sou em quem transporto as emoções que essa realidade me provoca.

Fruto dessa sintonia, em 1883, em resposta a um conjunto de dois artigos que, sob o pseudónimo de Clarín, Leopoldo Alas escreve a propósito da criação da *liga literária hispano-portuguesa*, e Antero expressa ao seu amigo Joaquim de Araújo que acha a ideia *simpática*, manifestando uma vez mais a sua convicção de que o iberismo não se alcançará (como nenhum ideal, acrescentamos nós) *pela simpatia*

---

<sup>376</sup> Romero Ortiz, *La Literatura Portuguesa en el Siglo XIX Estudio Literario*, Madrid, Typ. Gregorio Estrada, Madrid, 1869, p. 425.

*mútua, nem pelo convencimento, mas pela força e necessidade das coisas, ou seja pelo entendimento*<sup>377</sup>. Acrescentará que os portugueses se manterão sempre contrários a essa decisão e que não será a nossa literatura que fará dos espanhóis iberistas, pois já o são há muito. Contudo mostra o seu agrado pelo facto de esta iniciativa contribuir para o país vizinho conhecer melhor a nossa literatura, desterrar velhos preconceitos e *tomarem-nos a sério*. Ainda a propósito desse processo de conhecimento literário ibérico, e nesta mesma carta, comenta a opinião expressa por Leopoldo Alas ‘Clarín’, quem começaria a publicar *La Regenta* justamente no ano seguinte:

Quanto ao lado puramente literário, que é o lado em todo o caso mais pequeno, labora em erro o Alas, no seu artigo, quando prevê uma influência recíproca e mútua penetração das duas literaturas, conseqüente ao conhecerem-se bem. É erro, porque as literaturas influem umas sobre as outras em razão directa das dissemelhanças e não das semelhanças. É a grande lei dos contrastes. - tudo isto digo eu, exprimindo um juízo crítico sobre a ideia, apenas, e não para o dissuadir dela, pois como já disse, acho que ela pode dar um resultado importante, embora não seja esse o que se busca, e se prevê exactamente.

O Alas parece-me um moço simpático; vou mandar-lhe um exemplar dos meus *Sonetos*, como expressão dessa simpatia.<sup>378</sup>

Parece-nos que Antero não poderá ser mais explícito; as relações que se possam estabelecer entre as literaturas ibéricas são desejáveis não em busca de uma consonância homogénea, mas antes como expressão e reforço de uma identidade próprias e genuínas que só podem beneficiar desse encontro. Este tinha sido precisamente o erro em que tinham caído muitos dos românticos ao confundirem influência com mode, o que a nova literatura pretende corrigir. Por isso mesmo, o autor português confia nesse processo de divulgação e de encontro que

---

<sup>377</sup> Antero de Quental, *Obras Completas, Cartas, II 1881-1891*. Org., intr. e notas de Ana Maria Almeida Martins, Ed. Comunicação- Univ. dos Açores, Lisboa-Ponta Delgada 1989, p.674

<sup>378</sup> Idem

se possa estabelecer a partir de movimentos como o desta liga. A avaliar pelo resultado das nossas averiguações junto da imprensa, cremos que Antero não estava nada desencaminhado, e ao mesmo tempo vamos verificando mos como a sintonia realista, assente em muitos pontos de vista comuns, como pode ser o folhetim e a atenção especial dada à matéria da imprensa (tal como o fizera Eça), mas sem abdicar de caminhos e perspectivas distintas, ainda que complementares, se tornará num ponto central para o estabelecimento dessa relação que, como apontava Antero, dava um resultado importante. Como ilustração, bastaria apontar o êxito que tinham em Espanha os romances de Eça de Queiroz. Como prova dessa sintonia, ainda que não coincidência, Antero expressa a sua simpatia pelo autor espanhol, e até lhe irá enviar os seus *Sonetos*, como prova do seu apreço. Esta simpatia tornar-se-á recíproca, pois ao receber o livrinho escreverá para *El Día* sobre os *Sonetos*. Como ele refere, não é a primeira vez que o faz, pois já o citara a propósito do opúsculo de Antero *A poesia na actualidade a propósito da Lira Íntima de Joaquim de Araújo*, considerando o nosso poeta superável apenas por Victor Hugo. Este artigo vamos encontrá-lo em *La Nueva Campaña* publicada em 1887, e onde veremos que é um excelente leitor de Antero, para além de se ter atrevido a traduzir alguns sonetos, e terminando o seu apontamento afirmando que se fosse poeta se atreveria com a sua tradução para castelhano, no entanto, tal como o refere Elena Losada Soler:

Algo contribuyó “Clarín a esa tarea, porque en su reseña se incluyen la traducción completa del soneto “Homo” y una versión de los tercetos de “Espiritualismos II”, que constituyen las primeras traducciones al castellano de los Sonetos de Antero de Quental.<sup>379</sup>

---

<sup>379</sup> Elena Losada Soler, “Antero de Quental a través de Curros Enríquez: análisis de 'Elogio de la Muerte'” in *Actas do VII Congreso Internacional de Estudos Galegos, Mulleres en Galicia. Galicia e ostros pobos da Península*, Barcelona 28 ó 31 de maio de 2003. Ed. de Helena González e M. Xesús

Para além de encontrar o livro um pouco monótono, Clarín acaba por encontrar sonetos *Sobresalientes*, *Buenos y medianos*, categoria em que inclui *Ignotus* e *Nirvana* por ver neles *algo de baladronada* (fanfarronice), mas destacando *aquellos en que el mérito principal consiste en la expresión sencilla, concisa y directa de un sentimiento natural y vivo (...) á la altura del mejor poeta moderno, salvo Victor Hugo*.<sup>380</sup>

Não obstante essa "fanfarronice" de alguns poemas, o jornalista destacará que, apesar do processo formativo do poeta, *el autor de estos "Sonetos" siente y piensa por cuenta propia*.<sup>381</sup>

Ora, parece ficar patente que Clarín tinha conseguido entender perfeitamente o espírito desta geração de 70, que viria abrir o caminho a uma literatura nova e que será precisamente graças a essa autenticidade que a literatura portuguesa começará a despertar interesse em Espanha. Também Juan Valera, em 1887, lerá e comentará Antero e, indo ao encontro de uma *sinceridad misma*<sup>382</sup>, acabará por traçar um perfil da poesia anteriana, quer quanto à ideia, quer quanto à forma:

*En Antero todas las dudas, todas las negaciones, todos los más oscuros problemas metafísicos, bullen en la cabeza de Anthero de Quental revistiendo las formas más elegantes, y tomando*

---

Lama, Sada, Ed. do Castro / Asociación Internacional de Estudios Galegos (AIEG)/ Fil. Gallega (Univ. de Barcelona), 2007, P.574.

<sup>380</sup> Leopoldo Alas 'Clarín', *La Nueva Campaña (1885-1886)*, Librería de Fernando Fé, Madrid, 1887, p.335

<sup>381</sup> Idem, p. 333.

<sup>382</sup> Valera, *Apuntes sobre el Nuevo Arte de Escribir Novelas*, Imprenta y fund. de M. Tello, Madrid, 1887, p. 202

*cuerpo y vida en animadas imágenes, se muestran en extensa y rica série de composiciones poéticas, sonetos las más*<sup>383</sup>.

Ora, pelo que depreendemos das últimas palavras desta citação, Valera não conhecia apenas os *Sonetos*, mas muito possivelmente também as *Odes Modernas*, o que lhe outorga uma maior credibilidade perante o leitor espanhol relativamente ao juízo crítico que faz do nosso atormentado poeta, o qual sabe escolher as formas mais elegantes para se expressar.

Em 1889, Rafael de Labra, depois de ter viajado pelo país, onde teve a oportunidade de conhecer directamente aquilo que chegava a Espanha pela imprensa, deu uma série de conferências no *Fomento de las Artes*, em Madrid, as quais foram depois compiladas em *Portugal Contemporáneo* preservando inclusivé o relato dos *Prolongados aplausos* dispensados às suas palestras, tal como o noticiava a imprensa da época.<sup>384</sup>

Revelando um excelente conhecimento da nossa literatura e da nossa história, na última conferência, dedicada à *literatura portuguesa contemporânea*, referir-se-á a Antero e, durante cerca de sete páginas, elaborará um perfil bio-bibliográfico muito bem traçado, podendo considerar-se como o primeiro feito em Espanha nestas dimensões e detalhes críticos:

Porque el hombre de quien hablo en este momento no es solo un talento robusto, una inteligencia extraordinariamente cultivada, un serio aficionado á los estudios filosóficos y á la literatura extranjera, sí que un estilista de primera fuerza, un poeta sustancioso é inspiradísimo, un folletista vigoroso, un orador tan fácil como apasionado, un político resuelto, y una actividad, una iniciativa y una perseverancia verdaderamente

---

<sup>383</sup> Idem, p.251

<sup>384</sup> Conforme podemos ler nas edições de LA República que davam cobertura estes eventos: [vide documentos nº40 e 10.1]

escepcionales y que sólo han podido quebrantar la amenazadora enfermedad que le atajó el camino en estos últimos tiempos y de que felizmente va triunfando, para alegría de sus amigos y ventaja indudable de su patria.<sup>385</sup>

Ao referir-se às *Odes Modernas*, evidenciará estar em perfeita sintonia com o espírito de modernidade do seu autor e, ao referir-se à nota que acompanhava a primeira edição, considera-a de *grande audacia* e que que não entende *por qué ha desaparecido de las ediciones posteriores*<sup>386</sup>. Essa sintonia será o que o leve a manifestar ainda que:

Los españoles particularmente debemos una especial consideración á Anthero de Quental, porque después de nuestra Revolución de 1868, de su fecunda pluma salieron obras llenas de simpatía para España, como las tituladas *Portugal perante a Revolução de Hespanha* y *Causas da decadencia dos povos peninsulares*.<sup>387</sup>

Este reconhecimento literário, mas também político e social, parece ter existido, segundo José Antonio Llardent, o tradutor moderno de Antero:

Quental tal vez haya sido el poeta del siglo XIX portugués con mayor prestigio en España en un período bien delimitado: el que media entre la recepción de los autores de la generación de 70 (...) y el comienzo del reinado de Fernando Pessoa, alrededor de 1980.<sup>388</sup>

---

<sup>385</sup> Rafael de Labra, *Portugal Contemporáneo*, Tip. Minuesa, Madrid, 1889, pp.219-220

<sup>386</sup> Idem, p.221.

<sup>387</sup> Id.,p.225,

<sup>388</sup> Antero de Quental, *Poesias y Prosas Selectas*, Trad. y notas de Juan Antonio Zuñiga et José Antonio Llardent, Ed. Alfaguara, Madrid, 1986, p. 209.

Em consonância com o que defende Elena Losada<sup>389</sup>, cremos que atribuir a Antero o maior protagonismo possa ser uma gentileza de Llardent, pois o poeta desta geração mais popular em Espanha seria Guerra Junqueiro. Esta observação viria, aliás, de encontro à observação feita pelo tradutor quando afirma que o prestígio anterioriano estaria limitado a um meio cultural e, em determinados momentos, político. Contudo, à parte desse grau de protagonismo, em meu entender, talvez o autor espanhol não ande muito desencaminhado, já que o protagonismo anterioriano não deve ser visto apenas em termos editoriais, mas antes pela projecção de uma figura de pensamento comprometida com a realidade em que vivia. Daí, e sobretudo pelas balizas temporais apresentadas, talvez Antero tenha sabido manter um protagonismo mais constante que Junqueiro, embora, na verdade, não seja isso que está em causa, mas antes a eficácia de um trabalho geracional que soube estabelecer as bases para uma relação efectiva entre as culturas ibéricas.

Efectivamente, em finais da década de 80, Antero era já conhecido em Espanha e, como vimos pela correspondência de Baldomero Escobar a Luís de Magalhães, a pedido deste, o tradutor espanhol enviara-lhe já em novembro de 1889 as traduções que Curros fizera de Antero, de *esos sonetos a la muerte*, a que uniu duas traduções suas. Quando em abril de 1889 Antero conta a Tommazo Cannizaro<sup>390</sup> os detalhes da 2ª edição dos *Sonetos*, que incluirão já as traduções, ainda não refere Baldomero, por não saber que este as iria traduzir, mas sim que alude a Curros. Surpreendentemente, mantém essa ausência na carta que

---

<sup>389</sup> Elena Losada Soler, “Antero de Quental a través de Curros Enríquez: análisis de 'Elogio de la Muerte'” in Actas do VII Congreso Internacional de Estudos Galegos, Mulleres en Galicia. Galicia e outros pobos da Península, Barcelona 28 ó 31 de maio de 2003. Ed. de Helena González e M. Xesús Lama, Sada, Ed. do Castro / Asociación Internacional de Estudios Galegos (AIEG)/ Fil. Gallega (Univ. de Barcelona), 2007, P.572

<sup>390</sup> Antero de Quental, *Cartas, II 1881-1891*. Org., intr. e notas de Ana Maria Almeida Martins, Ed. Comunicação- Univ. dos Açores, Lisboa-Ponta Delgada 1989, p.936.

envia a Joaquim de Araújo, com data de 27 de Novembro<sup>391</sup>, mas em que alude à tradução de Curros feita *da maneira a mais magistral*.

Em Abril de 91, afectado por um desânimo praticamente derradeiro, Antero escrevia ao poeta sueco Göran Björkman, a propósito do envio que lhe fez do seu *Tesouro Poético da Infância*, e dizia-lhe que *à Lisbonne on est très peu au courant e ce qui se passe à Madrid*.<sup>392</sup> Ora, neste caso, e em vista do que podemos ver pela imprensa da época, Espanha dava muito mais importância a Portugal e, à raiz dos acontecimentos, mas sobretudo do envolvimento do poeta na Liga Patriótica do Norte, o nome de Antero vai figurar em praticamente todos os jornais e revistas, levando a que apareçam alguns poemas ou resenhas. Após a sua morte, essa repercussão amplia-se e encontramos publicações de sonetos de Antero. Para além das já referenciadas, encontramos uma tradução de Federico Balart<sup>393</sup> do soneto *À Virgem Maria*, inserido num ciclo de *Joyas Literarias Religiosas*<sup>394</sup>, a propósito da Semana Santa que então se iniciava. Curiosamente, esta mesma tradução tinha já sido publicada no ano anterior, a propósito também da semana santa, em *La Ilustración Española y Americana*, e anunciada como uma tradução inédita *de nuestro insigne Balart* e, sem querer entrar nos restantes sonetos de Antero, socorrendo-se do testemunho de Oliveira Martins, define este como dotado de *tanta poesia, y es esta tan ingénua, tan verdadera, tan llena de piedad y unción*<sup>395</sup> que até merece que se faça o exercício de comparar quatro versos em português com a tradução

---

<sup>391</sup> Antero de Quental, *Cartas, II 1881-1891*. Org., intr. e notas de Ana Maria Almeida Martins, Ed. Comunicação- Univ. dos Açores, Lisboa-Ponta Delgada 1989, p.968.

<sup>392</sup> Idem, 1041.

<sup>393</sup> Federico Balart (1831-1905) foi um jornalista espanhol e crítico.

<sup>394</sup> In *La Gran Via*, Nº 38, Madrid, 18 /3/ 1894, p. 7-8. [vide documentos nº 41 e 41.1]

<sup>395</sup> In *La Ilustración Española y Americana*, Madrid, Nº XII, 30/3/1893, p. 206-7 [vide documentos nº 42 e 42.1 ]



A presença de Antero em Espanha receberá um grande impulso a partir do momento em que Unamuno se implica, não só na sua divulgação, mas sobretudo em conhecer e interpretar o homem que está por trás dos versos que tanto o impactaram. A leitura da sua correspondência, assim como dos vários textos que dedicava ao nosso país, permitem-nos descobrir esse fascínio que sentia pela nossa cultura e em que Antero de Quental acaparava um interessante primeiro plano.

## VI-UM DIÁLOGO GERACIONAL

Toda a divulgação anteriormente referida fará com que a geração de 98 encontre em Antero, mais que um poeta, sobretudo um pensador e um homem empenhado e comprometido com a realidade social que vivia, e sobretudo um "sentidor", como o definiu Unamuno. Esta afinidade, que não propriamente coincidência, geracional irá revestir-se de uma importância particular quer no plano formal, quer no plano ideológico. Insiste-se nesse encontro histórico provocado pelos dois momentos que abalaram fortemente as colunas em que assentava o nosso poder colonial, como foi o Ultimatum imposto a Portugal por parte de Inglaterra, em 1890, e a perda das colónias americanas, por parte de Espanha, em 1898. Fidelino de Figueiredo une o destino destas duas gerações a partir precisamente de um caminho de modernidade percorrido em conjunto:

Depois da campanha da europeização vem o pessimismo, filho da europeização, como mãe criadora, e do sofrimento como pai fecundador. Mas que sofrimento? O da humilhação de 1898, a derrota infligida pelos Estados Unidos, a perda das colónias, o ludíbrio das nações.<sup>396</sup>

Foi esse caminho de europeização e de modernidade que terá criado uma sintonia estética entre estas duas gerações, sem dúvida, mas que obedecia a um princípio antes ético e que passava pela reconstrução e afirmação de uma identidade própria e genuína perante os outros, o chamado *Quid nacional* que os primeiros românticos tinham tentado descobrir e valorizar, mas sempre dentro de uma individualidade, ou seja, sem procurar essa abertura à europeização. A derrocada, o

---

<sup>396</sup> Fidelino de Figueiredo, *As Duas Espanhas*, Guimarães Ed., Lisboa, 1959, p.189.

desengano ou o pessimismo viria com esse ultraje a que éramos submetidos sob o olhar, muitos vezes silencioso, dessa Europa perante quem nos queríamos fazer reconhecer. Ainda que a perda das colónias em 98 seja o ponto culminante (e até fulminante) da política colonial espanhola, a verdade é que vimos já que ao longo das últimas décadas que esse desastre vinha sendo anunciado. A partir do momento em que Inglaterra ataca o desenho do nosso mapa cor-de-rosa, e inicia um processo de assédio às nossas colónias em África, que era praticamente o nosso último bastião, após a independência do Brasil<sup>397</sup>, Espanha solidariza-se com o país vizinho e reconhece nessa situação o mesmo assédio que esta lhe marcava a propósito de Gibraltar e Baldomero Escobar estabelece uma conexão entre o ataque a Portugal com o feito pela aliança anglo-germânica, em 1875, a propósito das ilhas Carolinas, no Pacífico.

Esta situação levará a procurar na literatura, e na cultura, um caminho de viabilização de uma proposta ética, a partir da estética. Antero fizera-o a partir de um percurso em que a arte marcava a revolução dos novos tempos e Unamuno, embora não tivesse podido conhecer pessoalmente Antero, tê-lo-á escutado e interrogado como poucos o fizeram a partir, sobretudo, da sua poesia. Reconhecerá imediatamente no poeta a afirmação de uma individualidade marcada, não como

---

<sup>397</sup> Posto que as colónias orientais já não tinham o atractivo de outros tempos, situação que se prolongaria até ao século XX e cujo exemplo mais dramático será Timor que, após a conclusão do processo de descolonização que se deu com a destituição do regime ditatorial, em 1974, permaneceria praticamente esquecida pelo governo português. Indonésia, aproveitando-se dessa negligência, anexa o território e inicia um processo de conquista religiosa e cultural que encontrou uma forte resistência por parte do Povo Timorense. Graças à reacção popular, e em concreto de um fotógrafo americano, o mundo ficou a conhecer os massacres de que esse povo era vítima, simplesmente por serem cristãos e falarem Tetum ou Português. A força mediática levou à atribuição do Nobel da Paz a D. Ximenez Belo e a Ramos Orta, em 96, e à intervenção da ONU e Timor conseguiria a independência em 1999, através de um referendo exemplar.

líder, mas antes como aquele que sente o dever de guiar a sociedade e alguém a quem também Portugal dói, em diálogo com o seu *España me duele*. Essa individualidade é alcançada, em ambos os acasos, graças à assimilação da tradição, em busca do *Quid* nacional, sendo no passado que vão encontrar a lição do presente. No que diz respeito a Antero, cremos ter posto em evidência todo o trabalho realizado por ele, todo o esforço desenvolvido, numa tentativa de equacionar as verdadeiras causas da decadência ao longo das suas crônicas, conferências, poesia, mas também numa obra como *Tesouro Poético da Minha Infância*, um *volumezinho* por vezes esquecido e que Antero dedica em especial às mães. Nele recolhe a *sua* tradição da poesia popular em língua portuguesa (incluindo o Brasil), num gesto de *pequeno serviço prestado à causa da educação* porque, como vimos, a mãe, a mulher, desempenha uma missão especial na sociedade pelo seu papel de educadora do futuro.<sup>398</sup> Justo será também evidenciar que o mesmo trabalho foi feito, ainda que sob outros moldes, por Eça de Queiroz e Oliveira Martins, como não podia deixar de ser, sendo também um dos pontos básicos para entender a Geração de 98. Apesar da diversidade de pontos de vista, a verdade é que esta geração terá como traço de união esse trabalho de desbravagem do subsolo em que se foi enraizando uma identidade necessária para continuar a crescer, ainda que isso os possa levar a uma série de contradições e de mal entendidos.

Por outro lado, um dos grandes pontos de contacto entre estas duas gerações radica precisamente no seu processo formativo, vendo a sua pátria ameaçada pelo jugo da prepotência, fosse esta interna ou externa, ambas desejavam conhecer para poder entender e explicar a realidade. Estas gerações lêem, aprendem e levam a cabo um profundo trabalho de reflexão com vista a essa transformação que a literatura nova necessita, em função das novas realidades, tornando-se num

---

<sup>398</sup> Antero de Quental, *Tesouro Poético da Minha Infância*, Couto Martins, Lisboa, 1943, p.11.

erudito cosmopolita, que conhece, entende e interpreta o mundo em todas as suas dimensões, e já não só em função de uma realidade individual ou regional mas, muito importante, sem desprezar ou desvalorizar a importância de uma tradição que lhe permitirá reformular e renovar a nova literatura. Mas até que ponto poderemos acalantar a agradável ideia de que, directa ou indirectamente.

A nível da linguagem poética, verificamos que estas gerações libertarão a linguagem de modo a preparar o caminho para a posterior automatização da palavra que reclama o poder da analogia, frequentemente assistida pela ironia, e a frase ganha agora um valor e uma liberdade que não conhecera até então, mesmo que condicionada a uma forma como um soneto, ou uma ode, estruturas aparentemente rígidas, e aparentemente, pois graças ao poder da analogia e do ritmo, essa forma acaba por estar também ao serviço de uma dialéctica própria que, assente na experiência e no conhecimento, desencadeará uma engrenagem de representação da realidade, mas provocará também novas sensações que nos obrigarão, a nós leitores, a assumir uma nova atitude perante a realidade a partir de enumerações ou até de substituições vocabulares, que conduzem a gradações, como poderemos nestes dois exemplos da poesia de Antero de Quental, entre tantos outros possíveis:

Não é no **vasto** mundo - por **imenso**  
Que ele pareça à nossa mocidade -  
Que a alma sacia o seu desejo intenso...

Na esfera **do invisível, do intangível,**  
Sobre **desertos, vácuo, soledade,**  
Voa e paira o espírito impassível!<sup>399</sup>

---

<sup>399</sup> In Antero de Quental, *Poesia Completa 1842-1891*, Org. e Pref. De Fernando Pinto do Amaral, Dom Quixote, Lisboa, 2001, p.297.

Um trabalho que assenta ainda em associações copulativas, como vemos na última estrofe acima referida, ou disjuntivas, como as que apontamos a seguir:

Fui rocha em tempo, e fui no mundo antigo  
tronco **ou** ramo na incógnita floresta...  
Onda, espumei, quebrando-me na aresta  
Do granito, antiquíssimo inimigo...

Rugi, fera **talvez**, buscando abrigo  
Na caverna que ensombra urze e giesta;  
**Ou**, monstro primitivo, ergui a testa  
No limoso paúl, glauco pascigo...<sup>400</sup>

A par destes breves exemplos, não podemos ainda deixar de atender a como essa formalidade imposta por uma estrutura clássica, como o soneto, adquire um forte dinamismo também graças à pontuação, tal como já Garrett no-lo tinha ensinado. No fundo, este trabalho com a linguagem, vem amplificar esse trabalho de consciencialização a que o realismo nos impelia ao pôr-nos diante o objecto, a realidade retratada ou caricaturada, para que a interpretássemos. Se esse trabalho falhara, fora precisamente por uma falta de perspectiva do leitor, ao não haver essa empatia e implicação necessárias por parte do leitor. No entanto, uma vez mais há que insistir que, grande parte da culpa desse falhanço se prende com a falta de um processo formativo adequado por parte do leitor e a esse respeito, no caso de Portugal, muito podemos aprender, não só com Antero, mas também com Eça de Queiroz, obviamente, preocupado com que a sua nova literatura cumprisse a sua função, não só literária, mas sobretudo social. No entanto, o que verificamos, tanto em Portugal como em Espanha, é a mesma falta de didáctica, ou de programação, relativamente a como levar a cabo esse processo e de como o implantar socialmente. Tal como já o manifestara Antero a propósito da sua formação filosófica, tanto os homens de 70, como os

---

<sup>400</sup> Idem, pp.297-298.

de 98, eram literatos, sabiam idiomas, conheciam mundo, mas como podiam chegar a uma sociedade que necessitava de entender aquilo que eles lhes diziam? No caso da geração de 70, sobretudo de Antero e Eça, a inquietação projecta-se sobretudo na mulher, que lê muito, mas não *o que*, nem *como* devia ler.

Neste sentido, é muito importante a importância que ambas as gerações vão dar à heterogeneidade de estilos, em vez de optarem apenas por um único género, como, em certa medida, as histórias da literatura os pretenderam *definir*. Ainda que a autonomização total da palavra, assistida por essa flexibilidade formal, só venha a suceder com as vanguardas, não ignoraremos que esse caminho começou a ser preparado graças à modernidade que estas gerações anunciavam.

Verificada esta consonância geracional, ainda que não exactamente epocal, tentemos aproximar-nos um pouco mais de essas vozes que, em torno à geração de 98, possam ir de encontro a esse diálogo ibérico que a geração de 70 tentou estabelecer.

Sempre que em algum momento se tenta estabelecer um paralelo entre as duas Gerações, torna-se inevitável aludir ao fascínio que Portugal exercia sobre Unamuno, bem como o facto de este se ter tornado num excelente embaixador da cultura portuguesa em Espanha. Não poderemos ignorar a quantidade de artigos e apontamentos que dedicou a Portugal, sem esquecer, inevitavelmente, *Por Tierras de Portugal Y de España*. Este interesse terá progredido graças, sem dúvida, ao contacto directo que este mantinha com escritores Portugueses que lhe alimentavam o seu afã por conhecer Portugal, a nossa cultura e, obviamente, as nossas letras. Da recolha da sua vasta e importante correspondência, captamos esse interesse especial que Unamuno nutria pela figura de Antero de Quental, daí que seja o autor desta geração que mais interesse e conhecimento revelou acerca do nosso autor, pois, além de muitas outras manifestações de interesse,

mereceu de Unamuno uma tradução *a la letra y no en verso* dos dois sonetos que compõem *Redenção*, bem como uma *laude* em memória do poeta insular, permitindo-nos vislumbrar o modo como Unamuno via e entendia o nosso poeta.

#### ANTERO DE QUENTAL

Marc., XIV-34

Antero, Antero isloteño,  
Nido de brumas, Azores,  
Donde las algas dan flores  
Y a la mar engendra en sueño;

Profeta tú congojoso  
De la Atlántida perdida,  
Viejo mundo, nueva vida  
De inacabable reposo

De Dios en la mano diestra  
- La aboriginalidad -:  
Tú que viste la verdad  
La sola real, la nuestra,

La verdad que hace a la suerte;  
Antero, tu alma está triste  
Desde el umbral de la muerte.<sup>401</sup>

Um dos autores com quem manteve uma relação mais regular foi precisamente Teixeira de Pascoaes, a este lhe pedia frequentemente notícias da nossa cultura literária e a ele lhe pergunta se *Quental, el maravilloso Quental habló alguna vez de la Patria?* Uma interrogação que nos pode ajudar a deduzir sobre quais os motivos que levaram Unamuno a interessar-se pelo autor das *Causas da Decadência*. Entrevemos então que, depois de ter lido a sua poesia, D. Miguel verifica que o seu espírito inquieto, que ansiava pela mesma síntese

---

<sup>401</sup> Apud Angel Marcos de Dios, *Escritos de Unamuno Sobre Portugal*, Fundação. Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português., Paris, 1985, p.91



que Antero tanto buscara mas que nunca conseguira alcançar, encontrara um ponto de identificação com o autor dos *Sonetos* e, logo, se lhe ocorre a dúvida de se o poeta português também sentira alguma vez o dever de se comprometer com a sua terra; o que Unamuno mais desejaria saber era que Antero se *tinha sacrificado no altar da Pátria*. Tal como já vimos, será Manuel Laranjeira, uma alma gêmea de Antero, um espírito igualmente atormentado quem lhe responderá a estas e outras questões. Graças a este processo formativo, Unamuno conseguirá formular um parecer único sobre a personalidade do nosso pensador, a quem considera um pessimista profundo, *um profeta terrível, representante de todo um povo*<sup>402</sup>.

Cremos, neste momento, não exagerar quando pretendemos demonstrar que o interesse de Unamuno por Antero não foi nunca desinteressado, mas antes todo o contrário, era consciente de que muita coisa os unia, e para percorrer o caminho que o levaria ao conhecimento dessa personalidade recorre às suas amizades e, logicamente, à obra do próprio Antero que possuirá e lerá com o maior interesse, pois o interesse em partilhar da sua experiência vivida e sentida era para ele tão importante, como a leitura dos grandes filósofos europeus: *enveneno-me, quer dizer, leio Obermann, Vigny, Amiel, Quental, Kierkegaard, Thimson... todos os que passaram com consciência do destino*.<sup>403</sup>

Como autor de uma geração que lutava contra a injustiça e a falta de liberdade, também Unamuno se debaterá pela questão da identidade humana e desta preocupação sairão obras como *Paz en la Guerra*, *La Agonía del Cristianismo* o *El Sentimiento Tragico de la Vida*, obras que Antero não chegou a ler mas que, de certeza, chegara alguma vez

---

<sup>402</sup> Manuel Laranjeira, *Cartas de Manuel Laranjeira*, Pref. De Miguel de Unamuno, Relógio d'Água, Lisboa, 1990, p.146

<sup>403</sup> *apud* Julio Garcia Morejón, *Unamuno y Portugal*, 2ª ed. Corregida y aumentada, Ed. Gredos, Madrid, 197, p.205.

a sentir, pois era muito o que os unia. Essa união advém, antes de mais, desse processo formativo comum que moldara as gerações a que cada um deles pertencia. Na Obra de Unamuno encontramos precisamente esse *hombre de carne y hueso* que se debate agonicamente, e não no sentido de morte, mas antes de uma vida de luta e de combate com o pensamento e a ideia; uma luta que trava uma das suas batalhas no plano da fé, neste caso do cristianismo. Antero e Unamuno partilham essa mesma agonia que advém de uma formação religiosa católica com fortes pilares mas que, face aos novos tempos, começam a apresentar sérias fissuras. No caso de Unamuno, esse arraigo manter-se-á com maior firmeza que em Antero, em parte por não acreditar na ciência como solução para os problemas da realidade, enquanto Antero, procurando constantemente modelos que preencham esse vazio deixado pela religião, encontrará na ciência, e sobretudo na filosofia, um caminho para esse problema. No fundo, ambos sentem essa necessidade de Crer, de alimentar uma Fé que permita ao homem e o seu drama advém do facto de ainda não serem capazes de assumir uma atitude plenamente panteísta, tal como o fará posteriormente Pessoa, e sobretudo por não serem capazes ainda de matar o cristianismo tal como o fará Nietzsche em *Anticristo*, que Antero não podia ainda conhecer, mas que, tal como no-lo explica Gonzalo Sobejano<sup>404</sup>, a influência do filósofo alemão em Espanha, onde terá entrado através da Barcelona modernista, apesar de ter encontrado eco na crise experimentada pela geração de 98, acabou por chamar a atenção sobretudo como provocação, enquanto necessidade de provocar uma revolução que alterasse os valores tradicionais, mas não tanto como influência ideológica. Unamuno acabará por sistematizar perfeitamente esta ideia ao afirmar que o filósofo alemão *ha*

---

<sup>404</sup>In Gonzalo Sobejano, *Nietzsche en España, 1890-1970*, Editorial Gredos, Madrid.

*contribuido a que se crean genios de pocos majaderos y que se afiguren tener almas de leones, por haber aprendido sus aforismos:*<sup>405</sup>

Antero, através da filosofia chegará ao Budismo, mas nessa busca que o leve a conhecer o Bem, esse ideal de perfeição, não conseguirá encontrar o Nirvana que lhe traga a Paz definitiva. Unamuno acabará por assumir essa agonia e que enquanto *Hombre de carne y hueso*, terá que se concretizar através dessa luta constante entre o Ser e o Não - Ser, não tão empenhado em atingir essa síntese hegeliana que Antero perseguia, mas antes em não se deixar vencer por esse combate, por isso é consciente que só lutando e produzindo integra essa Intra-história, e perdurar como exemplo e memória de futuro. Essa consciência tem logicamente uma raiz cristã, nesse Deus vivo, onnipresente, mas um Deus-Homem com as suas dúvidas constantes, e cuja melhor representação podemos ver em *San Manuel*, o *Bom Mártir*, porque prefere viver ele o *sentimento trágico da vida*, mas preservar a inocência e a ingenuidade, e com tal a felicidade, dos seus fiéis, ainda que tal incremente a sua agonia porque “La mia [religión] es consolarme en consolar los demás, aunque el consuelo que les doy no sea el mio”<sup>406</sup> e assim entrará na *Intrahistória*, nesse lago onde se escuta “*el rumor incesante de las aguas, a las que no se alcanza a ver con los ojos*, mas onde repousam *las almas de nuestros abuelos, las de esta nuestra Valverde de Lucerna*”<sup>407</sup>

Antero não será capaz de encontrar essa solução, e por isso a sua angústia adensa-se. A propósito, lemos no prólogo à segunda edição dos *Sonetos*, por Oliveira Martins, o seguinte:

---

<sup>405</sup> Miguel de Unamuno in “*Contra esto y aquello*” apud. Gonzalo Sobejano, *Nietzsche en España, 1890-1970*, Editorial Gredos, Madrid, p.133.

<sup>406</sup> Miguel de Unamuno, *San Manuel Bueno Mártir*, Ed. Catedra, Madrid, 1996, p.123.

<sup>407</sup> Idem, p. 120

Que nome se há-de dar ao sentimento que inspira os sonetos à Virgem Santíssima e o Na Mão de Deus que fecha o volume? Eu, por mim, chamarei humorismo transcendente a essa liga íntima da piedade e da ironia, e declaro que nunca vi coisa parecida posta em verso. (...) A visão é a Virgem Santíssima, e a poesia é tão sincera, tão verdadeira, tão cheia de piedade e unção, que eu sei de mais de um livro de rezas onde andam cópias escritas.<sup>408</sup>

Efectivamente, apontávamos antes como uma revista de Madrid citava o referido poema a propósito da Semana Santa. No entanto, e reconhecendo que seria uma verdadeira blasfémia duvidar da opinião de quem conheceu e conviveu tanto com o poeta açoriano, a verdade é que nos custa entender aquilo que ele designa como *humorismo transcendente* ou *liga íntima da piedade e da ironia*, já que cremos simplesmente que, uma vez mais graças ao poder da analogia, o que Antero procura são modelos de substituição que o ajudem a resolver a sua agonia, vejamos através dos seus versos:

#### À VIRGEM SANTÍSSIMA

*Cheia de Graça, Mãe de Misericórdia.*

V.

Num sonho todo feito de incerteza,  
De nocturna e indizível ansiedade,  
É que eu vi teu olhar de piedade  
E (mais que piedade) de tristeza...

Não era o vulgar brilho da beleza,  
Nem o ardor banal da mocidade...  
Era outra luz, era outra suavidade,  
Que até nem sei se as há na natureza...

Um místico sofrer... uma ventura  
Feita só do perdão, só ternura  
E da paz da nossa hora derradeira...

Ó visão, visão triste e piedosa!  
Fita-me assim calada, assim chorosa.

Mas a Ideia quem é? quem foi que a viu,  
Jamais, a essa encoberta peregrina?  
Quem lhe beijou a sua mão divina?  
Com seu olhar de amor quem se vestiu?

Pálida imagem, que a água de algum rio,  
Reflectindo, levou... incerta e fina  
Luz, que mal bruxuleia pequenina...  
Nuvem, que trouxe o ar, e o ar sumiu...

Estendei, estendei-lhe os vossos braços,  
Magros da febre dum sonhar profundo,  
Vós todos que a seguís nesses espaços!

E entanto, oh alma triste, alma chorosa,  
Tu não tens outra amante em todo o mundo  
Mais que essa fria virgem desdenhosa!<sup>410</sup>

<sup>408</sup> Antero de Quental, *Poesia Completa 1842-1891*, Org. e Pref. De Fernando Pinto do Amaral, Dom Quixote, Lisboa, 2001, p.210

E deixa-me sonhar a vida inteira!<sup>409</sup>

Seguindo a datação proposta pelo próprio Oliveira Martins, e a que Antero terá dado como correcta, o primeiro poema é da década de 64-74, enquanto o segundo pertence à de 74-84. Ao longo desse período de tempo, a crise religiosa poderá ter-se adensado, no entanto, parece-nos entrever que essa Virgem Maria, essa protecção invocada, mais que ironia, alberga uma necessidade e um valor que ele tentará substituir precisamente pela Ideia, sobre a qual se interroga no segundo soneto e, depois de um acentuado diálogo interior, marcado pela impetuosidade da pontuação, o único conforto da alma triste parece ser essa fria virgem, que nunca ninguém viu, nem a quem nunca ninguém beijou a mão divina, numa atitude de desespero, à beira de um niilismo de Kirkegaard, e não de Nietzsche, na medida em que a angústia existencial vem precisamente dessa luta acérrima travada entre o arraigo católico e a necessidade de uma liberdade individual. Em 1910, Unamuno, escreverá o soneto *A Nietzsche* onde retrata bem essa agonia existencial, provocada pelo vazio que se instala, agora sim, pelo niilismo nietzschiano, igualmente incapaz de proporcionar uma resposta ao enigma da vida:

Al no poder ser Cristo maldijiste  
de Cristo el sobrehombre en arquetipo,  
hambre de eternidad fue todo el hipo  
de tu pobre alma hasta la muerte triste.

A tu aquejado corazón le diste  
La vuelta aterna, así queriendo el cipo  
De ultratumba romper, oh nuevo Edipo,  
Víctima de la Esfinge a que creiste

---

<sup>409</sup> Idem, p.286

<sup>410</sup> Id., p.262

vencer. Sintiéndote por dentro esclavo  
Dominación cantaste y fue lamento  
Lo que la risa sonó de león bravo;

Luchaste con el hado en turbulento  
Querer vivir para morir al cabo  
Libre de la razón nuestro tormento.<sup>411</sup>

Será a partir dessa luta que Unamuno compreenderá Antero e por isso traduzirá precisamente o segundo soneto a que alude Oliveira Martins:

Na Mão de Deus

Na mão de Deus, na sua mão direita,  
Descansou afinal meu coração.  
Do palácio encantado da Ilusão  
Desci a passo e passo a escada estreita.

Como as flores mortais, com que se enfeita  
A ignorância infantil, despojo vão,  
Depois do Ideal e da Paixão  
A forma transitória e imperfeita.

Como criança, em lóbrega jornada,  
Que a mãe leva ao colo agasalhada  
E atravessa, sorrindo vagamente,

Selvas, mares, areias do deserto...  
Dorme o teu sono, coração liberto,  
Dorme na mão de Deus eternamente!<sup>412</sup>

Este soneto é já do cico de 80-84 e nele continuamos a não ver ironia, mas antes a presença de um Deus, de um ideal ou de uma razão, como lhe chama Unamuno, e cujo coração procurou conhecer desde distintas perspectivas ao longo da vida, e que parece encontrar na liberdade o descanso eterno. No entanto, Unamuno terá entendido

---

<sup>411</sup> Miguel de Unamuno, *Obras Selectas*, Col. Austral Summa, Espasa Calpe, Madrid, 1998, p.921.

<sup>412</sup> Idem, p.313

perfeitamente esse caminho em que a forma se revela como *transitória e imperfeita*. É através desse *homem de carne e osso*, com as suas agonias e tragédias que o professor salmantino descobrirá também o homem que sofria pela pátria e que, à custa das mesmas dúvidas enganos, acreditou em soluções que permitissem levar Portugal para um caminho de modernidade e de progresso. Por isso, quando Unamuno afirma que *España nos duele*, chamando a atenção para o facto de a decadência nacional se centrar no espírito de todo aquele que sente a sua pátria e que, logo, se sinta chamado para a revolução. Não podemos evitar que ecoe o verso do autor de *Raios de Extinta Luz*, escrito em 63; *Sim, ver-te, Portugal! Eu choro ao verte!...*<sup>413</sup>. Parece que encontrámos dois interlocutores perfeitos para que se estabeleça definitivamente esse diálogo, não só partilham das mesmas inquietações como dominam o mesmo registo; o campo analógico é o mesmo porque as experiências vividas assim o decidem, daí que não devemos pensar nunca em plágios ou inspirações, mas antes em vivências de realidades tão semelhantes como estes dois versos. A *coita amorosa* do desmedido lirismo romântico cede agora lugar ao sofrimento pátrio, mas com a grande diferença de que estes amantes não se deixarão abater facilmente pela melancolia do *mal de amor*, lutando até ao fim pela defesa das suas *paixões*, e assim Arte e Vida se visionarão num mesmo enunciado.

Tal como Unamuno também Ganivet sofrerá da mesma patologia, e ambos partilham da convicção de que o problema de Espanha não se extingue no presente; não se pode equacionar toda uma série de problemas sob um único e exclusivo problema como a guerra de Cuba, e o escritor balbaíno chegará a escrever nos seus ensaios:

Los caracteres que en otra época pudieron darnos primacia nos tienen decaídos. La Inquisición fue un instrumento de

---

<sup>413</sup> Antero de Quental, “Decomposição” in *Raios de Extinta Luz*, Lello & Irmão, Porto, 1985, p. 97.

aislamiento, de proteccionismo casticista, de excluyente individualización de la casta. Impidió que brotara aquí la riquísima floración de los países reformados<sup>414</sup>.

Algo bastante semelhante fora igualmente defendido algum tempo antes por Antero daí que nos pareça que os homens de 98 sintonizam com os de 70 sempre que pretendem repensar a história para entender e resolver os problemas do presente. A intra-história de Unamuno, que o levará a redescobrir a sua verdadeira realidade, e pela que terá que viajar até ao fim da Espanha Castiça e sofrer essa *Tierra de Castilla*. A sociedade precisa do esforço destes homens de *carne y hueso* que, conscientes dessa condição, deverão trabalhar e travar uma luta constante pela revolução dos costumes culturais e civilizacionais. Graças a esse labor realizado a sua vida ganhará uma nova dimensão e permanecerá para sempre no domínio da intra-história, na memória histórica. E será aqui que entrevemos uma maior influência Marxista, já que se Antero, mais proudhoniano, defendia uma partilha e posterior assimilação dos ideais individuais, Unamuno colocará um maior empenho em apelar para a necessidade de dinamizar a sociedade para uma luta mais activa, e mais dinâmica que a de Antero, mas recusando sempre o dogmatismo marxista que tanto o incomodava. Contudo, e partilhando de uma mesma base socialista, ambos defendiam a necessidade dessa revolução cultural que encontraria na Arte um dos seus principais aliados, e isto porque a *Arte pela Arte* já não tem qualquer lugar nesta nova Filosofia, pelo contrário a Arte existe porque tem uma função; educar, formar o ser social para essa nova era de Liberdade e de Justiça. Aliás, levado sem dúvida por essa convicção, mas sobretudo por ter conseguido entender como poucos a realidade portuguesa, Unamuno elaborará em 1909 uma perfeita síntese do Portugal de então. Trata-se de uma entrevista publicada no Jornal *O Mundo*, de Lisboa, que João Medina aponta como sendo, possivelmente, a primeira vez que D. Miguel merece um

---

414



tal destaque na Imprensa portuguesa. Ao longo da conferência dada pelo professor salmantino são várias as referências ao poeta português, chegando a citá-lo duas vezes num mesmo parágrafo, mas esse fascínio pela figura do nosso pensador não nos pode impedir de reconhecer o inciso e acertado que resulta o seu parecer sobre a situação portuguesa, chegando a alcançar como que uma certa capacidade visionária:

A revolução é eminente em Portugal, o que é preciso é que com a Revolução não venha o suicídio colectivo. Confio, porém, muito nos homens que a dirigem. Bem orientados, com os olhos fitos na Europa, tratam de sacudir o jugo atávico, livrar-se da funesta tradição, pôr cobro às mais absurdas tiranias, declarar, numa palavra, a sua *maioridade* (...) povo português, grande e magnífico, que levanta os olhos para o sol da civilização sem que esse sol se deslumbre.<sup>415</sup>

A realidade histórica e social em Espanha era, nessa altura, complexa e as soluções que os homens desta geração tentavam encontrar nem sempre estavam isentas de um certo pendor antitético, ou pelo menos difíceis de conciliar. Num primeiro momento, se todos eles reconheciam a necessidade de apostar por um maior contacto com a cultura moderna da Europa Central, a verdade é que Unamuno, e também António Machado, se empenhava em manter esse casticismo que se opunha ao industrialismo moderno, o casticismo de ambos vinha de algum modo travar o suposto entusiasmo por todo o influxo de novas influências, e aqui nos damos conta que, de certa forma, Antero evitou este problema com o seu entusiasmo pelo federalismo ibérico, ainda que depois o viesse a repensar. Num segundo momento, eram frequentemente atormentados pelas *agonias*, resultado de uma dialéctica nem sempre resolvida. Todos sabemos que Antero viveu, e

---

<sup>415</sup> apud João Medina, “No Cinquentenário da Morte de Unamuno um texto esquecido sobre Portugal (1909)” in *Colóquio Letras*, N.º 94, Novembro de 1986, p.77

morreu, com essa dúvida, no entanto talvez fosse útil reler a sua obra com uma atenção crítica redobrada:

O que deseja o coração, o que quer a inteligência é uma coisa só: luz e amor: a verdade que se vê e a verdade que se sente. A inspiração e o pensamento são os dois eternos combatentes que o homem mandou à conquista do mundo: diferentes são as armas: mas no pendão de ambos está gravada esta mesma legenda: Verdade. A Religião chama-lhe Deus: a Ciência chama-lhe Ideia.<sup>416</sup>

É verdade que Antero, uma vez mais, não foi capaz de resolver esse combate entre dois gigantes; o coração e a inteligência, e tal prender-se-á com o facto de ter sido demasiado emocional para conseguir alcançar a tão desejada síntese hegeliana. Apesar do seu empenho, a sua revolução assentava em bases exclusivamente morais, e não racionais, daí que os fracassos fossem muito mais prováveis. Neste caso, Antero sempre revelou a sua debilidade pelo caminho da utopia, bem apoiado por Proudhon já que ambos depositavam uma confiança absoluta no Homem individual, e nunca no estado. Para si, a revolução pela moral seria a única forma possível de criar uma sociedade justa: *Coisa alguma se fundou ainda no mundo senão pela moral*<sup>417</sup>. Mas o problema deste pensador reside, sinceramente, no facto de nunca ter conseguido vislumbrar esse momento em que a sociedade fosse exclusivamente constituída por homens verdadeiramente livres.

A este carácter, apesar de tudo, mais utópico de Antero, contrapõe-se uma aparente maior sensatez de Unamuno. Aparente porque também Unamuno duvidou e hesitou, requisito de todo e qualquer processo evolutivo, também ele sofreu as críticas daqueles que o não entenderam, no entanto a filosofia do homem de *Carne y Hueso*

---

<sup>416</sup> ” in Antero de Quental, *Prosas Sócio-Políticas*, apr. por Joel Serrão, I.N.C.M., Lisboa, 1992, p.233

<sup>417</sup> Miguel Ângelo Raposo, *O Socialismo de Antero*, Arquipélago, Coimbra 1959, p.55

obrigava-o a repensar a realidade em função da sua Intra-História. D. Miguel dizia numa carta a Teixeira de Pascoaes; *Profesorado, literatura, poesia, filosofia, política... y vivir! Vivir muchas vidas! Y voy a las 56*<sup>418</sup> e terá sido essa sensatez que o ajudou a superar tantas desilusões e a continuar a dura batalha de regenerar um povo e uma cultura porque, e nisto coincide perfeitamente com Antero, para ser livre há que ter consciência do ideal que se defende, bem como empreender um acto totalmente voluntário, e nunca imposto por demagogias:

Se podrá decir que hay verdadera patria española cuando sea libertad en nosotros la necesidad de ser españoles, cuando todos lo seamos por querer serlo, queriéndolo porque lo seamos. Querer ser algo no es resignarse a serlo tan solo.<sup>419</sup>

Se podemos afirmar que Unamuno se tornou num dos grandes leitores de Antero, a verdade é que não nos poderemos assegurar de poder afirmar o mesmo acerca dos restantes membros desta geração. No entanto, após um exame da obra destes autores poderemos concluir que há algo que faz com que podamos continuar a alimentar essa convicção de que existiu um diálogo geracional que seria de toda a conveniência escutar e entender, pois o facto de que não estabeleçam uma relação tão directa e assídua como a de Unamuno, não implica que, num momento em que a literatura portuguesa gozava em Espanha de um bom momento, estes homens não se tenham interessado em ler e desvendar o pensamento dos seus companheiros lusitanos, pois estes constituíam um modelo assente numa diversidade complementar de caracteres, de recursos estéticos, mas também das formas de perspectivar uma mesma realidade, como aponta Fidelino de Figueiredo:

---

<sup>418</sup> *Epistolário Ibérico, Cartas de Unamuno e Pascoaes*, introd. De José Bento, Lisboa, Assírio & Alvim, 1986, p.89.

<sup>419</sup> Miguel de Unamuno, *Obras Selectas*, La Casta Historica Castilla, 1ª ed., Ed. Pleyade, Madrid, 1946, p.26

Esses espanhóis mediram com mais justiça a força criadora e crítica de um Eça de Queiroz, de um Antero de Quental, de um Oliveira Martins, o grito da heterodoxia renovadora, que não coube no curto horizonte português. Eça, Antero, Oliveira Martins, Guerra Junqueiro e Teófilo são as influências modernas mais profundas do espírito português sobre o espanhol.<sup>420</sup>

Era impossível fugir a essa imagem identificativa, pois muitas coisas os uniam; para além de um mesmo problema de pura identidade (porque o Eu individual se via anulado pelo Eu nacional) partilhavam ambos de uma *intra-história* assente num mesmo processo formativo de leituras, de filosofias, de utopias e, logicamente, de desenganos.

De entre os homens que formam este segundo grupo, gostaríamos de destacar, de algum modo, a personagem de Ganivet, sobretudo a do pensador encarcerado por um espírito perturbado pelo panorama histórico-cultural que se lhe deparava. Se não pôde conhecer Antero pessoalmente, foi provavelmente uma das suas almas gémeas, e tal não se prende apenas com similitudes formais e / ou pessoais, mas antes por ter encontrado no pensamento filosófico o caminho para a descoberta da ideia que o guiaria perante a vida e, inclusive, perante a morte, já que se empenhou em demonstrar que Unamuno recorreria à hipérbole quando caracterizava Portugal *como un pueblo de suicidas*, pois a verdade é que a realidade *finissecular* afectava não só o espírito atormentado de portugueses, mas também de espanhóis.

O filósofo de 98, Ganivet conheceu uma infância marcada pela falta de um pai, o que provavelmente o terá ajudado a alimentar esse sentimento de angústia que, se num primeiro momento era exclusivamente pessoal, do domínio do Eu, numa etapa posterior

---

<sup>420</sup> F. Figueiredo, *As Duas Espanhas*, 4ª ed. Guimarães Editores, Lisboa, 1959, p.193-4.

passa a ser social, ou seja da relação do Eu com os outros ou, possivelmente, com um Outro muito mais vasto e que representaria o seu país e a sua sociedade. Ao longo da sua obra apercebemo-nos de como o filósofo, ou pensador padece de uma falta de fé em relação a uma sociedade degenerada, marcada pela apatia, sem qualquer modelo efectivo que ponha em acção um processo dinâmico que lhe permita sair deste impasse. Numa tentativa de desbloquear esta engrenagem resolverá empreender um processo criativo que pretende levar a uma metodologia social e que seja, sobretudo efectiva, pois não lhe interessava desperdiçar as energias sem qualquer fundamento.

No seu *Idearium Español*, onde ressalta a importância das obras pequenas, pois estas dizem muito mais que as grandes, como um bom elixir, surge uma crítica a todo um sistema social assente numa burocracia burguesa e numa série de comportamentos fúteis e completamente inúteis que, pior que nada solucionarem, apenas servem para desorganizar e destruir as poucas energias do país, um juízo que Antero certamente compreenderia.

Para solucionar este problema Ganivet crê encontrar o único processo possível para que Espanha se reencontre e, assim, possa aparecer ao mesmo nível das nações do Norte. Este processo assenta na recuperação de uma tradição perdida, no entanto, contrariamente a Unamuno e outros, Ganivet aposta por um caminho mais elitista, ao reconhecer que essa capacidade de recuperação não estaria ao alcance de todos os membros da sociedade, mas apenas em alguns e estes seriam os modelos sociais a seguir.

Levado talvez por aquilo a que nós portugueses chamamos *Saudade*, enquanto diplomata na Finlândia, Ganivet defende que este trabalho de recuperação terá que partir de dentro, da própria identidade nacional, sem que se imitem modelos estrangeiros, pois a verdadeira energia criadora, capaz de reconduzir a nação, se encontra no subsolo

do próprio país, de cada província. Isto ter-lhe-á criado alguns pontos de desacordo, nomeadamente com Unamuno, já que este defendia que uma atitude tão egocêntrica poderia levar a um regionalismo exacerbado, o que não era de modo algum desejável. No fundo, podemos compreender um fio que nos leva ao encontro de Pascoaes, quem defende que a decadência, ao ter sido provocada pela imposição de modelos externos, terá que ser solucionada a partir das nossas próprias forças, e só pela força e riqueza da nossa alma lusitana poderemos ser grandes e, simultaneamente diferentes e genuínos.

Constatamos então que a dialéctica ibérica se estabelecia, ainda que partindo de uma mesma base identificativa, sob perspectivas distintas e ainda que reconheçamos que aquilo a que primeiramente chamámos *elitismo* entroncaria com uma perspectiva proudhoniana tão assimilada por Antero. No fundo, quando Antero defendia que a Revolução socialista não podia ser levada a cabo em Portugal pelo proletariado, por carecer ainda de uma formação sólida, talvez pudesse ser visto como uma forma de elitismo, contudo Antero valorizava o povo e trabalhava em função de estes, distanciando-se assim do pensador espanhol.

Convém no entanto esclarecer alguns aspectos que se visionam como antagónicos e que preferimos interpretar como estados distintos desse mesmo processo evolutivo, evidenciando essa subjectividade e essa capacidade criativa do Eu que sente como imperativa a necessidade de actuar em pró de uma sociedade mais dinâmica. Se Antero acreditava que essa missão de regeneração era tarefa de alguns (destacando-se nomeadamente o papel do poeta, do intelectual), Ganiwet crerá igualmente que nem todos estão dotados dessa excelência, contudo, parece-nos que Antero concede uma maior liberdade individual, que conduziria a uma sociedade livre, formada exclusivamente por cidadãos livres. Uma atitude como a do pensador espanhol, sem conseguir atingir uma ideia de socialismo como a de Antero, ou de

Unamuno, arrastaria a sociedade para uma situação de lideranças e já não tanto de partilha. Por oposição a um sistema de líderes, Antero e a sua geração apostavam por uma união social(ista) de indivíduos distintos e livres. Esta situação terá que ver, naturalmente, com o estado de desânimo em que o pensador espanhol se encontrava face à situação em que vivia, desejando vislumbrar a verdadeira imagem por entre esse mundo de sombras porque, no fundo, Ganivet, e isto será fundamental, tal como Antero, acredita nessa capacidade regeneradora.

No que concerne a ideia de regeneração nacionalista, não poderemos deixar passar a importância e confiança que Ganivet confere aos recursos (físicos e espirituais) autóctones. Tal como Antero, crê que a solução parte de um passado e nunca do presente, por isso não hesitará em aconselhar os seus a descobrirem a solução para o problema de Espanha dentro do território nacional. Mas isso implicaria o abandono de todo e qualquer tipo de alianças com o estrangeiro, incluindo com Portugal. Somente depois de Espanha se afirmar como uma identidade própria poderia encontrar o seu verdadeiro caminho, não havendo necessidade de partilhar um ideal ibérico ou federalista como o de outros. Curiosamente, o seu ideal ibérico passa por acreditar que a Ibéria consiste num conjunto de dois países e então, para ser ibérico, para iniciar esse processo de identidade, há que começar por aceitar essa evidência; a existência de duas identidades nacionais que devem procurar cada uma a sua essência, e a partir daí formaremos essa Unidade mais vasta que se chama Ibéria, tal como no-lo aponta em *Idearium español*:

A única política sensata, pois, será aplicarmo-nos a destruir essa má inteligência, a fundar a unidade intelectual e sentimental ibérica; e para o conseguir, para impedir que Portugal procure apoios estranhos e permaneça apartado de nós, devemos enterrar para sempre o manuseado tema da unidade política e

aceitar nobremente sem reservas nem maquiavelismos néscios,  
a separação como um facto irreformável<sup>421</sup>

Ganivet, apesar de tudo, coincide com todos os da sua geração ao insistir na necessidade de encontrar essa forma de reconstruir um império arruinado devido à perda de valores que se vinha fazendo sentir num vasto contexto, já que ultrapassava as fronteiras da nação, contudo, o que se deveria fazer seria recuperar essa energia latente em qualquer canto da terra espanhola e nunca desperdiçar forças com pontos externos que em nada ajudam para a consolidação de uma vitalidade nacional. Esta ideia poderia complementar uma das causas anteriormente apontadas por Antero como responsáveis da decadência peninsular, nomeadamente quando este se opõe às conquistas longínquas, aconselhando a essa concentração de energias dentro de um campo nacional. Não obstante, também aqui caberia a consideração de alguns matizes, pois se ambos defendem essa aplicação das forças vitais da nação dentro de um campo particular, o espaço nacional, tentando que os esforços se apliquem directa e efectivamente à causa nacional, Ganivet acredita que só essa aposta no carácter nacional permite reconstituir as bases de uma verdadeira tradição, a sua, alheia a factores estranhos. Antero, se não esconde nunca a necessidade de revolver o passado para encontrar as soluções para o problema presente, é consciente de que as raízes desse problema interferem com questões nem sempre exclusivamente nacionais, daí que haja uma necessidade de entender essa série de relações para que nos possamos suplantar a nós mesmos. Fruto deste entendimento nascem ideais como as de federalismo, ainda que Antero se veja no fim obrigado a reconhecer que desperdiçou as suas energias em utopias, mas que há que encarar como parte de um processo evolutivo que implica avanços e retrocessos.

---

421



A partir deste momento teremos que nos consciencializar de que o que une estas duas gerações é, sem dúvida, o mesmo interesse e força com vista à tão desejada recondução dos problemas nacionais. A consciencialização deste problema constitui um momento fundamental, pois foram ambas as primeiras gerações que conseguiram que os seus países passassem por esse processo de auto-análise. Tal será fundamental, dado que a evolução está sempre condicionada por essa autognose tão difícil de iniciar, sobretudo porque pode assustar e destabilizar uma série de *seguranças e certezas* cómodas, mas nem sempre benéficas. Estes homens sempre souberam que iniciar essa terapia era arriscado, que iriam ser incompreendidos por muitos, mas não lhes importava, porque havia uma necessidade maior que se impunha contra todas as críticas e juízos.

Outro dos grandes nomes de 98 que, tal como Antero, se empenhou profundamente pelas causas mais nobres, foi precisamente António Machado. O poeta de *Soledades* e de *Campos de Castilla*, não hesitará em defender publicamente a República, num momento tão conturbado como o do primeiro quartel do séc. XX, ou a defesa dos direitos humanos, causas que reflectiam a necessidade de assumir um compromisso por parte de um homem que, farto dessa apatia geral em que se encontrava o seu contexto social ou político, decide actuar. Leitor das mesmas fontes que chegavam às mãos dos seus companheiros de geração, bem como às da geração de 70, beberá da fonte do idealismo socialista e tentará reflectir sobre um mundo próprio, nacional, mas quase perdido. Machado acredita na força natural da sua terra e das suas gentes mas, tal como Antero, sabe que essa força se encontra debilitada há já muito tempo, daí que tente viajar por um espaço e por um tempo nostálgico, de *Soledades*, em busca de um paraíso suspenso. Algo parecido tentou Antero em vários momentos da sua vida, o que estaria patente em muitas das suas reflexões, mas também naquele *livrinho* intitulado *Tesouro Poético da*

*Minha Infância*, por vezes esquecido, mas que nos poderá ser bastante útil para entender um pouco mais a estética deste poeta e, por analogia, a de Machado. Por um lado, o propósito desta obra remete-nos para essa vertente romântica de recuperação do passado para o reincorporar numa nova tradição, que ainda que moderna não abdicará nunca do passado genuíno, já que é esse que nos confere a verdadeira identidade no presente, como também no futuro. Por outro lado, esta nostalgia pelo passado anunciará já uma nova orientação que em Antero tardará em revelar-se de um modo tão evidente como em Machado, já que teremos que esperar até conhecermos Fradique Mendes, e que se manifesta num simbolismo latente que advém, precisamente, dessa atitude perante o passado, face ao presente, e que os conduz por uma série de imagens e de estruturas próprias duma modernidade que não era a dos românticos novecentistas, tal como podemos apreciar nestes versos de *Soledades*:

Yo escucho los cantos  
De viejas cadencias  
Que los niños cantan  
Cuando en coro juegan  
Y vierten en coro  
Sus almas que sueñan  
Cual vierten sus aguas  
Las fuentes de piedra:  
Con monotonías  
De risas eternas  
Que no son alegres,  
Con lágrimas viejas  
Que no son amargas,  
Y dicen tristezas,  
Tristezas de amores  
De antiguas leyendas.<sup>422</sup>

---

<sup>422</sup> António Machado, *Antologia Poética*, Biblioteca Básica Salvat, Salvat Editores, Navarra, 1985, pp.16-17

Estes versos parecem estabelecer um diálogo com as palavras introdutórias de Antero ao seu *livrinho* antológico:

(...) recorri, quanto me foi possível, à poesia popular. O povo é uma grande criança colectiva. É o eterno infante. No seu conceber as coisas, no seu sentir, no seu dizer, estão ainda presentes, como o estão nas crianças, aquelas faculdades intuitivas que presidiram, há muitos séculos, ao alvorecer do espírito humano e produziram os mitos, as lendas, os cantos heróicos, com que, no seu berço, se embalou tão poeticamente a humanidade.<sup>423</sup>

Nestes dois autores, irrompe essa necessidade de recuperar do passado a força genesíaca regeneradora e que o presente protege, cabendo-nos a nós desvendá-la por entre a voz do povo, representada pelas lendas e contos, mas também pela inocência nostálgica das crianças. Como discípulos de uma nova era filosófica e social, em que sopram os ventos socialistas, defendem que a arte também pertence ao povo e por isso a ele deve voltar, para isso haverá que apostar nos meios que nos permitam não apenas recolher essa tradição cultural, como também provocar a segunda parte do ciclo: fazer com que essa tradição seja também *escutada*, e não apenas *dita*. Não resistimos à tentação de salientar que ideias como estas nos transportam a um universo romântico, digno de Garrett, mas, ao mesmo tempo, fazem-nos lembrar os ingredientes da poesia pessoana em que crianças pululam pela aldeia da sua infância, recordada por esses sinos que despertam a memória do passado:

Quando as crianças brincam  
E eu as oiço brincar,  
Qualquer coisa em minha alma

---

<sup>423</sup> Antero de Quental, *Tesouro Poético da Minha Infância*, ed. Couto Martins, Lisboa, 1943, p.7.

Começa a se alegrar

E toda aquela infância  
Que não tive me vem,  
Numa onda de alegria  
Que não foi de ninguém.

Se quem fui é enigma,  
E quem serei visão,  
Quem sou ao menos sinto  
Isto no meu coração.<sup>424</sup>

Estamos cada vez mais perto desse simbolismo anunciado, talismã de uma modernidade que muito deve a estes dois artífices da poesia e que desembocará num processo que, uma vez mais assimila o paralelismo com esse expoente modernista que é Pessoa, a necessidade de um desdobramento de personalidades, fruto da necessidade de expressão das várias vertentes dessa subjectividade que ganharão voz através de Juan de Mairena e Abel Martín, por Machado, ou Fradique Mendes, experiência de Antero partilhada com Eça de Queirós. Tal como aponta António Apolinário Lourenço esse desdobramento não pode ainda ser chamado de heteronímia, embora seja este o caminho a encetar porque, tal como a heteronímia pessoana, este processo serve para estabelecer um processo ontológico:

A. Martín será o pretexto para Machado expor a sua teoria da fraternidade, que se baseia na *incurable otredad de lo uno* (...). É na sequência da convicção de Martín de que *nadie logrará ser el que es, si antes no logra pensarse como no es*<sup>425</sup>

E Antero, antes de empreender esse caminho, cumpre esse processo gnoseológico através do conflito íntimo que imana precisamente de

---

<sup>424</sup> Fernando Pessoa, *Poesias*, 12ª ed., Ática, Lisboa, 1987, p.168

<sup>425</sup> A. Apolinário Lourenço, “Ensimesmamento e alteridade na poesia de A. Machado” in *Colóquio Letras* n.º 112, Novembro- Dezembro de 1989, p.92.

um tom dialogal e interjectivo da sua poesia, como vozes de uma tensão do pensamento anterior que mais não pretendem que uma constante interpelação do real:

## CONSULTA

A Alberto Sampaio

Chamei em volta do meu frio leito  
As memórias melhores de outra idade,  
Formas vagas, que às noites, com piedade,  
Se inclinam, a espreitar, sobre o meu peito...

E disse-lhes:- No mundo imenso e estreito  
Valia a pena, acaso em ansiedade  
Ter nascido? Dizei-mo com verdade,  
Pobres memórias que eu ao seio estreito...

Mas elas perturbaram-se – coitadas!  
E empalidecem, contristadas,  
Ainda a mais feliz, a mais serena...

E cada uma delas, lentamente,  
Com um sorriso mórbido, pungente,  
Me respondeu:- Não, não valia a pena!<sup>426</sup>

A necessidade dessa alteridade supre-se quer pelo discurso indirecto como também pelo directo, numa constante evocação que pululará por toda a sua poesia. Aliás, o que Antero pretende é precisamente interpelar essa sociedade, tão necessitada de alguém que a desperte, e provocar um diálogo de progresso em que os velhos ideais se possam adaptar a um mundo novo, mas o problema surgirá quando essa dialéctica não se concretiza, originando então a ruptura.

Os dois poetas ibéricos, Antero e Machado, partilham de um processo estético bastante similar, compartilham também um mesmo universo de

---

<sup>426</sup> Antero de Quental, *Poesia Completa 1842-1891*, Org. e Pref. De Fernando Pinto do Amaral, Dom Quixote, Lisboa, 2001, p.292

preocupações e encontrarão em Michelet, ou no próprio Darwin<sup>427</sup>, mas também uma profunda admiração por Victor Hugo suplantada apenas pela que sentiam por Schopenhauer, o que adensa o espírito decadentista que imana destas poesias. Referências fundamentais para tentar encontrarem uma saída para o marasmo que os rodeava e que, inevitavelmente, os perturbava. Seguirão uma estética paralela, já que apostam nesse reencontro com uma identidade genuína da terra e das suas gentes, com uma subjectividade própria, a par de um ideal socialista que para Machado consistia, antes de mais, numa convivência humana baseada numa igualdade de oportunidades, mas em que todos fossem chamados a participar com o seu labor em pró de uma única causa, daí que ele, como poeta ideólogo, não tivesse nunca abandonado a sua responsabilidade exemplar.

Cremos que, a partir de uma análise sistemática como a que pretendemos aqui abordar, se vai tornando plausível o estabelecimento de um diálogo entre a mensagem da geração de Antero e, até certo ponto, a dos homens de 98. Logicamente que a base deste diálogo assentará numa vivência e consciência particular de homens que souberam entender o contexto em que viviam e que procuraram um mesmo processo formativo, assente em bases idealistas e filosóficas que se tornariam nos pilares de uma modernidade de que ainda hoje nos alimentamos. Se o pudemos comprovar nos âmbitos filosófico e poético, cremos que nos falta comprová-lo com aqueles que se dedicaram de uma forma mais sistemática a um âmbito mais narrativo

---

<sup>427</sup> É interessante ressaltar que o avô de Machado, reitor da Universidade de Sevilha em 1868, foi um dos introdutores do darwinismo em Espanha, corrente que, se foi responsável por grande parte da formação dos homens de 98, não o foi menos para a dos de 70. Se estas duas gerações se caracterizam por uma busca inquietante desse equilíbrio social, político e histórico, neste momento o homem, enquanto ser social, encontra em Darwin a possibilidade de entender uma das vertentes dessa problemática, pois o positivismo científico ajudava a sistematizar o desenvolvimento humano, contrabalançando a subjectividade que imanavam espíritos tão rebeldes como os desta fase de transição de século.

e dramático, como Pio Baroja ou Valle-Inclan. Caberá destacar que, ainda que conscientes de que os homens desta geração não podem ser caracterizados exclusivamente como poetas ou filósofos, ou romancistas dada a grande capacidade de todos eles para se movimentarem por todos os géneros, gostaríamos de destacar em cada um deles aquela faceta que nos parece mais pertinente e, consequentemente, teremos que considerar Machado como o poeta, Ganivet como o filósofo, Pio Baroja como romancista e Valle Inclan como um elo entre o romancista e o dramaturgo, já que os seus esperpentos mais não são que uma representação dessa realidade que os contagiava. Quanto a Unamuno, o problema agudiza-se já que, fazendo uso das palavras do heterónimo de Pessoa Álvaro de Campos, foi capaz de *sentir tudo de todas as maneiras*, no entanto, aquilo que mais nos fascina é o homem e as suas ideias, a sua filosofia perante a vida, daí que optemos por primar a sua faceta de pensador e, por analogia, de filósofo da vida, dessa vida que tanto o preocupou e que se empenhou em manter através da sua intra-história. Tudo isto nos serve para demonstrar a coesão de um grupo geracional que, ainda que alguns se tivessem empenhado em demonstrar que não existia, constituiu uma base importante da cultura do nosso século ao conseguir reunir essa imagem multifacetada, mas por isso mesmo global, da complexa situação em que se haviam visto envolvidos e implicados na construção de uma sociedade livre, formada por homens conscientes e, consequentemente, em igualdades de circunstâncias, tal como o sonhara Antero umas décadas antes.

Valle Inclan, o autor dos *Esperpentos*, resolve dar-nos a sua visão da realidade de uma forma hiperbólica para que assim seja mais fácil captar o ridículo e o negativo da sociedade com que se confronta. Este processo faz-nos lembrar a técnica realista de Eça de Queiroz da caricatura, através da qual criticava aquilo que mais se pronunciava desse quadro social afectado pela corrupção burguesa. Apesar de tudo, pensamos que o processo de Valle Inclan não assentará tanto na

caricatura, mas antes numa representação caleidoscópica, numa captação conseguida pelos espelhos que tanto utiliza para reflectir a realidade de um modo que nos faz lembrar aquela descrição que fazia Laranjeira de Antero a Unamuno. Complementando esta ideia vêm opiniões como as de Fernando Montesinos ao apontar o paralelismo existente entre a obra de Eça e a do autor espanhol:

Literatura cada vez más consciente de si misma, cada vez más consustancial con un estilo en que se van alquitarando con creciente esmero los mejores recuerdos de muy buenas lecturas. La primera en importancia, tal vez en calidad, la de Eça de Queiroz.- (...) Eça se le asemeja mucho por su formación: él también fue un romántico, aunque por haber querido, forzado por sus circunstancias, ser deliberadamente un realista, fuese romántico a pesar suyo. Eça tuvo también el culto de la perfección formal y decantó en una lengua muy afín a la de Valle las más exquisitas experiencias de los grandes estilistas franceses. Eça tuvo, empero, una cualidad que nuestro novelista no consiguió hasta muy tarde, y llegó a ella por otros caminos: fue un gran ironista y un terrible satírico<sup>428</sup>

Cabrá destacar a importância do contexto histórico-civilizacional que ambos partilhavam, bastante similar, e que lhes provocava essa necessidade de actua. Há, no entanto, algo fundamental neste parágrafo ao referir o autor que Eça seria irónico e Valle Inclán Satírico porque, efectivamente, ao romance assenta perfeitamente a caricatura, enquanto o esperpento favorece a sátira, no entanto, estamos em crer que ambos os processos radicam numa atitude de realismo perante essa realidade que observavam e que desejavam modificar, e para isso necessitavam de exagerar os seus defeitos para que fossem mais visíveis e, logo, mais fáceis de captar pelo leitor. O problema é que muitas vezes o que conseguiam era que os leitores se rissem *com* e não *das* situações apresentadas. Para além disto, há que

---

<sup>428</sup> José Fernandez Montesinos, “*Modernismo, Esperpentismo, o las dos Evasiones*”, in Paco Rico, *História y Crítica de la Literatura Española*, vol. VI, editorial Crítica, Barcelona, 1980, pp. 298-9



destacar o trabalho de pureza linguística realizado pelos dois artistas, um trabalho que permitiu chegar a uma estrutura sintáctica e a uma segurança no vocabulário empregue que confere à escrita de ambos uma modernidade que se consolidou até aos nossos dias, sendo possível desfrutar dessa elegância quase um século depois. Mas essa modernidade linguística interfere com um propósito ideológico claro: nos seus esperpentos o autor espanhol mostra uma clara atitude de rejeição com relação a uma sociedade arcaica e desfasada, incapaz de se adaptar a uma nova era, daí que a par da sátira aos tópicos medievais, das personagens subjugadas a um regime feudal, seja necessário reinventar uma forma de representar essa denúncia, e nada melhor que modernizar a estrutura sintáctica e vocabular.

Este procedimento conduz-nos a Baroja, pois um dos ingredientes básicos da sua filosofia revolucionária consiste precisamente em cortar com um tempo passado e caduco. Essa necessidade de mudança de que ambos partilham nasce de uma realidade presente e, se Ganivet concentrava as suas energias num campo exclusivamente nacional, estes reduzem essa gradação a um tempo exclusivamente presente, pois no passado ficou o ridículo e a causa do problema, e o importante é curá-lo no presente. Uma vez conscientes dessa necessidade imperiosa de actuar, apostam numa regeneração, na necessidade de uma revolução dos espíritos. Esta revolução que tanto Baroja como Valle Inclan compartilham, encontrará uma identificação com a de Antero, mas apenas porque assente numa mensagem que apela ao esforço de todos. Assim se manifestava Baroja a propósito desta necessidade:

Yo no llamo revolución a herir o a matar; yo llamo revolución a transformar. Y para eso hay que declarar la guerra a todo lo existente... Aunque no tenga autoridad para ello, permitid que os diga: Trabajad por la expansión del espíritu revolucionario,

que es el espíritu revolucionário, que es el espíritu científico,  
difundido, ensanchado, propagadlo.<sup>429</sup>

A importância de uma revolução pela acção não implica em Baroja um ideal socialista, pois sempre se marcou antes pelo anarquismo, resultante, provavelmente, de um excesso de confiança atribuído a cada um dos elementos que compõem a sociedade (uma herança romântica?). Este individualismo será algo que nem aquela influência darwinista que pulula pelo seu interesse relativo à ciência consegue suplantir, pois a subjectividade do Eu sempre será mais forte que qualquer atitude racional. Tal poderá ser justificado por uma interpretação das leituras filosóficas que aumentam esse individualismo, como que obrigando a uma reflexão mais intimista da realidade, de uma maior consciencialização da força dos sentimentos, no entanto, este individualismo prende-se ainda com o facto de Baroja tender a uma literatura autobiográfica, já que, conforme nos demonstra Abellán<sup>430</sup>, uma grande parte das obras barojianas denunciavam essa veia que se une a uma preocupação constante em envolver a história do seu tempo nas suas obras. Isto poderá ser uma clara manifestação de que para este autor o romance histórico deve também ele seguir a evolução dos tempos. O romance histórico da nova era deverá ser actualizado conjuntamente com a História; a História do passado já não faz sentido, mas sim a do presente. Por este processo chegamos também à conclusão de que Baroja, talvez não tanto como Valle Inclán, se aproxima desse romance realista de Eça e, à semelhança deste, traçar o retrato de uma sociedade concreta, real e perfeitamente localizável pelo leitor, simultaneamente, poderíamos entender que essa tão característica omnisciência realista cumprirá, em parte, muitos dos

---

<sup>429</sup> apud, José Ortega y Gasset, “*Una primera vista sobre Baroja*”, in Paco Rico, *História y Crítica de la Literatura Española*, vol.VI, editorial Crítica, Barcelona, 1980, p.345.

<sup>430</sup> vide José Luis Abellán, *Sociología del Noventa y Ocho*, Biblioteca nueva, Madrid, 1997

objectivos da linha biográfica que trespassa as obras de Baroja. Resumindo, ambos os autores, dominadores de uma profunda ironia, são donos e conhecedores de uma realidade histórica que pretendem plasmar nas suas obras numa tentativa de criar uma cumplicidade com o leitor que o leve a integrar-se e a implicar-se num trabalho de regeneração social

Apesar desta linha comum com Eça, somos levados a crer que Baroja poderá, mas apenas até um certo ponto, encontrar-se com uma situação filosófica bastante cerca do Antero niilista que acabaria por reduzir a sua vida a um disparo frente ao convento de N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Esperança. Sem que Baroja tenha chegado a essa estratégia, esta tendência niilista advém certamente de uma base filosófica comum assente num pessimismo Shopenhaueriano, acentuado por uma série de dúvidas dogmáticas que em Baroja assentam num anticristianismo nietzscheano e que o conduziria, inclusive a um acusado antipaganismo. Por outro lado esta corrente filosófica é, segundo Abellán causa de uma acérrima defesa da raça, que arrastaria a, mais que a um nacionalismo, a um racismo. Isto faz-nos reportar precisamente à sua situação análoga de Teixeira de Pascoaes. O Saudosismo de Pascoaes, ao pretender fazer acreditar num valor próprio e autêntico, por acreditar que Portugal não era menos que as outras nações, acabará por suscitar uma série de observações que, retiradas do seu contexto histórico-social, poderão derivar nesse mesmo nacionalismo. A diferença com relação a Baroja é que, para levar a cabo a Nova Renascença, Pascoaes acredita num paganismo que Baroja rejeita. Estas situações derivarão, possivelmente, de uma falta de perspetivação relativamente a uma saída coerente dessa defesa exacerbada de uma subjectividade colectiva como a da Raça, facto que tanto Antero, como Unamuno, conseguiu antever.

Cremos, após esta abordagem, poder defender que o diálogo entre estas duas gerações não é, em caso algum, uma utopia ou reflexo de

qualquer vaidade estabelecida por juízos prévios, pelo contrário, estamos em crer que esse diálogo existiu e teve a sua importância; ambas as gerações souberam captar um espírito determinado por condicionalismos histórico – políticos. Estaremos perante aquilo a que vulgarmente designamos por *espírito epocal*, alimentado por uma mesma base filosófica, acalentado pelos novos ares utópicos que nos chegavam, e que também a geração de 98 soube interpretar perfeitamente, sobretudo a partir de um interlocutor privilegiado como foi Miguel de Unamuno. Ao mesmo tempo, o que une estas duas gerações é exclusivamente o desejo de uma solução efectiva para duas culturas ávidas de uma identidade próprias, tantas vezes descurada. Quanto a nós, esta relação ajuda-nos a alimentar essa ideia de que, graças a estas duas gerações, a cultura portuguesa participou num momento de afirmação dentro de uma tradição modernista que, para muitos, pertence exclusivamente a uma linha centro-européia. A partir deste momento urge repensar o valor destes homens e a sua importância nesse processo de regeneração empreendido por todos. Esperamos, então, que nestes novos tempos esse diálogo se consolide e possamos tornar a encontrar dialécticas tão enriquecedoras como estas, deixando de lado questões de orgulho, e seguir o exemplo destas duas gerações comprometidas com o seu tempo e com a história que lhes coube, mais que viver, construir. Seria importante regressar, uma vez mais, à Modernidade do passado para que estas duas culturas estabeleçam esse caminho rumo ao futuro harmonioso, em que a Arte recupere o seu papel.

Nietzsche dizia que *A primeira categoria da consciência histórica não é a memória ou a lembrança, é o anúncio, a expectativa, a promessa e é nesse sentido que acreditamos que os caprichos da história decidiram unir o destino destas duas gerações, por terem sido capazes de anunciar um mundo novo e de terem lutado arduamente para gerarem as expectativas necessárias para o cumprimento dessa promessa de regeneração do estado decadentista que atingia, não só a*

península ibérica, como toda a Europa. À medida que avancemos a caminho das vanguardas, essa consciência histórica tornar-se-á cada vez mais imprescindível porque, apesar de todos os esforços, essa decadência passará a ser vivida de uma forma intrínseca à própria arte, e já não apenas em função de uma contextualização externa e, face à sucessão vertiginosa de acontecimentos que a Europa irá viver, a Arte acabará por ser reclamada por todos, desde os democráticos aos totalitários, como afirmação e construção de um caminho, não só de modernidade, mas também de regeneração.

## CONCLUSÕES:

Partindo do princípio de que o indivíduo, enquanto ser social e histórico, sempre se definirá em função de uma perspectiva conjuntural, iniciámos o nosso trabalho com uma breve contextualização em função da vida e da obra de Antero de Quental, a partir da qual obtivemos o perfil de um homem que viveu a vida de um forma autêntica genuína e que se empenhou, até que as forças o venceram, em interrogar a realidade que vivia, sem temor, e numa entrega total, deixando constância desse desassossego tanto na sua vasta obra escrita, em prosa ou em verso, como nas suas intervenções éticas, morais e políticas. Essa será uma imagem de que os seus amigos darão testemunho e que a crítica literária se foi encarregando de estudar e analisar ao longo de mais de um século, no entanto, defendemos que é chegado o momento de insistir em reclamar uma interpretação da obra anterioriana em função do progresso que nos cabe hoje ajudar a edificar. Antero de Quental empenhou-se em questionar e interpretar o destino de uma nação em função do seu passado, mas com o ponto de mira fixo numa perspectiva de modernidade, assente num cosmopolitismo que tinha a Europa como referente básico. Para a reconstrução dessa identidade genuína Antero de Quental era consciente de que a nossa condição de peninsulares era fundamental. Hoje, num mudo em que nos tornaram a todos europeus, mas que não sabemos muito bem quem somos nem de onde vimos, é o momento de retomar esse diálogo integrando outras vozes que vêm abordando o mesmo tópico, e se a divergência de opiniões surgir mais profícuo e enriquecedor será o diálogo.

A mensagem deixada por Antero, está intimamente relacionada com o contexto histórico-político em que a sua actividade intelectual se desenvolveu, o que nos obrigará a pensar frequentemente que o

homem nem sempre soube aprender a lição que a História nos quer ensinar.

O século XIX ficou marcado por um ambiente convulso a nível interno, devido, por um lado às constantes crises políticas, e às suas consequentes crises económicas. O ponto culminante foi alcançado com o confronto luso-britânico e, mais concretamente, o *Ultimatum* imposto por Inglaterra a Portugal a 11 de Janeiro de 1890. Esta situação virá reforçar a consciência de uma necessidade de Portugal se abrir à Europa e, sob o protectorado de Espanha, procurar o apoio contra Inglaterra. Esta será uma tarefa complicada, sobretudo porque Espanha terá que manter as suas precauções por temer, não só pela questão de Gibraltar, mas também as consequências que daí pudessem advir para o futuro das suas próprias colónias no continente americano. Esta íntima relação a que a história conduzirá as duas nações peninsulares, acabará por se tornar num momento propício para se insistir na necessidade de uma aliança ibérica que, no entender de Espanha, teria evitado este abuso de poder por parte de Inglaterra, já que esta se aproveitava do apoio que nos tinha prestado aquando da restauração da nossa independência com Castela, em 1640.

Neste contexto conturbado, a cultura dará a sua resposta mais contundente e, desde a caricatura de Bordalo Pinheiro, à poesia de Guerra Junqueiro, à crítica de Oliveira Martins, até ao envolvimento político de Antero, a cultura acabará por se transformar na verdadeira oposição a este clima opressor que Portugal vivia, imposto por Inglaterra, mas também pelos seus próprios governantes que não sabiam defender os verdadeiros interesses do povo. Antero, num exercício de extrema dignidade, quando as suas forças já escasseavam, aceita a presidência da Liga Patriótica do Norte, esgotando o único sopro que lhe restava na luta por encontrar um caminho de renovação

para Portugal que teria que passar pela verdadeira revolução que os novos tempos exigiam, já não pelas armas, mas sim pela ideia e pelo pensamento esclarecido.

Esta contextualização levou-nos a uma reflexão sobre o nosso próprio contexto geracional, actual, onde concluímos que todas as gerações acabam por estar marcadas por algo que as torna únicas, ou excepcionais, em função de um tempo e de um espaço, social, cultural ou político. Contudo, essa excepcionalidade não pode ser vista em nenhum momento em termos absolutos, mas antes como um pretexto para estabelecer pontes entre um passado, uma vez criteriosamente interpretado e assimilado, e o presente, para podermos depois legar um *exemplum* para o futuro que em algum momento será, também ele, presente e, posteriormente, passado.

Em busca de esse referente que permita à nossa geração, em pleno século XXI, estabelecer essa conexão, estamos convencidos de o ter encontrado na geração de 70. Contudo, verificámos que essa conexão não pode estar assente numa imagem estática, mas sim dinâmica, evocadora de diálogos e de confrontos dissonantes em que as ideias se actualizem, evoluam e se metamorfoseiem em busca de um caminho de modernidade e de progresso.

Empreendendo esse trabalho de identificação de um referente conector que estabelecemos como sendo a Geração de 70, partimos para uma definição dos critérios que nos permitem estabelecer a génese da geração de 70 e, a partir da discussão que estabelecemos com vários críticos, e atendendo sobretudo a questões metodológicos, achámos que, sem menosprezar outras configurações igualmente coerentes, o nosso conceito de geração estaria regido por uma coerência



ideológica, aliado a um perfil etário, ou antes, ligada a uma maturidade intelectual, tendo como ponto conector a organização das *Conferências do Casino*, realizadas em Lisboa em 1871. Assim sendo, e de acordo com a concepção por nós adoptada, essa geração giraria em torno a um núcleo central formado por Antero de Quental, Eça de Queiroz e Oliveira Martins, a que se agregariam nomes como Teófilo Braga, Batalha Reis, Ramalho Ortigão e Guerra Junqueiro. A escolha desse núcleo central não se prende com questões de mero protagonismo destas personagens culturais, mas também pelo facto de a partir delas se poder entender essa coesão única que define esta geração de uma forma sintética, mas nítida: artistas da palavra e da ideia, Eça de Queiroz intervirá a partir do romance, Oliveira Martins da história e Antero da poesia, e uma poesia que nasce do pensamento e da intervenção política, numa atitude claramente revolucionária. E, sem querer cair em contradições, será precisamente esta heterogeneidade que outorgará a esta geração a unidade que a caracteriza. Contudo, usufruindo do progresso industrial que começava a chegar a Portugal, ela continuará a alimentar uma sólida formação intelectual iniciada nos tempos de Coimbra, que conjugará com um espírito rebelde e liberal, sedento de justiça e de igualdade, herdado e assimilado a partir do espírito romântico que pautara o início do século XIX. Fruto desta atitude intelectual e ética, aliada a uma profunda consciência civilizacional, esta geração irá procurar o diálogo com as outras influências a que Portugal se manifestara até então praticamente indiferente.

Na linha dessa nova atitude, reconhecemos a necessidade da configuração de uma nova geografia cultural para Portugal que acabámos por entroncar, uma vez mais no percurso traçado por Alexandre Herculano e pela Marquesa de Alorna, quem trouxeram até Portugal uma linha alternativa, mas que a cultura portuguesa não soubera consolidar. Podemos afirmar que o percurso traçado por esta

geração vai ser muito idêntico ao dessas primeiras gerações, embora a condição de exilado seja agora substituída pela de viajante. Será graças a essa possibilidade de sair e de contactar com outras culturas, como complemento a uma formação literária e linguística, que esta geração poderá obter uma configuração da realidade portuguesa que só o efeito de distanciação permite. A partir desse efeito de perspectiva torna-se mais nítida a configuração de Portugal como uma nação periférica que foi adoptando um perfil esfíngico, alimentado por todas as vicissitudes da nossa história e em que, obrigado durante séculos a manter uma atitude de vigilância face ao perigo que podia vir de Castela, encontrou no mar a sua fonte de afirmação e de identidade. Nesta condição periférica encontrámos a analogia perfeita de uma imagem insular, uma vez que Espanha, embora com um perfil histórico muito idêntico ao nosso, e devido à sua situação geográfica, sempre foi muito mais continental. Aqui Antero tornar-se-á, uma vez mais, num interlocutor privilegiado e graças a ele pudemos entender que essa configuração não tem por quê ser vista como redutora, já que pode concorrer para a promoção de um encontro polifónico em que emergem muitas cumplicidades: a chave estará em adoptar uma atitude dinâmica e activa, semelhante à que move o viajante que, embora dominado por esse sentimento identitário a que chamamos Saudade, enquanto viaja vai conhecendo, construído e realizando uma nova configuração da realidade da sua casa, ou ilha, a partir do contacto e do confronto com as novas realidades que foi encontrando. O que se reclama, então, é uma atitude voluntariosa, empreendedora, que nos mova a viajar culturalmente rumo ao conhecimento de uma cultura mais vasta e ampla que parecíamos ignorar. Essa viagem, outorgar-nos-á uma nova consciencialização civilizacional e facilitará o encontro de Portugal com a Europa e, contrariando essa política de costas voltada, a primeira etapa passará obrigatoriamente por Espanha. Antero e a sua geração empreenderam essa viagem, não só simbólica, pois cruzaram oceanos e continentes em busca dessa nova geografia que pusesse Portugal no mapa da modernidade e do progresso, a par

das restantes nações, mas advertindo que não se podia cair no mesmo erro que se cometera até então, o de insistir numa igualdade como homogênea, porque o que urge é redefinir a nossa própria identidade, genuína, mas nunca melhor ou pior que as outras. Num perfeito exemplo de modernidade, esta geração veio despertar uma sociedade apática, insistindo na necessidade de revalorizar as nossas capacidades, de que a cultura e a instrução são o máximo expoente, e iniciar um caminho de indagação dessa energia vital que permanecia num profundo letargo. Esta será uma missão de que Antero, como poeta moderno, se encarregará principalmente, anunciando já o caminho que virão depois a redefinir Teixeira de Pascoas ou Fernando Pessoa.

Antero acabou por ser aclamado como o protagonista desta geração, não só pelos companheiros de geração, mas também pela crítica literária que lhe tem respeitado esse estatuto. Esse perfil advém sobretudo de um espírito contestatário que proclamaria a verdadeira revolução a partir da arte, da cultura, da instrução e da escrita. No plano literário, a sua primeira batalha travou-a com a publicação de *Odes Modernas*, rebelando-se contra uma tradição já esgotada, assumindo o verdadeiro apostolado do poeta moderno: o de pregar a nova missão social da arte. Contudo, apesar do apoio dos seus companheiros de geração, a missão de Antero foi bastante ingrata na medida em que a sociedade não estava preparada para escutar o seu discurso. O poeta não pretendeu nunca impor as suas ideias, mas antes divulgá-las, para que elas fossem depois discutidas, esclarecidas, assimiladas e só depois aceites. A verdadeira mensagem de Antero era a da liberdade individual, fruto de um processo dialético assente na interacção entre a consciência e a razão. No entanto, a primeira resposta que obteve foi a célebre polémica travada com Castilho, símbolo de todas as polémicas com que se teria que enfrentar ao longo da sua vida; contudo, nunca desistirá, porque o movia uma profunda

convicção da sua missão e, dessa convicção, fazia parte uma profunda consciencialização dos perigos que corria. Mas este protagonismo não deve ser confundido com elitismo, pelo contrário, em parte devido a uma personalidade tímida, Antero encontrou no combate social e na luta pelos mais débeis a maneira de expressar a sua verdadeira irreverência e ousadia, atacando aqueles que detinham o poder e que nada faziam por melhorar a situação de Portugal.

Esta consciência leva Antro a repensar a sua sintaxe discursiva, preocupado com que a sua mensagem seja captada por aqueles a quem pretendia chegar. Esta busca de um discurso efectivo foi uma preocupação compartilhada por esta geração, e se Eça encontra na caricatura a forma de retratar e reconstruir o perfil social de Portugal, Antero optou antes pelo retrato fiel e duro que o daguerreótipo lhe proporcionava e que, uma vez analisados nitidamente todos os pormenores que observava, o instalam no caminho do pessimismo e de uma angústia que deviria puro existencialismo porque, na realidade, a sensibilidade e o desejo de ideal do autor insular nunca o deixaram alcançar qualquer grau de abstracção relativamente à realidade. Pelo contrário, acabariam por agudizar o seu sentido de responsabilidade, enquanto portador de uma missão que sentia ser seu dever cumprir.

É a partir dessa consciência que nasce o projecto das Conferências do Casino, em que Antero, juntamente com o seu grupo geracional, decidem lançar um espaço onde se proceda a uma discussão actualizada do destino de Portugal e em que do confronto de ideias pudessem sair novos rumos e novas ideias, sem se esquecerem de convocar para esse debate *um auditório de peninsulares*. O arrojo do projecto acabaria por ser visto por parte das autoridades como provocação e ataque aos valores da religião e do estado, pelo que

ordenaram o seu encerramento. Ora, em nosso entender, essa atitude só veio provar a urgência dessa discussão mas, noutra ordem de factores, e beneficiando de uma perspectiva que só o passar do tempo nos permite obter, podemos afirmar que essa ordem oficial apenas veio amplificar a voz daqueles a quem queriam calar.

Entre as conferências que o público teve a oportunidade de escutar estava a de Antero de Quental, intitulada *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*, e talvez fosse esta a que mais se aproximava dos propósitos iniciais destas conferências. Dirigindo-se a esse *auditório de Peninsulares*, Antero centrar-se-á desde o início nessa necessidade de encarar o problema de Portugal juntamente com o de Espanha, como um todo peninsular que não pode ser dissociado, e esse trabalho conjunto exige que sejamos conscientes da nossa realidade e da nossa identidade. Caminhar juntos não implica uma homogeneização identitária, mas antes a redescoberta e a valorização de identidades paralelas: a própria e a do outro.

As causas apontadas, que obedecem a três factores definidos que são o Concílio de Trento, de ordem moral e religiosa, o triunfo do absolutismo, de ordem política, e o rumo seguido pelas descobertas, de ordem económica, vão ser analisadas desde um espírito crítico apurado, mas assente num discurso hegeliano, pelo que reclamamos que a sua interpretação seja feita em diálogo com *As Tendências Gerais da Filosofia do Século XIX*. O tom dialéctico do discurso permite a Antero expor, explicar, e só depois apelar à sua interpretação, visando sempre esse pensamento consciente e livre que só o pensamento racional poderá permitir alcançar. Neste texto encontramos um tom de modernidade a que Portugal ainda não estava habituado. Evocando ainda a leitura de *Odes Modernas*, precisamente por ambos os textos compartirem essa simbiose perfeita entre sentir e

pensar, mas também o apelo ao papel combativo da arte na luta por valores como a justiça, a verdade e a igualdade, vamos assistir a um discurso profundamente dinâmico que requer a nossa implicação, enquanto receptores dessa mensagem. De facto a acuidade da argumentação de Antero conseguirá suscitar um diálogo que se iniciará logo em 1872 com Pinheiro Chagas, quem integrará no seu discurso sobre *a decadência da nossa litteratura*<sup>431</sup> as causas pontadas por Antero, mas será com Oliveira Martins<sup>432</sup> que se abre um espaço em que o debate sobre as relações peninsulares integram um novo projecto de modernidade através de um discurso sempre polifónico, ora dirigido por Antero de Quental ora por Oliveira Martins, ora por outros, e que continua até ao presente, no entanto, tememos que a conclusão a que chegamos a propósito desta actualidade não se prende só com esse espírito crítico apurado do autor, mas também com uma evolução muito crítica da nossa realidade presente que continua a reclamar os mesmos valores e a pôr em evidência as mesmas carências que há cem anos atrás.

As peculiaridades que definem esse diálogo levam-nos a interpretar o modo como Antero se propunha conduzir o seu leitor pelo caminho do pensamento moderno. Como se sabe, uma das questões que sempre se coloca é se Antero era ou não filósofo. O autor autodefine-se várias vezes como *filósofo* e Eça de Queiroz corroborou-o, chamando-lhe *Santo filósofo*<sup>433</sup>. Guiados pela crítica, as opiniões divergem, o que é já um indício de que a possibilidade existe pelo que, estabelecendo uma releitura das palavras do próprio Antero, podemos concluir que a

---

<sup>431</sup> <sup>431</sup> in Antero de Quental, *Considerações Sobre a Philosophia da Historia Litteraria Portuguesa: (a proposito d'alguns livros recentes)*, Liv. Chardron, Porto, 1904, p.7

<sup>432</sup> Oliveira Martins, *História da Civilização Ibérica*, Guimarães Editores, Lisboa, 1994.

<sup>433</sup> Eça de Queiroz, *Correspondência*, Livros do Brasil, Lisboa, s.d., p.101

Antero não lhe faltou matéria ou esforço para se tornar num verdadeiro filósofo, talvez um dos maiores filósofos portugueses, mas antes um modelo metodológico que o regresse quanto à forma de expressar as suas ideias, mas também um modelo cultural, posto que, ao não haver uma tradição filosófica em Portugal, a recepção ao seu discurso estaria sempre condenada. Assim sendo, consciente da necessidade de instalar na sociedade portuguesa um espírito crítico, Antero ter-se-á visto obrigado a adaptar o seu discurso, mas sem que esta realidade o inibisse de aprofundar o seu pensamento e de o transpor para o seu discurso, tanto na poesia, como na prosa, ajudando-o a ele, e a nós leitores, a entender a modernidade de um pensamento em que o confronto dialéctico é uma constante, em busca de uma síntese que deseja alcançar, não como ponto culminante, mas antes como ponto de partida para uma nova dialéctica em que o que está em causa é a reformulação constante da ideia. Por isso defendemos que Antero foi sobretudo um *poeta-pensador* que procurou implicar o leitor nesse longo processo gnoseológico que, através do confronto entre a razão e a ciência, o conduziria também à descoberta de uma liberdade individual, de uma ideia própria, de uma sensibilidade, com trabalho, mas que não seria nunca inglorio, antes profundamente edificante.

Filho de um século marcado pelos ideais liberais e alimentado pelo ambiente estudantil, o socialismo despertará muito cedo no âmago do do pensamento anteriano. A par do magistério filosófico, a projecção de Antero de Quental está intimamente ligada a uma preocupação social e a uma intervenção política. Juntamente com Oliveira Martins, Antero implica-se na divulgação das ideias socialistas mas, no seu caso, sem qualquer ambição política, apesar de ter integrado as listas como deputado, mas sabendo que não podia ser eleito. A implicação de Antero obedece a uma coerência ética que, alimentada pela sua formação filosófica, em que Proudhon teve uma grande influência,

acredita na igualdade social e na defesa de valores morais como a justiça e a igualdade mas também, tal como no-lo tinha dito em *As causas da Ddecdência dos Povos Peninsulares*, na dignificação do trabalho para a edificação de uma sociedade mais livre. Mas, uma vez mais, ao envolver-se activament na missão divulgativa e interventiva, acabou por se expor às críticas que defendiam que o Socialismo português era muito pouco marxista e demasiado proudhoniano, logo menos revolucionário. Na verdade, estamos convencidos que, para além das influências devidas à formação cultural de Antero, estes homens eram conscientes de que, apesar do desejo de colocar a sociedade portuguesa ao nível da inglesa, da alemã, da francesa ou da italiana. A nossa revolução industrial era ainda muito incipiente e a sociedade portuguesa não tivera ainda tempo de organizar um operariado unido que sensibilizasse a sociedade para a necessidade de esse tipo de socialismo. Essa vai ser a situação que se viverá ao longo de ainda mais de meio século. Perante esta situação, acabaremos por ter um socialismo que fez um esforço por acompanhar a progressão do socialismo no resto da Europa, mas que se viu obrigado a delimitar certas estratégias para que o Socialismo se instalasse em Portugal. Dentro dessas estratégias, reconhecemos o pensamento anterior que defende a necessidade de gerar primeiramente um esclarecimento prévio do proletariado, pois só a consciencialização pode provocar a necessidade de agir. Assim, para não cair numa ideologia condenada ao fracasso, o caminho consistia em provocar a revolução política a partir da revolução social, e não ao contrário. Contudo, independentemnte das estratégias, a preocupação de Antero foi sempre do foro ético e moral, preocupando-se com o povo e com o proletraiado, convencido de que seriam eles quem trariam a revolução do novo século. A verdade é que, até há bem pouco tempo, poderíamos afirmar que, uma vez mais, Antero tinha sido capaz de interpretar os sinais dos tempos.



Elucidados por autores como Angel Marcos de Dios ou Oliveira Martins, entre outros, veremos que o conceito de Iberismo surge ligado a momentos decisivos da nossa história identitária, como pode ser a Batalha de Aljubarrota. Essa observação leva-nos a concluir que o iberismo não pode ser encarado apenas como um movimento político ou diplomático, mas antes como um movimento cultural e civilizacional, razão pela qual, a partir do séc. XIX, passa a ser uma presença constante no imaginário ibérico. Será neste sentido que podemos dizer que a identificação que se faz normalmente entre Geração de 70 e Iberismo não é mais que o resultado de uma atenção, por parte destes agentes culturais, em torno a essa evolução enquanto um processo de encontro e de diálogo entre os povos peninsulares uma vez que esse diálogo já estava instalado nas sociedades portuguesa e espanhola desde havia muito tempo.

Um ponto de partida interessante para acompanhar esta discussão encontrámo-lo na leitura do texto de Sinibaldo de Más, *La Iberia, Memoria sobre las Ventajas de la Union de Portugal y España*, que na década de 50 foi traduzido e prefaciado por Latino Coelho. Defensor de um iberismo absoluto, o autor reconhece que em Portugal existe uma resistência às ideias iberistas em Portugal, no entanto entende que este deve surgir sempre como resultado de um acto voluntarioso coincidindo com a ideia que, algumas décadas mais tarde Antero de Quental defenderá, ao retomar este debate, não directamente com o autor da memória, mas com o eco da discussão que este instalara na sociedade Portuguesa. No entanto, constatamos que essa coincidência se anulará na medida em que Antero defende que esse acto voluntário deve nascer de uma consciência esclarecida, enquanto para Sinibaldo deve ser fruto de uma persuasão convincente. Esta divergência prende-se com a concepção que cada um defendia do Iberismo, enquanto que o autor catalão advogava por um cariz mais absolutista, Antero recusava-o, em favor de um federalista. E esta

discussão recriada entre os dois autores peninsulares não é mais que o reflexo da discussão que existia também na sociedade espanhola, tal como o pudemos comprovar a partir de dois artigos recolhidos Em *Almanaque Político Y Literario de La Iberia*.

Quanto ao ideal de Iberismo de Antero, vai encontrar a sua expressão mais eufórica em *Portugal Perante a Revolução de Espanha* (1968) onde, perante os acontecimentos que sucedem em Espanha, Antero aproveita para, num discurso muito bem elaborado, se interrogar sobre o que *deve fazer* agora Espanha com a Revolução, e não com o que *vai fazer*. Num perfeito exemplo do seu espírito crítico mais apurado, a sua análise é lúcida e explícita: Espanha pode tornar-se agora num exemplo de progresso e de democracia federalista para toda a Europa, mas muito especialmente para nós, enquanto peninsulares, e a única solução desejável para Portugal é aproveitar o ensejo de Espanha e evoluir para uma democracia ibérica, assente num ideal federalista. No entanto, expressa as suas reticências quanto à república porque não crê nela como solução alternativa à monarquia, sendo o descrédito muito mais acentuado relativamente ao contexto português.

Como homem de pensamento e de reflexão que era, o seu iberismo evoluciona e em 87 chegará a expressar o seu arrependimento quanto a esses ideais federalistas. Contudo, em 91 manifestará ainda a sua simpatia para com uma *união peninsular*. Esta declaração leva-nos a concluir que o iberismo de Antero acabará por derivar num iberismo intelectual, em abandono do político, à semelhança desse seu outro interlocutor geracional, Miguel de Unamuno, pelo que o Iberismo se tornará em mais um elo de conexão entre as duas gerações peninsulares, enquanto marca de uma identidade genuína e autêntica, enquanto peninsulares.

A partir dessa identidade, para recuperar a linha que une essas duas gerações em pró de uma atitude de progresso e de modernidade,

recorremos frequentemente ao exemplo e ao magistério das figuras principais contudo, constatamos que um trabalho de indagação a partir do trabalho empreendido por figuras tidas como discretas ou secundárias pode conceder uma nova dimensão a este debate peninsular. Tanto Manuel Laranjeira, como Baldomero Escobar, personagens a que as histórias da literatura não dedicam grande espaço, se revelaram como excelentes interlocutores culturais.

Manuel de Laranjeira, médico de profissão e poeta de vocação, viveu arredado dos cânones da geração de 70, mas em perfeita sintonia com o espírito revolucionário e progressista de Antero de Quental. Em 1908 o médico conhece Unamuno e iniciam uma interessante troca de correspondência, e Unamuno reconheceu imediatamente no poeta português um interlocutor privilegiado para entender a realidade cultural portuguesa. Laranjeira vai-lhe cultivar o gosto por uma literatura que alimentasse a busca antagónica que movia o escritor salmantino, e onde Antero de Quental terá um lugar especial, não só pela curiosidade que Unamuno manifesta em relação ao poeta insular, como também pela excelente interpretação do espírito irrequieto e atormentado de Antero, e que transmite ao professor salmantino. Podemos concluir que Unamuno conhecerá Antero, e grande parte da cultura portuguesa, através da lucidez intelectual do médico, mas filtrada pelo tédio decadentista do pensador que assume o sofrimento pátrio como próprio, alinhada pelo pensamento que projecta em *Pessimismo Nacional*.

Alimentando um mesmo processo formativo, Laranjeira retoma o diálogo encetado por Antero, reclamando esse processo de regeneração que passa necessariamente por uma profunda revolução cultural, consciente de que a arte assume agora um papel importante ao implicar um novo conceito de *mimesis*, distante do conceito aristotélico, pelo que terá que abdicar de uma concepção estática para adoptar uma nova, dinâmica e geradora de ideias.

Quanto a Baldomero Escobar, amigo de Curros Enríquez, permanecia praticamente desconhecido quando decidimos empreender uma pesquisa que nos elucidasse um pouco sobre esta personagem, de quem sabíamos que era poeta, tradutor e jornalista, para além de amigo de Luís de Magalhães, com quem se correspondia, e um profundo admirador do Poeta Antero de Quental.

Partindo da leitura da sua correspondência que se encontra no espólio de Luís de Magalhães, na Biblioteca nacional, em Lisboa, foi possível obter um testemunho directo e sincero de alguém que aprecia, lê, interpreta, traduz e divulga a nossa cultura, permitindo-nos concluir que a mensagem de Antero e da sua geração tinha encontrado em Espanha mais um excelente interlocutor. Nessas cartas, encontraremos um diálogo distendido, sobre literatura e cultura portuguesa, mas também a expressão sincera da preocupação de alguém que acompanha fielmente o desenrolar dos acontecimentos políticos que afectavam a realidade portuguesa, indo de encontro àquilo que encontraremos na imprensa periódica espanhola que consultámos. Efectivamente, cremos que estas relações são as que legitimam a existência de um espírito cultural que se resiste a uma concepção política, redutora, para alimentar um caminho de progresso e de modernidade que exige o contacto e a abertura que só o diálogo cultural e civilizacional pode instaurar.

Dentro desse espírito de reconstrução de um diálogo peninsular mais directo, a imprensa escrita acaba por nos dar uma imagem mais directa e autêntica desse contacto entre as duas nações peninsulares. Desde o século XIX que as revistas têm sido um espaço privilegiado para a reunião das vozes peninsulares, mas para este trabalho quisemos centra-nos na presença da geração de 70 em Espanha, ou de temas relacionados com a realidade portuguesa de aquela época.

Embora o nosso campo de análise se tenha centrado apenas sobre o período que decorre entre a década de 80 e os anos imediatamente posteriores à morte de Antero, e conscientes da necessidade de ampliar essas balizas, bem como as publicações consultadas, pudemos confirmar, uma vez mais, que Espanha estava atenta aos ecos que chegavam de Portugal, sendo até mesmo responsável por que algum desse eco chegasse até França.

A partir da nossa recolha, verificamos que os focos de atenção se centram preferentemente em torno ao conflito luso-britânico e à questão das relações ibéricas. Embora se tratem de dois temas distintos, acabam por se inter-relacionar. Espanha, segue atentamente o desenvolvimento dos acontecimentos porque conhece essa ambição conquistadora por parte de Inglaterra, pelo que as manifestações de apoio são frequentes. Contudo, Espanha recordará que esta situação não se verificaria caso Portugal tivesse aceitado integrar uma união Ibérica.

A par destes grandes blocos, intercalados por notícias sobre visitas reais ou contactos entre os partidos republicanos de ambos os países, a Cultura encontrará um espaço bastante significativo. Nesse contexto, apesar da presença de Antero se ampliar após a sua morte, noticiada em praticamente todas as publicações, incluindo alguma exclusivamente religiosa, foi dado um grande destaque à sua figura no momento em que decide assumir a presidência da Liga Patriótica do Norte. Ora, embora esta situação decorra duma contextualização política, foi possível constatar que Antero não era uma figura desconhecida. A sua implicação política, e o interesse com que acompanhara também ele as (r)evoluções sociais e políticas em Espanha, muito terão contribuído para que, além do poeta, se reconhecesse também o autor desses textos de carácter interventivo e que Antero expunha, da maneira mais autêntica e sincera, procurando gerar um debate coerente e autêntico.

A partir dos dados analisados, podemos concluir que Espanha tinha correspondido à invocação lançada pela geração de 70 relativamente à necessidade de empreender esse diálogo peninsular, mas devemos reconhecer ainda o trabalho e o empenho de uma geração em pró de uma afirmação de Portugal nesse novo espaço de modernidade e de abertura ao diálogo inter-civilizacional, e em que Antero assume um papel destacado.

A partir desta recolha, cabe verificar a recepção de Antero em Espanha ainda durante o século XIX, já não no âmbito exclusivo das publicações periódicas, mas antes junto de publicações em livros. Para além das edições das obras, ou dos panfletos, parece-nos importante destacar a importância dos textos críticos que começam a surgir já no final da década de 60 em estudos como o de Romero Ortiz, *La Literatura Portuguesa en el Siglo XIX* (1869), ou as célebres conferencias de Leopoldo Alas *Clarín*, publicadas em jornais como *El Porvenir*, e que depois reúne em *La Nueva Campaña* (1887). Antero tem notícia deste eco, e responde-lhe com o envio dos seus *Sonetos*. Apenas um episódio, mas que nos permite dar conta de como efectivamente as relações peninsulares se concretizavam e Portugal e Espanha começavam, não só a conhecer-se, como sobretudo a entender-se.

Este interesse pelos contemporâneos do outro lado da península amplifica-se com autores como Juan Valera, quem reconhece que os espanhóis devem muita consideração ao autor português e revela ainda entender perfeitamente o espírito de modernidade que Antero viera trazer à literatura portuguesa, para a qual reclama a atenção do leitor espanhol. A complementar esta excelente recepção de Antero em Espanha, cabe destacar Labra e o seu *Portugal Contemporáneo*, uma obra edificada a partir da reunião de uma série de conferências que realiza a partir do contacto directo com a realidade portuguesa

cujos ecos chegavam até Espanha pela imprensa. Revelará um excelente conhecimento não só da nossa literatura, como também da nossa história e, ao mesmo tempo, o facto de ter viajado a Portugal, inspira ao seu leitor, ou auditório, uma confiança entusiasmante.

Posteriormente, podemos considerar que a recepção de Antero conhecerá um novo impulso quando Unamuno se revele como um excelente leitor e intérprete do homem que está por trás dos versos, dotado de um perfil humanista excepcional. Recordemos que do processo formativo de Unamuno, a par de Kirkegard ou de Marx, constava também Antero de Quental, o que significava que, efectivamente, Antero e a sua geração faziam já parte desse pensamento moderno e actualizado em que tanto empenho tinham posto, e todo este processo será vital para a edificação dessa identidade que Portugal necessita.

O encontro geracional advém sobretudo de uma profunda consciência ética e social que porá em evidência a sintonia entre essas duas gerações. Uma sintonia que não será epocal, posto que mediarão praticamente duas décadas entre ambas, embora a História se encarregue de recortar esse distanciamento ao fazer convergir o eixo que une estas duas gerações em torno a dois momentos que viriam abalar profundamente o destino das duas nações peninsulares: O *Ultimatum* inglês a Portugal, em 1890, e a perda das colónias americanas, por parte de Espanha, em 1898. Em torno a esse eixo girará uma sintonia que será sobretudo formal, ou estética, e ideológica, ou ética e que levará estas duas gerações a reforçar esse caminho de reconstrução de uma identidade própria perante os outros como superação do ultraje e da humilhação sofridos. Unamuno, traduzirá a angústia e a inquietação de Antero nesse verso de *España me duele*, e com ele empreenderá esse trabalho de reconstrução identitária, que será realizado por toda uma geração, em ambos os casos, e não só por um único protagonista.

Ao abordarmos o tema das relações entre estas duas gerações, o ponto de maior convergência estabelece-se sem dúvida entre Antero e Unamuno, não só pelo facto de ser um leitor e tradutor de Antero, de palavras e de ideias, mas sobretudo pela íntima e intensa relação que manteve com Portugal, a nossa cultura. Juntos, trilharão caminhos paralelos, embora em momentos distintos. Paralelos, porque Unamuno, graças à lição de Antero, aprenderá a viver com as suas angústias, as suas agonias como *hombre de Carne y Hueso*, e, num esquema concêntrico, aprende ainda a entender a verdadeira dimensão da dor de Antero; uma dor que se transformou em existencial ao encarnar esse destino de uma nação que tanto desejava reconduzir. Este diálogo tornar-se-á recíproco porque a leitura de Unamuno ajuda-nos a encontrar respostas para o problema de Antero quem, dominado pela emoção nunca foi capaz de alcançar essa tão desejada síntese entre a razão e a ideia.

Será neste sentido que o Diálogo entre Unamuno e Antero poderá chegar também ao outro filósofo, a Ganivet, quando reclama uma reflexão sobre a história para entender e resolver os problemas do presente a partir de uma postura ideológica bastante similar sobre a arte e os valores que a sociedade deveria reclamar: A liberdade, a justiça e a igualdade. Esta interpelação de Ganivet obriga-nos a referir que, ao contrário do que sucede com Unamuno, não podemos intuir que os restantes membros desta geração sejam leitores de Antero, embora, como vimos, a obra dos autores de 70 fosse já uma presença frequente em Espanha. Não obstante, a nossa conclusão é que esse diálogo não tem que ser apenas directo, a partir do comentário do texto, mas antes daquela sintomatologia que todos eles partilhavam porque, no fundo partilhavam ambos de uma *intra-história* assente num mesmo processo formativo de leituras, de filosofias, de utopias e, logicamente, de desenganos, num desejo de repensar e reconduzir uma identidade própria, embora esse processo, tal como o defendia Antero,



suscite distintas perspectivas de equação e de resolução, pois é precisamente a partir do confronto de ideias que algum dia poderá surgir a tão desejada síntese.

Assim sendo, para estabelecer esse caminho de futuro escolhemos simbolicamente, para além de Unamuno, Ganivet, António Machado, Pio Baroja e Valle-Inclan, e a conclusão a que podemos chegar é que, a partir da obra legada por estes autores é plausível o estabelecimento de um diálogo entre a mensagem da geração de Antero e, a dos homens de 98, até certo ponto. Logicamente que a base deste diálogo assentará numa vivência e numa consciência particular de homens que souberam entender o contexto em que viviam, com as suas especificidades individuais.

Chegados a este ponto, concluimos que, graças a esta relação profunda e multifacetada, Antero de Quental e a sua Geração contribuíram fortemente para a afirmação da cultura portuguesa dentro de um caminho de modernidade, apenas iniciado.

## BIBLIOGRAFIA

### ANTERO DE QUENTAL: BIBLIOGRAFIA ACTIVA

*A Poesia na Actualidade*, Fenda Edições, Lisboa, 1988.

*“Hino da Manhã” e Outras Poesias do Mesmo Ciclo*, edição, estudo introd. e notas de Joel Serrão, Livros Horizonte, Lisboa, 1989.

*Causas da Decadência dos Povos Peninsulares Nos Três Últimos Séculos*, 5ª ed., ed. Ulmeiro, Lisboa, 1987.

*Causas da Decadência dos Povos Peninsulares Nos Três Últimos Séculos*, pref. de Eduardo Lourenço, Tinta-da-china, Lisboa, 2008.

*ContraCapas*, atribuição, org. e pref. de Ana Maria Almeida Martins, Tinta-da-china, Lisboa, 2008

*Considerações Sobre a Philosophia da Historia Litteraria Portugueza: (a proposito d'alguns livros recentes)*, Liv. Chardron, Porto, 1904

*O Bacharel José*, Ed. Presença, recolha, pref. e notas de Ana Maria Almeida Martins, Lisboa, 2005

*Obras Completas, cartas, I [1852]-1881*. Org., intr. e notas de Ana Maria Almeida Martins, Ed. Comunicação - Univ. dos Açores, Lisboa -Ponta Delgada 1989.

*Obras Completas, Cartas, II 1881-1891*. Org., intr. e notas de Ana Maria Almeida Martins, Ed. Comunicação- Univ. dos Açores, Lisboa-Ponta Delgada 1989.

*Obras Completas, Filosofia*, org. int. e notas de Joel Serrão, Univ. dos Açores, - Ed. Comunicação, Lisboa, 1991.

*Odes Modernas*, Pref. de Nuno Júdice, 4ª ed., Ulmeiro, Lisboa, 1996.

*Poesia Completa 1842-1891*, Org. e Pref. de Fernando Pinto do Amaral, Dom Quixote, Lisboa, 2001.

*Poesias y Prosas Selectas*, Trad. y notas de Juan Antonio Zuñiga et José Antonio Llardent, Ed. Alfaguara, Madrid, 1986.

*Obras Completas, Política*, org. int. e notas de Joel Serrão, Univ. dos Açores, - Ed. Comunicação, Lisboa, 1994.

*Portugal Perante a Revolução de Espanha: Considerações sobre o Futuro da Política Portuguesa no Ponto de Vista da Democracia Ibérica*, Typ. Portuguesa, Lisboa, 1868.

*Primaveras Românticas*, pref. de Nuno Júdice, Ed. Ulmeiro, Lisboa, 1994.

*Prosas de Época de Coimbra*, 2ª ed. Clássicos Sá da Costa, Lisboa, 1982.

*Prosas Sócio-Políticas*, apr. por Joel Serrão, I.N.C.M., Lisboa, 1992.

*Raios de Extinta Luz*, Lello & Irmão Editores, Porto, 1985.

*Sonetos* (edición bilingue) Versión de José Llardent, Calambur, Madrid, 2003.

*Sonetos*, pref. De J. P. Oliveira Martins, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1933

*Sonetos*, ed. org. e pref. por António Sérgio, 7ª ed., Liv. Sá da Costa, Lisboa, 1984.

*Sonetos*, org. int. e notas de Nuno Júdice, INCM, Lisboa, 2002.

*Sonetos*, introd. por Ana Maria Almeida Martins, ed. Ulisseia, 2002.

*Sonetos Selectos de Antero de Quental*, trad. De José Llardent, Col. Visor, Madrid, 1998.

*Tesouro Poético da Minha Infância*, Couto Martins, Lisboa, 1943.

*Testamento Filosófico de Antero de Quental: Antologia*. Pref. de Sant'Anna Dionísio, Seara Nova, Lisboa, 1945.

*Theoria do socialismo. Evolução e economia das sociedades na Europa*, Tip. Sousa e Silva, Lisboa, 1872.

*Zara*, Edição Polyglotta, Lisboa, Imprensa Nacional, 1894

TRADUÇÃO:

POE, Edgar Allan, *A Entrevista*, trad. De Antero de Quental, Difel, Lisboa, 1993.

### **ANTERO DE QUENTAL: BIBLIOGRAFIA PASSIVA**

AAVV, *Antero, Revista Colóquio/Letras*, número 123-124, Fund. Calouste Gulbenkian, Lisboa, Janeiro - Junho de 1992.

AAVV, *Antero de Quental e o Destino de Uma Geração*, Org. e Coord. De Isabel Pires de Lima, ed. Asa, Rio Tinto, 1994.

AAVV, *Antero de Quental et L'Europe Actes du Colloque, Paris, 13-14 Juin 1991*, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, Paris, 1993

AAVV, *Antero de Quental 1842-1891*, Biblioteca Nacional, Lisboa, 1991.

AAVV, *Antero de Quental, In Memoriam*, ed. Fac-Similada, Ed. Presença – Casa dos Açores, Lisboa, 1993.

AAVV, "Antero e Unamuno o início de um reencontro", *Estudos Anterianos*, nº 3, Revista do Centro de Estudos Anterianos, Vila do Conde, Abril de 1999.

AFONSO, João, *Antero de Quental e o Pensamento da Revolução Nacional*, ed. Panorama, Lisboa, 1967.

ALBUQUERQUE, Isabel de Faria, *Alguns Inéditos de Antero de Quental e Subsídios para a sua Epistolografia*, Ed. Signo, Lisboa, 1992.

ALMEIDA, Onésimo Teotónio de, "Antero et les «Causes du déclin des peuples ibériques» esquisse d'une analyse critique, *Antero de Quental et L'Europe Actes du Colloque, Paris, 13-14 Juin 1991*, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, Paris, 1993

ALVES, José, *Antero de Quental Les Mortelles Contradictions, Aspects Comparatifs avec Charles Baudelaire et Edgar Poe*, Fund. Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, Paris, 1982.

ARROYO, António, *A Viagem de Antero de Quental Á América do Norte*, ed. Fac-similada, Estante editora, S.L. 1992, p.43.

BERRINI, Beatriz, *A bifronte ideia de Antero de Quental*, Fund. Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1987.

CARREIRO, José Bruno, *Antero de Quental, Subsídios para a sua Biografia*, IIVols., Inst. Cult. de Ponta Delgada - Liv. Ed. Pax, Braga, 1981.

CARRILHO, António Louro, *Antero de Quental e o Socialismo - Subsídios para a Compreensão do Seu Pensamento Político*, Évora, 1985

CARVALHO, Joaquim de, *Obra Completa*, Vols., IV e VI, Fund. Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1989

CARVALHO, Magda Costa Melo, *A Natureza em Antero de Quental*, INCM, Lisboa, 2006.

CATROGA, Fernando, *Antero de Quental, História, Socialismo, Política*, Ed. Notícias, Lisboa, 2001.

“A ideia de Evolução em Antero de Quental”, separata de *Biblos*, nº 56, Fac. De Letras da Univ. de Coimbra, 1981, pp.357-388.

“O problema político em Antero de Quental” Separata da Rev, *História das Ideias*, nº3, Coimbra, 1981.

CIDADE, Hernâni, *Antero de Quental*, 2ª ed., Ed. Presença, Lisboa, 1988.

COIMBRA, Leonardo, *O Pensamento Filosófico de Antero de Quental*, J. Pereira da Silva, Porto, 1921, p.173.

CORREIA, Morão, *Antero de Quental, Breves Considerações Sobre a sua Obra*, Luanda, 1972.

DÍEZ-CANEDO, Enrique, *Pequeña Antología de Poetas Portugueses*, Ed. Excelsior, Paris, ed. Fac similada, s.d. [com estudo intitulado *Enrique Díez-Canedo y la Literatura Portuguesa*, por Antonio Sáez Delgado, Editora Regional de Extremadura, Mérida, 2010].

JÚDICE, Nuno, “Orphee detruit”, *Antero de Quental et L'Europe Actes du Colloque, Paris, 13-14 Juin 1991*, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, Paris, 1993

JÚDICE, Nuno, “Poética de Antero”, AAVV *Antero de Quental e o Destino de uma Geração*, org. e coord. de Isabel Pires de Lima, Edições Asa, Rio Tinto, 1994, p.146

LOURENÇO, Eduardo, *Antero ou a Noite Intacta*, Ed. Gradiva, Lisboa, 2007

“Antero o du socialisme comme utopie” *Actes du Colloque Utopie et Socialisme au Portugal au XIXe Siècle*, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, Paris, 1982

“La defense de la “Lettre Encyclique” ou la double pensée d’Antero de Quental, *Antero de Quental et L’Europe Actes du Colloque, Paris, 13-14 Juin 1991, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, Paris, 1993*

LOSADA SOLER, Elena, “Antero de Quental a través de Curros Enríquez: análisis de 'Elogio de la Muerte'” in *Actas do VII Congreso Internacional de Estudos Galegos, Mulleres en Galicia. Galicia e outros pobos da Península*, Barcelona 28 ó 31 de maio de 2003. Ed. de Helena González e M. Xesús Lama, Sada, Ed. do Castro / Asociación Internacional de Estudios Galegos (AIEG)/ Fil. Gallega (Univ. de Barcelona), 2007

“Antero e Leopardi: o naufrágio na dor”, in AAVV *Antero de Quental e o Destino de uma Geração*, org. e coord. de Isabel Pires de Lima, Edições Asa, Rio Tinto, 1994.

“Introduccion” a *La Ilustre Casa de Ramires*, José Maria Eça de Queiroz, Planeta, Barcelona, 1989.

MACHADO, Álvaro Manuel, *Antero de Quental e “as Primaveras Românticas” da Geração de 70*, Viseu, Comemorações do VI Centenário da Feira Franca de Viseu (Feira de S. Mateus), 1992.

MOISÉS, Carlos Felipe, “Antero de Quental: o Poeta e o Mito” in *Colóquio/Letras* N.º 41, Fund. Calouste Gulbenkian, Lisboa, Janeiro de 1978

MORNA, Fátima de Freitas, “Antero música romântica”, AAVV *Antero de Quental e o Destino de uma Geração*, org. e coord. de Isabel Pires de Lima, Edições Asa, Rio Tinto, 1994

MOURÃO-FERREIRA, David,” Larbaud, Pessoa, Antero: o recurso à ode como forma da modernidade”, separata de *Les Rapports Culturels et Littéraires entre el Portugal et la France, Actes du Colloque, paris, 11-16 oct. 1982*, Fond. Calouste Gulbenkian-Centre Culturel Portugais, Paris, 1983

MENDES, Manuel, *Antero de Quental*, Cosmos, Lisboa, s.d.

MARTINS, Ana Maria Almeida, *A Intemporalidade de Antero de Quental*, Discurso proferido pela autora em Ponta Delgada, a 21 de Outubro de 2010, na Cerimónia da atribuição do grau de Doutora *Honoris Causa* pela Universidade dos Açores, in [www.repositorio.uac.pt](http://www.repositorio.uac.pt).

*Antero de Quental e a Viagem à América, Remando Contra a Maré*, Ed. Tinta-da-china, Lisboa, 2011.

*Antero de Quental Fotobiografia*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1989.

“Curros Henriquez tradutor de Antero de Quental”, separata de *Confluência*, 3, Penafiel, 1987, pp.29-34.

(Seleccção e apresent. de) *Dicionário de Citações*, Ed. Presença, Quêluz, 2003.

“Raios de Extinta Luz: Um Título envenenado”, *Prelo*, nº3, INCM, Lisboa, 1984.

MARCOS DE DIOS, Angel Marcos, "Deux ibéristes différents; Antero et Unamuno”, *Antero de Quental et L’Europe Actes du Colloque, Paris, 13-14 Juin 1991*, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, Paris, 1993

MAGALHÃES, José Tomás Calvet de, (pref. e selecção) *Antero de Quental*, Col. Idearum, Edições SNI, Lisboa, 1948.

*Antero de Quental A Vida Angustiada de um Poeta*, Ed. Bizâncio, Lisboa, 1998.

PEREIRA, Maria de Lourdes, “Antero, Um Pensador da e para a Modernidade”, *Actas del Congreso Internacional de Historia y Cultura en la Frontera y Primer Encuentro de Lusitanistas Españoles*,

Cáceres, 10,11 y 12 de noviembre de 1999, Universidad de Extremadura, 2000, tomo I.

“Antero e o diálogo literário peninsular”, *Aula Ibérica, Actas de los congresos de Evora y Salamanca*, Univ. de Salamanca, 2007.

RAMOS, Feliciano *Antero de Quental na Poesia Filosófica*, Vila do Conde, Tipografia do reformatório, 1936.

RODRIGUES, Anna Maria Moog [ed.]: *Antero de Quental*. Lisboa/São Paulo, Verbo, 1990.

SÁ, Victor de, *Antero de Quental*, 2ª ed., Ed. Limiar, Porto, 1977.

*A Mocidade de Antero*. Braga, Ed. Futuro, 1942.

SANTOS, Leonel Ribeiro dos, *Antero de Quental, uma Visão Moral do Mundo*, INCM, Lisboa, 2002.

SARAIVA, António José, "A duplicidade de Antero de Quental", *Colóquio/Letras*, 103, Lisboa, Maio-Junho, 1988.

*A Tertúlia ocidental. Estudos sobre Antero de Quental*, Oliveira Martins, *Eça de Queirós e outros*. Lisboa, Gradiva, 1990.

"Oliveira Martins versus Antero de Quental", in *Colóquio/Letras*, 106, Lisboa, Novembro-Dezembro, 1988.

SÉRGIO, António: "As 'Tendências' como poema metafísico e místico", in *Antero de Quental. Tendências gerais da filosofia na segunda metade do século XIX*. Lisboa. Ed. Comunicação, 1989.

*Notas sobre os Sonetos e as Tendências gerais da Filosofia de Antero de Quental*, Liv. Ferreira, Lisboa, 1909.

SERRÃO, Joel, “Acerca da Tendência Heteronímica de Antero”, in *Afecto às Letras, Homenagem da Literatura Portuguesa Contemporânea a Jacinto do Prado Coelho*, I.N.C.M., Lisboa, 1984, p.312.

*Antero Entre o Ser e o Nada* in *Colóquio Letras*, Nº76, Fund. Calouste Gulbenkian, Novembro- de 1983, p.28.

*Antero e a Ruína do seu Programa (1871-1875)*, Livros Horizonte, Lisboa, 1988



“Nota Sobre ‘O Sentimento da Imortalidade’ de Antero de Quental” in AAVV, *Estudos Portugueses, Homenagem a António José Saraiva*, ICALP, Lisboa, 1990, pp.215-221.

VASCONCELOS, Carolina Michaelis, “Antero e a Alemanha”,

## **BIBLIOGRAFIA GERAL**

### **LIVROS E ARTIGOS**

AAVV, *Estadística del Personal y Vicisitudes de las Cortes y de los Ministerios de, España*, Imprenta Nacional, Madrid, 1858.

AAVV, *Estudos Portugueses, Homenagem a António José Saraiva*, ICALP- Univ. de Lisboa, Lisboa, 1990.

AAVV, *Historia de la Literatura Portuguesa*, José Luís Gavilanes y António Apolinário (Eds.), Cátedra, Madrid, 2000.

AAVV, *Os Vencidos da Vida, Ciclo de Conferências promovido pelo Círculo Eça de Queiroz*, Empresa Lit. do Sul, Lisboa, 1989.

ABELLAN, José Luis, (Introd. ), *Vision de España en la generación del 98, Antologia*, 2ª ed., Ed. Magisterio Español S.A., Madrid, 1968.

ALAS CLARÍN, Leopoldo Alas, *La Nueva Campaña (1885-1886)*, Librería de Fernando Fé, Madrid, 1887.

BAROJA, *El Árbol de la Ciencia*, Catedra, Madrid, 1997.

*Obras Selectas*, Espasa, Madrid, 2000

BARRETO, Moniz Barreto, “A literatura portuguesa contemporânea”, Eça de Queiroz (Dir.), *Revista de Portugal*, Vol. I, Ed. Lugan & Genelioux, Porto, 1889, p.17

BÉCARUD, Jean, *Miguel de Unamuno y la Segunda República*, Cuadernos Taurus, Taurus, Madrid, 1965.

BENTO, José, (introd.), *Epistolário Ibérico, Cartas de Unamuno e Pascoaes*, Assírio & Alvim, Lisboa, 1986.

BERRINI, Beatriz, *Brasil e Portugal: A Geração de 70*, Campo das Letras ed., S.L., 2003

BLANCO AGUINAGA, Carlos, *Juventud del 98*, 2ª ed., Ed. Crítica, Barcelona, 1978.

BRAGA, Teófilo, *Visão dos Tempos*, Liv. Chardron, Porto, 1908.

CALVO CARILLA, J. Luís, *La Cara Oculta del 98, Místicos e Intelectuales en La España del Fin de Siglo (1895-1902)*, Cátedra, Madrid, 1998.

CAMEIRÃO, Lurdes, *Epistolário Espanhol de Teixeira de Pascoaes*, Assírio & Alvim, Lisboa, 2008.

*Teixeira de Pascoaes e Espanha*, Assírio & Alvim, Lisboa, 2008.

CAMÕES, Luís de, *Os Lusíadas*, Porto editora, Lisboa, 1985.

CANDEIAS, António Candeias (Dir. E Cord.), *Alfabetização e Escola em Portugal nos Séculos XIX e XX*, Fund. Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2004.

CARDOSO, José Luís (Org. Editorial de), *Portugal como Problema*, Vols.III e VI, Público / Fund. Luso-Americana, Lisboa, 2006

CARRASCO, Juan M. et alli, (ed.), *Actas del I Congreso Internacional de Historia Y Cultura en la Frontera – Ier Encuentro de Lusitanistas Españoles*, Tomo II, Cáceres, Univ. de Extremadura, 2000.

CARRASCO, Norberto, *Ganivet*, Epasa, Madrid, 1971.

COELHO, Jacinto do Prado, *Dicionário da Literatura Portuguesa*, V Vols., Ed. Figueirinhas, Porto, 1987.

CUADRADO FERNÁNDEZ, Perfecto, (edição e prólogo de) Fernando Pessoa, *Máscaras y Paradojas*, Edhasa, Barcelona, 1996.

*Modernidad y Vanguardia en la Poesía Portuguesa Contemporánea – Perspectiva Histórica del Surrealismo Portugués*, Vol. I. Tomo I, Tesis presentada para la obtención del Grado de Doctor, UIB, Palma de Mallorca, 1985.

"Portugal en la Gaceta Literaria: encrucijada de conflencia y dispersiones", *Anthropos, Rev. de Documentación Científica de la Cultura*, nº 84, Barcelona, 1988.

"Portugal y España: dos sociedades, dos transacciones, dos literaturas, *República de las Letras*, nº 21, Madrid, Abril de 1998.

DÍEZ de REVENGA, Francisco Javier, *Poesia Completa, Antonio Machado*, Monograma Ediciones, P. Maiorca, 1995

ELIOT, Thomas, *Sobre Poesia y Poetas*, Icaria Editorial, Barcelona, 1992.

ESCOBAR, Baldomero, *Adelfas e Siempre Vivas*, Imprenta de Infantería de Marina, Madrid, 1894

FERREIRA, Alberto et Maria José Marinho, *Bom Senso e Bom Gosto (A Questão Coimbrã) 1865/1866*, 4Vols., Lisboa, 1985.

FIGUEIREDO, Fidelino de, *As Duas Espanhas*, 4ª ed. Guimarães Editores, Lisboa, 1959.

*Estudos de Literatura*, Quarta Série (1921-22), Portugalíia, Lisboa, s.d.

*Pirene, Introducción a la Historia comparada de las Literaturas Portuguesa y Española*, Espasa Calpe, S.A, 1971.

FRANÇA, José Augusto, *O Romantismo em Portugal*, VI Vols., Livros Horizonte, Lisboa, s.d.

HERRERO, Jesús, *Ortega y Gasset e a Literatura in Colóquio/Letras*, Fund. Calouste Gulbenkian, Lisboa, Nº112, Novembro- Dezembro de 1989

GANIVET, Ángel, *Idearium Español con El Porvenir de España*, 12ª ed., Col. Austral, Espasa Calpe, Madrid, 1990.

GARCÍA MOREJON, Luís, *La Esfíngie Española y sus Secretos in Colóquio/Letras*, Fund. Calouste Gulbenkian, Nº112, Novembro-Dezembro de 1989.

Unamuno y Portugal, II Vols., Ed. Gredos, Madrid, 1971.

GARRETT, Almeida Garrett, *Viagens Na Minha Terra*, Porto Editora, Porto, 1982.

- GÓMEZ MARÍN, José Antonio, *La Idea de Sociedad en Valle-Inclán*, Cuadernos Taurus, Taurus, Madrid, 1967.
- GONZÁLEZ-RUANO, César, *Vida, Pensamiento y Aventura de Miguel de Unamuno*, Gráfica da Vergada, 1992.
- GUIMARÃES, Fernando, *Poética do Saudosismo*, Editorial Presença, Lisboa, 1988.
- ILDEFONSO, Manuel Gil, *Valle Inclán, Azorin y Baroja*, Seminarios y Ediciones, Madrid, 1975.
- JIMÉNEZ MILAN, Antonio, *Entre dos Siglos*, ed. El Fil d'Ariadna, Lleida, 1995.
- JUNQUEIRO, Guerra, *Finis Patriae*, Livraria Chardron, Lisboa, 1911.
- LAFARGA, Francisco et alli, *Interaccions entre las Literaturas Ibéricas, Relaciones Literarias en el ámbito Hispánico; traducción Literatura y Cultura*, Peter Lang, Bern, 2010.
- LABRA, Rafael de, *Portugal Contemporáneo*, Tip. Minuesa, Madrid, 1889
- LARANJEIRA, Manuel, *Cartas de Manuel Laranjeira*, Relógio d'Água, Lisboa, 1990.
- Diário Íntimo*. Lisboa: Vega, s.d.
- Obras de Manuel Laranjeira*, Org., prefácio e notas Introdutórias de José Carlos Seabra Pereira, II Vols., ed. Asa, Lisboa, 1993.
- Pessimismo Nacional*, 2ª ed., Contraponto, Lisboa, Julho de 1985.
- Prosas Dispersas, Relógio d'Água*, Lisboa, 1990
- LLOMPART, Josep Maria, *Totes les Aus del Mon*, Consell Insular de Mallorca, Palma, 2013
- LOPES, Óscar, *Álbum de Família, Ensaio sobre Autores portugueses do Século XIX*, Ed. Caminho, Lisboa, 1984
- LOPEZ, Julio, *Unamuno*, ed. Júcar, Madrid, 1985.

LOURENÇO, A. Apolinário Lourenço, “Ensimesmamento e alteridade na poesia de A. Machado” in *Colóquio/Letras* n.º 112, Fund. Calouste Gulbenkian, Lisboa, Novembro- Dezembro de 1989.

LOURENÇO, Eduardo, *As Saias de Elvira e Outros Ensaio*s, Ed. Gradiva, Lisboa, 2006.

*O Esplendor do Caos*, Ed. Gradiva, Lisboa, 2002.

*O Labirinto da Saudade*, 5ª. Ed. Publ. Dom Quixote, Lisboa, 1992.

*Portugal como Destino Seguido de Mitologia da Saudade*, 2ª ed. Ed. Gradiva, Lisboa, 1999.

MACHADO, Álvaro Manuel, *A Geração de 70 – Uma revolução Cultural e Literária*, Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, Biblioteca breve, M.E.I.C. 1977.

*A Ideia de Decadência na Geração de 70*, Univ. dos Açores, Ponta Delgada, 1980

*As Origens do Romantismo em Portugal*, Biblioteca Breve, I.C.L.P., Lisboa, 1979.

*O Romantismo na Poesia Portuguesa, (de Garrett a Antero)*, 3ª ed. Biblioteca Breve, I.C.L.P., Lisboa, 1986.

MACHADO, António, *Antologia Poética*, Biblioteca Básica Salvat, Salvat Editores, Navarra, 1985.

*Obras Selectas*, Col. Austral Summa, Espasa Calpe, Madrid, 1998

MAGALHÃES, José Tomás Calvet de, (pref. e selecção) *Antero de Quental*, Col. Idearum, Edições SNI, Lisboa, 1948.

MAGALHÃES, Luís de, *Espólio de Luís de Magalhães*, E2, [correspondência de Baldomero Escobar para Luís de Magalhães], Biblioteca Nacional de Lisboa, 2/2/1890

MARGARIDO, Alfredo, *A Introdução do Marxismo em Portugal 1850\*1930*, Guimarães Editores, Lisboa, 1975.

MARCOS DE DIOS, Angel Marcos, (Coord.) *Aula Ibérica, Actas de los congresos de Evora y Salamanca*, Univ. de Salamanca, 2007.

(Introd., lectura y notas de), *Epistolario Portugués de Unamuno*, F. C. Gulbenkian - C. C. Português, Paris, 1978.

"Deux ibéristes différents; Antero et Unamuno", *Antero de Quental et L'Europe Actes du Colloque, Paris, 13-14 Juin 1991*, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, Paris, 1993

*Escritos de Unamuno Sobre Portugal*, Fundação. Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, Paris, 1985.

"Unamuno y los Suicidas Portugueses", *Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris, Vol. XXXI, 1992.

"Unamuno y la literatura portuguesa", *Cuadernos de la Cátedra Miguel de Unamuno*, nº 25-26, Univ. de Salamanca. Salamanca, 1978

MARIMON, Antonio, *La Crisis de 1898*, Ed. Ariel, Barcelona, 1998.

MARINHO, Maria José, "A Propósito de uma carta d Filomeno da Câmara para Jaime Batalha Reis sobre a doença de Antero", separata da *Revista da Biblioteca Nacional*, nº2, B.N.L., Lisboa, 1981.

MARQUES, J. J. Dias, " Wilhelm Storck e a morte de Antero de Quental", Separata Revista. *Runa – Rev. Port. De Estudos Germânicos*, nº 15-16, Coimbra, 1991.

MARTINS, F. A. Oliveira, (Pref. e anot. de) *A Edad-Média na história da civilização: polémica entre Antero de Quental, J. P. Oliveira Martins e Júlio de Vilhena*, Parceria António Maria Pereira, Lisboa, 1925.

*Oliveira Martins e os seus Contemporâneos*, Guimarães Editores, Lisboa, 1960.

MARTINS, J. M. Pereira, *Uma visita a Madrid*, Typografia Universal, Lisboa, 1871

MARTINS, Oliveira, *Dispersos*, 2 Vols., Bib. Nacional, Lisboa, 1924

*História da Civilização Ibérica*, Guimarães Editores, Lisboa, 1994.

*Portugal Contemporâneo*, II Vols, Guimarães Ed., Lisboa, 1986

*Portugal e o Socialismo. Exame Constitucional da Sociedade Portuguesa e a sua Reorganização pelo Socialismo*, Tip. Sousa Neves, Lisboa, 1873.

*Portugal nos Mares*, antologia, Circulo de Leitores, s.l, 1982 [inclui o texto da conferência lida no ateneo de Madrid, intitulado “Navegaciones y descubrimientos de los portugueses anteriores al viaje de Colón”]

MARQUES, Miguel Ângelo Raposo, *O Socialismo de Antero*, Arquipélago, Coimbra 1959.

MARTOCK, Bernard, *Manuel Laranjeira et son temps (1877-1912)*, Centre Culturel Portugais, Paris, 1985

MAS y de SANZ, Sinibaldo de, *La Iberia, Memoria sobre las Ventajas de la Union de Portugal y España*, 2ª ed., Imprenta y Estereotopia de M. Rivadeneyra, 1853.

*La Iberia, Memoria Sobre la Conveniencia de La Union Pacífica y Legal de Portugal y España*, 3ª ed., Imprenta de Narciso Ramirez, Barcelona, 1854.

*A Iberia. Memoria escripta em língua hespanhola por um Philo-Portuguez, e traduzida em língua portugueza por um Philo-Iberico*, 3ª ed., Typ. de Castro Irmão, Lisboa, 1852

*Memoria Em Que Se Provam As Vantagens Políticas Económicas E Sociais Da União Das Duas Monarquias Peninsulares Em Uma Só Nação*, [Trad. De Latino Coelho], 3ª ed., Typ. de Castro Irmão, Lisboa, 1853

MATOS, A. Campos, (Org. e Coord.), *Dicionário de Eça de Queiroz*, Ed. Caminho, Lisboa, 1988.

MATTOSO, José (Dir.) *História de Portugal, VI Vols.*, Circulo de Leitores, Lisboa, 1993.

MEDINA, João, *Eça de Queiroz e a Geração de 70*, Moraes Editores, Lisboa, 1980.

Herulano e a Geração de 70, Ed. Terra Livre, Lisboa, 1977

(Dir.) *História de Portugal Dos Tempos Pré-Históricos aos Nossos Dias*, Ediclube, Lisboa, 1993.

“No Cinquentenário da Morte de Unamuno um texto esquecido sobre Portugal (1909) ” in *Colóquio/Letras*, N.º 94, Novembro de 1986.

*Portuguesismo(s)*, Centro de História da Univ. de Lisboa, Lisboa, 2006

MELO, João de, *O Mar de Madrid*, Ed. Dom Quixote, Lisboa, 2006

MENDES, Carlos Fradique, *Versos*, ed. 70, Lisboa, 1973.

MERQUIOR, José Guilherme, *O Fantasma Romântico* in *Colóquio/Letras*, N.º 33, Fund. Calouste Gulbenkian, Lisboa, Setembro de 1976.

MOLINA, César António, *Sobre el Iberismo y Otros escritos de Literatura Portuguesa*, Akal /Bolsillo, Madrid, 1990.

MONTOITO, Eugénio, *Manuel Laranjeira e o Sentimento Decadentista na Passagem do Século XIX*, Europress, Póvoa de Sto Adrião, 2001

NORDAU, Max, *Degeneración*, trad. de Nicolas Salmeron y Garcia, II Vols, Madrid, 1902

OLMEDO MORENO, Miguel, *El Pensamiento de Ganivet*, Revista de Occidente, Madrid, 1965.

ORTEGA Y GASSET, José, “Una primera vista sobre Baroja”, in Paco Rico, *História y Crítica de la Literatura Española*, vol.VI, editorial Crítica, Barcelona, 1980, p.345.

PEDRAZA JIMENEZ, Felipe B. et al., *Manual de Literatura Española*, IX, Generación de Fin de Siglo: Prosistas, Cénit ediciones, Navarra, 1987.

PEREIRA, José Carlos, “Para uma análise de *Comigo* de Manuel Laranjeira” in *Colóquio/Letras*, nº 40, Nov. 1977.

“Posição Literária de Manuel Laranjeira”, *Colóquio/Letras*, nº 40, Fund. Calouste Gulbenkian, Lisboa, Nov. 1977.

PEREIRA, Lúcia Miguel et Câmara Reys, (Org.) *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*, Ed. Dois Mundos, Portugal - Brasil, 1945.

PEREIRA, Maria de Lourdes, “De discípulo a mestre, a lição de Manuel Laranjeira”, *Interaccions entre las Literaturas Ibéricas*,



*Relaciones Literarias en el ámbito Hispánico; traducción Literatura y Cultura*, Peter Lang, Bern, 2010.

“De Ilha em Ilha”, *Lusofonia: Tempo de Reciprocidades*, ed. Afrontamento, Santiago de Compostela, 2011.

“Em busca de uma memória ibérica”, *Res-Publica, Revista de Ciência Política e Relações Internacionais, Portugal, Espanha e a Europa*, Fernando dos Santos Neves (DIR), Ano III, Nº 5/6, Ed. Universitárias Lusófonas, Lisboa, 2007.

“Manuel Laranjeira, um Autor de Fim de Século” en *Select Proceedings from the Fourth Annual Graduate Student Conference on Lusophone and Hispanic History, Literature and Culture*, Tinta Annex, University of California, Santa Bárbara, Departament of Spanish and Portuguese, 2003.

PESSOA, Fernando, *Iberia, Introducción a un Imperialismo Futuro*, trad. Int y notas de António Sáez Delgado, Pre – Textos, Valencia, 2013

*Mensagem*, 14ª ed., Colecção Poesia, Ed. Ática, Lisboa, 1987.

*Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias*, pref. Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, 2ª ed., Ed. Ática, Lisboa, 1973

*Poemas de Alberto Caeiro*. 9ª Ed., Colecção Poesia, Ed. Ática, Lisboa, 1987.

*Poemas de Álvaro de Campos*, Colecção Poesia, Ed. Ática, Lisboa, 1986

*Poesias de Fernando Pessoa*, 12ª ed., Colecção Poesia, Ed. Ática, Lisboa, 1987.

PIEIDADE, Ana Nascimento, *Fradiquismo e Modernidade no Último Eça 1888-1900*, INCM, Lisboa, 2003.

PIRES, António Manuel Bettencourt Machado, *A Ideia de Decadência na Geração de 70*, Instituto Universitário dos Açores, Ponta Delgada, 1980

*O Século XIX em Portugal, Cronologia e Quadro de Gerações*, Liv. Bertrand, Lisboa, 1975.

QUEIROZ, Eça de et Ramalho Ortigão, *A Correspondência de Fradique Mendes*, ed. Livros do Brasil, Lisboa.

*As Farpas - Crónica Mensal da Política, das Letras e dos Costumes*, Coord. de M<sup>a</sup> Filom. Mónica, Ed. Principia, Lisboa, 2004.

(dir.) *A Revista de Portugal*, Editores Lugan & Genelioux, Porto, 1889.

*Cartas de Inglaterra, Crónicas de Londres*, Livros do Brasil, Lisboa, s.d.

*Cartas e Outros Escritos*, Livros do Brasil, Lisboa, s.d.

*Correspondência*, Livros do Brasil, Lisboa, s.d.

*La Ilustre Casa de Ramires*, Int de Elena Losada, Planeta, Barcelona, 1989.

*Notas Contemporâneas*, Livros do Brasil, Lisboa, s.d.

*Prosas Bárbaras*, Livros do Brasil, Lisboa, s.d.

*Últimas Páginas (Manuscritos inéditos)*, Lello & Irmão, Porto, s.d.,

*Uma Campanha Alegre de “As Farpas”*, Ed. Livros do Brasil, Lisboa, s.d.

REIS, Carlos, *A Construção da Narrativa Queirosiana, O Espólio de Eça de Queiroz*, INCM, Lisboa, 1989.

(Coord.), *Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea*, Univ. Aberta, Lisboa, 1990.

(Dir.), *História da Literatura Portuguesa, O Romantismo*, 5º Vol., Ed. Verbo, Lisboa, 1993

(Dir.), *História da Literatura Portuguesa, Realismo e Naturalismo*, 6º Vol., Ed. Verbo, Lisboa, 1994

(Dir.), *História da Literatura Portuguesa, Do fim de Século ao modernismo*, 7º Vol., Ed. Verbo, Lisboa, 1995

ROCHA, Clara, *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*, INCM, Lisboa, 1985.

RICO, Paco (Dir.), *História y Crítica de la Literatura Española, Romanticismo e Realismo*, vol.V, editorial Crítica, Barcelona, 1982

- História y Crítica de la Literatura Española, Modernismo y*  
98, vol.VI, editorial Crítica, Barcelona, 1980
- ROMERO, Ortiz, *La Literatura Portuguesa en el Siglo XIX Estudio Literario*, Madrid, Typ. Gregorio Estrada, Madrid, 1869.
- SÁ, Maria das Graças Moreira de, *Estética da Saudade em Teixeira de Pascoaes*, Inst. de Cultura e Língua Portuguesa, 1992
- SÁ, Victor de, *A Crise do Liberalismo*, 3ª ed., Livros Horizonte, Lisboa, 1978.
- SALGADO JÚNIOR, António, *História das Conferências do Casino*, Tip. Da Cooperativa Militar, Lisboa, 1930.
- SANCHEZ BARBUDO, Antonio, (ed.), *Miguel de Unamuno, el Escritor y la Crítica*, 2ª ed., Taurus, Madrid, 1980.
- SARAIVA, António José, *Herculano e o Liberalismo em Portugal*, Liv. Bertrand, Lisboa, 1977.
- SARAIVA, António José Saraiva e Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, Porto Editora, 16ª ed., Porto Editora, Porto.
- SARAIVA, José Hermano, *História de Portugal*, Pub, Europa-América, Lisboa, 1993.
- SASSON, DONALD, *Cultura, el Patrimonio Común de los Europeos*, Crítica, Barcelona, 2006
- SARAMAGO, José, *A Jangada de Pedra*, Ed. Caminho, 1986
- SENA, Jorge, *Estudos de Literatura Portuguesa*, II Vols., Edições 70, Lisboa, 1982.
- SÉRGIO, António, *Ensaio, II*. Lisboa, 2ª ed, Sá da Costa, 1977  
*Ensaio, III*. Lisboa, 2ª ed, Sá da Costa, 1980  
*Ensaio, IV*. Lisboa, Sá da Costa, 1981, 2ª ed.  
*Ensaio, VII*. Lisboa, Livraria Sá da Costa Ed., 1975.
- SERRANO PONCELA, S., *El Pensamiento de Unamuno*, 2ª ed., Fondo de Cultura económica.
- UNAMUNO, Miguel de, *Diário Intimo*, Alianza Editorial, 1991.  
*Obras Selectas*, Ed. Pleyade, Madrid, 1946.

*Obras Selectas*, Col. Austral Summa, Espasa Calpe, Madrid, 1998

*Por Tierras de Portugal y de España*, Assírio & Alvim, Lisboa, 1989.

*San Manuel Bueno Mártir*, Ed. Catedra, Madrid, 1996.

VALERA, Juan, *Apuntes sobre el Nuevo Arte de Escribir Novelas*, Imprenta y fund. de M. Tello, Madrid, 1887.

VALLE-INCLAN, Ramon M. del, *Luces de Bohémia*, Ed., prólogo y notas de Alonso Zamora Vicente, Espasa-Calpe, Madrid, 1985.

VAZQUEZ CUESTA, Pilar, *A Espanha ante o 'Ultimatum'*, Livros Horizonte, Lisboa, 1975.

“A pântasma do iberismo no Portugal do Século XIX”, Brea. M. et Fernández Rei (eds.) *Homenaxe ó Profesor Constantino García*, Vol. II., Univ. de Santiago de Compostela, Santiago, 1991.

VERDE, Cesário Verde, “O sentimento dum Ocidental”, *O Livro de Cesário verde*, Ulisseia, Lisboa, 1986.

VILAR, Pierre, *Historia de España*, 18ª ed., Ed. Crítica, Barcelona, 1984.

VILHENA, Vasco de Magalhães (org. e sel.), *Marx e Hegel (Marx e o “caso” Hegel)*, Livros Horizonte, 1985.

ZAMORA VICENTE, Alonso, *La Realidad Esperpéntica*, (*Aproximación a “Luces de Bohémia”*), Ed. Gredos, Madrid, 1969.

#### **PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS:**

*A Águia*, Álvaro Pinto (Dir.), Porto, (Dez. de 1910 - Maio/Julho de 1932)

*Anathema*, Antero de Quental (dir.) (1890)

*Contemporânea*, José Pacheco (Dir.), Lisboa (Maio de 1922- Junho 1926)

*El Album Ibero Americano*, Concepción Gimeno Y Gil, (Dir., Madrid (07/01/1891- 30/12/1909)

*Capicua*, Barcelona, (2010-)  
*Colóquio/Letras*, Fund. Calouste Gulbenkian, Lisboa  
*El Imparcial*, *Diário Político de La Tarde*, Madrid (01/01/1868 - 30/05/1933)  
*El Liberal*, Madrid, (15/07/1879 - 26/03/1939)  
*El País*, *Diário Republicano-Progressista*, Madrid (1887).  
*Espaço/Espacio Escrito*, Angel Campos (Dir) Badajoz, (1987-2008)  
*Hablar / Falar de Poesia*, Lisboa / Badajoz (1997/2002)  
*La Época*, Madrid, (01/04/1849 - 31/03/1936)  
*La Correspondencia de España*, Madrid (02/01/01860 – 27/06/1925)  
*La Gran Vía*, Madrid, (02/07/1893 - 14/12/1895)  
*La Iberia*, *Diario Liberal*, Madrid, (30/09/1868 - 14/05/1898)  
*La República*, *Diário Federal*, Madrid, (01/02/1884 - 28/11/1891)  
*La Vanguardia*, *Diario Político de Avisos y Noticias*, Barcelona, (1861)  
*Las Dominicales del Libre Pensamiento*, Madrid, (04/02/1883 - 27/08/1909)  
*Le Temps*, Paris, (1861)  
*O António Maria*, Rafael Bordalo Pinheiro (Dir.), Lisboa (1864-1905)  
*Res-Publica*, *Revista de Ciência Política e Relações Internacionais*, Portugal, Espanha e a Europa, NEVES, Fernando dos Santos, (DIR), Ed. Universitárias Lusófonas, Lisboa,  
*Revista Federal. Enciclopedia Semanal de Ciencias, Artes, Agricultura, Industria, Comercio, Literatura, noticias, Teatro Y Modas*, Manuel Fernandez Herrero (Dir.), Madrid, (1870)  
*Revista do Centro de Estudos Anterianos*, Vila do Conde, (1995-)  
*Revista Nova*, Ilídio Analide da Costa (ed. literário) (05/04/1902 – 31/1/1902)  
*Revista Occidental*, Antero de Quental e Jaime Batalha Reis (Dirs.), Lisboa, (1875)  
*Revista Portugal*, Eça de Queiroz (DIR.), Lisboa, 1889.

*Res-Publica, Revista de Ciência Política e Relações Internacionais*,  
Fernando dos Santos Neves, (DIR), Ed. Universitárias Lusófonas,  
Lisboa (2005-)

*Sudoste*, Almada Negreiros (Dir.), Lisboa (Junho / Outubro e  
Novembro de 1935)

*Suroeste*, Antonio Saez Delgado (Dir.), Badajoz, 2011 (1997-2002)

# **ANEXOS**

## **DOCUMENTOS**



DOCUMENTO Nº 1  
*O mapa cor-de rosa*





## DOCUMENTO Nº2

Columbano Bordalo Pinheiro, *A Berlinda*, *Reproduções d'um Album Humorístico, Ao Correr do lapis*, 7ª Pagina – Conferências do Casino,

In <http://purl.pt/273/1/obras/a-berlinda-7.html>



DOCUMENTO Nº3  
Desenho a lápis de Almada Negreiros

*A Europa Jaz posta nos cotovelos  
O rosto com que fita é Portugal*  
Fernando Pessoa



DOCUMENTO Nº4

Columbano Bordalo Pinheiro, Retrato de Antero de Quental, 1889.(73x53cm). Museu do Chiado, Lisboa.



## DOCUMENTO Nº 5

*Album das Glorias*, com desenhos de Raphael Bordallo Pinheiro e textos de João Rialto. - N. 32, Typ. Editora Rocio, Lisboa, 1882.  
Primeiro retrato do Zé Povinho, *o Soberano!*

In:<http://purl.pt/14828/3/#/0>

*nas y da, i. i. i. d. de*

x

# A IBERIA

co

MEMORIA EM QUE SE PROVAM AS VANTAGENS POLITICAS,  
ECONOMICAS E SOCIAES DA UNIÃO  
DAS DUAS MONARCHIAS PENINSULARES EM  
UMA SÓ NAÇÃO.

ESCRITA ORIGINALMENTE EM HESPAÑHOL

POR

UM PHILO-PORTUGUEZ,

E

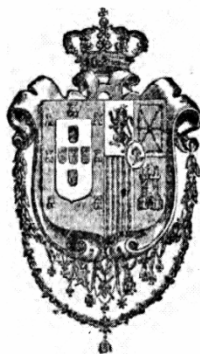
TRADUZIDA E PRECEDIDA DE UM PROLOGO

POR

UM JORNALISTA PORTUGUEZ.

SEGUNDA EDIÇÃO

Correcta e consideravelmente augmentada pelo  
author em Janeiro de 1853.



LISBOA

Typ. Universal — RUA DOS CALAFATES, 114.

1853.

Digitized by Google

## DOCUMENTO Nº4

Sinibaldo de Más, *A Iberia, Memoria Em Que Se Provam As Vantagens Políticas Económicas E Sociais Da União Das Duas Monarquias Peninsulares Em Uma Só Nação*, Typ. Universal, Lisboa, 1853.

In: [www.ggogle.es/boooks](http://www.ggogle.es/boooks)

*Man! Montalban*  
*El autor*  
**LA IBERIA.**

**MEMORIA**

**SOBRE LA CONVENIENCIA DE LA UNION**

**PACÍFICA Y LEGAL**

DE

**PORTUGAL Y ESPAÑA,**

ESCRITA

**POR DON SINIBALDO DE MAS,**

enviado extraordinario y ministro plenipotenciario, que ha sido, de S. M. en China, etc.

**TERCERA EDICION.**

(Corregida.)



**MADRID, 1854.**

**IMPRENTA Y ESTEREOTIPÍA DE M. RIVADENEYRA.**

Digitized by Google

**DOCUMENTO Nº4.1**

Sinibaldo de Más, *LA Iberia, Memoria Sobre La Conveniencia De La Unión Pacífica y Legal de Portugal y España*, Imprenta y Estereotipía de M. Rivadeneyra,, Madrid, 1854, In: [www.ggogle.es/boooks](http://www.ggogle.es/boooks)

GRATIS PARA LOS SUSCRITORES A LA IBERIA GRANDE.

# ALMANAQUE POLITICO Y LITERARIO DE LA IBERIA,

PARA  
1862.

(3.<sup>o</sup> Año.)

REDACTADO POR LOS SEÑORES

Aguirre, Excmo. señor don Joaquin; Alcalde Valladares; Bazan, don J. S.; Breton de los Herreros, Excelentísimo señor don Manuel; Coronado, señora doña Carolina; Calvo Asensio, don Pedro; Carballo, don Benigno; Carreras y Gonzalez, don Mariano; Escalera, don Evaristo; Escosura, Excmo. señor don Patricio; Fernandez de los Rios, don Angel; Fernandez y Gonzalez, don Manuel; Figuerola, don Laureano; Garcia Briz, don Joaquin; Garcia Gutierrez, don Antonio; Gil Sanz, don Alvaro; Gil Sanz (hijo); Gomez, don Manuel; Gonzalez Llana, don Manuel; Güel y Renté, don Juan; Hartzenbusch, don Juan Eugenio; Heredia, señor marqués de; Larra, don Luis Mariano de; Lasala, don Manuel; Llano y Pérsi, don Manuel; Manrique, don Cayetano; Marcoartú, don Arturo de; Molina, don Ricardo de; Montesino, don Cipriano Segundo; Moya, don Javier; Muñiz Vega, don Camilo; Muñoz Bueno, don Joaquin; Olózaga, don José de; Olózaga, Excmo. señor don Salustiano de; Pasaron y Lastra, don Angel; Pascual y Genís, don G.; Perez Pujól, don Eduardo; Pérís y Valero, don José; Príncipe, don Miguel Agustín; Rivera, don Luis; Rosa Gonzalez, don Juan de la; Rubio, don Carlos; Rubio, don Leandro; Ruiz Aguilera, don Ventura; Ruiz del Cerro, don J.; Ruiz Gomez, don Servando; Sanchez Ruano, don J.; San Julian, señor; Torres Mena, don José; Tremiño, don José; Valera, don Cristóbal; Villergas, don Juan Martínez.

SEGUNDA EDICION.

10 rs. ejemplar.



MADRID:  
IMPRENTA Y REDACCION DE LA IBERIA,  
CALLE DE FUENCARRAL, NÚM. 23.  
1862.

DOCUMENTO Nº 5,

*Almanaque Político Y Literario de La Iberia para 1862, 3º*  
Año, nº 23, Imprenta y Redaccion de La Iberia, Madrid, 1862

In: [www.ggogle.es/boooks](http://www.ggogle.es/boooks)

lo contrario. Apenas descubría buenas disposiciones en un diputado joven, le honraba con su estimación y le estimulaba al estudio y le animaba con sus elogios y sus consejos.

Por el cariño que le tuvieron los liberales podrá inferirse el odio de los enemigos más ó menos encubiertos de la libertad; pero él se mostró siempre superior á todo y vivió satisfecho con el testimonio de su conciencia y el aprecio de los buenos.

Es imposible llegar á la altura que alcanzó Argüelles sin despertar odios y envidias. ¿Qué importa?

«Estos odios y animosidades, como dice muy bien su historiador San Miguel, bajaron con él á la noche del sepulcro. Hoy es el nombre de D. Agustín Argüelles propiedad de la nación entera; uno de los blasones con que se engrandece.»

Que su ejemplo no sea perdido, y que se despierte en nuestra generosa juventud la noble ambición de alcanzar la envidiable fama de que goza Argüelles, aún más que por su elocuencia, por sus virtudes y patriotismo.

JOSÉ DE OLÓZAGA.

## UNION IBÉRICA.

La interesante, la trascendental cuestión de unir en un solo pueblo á españoles y portugueses, figura hasta hoy en la inmensa lista de esos negocios desgraciados que, apenas son traídos al debate, avivan tristes recuerdos, despiertan añejas antipatías, y se convierten en veneno, en manantial fecundo de celos y de sospechas. ¿Cuál es la causa, ó el pretexto, que produce este fenómeno tan pernicioso como desconsolador? ¿Por qué se combate y se rechaza lo que siempre fué útil, conveniente, y hoy aparece como una cosa necesaria ante las exigencias del progreso humano?

¿Será por ventura que concebido y alimentado el proyecto por un partido político, se oponen á él los que son sus rivales? ¿Tendrán parte directa en este plan las intrigas extranjeras, que, materializándolo todo, tanto han explotado los desastrosos cometidos por las dos naciones? Sean estas ó cualesquiera otras las causas que creen obstáculos para impedir la realización de esa idea tan bienhechora, es preciso combatirlas con empeño constante, con decidido propósito de no cejar hasta que por completo desaparezcan.

Mucho puede contribuir para tan laudables fines examinar la cuestión *Ibérica* bajo el aspecto de la necesidad con que hoy se presenta. Cuando esta se demuestre, desde luego dejarán de oírse esos acentos irreflexivos, esos ecos que sin cesar se repiten para defender una independencia que nadie ataca, y para sostener una dignidad, que merece grande estima, pero que no hay ni puede haber la intención de humillar. Fuera el mayor de los absurdos pretender unirse

con vínculos ficticios, y empeñarse en alzar un edificio que careciese de solidez.

En este punto debe haber toda la claridad posible y decir con lealtad cuanto se piensa para evitar todo linaje de interpretaciones y de dudas. No se trata, no, mil veces no, de una unión realizada por la conquista, que jamás pudo ser este el medio de unir los corazones.

Las conquistas, con sus lagos de sangre, con sus ruinas, con sus proscripciones, con todo ese gran cúmulo de horrores que las acompañan, están ya condenadas. La historia las ha juzgado; y los tristes recuerdos que en el ánimo despiertan, son comprobantes seguros de que existieron errores universales.

Por fortuna de la humanidad, pasaron ya esas épocas terribles de terror y de violencia, en las que tan frecuentes fueron las usurpaciones y los abrazos hipócritas: fuera el colmo del delirio intentar resucitarlas. En la actual debe discutirse la necesidad de la unión peninsular, pero examinándola con muy diferente prisma; teniendo presente que, siendo variables las condiciones de los pueblos, llegan para ellos momentos supremos en que no pueden prescindir de entrar en nuevas combinaciones para salvar su existencia unas veces, otras para tener vida propia.

El mundo camina á la unidad; la exactitud de este aserto no há menester de extensa demostración. Si la necesitase, cumplida, satisfactoria, muy elocuente se la suministrarían el vapor y la ELECTRICIDAD, esos dos poderosos agentes de la civilización moderna, que, destruyendo las fronteras, salvando toda clase de

### DOCUMENTO Nº 6.1

*Almanaque Político Y Literario de La Iberia para 1862, 3º Año, nº 23, Imprenta y Redaccion de La Iberia, Madrid, 1862, p. 119*

In: [www.google.es/books](http://www.google.es/books)



distancias contribuyen poderosamente para dejar ver en los horizontes del porvenir, como probables, sucesos que antes se calificaban de increíbles. Con su descubrimiento y aplicación háse adelantado mucho espacio en el sendero que conduce á la unidad; y lo que sin ellos hubiera sido ayer mera ilusión, hoy se presenta como realizable empresa.

Con el vapor y la electricidad cesará el aislamiento en que por tanto tiempo yacieron las naciones, y ha de ir desapareciendo su vida propia, especial, exclusiva, para asimilarse primero con la que tienen las más próximas, y después fundirse del mismo modo con la propia de las más distantes. El uno y la otra son los incansables conductores de la asimilación universal, porque acercando aquel las personas y los objetos de todos los países, poniéndolos en contacto, y llevando esta con la rapidez del rayo las ideas, contribuyen á crear en las naciones nuevas necesidades. Y como todo en la naturaleza está perfectamente combinado, con el vivo deseo de satisfacerlas nace, se desarrolla y crece el de fomentar la unidad, único medio de llenarlo de una manera durable y permanente.

Ora las generaciones futuras lleguen á este feliz término de perfección por medio del cristianismo, ora lo realicen por la política, es lo cierto que á tan grandioso acontecimiento han de preceder otros, que lo preparen y aun todos los elementos de asimilación que son necesarios, para desenvolverlo con esperanza de buen éxito. Las naciones, como los individuos, tienen sus días contados; como estos, se desprenden en ocasiones dadas de sus anteriores combinaciones, y después entran en la formación de nuevos compuestos. En unas y en otros es incesante el movimiento de composición y descomposición, causa productora de esa renovación fecunda, tan indispensable para la vida.

Los que de esto duden, pueden consultar la historia, y ella les suministrará pruebas que los convenzan. Los Estados modernos nacieron y se formaron de la disolución de grandes imperios; á su vez sonará la hora en que han de desaparecer, para dejar su puesto á los que se crearán en virtud de las nuevas combinaciones. Precisamente en Europa se realizan hoy hechos que atestiguan de una manera inequívoca haberse iniciado ya ese movimiento de descomposición, esa evolución social tan indispensable para recorrer uno de los diversos períodos por que el mundo ha de pasar, antes de llegar á la unidad.

Ya no existen los tratados de 1815, y, bajo el impropio nombre de *anexiones*, se introducen importantísimas variaciones en el antiguo mapa. Esto indica que se camina más aprisa de lo que generalmente se cree á una nueva organización de las nacionalidades hoy existentes;

y á poco que se reflexione ha de conocerse que la tendencia general se dirige á la constitución de grandes Estados, que, siendo igualmente fuertes y respetables, vivan en paz y hagan difíciles, si no imposibles, esas gigantescas luchas, en las cuales se destruye en un solo día lo que á fuerza de trabajos y de afanes se creó en muchos años.

Por eso la Italia, por tanto tiempo abrumada con la enorme pesadumbre de sus infortunios y desdichas, saluda con júbilo el nuevo astro que aparece en el horizonte: aprovecha circunstancias tan favorables; y obedeciendo la voz amiga de uno de sus más ilustres hijos, depone en el altar de la patria todo género de antipatías y se afana por fundir en un solo pueblo diversos Estados nacidos para ser hermanos. Por eso otras nacionalidades manifiestan iguales aspiraciones, y para realizarlas se proponen utilizar los elementos de asimilación, que se derivan de las afinidades de raza, de posición y de tradiciones.

¡Una y mil veces desgraciados los pueblos que permanezcan impasibles ante ese movimiento regenerador que se inicia! ¡Infortunios y lamentables pérdidas han de experimentar los que en un vértigo de insensatez y de demencia se empeñen en contrariarla por servir mezquinos intereses, ó por gozarse aún en alimentar odios y antipatías que solo á la codicia extranjera interesa perpetuar! Lo que la prudencia aconseja en el período de descomposición en que ha entrado el continente europeo, es anticiparse á los sucesos, ó cuando menos seguir su natural y conveniente impulso. Obrar de diferente modo es exponerse á correr los riesgos del que se obstina en contener con diques insuficientes un torrente impetuoso.

A la vista de esto fuera imperdonable falta que, en vez de seguir la general tendencia, se empeñasen en contrariarla Portugal y España, herederas de las mayores glorias que alcanzó la intrépida, la denonada raza *Latino-visogoda*. Los hombres pensadores de los dos países tienen el deber de alzar su voz para que cese el lamentable divorcio de estas dos naciones. El mejor modo de conseguirlo es ilustrar esta cuestión; presentarla con sus verdaderos caracteres; no despojarla de ese sello especial que hoy le imprimen los acontecimientos que se realizan en Europa, á despecho de las viejas nacionalidades, impotentes para impedirlos.

Afortunadamente las dos naciones cuentan con todos los elementos de afinidad necesarios para asimilarse y llevar á efecto su unión. Ellas pertenecen á una misma raza; se hallan enclavadas en una península, carecen de fronteras naturales, y su mútua defensa ofrece grandes dificultades con la separación de los dos pueblos. Basta fijar la vista en el mapa, para conocer el más inexperto en el arte de la guerra que, una

## DOCUMENTO Nº 6.2

*Almanaque Político Y Literario de La Iberia para 1862*, 3º Año, nº 23, Imprenta y Redacción de La Iberia, Madrid, 1862, p. 120

In: [www.google.es/books](http://www.google.es/books).

vez posesionado un ejército extranjero de Portugal ó de España, tiene á su disposición medios formidables de ataque; entre otros los que siempre ofrece una línea de frontera por todas partes abierta, imperceptible en el orden de la naturaleza, y cuya longitud es próximamente de ciento treinta leguas.

Iguales dificultades ofrece la defensa marítima de las costas; porque, dueño el enemigo de los puertos españoles ó portugueses, puede preparar en ellos cuanto necesite para realizar sus agresiones. Es inmensa su ventaja cuando tiene cerca de su contrario lugares cómodos y seguros donde abrigar sus naves en los deshechos temporales; donde guarecerse y ampararse en caso de verse perseguido por fuerzas superiores. Desde esos sitios es muy hacedero improvisar divisiones, que, cayendo de improviso sobre determinadas plazas de las costas, lleven á ellas el incendio y la destrucción; ó que, simulando embestidas, distraigan al adversario.

Si á lo anteriormente espuesto se agrega que entre los dos países existe también la afinidad de una historia en gran parte común, este será otro motivo más que en cuenta debe tenerse para no diferir lo que tanto importa realizar. Y con efecto, juntas brillaron y vencieron las armas portuguesas y españolas en más de una ocasión, y con sus triunfos aseguraron la independencia de los dos pueblos. Entrambos asistieron y tomaron parte activa en esa magnífica epopeya de varios siglos, que al fin terminó lanzando de la Península á los sectarios del Profeta.

También se asociaron los portugueses á nosotros para sostener en esa lucha fratricida de siete años la causa de la libertad. Y cual si una estrella igualmente amiga de los dos pueblos les marcara su común é inseparable porvenir, apenas las naves españolas, guiadas por el inmortal Colón, se lanzan al proceloso Atlántico en busca de mares y de regiones desconocidas, las portuguesas, siguiendo el ejemplo de tanta audacia, toman otros rumbos, siguen diferentes derroteros, y concluyen por abrir nuevas vías al comercio y á la navegación de Europa, que atónita contempla el genio, el heroísmo y la abnegación de los dos pueblos hermanos.

Pero no es esto todo, no; que á estas afinidades de raza, de posición geográfica y de comunes é inmarcesibles glorias, hay que añadir

otros elementos igualmente afines y aptos para producir esa asimilación, base sólida de una unión permanente y estable. Los dos pueblos queman puro y abundante incienso ante los altares alzados al cristianismo. Su dialecto tiene menos diferencias esenciales que las que existen entre los idiomas vascongado, catalán y el castellano. Su ley política descansa en idénticos fundamentos: su legislación civil y criminal difiere en cosas poco importantes, y su sistema económico y administrativo, partiendo de parecidos principios, adolece de iguales defectos. Hasta las producciones de los dos países son casi iguales.

¿Por qué todo esto, no embargante, se insiste en contrariar á la naturaleza, en mantener el error geográfico, en no aprovechar las saludables lecciones de lo pasado, y en conservar separado lo que inevitablemente ha de unirse? ¿Por qué aplazar una fusión que reúne todos los elementos necesarios para realizarse por medios pacíficos, que, respetando todo cuanto digno de respeto sea, ha de ser tan fecunda en buenos resultados? Tiempo es ya de pensar seriamente en lo que tanto interesa á las dos naciones; de discutirlo con razón fría y serena, y no dominados por odios y antipatías, que no pueden ni deben resistir á la acción deletérea del tiempo; y puesto que está iniciado en Europa el movimiento de descomposición de los antiguos Estados, seguirlo es prudente; contrariarlo, temerario.

La ocasión no puede ser más oportuna, ni los instantes más favorables: ayer, antes, habría suscitado grandes obstáculos á esta unión la diplomacia europea. Hoy, ahora, puestas á la orden del día las *anexiones*, sin incurrir en grave contradicción, no pueden negarnos á españoles y portugueses el derecho de unirnos, los que han reconocido el que para hacer cosa parecida ejercitaron otras naciones. El vapor y la electricidad pueden servir grandemente á tan leales propósitos: ábranse, pues, nuestras respectivas fronteras á la libre comunicación y al libre comercio; desaparezcan de ellas los obstáculos y las trabas fiscales; pongámonos en contacto diario portugueses y españoles, y á poco de habernos tratado nos llamaremos hermanos y será una verdad la deseada UNIÓN DE PORTUGAL Y DE ESPAÑA.

JOAQUÍN MUÑOZ BUENO.

## DOCUMENTO Nº 6.3

*Almanaque Político Y Literario de La Iberia para 1862*, 3º Año, nº 23, Imprenta y Redacción de La Iberia, Madrid, 1862, p. 121

In: [www.google.es/books](http://www.google.es/books) Lisboa.

chos y libertades defienden por todos lados, como los muros y las fortalezas á una ciudad situada en un punto estratégico. La menor tentativa que se hiciera hoy en Inglaterra para violar sus principios, alterar su espíritu inmutable, produ-

ciría infaliblemente otra revolución como la que hizo pedazos la corona de los Estuardos sobre las sienes del imbécil Jacobo II.

Londres, 14 de marzo de 1862.

J. S. BAZAN.

## UN PROGRAMA IBÉRICO.

El espíritu de absorción y el espíritu de confederación.—El iberismo.—La unificación de España y Portugal.—La Iberia será.

«Toda la humanidad no será más que una sola familia.»

S. JUAN.

«Todas las familias no serán más que una familia, y todas las naciones no serán más que una nación.»

LAMENNAIS.

«Una nueva era se prepara; el mundo está en acción; todos los espíritus le están atentos.»

BALLANCHE.

«Todo anuncia no sé qué grande unidad, hacia la cual marchamos á grandes pasos, que debemos saludar desde lejos.»

MAISTRE.

«Una idea que se revela á través de la historia, estendiéndose cada día más su saludable imperio; una idea que, mejor que otra ninguna, prueba el hecho, tantas veces contestado, pero más veces mal comprendido, de la perfectibilidad general de la especie, es la idea de la humanidad. Ella tiende á derribar las fronteras que preocupaciones y miras interesadas de todo género han levantado entre los hombres, y á considerar la raza humana en su conjunto, sin distinción de religión, de nación, de color, como una gran familia de hermanos, como un cuerpo único, encaminándose hacia un solo y mismo objeto, el libre desenvolvimiento de las fuerzas morales.»

HUMBOLDT.

«Cuanto más se perfecciona el mundo, más se alejan los obstáculos que dividen á los hombres, más países hay cuyos mutuos intereses tienden á reunirse.»

«La Providencia no ha podido querer que una nación fuese venturosa á expensas de las otras, que no hubiese en Europa sino vencedores y vencidos, y no individuos reconciliados de una sola y gran familia.»

OBRAS DE L. N. BONAPARTE, T. III.

«La Europa no tendrá muy pronto más que dos partidos enemigos: no se dividirá ya más por pueblos y por territorios, sino por colores y por opiniones.»

MEMORIAL DE NAPOLEON EN SANTA HELENA, 13 de abril de 1816.

### I.

La generación viviente columbra en ya cercano horizonte esa solidaridad de pueblos y de reyes, de naciones y de razas que los siglos anteriores vieran en lontananza cuando la humanidad luchaba por dos distintos sentimientos, dos civilizaciones diversas, dos espíritus contrapuestos.

La ambición de dominios fué la insaciable pasión de los monarcas que recibieron el dictado de grandes en la edad pasada. La fusión de las razas es la generosa, la cristiana aspiración de los pueblos de la edad contemporánea.

Aquella fué la civilización antigua, que hoy espira; esta es la civilización futura, hoy naciente.

El derecho de la fuerza, sacrilegamente apellidado *divino*, imponía la idea que muere; el espíritu religioso, con la fuerza del derecho, propaga la idea nueva.

Para los tiempos pasados, las audaces y sangrientas empresas de Alejandro, Cárlo-Magno, Carlos V y Napoleon I. Para los tiempos presentes, las generosas y fraternales empresas de fusiones de nacionalidades de la misma raza: el germanismo, el italianismo, el rumanismo, el escandinavismo, el panslavismo y el iberismo.

### DOCUMENTO Nº 7

*Almanaque Político Y Literario de La Iberia para 1862, 3º Año, nº 23, Imprenta y Redaccion de La Iberia, Madrid, 1862, p. 178.*

In: [www.ggogle.es/boooks](http://www.ggogle.es/boooks)

La primera época nos deja las colonias con la esclavitud y servidumbre; los pechos, con sus contribuciones de sangre, y su protección al producto del opresor, su imposición al consumo del oprimido; los bloqueos, con las costas y fronteras cercadas de aduanas, y los tratados de comercio prohibitivos.

A la edad venidera nos lleva la libertad del trabajo; la libertad de la producción; la libertad del consumo; la libertad de los ríos, mares y continentes; la libertad de la circulación; todas las manifestaciones de la libertad.

La política antigua, política personal, es la espoliación, el monopolio; la explotación del hombre por el hombre.

La política moderna, política universal, es la fraternidad, la igualdad, la emancipación del hombre por la humanidad.

Instrumento de aquella política fué la guerra, con todos sus mortíferos elementos, con todo su malhadado arte de *destruir*.

Instrumento de esta política es la paz, con su más útil ciencia de *producir* un progresivo bienestar, con su más cristiano sentimiento.

Antes se intentaba absorber las nacionalidades con la guerra, y las nacionalidades peleaban contra su absorción, combatiendo por su independencia, por la libertad del hombre.

Ahora se prepara la unificación de las nacionalidades por la paz; y la paz ha creado confederaciones sociales, políticas y mercantiles en Suiza, Estados-Unidos, Alemania, Italia; y la paz hará la fusión permanente de nacionalidades de la misma raza primero, de todas las razas después; porque todos los pueblos, todas las naciones, todas las razas, la humanidad toda tienen el mismo sentimiento, obedecen la misma voz, aspiran a consumir en el siglo venidero el mismo símbolo de idea cristiana: paz y fraternidad universal.

Por esto los territorios hechos girones, los pueblos diezmados, los Estados repartidos por la bárbara ley de las armas, solicitan volver a su madre por la entrañada ley de la sangre; los tratados que la fuerza ha impuesto para instables equilibrios de continentes y de mares, están amenazados de muerte por los pactos naturales, que escriben un equilibrio permanente, de atracción y coexistencia fraternal.

Para que el Mediterráneo, cuyas aguas cubren las más épicas páginas de la humanidad, fuese un montón de nacionalidades impuestas, consintiese en equilibrios zozobrosos y asegurase neutralidad al comercio de todos los pueblos, ha sido necesario el contrapeso de influencias extranjeras. Pensó el francés hacer un lago nacional de este mar de la raza latina, y, señor de Marsella y de Tolón, se apoderó de Córcega y de la Argelia; necesitó el inglés su paso al golfo pérsico para el camino de la India,

y tomó Gibraltar a España, Malta a Francia, Corfú al Adriático, y se hizo protector de las islas Jónicas.

Así es como por el poder de la fuerza o por la expansión de los pueblos se han venido constituyendo y restaurando en nuestros días las nacionalidades de los Estados confederados del Rhin en 1806, de los treinta y ocho Estados de la Confederación Germánica y de los veinte y dos cantones de la Suiza en 1815, de Grecia en 1820, de Bélgica en 1830, de la Rumanía en 1856, de la confederación itálica en 1859, y de la Italia en 1860.

Y no parece sino que en los corrientes años ha llegado la edad de preparar en todo el mundo civilizado la última serie de evoluciones de la humanidad, para establecer el fraternal y verdadero equilibrio de continentes y de mares, para inaugurar la era de la paz y del progreso universal.

En nombre de la nacionalidad, la raza helénica pide la anexión al reino de Grecia de las siete islas Jónicas y la emancipación del protectorado inglés, consentido en los ya rasgados tratados de 1815, sudario de pueblos libres; en nombre de la nacionalidad, Sicilia reclama la devolución de Malta, juguete de más de quince señores y tratados desde su colonización fenicia; en nombre de la nacionalidad, Córcega, hermana de Cerdeña, debería pasar a este reino; en nombre de la nacionalidad, de la historia y de la geografía, nos pertenece un peñón de la Península, que el engaño y malas artes vendieron a una grande y liberal nación, y cuya usurpación no la pueden amparar hoy el tratado de Utrecht (1713) y ominosos derechos de prescripción.

Este sentimiento de confraternidad que palpita en todos los pueblos modernos y que se manifiesta especialmente en la bella Italia, segunda cuna del arte, en la severa Alemania, segunda patria de la filosofía, en la heroica Península ibérica, descubridora de mundos y ardiente propagadora de su fé, prepara inmediatas grandes agrupaciones de nacionalidades, a favor del nuevo código de gentes que vienen escribiendo la progresiva libertad del siglo y la carta constituyente de la confederación de todos los pueblos.

El congreso de Verona decreta la libre navegación de los ríos: el de París la neutralidad del mar Negro. Un día se suprime el peaje del Sund; otro queda abolida la ignominiosa patente de corso; recientemente espira el peaje del Stader. Y todos los días y en todos los climas y por todos los pueblos, las montañas se bajan, las simas se levantan, los istmos se rompen, los mares se unen, los estrechos se abren, para dejar seguro y rápido paso al aliento civilizador del vapor, para trocar al rayo en ben-

## DOCUMENTO Nº 7.1

*Almanaque Político Y Literario de La Iberia para 1862*, 3º Año, nº 23, Imprenta y Redacción de La Iberia, Madrid, 1862, p. 179.

In: [www.ggogle.es/boooks](http://www.ggogle.es/boooks)

después, solo regulado por un poder que se llamo ¡oh sacrilegio! *Tribunal del Santo Oficio!*

Por fortuna, en los corrientes tiempos no puede ser la unificación sino espontánea, y no puede realizarse sino con el principio liberal; la hegemonía unificadora pertenece, por lo mismo, de irresistible derecho al país más libre, cualquiera que fuere la extensión relativa de su suelo y el número de sus pobladores. A diferencia de las antiguas agregaciones de territorios que subyugó el conquistador, las unificaciones de hoy se promueven y verifican por la atracción asimiladora del sol de la libertad. Es así como la unidad itálica se ha hecho por el liberal Piamonte; será también así como la unidad germánica tendrá el carácter prusiano, y como la unidad ibérica se realizará con las instituciones tan liberales, por lo menos, como las instituciones de Portugal.

El programa ibérico, programa unificador por la paz, tiene que cumplir con dos condiciones:

La supresión de toda traba, de toda diferencia internacional que se oponga al libre trato y al libre cambio entre los dos pueblos.

La asimilación de las instituciones de los dos Estados en el sentido del régimen más liberal.

Estas dos condiciones imponen lógica y forzadamente dos principios: el de la IGUALDAD y el de la LIBERTAD para españoles y portugueses.

El programa ibérico se resume: UNION, NO ANEXION; UNIFICACION POR LA LIBERTAD; FRATERNIDAD E IGUALDAD ENTRE ESPAÑOLES Y PORTUGUESES.

Así, el partido unitario, que no reconoce diferencia entre la personalidad española y portuguesa, entre el trabajo de uno y otro pueblo, debe oponer, aún cuando no acepte toda la libertad de nuestros propios principios,

En nombre de la IGUALDAD:

Contra el pasaporte, la libre circulación de españoles y portugueses por toda la Península y sus islas;

Contra la aduana hispano-lusitana, la libre circulación de la mercancía por toda la Península: la unión aduanera peninsular;

Contra los derechos por extranjería de bandera en rios, mares y puertos, la libre navegación de las banderas española y portuguesa;

Contra las diferencias en la enseñanza pública, un solo mismo plan de libre enseñanza pública para los dos países;

Contra los privilegios nacionales de ejercicio de profesiones é industria, un solo título para las profesiones é industrias en toda la Península y sus islas;

Contra las cartas de nacionalización con tiempo y condiciones, la nacionalización sin tiempo y sin condiciones;

• Contra las diferencias de pesas, medidas y monedas, un mismo peso, una misma medida, una misma moneda decimal.

En nombre de la FRATERNIDAD:

Contra la falta de un tratado postal entre España y Portugal, la uniformidad de la tarifa postal y la creación de un solo timbre para la Península, la multiplicación de servicios internacionales y la combinación de los exteriores;

Contra las altas tarifas telegráficas, la baratura y uniformidad de tarifa en toda la Península y la multiplicación de líneas y de hilos internacionales;

Contra el término de las vías de comunicación en la frontera, la continuación de caminos y canalización de rios hasta los mares.

Contra el aislamiento social internacional:

Fundar academias, liceos, museos y bibliotecas para el adelantamiento de las ciencias, de las letras, de las artes y de la industria entre la raza ibérica;

Establecer casinos, círculos y centros ibéricos de relaciones y de información para los viajeros de la Península;

Celebrar anualmente congresos científicos, artísticos, literarios é industriales;

Crear asociaciones internacionales de industria fiduciaria, agrícola, fabril y comercial;

Constituir una exposición general permanente y celebrar exposiciones especiales peninsular-ultramarinas;

Contra el aislamiento político internacional, la confederación hispano-lusitana para la defensa de los derechos de ambas naciones.

En nombre de la LIBERTAD:

Contra las diferencias que presentan los códigos políticos de los Estados peninsulares, la codificación unificada por el régimen más liberal.

Así España debe abolir la pena de muerte por delitos políticos, como Portugal lo ha hecho en 5 de julio de 1832 (art. 16 del acta adicional).

España debe establecer el jurado para toda clase de delitos, como lo ha instituido Portugal en 1832.

España debe levantar la previa censura de la prensa, disminuir el depósito y propender á que desaparezca toda legislación especial para la pública emisión del pensamiento, como Portugal, que prohibió la previa censura en 30 de abril de 1832 (art. 143 de su carta constitucional); que en 19 de octubre de 1840 reconoció capaces por editores á los que presentáran en las cajas del tesoro un depósito de 1.200,000 reis, ó á los que hipotecasen 2.400,000 reis en bienes raíces, ó á los que fuesen garantidos en esta cantidad por uno ó dos fiadores idóneos, ó á los redactores que pagasen 5,000 reis de contribuciones; como Portugal, que hace entender

## DOCUMENTO Nº 7.2

*Almanaque Político Y Literario de La Iberia para 1862*, 3º Año, nº 23, Imprenta y Redacción de La Iberia, Madrid, 1862, p. 181.

In: [www.ggogle.es/boooks](http://www.ggogle.es/boooks)

decido mensajero de la humanidad, para llevar la nueva idea de confín en confín, de gente en gente, por toda la redondez del globo, de esa idea que en la Europa septentrional se llama Escandinavia; en la Europa central Germania; en la Europa meridional Italia; idea cristiana que aquí, en este país circundado por los mares y los Pirineos, abraza con fervor la joven España, saluda alborozada la joven Portugal, y se llama joven Iberia; santa union prometida por la geografía y por la historia, por la identidad de razas y de idiomas, por la religion y las costumbres.

## II.

El iberismo no tiene, como el rumanismo, afeciones de sangre con una raza,—la rumana;—intereses comerciales con otra,—la alemana, por el río que baña los Estados Danubianos, y simpatías de religion con una tercera en el Oriente; no es, como el panslavismo, nuevo lazo de union entre pueblos opresores—la Rusia,— y sus oprimidos,— la Polonia;—no es tampoco, como el italianismo, una amalgama entre pueblos libres y pueblos aún no emancipados.

El iberismo es en Europa la fusion de dos países sin montañas que los dividan ni desiertos que los aislen; de tierra que alumbra el mismo sol, disfrutan el mismo clima, bañan los mismos ríos, determinan las mismas costas; de pueblos hermanos de sangre, que tienen el mismo idioma, creen en el mismo gobierno, profesan la misma religion; de naciones á la vez dominadas, al par señoras, que han celebrado en los mismos días sus grandezas y sentido en los mismos días su infortunio; en donde han vivido gemelos sus grandes hombres, compañeras sus empresas. Juntas pelearon España y Portugal contra las dominaciones romana, goda y sarracena; si Viriato subió de la Lusitania para combatir por la independencia española, Pelayo bajó de la Cantabria para defender la independencia y la unidad religiosa de la Península. Cuando los bajeles de Vasco de Gama descubrieron nuevos y coliciados tesoros, encontraron en Occidente las carabelas de Colon; ambos pueblos tambien llevaron en los mismos días su religion y sus empresas más allá de las columnas de Hércules. Si nace en España un Cervantes, nace en Portugal un Camoens, oriundo de Galicia. La muerte de Almeida Garret anuncia la del gran Quintana.

El iberismo es en América la protesta de la generacion viviente contra los desafueros é iniquidades que en nombre de los Reyes de España cometieron allende los mares las generaciones pasadas; es la política expansiva que hoy debe haber olvidado á la tan obstinada como

imbécil política de Fernando VII, que se opuso al reconocimiento de las repúblicas hispano-americanas cuando la Gran Bretaña estrechaba sus antiguas relaciones con los Estados Unidos, antes colonias suyas; es el juramento de amistad y de alianza eterna sobre la tierra americana que guarda los venerandos restos de nuestros mártires de ambos mundos.

El iberismo es en Asia la union de los por demás valiosos Estados que aún conservan en aquella rica parte del globo España y Portugal; union predicada por un apóstol portugués cuando un nuevo camino acerca el Oriente á Europa.

El iberismo es en todo el mundo la confederacion de 50 millones de habitantes, no por la guerra, sino por la paz; no por conquistas de tierras y de pueblos, sino por conquistas de progresos y de libertades; no para el antagonismo de razas, sino para union y bien de todos los hombres.

El iberismo es, pues, la paz y el progreso.

En cada patricio tiene un soldado; en cada corazon un altar.

## III.

Pero la union ibérica, cantada por poetas nacionales y extranjeros, anunciada por filósofos, esperada por políticos, representada en cartas por los geógrafos, no se ha preparado por los obreros de la civilizacion.

Comencemos desde hoy, que ya es hora, el trabajo de asimilacion de las naciones hermanas: estrechemos sus vínculos, aumentemos sus recíprocos intereses, aunemos sus esfuerzos en la marcha progresiva de la humanidad.

Hay más elementos de asimilacion por la comunidad de sangre y por la tradicion histórica, por la identidad etnográfica y de sentimientos entre las fronteras Castilla, Galicia, Andalucía y Portugal, que entre la Irlanda, antes Hybernia, poblada de sajones y de anglos, con iberos al Sur, razas gálicas al Oeste, y la Bretaña inglesa, aisladas por el Océano; que entre la pintoresca Escocia, antigua Caledonia, el principado de Gales y las islas de Jersey, Guernesey y Ausigni, tierras hospitalarias para los desterrados de la Francia. Y no estarán hoy más apartados los derechos y deberes constituidos por españoles y portugueses, que los paccionados por castellanos y aragoneses cuando la Casa de Austria emprendió la unificacion española bajo el régimen liberticida que mató las comunidades de Castilla, las germanías de Valencia, los justicias de Aragon y los concejales de Cataluña; unificacion que concluyó con todos los fueros de las libertades, para entregar la nacion española al despotismo de la Casa de Austria, primero, y de los Borbones

### DOCUMENTO Nº 7.3

*Almanaque Político Y Literario de La Iberia para 1862, 3º Ano, nº 23, Imprenta y Redaccion de La Iberia, Madrid, 1862, p. 183.*

In: [www.ggogle.es/boooks](http://www.ggogle.es/boooks)



después, solo regulado por un poder que se llamó ¡oh sacrilegio! *Tribunal del Santo Oficio!*

Por fortuna, en los corrientes tiempos no puede ser la unificación sino espontánea, y no puede realizarse sino con el principio liberal; la hegemonía unificadora pertenece, por lo mismo, de irresistible derecho al país más libre, cualquiera que fuere la extensión relativa de su suelo y el número de sus pobladores. A diferencia de las antiguas agregaciones de territorios que subyugó el conquistador, las unificaciones de hoy se promueven y verifican por la atracción asimiladora del sol de la libertad. Es así como la unidad itálica se ha hecho por el liberal Piamonte; será también así como la unidad germánica tendrá el carácter prusiano, y como la unidad ibérica se realizará con las instituciones tan liberales, por lo menos, como las instituciones de Portugal.

El programa ibérico, programa unificador por la paz, tiene que cumplir con dos condiciones:

La supresión de toda traba, de toda diferencia internacional que se oponga al libre trato y al libre cambio entre los dos pueblos.

La asimilación de las instituciones de los dos Estados en el sentido del régimen más liberal.

Estas dos condiciones imponen lógica y forzadamente dos principios: el de la IGUALDAD y el de la LIBERTAD para españoles y portugueses.

El programa ibérico se resume: UNION, NO ANEXION; UNIFICACION POR LA LIBERTAD; FRATERNIDAD E IGUALDAD ENTRE ESPAÑOLES Y PORTUGUESES.

Así, el partido unitario, que no reconoce diferencia entre la personalidad española y portuguesa, entre el trabajo de uno y otro pueblo, debe oponer, aún cuando no acepte toda la libertad de nuestros propios principios,

En nombre de la IGUALDAD:

Contra el pasaporte, la libre circulación de españoles y portugueses por toda la Península y sus islas;

Contra la aduana hispano-lusitana, la libre circulación de la mercancía por toda la Península; la unión aduanera peninsular;

Contra los derechos por extranjería de bandera en ríos, mares y puertos, la libre navegación de las banderas española y portuguesa;

Contra las diferencias en la enseñanza pública, un solo mismo plan de libre enseñanza pública para los dos países;

Contra los privilegios nacionales de ejercicio de profesiones e industria, un solo título para las profesiones e industrias en toda la Península y sus islas;

Contra las cartas de nacionalización con tiempo y condiciones, la nacionalización sin tiempo y sin condiciones;

• Contra las diferencias de pesas, medidas y monedas, un mismo peso, una misma medida, una misma moneda decimal.

En nombre de la FRATERNIDAD:

Contra la falta de un tratado postal entre España y Portugal, la uniformidad de la tarifa postal y la creación de un solo timbre para la Península, la multiplicación de servicios internacionales y la combinación de los exteriores;

Contra las altas tarifas telegráficas, la baratura y uniformidad de tarifa en toda la Península y la multiplicación de líneas y de hilos internacionales;

Contra el término de las vías de comunicación en la frontera, la continuación de caminos y canalización de ríos hasta los mares.

Contra el aislamiento social internacional:

Fundar academias, liceos, museos y bibliotecas para el adelantamiento de las ciencias, de las letras, de las artes y de la industria entre la raza ibérica;

Establecer casinos, círculos y centros ibéricos de relaciones y de información para los viajeros de la Península;

Celebrar anualmente congresos científicos, artísticos, literarios e industriales;

Crear asociaciones internacionales de industria fiduciaria, agrícola, fabril y comercial;

Constituir una exposición general permanente y celebrar exposiciones especiales peninsular-ultramarianas;

Contra el aislamiento político internacional, la confederación hispano-lusitana para la defensa de los derechos de ambas naciones.

En nombre de la LIBERTAD:

Contra las diferencias que presentan los códigos políticos de los Estados peninsulares, la codificación unificada por el régimen más liberal.

Así España debe abolir la pena de muerte por delitos políticos, como Portugal lo ha hecho en 5 de julio de 1852 (art. 16 del acta adicional).

España debe establecer el jurado para toda clase de delitos, como lo ha instituido Portugal en 1832.

España debe levantar la previa censura de la prensa, disminuir el depósito y propender á que desaparezca toda legislación especial para la pública emisión del pensamiento, como Portugal, que prohibió la previa censura en 30 de abril de 1832 (art. 145 de su carta constitucional); que en 19 de octubre de 1840 reconoció capaces por editores a los que presentaran en las cajas del tesoro un depósito de 1.200.000 reis, ó á los que hipotecasen 2.400.000 reis en bienes raíces, ó á los que fuesen garantidos en esta cantidad por uno ó dos fiadores idóneos, ó á los redactores que pagasen 5.000 reis de contribuciones; como Portugal, que hace entender

## DOCUMENTO Nº 7.4

*Almanaque Político Y Literario de La Iberia para 1862, 3º Año, nº 23, Imprenta y Redaccion de La Iberia, Madrid, 1862, p. 184.*

In: [www.ggogle.es/boooks](http://www.ggogle.es/boooks)

al jurado para toda clase de delitos en los de imprenta.

España debe, como Portugal, dar la natural representación política en los cuerpos colegisladores á sus provincias ultramarinas y reconocer derechos electorales y elegibles á los títulos literarios que no pagasen la contribucion exigida para ejercitar tales derechos.

#### IV.

Hé aquí, no la utopia ibérica, sino la fórmula

la concreta practicable desde hoy, para realizar la unificación política de España y Portugal. Cuando lleguemos á su último término, España tendrá una frontera menos y muchas libertades más; Portugal contará 17 millones más de compatriotas para defender sus derechos internacionales. Y desde la desembocadura del Tajo hasta las crestas de los Pirineos resonará el eco vibrante del siglo:

LIBERTAD, IGUALDAD, FRATERNIDAD PARA ESPAÑOLES Y PORTUGUESES.

ARTURO DE MARCOARTÚ.

#### DOCUMENTO Nº 7.5

*Almanaque Político Y Literario de La Iberia para 1862, 3º Ano, nº 23, Imprenta y Redaccion de La Iberia, Madrid, 1862, p. 185.*

In: [www.ggogle.es/boooks](http://www.ggogle.es/boooks)



Centro, 33.—914. Reus, Desiderio Canals, sin señas.—490. Santiago, Salvador Florens, id.  
—431. Almuñécar, Ginesa Urraca, Parlamento, 9.—941. London, Abarca, sin señas.—541.  
Villena, Marquesa Prat, Aragón, 2.  
Barcelona 31 de mayo de 1883.—Por el Director de la sección.—El Jefe de servicio,  
N. Escribano.

## Correo nacional

(De *La Correspondencia de España* del 31)

La *Gaceta* de hoy contiene la siguiente disposición:

*Gobernación*.—Real orden desestimando un recurso de alzada interpuesto por el regidor síndico del Ayuntamiento de Villaruela contra una providencia del gobernador de Salamanca sobre el reintegro de cierta suma.

—La cuestión de billetes para la corrida de toros *gratuita*, de la diputación provincial, sigue dando mucho que hablar en todos los círculos. El reparto de las localidades se discute y comenta hasta entre los individuos de los Cuerpos Colegiados.

Algunos diputados del Congreso han estimado deficiente el número é inaceptable la clase de la mayor parte de las 100 localidades que la diputación ha remitido á dicho Cuerpo Colegiado, y á última hora de la sesión pública se ha presentado una proposición incidental del señor Fernandez La Hoz, pidiendo que el Congreso se reúna en sesión secreta para tratar del asunto.

Al cerrar esta edición continúa la sesión secreta, dando á la cuestión una importancia que no tiene en concepto de los más.

El Senado también se ha reunido en sesión secreta para tratar de este particular.

Muchos son los senadores que opinan por que se devuelvan los billetes á la diputación provincial.

Sentimos que lo avanzado de la hora no nos permita dar cuenta de los acuerdos de ambas Cámaras sobre la cuestión de billetes, que es indudablemente la cuestión del día.

## El banquete de anoche

Ha sido un acto, ha sido una fiesta de la cual conservarán los periodistas portugueses y españoles, un recuerdo imperecedero.

En el teatro de la Zarzuela, galantemente cedido por el señor Arderius, tuvo lugar el anunciado banquete de la prensa española á los escritores portugueses.

El coliseo de la calle de Jovellanos estaba adornado con profusión de macetas y banderas. La alfombra, en vez de ser tegida, se componía de flores naturales, deshojadas y esparcidas por el suelo.

A las nueve dió comienzo la comida. Ocupaban la presidencia los señores Villalva, Moret, Pinheiro Chagas, Rute, marqués de Valdeiglesias, Campoamor, Ruiz Gomez y Aguilera.

Hombres políticos de todos los partidos y periodistas de la mayor parte de las publicaciones, se hallaban presentes.

A las nueve y media un público numeroso ocupaba todas las localidades del teatro, ávido de escuchar la palabra elocuente de algunos oradores.

Recordar todos los brindis y citar los nombres de los concurrentes, sería tarea difícil.

Los escritores y militares portugueses obtuvieron unánimes y prolongados aplausos.

La frase sentida y cariñosa de los oradores lusitanos, la belleza de la forma, la profundidad del concepto y el sentido de la realidad en que se inspiraron sus nobilísimas manifestaciones, causaron gratísima impresión en el auditorio.

El primer brindis fué del presidente, señor Villalva, dedicado á los reyes don Luis y don Alfonso, que personifican y representan las instituciones nacionales. El público acogió con aplauso el recuerdo cariñoso á ambos monarcas constitucionales, que rijen los dos pueblos peninsulares.

Dijo que entre los reunidos en fraternal banquete no había huéspedes ni anfitriones, sino una agrupación de individuos de una misma familia.

El señor Victor (D. F.), redactor del *Diário* de Portugal, pronunció un elocuente brindis tributando elogios á la prensa española y tendiendo á la unión sincera, perfecta y leal de los dos pueblos que son hermanos por su origen, por sus costumbres y por sus aspiraciones.

El señor Alcalá Galiano brindó en portugués saludando con entusiasmo á todos los reunidos.

Pronunció sentidos periodos sobre lo que es la patria, para deducir que ni España ni Portugal pueden renunciar á su independiente nacionalidad.

El señor Valero Tornos brindó por las mujeres portuguesas y por las españolas.

El señor De Gabriel leyó una poesía alusiva al acto del banquete.

El señor Batalha Reis, portugués, brindó por la amabilidad y cortesía de la generosa España. Encomió la riqueza agrícola de la península ibérica.

DOCUMENTO Nº 8,

*La Vanguardia*, Año III, Nº 252, Barcelona, 2/6/1883, p. 3534

In:<http://hemeroteca.lavanguardia.com/>

Y RECREO.

AL.

ENCICLOPEDIA SEMANAL DE CIENCIAS, ARTES, AGRICULTURA, INDUSTRIA,  
COMERCIO, LITERATURA, NOTICIAS, TEATROS Y MODAS.

DIRECTOR,  
**MANUEL FERNANDEZ HERRERO.**

AÑO PRIMERO.—TOMO I.

MADRID  
REDACCION Y ADMINISTRACION, | IMP. DE LA VIUDA DE ALVAREZ,  
Soria y Maria, 29. | San Pedro, núm. 10.  
1870

DOCUMENTO Nº 9

Manuel Fernandez Herrero (dir.), *Revista Federal Enciclopedia Semanal de Ciencias, Artes, Agricultura, Industria, Comercio, Literatura, noticias, Teatro Y Modas*, Madrid, Año primero , Tomo I, 1870.

In: [www.ggogle.es/boooks](http://www.ggogle.es/boooks)

medios legales pueda disponer. En las urnas y en los tribunales, en los clubs y en la prensa, en todas partes, en fin, es necesario que nuestro partido se muestre digno y enérgico, si la revolucion no ha de morir ahogada en brazos de los mismos que la explotan en su provecho.

Y no es solamente en España en donde el elemento popular, la democracia, dá señales de vida y desarrollo. El instinto del pueblo portugués le dice que no es posible la union con su hermano el pueblo español mientras rijan reyes los destinos de ambos pueblos, y piensa en la gran República federal ibérica. Francia se agita. Napoleon promete libertades, señal infalible de sus temores, y se prepara para la lucha que espera, porque el imperio ha empobrecido á la Francia y las clases conservadoras han perdido su infundado miedo á los excesos populares.

En Italia, al mismo tiempo que el Papa reúne en Roma un Concilio para tratar de asuntos terrenales, declarar dogma de fé su infalibilidad y preparar un ataque á la civilizacion y al progreso, admitiendo como doctrina católica los principios formulados en el *Syllabus*, en Nápoles se reúne un Congreso de libres pensadores, que hubiera opuesto públicamente sus doctrinas, si el reaccionario gobierno italiano se lo hubiese permitido, á las doctrinas que inquisitorial y tenebrosamente sustentarán sin duda las neo-católicas lumbreras de la corte romana.

También en Prusia se deja sentir la influencia de las ideas populares. Una minoría de mas de setenta votos ha pedido la federacion pacífica de los Estados alemanes, y por ende el desarme de una gran parte del ejército que hoy mantiene aquella nacion en pie de guerra. En el partido liberal prusiano militan patriotas eminentes que le conducirán seguramente al triunfo, porque los grandes ejércitos, el militarismo y las guerras, pesan demasiado sobre los pueblos; y toda la gloria de Sadowa no vale una gota de sangre derramada en lucha fratricida.

La ley de conscripcion militar ha levantado en armas contra el Austria la Dalmacia y parte de algunas otras provincias. Odian los pueblos la contribucion de sangre. Necesitanla los reyes para su sostenimiento, y de ahí tales conflictos. Parece ser que el

emperador de Austria, temeroso de un segundo ataque por parte de la Prusia, procura apaciguar las comarcas sublevadas suavizando la ley de conscripcion. ¡Achaque de los reyes fué siempre aparentar regia munificencia y amor á sus súbditos cuando estos pudieron imponerse. Y mientras la Dalmacia se levanta en armas contra la contribucion de sangre, en Viena miles de obreros reunidos cavan la fosa del imperio, proclamando los derechos naturales como conclusion esencial de la vida humana; los derechos naturales destruirán mas tarde ó mas temprano todos los tronos y todos los poderes hereditarios é injustos.

También en Inglaterra le está reservado al principio federativo una gran mision que desempeñar. No satisface á Irlanda la separacion de la Iglesia y el Estado, quiere su autonomia. Conoce que las libertades conquistadas, si bien las debe mas que á nada al adelantamiento de las ideas y al buen sentido del pueblo inglés, débelas también á su actitud imponente, y sigue constante, con la constancia de los pueblos que recuerdan su opresion, el trabajo empezado con tan buenos resultados. El fenianismo necesita la vida de los pueblos independientes, y esta vida solo puede hallarla en el principio federativo. Las nacionalidades, propias de la monarquía, son siempre viciosas, porque en este sistema hay algo que se opone á la federacion universal, aspiracion legítima y necesaria de los pueblos libres.

Rusia prosigue su bárbaro proyecto de rusificar á Polonia. ¡Pobre Polonia! Víctima de la ferocidad de los déspotas, tú serás el acta de acusacion más poderosa contra ellos el día que los pueblos rompan sus cadenas; pero no esperes jamás tu libertad de manos de tus verdugos.

PEDRO DOMINGUEZ.

## REVISTA MUSICAL.

¿Imaginarán nuestros lectores que vamos á ensartar una tras otra todas aquellas cosas bonitas y elegantes frases de que se componen las revistas musicales, como son, la sublinidad del arte, los movimientos tiernos del corazón, la pasión que se desborda, el alma que estalla, los ojos que vierten dulces lágrimas de emoción y el pecho que melancólicamente se adapta?

### DOCUMENTO Nº 9.1

Manuel Fernandez Herrero (dir.), *Revista Federal Enciclopedia Semanal de Ciencias, Artes, Agricultura, Industria, Comercio, Literatura, noticias, Teatro Y Modas*, Madrid, Año primero, Tomo I, 1870 p. 13.

In: [www.ggogle.es/boooks](http://www.ggogle.es/boooks)

Nada de eso: no somos poetas ni cosa que lo valga, y por consecuencia, al ocupar la atención de nuestros lectores con unas cuantas ideas relativas al arte músico, no nos proponemos hacer literatura, como hoy se dice, ni lucir galas ingeniosas que no poseemos, sino expresar lisa y llanamente nuestro pensamiento sobre muchas y variadas ideas que corren por el mundo, sin piés ni cabeza tal vez; pero como la idea es concepción abstracta, no necesita cuerpo para correr ni aun para volar, y así pues, sin cabeza ni piés, corre que se las pela.

Basta de exordio y empecemos á modo de catecismo.

¿Qué es música?

El arte de hacer un ruido lisonjero que á casi todos los racionales gusta y del que todos entienden más ó menos así como todos saben menos ó más, algo, y aun algos, sobre astronomía, medicina y economía política.

Se objetará que las artes se dirigen exclusivamente al sentimiento y las ciencias á la razón, por lo cual aquellas están bajo el dominio del general juicio y éstas no.

Pues bien, ahí se verá como tenemos razón en decir que todos entendemos de artes y en particular de música, porque como todos tenemos sentimientos asimismo podemos superar facilísimamente el verdadero conocimiento de lo que es música y lo que debe ser, y valuamos el mérito de los maestros, y distinguimos el valor de las distintas escuelas, y analizamos el clasicismo como el arte dramático, y el instrumental como el popular que no hay mas que pedir, siendo el sentimiento para la música la varilla del májico que todo lo dispone, analiza y transforma, como Don Quijote transformaba, analizaba y disponía todo á su placer con ayuda de su caballería andante, no la que le conducía por las encrucijadas, sino la que le llenaba el cerebro de fantasmas invisibles é impalpables.

Permitásenos trasladar aquí un terceto crítico-musical que viene de molde para evidenciar lo que hemos apuntado.

Una ligera escursión de tres ratiocinios encaminados á deslindar la belleza del arte musical, se manifiestan espontáneamente en la mesa de un café, por ejemplo, ó en otro cualquier lugar, que esto no hace al caso.

—«Dime, Fulano, ¿te gusto el ária cantada el lunes por la señorita B. en casa de la condesa de G.?

—¡Oh! ¡Aquella ária es sublime, arrebatadora!

—Pues mira lo que es la variedad de gustos, yo no la hallo ningun *esprit*, no obstante ser de

Rossini. Prefiero aquella otra de Verdi que empieza *Addio del passato bei sogni ridenti*. Esta sí que tiene pasión, y fuego, y vida.

—Señores, cada cual tiene su gusto y modo peculiar de sentir. Yo he pensado mucho sobre música y me he persuadido de que todo es bueno, desde el coro *dimattadori spagnoli* hasta *l'aria di Chiesa*, de Stradella, desde el bolero de *Las Vísperas* hasta el minué de *D. Giovanni*. Es cuestión de gusto.

—Perdona querido, mas no compares como sí-miles dentro del buen gusto las extrañas formas de la música alemana con la estructura elegante y deliciosa de las obras italianas.

Italia es el país de la música, ella la entendió y nadie podrá superarle mientras el organismo del hombre esté constituido como hoy lo está. ¿A qué comparar los recitados de *D. Giovanni* con las sublimes melodías de la *Norma* y del *Rigoletto*? ¡Desatino, desatino visible! Por mas fama é importancia que quieran dar al Sr. Mozart y comparsa hay que desengañarse que hay autores que no sirven para expresar sentimientos sublimes.

—No diría yo tanto, no obstante participar algo de tu opinion.

—Porque tú prefieres hacer el condescendiente antes de oponerte á la opinion agra con el saber y entender lealísimo que yo me opongo.

—Sobre todo, señores, permitid que tercié en la cuestión, la música debe siempre arrancar lágrimas, y cuando ella no mueve sentimiento alguno deja de ser música para transformarse en *quid pro quo*, en este caso ni la música es tal ni merece ser oída.

—De modo que siguiendo esta opinion la mejor música será aquella que ponga á los oyentes en igual caso que los herederos pobres de un millonario.

—Eso es ridiculizar y nada mas. He querido decir que la música ha de ser sencilla, dulce, apasionada, sin extravagancias ni contrasentidos, poema de los sentimientos humanos que debe ser variado y lleno de sinuosidades como la misma naturaleza, y sobre todo perceptible para todos, siendo tan precisa esta última condicion que habrás notado que las mejores obras son las más populares y que sancionadas por el mundo entero pasan á la posteridad en brazos del juicio público que no puede equivocarse.

—No obstante, he oído decir á reconocidos inteligentes, que las mejores obras son aquellas que tarde ó nunca llegan á popularizarse.

—En ese caso, dicho está que son inútiles tales obras que no sirven para especular, que nada han

## DOCUMENTO Nº 9.2

Manuel Fernandez Herrero (dir.), *Revista Federal Enciclopedia Semanal de Ciencias, Artes, Agricultura, Industria, Comercio, Literatura, noticias, Teatro Y Modas*, Madrid, Año primero, Tomo I, 1870 p. 14

In:www.ggoogle.es/boooks

producido á sus autores, que no han dado lucro á los artistas ejecutantes porque el público que paga no las estima, y solo son buenas para ocupar un lugar en las bibliotecas de curiosidades como algun ejemplar fósil ó como el cráneo de algun jurista que murió de gastritis en el golfo Pérsico.

—Sea de ello lo que quiera, es lo cierto que para colmo de penas nos han venido mil novedades en aluvion, novedades de hace dos siglos, que acabarán de oscurecer y ostraviar el buen gusto, pues apenas frecuentamos una sociedad de buen tono donde no nos encajen algun modelo de música sabia que nadie entiende y todos aplauden, confesando despues que es cosa aquella archisublime pero que no la comprende bien. Tal es el imperio de la moda que nos ordena por atencion esconder nuestro sentido comun para unirnos de consuno en una *claque* universal. ¡Oh, decadencia del arte! ¡Oh, siglo de las luces que inventas el procedimiento sapientísimo de abandonar para iluminarnos el fósforo por la pajuela!

—No digas esto muy alto, pues si te oyera algun maniático de aquellos que creen que la música se cuenta, analiza, masca y digiere, no tardaría en calificarte de ente vulgar que solo puede comprender el erotismo y la *sensibilidad* de la música italiana.

Ahora nos permitiremos preguntar á nuestros lectores si en tan sabia coleccion de apreciaciones ha podido formarse juicio alguno sobre lo que la música contenga de curiosidad y sabiduría, de filosofía ó de ciencia.

B. ESCOBAR.

(Continuará)

## SECCION AMENA.

### A ESPERAR LOS REYES.

Con hachones ardiendo; una escalera acompañada de robusta bota sobre los hombros, y con una *rota*, por el suelo arrastrando, *regadera*.

Va tumultuosa y con veloz carrera turba de gente joven, que alborota la villa toda en infernal chacota, siguiendo una costumbre majadera.

Párase al fin; coloca en una esquina la escalera, y desde ella esto pregoná un mozo, con aplauso de no pocos:

«Ven, Tomasito, ven; pero imagina que si te pueden dar cetro y corona podrán darte tambien *un soplamocos*.»

\* \*

Un gato y un raton en Noche-Buena, prepararon alegres una cena, y á punto de reñir, al primer plato, al cándido raton le dijo el gato:

—Amigos somos, come tú el primero. Ser amable contigo esta vez quiero Y añadió á media voz: «Fuera egoismo; ¡despues lo he de matar, con que es lo mismo!»  
*Estudad este cuento, Radicales, no os cause vuestro triunfo acerbos males.*

\* \*

Una mujer de talento que hablaba sin ton ni son, queriendo en cierta ocasion hablar del temperamento, dijo con mucha frescura á un joven su pretendiente: Tengo yo regularmente muy buena *temperatura*.

\* \*

Una señora que disimulaba á las mil maravillas los cuarenta y cinco años que tenia, dió una comida en los dias de una hija suya de corta edad. Uno de los convidados, concluido el banquete, sentó sobre sus rodillas á la niña y la preguntó cariñosamente:

—¿A quién quieres mas, á papá ó á mamá?

Todos callaron para oír la contestacion.

—Quiero mas á mamá.

—¿Y por qué?

—¡Toma! Porque me dá dos cuartos por cada docena de canas que le arranco.

\* \*

Asegura Juan Egaña con toda formalidad que su querida mitad ni le miente ni le engaña. Hablando Juan de tal modo prueba que es hombre discreto porque ya está en el secreto es decir: *lo sabe todo*.

\* \*

Dos labradores se hallaban en conversacion sobre el buen aspecto que presentaban los sembrados.

—Si sigue lloviendo unos dias mas, no habrá cosa que no salga de la tierra.

—¡Ay Dios mio! ¿qué estás diciendo? contestó el otro, *¡y yo que tengo á mi suegra en el campo-santo!*

\* \*

La solterona Facunda que presume de poetisa, hablando ayer con Luisa dijo:—Yo soy muy fecunda, pero la escuchaba Martos y con tonillo guason. dijo:—Tiene V. razon que así lo prueban sus partos.

\* \*

DOCUMENTO Nº 9.3

Manuel Fernandez Herrero (dir.), *Revista Federal Enciclopedia Semanal de Ciencias, Artes, Agricultura, Industria, Comercio, Literatura, noticias, Teatro Y Modas*, Madrid, Año primero, Tomo I, 1870 p, 15

In:www.ggogle.es/boooks

miembro de la familia. Abdul-Azis ha sido depuesto por un predicador musulmán de la Meca, y los viejos islamitas se preparan á no reconocer en su alma y su conciencia, como Sultan, á otro que al hijo mayor de Abdul-Azis. Hé aquí su fórmula de Gobierno: *Convocacion inmediata de los Estados generales de Turquia. Sufragio universal. Constitucion de la federacion oriental.*

La crisis ministerial austriaca ha sido resuelta. La mayoría y minoría han informado respectivamente sobre las cuestiones interiores que dividen el Gabinete. El informe de la mayoría sostiene que todo aumento esencial de la autonomía de los países pondría en peligro el poder del imperio. La minoría considera de su deber declarar que la obra más urgente del Gobierno es procurar una inteligencia con la oposicion nacional, á fin de obtener su concurso para una accion comun. El Emperador, como es natural, se decidió por la mayoría del ministerio, que combate el federalismo y se opone á las exigencias autonómicas de la Gallitzia y de los tcheques de Boemia.

Algunos periódicos extranjeros anuncian el desoubrimiento de una conspiracion republicana en Rusia. Si esta noticia se confirma, es indudable que el imperio sufrirá, antes de lo que muchos creen una transformacion importante, porque las ideas democráticas llevarán allí, como al mundo entero, su saludable influencia. El pueblo ruso, lo mismo que todos los pueblos, reivindicará sus derechos el día que la luz se abra paso á través del despotismo conque hasta aquí ha sido gobernado. La obra de la civilizacion realizará en aquel imperio su objeto, y las nacionalidades absorbidas por la violencia de los czares, buscarán su autonomia en el principio federativo, única forma que puede dar á los pueblos el ejercicio de sus libertades, haciendo imposibles crímenes espantosos, iniquidades tan crueles como la rusificacion de Polonia.

PEDRO DOMINGUEZ.

## REVISTA MUSICAL.

(Conclusion.)

Preguntábamos al lector al concluir el mal confeccionado artículo anterior, si habia podido for-

marse juicio verdadero sobre lo que la música significa y la distincion que sobre el resto de las bellas artes le conceden todos aquellos que al estudio de estas se dedican.

No es nuestro objeto dar á los lectores un pesado curso de estética musical, pues ni el carácter del periódico lo permite ni nos hallamos con fuerzas para acometer tal empresa. Así, pues, dejando por ahora las opiniones de cada cual sobre la música, indicaremos á la ligera algunas ideas que en nuestro concepto no han sido bastante desenvueltas por inteligencias competentes y esclarecidas.

En nuestros días, la música, considerada como detalle de buena educacion que debe adornar la de los jóvenes de ambos sexos, ocupa un lugar secundario, tan secundario, que solo se procura realizar esta enseñanza del modo ligero é inseguro con que se enseña un bordado de tapiz ó otra labor cualquiera.

Hé aquí la razon de haber calificado á la música de *ruido lisongero* en el artículo anterior, pues así está considerada casi en la totalidad de los que la estudian; pero dejando aparte toda calificacion irónica, diremos, sin pretender definir el arte, que la música nos parece un ramo importante de la moral universal, no la moral de Holbac, fundada en el *yo*, es decir, en el principio egoista de hacer el bien y amar para que nos amen, moral que no contiene asomo de abnegacion, siendo un interés de reciprocidad lo que la constituye.

La moralidad de la música está muy lejos de esto. El sentimiento musical, susceptible de cultivarse como toda facultad humana y de llegar al más alto grado de ilustracion, no pertenece á la clase de sentimientos que nos enlazan á unos con otros en todo el discurso de la vida, sentimientos que debilitados unos, descaminados otros, y falsos los más, nos llevan de estravío en estravío, de dolor en dolor, hasta dejarnos el alma débil y cobarde ó escéptica por la multitud de dudas que la experiencia trae.

Los afectos que la música mueve son más puros, y desligados de las pasiones, concentran más al espíritu en sí mismo, lenguaje sin palabras pero de una significacion tan poderosa, que en vano intentaría el idioma más perfecto expresar con las ideas, la profundidad casi infinita de los sentimientos que el músico mueve en el alma del hombre.

La buena música, la que merece llamarse moral universal, tiene el mismo poder en el alma que el que sobre el alma ejerce la virtud y la abnegacion; aquella como estas tranquiliza los dolores propios de la vida, *dulcifica con rapidez*

### DOCUMENTO Nº 9.4

Manuel Fernandez Herrero (dir.), *Revista Federal Enciclopedia Semanal de Ciencias, Artes, Agricultura, Industria, Comercio, Literatura, noticias, Teatro Y Modas*, Madrid, Año primero, Tomo I, 1870 p. 28.

In:www.ggoogle.es/boooks

las exacerbaciones del carácter, levanta la condición que la desgracia enerva y muestra á la criatura un infinito de aspiraciones y sentimientos mayor que ese otro infinito que se llama insatiabilidad de las pasiones humanas.

Y como en la moral, si bien se examina, han de hallarse preceptos extraviados ó confusos, que llenan de perplejidad á las conciencias rectas, así mismo en la música se encontrarán iguales extravíos que de idéntica manera conducen al error, más claro, á tomar el arte como se toma la mostaza y los pepinillos en la comida para estimular el apetito. ¿Quién no ha visto más de una vez y más de ciento, representaciones de óperas cuyos libretos, concebidos sobre horribles ó repugnantes crímenes, van ornados con la atractiva y poderosa influencia de la música que parece santificar en el espíritu lo que la moral, la razón y las leyes castigan? Todos conocen la popular ópera de Verdi que, arreglada de un libro de Dumas, lleva por título *La Traviata*, cuyo libreto nos ha parecido siempre un conjunto de sentimientos falsos y cuya música sensualísima viene á poetizar en nuestro espíritu la más degradante de las prostituciones morales.

Muchos ejemplos más pudieran citarse, pero no lo haremos por continuar en nuestro propósito, que es únicamente señalar en la enseñanza de la música una senda abierta á todo el mundo y no practicada por razones que no son de este lugar.

La música dramática no es la sola que existe, hay otra riquísima biblioteca musical que puede estar al alcance de todos, si los que están llamados á enseñar quieren tomarse el trabajo de popularizarla, en lo cual todos ganarian.

La elegante señorita que teniendo una mediana voz pretende lucir sus talentos con la ejecución de las difíciles piezas de ópera, lejos de alcanzar verdadero éxito, solo alcanza poner de manifiesto sus limitadas facultades, lo cual no sucedería si en vez de proponerse copiar lo que oyó á determinados artistas, investigase si en alguna parte existía música buena escrita para voces menores que medianas, y mucha sería [su desgracia si no se encontraba con Schubert, que puede surtir de belleza, buen gusto, sencillez y sabiduría musical, tal vez al universo entero.

El pianista que con buenas facultades orgánicas y delicado sentimiento estético pretende avasallar las obras de Thalberg ó Liszt, pierde el tiempo, inutiliza los elementos de su enseñanza que no ha sido bastante ni lo es casi nunca para llegar á dominar las especialidades, quedando además su deseo sin satisfacer, pues no se aprende

ni se estudia el arte músico en tales obras ni se alcanzan lauros copiando con mil trabajos los efectos de habilidad mecánica que nacen y mueren con sus autores, sin dejar huella en el arte que sea digna de verdadera gloria; pero el su gusto particular consiste en el dominio de las dificultades mecánicas, fácilmente se llenarían sus medallas acercándose á las obras de Beethoven y Weber, cuyas obras no solo le mostrarán grandes dificultades, sino que le formarán el sentimiento de la belleza estética en union de la originalidad, circunstancias que buscará en vano en las composiciones de los autores primeramente citados.

Opinan muchos que la cultura artística es obra pesada y del tiempo; nosotros opinamos que la educación de los sentimientos es fácil cuando se emplea la constancia y la voluntad.

Conocemos niños de diez años que gustan de oír las delicadezas clásicas de Mozart y Clementi; estamos persuadidos que la cultura del sentimiento musical se alcanza con rapidez empezando por repetir constantemente á los educandos cuanto haya de más selecto al alcance del maestro, porque no son las percepciones musicales en el niño como las de los problemas de matemáticas en el hombre, estas tienen la dureza y sequedad de la ciencia y aquellas la dulzura y suavidad que se impone sobre nuestro espíritu, acariciándole y lisonjeándole cuantas veces el ejecutante se proponga realizarlo.

La belleza del arte clásico penetra más aun de lo que sus detractores suponen, y negar su directa influencia es despojar de sentimientos á la humanidad. Si en mayor número quedan insensibles ó sorprendidos de no hallar el arte en las obras artísticas que con gran pompa les muestran, no es la culpa de los que escuchan sino de los que enseñan que teniendo en sus manos la autoridad, no la emplean, tal vez por temor de posteriores consecuencias; mas nosotros confesamos lealmente que, en todas las esferas sociales puede ser comprendido el arte en sus últimas manifestaciones, y lo confesamos porque tenemos la convicción de ello.

Hacer que se oigan las obras; ilustrarlas con acertadas observaciones como más de una vez hemos oído á distinguidos profesores hacerlo; no desmayar en la propaganda de lo bello, porque la música sublime creada por los hombres, debe ser conocida y comprendida por los hombres mismos, que no escribió Mozart ni Beethoven para los habitantes de Júpiter, si aquel planeta los tiene.

El niño que empieza á desenvolverse con Clementi Hummel y Schubert, algo más encontrará

## DOCUMENTO Nº 9.5

Manuel Fernandez Herrero (dir.), *Revista Federal Enciclopedia Semanal de Ciencias, Artes, Agricultura, Industria, Comercio, Literatura, noticias, Teatro Y Modas*, Madrid, Año primero, Tomo I, 1870 p.29.

In: [www.google.es/books](http://www.google.es/books)



en su espíritu que lo que pudiera darle la nerviosa y material música (permítasenos la palabra) del popular Verdi. Las niñas que cantan, las jóvenes que tocan para distraerse ó para encanto de sus padres, poco llegarán á percibir de lo que la música significa si comenzando por un aria amorosa de Bellini, continúan con otra romanza erótica de Donizetti y prosiguen con una cavatina amorosa de Verdi y terminan con dos mazurkas de Ascher ó un wals de Straus.

Amor en todas las formas, pero amor sensual, de manos cruzadas sobre el pecho y ojos llorosos, y si no hay amor en la palestra melodizante, habrá algún otro sentimiento como el de Matilde en las cruzadas, sentimiento dramático, archisublime de gran efecto, de trajes, decoraciones, coros, orquestas, bandas y demás accesorios de la escena, los cuales sentimientos se copian con una preciosa y corta voccecita de tiple ó con una ejecución suave sobre un piano. ¡Cuánto no valdría más que esta dulce y pequeña voz cantase una melodía del inagotable Schubert y que estas blancas y delicadas manos ejecutasen el Scherzo de una sonata fácil de Haydn ó Clementi! ¡Cuánto no valdría más que los grandes pianistas que anhelan ser admirados por su talento de ejecución intentáran dominar en la medida de sus fuerzas á Chopin ó Mendelschön.

Lector; si poseyéramos la elocuencia y el talento de los que pueden y saben servirse de ambos para persuadir, no quedarías como quedas sin duda, con el deseo de saber hasta dónde alcanza la influencia de la música. Solo podemos asegurarte que si después de oír la colosal partitura del *Guillermo* el tierno idilio que se llama *Sonámbula* y el fantástico monumento que como altísima pirámide se elevó sobre el nombre de D. Giovanni, si después de estos prodigios del arte, que te suspenden el alma y la transportan á otros mundos desconocidos, quisieras sentir en tu espíritu la tranquilidad de la conciencia, el tierno amor de la virtud, la melancolía de la resignación y el triste y dulce sentir de la esperanza, abre un tomo de melodías alemanas, estudia una colección de obras clásicas de piano y donde halles algún pensamiento que te fuerze á suspender la ejecución, para admirarle y explicar al que te escuche lo que con él sientes, fíjate en él y luego repítelo cien veces á tus hijos y hermanos, sírvete de todo tu talento para conmovir sus corazones y enséñales á sentir con pureza; enséñales á penetrar en sus propias almas y á que examinen lo que en ellas acontece cuando la inspiración de los genios las subyuga; y si consigues que los que amas disquier-

nan sobre sus propios sentimientos artísticos y te los manifiesten, tal vez alcances conocer sus inclinaciones, tal vez le habrás dado como joya inestimable una de las mejores amistades que en el mundo se conocen: un libro de música y un instrumento.

B. ESCOBAR.

## CONOCIMIENTOS ÚTILES.

Para evitar las frecuentes desgracias que ocasiona la inflamación de los aceites minerales, deben tenerse presentes en su uso las siguientes instrucciones:

1.<sup>a</sup> El aceite de petróleo, para ser aplicable al alumbrado, no debe arder por el contacto de una cerilla inflamada. Para cerciorarse de esta propiedad se vierte un poco de petróleo en un plato y se toca su superficie con la llama de una cerilla, y siendo el petróleo de buena calidad, no solo no se encenderá sino que apagará la llama si se la introduce en el líquido.

2.<sup>a</sup> El depósito de las lámparas en que haya de quemarse aceite mineral, deberá contener más del que se pueda ordinariamente consumir en una noche, con el objeto de que nunca pueda quedar en seco mientras esté ardiendo la mecha.

3.<sup>a</sup> Deben preferirse las lámparas de cristal ó porcelana, porque en ellas puede más fácilmente observarse la cantidad de líquido que contienen, pero las paredes de dichas lámparas habrán de ser gruesas y los pies anchos y pesados, para disminuir las probabilidades de que pueda caerse la lámpara y verse, por consiguiente, el líquido contenido en ella.

4.<sup>a</sup> Cuando se observe que está á punto de consumirse el aceite de la lámpara, se apagará ésta dejándola enfriar antes de abrirla para volverla á llenar.

5.<sup>a</sup> Si se rompiera el tubo de la lámpara, se deberá apagar ésta inmediatamente, á fin de impedir que caldesadas la guarnición ó piezas de metal, se evapore una gran parte del aceite de la lámpara, dando lugar á la explosión de la misma.

6.<sup>a</sup> La arena, la tierra, las cenizas y hasta las mautas mojadas son preferibles al agua para apagar el fuego producido por los aceites minerales en combustión.

7.<sup>a</sup> En caso de ocurrir quemaduras será bueno hasta la llegada del médico aplicar á las partes quemadas algodón en rama para que impida el contacto del aire.

\*  
\*  
\*

Una persona estudiosa, que reside en uno de los pueblos de la Isla de Puerto Rico, ha conseguido el objeto de una invención, sobre la que trabajaba hace mucho tiempo con especial ahínco.

Después de esfuerzos y grandes pruebas, ha conseguido extraer el vino de la caña, resultado que parece ha correspondido á sus laudables deseos, pues se asegura que de cien barricas de aquel zumo se sacan noventa y nueve del nuevo

## DOCUMENTO Nº 9.6

Manuel Fernandez Herrero (dir.), *Revista Federal Enciclopedia Semanal de Ciencias, Artes, Agricultura, Industria, Comercio, Literatura, noticias, Teatro Y Modas*, Madrid, Año primero, Tomo I, 1870 p.30

In:www.ggoogle.es/boooks.



REVISTA  
OCCIDENTAL

---

1.º ANNO

TOMO PRIMEIRO

13 DE FEVEREIRO—1.º FASCICULO

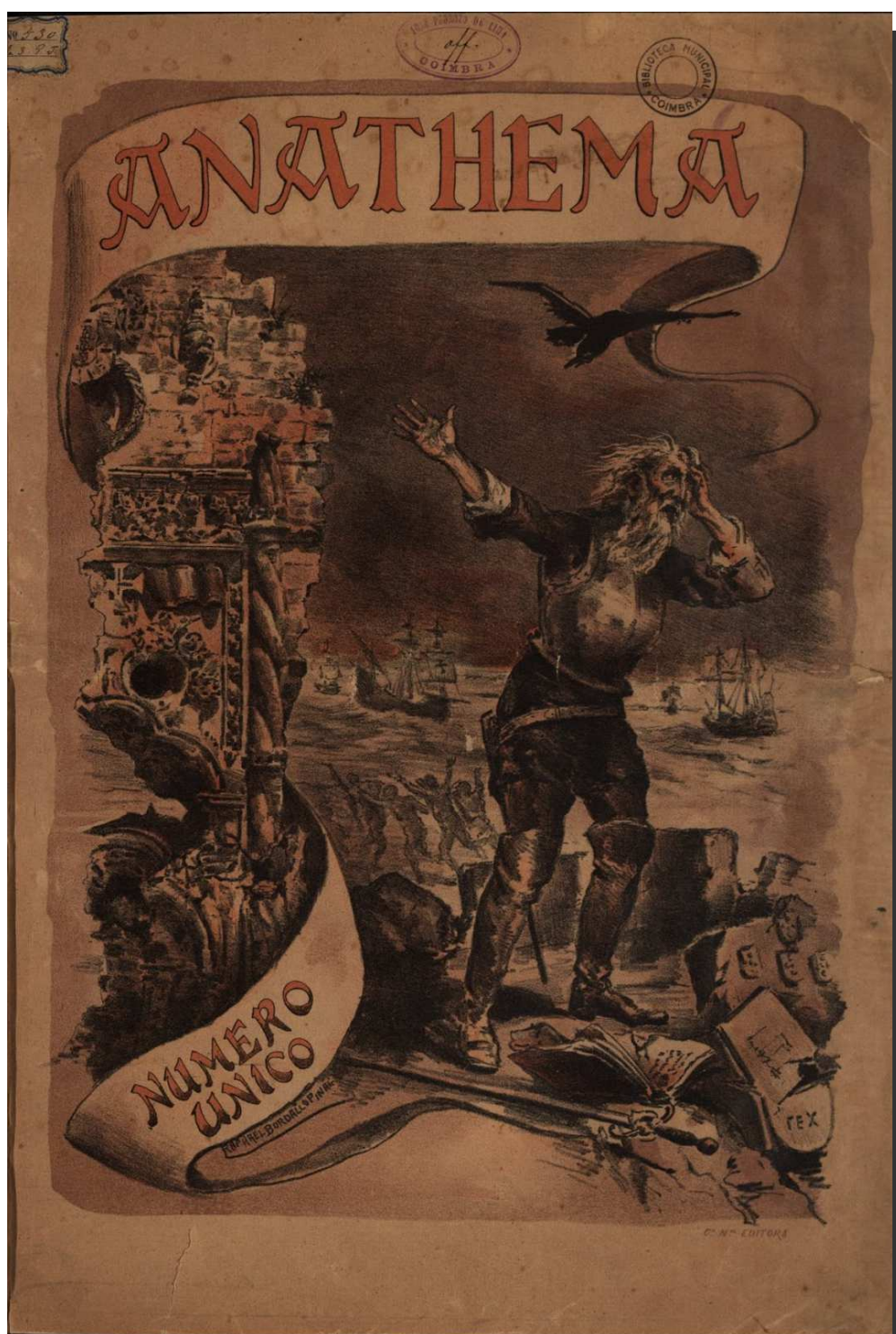


LISBOA  
ESCRITORIO DE LA REVISTA OCCIDENTAL  
3 — Rua Nova dos Martyres — 3  
1875

DOCUMENTO Nº10

Capa da *Revista Occidental*, Lisboa, 1875

In: <http://purl.pt/12150>



DOCUMENTO Nº11  
*Anathema*, Coimbra, 1890

In: [www. uc.pt](http://www.uc.pt)



DOCUMENTO Nº12

Capa da Revista A Água, Porto, 1910.

In: <http://purl.pt/>





DOCUMENTO Nº13

*Revista Nova*, 1901, Lisboa.

In: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/RevistaNova/RevistaNova.htm>

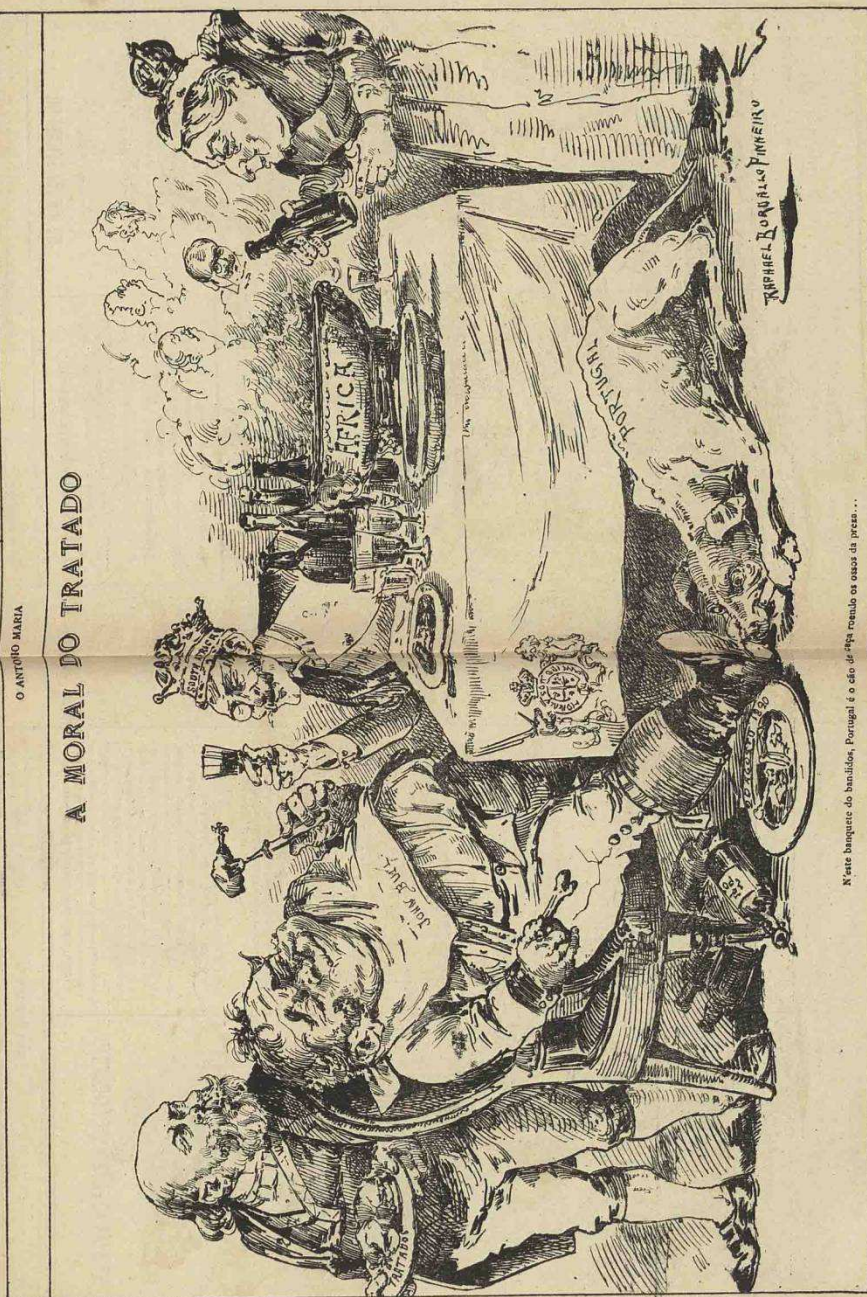


DOCUMENTO Nº14

*Contemporânea*, nº1, Lisboa, maio de 1922. (desenho de Almada Negreiros)







DOCUMENTO Nº 16

Rafael Bordalo Pinheiro, in *O Antonio Maria*, Vol. VII, Lisboa, 5/3/1891, p. 3.

In: [purlp.pt](http://purlp.pt)

drá lugar mañana miércoles una función perfectamente escogida, compuesta de «Los dominós blancos» y «La canción de la Lola», cuyas primeras representaciones con tanto éxito se verificaron anoche.

—Mañana estará de paso para Rio Janeiro, Montevideo y Buenos Aires el correo francés «Poitou», de la Sociedad general de trasportes marítimos por vapor, cuyo servicio regularísimo viene desde hace tiempo siendo quincenal.

—El maestro Goula ha regresado ya de Madrid después de la función de gala en el teatro Real, verificada el día 25.

—Los propietarios, cosecheros y comerciantes de la comarca de Cervera (Lérida), han acudido á la compañía de los ferrocarriles del Norte en solicitud de una tarifa de 15 pesetas por tonelada para el transporte de vinos y vinagres hasta Moncada ó Barcelona, ó al menos, que no traspase los límites de la que rige actualmente. Esta va á ser reformada desde 1.º de junio, aumentado en 17 reales el precio del transporte de cada tonelada hasta dichos puntos, y este aumento es el que perjudica de un modo considerable á una ciudad como Cervera, que solamente de vino cargará anualmente unas 30,000 toneladas.

Consideramos justa la anterior petición.

—La Dirección general de Agricultura tiene terminada la confección de un proyecto para establecer diferentes premios, que se otorgará á los agricultores y obreros que, en terrenos de regadío, presenten adelantos que simplifiquen las operaciones agrarias y multipliquen la producción.

**Bolsín del Casino mercantil** del día 29 de mayo.—El 4 por 100 consolidado queda á las diez de la mañana á 66'35 dinero.

**Bolsín Catalán** del día 29 de mayo.—El 4 por 100 consolidado queda á las diez de la mañana á 66'35 papel.

### España y Portugal

El telégrafo nos comunicó el 27 el extracto de un notable artículo sobre España y Portugal que publica el *Diario de los Debates*.

Hablando de los brindis pronunciados por los monarcas de ambas naciones en el banquete del día 23, dice que no puede menos de reconocer que son quiméricos los proyectos de una unión ibérica.

Esto no obstante—añade—se está operando un movimiento de aproximación entre los dos pueblos de la Península, habiendo desaparecido las desconfianzas y las rivalidades tradicionales.

Esta intimidad entre España y Portugal es muy útil y muy conveniente al equilibrio europeo.

Portugal no puede dejar de seguir la política española sin caer bajo la dependencia inglesa, y las recientes manifestaciones nacionales hechas en Portugal demuestran claramente que los portugueses no quieren ser un anexo del imperio británico.

Por otra parte, la amistad de Portugal es de grande interés para España, pues gracias á ella podrá imprimir á su diplomacia una dirección independiente, sin imitar á Italia, que sacrifica sus intereses nacionales para obtener la benevolencia de Inglaterra ó una admisión precaria en la alianza austro-alemana.

El *Diario de los Debates* termina enalteciendo los vigorosos esfuerzos hechos por España para poner en salvaguardia la libertad de la navegación del canal de Suez y la virilidad con que sabe defenderse en las negociaciones con Alemania para el tratado de comercio.

La síntesis del artículo es que la alianza hispano-portuguesa, conservando ambas naciones completa independencia, es de grande importancia para los intereses recíprocos de éstas.

Damos el extracto del artículo mientras conociéndolo íntegro nos extendemos en las consideraciones á que se presta.

*Le Temps* de París dedica á este mismo asunto un largo artículo, del que tomamos los siguientes párrafos:

«Por un fenómeno, que no es único en la historia, dos naciones que la geo-





Le roi de Portugal, accompagné de la reine et suivi de ses ministres de affaires étrangères et de la guerre, est arrivé avant-hier à Madrid, où l'attendait l'hospitalité brillante et cordiale du roi d'Espagne. L'entrevue des deux souverains ibériques donne aux journaux des deux royaumes l'occasion de reprendre le thème de la solidarité des peuples de la Péninsule. par un phénomène qui n'est pas unique dans l'histoire, deux nations, que la géographie, la race et la langue semblaient également rapprocher, se sont littéralement tourné le dos pendant des siècles, et une fatalité étrange a toujours paru diriger leurs destinées sur des voies divergentes. Le rêve de l'union ibérique n'a eu qu'une réalisation éphémère, il y a trois siècles, et le Portugal n'en a gardé que l'impression d'un cauchemar, comme il est arrivé à tous les peuples sur qui s'est appesantie la main de Philippe II. Emancipé de la domination castillane, le Portugal s'est appliqué à renouer la glorieuse tradition de ses grands navigateurs, et c'est dans le développement de sa politique maritime et coloniale qu'elle a cherché la prospérité. Pendant ce temps, la monarchie espagnole achevait de s'épuiser à poursuivre en Europe le rêve décevant de la monarchie universelle. Le succès a manqué à l'une et l'autre tentative ; l'Espagne, affaiblie et amoindrie, est descendue au rang d'Etat de second ordre pendant que le Portugal acceptait le protectorat économique et politique de l'Angleterre.

Les conséquences de ces faits historiques ne sont pas encore entièrement effacées à notre époque. L'Espagne n'a pu remonter, dans le concert européen, au rang d'où elle est déchu naguère ; elle n'a eu voix ni au congrès de Vienne ni à celui de Berlin, et les tentatives qu'elle a renouvelées plusieurs fois, notamment l'année dernière, à l'occasion des affaires d'Egypte, pour se faire admettre parmi les grandes puissances, n'ont pas été favorablement accueillies par les chancelleries européennes. De son côté, le Portugal, s'il a échappé, depuis 1810, à l'asservissement séculaire que lui avait imposé le traité de Methuen, n'a pas entièrement réussi à secouer l'influence britannique. Des deux côtés de la frontière, des esprits généreux se demandent si ces causes d'affaiblissement qui pèsent sur les deux Etats ibériques ne seraient pas supprimées ou du moins fortement atténuées par une entente qui donnerait à leur politique une orientation commune. On sait qu'un mouvement dans ce sens s'est dessiné au Portugal lors des froissements que le langage cavalier d'un membre de la Chambre des communes a infligés à l'amour propre national. Les prétentions inattendues que l'Angleterre a élevées à délimiter les droits du Portugal dans l'Afrique occidentale ont fait réfléchir bien des gens sur les inconvénients d'une association avec un partenaire aussi exigeant; des organes autorisés ont recommandé à leur pays de rechercher l'amitié de la France, aînée de la famille latine, dont les entreprises au Congo ont eu le mérite de respecter la souveraineté portugaise. Ce même sentiment de la solidarité ethnique devait, plus naturellement encore, leur inspirer l'idée d'un

## DOCUMENTO Nº 18.1

*Le Temps*, « Bulletin du Jour », Paris, 24 mai, 1883.,p. 1 A e B

moment, les deux États Ibériques contre l'omnipotence britannique: car l'Espagne, qui porte au flanc la blessure mal fermée de Gibraltar, ne peut voir non plus sans une jalouse inquiétude l'Angleterre chercher à prendre pied vis-à-vis de ses rivages, au Maroc, sur une terre que les armes espagnoles ont plusieurs fois visitée victorieusement.

Cette conception, fort raisonnable au fond, "une intimité des deux peuples, fondée sur la communauté d'origine et d'intérêts, revêt des couleurs fantaisistes au feu de certaines imaginations méridionales. C'est ainsi que M. Emilio Castelar voit déjà un avenir prochain l'Espagne et le Portugal former une confédération ibérique, au sein de laquelle les deux royaumes garderont leur indépendance et leur autonomie. En attendant les réalisations de cet idéal, dont M. Castelar, avec raison, ne se dissimule pas le caractère utopiste actuel, l'organe de l'ancien chef du gouvernement provisoire demande une entente entre les gouvernements de Madrid et Lisbonne, assez analogue à celle qu'un membre allemand du Reichsrath viennois réclamait, il y a peu de jours, pour les deux empires germaniques. *El Dia* appelle, entre les deux royaumes, une alliance offensive et défensive et une ligne douanière, ainsi que l'organisation d'expositions internationales qui se tiendraient alternativement dans la capitale des deux pays; enfin, pour prévenir les rivalités nationales, il propose de conférer à tour de rôle la présidence de la confédération ibérique au roi d'Espagne et au roi de Portugal.

La conception de cette union partielle, qui sans doute, entraînerait aussi la communauté de représentation diplomatique des deux Etats, n'est guère moins chimérique que l'union ibérique dont elle doit, dans le pensée de son auteur, n'être que le prélude. Cette présidence alternative, qui devrait évidemment se compléter par un Parlement fédéral, a des apparences trop républicaines pour ne pas effaroucher deux cours monarchiques, et c'est en effet chez les républicains des deux royaumes que l'idée de l'union trouve le plus de faveur. Il est probable que la visite du roi de Portugal dans la capitale des Espagnes ne laissera pas de resserrer les liens d'amitié entre les deux gouvernements; mais les résultats de cette démarche courtoise resteront certainement fort su-dessous du brillant programme tracé de verve par M. Castelar; les deux peuples auront d'ailleurs tout lieu de se féliciter si l'entrevue des souverains et de leurs ministres aboutit, tout au moins, au rétablissement d'un régime commercial régulier et au renouvellement du traité hispano-portugais, que le régime des tarifs généraux a remplacé depuis l'année dernière.

## DOCUMENTO Nº 18 .2

*Le Temps*, « Bulletin du Jour», Paris, 24 mai, 1883.,p. 1 A e B

Centro, 36.—914. Reus. Desiderio Canals, sin señas.—490. Santiago, Salvador Florens, id.—431. Almuñecar, Ginesa Urraca, Parlamento, 9.—941. London, Abarca, sin señas.—541. Villena, Marquesa Prat, Aragón, 2.  
Barcelona 31 de mayo de 1883.—Por el Director de la sección.—El Jefe de servicio, N. Escribano.

## Correo nacional

(De *La Correspondencia de España* del 31)

La *Gaceta* de hoy contiene la siguiente disposición:

**Gobernación.**—Real orden desestimando un recurso de alzada interpuesto por el regidor síndico del Ayuntamiento de Villaruela contra una providencia del gobernador de Salamanca sobre el reintegro de cierta suma.

—La cuestión de billetes para la corrida de toros *gratuita*, de la diputación provincial, sigue dando mucho que hablar en todos los círculos. El reparto de las localidades se discute y comenta hasta entre los individuos de los Cuerpos Colegisladores.

Algunos diputados del Congreso han estimado deficiente el número ó inaceptable la clase de la mayor parte de las 100 localidades que la diputación ha remitido á dicho Cuerpo Colegislador, y á última hora de la sesión pública se ha presentado una proposición incidental del señor Fernandez La Hoz, pidiendo que el Congreso se reúna en sesión secreta para tratar del asunto.

Al cerrar esta edición continúa la sesión secreta, dando á la cuestión una importancia que no tiene en concepto de los más.

El Senado también se ha reunido en sesión secreta para tratar de este particular.

Muchos son los senadores que opinan por que se devuelvan los billetes á la diputación provincial.

Sentimos que lo avanzado de la hora no nos permita dar cuenta de los acuerdos de ambas Cámaras sobre la cuestión de billetes, que es indudablemente la cuestión del día.

## El banquete de anoche

Ha sido un acto, ha sido una fiesta de la cual conservarán los periodistas portugueses y españoles, un recuerdo imperecedero.

En el teatro de la Zarzuela, galantemente cedido por el señor Arderius, tuvo lugar el anunciado banquete de la prensa española á los escritores portugueses.

El coliseo de la calle de Jovellanos estaba adornado con profusión de macetas y banderas. La alfombra, en vez de ser tejida, se componía de flores naturales, deshojadas y esparcidas por el suelo.

A las nueve dió comienzo la comida. Ocupaban la presidencia los señores Villalva, Moret, Pinheiro Chagas, Rute, marques de Valdeiglesias, Campoamor, Ruiz Gomez y Aguilera.

Hombres políticos de todos los partidos y periodistas de la mayor parte de las publicaciones, se hallaban presentes.

A las nueve y media un público numeroso ocupaba todas las localidades del teatro, ávido de escuchar la palabra elocuente de algunos oradores.

Recordar todos los brindis y citar los nombres de los concurrentes, sería tarea difícil.

Los escritores y militares portugueses obtuvieron unánimes y prolongados aplausos.

La frase sentida y cariñosa de los oradores lusitanos, la belleza de la forma, la profundidad del concepto y el sentido de la realidad en que se inspiraron sus nobilísimas manifestaciones, causaron gratísima impresión en el auditorio.

El primer brindis fué del presidente, señor Villalva, dedicado á los reyes don Luis y don Alfonso, que personifican y representan las instituciones nacionales. El público acogió con aplauso el recuerdo cariñoso á ambos monarcas constitucionales, que rigen los dos pueblos peninsulares.

Dijo que entre los reunidos en fraternal banquete no había huéspedes ni anfitriones, sino una agrupación de individuos de una misma familia.

El señor Victor (D. F), redactor del *Diario de Portugal*, pronunció un elocuente brindis tributando elogios á la prensa española y tendiendo á la unión sincera, perfecta y leal de los dos pueblos que son hermanos por su origen, por sus costumbres y por sus aspiraciones.

El señor Alcalá Galiano brindó en portugués saludando con entusiasmo á todos los reunidos.

Pronunció sentidos periodos sobre lo que es la patria, para deducir que ni España ni Portugal pueden renunciar á su independiente nacionalidad.

El señor Valero Tornos brindó por las mujeres portuguesas y por las españolas.

El señor De Gabriel leyó una poesia alusiva al acto del banquete.

El señor Batalha Reis, portugués, brindó por la amabilidad y cortesía de la generosa España. Encomió la riqueza agrícola de la península ibérica.

DOCUMENTO Nº 19,

*La Vanguardia*, Año III, Nº 252, Barcelona, 2 /6/ 83, p.3534



con gusto, un artículo que publica *O Commercio Portuguez*, importante periódico de Porto.

Con motivo de la cuestión de Zanzíbar, y contestando al periódico inglés el *Times*, que pedía á Inglaterra que pusiera á las órdenes del sultán barcas de la escuadra inglesa, *O Commercio Portuguez*, estudia la situación de Portugal y los inconvenientes que presenta una alianza con Inglaterra, diciendo á este propósito:

«Ninguno de nuestros Gobiernos ha demostrado voluntad de sustituir por otra nuestra alianza con Inglaterra; todos han mantenido la antigua cordialidad y corrección en las relaciones con esta potencia. Han seguido inalterablemente sus consejos en contiendas internacionales y han aceptado los ofrecimientos de su cooperación para el fomento y la civilización de las colonias que más se tocan en ambas potencias.

Pero no correspondiendo Inglaterra á la sincera amistad de Portugal, no podrá extrañarse que procuremos los portugueses alianzas con otras naciones.

La verdadera alianza de Portugal con Inglaterra débese en primer término á la política de aislamiento seguida por Portugal y España.

Inglaterra ha mantenido constantemente nuestra desconfianza en las relaciones con España.

Por más que en documentos de alta importancia diplomática acentúa Portugal su firmeza en la sustentación de su independencia, y España señábase con el vigor que deseaba la más franca unión de los dos pueblos sin la más mínima alteración de sus límites y con el mayor respeto á la autonomía de nuestro país, Inglaterra se ha esforzado siempre por hacer que renazcan los odios que en Portugal creó la dominación castellana.

Y nosotros, por amor á nuestra independencia, concedíamos á Inglaterra cuanto nos exigía; y de esta manera hemos ido perdiendo poco á poco parte del viejo prestigio colonial, y por mucho tiempo hemos sido llamados colonia británica.

Hoy las condiciones han cambiado. No nos conservamos, no debemos conservarnos aliados con Inglaterra por temores de que España nos conquiste, porque una unión hecha así, á la fuerza, sería incomparablemente más imposible que la germinación de Alsacia Lorena, y además que no convendría á Europa que nuestra península se constituyera en un grande imperio.»

Como se ve por las precedentes líneas, empiezan á desaparecer en Portugal los recelos de nueva conquista por parte de España, renaciendo en nuestros vecinos aquella confianza y aquella calma que permite ver las cosas por su prisma verdadero.

### En Niza

Se ha calmado el terror que en los habitantes de aquella encantadora ciudad italiana produjeron los últimos terremotos.

Las fondas, que se habían quedado vacías, vuelven á ver sus habitaciones ocupadas por un gran número de viajeros que llegan de todas partes, y especialmente del Norte de Italia.

Actualmente empieza á descubrirse la verdad entre todas las exageraciones nacidas del espanto y del noticiarismo llevado al extremo.

Hyères, Saint Raphael, Cannes y Monte-Carlo no han sido víctimas del temblor de tierra. En cambio Niza fué muy castigada; pero no hubo que lamentar más que una muerte en una población de 75,000 vecinos y 20,000 extranjeros.

Bajo el punto de vista material se limita el desastre á dos ó tres casas arruinadas, algunos desperfectos parciales y un corto número de edificios agrietados en los barrios extremos.

Al siguiente día del tristísimo acontecimiento se podía exagerar la catástrofe viendo el pánico que se había apoderado de la población y de sus huéspedes.

Todo el mundo corría sin batas y á medio vestir, hacíanse las maletas en las aceras, y se formaban barracas y albergues provisionales en el campo y en las plazas públicas. La confusión en los despachos de billetes de las estaciones era espantosa. Acostábanse las gentes en carruajes de todas clases y en los barcos

## CORREO NACIONAL DEL DIA 9.

(De El Imparcial.)

La prensa confirma ya la conferencia celebrada por los señores Cánovas y Silvela (D. Francisco) de que dimos cuenta y que en un principio fué negada.

El jefe del partido liberal-conservador, en un momento que consideró oportuno, interrogó al ex-ministro de la Gobernación sobre su pensamiento respecto de la situación actual. No hizo el señor Silvela al contestarle declaraciones que dieran á conocer su criterio de un modo siquiera transparente, y esto fué bastante para que, abandonando rodeos, el señor Cánovas expresara que, como jefe de un partido que va á emprender una activa campaña de oposición, tenía el deber de recabar la opinión de aquellos hombres que, como el señor Silvela, representaban valiosos elementos y había adoptado una política de desviación en los últimos meses del gabinete conservador.

A esta altura la conversación, el señor Silvela abandonó sus reservas. Reconoció que, en efecto, había opinado que no debía extremarse la dominación conservadora y si dejar lugar á el planteamiento de otra distinta. Hizo presente al señor Cánovas que nunca había pretendido ser cabeza de fracción para luego imponer su criterio al partido en que milita, y recapitulando su pensamiento sobre la misión y el carácter que debe tener el partido conservador-liberal, vino á declarar en resumen que no acompañará á sus amigos en una política de energías, que no promoverá disidencias y que cuando la pasión y la impetuosidad tengan acogida y apoyo solemne y público en el señor Cánovas, hará conocer la expresión de su criterio, para renunciar después á toda intervención en la política activa.

Por lo demás, el señor Silvela repitió al señor Cánovas que él asistirá á las sesiones de Cortes, si el gobierno convoca las actuales para presentar los presupuestos.

## CORREO EXTRANJERO.

Berlin 8. — Los duques de Osuna han aplazado su salida de esta capital.

Se asegura que si por fin se determinan á partir, volverán aquí para asistir á las fiestas que se celebrarán con motivo del aniversario del nacimiento del emperador Guillermo.

Lisboa 8. — Cámara de los diputados. — Se aprueba el tratado de propiedad literaria y artística entre España y Portugal.

Después de un amplio debate, la Cámara de diputados ha aprobado por 74 votos contra 19 el tratado entre Portugal é Inglaterra relativo á la bahía de Lorenzo Marquez (Africa Meridional.)

Paris 8. — Cámara de los diputados. — Se toma en consideración el proyecto autorizando la perforación del Simplon.

Senado. — Se aprueba la imposición de 6 francos de derechos sobre los vinos en lugar de los 4,50 votado por la Cámara de diputados.

El ministro de Comercio declara que acepta el tipo de 6 francos aprobado por el Senado porque dará mas margen cuando se negocie el nuevo tratado de comercio.

Después se aprueba el tipo de 30 francos sobre los alcoholes en su introducción en Francia en lugar de los 25 aprobados por la Cámara popular.

El presidente del Consejo de ministros, M. Ferry, ha declarado en el seno de la comisión que entiende en la proposición de ley relativa al escrutinio por lista ó por grandes circunscripciones, que el gobierno no interviene en los debates sobre dicho asunto y que no hará de él cuestión de gobierno.

## SERVICIO TELEGRÁFICO PARTICULAR DE «LA VANGUARDIA.»

Madrid, viernes, 11 de marzo, (á las 8'15 mañana). — El texto del preámbulo del decreto sobre el Principado, es el siguiente:

Señor: El concepto histórico y jurídico que del Principado de Asturias tiene el Gobierno de S. M., es distinto del que informó el real decreto de 22 de Agosto de 1880.

El gobierno está resuelto á llevar á las Cortes en su día, con la vena de V. M. un proyecto de ley que impida en lo futuro la incertidumbre y la duda, respecto de los derechos, honores y prerogativas del sucesor inmediato á la Corona; pero entre tanto tiene el honor de proponer á V. M. el adjunto proyecto de decreto.

Sigue después un artículo dando el título de Princesa á la Infanta Mercedes.

Madrid, viernes, 11 de marzo, (á las 9 mañana). — La Gaceta, además del decreto sobre el Principado, publica también los nombramientos del señor Rodriguez para representante de España en China y del señor Nuñez de Arce en comisión para el estudio de los documentos relativos á España y que obran en los archivos de Italia.

Otro decreto disponiendo que la Asesoría se denomine Dirección.

Se ha circularado una orden á los Jefes económicos para que se admita en las cajas del Tesoro la moneda borrosa que hay en circulación.

También publica el nombramiento de don Antonio Gonzalez como presidente de la Comisión de evaluación de Barcelona.

Bolsin: Consolidado, 21'52 1/2.

Imp. Universal, Nueva de San Francisco, 19. — Barcelona.



### El tratado anglo-luso y su influencia en la colonización

En la conferencia de Berlín, por medio del tratado para la creación del Estado del Congo, se concluyeron las tradiciones coloniales y los principios que habían venido rigiendo entre las naciones colonizadoras desde el descubrimiento de América.

En ella se inflirió rudo golpe a las antiguas naciones que, como España, Portugal y Holanda, por la vasta extensión de sus posesiones, no podían ejercer una ocupación real y efectiva en todos tiempos, sobre el inmenso territorio que abarcaban sus colonias.

Se proclamó la ocupación efectiva y actual como único fundamento de la soberanía, negando así de hecho los efectos de la posesión inmemorial y la eficacia de la ocupación simbólica, abriendo el portillo a todos los despojos en favor de los grandes Estados que, faltos de colonias y con exceso de población, necesitan comarcas lejanas donde dirigir su emigración y abrir mercado a sus productos.

El tratado de Berlín fue una profunda herida causada al antiguo imperio colonial ibérico, pues se proclamó que no constituía violación del Derecho Internacional apoderarse de una comarca de la cual otro Estado hubiese tomado posesión formal en épocas anteriores.

Alemania, apoyándose en estos principios que constituyen un verdadero contrato leonino puesto que solo perjudican a los débiles, se lanzó a la aventura de las Carolinas que, por virtud de la gran explosión de entusiasmo nacional, tuvo que abandonar precipitadamente.

Más tarde, a la llamada, en compañía de Inglaterra se ha ido apoderando de los archipiélagos Marshall y Gilbert, con mejor fortuna, sin que nosotros invocáramos nuestros antiguos derechos.

Inglaterra en África ha procedido de igual manera. Mientras Portugal ambicionaba unir Angola y Mozambique, esto es, sus posesiones de la costa Occidental con las de la costa Oriental, Inglaterra concebía el osado proyecto de abrir una comunicación interior entre el Sudán, cuya ocupación codicia, y sus colonias del Cabo.

En estos empeños rivales, primero en la batalla de Delagoa y más tarde en el Makololand ha intentado la toma de posesión que, según el tratado de Berlín, es indispensable para ejercer la soberanía. Rindiéndose de los derechos históricos de Portugal, de sus heroicos esfuerzos para introducir la civilización en África, de sus antiguos tratados con los reyezuelos indígenas, de sus continuados actos de

soberanía, le ha bastado no encontrar allí organización política determinada para negar la ocupación y realizar el despojo.

Valiéndose de la fuerza ha violado los grandes principios del derecho internacional por desgracia solo existentes en la esfera de la abstracción pura, y se ha apoderado de los territorios que Portugal poseía desde que sus atrevidos navegantes realizaron esos famosos viajes que inician en el siglo xv la era de los grandes descubrimientos. La igualdad entre los pueblos es tan digna de respeto como la igualdad entre los hombres, y es infame aprovecharse de la debilidad de un pueblo para ejercer actos que no fuera osado a realizar con pueblos poderosos quien los comete y que en manera alguna los suplantaría si alguien los efectuase contra sus derechos o su soberanía.

Portugal respondió indignado a esa explotación, pero su gobierno puso mordaza en las voces de la opinión, prometiéndole contestar dignamente al ultimatum, y recabar en favor de Portugal la integridad de sus derechos hollados. El resultado de estas tentativas del Estado portugués ha sido el tratado anglo-luso que publicamos anteayer en La Vanguardia, verdadero *capitis diminutio* de su soberanía territorial.

Portugal desde ahora debe renunciar al enlace de Angola y Mozambique. Inglaterra se interpone como una cuña y penetra en el corazón de su gran imperio colonial africano.

Ventajas escasas y dudosas sirven para disfrazar los grandes beneficios que reporta ya Inglaterra de este tratado y las amenazas que supone para el porvenir de Portugal.

En apariencia accede a la reivindicación de algunos territorios reclamados por Portugal, pero de hecho desouoce por entero su soberanía sobre los mismos. Es cualidad inherente a la soberanía del Estado el que este pueda ceder una parte, la que quiera, por motivos políticos y económicos, en la forma reconocida por el derecho público. Pues bien, los nuevos territorios que aparenta conceder Inglaterra a Portugal, no pueden ser cedidos sin el consentimiento previo de la Gran Bretaña. De manera que Portugal viene a ser como un arrendador o colono que trabaja los terrenos en provecho de su dueño. Inglaterra ejerce un verdadero condominio sobre esos territorios que enganosamente reconoce a Portugal.

Y para esta cláusula no hay reciprocidad, puesto que todos los territorios reconocidos a Inglaterra o proclamados de influencia inglesa, puede esta cederlos sin pedir autorización a Portugal.

Cuando se trata de la expansión de la

esfera de influencia de Portugal, Inglaterra se obliga únicamente, a no oponerse, al sud de la bahía de Lorenzo Marqués, es decir que fuera de allí Portugal encontrará siempre el leopardo inglés que le cerrará el paso. Y como quiera que todo lo que adquiere Portugal, al sud de Lorenzo Marqués, se obliga a no cederlo sin el consentimiento previo de la Gran Bretaña, resulta que sus esfuerzos coloniales en este punto aprovecharán a Inglaterra que así gozará del condominio sobre porción de territorios, sin haber hecho sacrificio ni esfuerzo alguno de su parte.

Hay una cláusula en el tratado que significa una constante amenaza para Portugal y no para Inglaterra: que tiene poder suficiente para rechazar cualquier intrusión que no le parezca conveniente. La que establece que la delimitación de la línea divisoria no afectará en manera alguna los derechos actuales de cualquier Estado. Salvo esta reserva Inglaterra no se opone a la expansión de la esfera de influencia portuguesa. Esta salvadad parece hecha para Alemania, cuya proximidad a las colonias portuguesas, ambición desmedida y apoyo que Inglaterra, hacen temer que tal vez no tarde en aprovecharse de esta brecha abierta para tomar su tajada en este reparto de las posesiones portuguesas.

Inglaterra ha creado en este tratado una nueva forma de la soberanía que viene a proporcionarle una arma de dos filos: nos referimos a lo que llama esfera de influencia. Hasta ahora existían en el derecho internacional la soberanía y el protectorado, pero nunca se había hablado de la esfera de influencia, concepción abstracta, de una naturaleza elástica que se presta a grandes abusos e imposiciones. ¿Qué significa esfera de influencia? Los límites del territorio hasta el cual llega el influjo de los misioneros, la explotación de los comerciantes y viajeros, y en el que viven súbditos de una nación determinada. Si esto es así y la tal esfera de influencia da origen a la soberanía, pues se han reservado ejercerla en la misma Portugal o Inglaterra, reconocidas en buen hora la soberanía efectiva de Portugal sobre los territorios sometidos a litigio, puesto que desde tiempo inmemorial caen de lleno dentro de la esfera de su influencia.

Si la simple influencia da margen a la soberanía porque se exige pues la ocupación efectiva y real de los territorios? Inglaterra con esta peregrina invención se ha procurado un arma de dos filos: por un lado tiene la teoría de la ocupación efectiva que le permite establecerse donde bien le parezca, con tal de que en el momento de llegar no haya allí nadie que

represente al Estado pasador, y por otro la esfera de influencia, le da derecho a impedir la colonización de cualquier territorio a quien quiera que se lo proponga, pues es difícil encontrar en ninguna parte un suelo donde Inglaterra no pueda acreditar su influjo. Maliana mismo en Marruecos, amparándose de esta nueva teoría que viene en apoyo del más fuerte, puede oponerse a nuestra intervención protestando que todo el Magreb entra por completo en la esfera de su influencia.

España debe andarse con mucho tiento en el reconocimiento de ese tratado, pues si acepta la invención de Inglaterra, se pretexto de la esfera de influencia le da derecho a quien quiera que se lo proponga, a matar los fueros coloniales de Portugal.

Todavía esperamos que el patriotismo de las Cámaras portuguesas impida que sea un hecho este tratado que viene a matar los fueros coloniales de Portugal.

El *Século de Lisboa* escribe con mucha razón: Inglaterra no declara señora de África, pero como los indígenas la odian, viene a buscar a Portugal los pioneros, las avanzadas que deben desbrozar sus selvas y montañas, los infelices que deben señalar con sus huesos los caminos, para pasar luego triunfantes sobre el suelo regado por nuestros osados colonizadores. La humanidad y la civilización ganarán con el triunfo de Portugal en esta pendencia del fuerte contra el débil.

FEDERICO RAMBLA.

### Sesión del Ayuntamiento

A las cinco menos cuarto del reloj del salón llamado Consistorio nuevo, y con asistencia de los señores B. Barrio, Brugada, Capdevila, Toja, Julia y Brel, declaró el señor Coll y Pujol abierta la sesión ordinaria de segunda convocatoria. Procedió inmediatamente al secretario señor Aymer a la lectura del acta de la anterior sesión. Durante la misma entraron los señores Miñá y Pi, Querol, Santonja, Masera, Saguer, en tanto como que aprobaron el acta por unanimidad.

Dióse lectura al telegrama del ministro de Fomento en contestación al que se acordó le remitiera la Corporación municipal, agradeciéndole la reciente medida relativa a la Escuela de Ingenieros industriales, y de cuyo texto tienen conocimiento nuestros lectores, dados por enterado el Ayuntamiento.

Leyóse a continuación una comunicación de la Alcaldía en la que tras un extenso preámbulo propone la creación de una oficina en la que se atiendan las ofertas y demandas de trabajo al objeto de facilitar a los que de él carezcan y formarse cuenta exacta de las necesidades de la clase obrera y del origen y causas de las crisis industriales. Paso a la comisión correspondiente.

Otra, proponiendo la creación de un Museo de reproducciones de Arquitectura, Escultura y Artes sumarias, mandándose en lo que fue nave central del palacio de la industria de la Exposición terminando con la indicación de las personas que deben formar la Comisión

—Ah, traidor! gritó el rey saltando de la cama. Merece el odio de Warwick; pero no el de Montagu. Rivers; ayúdame a poner la cota de maila. Hastings, pon a mis guardias en orden de batalla. Venderemos caras nuestras vidas.

Hastings desapareció.

No había tenido aun Eduardo de ponerse su casco y su coraza, cuando entró Gloucester, tranquilo en medio del peligro.

Dió una mirada penetrante al rey y luego con voz pausada dijo:

—Vuestros enemigos vienen a prenderos, hermano mío! Escuchad! Por todos lados se oyen estos gritos: «FitzHugh! Robin! Muera el tirano!»

—Miserables!

—Si, sí, sí. Por todas partes se grita: «Montagu! Warwick! Viva el rey Enrique!» Yo vengo para cumplir mi palabra; para compartir con vos el destierro y morir con vos. Resolvéis, que aun es tiempo, vuestra suerte será la mía.

Y mientras hablaba, oía se los gritos que iban acercándose a cada momento.

—Ahora, dijo Eduardo, dadme mi gran espada. Gloucester esta arma pone de manifiesto mi resolución.

Pero en aquel momento, los barones y los capitanes que aun permanecían fieles al rey cuya coraza estaba perñida entraron todos a la vez en la cámara.

Cayeron de rodillas y suplicáronle con lágrimas en los ojos que conservara su vida para días más dichosos.

—Aun hay tiempo para huir, dijo Eyacourt, para pasar el puente y llegar al puerto. La muerte de un soldado no os está reservada. El número bastará para detener vuestro brazo, para apoderarse de vuestra persona. No queréis ver el prisionero de Warwick para ser exhibido en una jaula como una bestia salvaje al populacho.

—Si no por vos, gritó Rivers, tened piedad de estos gentilhombres, y para salvar su vida es que debéis conservar la vuestra. Qué es la huida? Warwick ha huido.

—Es verdad. Y ha huido, añadió Gloucester. Tenéis razón mi-

lores; venid, señor, es preciso huir. Al huir no abandonamos nuestros derechos, que combatirán por nosotros en nuestra ausencia.

La voluntad firme de este extraño y terrible joven produjo su efecto sobre Eduardo. Dejose conducir fuera de la habitación por su hermano. Su rabia impotente le hacía rehinchar sus dientes. Montó a caballo y escotado por seis o siete lares y caballeros, franqueó el puente defendido ya por Hastings y un pequeño número de soldados.

—Vas, Hastings, dijo el rey con una espantosa sonrisa, nos dicen que es preciso huir!

—Es verdad, señor. Huid vos, huid! Yo quedo aquí para hacer creer al enemigo que defendiendo el paso y para animar como pueda a los fieles soldados que dejamos a la retaguardia.

—Bien, Hastings! enhorabuena! dijo Gloucester estrechándole la mano. Os envió este glorioso puente. Volved, señor.

—Si, sí, dijo el rey, dando de pronto un grito salvaje; partamos, pero al menos pasaremos por encima de cadáveres destrozados. Mirad esa banda de landinos. Pasaremos por en medio, sangre y venganza!

Dicho esto, clavó las espuelas en los ijares de su caballo, atravesó el puente al galope y antes que sus compañeros hubiesen tenido tiempo de reanudar, se precipitó, solo, al centro del destacamento enviado para atacar la fortaleza. Los asaltantes gritaban aún:

—En dónde está el tirano? en dónde está Eduardo?

—¡A qué respondió una vez de trueno; aquí, rebeldes, traidores, en vuestras mismas filas.







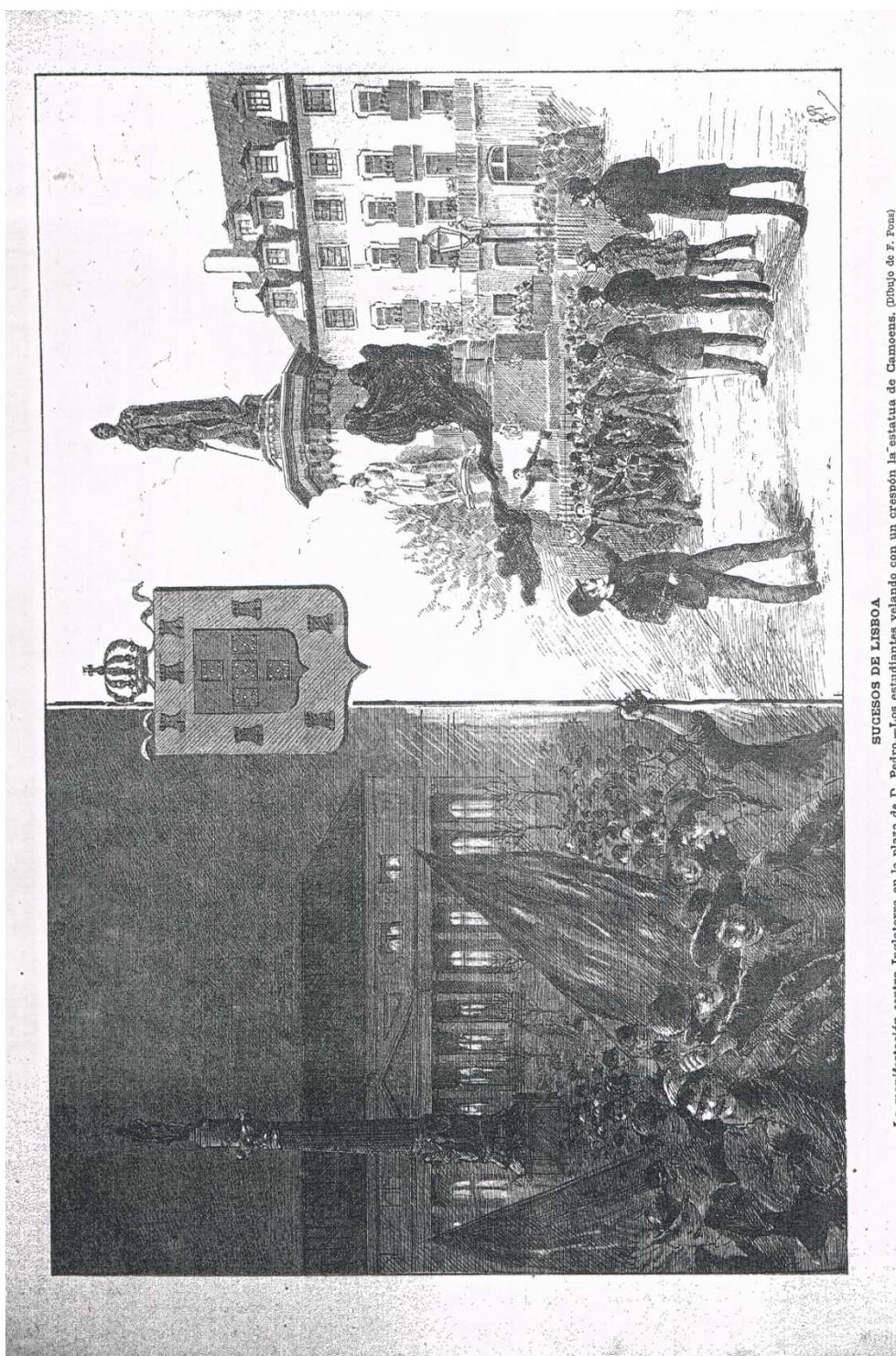












DOCUMENTO Nº 28

*La Ilustración Ibérica*, Año VIII, nº 371, 8/2/1890, p.85.





**NUESTRA LINEA DE VAPORES**  
 Junio 31.—Aprobada por el Consejo Ad-





LA REPUBLICA

LA BANDERA MAS

La que puede traer el castigo... que el castigo y sin contemplaciones... de seguridad a la nación... programa siguiente: Justicia, Moralidad, Administración.

Una ley que condene todos los bienes adquiridos por fraude y malos hechos al Tesoro público.

Una ley para que todo dependiente del Estado que pretenda, sea juzgado por leyes tan severas como las del Código militar, y al precio fijo, en Consejo de guerra verbal.

Una ley de empleados públicos, por la que se exija a los aspirantes a todas las carreras, su entrada en ellas por oposición pública, sujetándose después a exámenes cerrados rigurosos, del modo de conseguir el favor y las injusticias.

Una ley que obligue a todos los que disfruten haberes del Estado a continuar en el servicio hasta que por inutilidad física los sea imposible, disfrutando entonces, y previo reconocimiento facultativo, los retiros o jubilaciones, etc. Esta medida reportaría grandes bajas en el presupuesto de gastos. Claro está que los que quisieran dejar sus puestos, sin derechos pasivos podrían hacerlo.

Una ley que obligue a rendir todas las cuentas precisamente dentro de los diez primeros días del mes siguiente a que pertenezca la gestión administrativa; haciendo responsable al Tribunal mayor, si pasa aquel plazo del día 10 del mes siguiente, que corresponden las cuentas, si éstas no se exhiben presentadas. Esta responsabilidad se hace extensiva a los jefes de los contingentes, a los inspectores e interventores o fiscales de los servicios, los que deben quedar expuestos de sus empleos y sueldo a expensas, si no cumplen con el deber en este gravísimo punto.

Una ley que marque como mínimo ocho horas de trabajo en todas las dependencias pagadas por el Estado, debiendo asistir a las oficinas todos, sin privilegio alguno, todos los días menos los domingos, quedando suprimidos todas las fiestas sin excepción.

Una ley que establezca como mínimo el sueldo de 1.000 pesetas a los empleados, y como máximo el de 10.000 pesetas, sin descuentos algunos. Las gratificaciones todas deben desaparecer, quedando sólo las deducidas a guisa de sueldo, que serán por el importe exclusivamente necesario.

Una ley-código del empleado, de cualquier rango, con leyes penales tan fuertes como las que marca la ordenanza militar para todos los delitos.

Una ley que prohiba, bajo privación de sueldo, que los dependientes de la nación se mezclen en política bajo ningún concepto, debiendo ser privados por el importe exclusivamente necesario.

Una ley para que ninguno que goce sueldo del presupuesto pueda ser diputado a Cortes, ni diputado provincial, ni concejal, ni empresario de ninguna clase, ni comerciante, ni contratista (aunque el negocio no sea del ramo de que depende), todo bajo privación de sueldo y sujeción a expensas.

Una ley que obligue a pagar sueldos al Estado a los empleados de cualquier categoría, que vivan familiarmente en edificios de la nación o alquilados por ella para uso del servicio público.

Una ley que sancione a todo empleado de cualquier ramo la propiedad del empleo que disfruta, sin poder ser separado de él sin formación de causa y en virtud de sentencia aprobada por el Tribunal Supremo.

Una ley por la que se establezcan premios pecuniarios y de honores (meda de empleo) a los que presenten al mejor proyecto de contabilidad, preferencias aquel que sea más sencillo y más claro, y que exprese la máxima de sencillez y de operaciones contempladas y confusas, que no vienen a dar una reunión que envuelva el fraude entre transparentes de columnas de gastos y complicaciones que equivoquen y cuyo examen se ahonde con esto, quedando los superiores y los irregularidades (entre otros) en esas sumas que proyectan los inmensos terreros de papel, que constituyen hoy una ridícula contabilidad.

Las contabilidad nueva que expone comprobaciones por la facilidad con que se adquiere y falsifica. También se premiará al que presente un proyecto que facilite la rápida marcha de los expedientes, cuya inspección se eterna hoy por los muchos ramos por donde pasa, entre registros, decretos, informes, dictámenes, etc., para descomposición de los reclutamientos y delitos de tanto empleado como se necesita para despachar (necesariamente tarde) tanto papeles.

Una ley que conceda indemnizaciones a todos los que sufran persecuciones, denuncias o injurias por errores judiciales o por abuso de autoridad (sólo los que fueran), exigiendo a estas la responsabilidad ante el Jefe cuando esta persecución, injuria o denuncias sean un abuso comprobado y no un error humano; pero si los jueces ni nadie se ha librado.

Una ley que obligue a todo propietario de terreno...

LA OPINION REPUBLICANA

Larros (Granada) 14 Septiembre 1911.

Por el cargo del Consejo que tengo el honor de presidir, y de conformidad absoluta con mis ideas políticas, le felicito cordialmente por el manifiesto que ha provocado tantas risas en el campo socialista, y tanta alegría en las filas revolucionarias.

Un abrazo a Nizkor, y salud dispuesta en la forma que quiera de las pocas o muchas fuerzas de un socialista s. s. q. s. m. b.—Manuel Ibarra.

CARTAS A MI AMIGO

II

Maquieiro expuso en su famoso libro, el arte de gobierno fundado en las mentes ávidas y preferencias preteridas, y Felipe expone a este arte-felicito la noble enseñanza de lo al bien por el mal no del bien, de sustituir el dilema por la sinceridad, las embrolladas maneras de la diplomacia con los rectos principios de la justicia y del derecho.

Y por mi viejo amigo condecorado de estas no bles y salubres oposiciones del estúpido polígono gallego, es sin duda, la dicha singularidad de que por así digamos gozando de todas las comodidades terrestres y de todas las inimaginables de que vivamos como pudiera vivir un príncipe en una tala de acacia, pero de acacia sólo, no voy a sospechar que de otro modo. Si Felipe propugna con sus sacos conjeturas, con su poderosa fuerza de lógica, desbarra las primitivas fútiles y supercheras proyecciones del arte de gobierno, no consigo ciertamente un leal objeto, sino hasta la época por que atraviesamos sucesos que merecen la atención de la humanidad viéndose. Ahora es cuando sentimos como nuestras almas distantes dichas a la luz de la verdad.

Maldito sea aquel que calandante todo, hasta el venturoso tiempo, sigue en marcha, sin que ningún obstáculo se oponga a su curso progresivo. Habituado, sin embargo, puesto en la política, modifico como somos dichosa hasta al extremo de contar los descarrilamientos y choques de esas locomotoras que ellas arrastran las montañas, según se cuentan los días; que somos felices hasta al punto de tener que aplaudir descomulgamientos e inundaciones a diario; que vemos con el rostro radiante de felicidad al hombre y la mujer por los puntos víctimas de la más vana bendita oferta; cargados que, con su impetuosa violencia arrastran las acciones corrientes; recorremos que cubren centenas de cuerpos humanos... Pero nada. He ahí la felicidad tanto como las molinas de los primitivos, que hacen el ruido de monedas que se agitan que están monedas, en la indiferencia más completa; el señor C. G. Ibarra hoy a Salamanca. El elemento oficial saldrá a esperar. El señor C. G. Ibarra en A. A. A. y mañana celebrará sus sesiones con el d. de V. Verdad que se me delicia! Oh, si, no sé si me estoy en un verdadero paraíso... después de lo de la manzana. La familia que antes había sido de los viajeros de placer y viajando a un saber el final en las playas del Cantábrico, que se lo que en la actualidad más interesa. Los pueblos en los cuales las honras divinas han estado un año de descomulgación, arreglándose como mejor pueden y no poco, para que en la alabanza nacional, sea crítica que Dios y yo sabemos donde ir a estar no son reales, sino son millones de pesetas, y que será, si más al menos, a los habitantes de algunas zonas varones que han estado en la barriga en montañas de la caridad y a costa de algunos varones indios que celebran, con manifestaciones de entusiasmo, la pérdida de sus hogares, y lo que es más...

DOCUMENTO Nº 32  
La Republica, Año VIII, nº 2382, Madrid, 23/09/91,

398

[illegible]







tos objeto de distribuir el sueldo de 3.000 pesetas mensuales por el Caudal de España, lleva hecho el arreglo de hacer entrega a los señores, D. Julián y Vía de los efectos en pago de 20.000 kilómetros, en virtud de los cuales...

—El sueldo de la Curia de la Santa Sede de preboste resulta que el sueldo de los señores de la Curia de la Santa Sede de preboste resulta que el sueldo de los señores de la Curia de la Santa Sede de preboste...

### El ententismo señor Cardón Payá

El ententismo señor Cardón Payá. El ententismo señor Cardón Payá. El ententismo señor Cardón Payá. El ententismo señor Cardón Payá. El ententismo señor Cardón Payá.

El ententismo señor Cardón Payá. El ententismo señor Cardón Payá. El ententismo señor Cardón Payá. El ententismo señor Cardón Payá. El ententismo señor Cardón Payá. El ententismo señor Cardón Payá.

El ententismo señor Cardón Payá. El ententismo señor Cardón Payá. El ententismo señor Cardón Payá. El ententismo señor Cardón Payá. El ententismo señor Cardón Payá. El ententismo señor Cardón Payá.

El ententismo señor Cardón Payá. El ententismo señor Cardón Payá. El ententismo señor Cardón Payá. El ententismo señor Cardón Payá. El ententismo señor Cardón Payá. El ententismo señor Cardón Payá.

El ententismo señor Cardón Payá. El ententismo señor Cardón Payá. El ententismo señor Cardón Payá. El ententismo señor Cardón Payá. El ententismo señor Cardón Payá. El ententismo señor Cardón Payá.

El ententismo señor Cardón Payá. El ententismo señor Cardón Payá. El ententismo señor Cardón Payá. El ententismo señor Cardón Payá. El ententismo señor Cardón Payá. El ententismo señor Cardón Payá.

### TELEGRAMAS

por el Sr. Cardón Payá

### Nueva carta del Papa

En una carta que el Papa ha escrito a los señores de la Curia de la Santa Sede de preboste...

### Escándalo en Cádiz

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Revolución y suicidio

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Accidente

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Progrésos en Cuba

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Buenos medidos

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Alcanzamos

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Compañías

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Un extranjero

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### La Bolsa

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Progrésos en Cuba

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

### Reunión

En Cádiz se ha producido un escándalo de gran importancia...

[illegible]

Nueva castroide.—Nóvenos en el conduto.—Un drama de la vida real.—En la ópera de París.—Bodas de una millonaria y de una artista extraordinaria.—Literatos envidados.—Teatro de la Comedia.

Las personas miedosas no quieren viajar ya en ferrocarril, prefiriendo la antigua carreta de bueyes: Manuel del Palacio, con su acostumbrado gracejo, exclama así:

En la raza española hay siempre en los grandes acontecimientos personas que, con heroica abnegación, se sobreponen á todo egoísmo personal. Estos seres, dotados de un alma privilegiada, son una panacea en momentos tan aflictivos.

El maquinista del tren misto, Pedro Jaca, ha muerto víctima de su amor al cumplimiento de deber, sacrificando su vida a la salvación de la de los demás. Los que vieron su cadáver refieren que le quedó el brazo derecho en ademán de coquear con la palanca para dar contravapor.

La señora de Canalejas, esposa del extirpado fusionista, sin turbarse ante los desgarradores ayes de aquellos desgraciados, corría de un punto á otro ayudando al Dr. Robina en las primeras curas, á pesar de hallarse contusa, demostrando el valor que presta al sentimiento de la caridad á la mujer cristiana.

También el diestro Angel Pastor y el banderillero Ojitos prestaron importantes servicios, revelando poseer noble corazón.

La sociedad madrileña ha tenido asunto para grandes comentarios con la muerte de un joven diplomático acaecida en casa de una elegante pecadora. Habiendo sido atacado el diplomático en cuestión de un terrible tifo, no pudo salir de la casa que con punible frecuencia visitaba. La mujer objeto de sus galanterías se convirtió en solícita enfermera. La madre del enfermo, que es una ilustre dama, supo al llegar a Madrid que su hijo estaba en una casa que ella no podía pisar, y de tal conflicto surgió gran lucha en su corazón: sus virtudes, su rectitud y noble altive alababan de aquella casa manchada por la culpa, su amor maternal la impulsaba a ir, sacrificando su orgullo.

Este drama ignorado tuvo por desenlace, como era de esperar, el ceriboso arranque de la madre, y allí volvió la encoquetada señora prescindiendo de consideraciones sociales. Al llegar á la mansión que tanto le horrorizaba, una imprevisa excusa trocó su odio en consideración; encontré con que la pecadora, tras impugnapada por ella, había contraído la enfermedad del tifus contagiada por los desvelos consagrados al enfermo. Los amigos bayaron de él y solo aquella mujer liviana había permanecido incanable junto á la cabecera de su cama. El diplomático murió y la ilustre dama, agradecida á los cuidados que á su hijo tributo aquella mujer, le dispuso algunas atenciones.

Los franceses, aborridos de la paz, parecen desear ocaciones de armar tumultos; así ha sucedido con el estreno de *Lohengrin*, ópera de Wagner. Un gran número de estudiantes quisieron politizarla declarándose unos adictos y otros adversarios del célebre compositor alemán. Los estudiantes del maestro son tan exaltados que se parecen á los románticos de los buenos tiempos de Víctor Hugo, en que se bafian por cualquiera impugnación dirigida á sus dios literarios, mientras que los adversarios, haciendo alarde de patriotería, cierran sus oídos á las bellezas de la ópera por tratarse de un alemán, y buscan motivos para turbar el orden público.

La policía tuvo que intervenir haciendo numerosas prisiones, pues el Gobierno protegió la obra por ser una de las mejores del repertorio moderno, considerando muy oportunamente que el genio no tiene patria.

La que no hace muchos años fué esposa del dictador Barrios, de Guatemala, tan bella como

La señorita doña Antonia de Bañuelos, hija de nuestro Embajador en Berlín, tan conocida por su talen in el arte pietórico, se casará en breve con el marqués de Valladares, hijo del de San Carlos.

Parece haberse desarrollado en Portugal de algún tiempo a esta parte la enfermedad que se denominó en Alemania *wertherismo*, ó sea manía del suicidio. Camilo Castello Branco, el gran novelista, quitó acabar indudablemente como héroe de novela y se levantó la tapa de los sesos; el inspirado poeta Authero le ha imitado. Los últimos versos que escribió van dedicados a su amigo Juan de Deus, otro poeta notable, y dicen así:

No mao de Deus, na sua mao direita,  
desrançou afinal meu coraço.  
do palacio encantado da Ilusao  
desci a ruina e passo a escada estreita...

Como as flores mortaes, com que se enleita  
a ignorancia infantil, despojo vao,  
depois do Ideal e da Paixao  
a forma transitoria e imperfeita.

Como croante, em librega jornada,  
que a mas leva no cullo, agraalhada,  
e atravessa, sorrinda vagamente.

Selvas, mares, areias do deserto :  
dorme o teu sonho, criança liberto,  
dorme na mão de Deus eternamente.

Dicen algunos que el suicidio es rasgo de valor; yo creo que es prueba de cobardía y sobre todo, falta de fe religiosa. ¡Lástima que ciertas filosofías perturben inteligencias brillantes!

La apertura del teatro de la Comedia en la noche de mañana so, será un acontecimiento artístico; el eminente director del favorecido teatro, D. Emilio Mario, ha organizado una función brillante, en la que tomará parte, además del elegante Mario, el aplaudido Vico.

Hay que apresurarse a buscar localidades para dicha función, porque apenas quedan en Contaduría.

CONSERVACIÓN GOMERO DE FLAOUR.

o en, pues, la literatura: una distracción más o menos agradable, pero superficial e inútil en la vida, como alguien ha supuesto, con más arrogante ignorancia que conocimiento de aquella y de la historia. Su estudio es esencial, y ningún otro produce resultados más grandes ni fruto más provechoso.

No hay para qué repetir que en la poesía, como en las demás manifestaciones del arte, los decretos de escuela, la pura convencionalidad no pueden imponerse a ella, pues la poesía, libre como la fantasía que la produce, rompe el freno, sacude el yugo y salta las vallas que intentan en vano contenerla.

«Coldán—dice Cantú—no hubiera descubierto un Nuevo Mundo si se hubiese detenido ante el *Non plus ultra* de las columnas de Hércules.











En el salón de conferencias, escasa concurrencia en primeras horas de la tarde; después todos los allí habíamos acudido con el objeto de buscar una noticia, lo abandonamos en breve, convencidos de la inutilidad de nuestros esfuerzos.

1. *Facienti hicleno totum el cuerpo peses la silla, el que fien el aumento y no habla fuetas huetas* a meter aqueta mala pesada que se revuelta, se oñe y se agrieta con una corruñon terrible.  
 2. *Palabes malis corriendo: la casa. Chas a la mola del prebto sacrodot a D. Facundo que en tonos altos hablara con el padre, le copocio a distorsion corruñiendo en sillones giga.  
 3. *¡D. Facundo! ¡no puedes utilizar corruñon! que me sea tu muer!*  
 4. *¡Que dies, mechar! el corruñon el medio vol.*  
 5. *¡Que le ha dado de repente un ataque y se muere.*  
 6. *Facundo achó a regurar como un niño y detras de la silla.*  
 7. *¡Cuando oñe en la cuern achó una mirada de desamor sobre el cuerpo del señor Juan, hacienlo a la vez un gesto de disgusto. El primer ataque de la enfermedad le repugnó repente que cuando lealtó la repugnancia corruñon que muerle la vida.*  
 8. *El medio día desmorochó que muerle la vida.*  
 9. *El pobre Juan hacia esfuerzos para hablar y no podía.*  
 10. *¡La Sautera un colchón y una almohada, un abedatón (sautera) se improvisó un lecho, des-**

[illegible][illegible][illegible][illegible]

**LA ESPERANZA** máxima de ayer en el Clubhouse de la **Real Academia de Ciencias** de Madrid. El terremoto del 93, Grandi establece 8 grados de la mañana, 10 a la noche del día 9 y la 12 de la noche.

**ESPECTACULOS PARA HOY**  
Opera—Después los cuadros de la tarde a ocho de la noche. Desde las 8 y 30 de noche y media a una de la noche de redondear.

**ESPAÑOL**—Ocho y media.—La novela de la vida de un hombre.

**COMEDIA**—Ocho y media.—El caso de Longueville.—Militares y paisanos.

**AFOLÓ**—Ocho y media.—El año pasado por agua.

**AFOLÓ**—Nueve y media.—Con la familia análoga a la del pasado por agua.

—Ocho y media.—Un par de los Chances de la vida.

**LARA**—Ocho y media.—El ventanillo.—Poética.

**Segundo acto**—Hoy 10 de agosto de 1903.

**AFOLÓ**—Nueve y media.—Fenicia.—El verdadero amor.—La canción de la vida.

**ESLAVA**—Ocho y media.—Orquesta.—Madre.

**El séptimo**—El guerrero inglés.

**AFOLÓ**—Nueve y media.—Lauder.—Con la familia análoga.—Santo y seña.—La vida.

**MADRID**—El gran día de D. de los Reyes.

que exhumó víctima de una apoplejía, en un  
 tumba. Tal fue el efecto de la noticia.  
 Los últimos instantes de la vida depositario de  
 que la mató y a estas fechas nada, absoluta-  
 mente nada, como dice, que ocurre, dan  
 la Carmen, en fin, cuando debe decir en ca-  
 graves como el presente. Escribe a vuelta de  
*Yus, Falcón:*  
 Por Falcón no pasó en tiempo de esta víctima  
 que su crimen había alcanzado a otra víctima.  
 ¿Por qué me pregunto esta otra Carmen?  
 ¿Qué ha ocurrido entre esta Indulgentia?  
 ¿Por qué no se cree que los dos hombres  
 que por sus actos y por qué Falcón me pidi-  
 erán este silencio? ¡Oh, no! no puedo ser  
 acusado ni culpado, el extravió de me puse a  
 pensar en la vida de la Carmen, en la vida  
 de los tribunales por el placer de pensar  
 ¿Por qué ellos, sí, ¿Por qué la misma Car-  
 men, me aconsejaron, la muerte de su padre,  
 que cuando, entonces todos su odio contra  
 me perdidos? ¡Pobres Carmen y por qué!

No contento a la creta del médico.  
 Al día siguiente, con suscripción de  
 la Carmen, en fin, cuando debe decir en ca-  
 graves como el presente. Escribe a vuelta de  
*Yus, Falcón:*  
 Por Falcón no pasó en tiempo de esta víctima  
 que su crimen había alcanzado a otra víctima.  
 ¿Por qué me pregunto esta otra Carmen?  
 ¿Qué ha ocurrido entre esta Indulgentia?  
 ¿Por qué no se cree que los dos hombres  
 que por sus actos y por qué Falcón me pidi-  
 erán este silencio? ¡Oh, no! no puedo ser  
 acusado ni culpado, el extravió de me puse a  
 pensar en la vida de la Carmen, en la vida  
 de los tribunales por el placer de pensar  
 ¿Por qué ellos, sí, ¿Por qué la misma Car-  
 men, me aconsejaron, la muerte de su padre,  
 que cuando, entonces todos su odio contra  
 me perdidos? ¡Pobres Carmen y por qué!

pensado, eran los más amigos que tenía en la prisión sabiendo también que no tenía alguna amistad con un sujeto llamado Aurelio Gallego, que creó ocupó la celda 136, bajo la 104, que ocupó Varela, y estuvo en la cárcel tres veces por delitos de expedición de billetes, atestado y hurto.

A una pregunta del fiscal, manifestó que la persona que había pedido la comunicación extraordinaria, creía fuese un tal D. Evaristo Medero, sin poder añadir ningún otro detalle respecto a este particular.

A otra pregunta del mismo funcionario contestó que no era cierto que la viuda de Varela le hubiera pedido informes de Higiela Balaguer, y que en la última entrevista que tuvo con la referida señora nada le preguntó de semejante cosa.

**Diligencia de autopsia e informe de los médicos forenses, 3 de Julio.**

Según manifestaron los médicos que practicaron la autopsia, se apreciaban en el cadáver de doña Luciana Bordini extensas quemaduras, hasta el grado de carbonización, en la cabeza, pecho, vientre y extremidades, siendo de notar que tanto en la espalda como en las regiones glúteas y cara posterior de los muslos la piel conservaba coloración blanca natural y la normalidad de su tejido en algunos puntos de las regiones carbonizadas se había agrietado.

Presentaba varias cicatrices que ofrecían el aspecto de heridas: pero solo tres de ellas, situadas en la parte media del pecho, cerca del borde exterior izquierdo, reunían condiciones de tales.

Las tres eran iguales en su forma ovalada, casi redondas y como de centímetros y medio de diámetro, hallándose en línea recta, equidistantes entre sí y al nivel, respectivamente, de la cuarta, quinta y sexta costillas.

Levantada la piel carbonizada en varios puntos, llamada desde luego la atención la blancura de los tejidos subyacentes sin la coloración roja característica de las quemaduras hechas en vida.

De las tres heridas del pecho, la superior y la inferior segun una dirección de abajo arriba y de derecha a izquierda por debajo de las tejidas musculares y en extensión de unos pocos centímetros, rozando las costillas, sin penetrar en el pecho.

La herida media había seccionado el cartilago de la quinta costilla en dirección longitudinal paralela a su borde anterior, penetrando en el pecho el instrumento vilificante.

Abierta la cavidad torácica, salió en el acto gran cantidad de sangre, hallándose repletas de este líquido ambas cavidades pleurales, en el pericardio y punto correspondiente a la herida penetrante se veía la sección de dicha membrana en la extensión de unos dos centímetros y, como la del cartilago, en dirección oblicua de abajo a arriba y de derecha a izquierda, con el ángulo superior muy agudo y algo obuso el inferior. La cavidad del pericardio se veía también llena de sangre líquida sin coágulos.

En la parte superior y media del ventrículo derecho existía otra herida de idéntica naturaleza que la anterior, aunque un poco más pequeña, que atravesó por completo las paredes del ventrículo y se perdió en su cavidad, que se hallaba vacía de sangre, así como las demás cavidades del corazón y los grandes vasos.

Abierta la cavidad peritoneal, se apreció una grieta en la dura madre y meninges sobre el hemisferio izquierdo, por la cual salían grandes fragmentos y porciones de masa cerebral.

En la cavidad del vientre nada anormal se observó, conservando el estómago e intestinos su coloración propia, sin inyecciones basculares ni enrojecimiento alguno, no contentiendo el estómago alimento de ningún género.

Las consecuencias deducidas de todo esto fueron las siguientes:

1.ª Que la muerte había sido violenta y resultado inmediato y necesario de la herida penetrante en el pecho con lesión del corazón.

2.ª Que las otras dos heridas del pecho eran menos graves.

3.ª Que tanto estas heridas como la mortal de necesidad parecían haber sido causadas por un mismo instrumento, inciso punzante, de fino corte y canto poco grueso, con la hoja de dos y medio a tres centímetros de latitud, como cuchillo, facha o otro semejante.

4.ª Que la torrefacción y carbonización observadas en los tejidos exteriores se había realizado por medio de la combustión cuando ya la señora era cadáver o se hallaba agonizando.

**Procesamiento de Higiela Balaguer, 3 de Julio.**

En vista del resultado de las anteriores diligencias, el juzgado decretó el procesamiento de Higiela Balaguer, por entender que había contra ella indicios de criminalidad y acordó su prisión incoartada.

**Primera declaración de Yáñez Varela.**

comparó Varela con Varela, que declaró en los siguientes términos:

Que había salido en la mañana de aquel día, primero por un empleado de la cárcel y después por el director, que vi madre doña Luciana Bordini había sido herida en su domicilio, repitiendo esta noticia un curial de la Audiencia llamado Enrique, que estuvo a visitarle a las tres de la tarde, acompañándole no leyes periódicas, con el fin de que no sufriera tan fuertes emociones.

Que la última vez que vio a su madre fue hará unos dos meses, sabiendo por los empleados de la cárcel que un día sí y otro no iba a dejarse regalos y obsequios.

Que le exhibió el estado pidiéndola la remisión cigarras puros.

Que no sabe si su madre tenía enemigos, aunque conserva profundo odio contra un tal Evaristo Medero de la Lira, íntimo amigo suyo, y que muy malos antecedentes, procesado por homicidio, y que estuvo en su casa hace cuatro o cinco meses como recluso por haberse de domicilio: que su madre le había expulsado sin mediar rita al cuento, y que no sabe si por este motivo la guardaría algún resentimiento.

Que este individuo vive en la calle del Arco de Santa María, núm. 3, y que ha visitado alguna vez en la prisión al declarante, siendo la última de ellas hará unos veinte días.

Que el declarante tenía en su casa dos sombreros de copa y otro largo verde de ala ancha.

Que por más esfuerzos mentales que hace no puede presumir ni sospechar siquiera quién pueda ser el autor de la muerte de su madre.

Que tuvo con ella varias diligencias por el arrendamiento de la mala vida, que hacía el declarante y por su viciosa conducta, pero que ella siempre le trató con cariño maternal, y le daba cuanto pedía.

Que la principal fortuna de su madre consistía en fincas en la Habana y en Vigo y en algunos valores que tenía depositados en el Banco o casa de comercio, guardando en su casa varias alhajas, entre las que recuerda dos pulseras de brillantes y un reloj de oro con una Virgen y una corona con diamantes, también de brillantes, pendientes, horquillas, una esmeralda de plata, un estuche del mismo metal y cadenas de oro.

Que al declarante se le servía la comida de una casa que había frente a la cárcel, cuyo dueño se llamaba Juan, y desde hace tres días, del número 37 de la calle de la Princesa.

Que su madre ganaba poco, como medianamente, tenía una viñeta, y era su principal la condona de Vauvert y una hermana del brigadier Sotelo, llamada Amación, cavada con el brigadier Sotelo, dos o tres residentes en Madrid.

Que su madre moraba con mucha frecuencia de criadas, pues tenía el carácter algo fuerte, sabe el declarante que cuando comenzó a cumplir su condena tenía una criada llamada María, a quien después despidió; pero ignora si después tornara otra, pues a fin de evitar que se supiera que el declarante estaba en la cárcel no iban nunca a la prisión celular ni la criada ni personas de su familia, y únicamente solían visitar sus amigos Álvaro Calado, que vive en un hotel de su propiedad en la Castellana; el hijo del brigadier Gamarrá, llamado José hablante en la calle de Serrano, José Desier, periodista, y un tal Carrasco.

Que su madre mantenía un trato superficial con los vecinos; tenía una llave de la puerta de la calle, que guardaba en la chimenea de su gabinete; nunca recibía a nadie por la noche; acostumbraba a dormirse después de las doce; cerraba siempre las ventanas y los balcones, menos en el tiempo de calor, y durante toda su vida cerraba todas las puertas de su dormitorio cuando se quedaba en él, hasta el punto de que al mudarse a su actual domicilio, como no tuviera permiso una de las puertas del gabinete que al conductor, lo mandó poner.

Tenía hacia cuatro años un perro de presa y no acostumbraba a usar otra luz que la de bujías de esperma y petróleo.

Que el declarante vivió en Valdecañas durante el mes de Abril y parte de Marzo del año actual con su querida Dolores Gutiérrez, mujer pública, de veintidos años, morena, con una pequeña cicatriz en una cadera, que tiene un hermano llamado José.

Que debió expresarle al juzgado como fuéramos raro el día haber estado que habían robado a su madre, representándose en su imaginación ser el ladrón un tal Aurelio Gallego, rematado que había salido del correccional el día 16 de junio anterior, y que ocupó durante su estancia en la cárcel la celda núm. 134 inferior, inmediata a la que ocupó el declarante.

**Intervención del Sr. Millán.**

Llegado el día 3 de Julio sin que la serie de diligencias para descubrir a los autores del delito diera resultado satisfactorio, y ofreciendo al señor Millán su concurso para ayudar al esclarecimiento de los hechos, el juzgado dictó la siguiente oración:

proceda, y presentándose al que provee el director de la prisión celular, D. José Millán Astray, ofreciendo su concurso para ayudar al conocimiento del delito y descubrimiento de los culpables, y manifestando que por haber tenido a su servicio, tal vez pueda influir en su ánimo para persuadirle a decir la verdad, con cuyo objeto cree conveniente ver, solicitando al efecto autorización del juzgado para poder entrar en la cárcel y habilitación para que se encuentre comunicada dicha procura, y teniendo además en cuenta que por el artículo 10 del Reglamento provisional para la prisión celular de esta corte, el director de ella es agente de la policía judicial, se autoriza al referido Sr. Astray para que pudiese en el cuarto de su comunicación en que se encuentra Higiela Balaguer, al efecto de hablar con esta para inducirle a declarar la verdad en relación al delito origen del presente sumario, y al objeto de realizar la causa, expida-se el oportuno volante al director de la Cárcel de mujeres.

## ULTIMA HORA

Basante desanimado se vio ayer y atascado el salón de conferencias del Congreso; los escasos poquísimos que allí asistieron, por seguir ya una inveterada costumbre, solo se ocupaban de las próximas sesiones del juicio oral del crimen de la calle de Fuencarral, pronunciando con más o menos visos de verosimilitud el resultado que ha de tener.

En cuanto a sucesos de otra naturaleza y noticias políticas, pocas, muy pocas pudimos recoger; únicamente se decía así como con cierto misterio, que a pesar de que el Sr. Sagasta cree definitivamente aplazada la crisis, esta puede surgir cuando menos se lo espere el presidente del Consejo, plantado por un ministro cuyo nombre no ha sonado entre días.

La época de anoche daba alguna luz al ocuparse de este asunto solo con las frases siguientes:

"Tendría que ver que por una simple catástrofe de provincias se hiciera una crisis."

Nuestros lectores habrán comprendido ya, como nosotros, de qué ministro se trata y cuáles son las causas que han de obligarle a abandonar el Gobierno.

La cuestión de las economías tras bastante preocupado al ministro de Hacienda. Y pues ésta ha resultado un verdadero *paradoja*, como que no son extrañas, tratándose como se trata de grandes economías.

Después de tanta promesa y oferta y de los exagerados optimismos de los ministros, ahora resulta que las economías en todos los departamentos no excederán de 14 millones y estos es probable que sean más ficticias que reales.

Por esta razón dicen muchos, y casi puede asegurarse que es cierto, que los presupuestos no se presentarán a las Cortes en el próximo Abril, como se había anunciado; pero el Gobierno teme y con razón abordar tan delicado asunto.

Y qué hay de la creación Ayuntamiento? Se preguntaban nuestros lectores. Pues nada; que los concejales continúan sin novedad en su importante trabajo, desempeñando todos sus respectivos cargos y administrando los intereses del pueblo con un tacto y una discreción digna de los mayores elogios.

Muchos aseguran que en cuanto D. J. de Albasal y Carredano regrese de su viaje, el Sr. Sagasta le obligará a aceptar de nuevo la alcaldía de Madrid, alforriada en un momento de inexplicable indulgencia.

Y como si lo viésemos, el Sr. Albasal, que es amante como pocos de su país, se sacrificará y volverá a ser presidente del municipio mientras los liberales gobiernan.

Este es el partido de los maridos... del estomago. Con que ya saben nuestros lectores en lo que ha quedado esta cuestión que parecía iba a traer cola.

Nada más de particular ocurrió durante el día de ayer.

## CENTROS

### El Fomento de las Artes.

El Sr. Latasa terminó anoche las bellísimas conferencias que hace un público numeroso y entusiasmado le va siguiendo en que trata sobre "La literatura portuguesa contemporánea". Le tocaba examinar el período de los Romantismos que va de 1825 a 1855; la aparición de la Escuela de Coimbra en 1865, y el teatro contemporáneo y la tendencia naturalista de los días siguientes que vivimos.

Después de un admirable cuadro de la decadencia literaria a fines del siglo XVIII y principios de este, bajo la dominación de doña María I y la sequedad y cobardía de Juan VI, cuando del convento de Malta para escapar al cerco, el Sr. Latasa arrebató al público con dos digresiones de sorprendente interés, relativas, la primera a la vida política y social y la representación del obispo marqués de Pombal en el período de los reyes débiles, preparando, como el título de Amalia, Taiti y otros militares de España, Italia y Alemania la revolución contemporánea. La

seguirán Chateaubriand, Lamartine, Byron, Espronceda y Víctor Hugo.

El valioso estudio, comparativo, del Romanticismo del siglo XV y el Romanticismo del XIX, discutiendo prácticamente la transformación de la Edad media a los ojos de los románticos contemporáneos. En su caso, en Portugal, el visconde Almeida Garret y Alejandro Heróclito. Este es el maestro de la Historia, según el procedimiento poético y el uso el fundador del teatro portugués contemporáneo. Pero el Romanticismo trágico y va por el silencio a los muros blancos que los colosales del siglo pasado. De aquí la postura de la Escuela de Coimbra que fundó el literario y católico del curso superior de Letras, Theophile Braga y los poetas Aníbal de Quental y Juan de Dios. El señor Latasa relaciona este movimiento literario con la aparición de la democracia republicana en Portugal y la iniciación de la tendencia liberal literaria. En sabido que Braga, Quental y Juan de Dios son caracterizados republicanos portugueses, de sentido federal y un sano socialismo.

La vida intelectual y literaria de Portugal no está representada solo en estos días por la Escuela de Coimbra. Hay otros hombres y otras tendencias. De todo habló el auditor de la noche que se dedicó a esta materia alguna nueva conferencia. El poeta dramático Figueira, el novelista Eça de Queiroz, el crítico Ramalho de Oliveira, el historiador Oliveira Martins, el publicista Luciano Coelho y un abundante condeable de distinguidos escritores contemporáneos fueron presentados con muy buenas frases lógicas y sustentadas razones de sus principios literarios.

La del Sr. Latasa la tenía un carácter eminentemente político ante el cual palidecen los méritos literarios de la escuela. Una profusión de palabras y de una dicción bastante reconocida. El público, en que figuraban muchos y algunas damas, aplaudió entusiásticamente, pero sobre todo celebró el sentido patriótico, humanitario y literario del Sr. Latasa. Seguirá como antes, los próximos serán sobre el primer centenario de la Constitución republicana de los Estados Unidos, y después como sobre la revolución francesa de 1789.

### Casino de Madrid.

El martes 30 del actual celebró su sesión acostumbrada la sección política de este Casino, continuando la discusión del tema propuesto por el Sr. Talavera, "El sufragismo en los partidos políticos".

Tiene pedida la palabra el Sr. Antonio Moya. Madrid 31 de Mayo de 1889. — El secretario de la sección, Antonio Fernández Cordero.

### ESTADO ATMOSFERICO

Temperatura de ayer:  
A las siete de la mañana 5°, a las doce del día 14°, y a las cinco de la tarde 11°. El barómetro indica buen tiempo.

### CORRESPONDENCIA ADMINISTRATIVA

Cuadros Real.—S. D. C. L.—Recibida 18 pesetas.  
Cortes.—S. D. J. Z.—Recibida 18 pesetas.  
Quintana.—S. D. V.—Recibida la supla.  
Castell de Ibor.—S. D. C. J. Z.—Recibida y puesta.  
La Jorquera.—S. D. F. R. K.—Recibida la supla.  
Idem.—S. D. F. R. K.—Recibida lo puestas.  
Idem.—S. D. F. R. K.—Idem id.  
Alhama.—S. D. E. de R.—Recibida la supla.  
Valladolid.—S. D. A. R.—Idem id.  
Sevilla.—S. D. J. Z.—Recibida la supla y carta orden de 83 pesetas.  
Villaverde.—S. D. P. L.—Recibida y pesetas.  
Pavia.—S. D. J. Z.—Recibida la supla y carta exigida.  
Cuenca.—S. D. V. R.—Recibida la supla.

### ADVERTENCIA

Rogamos encarecidamente a nuestros suscritores de provincias que no se hallen al corriente de sus pagos con esta Administración, y de cuyo débito los tenemos dado oportuno aviso, no sirvan remitirnos los fondos necesarios para vernos en la necesidad de suspenderlos el envío de LA REPUBLICA, si no acceden a nuestro ruego.

### ESPECTACULOS PARA HOY

OPERA.—A las ocho y media.—La Africana.  
ESPAÑOL.—Ocho y media. Ocho.—Las ciber.  
COMEDIA.—A las ocho y media.—Sesefia Verrier (sebre).—Las cuatro esquinas.  
APOLO.—Ocho y media.—El año pasado por agua.—Los tres.—(Quita fono libre)—El año pasado por agua.  
LARA.—Ocho y media.—La primera peseta.—De marte.—Los Hugueros.—(Segundo acto).  
ELAVA.—Ocho y media. Madrid Club.—El gorgo.  
Argu.—Liquitación general.—Ellos y nosotros.  
MARTIN.—Ocho y media.—Con permiso del marqués.—El gran mundo.—Lucifer.—(Fon).  
PRICE.—Ocho y media.—Pantuflos.



AÑO II.

Madrid, 18 de Marzo de 1894.

Núm. 38.

## ACTUALIDADES



ABALLEROS, ya tenemos Ministerio remendado.

Un Ministerio de primavera, del que Moret es el ornamento principal.

A mí, después de haber publicado *El Imparcial* el artículo de *amigo* que dedicó á Moret hace unos días, me asombraría que Moret formase parte del Ministerio, si en este país pudieran asombrar nada de lo que sucede en política, sobre todo en situaciones de gente tan desahogada y de tan poca aprensión política, por no decir otra cosa, como la tropa fusionista.

El Gamazo, como le llama D.<sup>a</sup> Blasa, cuyo marido está cesante por obra y gracia de este Ministro de Hacienda, es el único que en esta crisis ha quedado en buen lugar en el concepto público. «El Gamazo—dice D.<sup>a</sup> Blasa—ha sido una calamidad para nosotros (ella y el marido); pero es un hombre serio, demasiado serio, y con un *aquel* para sacar el dinero á los contribuyentes, que no hay quien le iguale. Mi marido —prosigue hablando D.<sup>a</sup> Blasa—era Delegado de Hacienda en la provincia de..., y vamos, había que ver en qué estado le ponía el Gamazo con sus apremiantes órdenes telegráficas de aumentar la recaudación. El día que mi marido telegrafaba que había recaudado en media hora tres millones, por ejemplo, que era un milagro en aquella empobrecida provincia, recibía del Ministro, no la enhorabuena y las gracias, sino este seco telegrama: «Eso no es nada.» Mi marido, no podía menos, enfermó, con lo que aflójó la recaudación, y el Gamazo nos dejó cesantes. Pero hay que reconocer que para traer dinero á las arcas del Tesoro se pinta solo.»

El nuevo Ministerio vivirá poco y con trabajo.

Para dar con él en tierra bastan los fusionistas que han salido del Gobierno, y los que tenían la pretensión de entrar y no han entrado.

Pero entramos en Semana Santa, y no es conveniente tratar de cosa tan inmoral como la política fusionista.

o°o

Otro suceso de sensación en estos pasados días: el descubrimiento de dos jóvenes, encerrados en un sótano, en uno de los hoteles de la *Colonia*, en el camino y término de Carabanchel, pero no en Carabanchel, como han dicho algunos periódicos. En Carabanchel, gracias á Dios y á la honradez y bondad de su vecindario, no hay que lamentar crímenes, ni padres que maltratan á los hijos, ni podría ocultarse cinco meses un delito, ni un misterio como, á no dudar, existe en esa familia del Sr. Paz.

Dos hijos encerrados, poco menos que en cueros, en una habitación húmeda; una hermana de estos jóvenes que los culpa de merecer este horrendo castigo; un padre que para corregir á sus hijos no halla medio mejor que encerrarlos en un sitio donde pueden adquirir mortal enfermedad, y zurrarlos de lo lindo; una ama de gobierno que está en meses mayores..., y que *ayuda* al amo á *educar* á los muchachos. Todo esto lo han dicho los periódicos, á los que dejo la responsabilidad de estas noticias.

¿Pero no le parece al lector que es mejor que hablemos de otra cosa?... Que los tribunales inquieren y desenrañen el misterio de esa familia, y castiguen, si ha lugar, á quien lo merezca.

Lo mismo digo respecto del asunto del testamento falso.

Doy gracias á Dios por haberme puesto en situación en que es imposible que haya quien tenga el capricho de hacerme un testamento falso. Perdería el tiempo, y no sacaría un céntimo de beneficio.

¡Ah! No saben bien los pobres las ventajas que tienen sobre los ricos.

Ser pobre es la ganga de las gangas.

Un pobre se ríe de todo, hasta de Gamazo.

¿Pero qué sustos y alarmas y sobresaltos no sufren los ricos en vida, y luego en muerte! ¡Qué de asechanzas! ¡Qué de picardías para apoderarse de lo que dejan en este mundo, por no haber podido llevarse lo al otro!

Si, como es de creer, el señor de Carranza ve desde el otro mundo el llo que han armado los autores y encubridores del testamento falso, pensará:—«¡Cuánto mejor hubiera sido que hubiese empleado mi dinero, en vida, en obras de caridad, ó en hacer un donativo á Gamazo para atenciones del Estado, ó lo hubiera distribuido en premios á la virtud, ó lo hubiese gastado como empresario de una Compañía de baile flamenco!»

© Biblioteca Nacional de España

DOCUMENTO Nº 41

*La Gran Vía*, Nº 38, Madrid, 18 /3/ 1894, p. 7

## JOYAS LITERARIAS RELIGIOSAS

### EL DÍA DE LA PASIÓN

La luz filtrada de la Virgen pura  
Vió la melancólica cabeza  
Que en ella se volvió luz de ternura,  
De esperanza, de paz y de tristeza.  
Y alrededor, en círculo inefable,  
Más bien que luz, junto á sus sienes bellas,  
Compusieron un flanco incomparable  
La sombra, el sol, la luna y las estrellas.  
Brillaba así del tiempo en la gran hora  
De frente maternal, fulgor querido,  
Mezcla de luz de una naciente aurora  
Y reflejo de un sol desvanecido.  
Sol de la augusta redención del mundo  
Alumbro los misterios de aquel día,  
Un brillo extraño, virginal, profundo,  
Que un ángel le llamó luz de María.  
Rodeado de esta luz inmaculada,  
El *Consummatum est*, Cristo murmura,  
Y ve ante sí, tendiendo una mirada,  
La soledad, el odio y la amargura.  
Bendice con su vista el mundo entero,  
Le da un beso mental, suspira y muere;  
El verdadero amor, si es verdadero,  
Besa al morir la mano que le hiere.

RAMÓN DE CAMPOAMOR.

### Á LA VIRGEN SANTÍSIMA

SONETO

(DE ANTERO DE QUENTAL)

En un sueño de cándida pureza,  
De nocturna ansiedad nunca sentida,  
Vi tu mirada, de piedad henchida,  
Y más que de piedad ¡ay! de tristeza.  
No era el brillo vulgar de la belleza,  
Que á mundanos placeres nos convida;  
Era otra dulce luz desconocida,  
Que ni aun sé si la da naturaleza;  
Un místico sufrir.... una ventura

Compuesta del perdón, de la ternura,  
De la paz de nuestra hora postrimera,  
¡Oh visión, oh visión triste y piadosa!  
Mírame así callada, así llorosa....  
¡Y déjame soñar la vida entera!

FEDERICO BALART.

### Á CRISTO EN LA CRUZ

Á la acorbrada tierra en anchas gotas  
Llega la sangre que á su bien destinás,  
Y humilde en ese leño te reclinás,  
Tú que la tempestad riges y azotas;  
Las nobles palmas por los clavos rotas,  
Coronado de bárbaras espinas,  
La frente ilustre ante tu hechura inclinas,  
Y en tu propia bondad tu acero embotas.  
¡Perdón, mi Dios!, y temple tus enojos  
Viendo á los hombres que, en su imbecil saña,  
Sobre tu sien pusieron los abrojos  
Y entre tus manos la irrisoria caña,  
Levantar hoy los espantados ojos  
Con torpe miedo á contemplar su hazaña.

JULIÁN ROMEA.

### Á JUDAS

SONETO

Cuando el horror de su traición impía  
Del falso apóstol fascinó la mente,  
Y del árbol fatídico pendiente,  
Con rudas contorsiones se mecía;  
Complacido en su mísera agonía,  
Mirábase el demonio frente á frente,  
Hasta que ya del término impaciente,  
De entrambos pies con ímpetu le asía.  
Mas cuando vió cesar del descompuesto  
Rostro la convulsión trémula y fiera,  
Señal segura de su fin funesto,  
Con infernal sonrisa placentera  
Sus labios puso en el horrible gesto,  
Y el beso le volvió que á Cristo diera.

JUAN NICASIO GALLEGU.

© Biblioteca Nacional de España

DOCUMENTO Nº 41.1

La Gran Vía, Nº 38, Madrid, 18 /3/ 1894, p.8



## UN INCENDIO EN SAN SEBASTIÁN.

La catástrofe ocurrida en la capital de Guipúzcoa en la madrugada del 19 del corriente ha sido de tan desoladora magnitud, que toda España se ha conmovido al tener noticia de ella, y hasta del extranjero han acudido correspondientes a adquirir informes y reproducir, por el dibujo ó la fotografía, el triste cuadro que ofrecen las ruinas.

Comenzó el fuego en una confitería establecida en la planta baja de la casa núm. 6 de la calle de Urbieta. Según los periódicos diarios, había en la bodega de la tienda varios toneles de alcohol, con cuyo vapor adquirieron en poco tiempo las llamas inmensas proporciones, invadiendo las casas señaladas con los números 4 y 8.

A las tres de la madrugada el resplandor del incendio iluminaba toda la ciudad, y á las cinco, en solas dos ó tres horas, las tres casas estaban destruidas, y abasados dentro de ellas veinticinco de sus habitantes, es decir, casi todos los de la casa núm. 6.

Entre estas desdichadas víctimas hay varios niños, uno de ellos de seis meses, y una señora embarazada. Una familia compuesta de los padres y dos hijos, habitantes del piso cuarto, consiguió huir por el tejado. Otras han perecido por completo, no quedando un solo superviviente. Por la escuela nadie logró escapar, y los bomberos, aunque dieron muestras de grandiosa arroj, no pudieron prestar auxilio alguno eficaz á aquellos infelices por deficiencias de material, en el que no existen aparatos á propósito para este género de salvamentos.

La construcción en la hermosa ciudad vasca ha sido inmensa, y la muestra que de sus caritativos sentimientos está dando aquel culto vecindario, hermosísima. Abrenas suscripciones, organizaciones custodiantes y espectáculos de todas suertes con que acudir á la urgente necesidad en que se hallan los que por milagro se han salvado, y desde el Ayuntamiento hasta el más pobre pescador donostiarra contribuyen con su dinero. Á las iglesias acuden los fieles á impetrar á Dios por el alma de los muertos.

Nuestro querido grabado de la pág. 221, copia de fotografía tomada expresamente para LA ILUSTRACIÓN ESPAÑOLA Y AMERICANA, por el notable pintor donostiarra D. Ezequiel Gordon, da exacta idea de los horrores de tan grande desgracia. Bajo las ruinas que el lector contempla anonadado á los pies de las paredes mostradas, que como más robustas aun se sostienen, yacen 25 cadáveres, de los que gran parte han sido extraídos posteriormente, reducidos á cenizas.

RECIBO, DEL DR. D. VICENTE VÁZQUEZ QUIROGA.

Abogado, doctor en Derecho, fiscal de Hacienda de la Isla de Cuba, diputado á Cortes, senador vitalicio, director general, consejero de Instrucción Pública, subsecretario del Ministerio de la Gobernación, gran cruz de Isabel la Católica, académico, he aquí, en suma, los cargos, dignidades y honores oficiales del Sr. Vázquez Quiroga, cuyo retrato damos en la pág. 221.

Otros bien distintos, y de mayor excelencia, son sus méritos científicos personales. Católicico, por oposición, de Física á los veintidós años de edad en la Universidad de Valladolid, pasó á Francia, en 1829, pensionado por Fernando VII, para estudiar en la Escuela de Artes y Oficios que acababa de establecerse en París. Fue tal su aplicación, que á los ocho días de admitir á las clases, Mr. Duhamel, uno de los fundadores de la Escuela y químico eminente ya, le nombró jefe de sala. Fue después preparador de Física de Mr. Poëlet, y de Química del citado Duhamel.

San Pablo de los ingenios, en *Algunos apuntes acerca de los antiguos pueblos*, premiado por el Instituto de Francia, que le abrió sus puertas en clase de correspondiente, cotiza con el nombre del Sr. Vázquez Quiroga entre los hombres de ciencia más distinguidos. Dejó escritos también varios folletos sobre moneda, entre ellos el titulado *La Cuarenta del oro*, que pasa por el principal. En esta, como en otras muchas materias, era competidor del ilustre y benemérito anciano que acaba de bajar al sepulcro.

ITALIA.

El puente giratorio á la entrada del Arsenal de Tarento.

Desde que Italia terminó la obra de su unidad, ha mirado tanto ó más que á su poder militar terrestre, al marítimo. Dilegala á ello una razón geográfica: su posición en el centro del Mediterráneo y la desmesurada extensión de sus costas; una razón histórica: la tradición genovesa y veneciana que dió á los italianos el primer impulso en la navegación de aquel mar; hasta que los españoles le tomaron para nosotros; y una razón de honor: el recuerdo de Lissa. A estos motivos, ya por sí muy poderosos, vino á añadirse no hace muchos años la erupción de Tíber por los franceses.

Entonces se decidió la construcción de un arsenal y puerto militar en Tarento. El golfo de este nombre abre hacia el Sur en la costa meridional de la Península. En lo más escondido de él está el puerto que le da nombre, famoso desde la antigüedad.

La costa describe primero una curva entrante, formando lo que llamáramos una concha, en cuya parte exterior se hallan las islas de San Pietro y San Paolo, cerrándola en parte: entre San Paolo y el cabo San Vito, queda un canal practicable. En el fondo de la rada ó concha hay un canal que da entrada á un segundo puerto, llamado *Mare Piccolo*, en el que existen fondeos de doce metros cuando menos, y bastante espacio para abrigar grandes escuadras. En la lengua de tierra que separa el *Mare Piccolo* del golfo, está la ciudad de Tarento.

Para transformar en puerto de guerra esta magnífica posición, votó hace tiempo el Parlamento italiano 25 millones de pesetas, crédito que después ha sido ampliado con creces dependiendo propio de los pueblos previos que salva lo caro que cuesta no vivir prevenido.

Nuestro grabado de la pág. 221 muestra la entrada del estrecho canal que da acceso al *Mare Piccolo*, en el momento de cruzar por él un buque de guerra. El puente giratorio que une las dos márgenes del canal, abre para dejar paso á la embarcación.

R.

## SEMANA SANTA.

POESÍAS.

ADVERTENCIA.

CON motivo de las solemnidades santas de estos días, hemos tenido la idea de escoger y reunir para los lectores de LA ILUSTRACIÓN ESPAÑOLA Y AMERICANA algunos de los mejores cantos de nuestra lírica religiosa en el presente siglo.

Famosas unas, poco conocidas ó olvidadas otras, inédita alguna, ya joyas del clasicismo, ya románticas inspiraciones, las poesías que hemos escogido aparecerán juntas por la primera vez y como dignas hermanas.

Y para que esta fraternidad fuese aún mayor, hemos querido que en compañía de las composiciones españolas figurase una portuguesa, y con las peninsulares otra americana. Es ésta el magnífico canto *La Cruz*, de Gerónimo Cruz Avellaneda, concebido por su misma autora como la mejor de sus poesías religiosas. La obra portuguesa elegida es el soneto de Antero de Quental *A la Virgen Santísima*, traducido por nuestro insigne Balarí, é inédito hasta ahora.

Dejando á un lado el examen de las doctrinas religiosas de Quental en sus diferentes sonetos, es innegable que el presente tiene tanta poesía, y es ésta tan ingenua, tan verdadera, tan llena de piedad y unión, como escribe Oliveira Martins, que bien puede figurar entre las manifestaciones más elevadas del sentimiento religioso. En la versión castellana, lejos de perder, han ganado mucho las bellezas del original. Compárense, si no, el primer cuarteto castellano con el correspondiente portugués:

N'un solo todo feito de inserção,  
De poezia e intuito do anacoreta,  
E que em vi tem o calor de padeiro,  
E tanto que godela de tribuna.

El soneto, de Gallego, *A Jesus*, guarda alguna que otra semejanza secundaria con los de Monti *Santo amore di Giuda*, pero contiene un cuadro más acabado que el mejor de los del poeta italiano.

La oda de Lista, *La Muerte de Jesús*, según he oído referir á algunos discípulos del maestro sevillano, le fué inspirada por el magnífico Crucifijo de Montañés, que se conserva en la capilla de los Cálices, de la catedral de Sevilla. Todo cuanto se diga es poco en alabanza de esta composición admirable, hija del feliz consorcio de la inspiración del poeta y de la sabiduría del teólogo.

Teólogo también y poeta, discípulo predilecto de Lista, Rodríguez Zapata nos ha dejado en su soneto *Dios* uno de los mejores de nuestra poesía, por desgracia poco conocido fuera de Sevilla, como las demás composiciones del mismo autor. Afortunadamente, verán pronto la luz, edicionales y prevocadas de un Prólogo de Menéndez y Pelayo, apreciador entusiasta del ilustre humanista y poeta sevillano, mi inolvidable maestro.

De *La Virgen al pie de la Cruz*, de Zorrilla, y *La Cruz*, de la Avellaneda, publicamos sólo las primeras partes, que son poesías verdaderamente completas, que para nada necesitan las ampliaciones de las partes siguientes, tan del gusto de los poetas románticos.

Quisiéramos reunir algunos cantos populares relativos á los Misterios de la Redención; pero ni en los orales que conocemos, ni en los que andan reunidos en los Cancioneros, hemos podido apartar algunos de verdadero mérito literario. Nuestra poesía popular, tan rica en hermosas inspiraciones patrióticas, amorosas y satíricas, ríen también en cantares relativos al nacimiento del Salvador, es pobre por lo que toca á su Pasión y muerte. Las mismas *Sietas* andaluzas valen más por el sentimiento que por la forma.

ANTONIO SÁNCHEZ MOGUEL.

DIOS.

No hay más que Tí: la tierra, el firmamento,  
El sol, que en anchos mares reverbera,  
Son, como el hombre y la creación entera,  
Ráfagas fugitivas de tu aliento.

De la nada se alzan a tu acento  
Mil mundos, publicando en carrera  
Que otros mil y otros mil formar pudiera  
Una palabra tuya, un pensamiento.

Despierta miro tu insondable esencia,  
Velada en majestad y en amor puro,  
Dando esperanzas al mortal proscrito.  
Y me pasma que abrace tu existencia  
Lo que fue, lo presente, lo futuro,  
Y aun más allá... lo eterno... lo infinito.

FRANCISCO RODRÍGUEZ ZAPATA.

## LA CRUZ.

¡Canto la Cruz! ¡Que se despierte el mundo!  
¡Pueblos y Reyes, escuchadme atentos!  
¡Que calle el silencio á mis acentos  
Con silencio profundo!  
¡Y Tí, supremo Autor de la armonía,  
Que prestas voz al mar, al viento, al ave,  
Econancia concede al arpa mía,  
Y en conceptos de austera poesía  
El poder de la Cruz deja que alete!

Se acuerda el orbe, se conmueve el cielo,  
De ese nombre al lanzar ese infinito,  
Que atreviera al inmortal profeta  
En su misión de duelo.  
¡Canto la Cruz! El ángel, de rodillas,  
Ponra á tal voz la luminosa frente;  
Tú, excoles queridas, la ciencia humillad;  
Y del amor las alas maravillas,  
Aberto adora el serafín ardiente.

¡Alad vuestro penón brillante y puro,  
Oh de la fe sublimes campeones!  
Y que en luz dirija á las naciones  
Al porvenir alumbrado.

Sólo Tú, que á miles las victorias cuenta,  
Dileger puede sombras y vestigios...  
Sólo Tú, que eterno la verdad sostenta,  
Y—como firme pedestal—se asienta  
En la cerviz de diez y nueve siglos.

¡Alad, alad vuestro estandarte regio,  
Á cuyo aspecto hundiéronse al abismo  
Los dioses del antiguo paganismo  
Desde su Olimpo egregio!  
¡Aladla, cual lo alad resplandeciente—  
Como centelna de truenos—Constantino,  
Fulso el corazon lauro de su frente,  
Las águilas de Roma arrojándose  
Parias riñiendo al libano divino!

¡Aladla, cual lo halló—noble, pujante,  
Más fuerte que los pueblos y las reyes—  
Solos encuentros de razas y de leyes  
El barbero triunfante!

Por sus brillos con desprecio hallado  
Fue el esplendor romano envejecido;  
Mas de esa Cruz ante el poder sagrado  
Detúvose el tormento desolado,  
Y el ruego al vencedor dictó el vencido.

¡Aladla, cual se alzó, piadoso y bello,  
Á empuñador bajo su blando yugo,  
El que al destino descorregir le plugo  
De América en el cuello.  
¡Dó un paso el tiempo, y á su lajazo vario—  
Que tan pronto derriba como encumbe—  
Ya no es de un mundo el otro tributario;  
Mas humilde al signo del Calvario,  
El sol del Inca y del Anteo alumbra.

¡Alad la Cruz! Su apoyo necesita  
La vacilante humanidad. ¡Díquela  
¡No la veis, á la por doliente y fiera,  
Cuán convulsa se agita?  
Lanzada entre problemas pavorosos,  
Y á impulsos ¡ay! de un vértigo profundo,  
¡Qué la volvieran esfuerzos dolorosos,  
Si de esa Cruz los brazos poderosos  
No hallan asiento en que descanse el mundo?

¡Alad, alad vuestro penón divino,  
Stribado de sol, cifra de gloria,  
Pues sólo y siempre explicará la historia  
Del humano destino.

¡Aladla! que los siglos el penón,  
Como la ignea columna del desierto,  
Que entre las sombras de esplendor vestida,  
Para alumbrar la tierra prometida  
Señalaba á Israel camino cierto.

¡Alad la Cruz, con cuyo austero nombre  
Su progreso truceó la era cristiana,  
Mostrándole ella, en acta soberana,  
La libertad del hombre!  
Fue su conquista, y ella la afirmó;  
Diciendo al porvenir, como el pasado,  
Que sólo en ella la igualdad se alcanza,  
Pues son sus brazos la única balanza  
Desde pesa al par cetro y cayado.

Allí también la omnipotente diestra  
Puso el valor del mono... ¡oh maravilla,  
Que si del hombre la raza humilla,  
Su dignidad demuestra!

¡Sí! ¡Puso al mundo la eterna justicia;  
Puso por alzar el que lo abate  
Jugo cruel de la infernal malicia...  
Y en aquel tanto amor cargó propicia,  
Que la vida de un Dios fue su recate.

GERTRUDIS GÓMEZ DE AVELLANEDA.

## A LA VIRGEN SANTÍSIMA.

SONETO.

(DE ANTERO DE QUESADA.)

En un sueño de cándida pureza,  
De nocturna ansiedad nunca sentida,  
Vi tu mirada, de piedad henchida,  
Y más que de piedad ¡ay! de tristeza.  
No era el bello vulgar de la belleza,  
Que á mundanos placeres nos convoca;  
Era otra dulce luz desconocida,  
Que ni aun sé si la da naturaleza;  
Un misterio sufrir... una ventura  
Compuesta del perdón, de la ternura,  
De la paz de nuestra hora postrimera.  
¡Oh visión, oh visión triste y piadosa!  
Mirame así callada, así serena...  
¡Déjame soñar la vida entera!

FEDERICO BALART.

## LA MUERTE DE JESÚS.

¿Y ves tú el que, velando  
La excelsa majestad en nube ardiente,  
Polvina en Sión? Y el implorante bando,  
Que eleva contra ti la usada frente,  
¿Es el que oyó melancólico  
De tu rayo el estruendo frágil?  
Mas ora abandonado  
¡Ay! postrado sobre el Gólgota, y al cielo  
Alas giñiendo el rostro lastimado:  
Cubre tus bellos ojos mortal velo,  
Y así luz extinguida,  
En amargo suspiro das la vida.

Así el amor lo ordena:  
Amor, más poderoso que la muerte:  
Por el de la malicia sufre la pena  
El Dios de las virtudes, y el león fuerte  
Se ofrece al golpe feroz  
Bajo el vellón de cándida cordero.

¡Oh víctima preciosa,  
Ante siglos de siglos degollada!  
Ante no abuyente la noche pavorosa  
Por vez primera el alma desnuda,  
Y hostia de amor tierno,  
Moriste en los decretos del Eterno.

¡Ay! ¿quién podrá mirarte,  
Oh paz, oh gloria del culpado mundo!  
¿Qué pecho empujando no se parte  
Al golpe acrobático del dolor profundo,  
Viendo que en la delicia  
Del gran Jehová descarga su justicia?

¿Quién abrió los rutilantes  
De esas sangrientas llagas, amor mío?  
¿Quién cubrió tus mejillas celestiales  
De horror y palidez? ¿Cuál brazo imploró  
A tu frente divina  
Crisol corona de punzante espina?

Cesad, cesad, crueles:  
Al Santo perdonad, muera el malvado:  
Si más de un justo Dios ministros fieles,  
Carga la dura pena en el culpado:  
Si la impiedad os guía,  
Y en la sangre os cobiais, verted la mía.

Mas ¡ay! que eres tú solo  
La víctima de paz, que el hombre espera.  
Si del Oriente al occidente polo  
Un mar de sangre criminal corriera,  
Ante Dios irritado,  
No expiarías, fuera pena del pecado.

Que no, cuando del cielo  
Su cólera en diluvios descendía,  
Y á la malicia que dominaba el suelo,  
De las malvadas gentes envolvía,  
De la diestra potente  
Depuso Sabaot su espada ardiente.

Venció la excelsa cumbre  
De los montes el agua vengadora;  
El sol, amortecida la alba lumbré,  
Que el firmamento rápido colora,  
Por la esfera sombría,  
Cual pávido cadáver discurre.

Y no el ceño indignado  
De su semblante desecó el Eterno.  
Mas ya, Dios de venganza, tu hijo amado  
Donador de la muerte y del averno,  
Te cólera infinita  
Extinguir en su sangre solicita.

¡Oyes, oyes cual clama:  
Piedad de amor, por qué me abandonaste?  
Señor, extingue la funesta llama  
Que en tu furor al mundo derramaste:  
De la acrisolada venganza  
Que sufre el Justo nunca la esperanza.

¿No ves cómo se apaga  
El rayo entre las manos del Potente?  
Ya de la muerte la tiniebla vaga  
Por el semblante de Jesús doliente,  
Y su triste gemido,  
Oye el Dios de las iras complacido.

Ven, ángel de la muerte:  
Ergíme, ergíme la fulminea espada,

Y el último suspiro del Dios fuerte,  
Que la humana maldad deja expiada,  
Suba al odio sagrado,  
De vuelta en polvo tierno al indignado.

Ruega tu seno, oh tierra:  
Recepe, oh templo, tu vida, moribundo  
Yace el Criador: mas la maldad aterra,  
Y un grito de furor lanza el profundo:  
Muere... Gemid, humana;  
Todos en el pusilísimo vuestro dioses.

ALBERTO LINTA.

## A JUDAS.

SONETO.

Quando el terror de un traición impla  
Del falso apóstol fascinó la mente,  
Y del árbol fatídico pendiente,  
Con rulas contorsiones se mecha;  
Complaciendo en su oscura agonía,  
Mirábase el demonio frente a frente,  
Hasta que ya del término impaciente,  
De entrambos pies con impetu la asa.  
Mas cuando vio cesar del descomponer  
Bastante la convulsión trémula y fiera,  
Señal segura de su fin funesto,  
Con infernal sonrisa placentera  
Sus labios puso en el horrible gesto,  
Y al beso le volvió que á Cristo diera.

JOAN NICASIO GALLEGO.

## LA VIRGEN AL PIE DE LA CRUZ.

Stabat Mater dolorosa,  
Juxta crucem lacrimans,  
Dum pendebat filius.

Velaba entonces el cielo  
Su lumbré en opacas nieblas,  
Y, crepúsculo de tanto duelo,  
Tenió la sombra en el suelo  
Anchos pliegues de tinieblas.

Ni un pájaro por el viento,  
Ni una liebre por la roca,  
Ni entre el mosquito amarillento  
Asona repicil hambriento  
La desenterrada boca.

Ni el roncoco mar á lo lejos  
En sordo tumulto hebra,  
Vibrando en turbios espejos  
Tornasolados reflejos,  
Que por la playa derrama.

Ni una brisa, ni un gemido  
El aire peneba enredando,  
Que, doliente y abatido,  
Yace sin fuerzas tendido,  
Las alas contra la tierra.

Grupos de nubes impuras,  
En la alta región inmundas,  
Cúen en bandadas oscuras  
La lumbré de las alturas  
Con sus cortinajes dobles.

Háfaga de luz sangrienta  
El negro amuleto cruzando,  
Anaga pronta tormenta,  
Una natura alumbando  
Dormida ó calenturienta.

La rosa, que el aura riza,  
Se dobla en el tallo seco,  
Y de la liebre pajiza,  
Sostiene la raíz hueca,  
Campo estéril de ceniza.

Y del desierto á la entrada,  
En torpe paso, el Jordán  
Amorata el agua pesada;  
Una con otra amarrada  
Sin ruido las ondas van.

Y en los anchos arenales  
Por donde las ondas crecen,  
Los penachos desiguales,  
Saladambolas, no movien  
Palmas y cañaverdes.

Todo entre sombras callaba;  
El mundo en reposo inerte  
Curioso se contemplaba,  
Cual de despertar ansaba  
Un hombre, y duda si duerme.

Vianse al lejos enhiestas,  
Cerrando los horizontes,  
En dobles hileras puestas,  
Las enmascaradas crestas  
De los escarpados montes.

Entre los troncos dormidos  
Alzando las blancas losas,  
Los esqueléticos aguijones  
Secaron, de someros nudos,  
Los calaveras melancólicas.

Ninguno osó preguntar  
Lo que era triste saber;  
Ninguno acertó á dudar  
Lo que salió á contemplar  
Y alzóse temblando á ver.

Allí Adán el pecador  
Asomó el gesto confuso,  
Mirando en su derredor;  
De rutilantes, de pavor,  
Sobre la piedra se puso.

—¿Es esa mi raza?... dijo  
Hiriendo la culpa frente,  
Y horando se malició,  
A su Dios mirando fijo  
En un palo entre su gente.

Secos, vacilantes, flojos,  
Malditos en el tambión,  
Los otros yertos despojos  
Voltearon hacia Sión  
Los sin luz cóncavos ojos.

Allá en la vasta llanura  
Está la impia ciudad,  
Como meretriz impura,  
Que falsa oculta leonadura  
Mercea á la obscuridad.

Y el Gólgota misterioso  
Levantado detrás de ella,  
Entre afano y vergonzoso,  
Con un suplicio horrendo  
Basta la frente desvelada.

Estaba en honda agonía  
Al pie de la cruz florecida  
La Madre Virgen María,  
Y de la cruz afrentosa  
El Hijo muerto pendía.

Descargado el santo pecho,  
Herido y alanceado,  
Y en el madero derecho,  
Desconocido y deshecho  
El cuerpo descomulgado.

Tan rasgadas las heridas  
De ambos pies y de ambas manos,  
Que cayeran divididas  
A no estar tan sostenidas  
En brazos tan soberanos.

Y porque culpa tan fea  
Ofendía tan santa berbe,  
La herviente sangre gotas,  
Y en el peñascu en que corre  
Avaro el viento la crece.

Allí por tierra postrada,  
Moribunda y desolada  
La castísima María,  
Con el suplicio abrazada  
La ardiente sangre bebía.

Y parado el mundo entero,  
Asombrado la miraba,  
Que sea en dolor tan fiero  
A su Dios muerto florido  
Al pie del santo madero.

—¿Ella llora, y yo pequé!...  
Madre amorosa, perdón,  
Que yo le crucifiqué;  
Yo su sangre derramé  
Y manché la creación.

Yo le robé de tus brazos,  
Sin respeto á su coidad;  
Le alí con estrechos lazos  
Para arrancarle, es verdad,  
Las entrañas á pedazos.

Y tú, Madre, en tu dolor  
Mesindote los cabellos,  
Al verdugo mastador  
Tendiste los brazos bellos,  
Demandándole favor.

Por templar su sed rabiosa,  
Tú, Madre de Dios bendita,  
Palida la faz de rosa,  
Te prostornaste llorosa  
Ante la raza maldita.

No humana, de tigres feroz;  
Que si te vieron acoso,  
Los hombres en quien pequé,  
Cual beco que cubrió el paso,  
Te apartaron con el pie.

¿Tú bellada, Virgen, así?...  
¿Tú, que pisa de rudo  
Vistosa, viviendo alfombra,  
Y besa el ángel tu sombra  
Si pasa cerca de ti?

¿Tú, de estrellas coronada,  
Del ardiente sol vestida,  
Y de la luna calzada,  
Tan triste y tan dolorida  
Por rana tan condenada?

¿Tú llorando, Madre mía,  
Cuando una lágrima traya  
El mundo rescataría,  
Cuando el tiempo se concluya  
En el postrimero día?

¿Tus ojos llorosos tanto  
Cuando al sol prestan su luz?  
¿Oh Madre, por tal quebranto,  
Que me sulte á mi tu llanto  
Al pie de la santa cruz?

JOSÉ ZORRILLA.

DOCUMENTO N.º 42.1,

La Ilustración Española y Americana, Madrid, N.º XII,  
30/3/1893, p. 207.